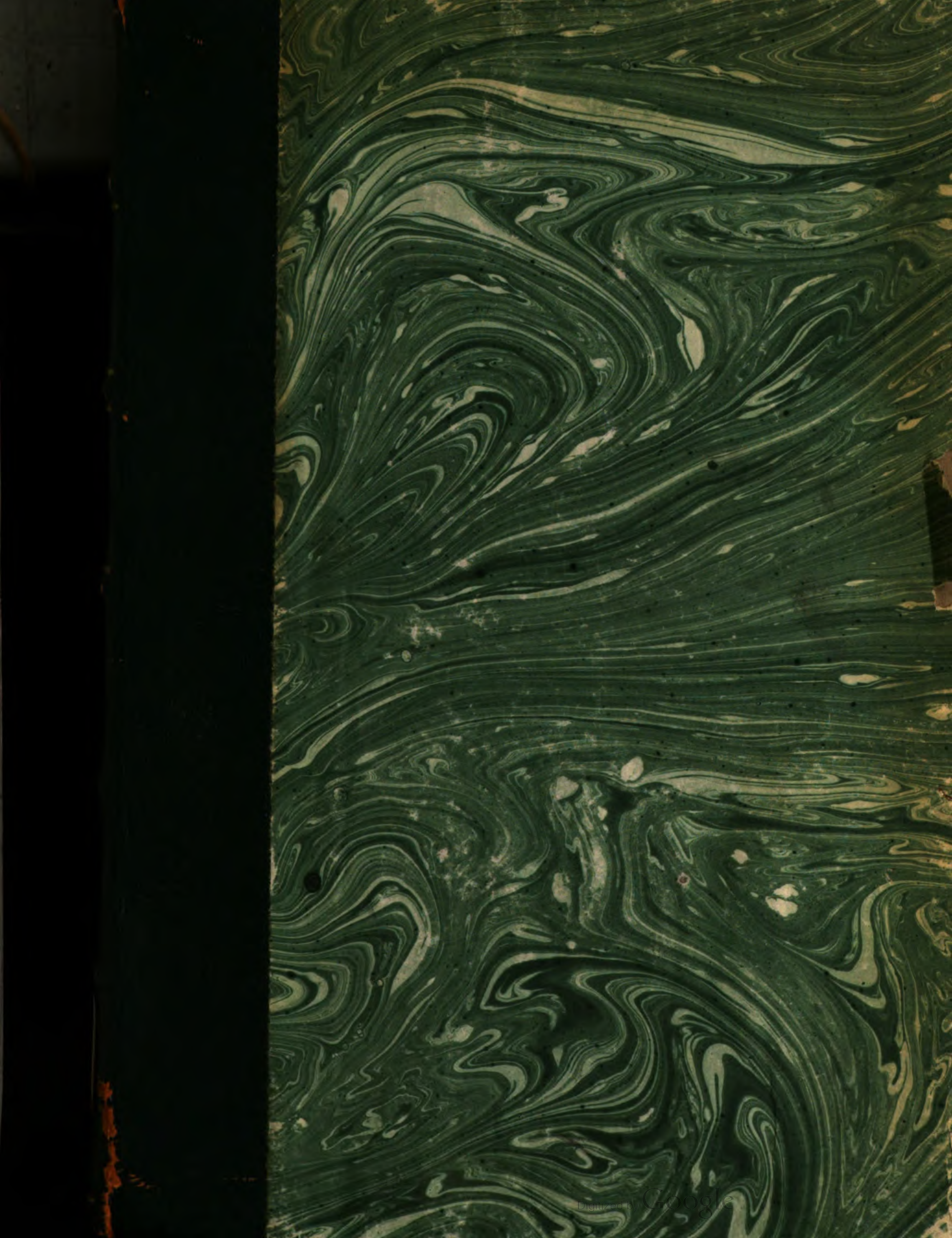




HISTORIA

DA

REPUBLICA JESUITICA

DO

PARAGUAY

DESDE O DESCOBRIMENTO DO RIO DA PRATA
ATÉ NOSSOS DIAS, ANNO DE 1861,

PELO

Jean Pierre Gay

Conego João Pedro Gay

VIGARIO DE S. BORJA NAS MISSÕES BRASILEIRAS.

Publicada por deliberação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.



RIO DE JANEIRO.
Typ. de Domingos Luiz dos Santos,
Rua Nova do Ouvidor n. 20.

1863.

PARECER

DO

SR. CONEGO DR. J. C. FERNANDES PINHEIRO,

Lido na sessão do Instituto Historico e Geographico Brasileiro de 30 de Maio de 1862.

Senhores. — Prende-se o mais vivo interesse á tudo quanto é relativo aos jesuitas, cuja historia divisamos rodeada pela aureola do maravilhoso. Benemerito são os que concorrem para a elucidação da verdade, lançando uma restea de critica sobre os nebulosos annaes d'essa celebre instituição. Ninguem ha que não tenha ouvido fallar na famosa republica que os discipulos de Santo Ignacio de Loyola fundaram nas ribas do Paraguay; raros porém são os que a tal respeito formam acertado juizo no dedalo de contradictorias opiniões pelos mais graves escriptores emittidas. Com o louvavel proposito d'esclarecer este litigioso ponto historico emprehendeu o Sr. conego J. P. Gay, vigario de S. Borja nas missões d'Uruguay a obra cujo exame me foi ordenado pelo Instituto e de que ora venho dar conta.

Começa o digno ecclesiastico o seu trabalho com o descobrimento dos rios da Prata e do Paraguay, relatando todos os obices que tiveram de superar os primeiros exploradores dos quaes pagou um com a vida, seu temerario arrojo. Passa depois á relatar as entradas dos aventureiros portuguezes nas provincias do Paraguay e do Perú em cata d'escravos e do precioso metal que n'essa epocha fazia torvelinhar todas as cabeças. Por necessidade de plano faz rapida resenha do estado do Brasil no anno de 1530, na qual commette algumas

inexactidões provenientes das fontes a que recorreu, maximè as dos chronistas castelhanos, quasi sempre incorrectos e apaixonados fallando das cousas de Portugal. Conhece o auctor este lado fraco do seu escripto buscando por vezes rectificar em notas os equivocos do texto. Finda a digressão prosegue em sua narrativa, e relatando as fundações que se effectuaram até o anno de 1620 introduz o leitor nos gabinetes dos governadores e vice-reis que teve o rio da Prata até o anno de 1810.

Retrogradando dous seculos estuda a organisação das tribus conquistadas pelos hespanhóes, examina seus usos e costumes e com o subsidio que lhe ministra a lingua guarani restabelece a verdadeira orthographia de muitos nomes que adulterados corriam. Em seguida traça os limites da provincia jesuitica do Paraguay com amplo conhecimento de causa, colhido em insuspeitas informações, e muitas vezes pelo proprio testemunho ocular.

E' o capitulo quarto dos mais importantes da obra: porque n'elle desceu o seu illustrado auctor á minudencias concernentes aos indios do Paraguay que revelam profundas meditações e assidua leitura dos auctores que d'esta materia mais se occuparam. Com a lealdade que o caracterisa não occulta o Sr. conego Gay os mananciaes em que fôra beber tão proveitosos dados; antes com certa prolixidade os cita e transcreve.

Absorto pelo edificante espectaculo que apresenta a rapida conversão de tantas hordas que ainda ha pouco sem lei alguma vagavam pelas *pampas* do Prata entôa o reverendissimo parocho um hymno á esses esforçados campeões que atravez de mil perigos hasteavam o estandarte da cruz. Compartilhando do seu enthusiasmo commoveu-me a pintura dos apostolicos trabalhos de tão santos varões, e com elle estigmatizo as cruentas invasões da provincia de Guahyra, bem que praticadas pelos bravos e briosos paulistas.

Notando-se pelos chronistas da companhia descreve o Sr.

vigario Gay o quadro de sua administração civil e ecclesiastica tanto no Paraguay como nas demais reducções que por ella se regulavam. Respeitando as sinceras convicções do auctor aparto-me todavia do seu modo de ver um regimen que tanto admira, e persevero no juizo que á semelhante respeito hei por vezes formulado. Não sou partidario do systema que tende a aniquilar o alvedrio, reduzindo o homem ao triste papel do automato, mais ou menos amestrado, conforme a maior ou a menor perfeição do seu machinismo.

Assim pensando não applaudo a maneira porque foram expulsos das suas reducções os membros da Companhia de Jesus; e, com quanto esteja para mim provado que foram elles os motores da insensata resistencia que ás clausulas do tratado de 1750 oppuzeram os guaranis, censuro o emprego dos meios coercivos, e a impolitica dispersão d'essas miseras familias que com tantas fadigas ao redor dos campanarios jesuiticos se haviam congregado.

Acompanho o erudito sacerdote nas queixas que expande sobre a má gestão que desde essa epocha tiveram os negocios da catechese, e com elle lastimo que os administradores hespanhóes e portuguezes com a unica mira no lucro, exercessem todo o genero de delapidações e atrocidades; deixando d'esta arte desmoronar-se o magestoso monumento que fará o pasmo das futuras idades.

Curiosissimo é o quadro da população que contavam as missões do Uruguay ao tempo do exterminio dos jesuitas. Composto em presença de preciosos e incontroversos documentos tornam-se de subido valor estatistico e derrama abundantes luzes para exacta apreciação das forças de que dispunham, bem como dos elementos de prosperidade que por maldade, ou deleixo deixaram-se perecer.

Particular tendencia tem o laborioso ecclesiastico para este genero de trabalhos, admirando-se em seu importantissimo

manuscripto o esmero com que organisou grande numero de mappas, e seus louvaveis esforços para que podessem elles attingir á possivel exactidão.

Nem menos saliente é o seu gosto para os estudos topographicos, como nol-o testificam as minuciosas descripções que faz das regiões evangelisadas pelo instituto de Loyola na plaga mais austral d'America, enriquecendo-as com curiosas notas e esclarecimentos ácerca do seu clima, producções, industria, &c.

Remata o Sr. conego Gay, a sua bem elaborada *Historia* com a exposição dos meios que no seu judicioso entender fariam de novo florecer esse abençoado torrão onde tão prodiga foi a mão da natureza. Com quanto não partilhe inteiramente das suas idéas não ouso contradictal-as, baldo, como me confesso, de conhecimentos locaes que sobejam no infatigavel vigario de S. Borja.

Escripta por um homem que entre nós não viu a luz primeira, e em paragens onde poucos recursos litterarios poderia encontrar, resente-se a *Historia da Republica Jusuitica do Paraguay* de algumas incorrecções de linguagem que com facilidade podem ser corrigidas na impressão, com grande aprazimento do auctor.

Em conclusão penso que mui merecedora de particular protecção do instituto é a obra que lhe dedicou o reverendissimo Sr. conego J. P. Gay; e sou de parecer que seja ella impressa na nossa *Revista* concedendo-se ao auctor, como premio de suas fadigas de dez annos e dos grandes dispendios que fez n'acquisição de documentos, alguns exemplares, que, aproveitando-se a composição, com pequeno gasto podem tirar-se em separado. Insignificante será a despeza que com isto fará o Instituto; e extraordinaria a animação que dará aos que no futuro em identicas circumstancias se acharem.

Tal é o meu humilde juizo.

PREFACIO.

FAZ apenas trezentos e cincoenta annos que pela primeira vez os europeus pisaram no territorio do Rio da Prata. Então desde as cabeceiras do magestoso Paraguay, do caudaloso Paranã e do soberbo Uruguay o territorio era occupado por uma multidão de tribus selvagens, que geralmente são denominados Guaranis.

Os primeiros descobridores e conquistadores hespanhóes que fundaram a immensa provincia do Paraguay, avassalaram ou escravisaram todo o gentio que puderam segurar, trucidando outros, ou obrigando-os a procurar refugio em longinquas selvas. Os missionarios da celebre companhia de Jesus, encarregados de coadjuvar a colonisação hespanhola, e sobretudo de reduzir ao christianismo estes gentios indigenas, mais humanos do que os

conquistadores, conseguiram, empregando meios mais brandos, domesticar centenares de mil indios, com os quaes fundaram os trinta e tres povos, que constituiram precisamente a extincta Republica Jesuitica do Paraguay.

Os maravilhosos resultados obtidos pelo zelo dos jesuitas tiveram echo ao longe; e sua christandade de guaranis da provincia do Paraguay foi comparada muitas vezes com a christandade dos primeiros seculos da igreja. Sem embargo os estabelecimentos jesuiticos do Paraguay iam em opposição aos interesses dos colonisadores, foram accusados de ambiciosos os possuidores de tantas reducções sumptuosas; e conseguiu-se emancipar da sua tutela estes numerosos indios, que eram meros automatos sob a mão poderosa que os tinha subjugado. Cahiram então sob a administração hespanhóla os christãos guaranis, gozando em geral de uma liberdade mais ampla, porém sujeitos a mais privações, e as vezes subordinados aos caprichos de despotas subalternos. Còm a emancipação da America do Sul da Metropole Europea, a palavra ***liberdade***, resoou aos ouvidos dos guaranis como dos outros habitantes d'estas regiões remotas; que em geral, desconhecendo a natureza do thesouro que lhes era concedido, confundiram a liberdade com a licença; desde então tudo ficou perdido para estes infelizes indigenas. Para elles, como para muitos ainda infelizmente em nossos dias, a liberdade foi o poder de fazer a sua vontade, a faculdade de quebrantar a seu bel-prazer as leis divinas e humanas, sem reconhecerem freio que contivesse seus extravios. Indemnisaram-se dos trabalhos e privações à que tinham sido submettidos, antes, entregando-se sem reserva á preguiça, á toda sorte de vicios.

Desde aquella época, para elles nefasta, os guaranis tem sido sempre promptos a acompanharem o primeiro

caudilho que se lhes apresenta, deixando suas companheiras e filhas na devassidão, que elles mesmos procuravam na licença dos acampamentos, até que desappareceu quasi inteirameute a sua raça, juncando os campos as ultimas vergonteas dos guaranis civilisados e christianisados pelos jesuitas. Poderosa lição para os dominadores da terra e para os povos; que ensina á aquelles que não é pelo servilismo, e obediencia cega á que reduzem os seus subditos que podem grangear bons servidores, se não tem ao mesmo tempo o cuidado de lhes fazerem dar a instrucção precisa para que por si mesmos reconheçam quaes são seus deveres como bons cidadãos, e como bons christãos, que ensina a estes os castigos que a Providencia lhes reserva quando surdos ás leis de Deus e do Estado, tomam seus caprichos ou interesses por guia da sua conducta. As vastas scenas que a historia dos guaranis desenvolve desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias, os dramas immensos de que o territorio da Republica Jesuitica do Paraguay foi o theatro, merecem de certo alguma consideração e algum estudo. Este trabalho é muito superior á meus escassos conhecimentos e muito além de minhas forças. Nunca imaginei desempenhar esta tarefa. O meu plano primitivo foi escrever um memorial sobre as missões jesuitas sitas á Léste do Uruguay e pertencentes ao imperio do Brasil. Tendo posto mãos á obra achei impossivel prescindir de tocar nos outros povos jesuiticos, cuja historia geral é a mesma que a dos sete povos orientaes.

Por fim encontrei a historia particular dos povos jesuiticos tão ligada á historia geral da antiga provincia do Paraguay, que insensivelmente me achei com uma agglomeração de factos que lhe dizem respeito.

Conheço bem a imperfeição do meu trabalho; n'elle ha

immensas lacunas. tanto por não ser eu profissional em muitas materias que deixei de tratar, como por me faltar absolutamente n'este retiro de S. Borja onde escrevo os poucos livros que tem sido publicados sobre a mesma historia. Apenas encontrei alguns fragmentos de livros mui antigos, e são tão poucos os homens illustrados ou de bom criterio, que poucas tradições pude colher verbalmente. (*) Sem embargo da insufficiencia do meu escripto que assim mesmo me tem dado dez annos de trabalho e de investigações, annuindo ás repetidas exhortações de amigos meus, resolvo-me a mandal-o publicar. Esperando que sendo esta a primeira obra que eu saiba ter sido publicada em portuguez, sobre o mesmo assumpto, o leitor encontrará sempre n'ella alguma cousa interessante; e que attendendo a boa vontade do auctor, lhe desculpará as faltas. Faz muito mais de anno que um amigo meu mineralogista me prometteu umas notas sobre a geologia do territorio de Missões; outro amigo prometteu-me levantar o mappa do territorio que descrevo n'esta historia, mas infelizmente até agora não recebi o que me haviam promettido ambos; e talvez estas notas e o mappa só possam ser publicados com a 2.ª edição. Ao mesmo tempo supplico á meus leitores que descobrirem erros, que julgo involuntarios e sem vontade de inverter os factos, ou que conhecerem algum melhoramento que se possa effectuar, de terem a bondade de me communicar suas observações, que serão por mim devidamente attendidas.

(*) Muito me tem servido uma parte das viagens de Azara escriptas em italiano: o livro do Dr. Charque, do Dr. de Moussy e a Historia Argentina que são escriptos em castelhano.

HISTORIA

DA

REPUBLICA JESUITICA DO PARAGUAY.

CAPITULO I.

Descobrimento do Rio da Prata e do Paraguay. Portuguezes no Paraguay e no Perú. O Brasil em 1530. Conquistas dos descobridores no Paraguay, etc. Fundação de cidades e colonias até 1620. Governadores e vice-reis do Rio da Prata desde aquelle anno até 1810.

O descobrimento do Novo Continente, onde o immortal Colon pisou no dia 12 de Outubro de 1492, fez nascer a ambição dos descobrimentos e das conquistas no antigo mundo. Nobres castelhanos, lusitanos, aventureiros de todas as nações da Europa prepararam seus baixeis para ir aportar ás praias americanas. A côrte de Hespanha, á qual é devida a gloria de ter favorecido tão fausto acontecimento, enviou varias expedições para fazer novas descobertas. D. João Dias de Solis que capitaneou algumas d'ellas, tinha reconhecido a embocadura do Rio da Prata desde 1509; e para proseguir no seu descobrimento, depois de ter abordado em 1515 na magnifica bahia de Nictherohy, (1) em cujas margens está ora sumptuosamente assentada a rainha da America do Sul, depois de ter tocado na risonha ilha de Santa Catharina, chegou á ponta de Santa Luzia, onde encontrando inesperadamente agua doce, resolveu ir adiante nas aguas por elle chamadas *Solis*. Tendo porém avistado indigenas sobre a costa septentrional do mesmo rio, desembarcou para fallar com elles; mas infelizmente esses indios, que eram

2

charruas de uma nação errante que occupava então a margem septentrional do Rio da Prata desde Maldonado até o Uruguay, e se estendia como umas trinta leguas ao Norte no interior das terras.

Massacraram a Solis e a uma porção de seus companheiros junto a um riacho, que por este desastroso incidente tomou o nome de Solis, e que se acha entre Maldonado e Montevidéo. (2) Alguns historiadores asseguram que Solis e os companheiros que com elle pereceram foram devorados pelos seus matadores. Aquelles porém que tinham escapado ao morticinio tratavam de voltar á Hespanha; ficando alguns bem que mui poucos errantes nas mesmas praias, escondendo-se dos selvagens.

Ninguem se occupou mais do Rio da Prata até 1525. No dito anno o conde D. Fernando de Andrade e outros pertencentes ao contracto das especiarias, que tinha sua casa na Corunha, propuseram-se fazer uma expedição ás terras descobertas sob a dominação de el-rey de Castella no rio de Solis. E tendo tratado com el-rey, deram o commando d'esta armada a Diogo Garcia, portuguez visinho da villa de Moguer, com ordem de procurar na terra que tocassem os companheiros que tinha deixado o infeliz Fernando de Magalhães, descobridor do Estreito d'este nome.

D. Diogo Garcia sahiu da Corunha a 15 de Janeiro de 1526; tocou nas ilhas Canarias, e em S. Vicente no Brasil onde fez um contracto obrigando-se a ir buscar oitocentos escravos ao Rio da Prata, e entregal-os a um portuguez em S. Vicente para d'ahi serem enviados á Europa. Garcia fundeou no porto dos Patos, (Santa Catharina) em Janeiro de 1527, e n'elle encontrou a Sebastião Cabot ou Gaboto, que depois de ter descoberto as costas do Labrador e da Terra Nova em 1497, e offerecido seus serviços ao rei de Hespanha tinha sido enviado por uma sociedade de nego-

ciantes ás ilhas Molucas, devendo passar pelo estreito reconhecido pelo portuguez Magalhães em 1520.

Gaboto que tinha sahido de Sevilha em Abril de 1526, achou no porto dos Patos dois hespanhóes desertores da expedição de Solis, e mais outros quinze desertores da expedição destinada ás Indias Orientaes sob as ordens de D. Rodrigo d'Acuña.

Estes individuos informaram a Gaboto de que no Rio da Prata existiam immensas riquezas de ouro e prata, o que que lhe fez nascer a idéa de tentar seu descobrimento.

Em consequencia abandonou na ilha de Santa Catharina alguns de sua gente que se oppunham a esta nova resolução, e tendo tomado comsigo quatro indios dos Carijós dos Patos, fez-se de vela seguindo a derrota de seu predecessor Solis, e foi fundear na confluencia de um rio que desagua no Uruguay, que foi chamado S. Salvador, e hoje S. João, onde estabeleceu um forte, em 1527. N'esse lugar encontrou Francisco Puerto, o unico que ainda existia dos companheiros de Solis, mandou depois um de seus officiaes entrar no rio Uruguay, com um navio que foi submergido por uma tempestade escapando-se a tripolação parte em canôas, e parte por terra, porém estes ultimos foram assaltados por indios do Javó que moravam a Leste do rio Uruguay, entre o rio Negro e S. Salvador, que mataram o official e alguns companheiros. Entretanto Gaboto tinha entrado no braço mais austral do rio Paraná, ligou-se de amizade com os guaranis Mbeguás que achou nas suas margens, e continuou sua viagem até a fóz *Cara-Cara-ana* hoje Carcavanâl, aos 32.° 25' 12" de latitude, onde estabeleceu outro forte com o nome de *Espirito Santo* para onde mandou conduzir os objectos que tinha deixado em S. João. Tendo feito alliança com os Mbeguás, Carcavanâs e Timbús, tribus de Pampas; Goboto seguiu sua navegação pelo rio

Paraná acima até chegar perto da ilha *Apipé*, onde encontrou um salto no rio e pouca agua. N'aquellas paragens demorou-se uns trinta dias durante os quaes se relacionou com os indios guaranis que fez vir de Sant'Anna, e que depois se reuniram á colonia christã d'Itati. Aquelles indios levavam nas orelhas laminas de ouro e de prata que trocavam por mercadorias com os hespanhóes. Esperando achar em outro rumo objectos preciosos em maior quantidade, retrocedeu Gaboto d'esse porto até a confluencia dos rios Paraguay e Paraná a 28 de Março de 1528, e seguindo pelo primeiro, chegou perto da Assumpção. N'aquella viagem viu certos indios que tinham trocado laminas de ouro e de prata com os hespanhóes. Fez entrar um brigue com trinta homens no rio Vermelho, onde estes acharam indios sagazes, que persuadiram aos hespanhóes de que possuiam effectivamente em suas casas muito ouro e muita prata, e manifestavam desejos de fazer trocas por outros objectos, por cujo fim alliciaram a quinze d'elles a ir ás suas habitações, onde os mataram todos. Depois d'este desastre e como desejo de se informar se não tinha chegado embarcações de Hespanha, Gaboto voltou atraz e apenas tinha navegado trinta leguas encontrou com D. Diogo Garcia, que do porto dos Patos tinha ido após elle no rio Solis ou Prata, e que depois de enviar sua encommenda de escravos, na ausencia de Gaboto tinha-se feito reconhecer como chefe dos commandantes por elle deixados em S. João e no Espirito Santo, e o perseguiu pretendendo para si a primasia na descoberta do paiz. Apesar d'isso Gaboto o recebeu bem, convencionou com elle de continuarem de commum accordo a descoberta e a conquista, e se retiraram juntos ao forte *Espirito Santo*. Mas a boa harmonia durou pouco tempo entre elles; Garcia que tinha menos partido, fez-se de vela para a Hespanha, levando laminas de prata e de ouro que tinha adquirido dos indios

com quem tinha tratado nas terras recentemente percorridas, pratas que, como logo veremos, como as de Gaboto os indios tinham roubado á portuguezes vindos do Perú, e por elles mortos.

Gaboto mandou dois de seus companheiros de confiança chamados Calderon e Jorge Barlo levar ao conhecimento d'el-rei de Hespanha suas descobertas e operações, e apresentar as laminas de ouro e prata e as pedrarias ricas que tinham trocado com os indios. Os enviados de Gaboto chegaram em Outubro de 1528 a Toledo onde encontraram o imperador, que á vista da relação que se lhe fez julgou mui conveniente que fossem povoadas as terras recem descobertas do Rio da Prata ou Solis. E para que não ficasse prejudicada a companhia de armadores das ilhas Molucas ou da Especiaria, que tinham equipado a armada de Gaboto que acabava de fazer este descobrimento, mandou que a mesma companhia mandasse a Gaboto os soccorros que elle reclamava para aproveitar das vantagens e beneficios da sua descoberta de uma terra de mais de duzentas leguas de extenção. Não podendo a companhia mandar os soccorros pedidos e demorando-se a chegar os que el-rei estava disposto a enviar, Gaboto cançado de esperar, se resolveu a ir em pessoa a Hespanha, deixando a D. Nuno de Lara o commando das fortalezas chamadas Gaboto e do Espirito Santo. Era no anno de 1530, e Gaboto fez a seguinte relação a el-rei: que a principal raça de indios da terra por elle descoberta, são guaranis, nação guerreira, traidora, soberba, e que tem por escravos todos aquelles que não fallam sua lingua, com quem sempre andam em guerra; que são mui sanguinarios e crueis, matando a quantos podiam sem fazer prisioneiros: que d'esta nação era povoada a cidade da Prata, d'onde em tempo de Guainaçapá, rei do Perú, pai de Atabalipa, sahiram numerosos esquadrões, que caminhando mais de quinhentas leguas

por terras da sua nação, chegaram ao Perú; e depois de terem feito grandes estragos voltaram victoriosos a seu paiz ficando varios nas serras; que continuam a fazer estragos no Charcas, sendo de noite que fazem seus ataques, e depois de feitas suas correrias se retiram ás montanhas onde se mantêm. Se bem que Sebastião Gaboto houvesse feito a paz com estes indios, e tivesse deixado a povoação de Sancti Spiritus e uma fortaleza ao mando do Valente Nuno de Lara, logo depois do seu regresso para Europa houve entre os indios e hespanhóes differenças, que concluiram pelo abandono que estes fizeram d'estas terras; o que aconteceu da maneira seguinte: a tribu dos indios Timbus era a principal das visinhanças dos estabelecimentos hespanhóes, e a que lhes fornecia mantimentos. Eram caciques d'esta tribu dois irmãos por nome Mangoré e Seripó, de idade de trinta e quatro annos, ambos valentes, temidos e respeitados, sobre tudo Mangoré. Este se enamorou de uma senhora hespanhóla chamada Lucia de Miranda que se achava na fortaleza e casada com Sebastião Furtado. Não podendo obter os favores d'esta senhora pelos meios ordinarios, o cacique Mangoré aproveitou a occasião em que o capitão Ruy Garcia Mosqueira tinha sahido da fortaleza com quarenta soldados, entre elles o marido de Lucia, para irem embarcados comprar viveres dos indios das ilhas e das margens do rio, para se apresentar nas portas da fortaleza como um amigo que trazia viveres e refrescos á guarnição que d'elles necessitava, mas de repente e por traição fez entrar na fortaleza, no momento que os hespanhóes estavam dormindo e descuidados, um grande numero de indios selvagens, que em luta desproporcionada e imprevista mataram todos os hespanhóes que se achavam na fortaleza, vendendo estes, sobretudo Nuno de Lara, caro a sua vida, pois mataram tambem muitos indios e entre elles o cacique Mangoré. Pereceram todos

os hespanhóes varões, excepto tres ou quatro meninos que foram cativados e cinco mulheres, entre ellas a nova Helena, Lucia de Miranda que tócou por parte ao cacique sobrevivente Siripó, que tambem muito se namorára d'ella, e que depois mandou queimar n'uma fogueira por descobrir que tinha relações com seu marido Furtado, que fugira dos hespanhóes para ir em sua procura, e que na mesma occasião mandou o cacique matar horrorosamente. Ao regressar com seus soldados Ruy Garcia Mosqueira não pode mais que deplorar a sorte de seus companheiros, e tendo os indios na sua ausencia, depois da morte de Nuno de Lara, queimado a povoação e a fortaleza, continuou com o seu brigue e seus companheiros, menos o desertor Furtado, marido de Lucia, a navegar para sahir do rio e ganhou a costa do Brasil. onde se foram estabelecer em Iguá, vinte leguas distante de S. Vicente, colonia portugueza. Os portuguezes declararam guerra aos recem chegados; mas estes com o auxilio de uma embarcação e de alguns canhões que tinham tomado a um corsario francez bateram os seus aggressores. Os hespanhóes victoriosos saquearam a colonia portugueza de S. Vicente, e embarcados vieram-se estabelecer em Santa Catharina. Isto se passava entre os annos de 1530 e 1534.

El-rei de Hespanha vendo que a companhia das especiarias das ilhas Molucas não podia ou não queria fornecer os soccorros pedidos por Gaboto, nomeou a este piloto mór do reino, deu o nome de Rio da Prata (3), ás terras em que Solis tinha entrado primeiro e que Gaboto tinha de novo reconhecido, levando mais avante seus descobrimentos; e como estas terras ficassem desamparadas e abandonadas pela catastrophe de Nuno de Lara e de seus companheiros, e se achassem perto das possessões portuguezes, temendo que os lusitanos fossem estabelecer n'ellas alguma possessão, mandou lavrar um auto do descobrimento e posse que d'ellas

tinham tomado D. João Dias de Solis em 1509 e 1515 e D. Sebastião Gaboto em 1527 estabelecendo n'ellas fortalezas e povoações.

No anno de 1526, (4) antes que Gaboto e Diogo Garcia entrassem pelo Rio da Prata e entrassem nos rios Paraná e Paraguay, sahiram de S. Vicente quatro portuguezes por ordem de Martim Affonso de Sousa, senhor d'aquella capitania. levando em sua companhia alguns indios amigos d'aquella costa, e penetraram nos territorios do Paraguay e foram até o Perú para descobrir o que havia no interior d'essas terras.

Um d'esses portuguezes chamava-se Aleixo Garcia, estimado na costa de S. Vicente por sua pratica na lingua dos carijós ou guaranis e na dos tupis e tamoyos. Caminhando sertão dentro com seus companheiros foram sahir no rio Paraná, e atravessando depois por povos de indios guaranis, chegaram ao rio Paraguay, onde foram bem recebidos e agazalhados pelos moradores do paiz. Elles convidaram aos habitantes d'aquella comarca a irem com elles descobrir e reconhecer as terras situadas ao Oeste, d'onde se traziam roupas ricas e metaes. Cubiçosos e inclinados á guerra, estes os acompanharam com facilidade em numero de dois mil indios; segundo uns, caminharam elles pelo porto de S. Fernando promontorio sobre o rio Paraguay, e segundo outros entraram pouco ao Norte da Assumpção pelo rio Paraguay e caminhando pelas planicies d'aquella terra encontraram muitos povos de indios de diversas linguas e nações com quem tiveram varios encontros, ganhando com uns e perdendo com outros.

Ao fim de muitas jornadas, reconheceram as serranias e cordilheiras do Perú e approximando-se d'ellas entraram n'aquelle reino entre Misque e Tomina; e encontrando povoações de indios subditos do poderoso Inca, rei d'aquelle paiz, os atacaram matando e roubando tudo o que encontra-

vam e entranhando-se mais de quarenta leguas no interior, até que perto de Presto e de Tavabuco lhes sahiu ao encontro uma multidão de indios chavas. Retiraram-se então em boa ordem sem experimentar revezes nem damnos, deixando toda a provincia de Chavoas com medo e com as armas na mão. Por este motivo os incas mandaram com cuidado fortificar todas estas fronteiras e ainda hoje na cordilheira de Cusco-toro se vêem restos d'estas fortificações.

Tendo os portuguezes com sua comitiva ganhado as planicies, carregados de cabedaes, vestidos, vasos, coroas e mais obras de prata, de cobre e outros metaes, regressaram por um caminho mais accommodado que encontraram, não sem padecerem fome e ter que suster refregas até chegarem ao Paraguay. Aleixo Garcia determinou despachar d'ali dois de seus companheiros para o Brasil, para dar conta a Martim Affonso de Sousa, do que tinha descoberto n'aquella jornada, da sua derrota a levar amostra dos metaes e peças de ouro e de prata que tinha trazido, ficando Aleixo Garcia no Paraguay esperando o que se lhe ordenasse.

Passados alguns dias, combinaram matal-o alguns indios d'aquella terra dos que o tinham acompanhado, o que realisaram. Uma noite estando Garcia descuidado o atacaram e mataram a elle e a seus companheiros, deixando unicamente a vida a um seu pequeno filho do mesmo nome a quem pouparam a vida por causa de sua tenra idade.

Tendo chegado a S. Vicente os dois enviados deram relação do que haviam descoberto, e da grande riqueza que tinham visto nas terras do poente e limites de Charcas, que ainda não estavam descobertas pelos hespanhóes. Com esta noticia mandou-se sahir do Brasil uma tropa de sessenta soldados commandados pelo capitão Jorge Sedenho. Sahiu esta expedição de S. Vicente levando muitos indios amigos, desceram em canôas pelo rio Ayembi e chegaram ao Paraná que des-

ceram tambem até o Salto Grande. Ahi deixaram suas canôas e dirigiram-se por terra ao Occidente em procura do rio Paraguay aonde Aleixo Garcia tinha ficado.

Os indios que o tinham assassinado reuniram seus comarcãos para fazer frente aos portuguezes que foram por elles perseguidos e atacados e tendo sido em um combate morto o capitão Sedenho, seus soldados foram compellidos a retirarem-se com muita perda. Chegados de regresso ao rio Paraná, os indios d'aquelle territorio não menos maliciosos e traidores que os do Paraguay, lhes offereceram passagem em suas canôas, que tinham arrombadas e dissimuladamente compostas e barreadas de maneira a podel-as romper com facilidade. Embarcados os portuguezes quando chegaram ao meio do rio, os indios abriram os rombos das canôas e os portuguezes com o peso de suas armas e de sua roupa se afogaram, escapando tal ou qual do naufragio para serem inhumanamente assassinados, com frechas, de fórma que não escapou ninguem da expedição.

Estes quatro portuguezes foram os primeiros descobridores do Paraguay, de Charcas e do Perú, antes mesmo da expedição de Gaboto, de Diogo Garcia e dos hespanhóes no Perú, mas infelizmente sua descoberta só serviu para lhes attrahir a morte, sem que Portugal, se aproveitasse dos seus descobrimentos.

Emquanto o Rio da Prata e Paraguay acabavam de ser descobertos e que os hespanhóes tinham abandonado o unico e fraco estabelecimento que ahi tinham feito como acabo de dizer, acho que não é sahir da materia para quem escreve em portuguez e no Brasil, escrever algumas linhas sobre o estado do Brasil no mesmo tempo, isto é, no anno de 1530. (5)

Diz Antonio de Herrera chronista-mór d'el-rei de Hespanha que n'aquelle anno, o Brasil tinha nove capitanias,

tendo todas ellas portos mui seguros, onde podem entrar quaesquer náos por grandes que sejam, e que não ha no interior das terras povoações dos portuguezes. A povoação da primeira capitania que é a mais antiga, está em uma ilha Tamaracá, hoje Itamaracá, que tem tres leguas de comprido e duas de largura e que é mui perto da terra firme, e que estende sua jurisdicção a trinta e cinco leguas pela costa do mar. Esta capitania tinha n'aquelle tempo alguns engenhos de assucar, produzia muito páo Brasil e algodão e tinha cerca de cem visinhos.

A segunda capitania é a de Pernambuco ao Sul, na latitude de oito gráos, (e a cinco leguas de Tamaracá). Tem duas povoações, a principal se chama Olinda, e a outra Garaçú e dista da primeira quatro leguas. Terá a capitania mil visinhos e vinte e tres engenhos de assucar, de que se tem fabricado cincoenta mil arrobas por anno, dá muito páo Brasil e algodão; o porto está a uma legua da povoação, ao qual vão pela praia e por um rio pequeno. Existe n'ella uma casa da companhia de Jesus. D'esta capitania á Bahia de Todos os Santos encontram-se dois rios.

O de S. Francisco que se acha a dez gráos e meio e que entra no mar com tanta furia que dizem que suas aguas correm vinte leguas nas aguas do mar sem se misturar. Chamam ao outro rio, Rio Real, que está em onze gráos e dois terços e que tambem é mui grande e furioso.

A capitania da Bahia de Todos os Santos é a terceira, está em treze gráos, a cem leguas de Pernambuco.

Ahi reside o governador, o bispo, o auditor geral de toda a costa do Brasil e essa terra é mais povoada. Tem treze bairros ou povoações, o primeiro junto á barra que chamam Villa Velha, que foi a primeira que se fundou na capitania, a cidade de S. Salvador edificada por Thomé de Sousa; e quatro leguas no interior está a povoação de Paripe. Em

tudo haverá mil e cem visinhos com dezoito engenhos de assucar, se bem que os habitantes se dedicam mais á cultura do algodão. Na cidade ha cinco igrejas, e um collegio dos padres da Companhia. Existe n'aquella capitania uma bahia que tem treze leguas de largura e na qual se navega quinze leguas ao interior. N'ella se acham muitas ilhas viçosas que produzem muitissimo algodão. Tem dentro muitas divisões, muitos braços e muitas enseadas, e os seus moradores por ellas navegam para suas fazendas. Seis leguas mais adiante o rio Camamú aos treze gráos e dois terços pelo qual póde entrar qualquer náo umas cinco leguas, e aos quatorze gráos se encontra o Rio de Contas. N'estes rios ha muita abundancia de peixe e de caça.

A capitania de Ilheos é a quarta, situada á trinta leguas da Bahia de Todos os Santes em quatorze gráos e dois terços, e conta duzentos visinhos e tem um rio junto da povoação. N'ella ha oito engenhos de assucar e uma casa de padres da Companhia. A sete leguas da povoação no interior existe uma lagôa d'agua doce que tem treze leguas de comprido e tres de largura e mais de quinze braças de fundo. Sahe d'ella um rio com boca tão estreita que apenas póde por ella entrar um barco e depois de entrado não sabe determinar por onde entrou; quando ha vento as ondas se levantam tão furiosas n'ella como no mar. Tem muito peixe, entre elle, um muito parecido aos bois a que chamam Manatís que pesam até quarenta arrobas e são mui saborosos. Tem a ossamenta do boi e dois cotovellos com que nadam á maneira de braços, não tem escamas, nem outra feição de peixe senão a cauda. As femeas tem duas tetas com que criam seus filhos, cousa que dizem não se achar em nenhum outro peixe.

Acha-se em dita capitania uma arvore de que se extrahe um precioso balsamo que destilla do tronco, dando-lhe alguns

golpes e que tem um cheiro suavissimo e de muita virtude.

A quinta capitania chama-se Porto Seguro, está a trinta leguas da dos Ilheos em dezeseis gráos e meio; tem tres povoações, Santo Amaro, Santa Cruz e Porto Seguro, n'ella ha duzentos e vinte visinhos, cinco engenhos de assucar e uma casa de padres da Companhia.

A sexta capitania é a do Espirito Santo á cincoenta leguas de Porto Seguro em vinte gráos; só tem um engenho de assucar, recolhe muito algodão e páo do Brasil. Terá duzentos visinhos e uma casa dos padres da Companhia. Adiante em vinte e um gráos se encontra o rio Parahyba que é mui grande, formoso e que tem muito peixe. Junto do Cabo Frio em vinte e dois gráos se acha a bahia Formosa.

A setima é a capitania do Rio de Janeiro á sessenta leguas do Espirito Santo onde está edificada a cidade de S. Sebastião.

Tem duzentos visinhos e uma casa de padres da companhia. Tem muito páo Brasil e muito algodão. O rio é mui formoso e tem muitas ribeiras e bem proveitosas.

A oitava e ultima capitania se chama S. Vicente á setenta leguas do Rio de Janeiro. Tem tres povoações com quinhentos visinhos, quatro engenhos de assucar, uma fortaleza em uma ilha junto da terra firme que se chama Bertioga para defender contra indios e corsarios. A principal povoação tem o nome de Santos, onde existe uma casa de padres da Companhia que tem feito grandissimos beneficios á povoação d'aquella terra para conversão dos indios e para sua liberdade. (De certo, a nona capitania que não é nomeada é a do Maranhão).

Os portuguezes d'estas nove capitanias tem muitas fazendas que beneficiam com escravos da terra, que fazem frequentemente e se se podesse impedir a sua fuga, os portugues seriam todos mui ricos. O assucar, o algodão e o páo Brasil são os generos que lhes dão mais proveito. N'aquelle

paiz ha muitos bois, vacas, poucas ovelhas, as cabras dão melhor que estas e tem dois ou tres filhos de cada parto. Ha tambem muitas eguas, porcos e galinhas, além de infinita caça de aves, animaes terrestres, muito peixe no mar e nos rios, e riquissimas fructas da Europa e indigenas. Na costa do Brasil existe muito ambar que o mar em tormenta lança fóra e que tem enriquecido muitas pessoas. Com todas estas vantagens e proveitos, os portuguezes que sabem se ajudar uns aos outros vivem todos na abundancia e descanço no Brasil.

Tal era o estado do Brasil em 1530, quando o Rio da Prata estava apenas descoberto, e d'elle se retiravam os poucos homens que ahi tinha deixado Gaboto. (6)

Sem embargo tanto a noticia d'esta primeira viagem de Gaboto ao interior das terras do Rio da Prata, pelo curso dos rios, e dos descobrimentos feitos n'aquelle paiz, como o receio de que os portuguezes do Brasil, n'ellas fossem se estabelecer, fez que el-rei de Hespanha enviasse em 1534 a esta parte da America a colonia mais numerosa que se tivesse formado até esta época, cujo mando foi confiado a D. Pedro de Mendonça, rico fidalgo, que se obrigou a continuar a conquista á expensas suas, e que recebeu o titulo de governador ou adelantado do novo paiz.

D. Pedro de Mendonça partiu de Sevilha em 24 de Agosto de 1534 e passando pelo Rio de Janeiro, foi ancorar no porto da ilha de S. Gabriel, chamado depois porto da Colonia do Sacramento com quatorze navios, perto de tres mil homens setenta e dois cavallos; e immediatamente mandou reconhecer a costa opposta para estabelecer-se.

Mendonça depois de escolhido o terreno fez passar toda sua frota á margem meridional do Rio da Prata e ahi no anno de 1536 no territorio dos querandis fundou a cidade que a excellencia de seu clima fez appellidar *Buenos Ayres*.

Ao principio os guaranis, pampas e querandis levavam e vendiam mantimentos aos hespanhóes, mas pouco depois matavam todos aquelles que podiam e iam mesmo atacar a cidade para a destruir. Entretanto as molestias e a falta de viveres incommodavam os colonos. Mendonça despachou dois navios em busca de mantimentos, um ás ilhas do Paraná e outro ás costas do Brasil, e ordenou a D. João d'Oyola de subir o Paraná com uma embarcação bem guarnecida e armada a procurar um lugar mais apto para um estabelecimento. Oyola não tardou em voltar depois de haver levantado o pequeno forte de *Corpus Christi* não longe de Corondá no territorio dos timbus que guarneceu com cem homens.

O governador ahi se transferiu com mais da metade da sua gente, mui diminuta pela guerra, pelas molestias e pelas deserções de varios hespanhóes para os indios. E depois de experimentar varios desastres dos querandis qne lhe queimaram tres embarcações e quasi destruiram Buenos Ayres, Mendonça cahindo enfermo embarcou-se para Hespanha e falleceu durante o trajecto tendo confiado o leme do governo á D. João d'Oyola, 1537.

Antes da sua retirada, Mendonça tinha mandado Oyola com trezentos homens fazer novas descobertas rio acima.

Este tinha seguido as pisadas de Gaboto subindo o rio Paraná e tratando com amizade e benevolencia a todos os indios que encontrou.

Depois de ter entrado no rio Paraguay em um lugar em que é muito mais estreito, Angostura foi vigorosamente atacado pelos indios agans que lhe fizeram perder quinze homens.

Necessitando de viveres quiz comprar os mais necessarios aos indios caúos que formaram depois a colonia de Ytá, os quaes recusaram vender-lh'os e lhe declararam guerra. O cabo hespanhol offereceu-lhes batalha no valle de Guarnipitã

Onde os indios foram batidos em 15 de Agosto de 1536 e obrigados a subministrar aos hespanhóes, não sómente viveres porém tambem sete moças para Oyola e duas mulheres para cada um dos hespanhóes. Sobre o campo de batalha se edificou immediatamente uma casa forte que foi o principio da cidade d'Assumpção a qual foi assim chamada do dia do combate Ahi deixou Oyola uma pequena guarnição, forneceu-se de viveres, navegou rio acima e desembarcou no porto da Candelaria pelos 21° e 5' de latitude em 2 de Fevereiro de 1537. No mesmo porto deixou sua esquadrilha sob o commando de D. Dominges Martines de Irala, com ordem de o esperar durante seis mezes: e com duzentos homens se entranhou por paizes desconhecidos no rumo de Noroéste passando pelos territorios do Chaco e de Chiquitos, Oyola penetrou no Perú, onde depois de ter feito boas provisões de prata, regressou para o porto da Candelaria, mas, não encontrando mais ahi a sua esquadra se estabeleceu sobre o territorio dos payaguas Serigué que unidos com os mbayas o surprenderam e mataram com seus companheiros.

Durante a expedição d'Oyola ao Perú que foi a primeira feita pelo Rio da Prata, Irala recebeu no mesmo porto a João de Salazar que de volta de Santa Catharina trazia os hespanhóes que temos visto estabelecidos n'aquella ilha, que levava reforços a Oyola e a noticia de sua nomeação de governador pela côrte de Hespanha, o qual voltou a Buenos-Ayres depois de reforçada a guarnição de Assumpção; porém depois de esperar em vão durante os seis mezes indicados a Oyola sem ter d'elle noticias regressou para a Assumpção onde se encontrou com Ruy Golon commandante de Buenos-Ayres que ahí tinha ido refazer-se de viveres, e que lhe ordenou de regressar a Candelaria, voltando elle mesmo a Buenos-Ayres. Durante sua ausencia a discordia tinha-se accendido entre os hespanhóes de Corpus Christi e os indios. Apesar dos reforços tra-

zidos n'esta occasião por Alonzo Cabrera expedido de Hespanha tiveram elles que abandonar a colonia para não sacrificar toda a sua gente, e se acolheu em Buenos-Ayres onde a posição dos hespanhóes não era quasi menos duvidosa, pois que em 1537 tiveram que evacuar a cidade onde penetraram pouco ao depois, sustentando-se mal depois dos reforços trazidos por Cabrera, até que em 1539 a evacuaram e abandonaram inteiramente, indo todos os cabos de guerra com seus companheiros para a Assumpção depois de se terem unido no porto do Pilar; e durante o periodo de tempo que correu d'aquella época, até 1580, todos os estabelecimentos hespanhóes se fizeram no Paraguay onde os selvagens eram geralmente mais pacificos.

Foi durante o periodo do governo de Oyola que se formaram as seguintes colonias, segundo o mappa de Azara, ou ao menos por elle ou por seus officiaes ou por Irala logo ao principio da sua administração.

NOME DAS COLONIAS.	ANNO DA SUA FUNDAÇÃO.	LATITUDE AUSTRAL.	LONGITUDE DE PARIS.	OBSERVAÇÕES.
Itá.	1536	25° 30' 30"	59° 45' 8"	
Jaguaron.	1536	25° 33' 20"	59° 39' 14"	
Areguá.	1538	25° 18' 1"	59° 45' 38"	
Altos.	1538	25° 16' 6"	59° 38' 30"	
Joi.	1538	25° 16' 45"	59° 30' 22"	
Tobaty.	1538	25° 1' 35"	59° 29' 1"	
Ipané.	1538	23° 16' 26'	59° 22' 10"	
Guarambaré.	1538	23° 23' 1"	59° 19' 29"	Reunida á de
Atirá.	1538	23° 16' 17"	59° 26' 57"	Joi em 1674.
(*) Maracajú.	1538	24° 7' 25"	57° 52' 34"	Destruidas
(*) Terecany.	1538	24° 9' 30"	58° 12' 10"	pelos Portu-
(*) Ibira-parya.	1538	24° 22' 36"	58° 15' 28"	guezes em
(*) Candelaria.	1538	24° 39' 43"	58° 29' 4"	1676.

(*) Estas quatro colonias na provincia de Vera. Vide nota (**), pag. 39.

Irala não esteve longe de soffrer a mesma sorte que o infortunado Oyola; porque estando á espera d'este n'uma

4

ilha do rio Paraguay, cem indios payaguas se lhe apresentaram desarmados convidando-o a desarmar-se tambem para terem uma entrevista.

Mas apenas se aproximaram os indios, um d'elles se lançou sobre um hespanhól emquanto duzentos selvagens armados sobre a costa se puzeram a correr para prender os hespanhóes entretidos em defender-se dos primeiros indios.

Felizmente Irala pòde retroceder um pouco e armar-se do seu escudo e da sua espada, com que em um instante matou doze payaguas de maneira que os cem tinham quasi todos perecido quando chegaram os outros que não foram mais felizes do que os primeiros apesar de serem victimas alguns hespanhóes.

Informado Irala do fim desastroso de Oyola, regressou então a Assumpção aonde se tratou de nomear um governador segundo as instrucções recebidas de Hespanha no caso que Oyola tivesse morrido. De commum accordo foi eleito Domingos Martines de Irala que tendo reunido todos os hespanhóes de Buenos Ayres e Rio da Prata na Assumpção, como já temos dito, achou pelo censo que fez, que dos tres mil e tantos homens que tinham vindo de Hespanha apenas restavam seiscentos. Deu-lhes terrenos para edificar e terras annexas para cultivar, e mandou circumdar a cidade de uma palissada. Creou alcaides regedores e estabeleceu uma policia não só na cidade como nas colonias de Cairos e Guaranis de que já temos fallado e fez a todos prestar juramento de fidelidade e de vassallagem, recusando-se a isso os guaycurús e mais indios.

Estes acontecimentos se passavam em fins de 1538 e ao principio de 1539. Os trabalhos sem embargo ainda não estavam concluidos. No principio d'este ultimo anno os guaranis tentaram matar a todos os hespanhóes na Assumpção, para cujo fim se introduziram na cidade para assistir a semana

Santa com intenção de cahirem de surpreza sobre os hespanhóes durante a procissão da flagellação. Na quinta-feira santa tudo estava para arrebentar quando uma india descobriu a conspiração a Salazar que avisou immediatamente a Irala, o qual fez tocar logo a *retraite* como se temesse uma surpreza dos guaycurús e apoderando-se dos principaes cumplices os fez passar pelas armas perdoando aos outros.

A côrte de Hespanha informada dos acontecimentos, tinha sentido a morte de Oyola e nomeado para o substituir Alvar Nunes Cabeça de Vaca, que offereceu de continuar o descobrimento e conquista a expensas suas. Em quatro navios embarcou-se em 1540 com quatrocentos soldados, quarenta e seis cavallos e abordou na Cananéa da qual tomou posse e seguiu para Santa Catharina, tendo perdido vinte cavallos e perdendo tambem ahi dois navios, o que o fez determinar seguir ao Paraguay por terra.

Para este fim enviou por mar a Filippe de Cauzas com as duas embarcações que lhe restaram e alguma tropa; e levando comsigo duzentos e cincoenta soldados com toda a cavalhada embarcou-se no rio de Itabucu que se acha em face da ponta da ilha de Santa Catharina, remontou-o emquanto pôde e a 12 de Novembro de 1541 principiou a atravessar cadeias de montanhas desertas. Ao fim de dezenove dias deu com umas planicies povoadas de guaranis. e d'ellas tomou posse em nome d'el-rei e as appellidou provincia de Vera, continuando sua derrota no dia 1.° de Dezembro junto ao Iguassú que passou e repassou umas tres vezes, e caminhando mais seis dias deu com um outro rio chamado Atibagira cujas margens eram muito povoadas de indios guaranis e onde se achava um grande alojamento do cacique Abapará. Procurou o rio Ubay ao Occidente fazendo amizade com os infieis que encontrava. Por fim chegou ao rio Peepiri onde se demorou alguns dias; sahiu depois caminhando vinte dias para o Sul sobre o rio

Paraná abaixo do salto grande: ahi tomou informações dos naturaes a respeito do lugar que occuparam os hespanhóes da Assumpção e comprou algumas canoas que accommodou em balças para aliviar-se dos doentes e enfraquecidos da sua comitiva; enviou-os com Nuno de Chaves nas mesmas balças Paraná abaixo para irem tomar o rio Paraguay e seguirem por elle a Assumpção. Elle porém tendo passado o Paraná continuou a seguir por terra, costeando o rio Manday com os outros companheiros e no dia 11 de Março de 1542, fez sua entrada solemne na capital do Paraguay e tomou posse do governo.

Em seguida chegaram os doentes e as embarcações sahidas de Santa Catharina ao mando de Filippe de Cauzas a quem elle recusou dar posse do emprego de regedor para que tinha sido nomeado por el-rei (7).

Por estes tempos os guaranis mataram alguns hespanhóes e guaranis occupados a edificar casas ao redor da cidade. Nunes mandou contra elles, foram surprendidos, ficando alguns mortos e fez-se grande numero de prisioneiros. Aquella victoria fez determinar aos indios lengua á lhe fazerem presente de alguns jovens da sua tribu e a pedir-lhe paz.

Nunes tinha recebido da côrte de Madrid ordem de procurar um caminho para communicar com o Perú, incumbiu esta descoberta a Irala.

Este seguiu com tres brigues e noventa hespanhóes e sobre o tropico tomou oitocentos guaranis das provincias de Ipané, Guarambaré e Atirá, remontou o rio até as Pedras Partidas aos 22° 34'. D'ahi enviou uma expedição de indios e tres hespanhóes ao mando do cacique Aracaré para o occidente a descobrir uma passagem por este lado e continuou elle a remontar o rio. Ao fim de poucos dias voltou a expedição que tinha tido medo dos indios do Chaco. Irala enviou outra que retrocedeu por falta de agua e de viveres e sem achar caminho.

No dia 6 de Janeiro Irala se achava aos 17° 57' de latitude, e ancorou no lago Jaibá que chamou *Porto d'El-Rei* por causa do dia da sua chegada. Tratou com a maior brandura os habitantes do paiz. Internou-se ainda durante quatro dias pelas terras a pé, pois tendo tomado as convenientes medidas embarcou-se para regressar pelo rio á capital, mandando no seu caminho passar pelas armas ao cacique Aracaré, segundo a ordem que lhe tinha mandado Nunes para castigal-o da sua retirada da expedição que lhe tinha sido confiada e chegou sem novidade á Assumpção, onde os indios de Ipané, Garambaré e Atirá para vingar a morte de seu cacique tinham incendiado grande numero de casas, declarando guerra aos hespanhóes. Irala marchou contra elles, e os sujeitou a uma batalha sangrenta em que pereceram dezeseis hespanhóes e muitos indios.

Depois de receber as informações que lhe deu Irala, o governador Nunes se decidiu a ir em pessoa descobrir o caminho do Perú.

Fez varias mudanças nos empregados, sobretudo nas finanças, desprezando nomeações d'el-rei e partiu a 8 de Setembro de 1543 com quatrocentos hespanhóes e doze cavallos. Uma parte da comitiva foi por agua e outra por terra até o monte S. Fernando, hoje *Pão de Assucar* aos 21° 21' seguiram então unidos experimentando no trajecto algumas perdas que lhe fizeram soffrer os indios guararapes e chegaram ao Porto d'El-rei, onde se lhe apresentaram com disposições pacificas os indios oreiones, cacoa, chané e guaranis. Sem perder tempo despachou dois hespanhóes que fallavam guarani com alguns oreiones, que voltaram ao fim de oito dias, dizendo terem sido bem recebidos pelos xarages, mas que seu terreno era todo inundado. O governador tratou de ir elle mesmo para o occidente com trezentos homens e viveres para vinte dias e com effeito partiu no dia 26 de Novembro entranhando-se nos

bosques. No 6.° dia encontrou um troço de quatorze guaranis e dois dias depois outro de dez que lhe contaram que necessitava de dezeseis dias de viagem para chegar ao monte Itapia Guassú, e que adiante d'esta montanha um dia de viagem, havia muitos indios. Falto de viveres e principiando a inundação periodica das terras n'aquelles lugares, Nunes julgou conveniente ir com a sua gente ao Porto dos Reis D'ahi mandou comprar viveres para o que despachou um brigue; mas os indios da vizinhança receberam bem os hespanhóes, os quaes não poderam conseguir viveres, mas trouxeram cobertores que cada soldado tinha comprado por sua propria conta e de que Nunes se apoderou despoticamente contra as representações do commandante do brigue e dos soldados. Varios d'estes estavam doentes das febres terçãs e todos descontentes da avareza, dureza, despotismo e máos tratamentos de Nunes que padecia tambem das febres quartãs e que se viu na necessidade de regressar, apoderando-se na sua volta á mão armada dos oreiones da ilha Comprida que trouxe prisioneiros.

Chegou á Assumpção a 8 de Abril de 1544, desgostoso de se ver aborrecido de todos, e tomou o partido de não sahir de casa; porém na noite que precedeu ao dia 26 de Abril, duzentos hespanhóes se dirigiram á sua residencia e o fizeram prisioneiro. No outro dia Domingos Martines de Irala foi eleito governador e decidiu-se que Alvar Nunes fosse mandado prisioneiro a Hespanha. A' sua sahida proclamou elle por duas vezes que nomeava a D. João de Salazar para o substituir no governo. Este reuniu a sua gente e os affeiçoados a Nunes, mas emquanto deliberavam se lhe apresentou Irala que intimou de não perturbar a tranquillidade publica e tratando elle de replicar foi preso e enviado para Hespanha no mesmo navio que Nunes.

Depois de ter ganho tres batalhas com muitos alliados lenguá e guaycurús contra os agans e guaranis que se ti-

nham revoltado contra os hespanhóes, animado pelas divisões que via entre elles, Irala partiu no mez de Agosto de 1548 segunda vez para descobrir a passagem ao Perú.

Do Pão de Assucar dirigiu-se para Noroeste, e depois de incriveis fadigas, falta de agua e de viveres, e batalhas terriveis dadas aos mbayás e outros indios, atravessou o Chaco, a provincia de Chiquitos, e chegou ao rio Guapuy que passou sobre uma ponte feita de troncos de arvores, a que chamamos *pinguela* em cuja passagem perdeu quatro homens. Quatro leguas mais longe encontrou a colonia dos machasi que pertencia ao commando de Pedro Auzures que no anno 1538 fundou a cidade da Prata ou Chuquisaca. Ahi soube o que tinha acontecido a Pizarro no Perú. Não julgou conveniente penetrar n'um governo alheio mas enviou quatro mensageiros a comprimentar o licenciado Lagasca governador de Lima no Perú, offerecendo-lhe tropas e pedindo-lhe sua confirmação no governo do Prata.

Lagasca aconselhou-lhe de não se entranhar no paiz, recebeu bem seus mensageiros, e os encheu de donativos, porém deu o governo do Prata á Diego Centeno, que tres dias antes de ter a participação falleceu em Chuquisaca. Os soldados d'Irala estavam bem descontentes por terem de voltar, achando-se tão proximos do Perú onde se podiam enriquecer. Nomearam outro chefe á quem não obedeceram mais do que ao primeiro, mas entretanto cada um tratou de regressar em desordem, chegando porém ao Pão de Assucar tiveram noticia dos movimentos que se passavam na Assumpção onde tendo-se espalhado a morte de Irala se tinha procedido á eleição de um novo governador.

D. Diego de Abreu tinha feito matar seu competidor D. Diego Mendonça; e os companheiros de Irala que eram de seu partido, temendo por si mesmos, o elegeram de novo para seu chefe e com elle marcharam á Assumpção d'onde

Abreu fugiu com cincoenta de seus amigos, sendo depois surprendido e morto por um destacamento mandado pelo genro do seu finado competidor. Logo depois chegaram Nuno de Chaves e seus companheiros que Irala tinha enviado a Lima, trazendo comsigo mais de quarenta voluntarios, e as primeiras ovelhas e cabras que foram vistas no Paraguay.

Em 1559 Irala mandou João Romero com mais de cem soldados edificar a cidade de S. João Baptista, em frente a Buenos Ayres na confluencia do rio de S. João: mas os fundadores tiveram que regressar á Assumpção por causa dos charruas que os molestavam continuamente.

Por aquelles tempos os guaranis de Guayrá imploravam a protecção dos hespanhóes contra os portuguezes que os faziam prisioneiros e que os vendiam para escravos. Querendo conhecer o paiz por si mesmo, Irala partiu com gente sufficiente, passou o Paraná ácima da celebre Cataracta, navegou o Tieté até a segunda cadeia de Caxoeiras onde desembarcando correu toda a provincia de Guayrá vencendo os indios que se lhe oppunham e regressou á Assumpção

D'alli enviou a Garcia Rodrigues de Vergore a fundar uma cidade sobre a costa oriental do Paraná, uma legua acima da Cataracta nas terras dos guaranis chamados canendiyus. Era em 1554.

Em quanto estes acontecimentos se passavam no Paraguay, a côrte de Hespanha, tendo desterrado a Alvar Nunes para Africa, nomeou para o substituir no governo do Paraguay a Jayme Resquem e depois a João de Sanabria que nunca foram tomar posse do governo. Sem embargo se despachou para thesoureiro geral do Paraguay a João Salazar de quem já fallamos, o qual tocou na ilha de Santa Catharina onde deixou uns companheiros descontentes que escolhendo por chefe a Hernando de Treixo, fundaram S. Francisco de Cananéa e povoaram a ilha de Santa Catharina em 1553: e

foi chegar em 1555 á Assumpção com sua comitiva. Esta expedição trouxe da Europa o primeiro touro e as primeiras vaccas, em numero de sete, que se viram no Paraguay.

Na vespera de Domingo de Ramos de 1555, entrou na Assumpção D. Francisco Pedro de la Torre, primeiro bispo do Paraguay. Trazia comsigo seu clero e foi recebido com a maior alegria. Levava tambem a patente de governador para Irala, muitos despachos para o mesmo e com elles faculdades extraordinarias. Irala principiou a exercer amplamente suas funcções, nomeou muitos empregados civis, dividiu os indios em commandos, e estabeleceu o modo de governo que trataremos no capitulo seguinte, e mandou a Nuno de Chaves á Guayrá para abrir communicação com algum porto da costa do Brasil e assegurar a defesa dos indios contra os portuguezes. O que effeituado em Setembro do mesmo anno, Chaves voltou á Assumpção; sem a menor demora Irala enviou a Ruy Dias Melgareio com cem soldados a Guayrá, para de commum accordo com os colonos se repartirem os indios submettidos por Chaves, e fazel-os prestar homenagem e juramento de fidelidade, e escolher lugar para uma cidade. O que fizeram marcando em principio de 1557 o confluente dos rios Pequiry e Paraná algum tempo porém se passou sem se pôr mão á obra.

Querendo facilitar a passagem do Paraguay ao Perú, Irala mandou em o mesmo anno 1557 a Nuno de Chaves com duzentos e vinte soldados com ordem de fundar uma cidade no territorio dos indios xervayes, mas apenas esta frota se tinha feito á vela, Irala cahiu doente na colonia d'Itú que tinha ido visitar e regressando para a Assumpção ahi morreu ao fim de sete dias na idade de setenta annos, sendo geralmente sentida a sua morte, e tendo designado para lhe succeder seu genro Gonçalo de Mendonça que foi reconhecido por todos. Melgareio estava a esse tempo occupado em edificar

a cidade real, e Chaves a subir o rio Paraguay onde reconheceu a ilha Comprida de que já fallamos e á qual chamou os Oreiones:

Subiu a fóz do rio Jaurú que appellidou porto de Perabazones e ahi deixou seus navios e se entranhou pelas terras, percorreu todo o paiz chamado hoje provincia de Chiquitos e Matto Grosso onde teve indicios de minas de ouro e foi recebido amigavelmente dos indios paysury, xaramosy e samaracori, e teve um forte combate com os trabasicosi. Recebeu então a noticia da morte de Irala e quiz fundar uma nova provincia independente do Paraguay ao que não annuiu a maioria de seus companheiros que se retiraram á Assumpção, ficando Chaves sómente com sessenta homens, com os quaes chegou até o rio Guapy e penetrou nas planicies de Guelgoigotá e ahi se encontrou com André o Manso, que vinha do Perú a estabelecer-se em o dito paiz.

Elevou-se uma disputa entre Manso e Chaves, sobre a posse do paiz, a qual foi resolvida pelo vice-rei de Lima, a quem se dirigiram, o qual accedeu á favor de Chaves, declarando o paiz independente e nomeando para governador interino a seu filho D. Garcia de Mendonça que ficou na côrte paterna, expedindo a Chaves o titulo de seu lugartenente e enviando-lhe tropas e soccorros. De volta Chaves fundou a cidade de Santa Cruz de la Sierra, visinha da colonia actual de S. José na provincia de Chiquitos aos 18° 8' de latitude, e 62° 24' de longitude, sendo a mesma em 1575 transferida para o lugar onde se acha actualmente aos 17° 49' 44'' de latitude e 61° 43' 30'' de longitude.

Nem todos os habitantes foram para a nova cidade, alguns fundaram a colonia de S. Francisco e outros construindo uma embarcação, navegaram pelo Mamoré e sahindo pelo rio Maranhão seguiram para Cadix.

Entretanto o governador D. Gonçalo Mendonça castigou

aos agaces da sua arrogancia e falleceu em o 1.° de Julho de 1558, sendo nomeado para lhe succeder Francisco Ortiz de Vergara outro genro de Irala, o qual teve que comprimir uma rebellião geral de guaranis, o que executou felizmente junto ao monte Acaay e os pequenos rios Jaguary e Mbuyapey.

Tendo-se levantado uma contenda entre Nuno de Chaves e seu cunhado D. Diego de Mendonça apoiados por Felippe de Cacera de uma parte e o governador Ortiz de Vergara apoiado pelo bispo da Assumpção por outra parte, a questão foi levada perante o vice-rei de Lima que expoliou do governo á Ortiz de Vergara e o cedeu a D. João Ortiz de Zarate, com a condição que fosse n'esta nomeação confirmada por el-rei.

Zarate nomeou a Cacere para seu lugar-tenente e seguiu para a Hespanha a pedir sua confirmação no Paraguay.

Cacere esteve de volta do Perú á Assumpção em principios de 1569 e foi immediatamente ao Rio da Prata procurar terreno para fundar uma cidade e de regresso á Assumpção foi preso pelo bispo na occasião de ouvir missa e posto n'uma cadeia de que o mesmo guardava a chave. Martino Zuares de Toledo confidente principal do prelado se apoderou do governo e mandou a D. João de Guaray fundar uma cidade no Rio da Prata, e ao mesmo tempo levar Cacere preso á S. Vicente na costa do Brasil, o que se effeituou, sendo Cacere posto em liberdade pelos portuguezes e sua conducta approvada por el-rei de Hespanha.

Guaray fundou em Julho de 1573 a cidade de Santa Fé da Vera-Cruz.

Em seguida foi levar soccorro a Zarate que tinha voltado de Hespanha e se achava na colonia do Sacramento, tendo perdido trezentos homens na sua longa navegação e a quem os charruas acabaram de matar oitenta. Levou-lhes viveres, deu uma grande batalha aos charruas na costa do Uruguay e

juntos fundaram a cidade de S. Salvador junto ao rio d'este nome e deram a todo o paiz o nome de Nova Biscaia. Por gratidão Zarate confirmou a Guaray o commando de Santa Fé e o fez seu tenente-general.

Zarate seguiu para a Assumpção e tendo desapprovado os actos dos inimigos de Caceres, foi surpreso por elles que o puzeram na cadeia onde morreu em fins de 1575, deixando por herdeira sua unica filha D. Joanna que se achava em Chuquisaca e como tinha obtido o governo do Paraguay por duas gerações, nomeou para governador aquelle que desposasse a sua filha á quem deu por tutor a Guaray, concedendo o commando interino a seu sobrinho Diego Ortiz de Zarate e Mendista que os hespanhóes de Santa Fé prenderam para mandar á Hespanha, mas que foi morto pelos indios em Mbiaza na costa do Brasil.

Guaray tinha ido a Chuquisaca para casar sua pupilla D. Joanna com D. João de Torres de Vera y Aragon auditor d'aquelle tribunal, o que effeituou contra a vontade do vicerei de Lima que o deteve em Chuquisaca muitos annos ao mesmo Vera y Aragon que como esposo de D. Joanna era o legitimo governador do Paraguay; mas elle nomeou para seu lugar-tenente no governo a Guaray.

Este logo que tomou posse do governo em fins de 1576, mandou Ruy Dias Melgareio fundar uma colonia no Guayrá, que se denominou Villa Rica do Espirito Santo. Os habitantes d'esta nova cidade e os da cidade Real, repartiram entre si os guaranis da provincia e estabeleceram regularmente as treze colonias que já vimos reduzidas e submettidas em 1555 por Chaves.

Com cento e trinta hespanhóes Guaray foi em pessoa reconhecer as planicies do rio Jaguary que desagua no Paraná acima do Salto Grande, visitou tambem as planicies de Xeres e fundou a colonia de Perico-Guaçú composta de indios gruara

e a de Jesay composta de guaranis e igualmente a colonia hespanhóla de Talavera sobre o rio Jesay que os payaguas saquearam em 1550. De volta á Assumpção em 1579 mandou sessenta soldados a Ruy Dias Melgareio para fundar a cidade de Xeres sobre o rio Mbotetey que desemboca no Paraguay aos 19° 25' 20" o que se effeituou em 1580; mas os habitantes abandonaram logo aquella colonia, que não se deve confundir com outra do mesmo nome fundada em 1593 perto da origem do Rio Pardo que reduzidos ao numero de quinze habitantes tomaram a resolução de unir-se aos portuguezes.

N'aquelle tempo (em 1580) Guaray se transportou com sessenta hespanhóes ao lugar em que tinha sido edificada Buenos Ayres, e sobre suas ruinas abandonadas por medo dos querandis principiou no dia da Trindade no mesmo anno 1580 a reedificar Buenos Ayres attrahindo a seu partido algumas tribus de indios.

Dividiu em commendas os guaranis de Monte Grande e do valle de S. Thiago, (hoje S. Isidoro e as Conchas) e as das ilhas inferiores do Paraná e com os mbeguá formou a colonia do Baradero.

Depois foi visitar a cidade de S. Salvador e regressando pelo rio á Asumpção desembarcou para dormir aos 32° 41' e foi surprendido pelos minuanos que o mataram com quarenta dos seus, regressando para a Assumpção os que ficaram.

Tomou então as redeas do governo Affonso de Vera y Aragon (cara de cão) que á testa de cento e trinta e cinco hespanhóes penetrou no Chaco sobre as margens do rio Vermelho ou Ipita; no dia 15 de Abril de 1585, fundou a cidade da Conceição de Boa Esperança.

Chegou pouco depois á Assumpção, (1587) o governador proprietario D. João Torres de Vera y Aragon, que no anno seguinte (1588), mandou oitenta hespanhóes ao mando de

Affonso de Vera (el tupi) para estabelecer a cidade de Corrientes.

Os colonos se formaram em commendas e se dividiram os indios da vizinhança.

Foi tal a origem das colonias dos Guacará, Itaty, Ohoma e Santa Luzia.

Depois d'estas expedições o governador demittiu-se do governo e se retirou á Hespanha, seus successores não fizeram descobertas nem conquistas, por isso apontaremos quasi unicamente seus nomes no fim d'este capitulo.

No anno 1592 João Cabalevo Bazan com sua companhia de hespanhóes formou as colonias de Tarey, Bomboy, e Caaguazú na provincia de Ytaty á Leste do rio Paraguay, e encarregou ao padre Hernando Cueva da sua direcção. Mais tarde em 1632 o medo dos portuguezes fez que se reunissem as duas primeiras com o nome de S. Bento, e sendo d'ella encarregados os jesuitas lhe deram o nome de Santa Maria da Fé, e a de Caaguazú tomou o nome de S. Ignacio, e depois ainda de Santiago.

Em 1610 os hespanhóes reduziram aos guaranis d'Yuti a unir-se em colonia no lugar onde se acha actualmente o povo de S. Cosme, mas em 1673, elles passaram para o povo d'Yuti no lugar actualmente habitado.

———

Colonias fundadas desde 1555 até 1610 pelos hespanhóes.

NOME DAS COLONIAS.	ANNO DA SUA FUNDAÇÃO.	LATITUDE AUSTRAL.	LONGITUDE O. DE PARIS.	OBSERVAÇÕES.
Loreto.	(*) 1555	Na provincia de Guayrá, cujos 13 povos foram saqueados e destruidos pelos portuguezes em 1631.		
Santo Ignacio Miri				
S. Xavier.				
S. José				
Annunciação.				
S. Miguel.				
S. Antonio.				
S. Pedro.				
S. Thomé.				
Angelis.				
Conceição.				
S. Paulo.				
Jesus Maria.				
Calchaqui.	1573	32° 34' 2"	63° 26' 30"	Parte se uniu aos hespanhóes e outra se dispersou.
Perico-Guaçú.	1579	23° 13' 20"	59° 15' 25"	Destruida em 1674 pelos portuguezes.
Jesui	1579	24° 4' 0"	59° 19' 0"	Idem em 1676.
*Curumiay.(**)	1580	23° 0' 0"	57° 1' 0"	
* Pacuyú.	1580	20° 23' 0"	57° 41' 0"	Destruida em 1635 pelos portuguezes.
Baradero.	1580	33° 46' 35"	62° 6' 30"	
Ohome.	1588	27° 46' 0"	60° 59' 56"	Idem em 1748 pelos payaguas.
Guacaras.	1588	27° 27' 31"	60° 55' 8"	
Itaty.	1588	27° 17' 0"	60° 31' 38"	
S. Luzia.	1588	28° 52' 30"	62° 18' 2"	
Tavey.	1592	22° 4' 0"	60° 13' 4"	
Bomboy.	1592	22° 14' 0"	60° 0' 0"	
Caayuazú.	1592	22° 30' 0"	59° 30' 0"	
* Caazapa.	1607	26° 11' 8"	58° 49' 49"	
* Juty.	1610	27° 18' 55"	58° 29' 29"	

(*) Estas treze na provincia de Guayrá a Leste do Paraná, ao Norte do Paraná-Pané.

(**) As colonias marcadas por uma * foram fundadas na provincia de Vera a Leste do Paraná ao Sul do Salto de Guayrá, e destruidas pelos portuguezes foram em geral reedificadas em outros lugares onde agora se acham.

Vinte e oito colonias ás quaes juntando as treze da pagina 25 fazem quarenta e uma. fóra as cidades que enumerarei na nota 8.ª

A D. João Torres de Vera y Aragon succedeu no governo sendo adelantado D Hernando Arias de Saavedra em 1591 ou 1592. Ganhou uma explendida batalha contra indios infieis e inspirou aos hespanhóes commiseração para com os indios. Durante seu governo descobriu-se n'uma embarcação que os indios levavam a Buenos-Ayres um volume de herva do Paraguay que elles chamavam *caá* que n'essa época se principiou a beneficiar Logo que desembarcaram, Saavedra dissimulando mandou queimar na praça publica o volume de herva, dizendo aos indios «N'esta demonstração vos manifesto minha affeição, pois tenho por presentimento, que esta herva será a ruina de vossa nação ».

D. João Ramires de Velasco lhe succedeu em 1595.

Em 1597 tomou posse como adelantado D. Fernando de Zarate.

D. Diego Valdez de la Banda tomou conta do governo em 1598; por este tempo existia no Paraguay Fr. Martim Ignacio de Loyola, sobrinho carnal de Santo Ignacio de Loyola. Tinha professado na ordem seraphica e resplandecia em virtudes religiosas. o qual foi nomeado bispo do Rio da Prata de que tomou posse em 1601 e que em viagem para Buenos-Ayres pelo Uruguay, encontrou naufragados em suas margens aos P.P. Marcelo Larenzano e José Cataldino que enxugavam sua roupa ao sol. Eram uns dos primeiros jesuitas de que fallaremos, e que penetraram na provincia do Paraguay. Por morte de D. Diego de Valdez de la Banda, entrou a governar em 1602 D. Hernando Arias de Saavedra. Como tinha animo guerreiro, emprehendeu algumas operações militares. O successo não correspondeu ao valor do capitão e á grandeza das empresas.

Tendo-se internado umas duzentas leguas de Buenos Ayres para o estreito de Magalhães, elle e sua gente cahiram prisioneiros de guerra dos barbaros. Teve a fortuna de escapar-se e foi reunir soldados com os quaes voltou a libertar seus companheiros. Emprehendeu a conquista do Paraná e do Uruguay, encontrou tantos obstaculos na primeira, que teve de a deferir, e na segunda perdeu toda sua milicia composta de quinhentos soldados; tanto era o furor dos indios do Paraná e do Uruguay para defender o patrio territorio. Em 1606 frei Reginaldo de Lizarraga tinha succedido na sé do Rio da Prata ao sobrinho do fundador dos jesuitas. Este prelado com o adelantado Saavedra conseguiram que o provincial dos jesuitas designasse missionarios para Guayrá e Paraguay, o que o dito provincial Diego de Torres fez da maneira que por extenso veremos.

Em 1610 D. Diego Martins Negron tomou conta do governo, havendo-se com summa prudencia no meio de questões suscitadas a que deu origem a cobiça dos hespanhóes que ao principio escravisaram os indios e depois se utilisaram do serviço de suas pessoas. Um fidalgo portuguez D. João de Salazar, visinho de Tucuman, mui caritativo, consumiu todos seus haveres para ir á presença de Filippe III advogar em favor dos indios contra o serviço pessoal. A côrte despachou a D. Francisco Alvaro ministro integerrimo e de muitos merecimentos para visitador nas tres provincias do Paraguay, Rio da Prata e Tucuman. As sabias providencias que o visitador tomou e a nascente influencia dos jesuitas abrandaram a sorte infeliz dos indios. D. Hernando Arias de Saavedra pela terceira vez tomou conta do governo em 1615. Não só promoveu o bem-estar dos indios como a propagação da fé entre os infieis. Durante seu governo houve consideraveis augmentos em Guayrá e Paraná, e se deu principio á conversão dos indios do Uruguay, em cujo paiz nenhum

hespanhól até então tinha pisado sem pagar com a vida seu atrevimento.

Para melhor desempenho das funcções do adelantado, representou, Hernando Arias sobre a necessidade de dividir a extensissima provincia do Paraguay. No anno 1620 se fez essa divisão no espiritual e no temporal, da fórma seguinte: Ao governo e bispado do Paraguay designou el-rei todo o territorio no interior da provincia á Leste do rio Paraguay, e de Norte á Sul até o rio Paraná, ficando a cidade Corrientes ao governo e bispado de Buenos-Ayres.

Ao governo e bispado de Buenos-Ayres que se criou n'aquella occasião, sendo primeiro bispo frei Pedro Cazanza, designou o territorio comprehendido entre o Rio da Prata até a provincia do Chile e a barra do Tacuman; e de Sul á Norte desde as terras de Magalhães até dar no rio Paraná. Tomou conta do governo do Paraguay D. Manoel de Frias, continuando na sé episcopal frei Tomas de Torres. Vamos agora dar a relação dos governadores da provincia de Buenos Ayres.

GOVERNADORES DE BUENOS-AYRES DESDE QUE SE DIVIDIU DA PROVINCIA DO PARAGUAY EM 1620 ATÉ SUA ERECÇÃO EM VICE-REINADO EM 1776.

D. Diego de Gongára foi o primeiro governador de Buenos-Ayres em 1620 e em 1622. Alguns caciques do Uruguay pedindo fazer-se christãos, o governador confiou este negocio aos jesuitas.

D. Alonzo Peres de Salazar, em 1623.

D. Francisco de Cespides, em 1624.

D. Pedre Estevan de Avila, em 1632, anno em que os paulistas e tupys arrasaram as reducções do Guayrá.

D. Mendo de la Cueva y Benavides, em 1636.

D. Ventura Mogica em 1640, governou só cinco mezes durante os quaes ganhou uma grande batalha em Mborone no Uruguay contra os tupys e portuguezes, morrendo na acção cento e sessenta d'estes.

D. Pedro de Roxas, alguns mezes.

D. André de Sandoval, quatro mezes.

D. Jeronymo Luis de Cabrera, em 1641.

D. Jacintho de Lavis, em 1646. Teve discussões com o bispo de Buenos Ayres.

D. Pedro Luis Buigore, em 1657.

D. Alonzo de Mercado e Villa Costa, em 1660.

D. José Martines de Salazar, em 1663.

D. Andres de Robles, em 1674.

D. José de Garro, em 1678. Fez os portuguezes abandonarem o territorio em frente ás ilhas de S. Gabriel.

D. José de Herrera em 1682. Cedeu a colonia do Sacramento aos portuguezes.

D. Agostinho Robles, em 1691 defendeu Buenos Ayres contra os francezes.

D. Manoel de Prado Maldonado, em 1700, bateu os portuguezes confederados com infieis.

D. Alonzo João de Valdez, em 1703, tomou a colonia do Sacramento aos portuguezes.

D. Manoel de Velasco, em 1708 foi preso e deposto.

D. Alonzo de Arce e Soria, governou 6 mezes em 1712.

D. Balthazar Garcia Ros, por ordem de Sua M. C. restituiu a colonia do Sacramento aos portuguezes: favoreceu aos guaranis contra os charruas.

O Marquez de Salinas, nomeado não tomou posse.

D. Bruno de Zavala, em 1717 desalojou os francezes do Cabo de Santa Maria á oito leguas de Castilhos, e o mesmo praticou com os portuguezes que intentavam estabelecer-se em Montevidéo, fundou aquella cidade em 1726 com o nome

de S. Filippe e Santiago, e em 1730 a Bajada, capital d'Entre Rios.

D. Manoel de Salcedo, em 1734.

D. Domingos Ortiz de Rosa, em 1742.

D. José de Andonagui, em 1745. Em virtude dos tratados de 1750 se rebellaram os sete povos jesuiticos orientaes do Uruguay: em 1755 Andonagui com 1500 homens auxiliado de mil portuguezes commandados pelo capitão-general do Rio de Janeiro, conde de Bobadella, marcharam contra os revoltosos que bateram em Caybaté. Tomaram conta dos sete povos os exercitos alliados.

D. Pedro de Ceballas, 1756. Continuou a guerra de missões, tomou a colonia do Sacramento. Rio Grande de S. Pedro, os fórtes de Santa Rita, Santa Theresa e S. Miguel e bateu a esquadrilha ingleza que queria recuperar a colonia do Sacramento.

D. Francisco de Paula Buareli y Ursua, 15 de Agosto de 1766. Estando elle no governo foram supprimidos os jesuitas que elle mandou sahir das missões jesuiticas.

D. João José Vertiz, em 1770. Os portuguezes fazem invasões na Banda Oriental do Uruguay; tomam a colonia.

VICE-REIS DE BUENOS AYRES.

D. Pedro de Ceballos Cortes e Calderon, 1° vice-rei nomeado por cedula de 8 de Agosto de 1776. Tomou Santa Catharina em 20 de Fevereiro de 1777, apoderou-se da colonia do Sacramento, e penetrou no Rio Grande.

D. João José de Vertiz e Salcedo, em 1778.

D. Nicolas del Campo, em 1784.

D. João Vicente de Guemes, que não tomou posse.

D. Nicolas de Aredondo, em 4 de Dezembro de 1789. Mandou calçar as ruas de Buenos-Ayres.

D. Pedro Mello de Portugal e Villena, em 1795. Fundou o fórte de Serro Largo na Banda Oriental na fronteira de Portugal.

D. Antonio Olaguar, em 1797.

D. Gabriel de Avilez y del Fierro, em 1799.

D. Joaquim del Pino, em 1801. Durante seu governo os portuguezes conquistaram as sete missões orientaes do Uruguay.

D. Raphael de Sobre Monte. 1804. Seu vice-reinado foi desgraçado para Buenos-Ayres que os inglezes tomaram em 27 de Junho de 1806, o povo de Buenos-Ayres abandonado do vice-rei, retirado em Cordova escarmentou aos invasores, destinguindo-se o capitão Súmier.

D. Pascual Rui, em 27 de Junho de 1807.

D. Santiago de Linniers y Bremont, em 16 de Maio de 1808.

D. Balthazar Hidalgo de Cisneros e la Torre, de 19 de Julho de 1809 até 25 de Maio de 1810 em que se installou a junta superiora das provincias que proclamaram a sua independencia.

CAPITULO II.

ORGANISAÇÃO DAS TRIBUS CONQUISTADAS PELOS HESPANHÓES

Janaconas — Mitayas.

Foi Domingos Martines de Irala que estabeleceu o systema seguido durante seculo e meio de governar os indios, e do qual vou dar um idéa.

Os cabos de guerra encarregados da conquista do Paraguay e Rio da Prata estabeleceram uma distincção no tratamento que devia dar aos indios.

Quando uma tribu de indios tinha obrigado os hespanhóes a submettel-os pelas armas, os vencedores repartiam entre si como servos ou escravos os vencidos, e houve tambem muitos indios que solicitaram com muitas instancias aos hespanhóes de os receber n'esta qualidade. D'ahi a origem das commendas ditas *Janaconas*, ou de indios *Originarios*. N'estes estabelecimentos cada commendatario tinha em seu serviço grande numero de indios de toda idade e de todo sexo que occupava como melhor lhe convinha. Porém lhe era vedado vendel-os, maltratal-os ou abandonal-os por causa de má conducta, velhice ou enfermidade.

Era obrigado a cuidal-os em suas molestias, alimental-os, vestil-os, ensinar-lhes algum officio e instruil-os na religião christã. Todos os annos havia uma inspecção para examinar se tudo se executava em fórma e na qual os indios podiam apresentar suas queixas. D'esta maneira foram repartidos não só os guaranis de S. Isidoro, das Conchas, das ilhas inferiores do Paraná, mas tambem os prisioneiros pampas, agans, payaguas, guaycuruzes, mbayas, assim como muitos prisioneiros de guerra oreiones e outros que da provincia de Chiquitos foram conduzidos ao Paraguay.

Quando uma tribu um pouco numerosa se apresentava durante a paz ou se rendia na guerra mediante uma capitulação, a obrigavam a escolher um sitio a proposito para formar uma colonia. Obrigavam-a tambem a nomear um cacique, alcaides e outros officiaes da municipalidade. A colonia em seguida era dividida por secções compostas cada uma de um chefe e por certo numero de indios que o reconheciam como tal. Cada secção formava uma commenda chamada *Mitaya* a qual se concedia a um hespanhól em qualidade de recompensa nacional. Porém em uma commenda d'essa classe não se podia exigir serviço senão dos varões de 18 a 50 annos que as compunham, e isso sómente durante dois mezes do anno;

o resto do tempo os indios ficavam perfeitamente senhores de suas occupações e em tudo iguaes aos hespanhóes.

Como a côrte de Hespanha recommendasse continuamente aos governadores de augmentar as descobertas e conquistas, Irala inventou um meio de satisfazer as ordens que recebia sem fazer despeza, o que tambem incitou os hespanhóes a se entregarem a emprezas d'esta natureza; e foi de auctorisar os hespanhóes a fazerem á sua custa expedições aos pontos distantes para reunir indios e estabelecel-os em commendas de *Janaconas* que eram as mais procuradas. Se o empresario chamava auxilios de tropas do estado, a reducção nova entrava sómente na classe de *Mitaya*. Se o chefe da expedição julgava poder reunir um numero consideravel de selvagens, (como aconteceu nas provincias de Guayrá, de Chiquitos e nos campos de Xeres), o governador despachava para alli uma companhia de hespanhóes para levantar uma cidade mais ou menos grande, e aquelles hespanhóes repartiam os indios e formavam commendas de Janaconas ou de Mitayas seguindo a regra assim estabelecida. Sem embargo ao fim de duas gerações as Janaconas e as Mitayas ficavam abolidas e os seus indios entravam no regimen geral sendo consideradas a par dos hespanhóes gozando da sua plena liberdade, e unicamente obrigados a pagar um pequeno tributo ao thesouro real.

Eram tambem livres como os hespanhóes os *mestiços* que nasciam da união dos hespanhóes com as indias. Os primeiros conquistadores não tinham levado comsigo mulheres; elles e seus companheiros tinham-se casado com indigenas ou pela mór parte tinham-se juntado com ellas, d'onde vieram os mestiços bastante numerosos, o que eram considerados como hespanhóes. Apesar d'esta desordem inevitavel, por causa do genio e das occupações dos cabos da descoberta e conquista e de seus companheiros, os hespanhóes mostravam-se fervorosos em converter á nossa religião os indios, e apenas

entendiam algumas palavras do seu idioma, principiavam, segundo seu estado de ignorancia em materia religiosa lhes permittia, a infundir n'elles as idéias do Christianismo. Porém essa instrucção religiosa a pouco se devia reduzir, porque quasi todos os seus cuidados eram reduzir indios para procurar-se os braços necessarios ás suas especulações.

Mais tarde se estabeleceu no paiz alguma influencia religiosa promovida pelos ecclesiasticos. Os primeiros hespanhóes só tinham conduzido um unico sacerdote. Vinte annos o depois da conquista só existiam dezesete ecclesiasticos, inclusos n'este numero o bispo, os conegos e os regulares; segundo Azara e segundo a Memoria Historica de Mr. Martin de Mussy, no anno 1557 em que morreu Irala só existiam vinte. Havia sem embargo um vastissimo paiz descoberto e conquistado que na opinião de um auctor era tão extenso como a Hespanha, a França e a Italia reunidas. N'esse paiz existiam já nove ou dez cidades (8) e as quarenta colonias que temos apontado. Era pois impossivel a este diminuto clero acudir ás necessidades espirituaes de tanta gente disseminada a grandes distancias uns dos outros. Nem teria sido possivel mesmo estando em continuas corridas de baptizar seus freguezes, quanto menos de lhes subministrar os outros soccorros espirituaes.

Nós veremos chegar os jesuitas para acudir a estas necessidades e será o assumpto de um dos capitulos seguintes.

Antes porém de passar adiante farei notar que no anno 1610, é a epocha da entrada dos Jesuitas na provincia do Paraguay e quasi o termo da fundação das colonias de selvagens, tão felizmente principiadas pelos conquistadores e que tinham tido tão rapidos progressos.

Seja qual for a causa d'este acontecimento, ou por prohibição que fez D. Francisco Alfaro, visitador no Paraguay em 1612 de auctorisar expedições particulares para submetter os selvagens e que n'esta parte derogou as sabias instituições de

Irala, ou porque o regimen dos jesuitas não fosse idoneo para esse fim, a historia nos mostra que desde a entrada dos jesuitas na provincia do Paraguay, pelo anno 1610, não se fundaram mais colonias hespanhólas na provincia, e as antigas foram abandonadas; que as descobertas e as conquistas não deram mais um passo avante, e que o poder da Hespanha se foi ahi dia a dia enfraquecendo.

Consulte-se a este respeito Azara.—Cap. XII.

CAPITULO III.

EXTENSÃO DA PROVINCIA DA COMPANHIA DE JESUS CHAMADA DO PARAGUAY.

O que em seus catalogos a companhia de Jesus chamava a sua provincia do Paraguay, comprehendia os territorios do Paraguay, Rio da Prata e Tucuman que no civil e no ecclesiastico, formavam, em fins do seculo dezesete tres differentes provincias, com bispo e governador real em cada uma.

Os bispos eram suffraganeos do arcebispado de Chuquisaca ou cidade do Prata na provincia de Charcas, e que era a dignidade mais rendosa de todo o Perú, subindo suas rendas e emolumentos licitos acima de oitenta mil pesos fortes annuaes.

No governo civil e politico, as tres provincias pertenciam á real audiencia da referida cidade de Chuquisaca para todas as appellações e recursos, concedidos por direito e leis d'aquelles reinos ás chancelarias. No governo militar e superior pertenciam as mesmas tres provincias ao vice-rei do Perú, que tinha seu assento ordinario em Lima, cidade afastada trezentas leguas de Chuquisaca e novecentas leguas distante do Paraguay.

A provincia da companhia de Jesus do Paraguay tomou

este nome, por haverem os primeiros missionarios entrado no Paraguay antes de penetrar nas provincias de Buenos-Ayres e Tucuman e por terem principiado n'ella suas espirituaes conquistas, e ter ahi havido maior numero de conversões.

Na cidade da Assumpção os Jesuitas tinham unicamente um collegio, tendo dois na provincia de Buenos-Ayres, a saber: o de Santa Fé da Vera Cruz, distante duzentas leguas da Assumpção e o de Buenos Ayres distante noventa leguas de Santa Fé. Na provincia porém de Tucaman, os jesuitas tinham cinco collegios; o de Cordova que era o principal, distava cento e vinte leguas de Buenos-Ayres; o da cidade de Rioya, distante cem leguas de Cordova; em Santiago do Estero tambem distante umas cem leguas da ultima, havia outro collegio de jesuitas: e existia ahi a sé episcopal: á distancia de trintam leguas de Santiago havia um collegio de jesuitas na cidade de S. Miguel; e emfim na cidade do Salta distante cem leguas da ultima cidade estava outro collegio. Na cidade de Cordova tinha os Jesuitas o seu noviciado e ahi fundaram um seminario para a cargo da companhia se educarem seculares com a virtude e sciencia necessarias para occuparem dignamente os curatos, parochias, prebendas, conezias e os mais beneficios ecclesiasticos d'aquellas provincias.

Se bem que os jesuitas exercessem as suas funcções ecclesiasticas n'estas tres provincias, do Paraguay, Buenos-Ayres e Tucuman, que elles appellidavam como já disse, provincia da companhia de Jesus do Paraguay, e que ao principio formavam uma só provincia, foi principalmente nas provincias de Guayrá, desde o rio Iguassú até o rio Tieté em uma superficie de tres gráos de latitude e dois de longitude (do 21° ao 24° de lat. Mer. e do 54° ao 56° long. O. de Pariz), onde temos visto que os hespanhóes tinham já fundado as cidades de Outiveras, Villa-Rica, Cidade Real, Xeres, &c., e treze coonlias na costa do grande rio Paraná e ao Norte do Salto Grande

d'esse mesmo rio, e de Vera, onde abaixo do Salto os hespanhóes tinham já fundado nove colonias e em que os primeiros missionarios, mostraram o seu zelo apostolico. Ao mesmo tempo segundo o destino que foi assignalado aos sete primeiros jesuitas, elles catechizaram e estabeleceram reducções desde o 23° até o 30° de lat. Sul e entre os 56° e 60° de long. O. de Pariz, estando Belem reducção mais septentrional aos 23° 26' 17" de lat. Sul e aos 59° 28' 0" de long. O. e a reducção de Japeyú a mais meridional e mais proxima ao rio Mirinhay que fazia divisa do resto de Entre-Rios, aos 29° 31' 47" de lat. Sul e aos 58° 58' 28" de long. O. servindo de limites a essa republica jesuitica ao Norte o rio Tebicuary que desemboca no Paraguay, as ultimas ramificações da cordilheira d'este paiz e os espessos bosques que o cobrem até Belém; a Oeste a lagôa Ibera e o rio Mirinhay; ao Sul na margem oriental do Uruguay o rio Ubicuy; a Leste a serra dos Tapes e do Herval pela picada de S. Martinho e ao Nordeste as matas virgens do Uruguay até o mato castelhano e as matas virgens do territorio até o rio Iguassú, terreno immenso regado por tres dos maiores rios do mundo e seus innumeraveis affluentes, pittoresco em sua parte montanhosa e matos virgens, summamente fertil e em um clima perfeitamente suave e saudavel.

CAPITULO IV.

INDIOS QUE EXISTIAM E SEUS COSTUMES.

Para que não se torne demasiadamente extenso este capitulo e para dar tregua á attenção do leitor o dividirei em dois artigos.

No artigo primeiro farei um breve resumo dos indios que existiam na extensissima provincia do Paraguay, e no segundo

fallarei da origem dos caciques, governo e costumes, das guerras, dos trajes, dos divertimentos, dos casamentos, da educação dos filhos, dos recursos e emigrações, dos idolos, feiticeiros e idéas religiosas, dos enterros, dos medicos, das tradições historicas e da cosmographia dos indios e de sua aptidão para as artes.

ARTIGO I.

Breve resumo dos indios selvagens que existiam e existem na provincia.

Todas as povoações das provincias de Guayrá e de Vera estavam na classe de Mitayas. Depois de terem sido administradas com este regimen cincoenta e tantos annos, sua direcção espiritual foi confiada aos jesuitas que ahi fizeram seus primeiros ensaios.

As povoações das provincias jesuiticas propriamente ditas do Paraguay desde o rio Tibicuary até o rio Paraná e do Itaty entre o Paraná e Uruguay estavam umas em classe de Janaconas e outras de Mitayas; porém a gente que formava esses povos pertencia exclusivamente á raça Guarani.

Julgo indispensavel fazer aqui um pequeno resumo das nações selvagens que na epocha da entrada dos jesuitas existiam nos territorios de que tratamos n'esta obra, compilando o que varios auctores escreveram até nossos dias.

1.º—Guaranis.—A raça guarani, segundo Mr. Martin de Mussy, era uma raça numerosa cujas variedades se achavam espalhadas desde a foz do Orinoco até o Rio da Prata, sobre a enorme extensão de quarenta e cinco gráos de latitude, e offerecia o phenomeno assombroso de fallarem todos o mesmo idioma designado pelo nome geral de *Guarani* pelos hespanhóes e pelos portuguezes.

Entre os rios Paraguay e Paraná, entre o Paraná e Uruguay sobre a margem Oriental d'este ultimo rio, a grande maioria da povoação indiatica era guarani: os guaranis se encontravam tambem nas margens do rio Vermelho, nas provincias de Moxos, de Chiquito, e nas de Guayanas.

Em nenhum ponto formava um verdadeiro corpo de nação, mas unicamente grupos de tribus ou de familias designadas pelo nome do lugar em que viviam ou de seu cacique temporario, o que explica a immensa variedade de nomes que tem nos annaes d'aquella epocha. Estas tribus se sustentavam com caça e pesca, e ás vezes com um pouco de agricultura que os obrigava a estarem fixas e não inteiramente errantes como quasi todas as tribus errantes de indigenas. Antes de serem doutrinados pelos jesuitas eram em geral nomades e reduziam a captiveiro os individuos das outras nações para augmentar seu numero e poder, o que deu occasião a suppor-se que eram de tribus differentes os indios que dominavam nas terras cercadas pelos tres grandes rios. De um caracter sombrio e taciturno, pouco communicativos, com pouco asseio e medianamente intelligentes, tinham apesar de tudo alguma doçura que lhes tinham feito tomar o costume de alliar-se com outros, e eram mais proprios que os outros indios para mesclar-se pouco a pouco com as povoações que os rodeavam, particularmente com os Europeus. Segundo alguns auctores o seu nome significa guerreiro (9).

2.° — Guayanas. — A denominação de guayanas estendia-se a varias tribus de indios que tinham certa relação entre si, e cujo genio, costume e lingua se differençava pouco do guarani. Era bastante numerosa, e viviam esses indios no tempo em que floreciam os estabelecimentos jesuiticos a uma e outra banda do Paraná, em cima e por baixo do Salto Grande, estendendo-se até perto do Uruguay pelos rios Iguassú, Santo Antonio e outros.

Seu natural era mui docil e tão sociavel com os indios das reducções, que não ha noticia que lhe fizessem o mais leve damno nas frequentes viagens que faziam aos hervaes, antes os ajudavam a trabalhar, buscavam e lhes indicavam as paragens em que existiam muitas arvores de Congonha e ainda lhes davam soccorros de sustento quando lhes faltava, contentando-se com alguns objectos de pouca monta, que se lhes davam como pequenos espelhos, machadinhos, algum tecido de algodão. Estes indios viviam nas matas e se alimentavam da caça que matavam com frechas, sem veneno, que nem se quer o conheciam, de mel das abelhas do mato que era seu principal sustento e mesmo do producto de algumas plantações.

3.° — Tapes. — Grande nação de indios que dominavam nas terras que jazem entre o mar, a serra do mesmo nome e o Uruguay no centro da actual provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Quando os vicentistas, e paulistas penetraram no sertão d'essa provincia para cultivarem eram os tapes de um genio máo e cruel. Sua estatura era alta.

Bem que na apparencia não tivessem religião alguma e que não parecessem ter idéa da immortalidade da alma, enterravam seus mortos com suas redes, frechas e outras armas. Os jesuitas tiveram a industria de trazerem varios d'elles á civilisação. Os tapes não existem mais em estado selvagem, e se restam alguns estão civilisados e misturados com os habitantes da provincia do Rio Grande e da Republica Oriental.

4.° — Minuanos. — Nação india de indole mais branda que os tapes de que faziam parte, (10) quando os portuguezes começaram a estabelecer-se na provincia de S. Pedro, retiraram-se os minuanos para os rios Caciqui, Batori e Vacca-Cahy, e escolhendo algum descampado rodeado de matas, construiram cabanas cobertas com os despojos de animaes silves-

tres e guarnecidas por tres lados com esteiras, com uma porta pela qual só podiam entrar quatro pessoas. Constava cada aldêa de cincoenta familias governadas por um chefe, eram em geral mais corpulentos que os tapes, mais resolutos, generosos, e habeis em ensinar a diversos animaes a serem-lhes uteis, montavam a cavallo, e suas principaes armas eram frechas e arcos. Segundo Azara os minuanos entraram com seu contingente para a formação do povo de S. Borja em 1690, que o Sr. visconde de S. Leopoldo diz ter sido formado de charruas. O caso é que póde ser que ambos tenham razão, porque corridos os minuanos pelos portuguezes e os charruas pelos hespanhóes, fizeram estes indios uma especie de alliança, e occuparam o terretorio entre os rios Negro e Ibicuy, apesar de que os charruas ordinariamente estavam mais perto da costa do Rio Negro e os minuanos da costa do Ibicuy. Elles adquiriram quasi os mesmos costumes, e tanto que alguns auctores os confundem. O auctor da Cosmographia Brasilica diz que pouco antes da conquista das missões orientaes pelos portuguezes os minuanos invadiram a reducção de S. Borja e lhe causaram grande damno, porém não pude encontrar nenhum pormenor a este respeito. Os minuanos como os tapes estão actualmente todos civilisados. Foram os minuanos que mataram a D. João de Guaray, um dos primeiros conquistadores.

5.° — Charruas. — Esta nação numerosa que matou a D. João de Solis o descobridor do Rio da Prata, era guerreira e cruel, e dominava entre o Rio da Prata, a Lagôa Mirim, e o Uruguay. Inquietados pelos paulistas, que vendiam como escravos quantos podiam colher, retiraram-se á margem septentrional do rio Negro e a alguns sertões da provincia de S. Pedro e das missões orientaes, e se alliaram estreitamente com os minuanos de que acabámos de fallar. Na guerra se serviam além do arco e frechas, de lanças e fundas que manejavam com grande destreza.

Estes indios, diz, referindo-se aos charruas e minuanos, o auctor da Memoria Historica sobre a provincia de Missões dirigida a Felix de Azara em 1785; e estes indios são semelhantes em genio, costumes e modo de viver. Vivem em *tolderias* compostas de parcialidades, bem que regularmente reconhece superioridade em alguns dos caciques d'esse territorio, como o cacique Miguel Caray que hoje ahi domina. Elles são bastante trataveis, guardam fé em seus contractos, castigam os delinquentes, sem permittir que se cause damno a ninguem, se não tem recebido antes algum aggravo, e assim vivem bem com os indios dos povos, menos com os de Japezú porque estes lhes causaram algum damno de que se vingam. Estes indios recebem em suas tolderias e em todo o terreno por onde se estendem a todos os indios guaranis que desertam de seus povos e querem viver com elles, mas devem ter a politica de os avisar que vão viver com elles, ou favorecer-se d'elles. Elles consentem aos hespanhóes de andar pelos campos onde as reducções tem estancias, tirar bois e cavallos que levam clandestinamente a Montevidéo, e em troca de regalos que recebem dos portuguezes lhes consentem o mesmo, os protegem em caso de ataque para que levem para Rio Pardo e Viamão gados dos campos dos hespanhóes e dos Peros.

Parece que o bom natural d'estes indios lhes franquearia a entrada em nossa religião. Esta não lhes é repugnante, mas lhes repugna a sujeição e o regimen das reducções. Ninguem os manda, elles fazem o que querem. No campo encontram muito gado para se sustentar, e não tem bastantes luzes para conhecerem a felicidade da vida civil, e muita malicia para não se deixar sujeitar ao jugo de uma redução. Me parece que nunca elles se reduziram só com a prégação evangelica.

Porém os ultimos charruas tem desapparecido pelas matanças que n'elles fez D. Fructuoso Rivera depois de sua expedição de 1828.

6.°—Tupys.—E' certo que quando Cabral descobriu o Brasil a nação tupy estava de posse da costa maritima d'este grande imperio. Ella devia ter passado em tempos remotos por varias e grandes revoluções, pois que se dividiu até em dezeseis tribus cada uma com seu nome proprio. Citarei algumas que tem mais relação com a historia do Brasil. Os *carijós* habitavam nas vizinhanças de S. Vicente e na ilha de Santa Catharina. Os *tamoios* occupavam os arrabaldes do Rio de Janeiro e se estendiam até perto de S. Vicente, sem conhecer outros alliados que os *tupinambás* seus visinhos com os quaes tinham semelhança em seus habitos. Os *tupininquins* possuiam o territorio de Porto Seguro e se estendiam em uma área de cinco gráos Eram de melhor indole, que as outras tribus de tupys, mais trataveis, mais fieis á sua palavra e mais valentes. Os *tupynais* moravam nas vizinhanças d'estes ultimos com os quaes tinham certa semelhança em suas maneiras. A Bahia e todo o terreno adjacente era occupado pelos *tupinambás* a mais numerosa e mais guerreira das tribus dos tupys. A costa de Pernambuco era em grande parte habitada pelos *cahités* uma das mais ferozes de todas as tribus, e os *tabajarás* occupavam o resto da costa; mais humanos supposto que da mesma qualidade que os precedentes. A região da Parahyba do Norte até o Rio Grande do Norte era habitada pelos *pitagoares* que era a tribu mais cruel de toda a raça dos tupys (11). Todas essas tribus assim como as tupys de Missões de que vou fallar tinham o costume barbaro de devorar os seus prisioneiros, para o que ordinariamente faziam uma grande festa. Uma tribu d'esses tupys conhecida pelo seu nome generico occupava tambem na epocha da entrada dos jesuitas na provincia do Paraguay, os montes da margem oriental do Uruguay em frente á reducção jesuitica de S. Xavier até a de Santo Angelo, sem que se saiba ao certo a extensão de terreno que corriam ao Norte e ao

Sul. São caribes e tão ferozes que nem os tigres os igualam, diz D. Francisco Gonçales Doblas auctor da memoria já citada, vivem nos matos sempre nús, armados de arcos e frechas que tem mais de duas varas de comprimento. As vezes se mostram nas approximações do povo de S. Xavier do outro lado do Uruguay e bem que todas as vezes que isso succede se tenha procurado fallar-lhes, e attrahil-os, mostrando-lhes fitas, barretes vermelhos, milho, &c., nunca hão querido chegar nem esperar, correspondendo com suas frechas com as quaes hão ferido alguns indios nossos quando viam chegar as canôas ou balsas perto da praia onde estavam, retirando-se precipitadamente para o mato. O povo de S. Xavier tinha n'aquelle lado uma pequena estancia (no campo do Serro Pellado nas margens do Juhy Grande) e por causa das invasões d'estes indios, lhes foi preciso abandonal-a. Mesmo que não atacassem as casas (o que ás vezes fizeram como aconteceu de passarem ao occidente do Uruguay, destruir a colonia de S. Francisco de Paula que se formava perto de Cerpus, e fugirem para o mato,) espiavam algum indio que sahisse só, e não podiam ser perseguidos porque logo fugiam para o mato de que nunca se afastavam muito.

No tempo dos jesuitas os indios de S. Xavier aprisionaram um d'esses tupys e o trouxeram ao povo onde procuraram acaricial-o com a suavidade do trato, mas nada pôde-lhes fazer largar sua ferocidade. Não quiz tomar alimentos nem fallar até que morreu. Este caso aconteceu duas vezes. Quando os indios das reducções jesuiticas vão beneficiar a herva nos matos é preciso que vão com precaução de não separar-se, porque os tupys os vigiam do mato á maneira de tigres, e se vêem algum andar só retirado dos outros o atacam, e se não póde escapar o matam e comem.

Os guaranis tem um medo extraordinario dos tupys e d'elles narravam muitos casos incriveis originados pelo terror que

lhes infundiam. Um d'esses era que os pés dos tupys não tem dedos, mas sim dous calcanhares, porque pelas suas pisadas não se conhece se vão ou se vem.

7.° — Bugres. — Nação india barbara e assás numerosa que ainda actualmente vive no vasto territorio que medeia entre o rio Tieté, o Uruguay e a cordilheira, d'onde vem as vezes atacar os habitantes das provincias de S. Paulo, Santa Catharina, Rio Grande do Sul e os fabricantes de herva no departamento de S. Xavier em Corrientes.

Os paulistas os combateram antigamente e os vendiam como escravos. Algumas tribus d'esses indios furam o beiço inferior como os botucudos, outros se distinguem pelos cabellos que cortam em modo de corôa. As casas d'estes indios são formadas de estacas, forradas e cobertas com as folhas da palmeira anã, a que chamam guaricanga: são compridas com a porta mui baixa e sempre situada n'um dos extremos.

Cada familia acende o seu fogo debaixo do mesmo tecto e os individuos que a compoem dormem á roda d'elle estendidos em esteiras com os pés para o lar. Alguns cultivam amendoim, aboboras, feijão e milho; outros fazem algumas panellas para seu uso.

Seria necessario escrever volumes para fazer a historia de todos estes indios, dar a conhecer seus usos e costumes, assim como de muitas outras raças e tribus selvagens de que se fallou no tempo do descobrimento e da conquista d'este paiz da America e no tempo dos estabelecimentos que n'elle existiram ou existem ainda. Algumas d'estas grandes familias ainda existem, porém a mór parte foram destruidas já pelos europeus, já por outros indigenas. Assim mesmo farei aqui uma especie de quadro resumidissimo das principaes.

Os pampas tambem chamados querandis pelos primeiros conquistadores, occupavam errantes a costa meridional do Rio da Prata e se estendiam até á cordilheira dos Andes,

vizinhando nas extensas planicies do Sul com os *arguelo* ou *cesares* que os separavam dos *araucanos* (12).

Os jesuitas tentaram formar duas colonias de pampas, mas foram infructuosas suas tentativas. Os pampas as vezes se alliam com alguns chefes das provincias argentinas, mas em geral fazem avançadas e corridas sobre o territorio de algumas d'estas provincias e carregam tudo o que encontram. A provincia de Buenos-Ayres é à mais perseguida d'elles.

Os jarós que na epocha da conquista habitavam á margem Oriental do rio Uruguay entre a foz do Rio Negro e do rio S. Salvador e que mataram ao capitão João Alvares que foi o primeiro navegador do rio Uruguay; os jarris que habitavam as ilhas do Uruguay pelas mesmas alturas, e emfim os bohanés que moravam na costa Oriental do Uruguay ao Norte do Rio Negro; foram exterminados pelos charruas. Os chanás que moravam nas mesmas ilhas que os jarris d'onde se estendiam as vezes pela costa Oriental do Uruguay que estava em frente; pediram protecção contra os charruas aos hespanhóes de Buenos-Ayres. que com elles formavam a colonia de S. Domingos Soriano em 1650. Tendo-se misturado com os hespanhóes são agora quasi todos considerados como taes, podendo sem embargo ainda se encontrar por ahi algum chaná puro.

Os *nuarás* viviam nas planicies de Xeres. Os portuguezes captivaram toda essa tribu, que alguns auctores chamavam guaranis.

Os *nalimegas* viviam sobre o 21° de latitude a dois dias de viagem das planicies de Xeres, e se compunha de poucas familias que viviam em cavernas; foram os mbayas que deram conhecimento d'elles.

Os *guasaropos* ou guachiés habitavam terrenos baixos e pantanosos nas margens de rios do mesmo nome que desembocam pelo Éste no rio Paraguay pelo 19° 46' de latitude.

Esta nação era pouco numerosa, porém corajosa e valente, e sempre prompta a alliar-se com os mbayas para atacar aos indios ninaquiguilás e as colonias da provincia de Chiquitos.

Os *guatás* no tempo da conquista como ainda agora esta nação pouco numerosa e pouco procreativa, viviam em umas lagôas que os jesuitas chamaram lagôa da Cruz, a qual communica pelo Oeste com o rio Paraguay aos 19° 12'.

Os *aguitequedichagás* habitam a mais consideravel das pequenas montanhas do paiz ao Occidente do rio Paraguay pelos 18 e 19 gráos de latitude, chamado antigamente Santa Lucia e actualmente S. Fernando; são pouco numerosos e mansos, não fazendo guerra a ninguem, chegando de vez em quando até o rio Paraguay para se lavarem ou pescarem.

As mulheres d'essa nação são notaveis como as dos linguás pelo comprimento de suas orelhas que lhes cahem pelas espadoas, e conseguem esse comprimento furando as orelhas e pendurando-lhes pedaços de páo redondos e pesados.

Os *ninaquiguilás* ou potareras se dividem em varias tribus que não sahem dos matos não, fazendo guerra senão para defender-se, sendo elles as vezes atacados por indios residentes ao septentrião do paiz em que residem, que é pelos 19 gráos de latitude a distancia de algumas leguas a Oeste do rio Paraguay; interna-se muito ao O. S. O. no Chaco, e se divide pelo Sul com os guanás e mbayas na provincia de Chiquitos.

Os *guanás* assim chamados pelos habitantes do Paraguay, são conhecidos por algumas tribus de indios pelo nome de *saleguá* e de *chané* que tambem na dita nação contam tantas outras nações quantas divisões ou subdivisões ella contém, o que erradamente tem multiplicado o numero das nações indias. Os guanás cujo nome em sua lingua significa macho, na épocha da descoberta e conquista, habitavam o Chaco, e iam como ainda agora vão em companhias a unir-se aos mbayas

para servil-os e cultivar suas terras sem salario. Por isso estes chamavam escravos seus aos primeiros; doce escravidão a que os guanás se submettiam de sua livre vontade e que abandonavam a seu bel prazer. Além d'isso os proprios patrões ou senhores não mandavam com imperio a seus escravos e repartiam tudo com elles, amavam-os extraordinariamente, recusando as vezes de receber elles mesmos presentes para os destinar a seus escravos que nunca vendiam, mesmo que os tivessem aprisionado na guerra, fiando-se na sua boa fé a ponto que nunca houve prisioneiros que quizessem deixar aos mbayas preferindo ficar com elles, mesmo as senhoras hespanhólas já adultas presas em guerra e talvez mães de familia.

Grande contraste entre o tratamento que os indios mbayas dão a seus escravos e o que as nações civilisadas e christãs deram e dão aos seus.

Pelo anno 1673 uma porção de guanás passaram a estabelecer-se a Leste do rio Paraguay e ao Norte do Tropico, na então provincia de Ytayti e mais para o Sul. Os hespanhóes do Paraguay n'aquelles tempos dividiram os guanás em 6 hordas principaes.

1.º A Sayana ou Eguaachigo habitando ao Norte do rio Jesuy.

2.º A Chabaraná ou Echoaladi habitando o territorio da colonia de Caazapá aos 26 gráos.

3.º A Equiniquinao no Chaco a 8 leguas do rio Paraguay.

4.º A Ethelená da qual uma parte vive junto aos precedentes e a outra á Leste do rio Paraguay sobre uns montes chamados Echatiga e Nogoná.

5.º A Niguecaetamia habitada a um dia de viagem do rio Paraguay aos 21º 32' de latitude e fórma quatro colonias ou aldêas.

6.º Emfim a Echoroaná em grande parte reunida aos mbayas

e moram em umas eminencias a Leste do rio Paraguay pelos 21 gráos.

Alguns faziam subir o numero dos guanás a vinte mil individuos, mas Azara não lhes dá mais de oito mil e trezentos, sendo todavia a mais populosa e mais mansa das nações indias depois dos guaranis.

Cada horda d'esses indios fórma uma aldêa, estabelecendo suas casas construidas de madeiras em redor de uma praça quadrada mais ou menos espaçosa segundo o numero dos indios. Elles recebem com hospitalidade aos viajantes de qualquer parte que venham, fornecem-lhes casa, sustentam-os e os acompanham até os confins de suas terras. Mantém um pequeno numero de cavallos, de vaccas, de ovelhas, e vivem do producto da agricultura que é a mesma que a dos habitantes do Paraguay. O numero dos varões é n'esta nação muito superior ao das mulheres, cuja desproporção vem do barbaro costume da maioria das mulheres guanás de matarem as meninas ao nascer, retirando-se quando estão para ter o seu successo a um lugar solitario no campo; e apenas livres, se o que nasceu é femea fazem um buraco no chão e enterram a criança viva, e voltam ás suas casas alegres como se nada tivesse acontecido. Baldados tem sido os esforços dos hespanhóes para lhes fazer perder este barbaro costume.

Os mbayas são chamados tambem taguanich e guaiquilot por outros selvagens.

Na épocha da conquista habitavam o Chaco na superficie de dois gráos de latitude os 20° e 22° e se dividiam em grande numero de hordas.

Já vimos que eram vizinhos dos guanás que tinham como escravos Em 1661 passaram a Leste do rio Paraguay, atacaram a reducção de Santa Maria de Fé dirigida pelos jesuitas, mataram muitos indios, fizeram fugir outros; continuaram sua expedição para Leste e destruiram a cidade hespanhóla

de Xeres. Então uma parte d'elles voltaram ao Chaco e a outra ficou no mesmo paiz.

Em 1673 foram atacar a colonia de Ypané, mas sendo presentidos, os habitantes d'esta colonia, os de Guaramberé e de Atira fugiram e se retiraram á capital do Paraguay: ficaram os mbayas donos da provincia de Ytati a qual principiava pelo rio Jesuy até o lago Xaray sem passarem ao Oeste do rio Paraguay, e mudaram o nome dos territorios e rios da provincia, produzindo assim uma confusão para a geographia e demarcação de limites. Avançaram depois para o Sul, devastaram a colonia de Tobaty, atacaram os hespanhóes que mataram em grande numero, postaram-se contra a cidade de Curuguaty, e pouco faltou que não exterminassem a todos os hespanhóes do Paraguay. Em 1746 fizeram pazes com os hespanhóes e se estabeleceram pelo tropico do capricornio não distante do rio Paraguay e voltaram suas armas contra os caayguás, aguitoquedichagá, ninaquiguilá, contra as colonias das provincias de Chiquitos e atacaram os portuguezes de Cuyabá.

Esta nação é dividida em muitas hordas que se reduzem a quatro principaes, a Catiguebó a Tchiguebó, a Gueteadebó e a Beutuebó; as quaes ainda se subdividem: a primeira divisão habita a vizinhança do Lago Oyola á Oeste pelos 21 gráos; as tres ultimas divisões moram as de Neatequidi e Noateliya entre os 20 e 21 gráos a Leste do rio Paraguay o numero total dos individuos d'esta nação chegava a perto de quatro mil.

Os mbayas são de estatura alta, fortes, bem formados e elegantes. Elles se consideram como a nação mais nobre, mais generosa e mais valente do mundo, porque quanto ás qualidades physicas se julgam superiores aos hespanhóes que de muito tempo se crêem superiores a todas as nações da Europa.

Eis a linguagem que Azara põe na boca de um sabio mbaya sobre a origem d'elles: « Deus criou ao principio

todas as nações numerosas como o estão hoje, e não satisfeito da criação de um só homem e de uma só mulher, espalhou esta sua obra por toda a superficie da terra, depois lhe veio á mente criar um mbaya e a mulher d'este, e havendo já cedido toda a terra áquella outra gente, sem que ficasse parte nenhuma n'ella para suas novas creaturas, mandou o passaro chamado Caracará dizer em seu nome ao mbaya que sentia muito não poder-lhe designar um terreno para habitar, e que tendo reflexionado n'isso só tinha creado dois mbayas, mas que por compensação impunha á sua geração de andar sempre errante sobre o territorio dos outros, de fazer sem cessar guerra a todas as nações, de matar todos os homens adultos, e de conservar as mulheres e as crianças para augmentar o numero da sua geração.

Jámais preceito divino foi mais escrupulosamente observado, nota o mesmo Azara, de que as ordens trazidas pelo Caracará aos mbayas, exceptuando sem embargo os seus caros guanás que já temos visto que eram carinhosamente tratados por elles.

As occupações dos mbayas são pescar, caçar, e fazer a guerra. Seus escravos são numerosos. O mbaya mais pobre tem tres ou quatro para o servir, que trabalham na terra, cuidam dos cavallos e de todos os outros misteres. Os homens são em geral affectos a toda especie de alimentos, porém as mulheres solteiras nunca comem carne nem peixes que tenham mais de doze polegadas de comprido, e as mulheres casadas que são as mais seductoras e menos difficeis de todas as indias e que como as guanás tem o barbaro costume, que tambem tem as guayanás de procurarem o aborto, não comem carne de boi nem de alguns outros animaes, e ha certos tempos em que se sustentam de legumes unicamente ou de fructas, e sob nenhum pretexto se permittem comidas preparadas com graxa. Crêem que uma mulher que em seu tempo critico comesse peixe, criaria chifres.

Ha uma singularidade na linguagem dos mbayas. São differentes as significações das palavras, segundo são proferidas por mbaya solteiro ou mbaya casado; de maneira que um estranho suppõe que esta nação falla duas linguas. Aproveitando esta occasião notarei outra extravagancia que se encontrava na cidade de Curuguaty no Paraguay, onde as mulheres só sabiam fallar o guarani, em cuja lingua conversavam com os homens, emquanto estes entre si unicamente fallavam o castelhano. O mais curioso é que os hespanhóes nascidos no Paraguay em geral só fallam o guarani.

Os melhor educados unicamente conhecem o castelhano. O motivo d'este phenomeno, é que os hespanhóes fundadores d'aquella cidade casavam-se cóm indias guaranis que ensinavam sua linguagem á seus filhos, que depois estudavam o hespanhól por ponto de honra e para provar que eram de origem europea.

O que não aconteceu em todas as partes do Paraguay, onde a maioria dos hespanhóes excepto os mais distinctos, descuidaram-se da sua propria lingua e só fallam guarani.

Payaguás. — Essa nação forte e poderosa deu seu nome ao rio Paraguay, que se chamava ao principio: Payaguay ou rio dos Payaguás, nome que os europeus alteraram e estenderam ao paiz. A' chegada dos primeiros hespanhóes os payaguás, divididos em duas hordas, partilhavam o dominio do rio Paraguay, não permittindo sua navegação a ninguem. Uma d'ellas habitava aos 21 gráos nos terrenos occupados hoje pelos mbayas. e a outra aos 25 gráos, e se denominavam *Cadiguè* e *Mayachi*. Mas os hespanhóes deram o nome de payaguás á divisão mais septentrional, e de *Agares* á outra, e acabavam de fazer desapparecer este ultimo nome para dar a todos o nome geral de payaguá.

Hoje os septentrionaes se chamam *sariguês* e os meridionaes *tacumbús*.

Foram estes tacumbús antigos agans que mataram quinze homens a Gaboto e outros quinze a Oyola, e que mais, rio acima, mataram o mesmo Oyola com duzentos companheiros. Destruiram um estabelecimento hespanhól junto ao rio Jesui e a colonia dos indios ohomas e ameaçaram outras. Foram grandes inimigos dos hespanhóes e dos portuguezes de Cuyabá e de quasi todas as nações de indios; e pouco faltou que não exterminassem todos os habitantes do Paraguay. Porém reparando no augmento da povoação hespanhóla no Paraguay e da portugueza em Mato Grosso, e não se sentindo com forças para lutar com elles, vieram á Assumpção offerecer-se para uma liga offensiva e deffensiva com os hespanhóes, entrando n'um artigo d'esta proposta o serem admittidos a residir na capital do Paraguay, o que se effectuou no anno 1740; e desde esta épocha em que os tacumbús se fixaram na Assumpção, tem sido para os paraguayos não só alliados fieis na guerra como habitantes mui uteis; subministrando aos hespanhóes peixes, cannas, canôas, remos, madeiras, cobertores, ferragens para cavallos e outros objectos, prestando-lhes outros mais serviços. Convertem o producto do seu commercio em aguardente, carne &c., e tem conservado seus antigos habitos, não reparando nos costumes dos hespanhóes. Em 1790, os sariguès se reuniram aos tacumbús e com elles vieram viver na Assumpção, formando entre todos um total de mil individuos pouco mais ou menos. Poucos tem consentido em se fazer baptizar, e julga-se que seria motivo de uma guerra obrigal-os a isso. Todo o divertimento dos payaguás é de embriagar-se, a cujo vicio são summamente propensos.

Guaycurús. — Esta nação india é uma das mais celebres na historia do Paraguay. Era ella numerosa e seus individuos eram crueis, valentes e de alta estatura. Habitavam o Chaco quasi em frente á Assumpção. No tempo de Azara essa nação estava quasi extincta; se bem que d'ella ainda se podem en-

contrar alguns individuos. As mulheres dos guaycurús tinham o mesmo custume das mbayas de promoverem o aborto.

Lenguá. — Nação errante que vivia no Chaco na vizinhança dos guaycurús, cujas historias quasi se confundem: se existem ainda alguns lenguás devem ser mui poucos, porque em 1794 só havia quatorze homens e oito mulheres d'essa nação india.

Machicuiy ou cabanataith, manoy: existem no interior do Chaco sobre as margens dos arroios Laeta e Nelquata que desaguam no Pilcomayo, antes que este rio passe por terrenos innundados e se una ao Paraguay. Esta nação se divide em dezenove hordas cujos nomes não se podem quasi pronunciar nem escrever. Uma d'estas vive em cavernas subterraneas onde só penetra a luz por uma pequena porta. As outras fazem casas portateis e se parecem com os lenguás. Póde ter mil e quinhentas pessoas que vivem de caça, de rebanhos e de alguma agricultura. Estimam muito os cães.

Enimaga ou cocaboth, tabosle; eram divididos em dois bandos, e habitavam a costa meridional do rio Pilcomayo na parte mais interna do Chaco. Narram que tinham reduzido á escravidão aos mbayas, mas que sendo os primeiros muito orgulhosos e ferozes, declararam a guerra aos guentusè na qual aquelles perderam muita gente, circumstancia que aproveitaram os mbayas para retirarem-se d'elles e mudarem-se para o Norte.

Fizeram então os enimagas alliança com os lenguás, não deixando de guerrear as outras nações indias, o que reduziu o seu numero, retirando-se uma parte d'elles para o Norte. sobre as margens do rio que desagua no Paraguay chamado Flagmagmeg-tempelà, e a outra parte mui pequena se aggregou a um hespanhól Francisco Amazio Gonçales, que a sustentou. Alimentam-se de caça e dos productos da agricultura a que dedicam alguns escravos que tem. As mulheres não tem o barbaro costume de se fazerem abortar, mas esta nação

é mais que todas propensa ao divorcio, e Azara conheceu um individuo que aos trinta annos tinha repudiado seis mulheres e casado com uma setima.

Guentuzé. — Esta nação dividida em duas hordas habitava o Chaco em frente aos enimagás dos quaes ficaram tão amigos que emigraram com elles. São mansos e só fazem guerra para se defenderem; são parecidos com os lenguás com excepção das mulheres que não procuram abortar. Vivem de caça e de cultura, cultivando a terra com cavallos, bois e com arado.

Tem por costume semear alguma cousa em todos os lugares por onde passam, para colher no seu regresso, tendo uma vida bastante errante.

Tobá, ou natocaet, yncanabaetè; pequena nação que habita no Chaco entre os rios Pilcomayo e Vermelho.

São parecidas com os pitilagás seus vizinhos e tem alguns usos dos payaguás e dos lenguá. Caçam e tem alguns rebanhos de ovelhas e vaccas.

Debalde os jesuitas e outros procuraram reduzil-os.

Pitilagá. — Nação de duzentos combatentes que vivem em uma aldêa sobre o rio Pilcomayo e perto dos Tobá, n'um districto que tem uma legua de agua salgada; passam em porções o rio Paraguay para roubarem gado e cavallos aos hespanhóes.

Aguilot. — Nação composta da metade da gente que contam os pitilagás com os quaes vieram viver, deixando o interior do Chaco e margens do rio Vermelho aonde permaneciam. Julga-se que não differem dos mocoby.

Mocoby. — Nação feroz, orgulhosa, bellicosa e temivel, que se divide em quatro hordas que podem dar dois mil combatentes, moradores sobre as costas dos rios Vermelho e Ipita no interior do Chaco. Não conhece agricultura, vive de caça e de alguns rebanhos que tem e do gado que rouba aos

hespanhóes do Paraguay, de Corrientes e de Santa Fé. Por causa do damno que esta nação causa a estas nações civilisadas, tem-se procurado com esmero reduzil-a e com effeito ainda existem no territorio de Santa Fé, as povoações de S. Severino, de S. Pedro, e de Inispin que não são christãos e nada tem de civilisadas, formadas por indios d'essa nação.

Apiponi ou meponis, ecusgina guiabanabaité.—Parecidos com os mocoby com os quaes tiveram guerras terriveis, pedindo os apiponi a mediação dos hespanhóes que com elles em 1748 formaram a colonia de S. Jeronymo. Confiada aos jesuitas, em 1770 a de las Garzas, onde permanecem contumazes a seus antigos usos.

Em outro tempo viviam no Chaco sobre os 22° de lat. São dados á embriaguez, crueis em suas festas, e tem horror aos defuntos, os quaes carregam logo para fóra de casa, e sepultam de maneira a não deixar vestigio que procure sua lembrança, e immolam sobre a sepultura os cavallos da maior estimação do finado. Os homens usam chapéos e as mulheres andam como as hespanhólas pobres.

Vilelá e epumpy habitavam no Chaco na vizinhança da cidade de Salta ao sul do rio Vermelho; são pacificos, vivem de caça, pesca e culturas.

Orejones que habitam a ilha de Orejones, lavradores. amigos dos hespanhóes.

Jarayè, nação cuja corpulencia denotava muita força e que no tempo da conquista vivia em terrenos baixos sugeitos á inundação, que formam hoje a provinc a brasileira de Mato Grosso. Suppõe-se que são os indios actualmente chamados bororós pelos brasileiros.

Existiam outras nações de indios na provincia de Chiquitos, que todas foram redusidas pelos hespanhóes de Santa Cruz de la Sierra e pelos jesuitas na referida provincia de Chiquitos.

Actualmente ainda existem no Chaco varias nações de indios chamados na Confederação Argentina indios do Norte, que as vezes sahem em grande numero para invadir a Confederação como acaba de acontecer. Póde-se ler na *Epocha* de Gualeguayassú de 16 de Outubro d'este anno 1859, a derrota de varias nações de selvagens pelo tenente-coronel D. Telmo Lopes, no lugar denominado Zanyon de las Conchitas, cujos selvagens tendo tres caciques á sua frente iam invadir as provincias de Santa Fé, Cordova e talvez Santiago.

Entre Santa Catharina e o Rio da Prata immediatos ás reducções orientaes do Uruguay existiam uns gentios denominados Guanaôs pelos jesuitas que talvez tivessem relação ou se confundiram com alguma das nações barbaras já descriptas.

Seus ranchos a que chamavam esteiras, são formados de esteiras de palhas compridas que prendem á umas estacas, servindo as esteiras de paredes e de telhado á habitação. Nas vastas planicies do territorio que occupam (na provincia do Rio Grande do Sul), ha numerosos rios e capões, criam muito gado do qual se sustentam, assim como da caça, roubando as vezes gados das estancias dos jesuitas. Frequentam as reducções orientaes, Japeyú, Cruz e S. Thomé para comprar fructas. Quando lhes fallecia algum parente proximo, se aparavam os dedos, de maneira que os velhos quasi já não tinham dedos.

Os jesuitas tinham formado uma reducção d'estes indios, sob o patrocinio de Santo Antonio, poucas leguas ao sul de Japeyú nas terras dos Jaros, sendo seu cura o padre Francisco Ricardo, flamengo, que sendo superior de todas as missões morreu como apostolo, cheio de meritos em 1672. Mas no dia seguinte á uma festividade, todos os indios desertavam do povo, dizendo que não queriam um Deus que enxergasse tudo e estivesse em toda a parte, e que elles

viviam mais a seu commodo nos bosques sem serem tanto registados por suas divindades. Havia muitas cobras e sobre tudo cascavel de que curavam as mordeduras com a *herva da vibora*. Vide a carta do padre Garcia que trata d'estes indios.

Gentios no Brasil.

No Brasil era grande a multidão dos gentios e não se podia caminhar seguramente pelo interior das terras, onde se encontravam numerosas povoações de indios armados, que viveram sempre em discordia uns contra outros. O que facilitou o estabelecimento dos portuguezes, que não teria podido effectuar-se, se os indios tivessem sido unidos. Assim mesmo os luzitanos tiveram que lutar com muitas difficuldades, mas pouco a pouco foram afastando da costa do mar aos gentios.

A lingua d'estes indios era uma em toda a costa, viviam nús homens e mulheres, e dormiam em redes. Não tinham rei, nem justiça. Em cada aldêa havia unicamente um principal, ao qual os gentios obedeciam por vontade e não por força. Morrendo este, seu filho o substituia; mas não tinha outra funcção senão a de levar sua gente á guerra e de os aconselhar na maneira de se governar; não castigava seus crimes, nem lhes mandava nada que não fosse do seu agrado. Este principal tinha tres ou quatro mulheres, sendo a primeira mais estimada. Não adoravam cousa alguma, segundo um chronista castelhano que já citei e que sigo n'esta narração; nem criam na vida futura com remuneração para os bons e castigo para os máos, antes acreditavam que tudo se acabava na morte e com estes principios viviam como verdadeiros brutos.

Mui guerreiros, sempre estavam em guerra uns contra

outros, e eram mui inclinados a brigar. Servindo-se de arcos e frechas em cujo manejo eram mui destros. Quando iam á guerra sempre contavam com a victoria certa, e era curioso ver tres ou quatro mil homens brigar com outros tantos, nús uns e outros, e fazendo com a maior ligeireza evoluções para não serem apontados, assim mesmo eram mui atrevidos e mostravam desprezo da morte. Não faziam prisioneiros, matavam e comiam os que encontravam, mas se no impeto do combate alguns dos adversarios escapavam, levavam-os para suas aldêas. Poem ao captivo uma soga grossa ao pescoço para que não se escape, e lhe dão uma rede para dormir. Dá-se-lhe uma india moça das mais bonitas e honradas para que durma com elle, e o guarde, e não o perca de vista e lhe dê de comer.

E ao fim de cinco mezes, prazo designado para o matar, preparam uma grande festa com muito vinho com que se embebedam, e que fabricam com hervas. No dia designado para a morte do captivo, levam o infeliz ao rio ou á fonte para o lavar no meio de muitas cantigas, e de volta o atam pela cintura com quatro cordas mûi compridas, que seguram em cada ponta quatro indios, para que elle não possa fazer grandes movimentos. Ao mais valente do lugar compete matar o captivo, o qual vem com todo o corpo enfeitado de pennas de diversas côres e com uma *macuna* na mão.

Vomitam mil injurias contra elle, e contra os habitantes de sua terra e dão-lhe um golpe na cabeça: logo que cahiu, acode uma china velha com uma bacia para lhe receber o sangue e os miolos, e comem todo o seu corpo, mais por vingança, do que para saciar seu appetite, e assim vão-se perpetuando as inimizades entre os gentios de todas as aldêas. Se a mulher que cuidava d'elle ficou pejada, os infieis comem a criança logo que nasce. Estas mulheres muitas vezes, sabendo o fim que espera a seus filhos pro-

curam abortar, e tem acontecido tambem affeiçoarem-se ellas tanto aos captivos de que deviam cuidar, que tem procurado meios de fugir e os tem acompanhado á sua terra para os livrar da morte, e d'esta maneira se tem libertado alguns portuguezes. Mas ha alguns indios tão brutos que se lhes proporcionando a occasião de escapar-se e de se salvar, não o tem querido fazer com receio de que seus parentes os tratassem de cobardes. Estes indios são mui inhumanos, não tem compaixão de ninguem, vivem sem nenhuma ordem: são mui dados á sensualidade e assim mesmo homens e mulheres mostram alguma decencia em publico. Todos são anthropofagos, e a unica caridade que exercem é de repartir quando comem aos que se acham presentes, as suas iguarias, por poucas que ellas sejam. Os homens tem furado o labio inferior e por galanteria n'elle tem uma pedra embutida. Outros tem muitos buracos no rosto e n'elles pedras encaixadas, o que os torna mui disformes e feios. Arrancam a barba e todo o pello do corpo, excepto os cabellos da cabeça, e alguns o tem todo pintado. Os que se tem distinguido por algum acto de valentia, tem signaes particulares pintados no corpo. As mulheres apreciam seu cabello que trazem mui comprido. As pinturas se fazem com o sumo de uma herva, que se torna negra, e que desapparece só depois de nove dias. As indias guardam fidelidade a seus maridos que são zelosos, e se fazem casamentos entre tios e sobrinhos. Entre ellas ha mulheres que promettem viver em castidade, para o que affrontam a morte. Estas deixam as occupações de seu sexo, imitando em tudo os homens, cortando como elles os cabellos, indo á guerra e caça com arco e frechas. Estes gentios vivem sem cuidado de nada, só tratam de comer, beber e de matar gente, por isso são mui gordos, se bem que enfraquecem pela menor contrariedade, seguem os conselhos dos velhos que prezam muito. Logo que as mulheres tem concluido o

seu parto se lavam e ficam logo boas, e em seus lugares seus maridos ficam nas redes, sendo visitados como se elles fossem os paridos. Quando algum morre o enterram sentado sobre os pés com a rede em que dormia, e nos primeiros dias lhe levam comida, pensando que elle dorme na cama. Estes gentios não procuram negociar; sem embargo cobiçam as camisas e ferramentas que vem de Portugal e em troca entregam escravos que se roubam uns aos outros.

Em sua excellente *Historia Geral do Brasil*, o Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen, tratando do mesmo assumpto, faz algumas observações mui sensatas que se applicam em geral aos indios que habitavam o Brasil e a grande provincia do Paraguay.

« Essas gentes vagabundas, diz elle, tom. 1.° pag. 99, que « guerreando sempre, povoavam o terreno que hoje é do « Brasil, eram segundo parece, verdadeiras emanações de « uma só raça ou grande nação; isto é, procediam de uma « origem commum, e fallavam todas dialectos da mesma « lingua, que os primeiros colonos do Brasil chamavam *Ge-« ral*, e era a mais espalhada das principaes da America « Meridional.

« Esta unidade de raça e de lingua, desde Pernambuco « até o Porto dos Patos, e pelo outro lado quasi até as cabe-« ceiras do Amazonas, e desde S. Vicente até os mais aparta-« dos sertões, onde nascem varios afluentes do Prata, explica « a rapidez do progresso das conquistas feitas pelos colonos « do Brasil (o que diremos tambem pelos colonos da Hespa-« nha), que onde a lingua se lhes apresentou outra, não con-« seguiram tão facilmente penetrar.

« Salvando pois com excepção o facto de algumas tribus « de nacionalidade differente e que no grande terreno que « nos occupa formavam, como pequenos oasis ilhados e sobre « si, em que se haviam estabelecido caravanas refugiadas ou

« transmigradas, eram dialectos da mesma lingua como « dissemos, as que se fallavam em geral por toda a extensão « do Brasil; e a identidade de nomes geographicos, e. com « raras excepções dos das plantas e animaes, são sufficientes « para nos deixarem d'isso a mais convincente prova. »

Confrontando os poucos livros da lingua *geral* dos indios que foram escriptos no Brasil, com os um pouco mais extensos porém muito raros da lingua guarany, escriptos no Paraguay, encontra-se n'elles uma differença puramente accidental, como temos tido occasião de o verificar. O Sr. Vanhagen entra em seguida a elucidar a questão do nome das nacionalidades dos selvagens por meio da propria lingua d'elles, e procurando convencer de que tantos nomes de nações diversas de indios de que estão cheias paginas de livros não são mais do que ***alcunhas com que se designavam as cabildas visinhas umas ás outras, alcunhas que em geral serviam a denunciar-se se odiavam ou respeitavam, e se se consideravam ou não com certa distincção, em virtude de algum bom ou máo costume ou qualidade particular.***

Eis um breve resumo d'este importante trabalho do Sr. Varnhagen.

Tupy é o nome generico pelo qual eram conhecidos os selvagens na vasta extensão de que tratamos, os quaes tendo provavelmente sua origem nos densos matos das margens do Amazonas por terra e por agua, ao norte e ao sul, quaes *Jazões* da nossa mythologia, quaes *Fenicios* da nossa historia antiga, são os nossos invasores normandos em tempos barbaros. Sem dar outra origem a estes *tupys*, do que as fortes inducções de que em remotas eras estaria a America em communicação com outros continentes da terra. A palavra *tupy* significa *tio*, e poder-se-hia talvez tambem usar por *camarada* ou *companheiro*. Os indios só consideravam o parentesco do lado paterno, e depois do pai o parente mais recommendavel

era o tio paterno mesmo de preferencia ao irmão; não ha pois admiração de que á imitação da *antiguidade*, os barbaros adoptassem este termo para reciprocamente se tratarem. Os adjectivos ***mbá***, ***iki***, ***aem***, &c., que accrescentavam varias tribus a este nome generico de ***tupy***, eram modificações que estabeleciam certas distincções. Assim ***tupinambá***, que pareceu ser o tronco nacional dos indios do Brasil, pois a este nome respondiam os barbaros de suas diversas capitanias; ***tupinambá***, composto de ***tupy*** e ***mbá***. Tupy significando tio, camarada, companheiro, e mbá illustre ou guerreiro. Supprimiam o adjectivo mbá, se a tribu se fraccionava, se cessava a liga ou amizade. ***Tupi-n-aém***, quer dizer: tupys máos ou perversos.

Tupi-n-ikis, quer dizer: tupys visinhos.

Tupinamburánas ou tupinambas bravos, aquelles que d'elles se separavam por alguma rixa. Os assim separados sobrenomeavam as vezes ***tamoy*** (d'onde veio tamoyos) ou avós, aquelles de quem faziam brazão de proceder; e para melhor sustentarem tal brazão se appellidavam a si ***temiminós*** ou netos.

Outras vezes se davam simultaneamente o nome de gente estimada; isto é, ***guayá*** ou ***guayá-ná***, d'onde veio ***guaianes*** e ***guaianazes***. ***Amóipirás*** póde significar parentes afastados, e ***anaces*** quasi parentes. Outros ***tupys*** se denominavam ***guaranis***, expressão que quer dizer ***valentão*** ou guerreiro. D'esta geração eram os chamados ***caribes caraibes***, ou ***calybes*** que habitavam a Guyana, muitos dos quaes haviam chegado. com suas invasões maritimas até as Antilhas; e que temos visto nas bacias dos rios Paraguay, Paraná, Uruguay e mesmo do Rio da Prata.

Seguindo com esta analyse, applicada a muitos outros nomes que até agora se nos inculcavam como distinguindo nacionalidades se vê que eram ***alcunhas***.

Assim o eram do odio os nomes de ***maracayás*** ou gatos bravos quando contra elles estavam assanhados e em guerra: de ***nhengaibas*** ou más-linguas: de ***tibirás*** ou infames. Eram de respeito e de consideração as de ***tamoyos*** ou avós, e de ***mbeguás*** ou pacificos. ***Bugres*** significava ***escravos***. ***Caboclo*** foi expressão que os colonos adoptaram por antithese á de ***emboaba*** ou ***perni-vestido***, dado pelos indios aos europeos por trazerem calças.

Caboclo quer dizer pellado, alludindo-se ao uso dos indios de se arrancarem o cabello do corpo e da cara. Foram chamados ***botocudos***, os indios que furavam os beiços ou a cara, pondo no buraco um grande ***botoque; coroados*** os indios que deixavam crescer a guedelha, ou usavam de cercilho; mas cujo uso mais geral era tosquiar e aparar o cabello mui regularmente, por uma linha que passava pelo cimo das orelhas.

Podemos considerar como alcunhas de distincção os seguintes ainda: ***ubirá-jáms*** ou caceteiros. ***Poty-uaras*** ou pescadores de camarões. ***Taba-járas*** ou aldeões, isto é, que habitavam em aldêas. Guatós ou navegadores. ***Guaita-cá*** ou corredores. ***Ca-iapo*** ou salteadores de matos.

Cary-yó ou descendentes dos brancos ou dos anciões, ***juru-una*** ou boccas-negras por levarem os labios pintados de preto.

Tremembés ou vagabundos, nome este só dado pelos que habitavam aldêas e eram ***tabajáras***. ***Camacans*** de ***cuam-akam*** que significa cabeças enrodilhadas.

Purus ou ***purıs*** não quer dizer senão anthropofagos. O nome de ***curúmará*** nos denuncia que a praga da sarna assolava os desgraçados que o levavam.

Outras denominações ha que não se podem nomear para não excitar idéas deshonestas.

Nota o mesmo Sr. Varnhagen que taes alcunhas não só tinham lugar entre os d'esta raça como tambem entre outros

da America. Assim o nome de *aimarás* ou saccos, provinha das camisolas que vestiam estes indios. O de *moxos* ou molengas era dado pelos mesmos aimarás aos visinhos que elles desprezavam. *Otauás* na lingua Norte-americana mais espalhada que os francezes chamaram *algon-quina* quer dizer traficantes; e mascutinos significa habitadores de varzeas.

Depois de ter escripto o 1.º artigo d'este capitulo encontro o que segue no *Correio do Sul* de Porto Alegre. Julgo que esta nova tribu de indios é uma ramificação dos mbayas de que fallei n'este mesmo artigo e que tambem eram chamados paypanich e *guaiquilet*; ora de *guayaquil* a *guayquilet* não ha muita differença, sobre tudo sendo estes nomes unicamente pronunciados e não escriptos. Seja o que for, para completo conhecimento das nações indiaticas que existiram ou que existem na provincia do Paraguay, achei necessario inserir o artigo do *Correio do Sul*.

Lê-se no *Correio do Sul* n. 54 de 6 de Março de 1861.

Tribu Indiana.

A *nacion* de Montevidéo dá os seguintes pormenores ácerca de uma nova tribu de indios ultimamente descoberta no interior do Paraguay. « Communicou-nos um amigo uma noticia summamente interessante a respeito de uma tribu descoberta no Paraguay ha alguns annos. Foi-lhe remettida essa noticia por pessoa respeitavel residente n'aquella republica. »

« A tribu tem o nome de *Guayaquil*, os seus instinctos são inteiramente os de animal irracional. O individuo que refere a existencia d'esses seres dá os seguintes detalhes:

« Os *guayquiles* não participam como todas as raças sel-

vagens da susceptibilidade de modificar-se; é inteiramente negativa. Tomei um menino de dois annos e tratei de educal-o por humanidade, e para convencer-me do que podia o methodo em uma criança que havia nascido como os potros no deserto. Doze annos esteve comigo sem aprender uma palavra ou um movimento que indicasse um ente racional. Mas este ente mudo, irracional quiz surprender brutalmente a castidade de uma mulher, e desde então o expellí da minha casa.

Os habitos d'esta raça são inteiramente selvaticos, trepam em arvores como ourangotangos sem participar do modo d'esses animaes: antes tem o typo da creatura racional perfeitamente desenvolvido.

Não se sabe que lingua fallam, pois que nenhuma tem, apenas um grito penetrante ao encontrar-se ou separar-se: assignal-a n'elles o principio de sensibilidade organica, comem as fructas das arvores sem distincção tanto as verdes como as maduras, e o seu immenso prazer é estarem ao ar livre. Alimentam-se de hervas e parece que das carnes cruas dos animaes dos bosques. Eis a noticia d'essa nova e estranha raça da humanidade que o nosso amigo recebeu da pessoa a que nos referimos.

Indios selvagens que moram nos sertões do Uruguay e do Paraná na actualidade (13)

Quatro tribus de indios selvagens moram nos sertões do Uruguay e do Paraná. A primeira tribu maior de indios. conhecidos pelo nome de *cuimans*, occupam o sertão de toda a margem direita do Paraná, e da esquerda do mesmo até a barra do Iguathí para o Norte. Tem estes indios um chefe central ou cacique superior, ao qual dão o titulo de — menagem —, o que não se move. Relacionam-se com os pa-

raguays, e conservam um encarregado por Villa Rica temporario para representar em nome do dito chefe. Consta que estes indios são estaveis em um centro e independentes, mas que pouco commercio fazem com os paraguays, pela grande distancia em que se acha o seu centro no mesmo sertão da fronteira e parte povoada da mesma republica.

A segunda é a tribu de guayanazes que occupa o sertão da margem esquerda do Paraná, do Iguassú para o sul, tendo por centro o campo denominado Nhuguassú ou Campo Grande. Dizem uns que estes indios são oriundos de povos jesuiticos e que em tempo de Artigas, pelos annos de 1817 a 1819 se refugiaram ao sertão em numero de cem almas e que foram occupar aquelle campo, e que ainda conservam os habitos e costumes das communidades jesuiticas missionarias, que tem uma imagem da Conceição, a qual adoram e reverenciam como padroeira; outros dizem que a tribu guayanaz é de uma familia guarani que não chegou a ser reduzida, e que por sua boa indole se reunira áquella fracção de indios guaranis de povos christãos e que pela mesma raça e lingua a que pertenceram se ligaram em commum. Costumam estes indios descer pelo Paraná em jangadas e canôas muito mal construidas á Itapúa a venderem aos paraguays mel, cera, balaios, herva e outros generos de sua industria; são doceis, porém quando vão á Itapúa em pequeno numero, são tão unidos e reservados, que por mais que os acariciem nada descobrem dos mesmos indios. O governo d'aquella republica, mandou o coronel Oyedas com uma força a explorar o sertão pela margem esquerda do Paraná, o qual coronel chegou a encontrar um affluente do mesmo Paraná onde lhe appareceram indios do lado opposto do dito affluente fallando o guarani, e intimando ao dito coronel que não consentiam que proseguisse na exploração, do que resultou o mesmo retirar-se; presumiu o explorador, que fossem

guayanazes, e a consequencia de não terem os mesmos voltado á Itapúa desde então, é a prova incontestavel, que os ditos indios já eram conhecidos com os mesmos paraguays.

A terceira é a tribu de indios errantes no sertão entre o Uruguay e Paraná, aos quaes dão o nome de guayaquis, mui timidos e estupidos, não chegam a falla de outros estranhos d'elles; dizem serem d'estes indios os que tem apparecido pelas serranias de S. Xavier; porém mui cobardes; tem-se dado casos de encontros inesperados com um e dois homens hervateiros, e de despararem os indios deixando porretes e frechas, que são distinguidas dos das outras tribus de indios por mui pequenas. Uma mulher brasileira de nome Maria Antonia, que mora hoje no porto do Uruguay em frente á S. Xavier, habitando em outro tempo além do dito rio, e perto do mesmo povo deserto, tinha o seu rancho immediato ao mato onde tinha uma roça de milho, e indo um dia á mesma roça, ficou surprendida com o achado repentino de uma porção de frechas, porretes, balaios e algumas espigas de milho que deixaram na mesma roça os indios: sem duvida de susto ao vel-a os bugres dispararam, o que suppoz ella serem guayaquis, pelos instrumentos que deixaram. A que raça e lingua pertencem estes indios não ha tradicção, mas da indagação que mais se aproxime á possibilidade do principio oriundo d'esta horda de indios, é que algum casal perdido pelas matas, do tempo dos jesuitas, tenha sido o seu principio, e que degenerada tem chegado ao estado de bestialidade e idiotismo.

A quarta familia de selvagens, é a fracção da tribu de coroados, que se separaram do cacique Fongui e de outros que estão reduzidos, seguindo aquella ainda no estado selvatico encabeçado pelo cacique Chico, que escapou da horrorosa carnificina e immoralidade praticada pelos moradores dos coritibanos quando passaram a degolar porção de

indios que se lhes tinham apresentado. O cacique Pruden'e diz que estes indios moram pelo sertão da margem direita do Uruguay percorrendo os dois Pepiris e Santo Antonio, e outros informam que pelas immediações dos primeiros ha um campo, em cujo lugar demoram indios coroados.

A nossa linha divisoria hoje com a republica Argentina por aquella parte offerece ao imperio um poderoso auxilio, para tentar com proveito efficaz a catechese de muita parte d'estes indios, contando-se com os coroados reduzidos para conciliar os do cacique Chico, e por meio do commercio chamar-se os outros de amizade, estabelecendo colonias na barra do Iguassú e no Uruguay na barra do Pepiry Guaçú. O grande movimento de exploradores, por parte do habil governo de Corrientes, que se está desenvolvendo sobre os hervaes entre os dois rios Uruguay e Paraná, e para onde estão indo muitos brasileiros, vai sem duvida afugentar nos primeiros tempos para a fronteira do Brasil por aquella parte aquelles mesmos indios, que sem duvida estabelecidos ás duas colonias nos pontos indicados, no Iguassú e aguas do Paraná, e no Pepiry-Guaçú e aguas do Uruguay, servirão para levar-se a effeito o que se deseja a respeito de chamar-se os indios á civilisação, e de cuja amizade tirará o imperio grandes vantagens em todos os tempos.

ARTIGO SEGUNDO.

Da origem dos indios, de seus caciques, governos e costumes, de suas guerras, de seus trajes, de seus divertimentos, de seus casamentos, da educação de seus filhos, de seus recursos e emigrações, de seus idolos feiticeiros, de suas idéas religiosas, de seus enterros, de seus medicos, de suas tradições historicas e cosmographia e da sua aptidão para as artes.

ORIGEM DOS INDIOS.

Por curiosidade podemos narrar aqui a origem que se attribuiam os indios moradores na extensa provincia do Paraguay. Já temos visto no art. 1.° a origem que se attribuem os mbayas. Alguns dizem que no principio do mundo, antes do diluvio universal, ao lado do norte veiu ao Perú um homem chamado Filho do Sol, revestido de poderes tão extraordinarios que foi considerado como Deus em seus actos, se bem que na apparencia fosse homem. Este governou muitos annos pacificamente á satisfação de seus subditos. Mas Pachacamae, Deus mais antigo e supremo pretendeu tirar-lhe o mando. O Filho do Sol fugiu, o que indignou á Pachacamae que não podendo se vingar contra seu rival, dirigiu suas iras contra seus subditos, transformando-os em grillos.

Destruida esta primeira raça de homens, Pachacamae criou outra que por suas virtudes mereceu a protecção do seu criador que os quiz eternizar de geração em geração. Pelo que aproximando-se o tempo do diluvio para que seus fieis adoradores não perecessem pela inundação Pachacamae lhes aconselhou de subir ás mais altas montanhas e de se esconderem em cavernas em quanto elle estava irado. O que

fizeram com alguns animaes, e quando cessaram as aguas do diluvio, abriram as portas de suas grótas e tendo reconhecido que as aguas desamparavam a superficie da terra, sahiram para respirar ares benignos e agradecidos á seu conservador.

De outro modo contam a sua origem algumas tradições pernanas. Um Deus Supremo e antiquissimo creador do céo e da terra e de tudo o que n'elles existe e chamado Contice Viracocha, criou ao homem na provincia de Collasuyo. Mas os homens por sua ingratidão moveram á este Deus á reduzil-os ao nada de que os tinha criado.

Destruidos estes primeiros homens por rebeldes, Contice Viracocha criou os segundos, e para que não participassem da condição má dos primeiros, tomou o expediente seguinte: Fez tantos montões de pedras quantas provincias queria povoar, e talhou estas pedras com grande variedade de feições, segundo o lugar á que destinava aos povoadores. Concluida esta operação, chamou a seus ministros e lhes fallou n'estes termos: « Vede estas imagens que lavraram minhas mãos, umas hão de se chamar F. e hão de sahir de tal caverna em tal provincia: Outras sahiráõ de outra caverna e se chamaráõ F., e hão de povoar em tal provincia. Todas hão de sahir das fontes, rios, cavernas e serros nos lugares que tenho designado, quando vós as chameis por ordem e mandado meu. Caminhai pois ficando dois em minha companhia, e partindo ao nascer do sol; que cada um de vós siga o rumo que lhe designo. »

Assim executaram os obedientes ministros, e ao imperio da sua voz auctorisada pelo soberano poder de Contice Viracocha, das cavernas, das fontes, dos rios e das serras, sahiram homens e mulheres semelhantes em figura e lineamentos ao modelo das pedras lavradas. Estes povoaram as

provincias immediatas, e com os annos se propagaram nos mais remotos.

Uma antiquissima tradicção dos indios guaranis refere, que dois irmãos com suas familias do lado do mar chegaram embarcados á Cabo-Frio e ao Brasil.

Procuraram em toda parte outros homens que lhes fizessem companhia, mas os montes, os matos e os campos só estavam habitados por féras, tigres e leões. Ficaram persuadidos de serem os unicos da sua especie no paiz, e resolveram levantar cidades para sua moradia, que foram os primeiros d'esta terra.

N'esta sociedade intima e estreita alliança viveram muitos annos, augmentando-se consideravelmente o numero das familias. Porém crescendo o numero dos habitantes, se originaram disturbios, divisões e a guerra civil. O principio d'essas dissenções teve lugar por causa de uma rixa de duas mulheres casadas com dous irmãos, chefes de familias numerosas. Estas mulheres se disputavam a posse de um papagaio mui fallador. D'estas mulheres passou a discordia aos maridos, aos parentes e por fim á nação inteira.

Para não se destruirem pelas armas. se dividiram as familias. *Tupy* que era mais velho, ficou no Brasil de posse da terra que já occupava. *Guarani* que era mais moço com toda sua descendencia se retirou para o grande Rio da Prata, e fixando sua morada ao sul, veio á ser o progenitor de uma grande nação que se estendeu sobre as margens do rio e no interior das terras até Chili, Perú e Quito.

Não se extinguiu a geração dos guaranis com as aguas do diluvio universal, do qual tinham uma confusa noticia, porque *Tamanduaré*, antigo profeta da nação e grande amigo de *Tupá* (Deus), tendo tido anticipada noticia do diluvio, se livrou da inundação com algumas familias subindo ao alto de uma elevadissima palmeira, que estava carregada de fru-

ctas, que lhes subministrou alimentos, até que tendo-se retirado as aguas, baixou com seus companheiros, e multiplicaram tanto que encheram a terra de colonias descendentes de guaranis.

As outras nações indiaticas ignoram sua origem ou nada tem ella de particular. Se bem que se tenha fallado muito da existencia de gigantes na Patagomia, sita na extremidade meridional da extensissima provincia do Paraguay: se bem que na capitania dos Ilhéos no Brasil apparecessem pelo tempo da sua povoação pelos portuguezes certa geração de indios mui brancos e tão grandes que pareciam gigantes, fallando uma lingua que ninguem entendia, crueis anthropofagos e que alli chegaram perseguidos dos seus inimigos, usando de arcos e frechas, brigando sem serem juntos e acommettendo sómente aquelles que andam só, vivendo no campo como brutos sem casas: se bem que sobre as margens do Carcarañal, se tenham encontrado vestigios de craneos, dentes e tibias muitas vezes petrificados e de um tamanho despropositado que mostram ter pertencido a gigantes da especie humana; se bem que varios auctores fallem na existencia de indios pygmêos que o auctor da Argentina manuscripta colloca nos confins dos Xarayes, e faz viver em covas subterraneas, e que outros collocam no coração do Grão Chaco, accrescentando que só de noite sahem de suas covas para buscar comida, temendo se as desamparassem de dia de *serem acommettidos pelos passaros grandes;* todas as nações de indios conhecidos na dilatadissima provincia do Paraguay eram de estatura e correspondencia de partes bastantes proporcionadas, com alguma differença de feições e de côr que se approxima á côr d'azeitona, mais clara em uns e mais escura em outros. A frente *ceñida* atada e humilde, os olhos rasgados e sem vigor; os narizes chatos e abertos; o rosto demasiadamente prolongado e avultado. Todas as feições da physionomia desenha

n'elles uma alma agreste, incivil, tosca e propriamente barbara.

Se criam sem urbanidade no trato, sem cultivo nas sciencias; sem exercicio na mecanica, em politica sem leis, em religião sem Deus, e em tudo como brutos.

CACIQUES. — GOVERNO E COSTUMES.

O governo dos indios era dos mais infelizes. Tudo se reduzia ao cacique que era cabeça do governo, e a uma diminuta porção de indios que o seguiam. Em geral o cacique era uma especie de rei e senhor de trinta, oitenta ou cem familias que lhe obedeciam, o acompanhavam com affeição, lhe pagavam algum tributo, lavravam suas terras e recolhiam suas fructas.

Entre os guaranis o sequito dos caciques era maior, isto é, era maior o numero de seus vasallos, mas não tanto que nos atrevamos a contal-os por milhares.

Será mais facil multiplicar por milhares os caciques, do que os subditos de cada um.

Estes pequenos soberanos tinham isso de louvavel que não aggravavam seus subditos com impostos de serviços pessoaes, satisfeitos com os fructos de suas terras e com alguns peixes que se recolhiam para sustento da *real familia*. Os indios livres de gravames eram muito amantes de seus caciques, lhes tributavam terno carinho e lhes eram sinceramente adherentes. Se bem que em algumas nações indiaticas só se preste obediencia aos caciques em tempo de guerra, em todo o tempo não deixam sem embargo os indios de lhes professar amor, sujeição e vassallagem.

O cacicado passa de pai a filho, herdando-o o primogenito, e em falta d'este o segundo e terceiro filho. Ás vezes sem taxar de usurpação, se algum indio se torna celebre por suas

proesas militares e adquire muitos adherentes, estes o acclamam cacique, e o constituem seu rei, a quem obedecem. Entre os guaranis a eloquencia e a culta verbosidade em seu elegante idioma, era um titulo para subir ao cacicado. Entre elles não havia escolas para ensinar a lingua, mas faziam-se muito apreço d'aquelles que a fallavam bem.

Toda distincção entre nobreza e plebe se tomava dos caciques. Os que não eram da raça de caciques, eram tidos por plebeus, mas os que eram d'esta raça eram tratados com o respeito e veneração com que na Europa são tratadas as pessoas de familia real. Não só os indios olhavam com distincção aos caciques e á sua descendencia, mas os hespanhóes mesmos observavam n'elles um caracter de nobreza, e de magestade varonil que em seus barbaros estylos os fazia distinguir da inculta plebe, e não duvidavam contrahir com elles allianças casando-se com suas filhas. Estes caciques não tinham a ostentação real dos Incas peruanos e dos Montezumas mexicanos, mas em sua extrema pobreza e em sua rudeza, apreciavam o nobre, e tinham gloria de ser senhores de vassallos, que os tratavam com respeito e os serviam com fidelidade.

Não consta que tivessem leis para regular seus costumes. Viviam e vivem hoje, diz o Dr. Charque, estes barbaros, sem Deus, sem lei estavel; e sem outro governo que, o que lhes dá o demonio por meio de seus feiticeiros. As leis que mais duram n'esta republica do inferno, são a sensualidades sem limites de mulheres, a embriaguez ordinaria, os odios, as vinganças, as superstições e a ambição de subir ao gráo supremo de feiticeiro ou de mago extraordinario. São iniciados com certas cerimonias como de ordens e consagrações pelo intermedio de outro mago ou feiticeiro que unge ao pretendente com graixa de animaes, tendo o seu corpo todo nú como andavam ordinariamente. Fazem lhes dar muitas carreiras perto dos bosques e das cavernas onde lhes falla visivelmente

o demonio e tendo sido revestido de pennas como symbolos de sua nova jerarchia: sua vida era tão escandalosa que superfluaslhes pareciam as leis e vãas as regras de bem viver. Seu principal cuidado e quasi seu unico exercicio, eram as armas de arco, frechas, lança e macana.

Algumas nações usavam tambem do laço e das bolas de que se serviam com rara habilidade.

GUERRAS.

Antes de declarar guerra precede uma junta dos principaes, de cuja combinação pende a ultima resolução. Junta-se o congresso em uma tolderia de algum cacique, onde anticipadamente são preparadas as *chichas* e *alojas*, bebidas usadas nas assembléas e parlamentos. Não sei se estas bebidas tem a mesma actividade que o vinho e a aguardente, mas é certo que causam o mesmo effeito que é embriagar e fazer perder o juizo aos indios. Estes conselheiros de guerra não tomam resolução definitiva até que tomados pelas bebidas e faltos de juizo, decretam ordinariamente a guerra considerando a utilidade que hão de tirar dos espolios dos inimigos, dos escravos que hão de fazer e da gloria que hão de adquirir.

Ao decreto da guerra segue a eleição do general em chefe, que sempre é renhida porque todos a ambicionam. Cada um expõe seus direitos, suas façanhas, &c. Mas apesar da difficuldade da combinação, uma vez eleito o chefe, todos, mesmo os caciques, lhe obedecem, e elle dá as ordens competentes para os preparativos da guerra e para todas as operações militares. Convocam-se as companhias por fogueiras e fumaças, signaes que entendem perfeitamente, e todos concorrem ao sitio onde principiarão os fogos levando suas armas, porque não havendo deposito commum, cada um deve levar as suas.

O arco, a frecha, a macana (especie de bordão) são suas

armas principaes. O dardo e as bolas são armas particulares de algumas nações de indios. Usam de muitos enfeites e galas militares em suas maiores solemnidades: plumagens na cintura, diversidade de côres com que pessimamente se pintam, imaginando que a pintura os torna formidaveis ao inimigo, e até causa espanto aos espiritos infernaes.

Começa-se e se conclue o combate com tal algazarra de vozes, que enche o ar de confusão e os ouvidos de espanto. Póde-se dizer que principiam o combate atturdindo ao inimigo para entorpecer-lhe as mãos no momento da briga. Effectivamente quando os hespanhóes não estavam acostumados a semelhante gritaria, nos primeiros encontros tinham mais que fazer para vencer o horror e a confusão que causavam as vozes, do que para resistir ao estrago de suas debeis armas. Era lei invariavel entre elles retirar seus cadaveres, seja para lhes dar sepultura como costumavam, seja para occultar suas perdas ao inimigo, uso louvavel por sua natureza, mas que as vezes lhes roubava as vantagens de uma esplendida victoria por se entreterem muito tempo n'esta escrupulosa observancia. O vencedor desfructava os despojos. O principal e mais estimado eram os prisioneiros a quem cortavam a cabeça, que carregavam por troféo na ponta de suas lanças.

Alguns se serviam d'elles ou os vendiam por escravos. Os guaranis e outras nações caribes faziam um celebre e solemne banquete com a carne dos prisioneiros.

TRAJOS.

Em geral os indios d'estas provincias andavam nús. Alguns costumavam cobrir-se com um couro em fórma de manta que pendia desde os hombros até abaixo dos joelhos. Outros usavam de uma especie de rendas que não os preservavam do frio e que pouco serviam á decencia. Muitos faziam um tecido

de pennas que atavam á cintura. e as vezes ao redor da cabeça, principalmente em tempo de guerra e de festividades. As mulheres tinham um supprimento que mostrava que por natureza ellas eram mais recatadas que ao menos indicava que não eram descaradamente licenciosas.

Mais usual de que os vestidos e as pennas era a pintura, que os indios usavam de duas maneiras; fazendo pinturas leves que apagavam á vontade ou fazendo pinturas indeleveis que se não podiam desmanchar.

A' primeira classe pertenciam as pinturas, em que com sumos de hervas ou com barros de côres differentes, desenhavam sobre seus corpos figuras que pela mór parte eram um labyrintho de confusões. O que para elles sem embargo era o mais vistoso ornamento de que se vangloriavam mais do que Apeles de suas delicadas pinturas.

A segunda classe de pintura que os indios faziam sobre seus corpos era mais custosa, mais delicada e mais permanente. Deitavam de molho uns pós de certas hervas e quando a infusão estava ao ponto certo que elles sabiam, n'ella molhavam a ponta de uma espinha e com ella se picavam o rosto e mais partes do corpo com summa delicadeza e nimia prodigalidade, até que apontasse o sangue. o qual incorporado com o sumo da infusão deixava um botão e signal sensivel no lugar picado. E' provavel que o sumo dos pós por fermentação tivesse a propriedade de coagular e de cauterisar o sangue que a espinha fez sahir. Seja o que for, é certo que essa pintura é indelevel, e que imita as delicadezas e primores da miniatura. Não se perecebe bem de longe, mas visto de perto, por entre meio de suas imperfeições, se encontram alguns paineis graciosos.

Outras tribus de indios tem em particular estima outras especies de adornos, como são brincos e collares de pedrinhas, e de dentes de animaes que enxertavam no corpo.

As aborrecidas velhas que fazem o officio de harpias na morte dos prisioneiros, gozam do privilegio de arrancar os dentes dos defuntos, para enxertal-os em prova da sua valentia. Algumas tribus estimam mais estas prendas do que o ouro e a prata. Os payaguás trocaram o ouro que roubaram aos portuguezes de Cuyabá por pedaços de vidro e outras exquisitices. Alguns se furam as orelhas de uma maneira mui disforme, outros se furam o labio inferior, no qual introduzem o *tambota*.

DIVERTIMENTOS.

D'essas galas e adornos usavam os indios nas guerras, nas festas e nas borracheiras que costumavam fazer para entreter o tempo. Os indios sul-americanos interrompiam as inacções da sua ociosidade e preguiça com bailes, que as vezes eram innocentes e com bebedeiras que mostram sua indole barbara.

Os bororós costumavam celebrar festas com bailes mui innocentes. Estes bororós eram indios infieis, de natural docil e pacificos. Habitavam na parte mais septentrional da provincia do Paraguay, nas vizinhanças do rio *Porrudos*, aonde acudiam os portuguezes ás *malocas*, aprisionando-os, e levando-os para Cuyabá para trabalharem nas minas, e para as fazer recuar em suas faluas e jangadas Se se captivava alguma mulher d'elles, todos os parentes se entregavam ao captiveiro do portuguez, em cujo poder se achava a captiva. Como eram estes indios innocentes, diz o auctor da *Argentina* impressa, seus trajes tambem eram innocentes, e *iam inteiramente nús;* (que innocencia!!) menos a cabeça, que rodeavam com pennas de gavião enlaçadas em fórma de grinaldas.

Coroados assim e (desnudados, que innocencia!!) armam seus bailes fazendo roda e circulos uns de outros. O chefe

da orchestra entòa uma canção barbara e sem arte, ao som de roucos porongos e de sons desusados que o côro repete. Entretanto dão voltas sem desarranjar o circulo, pisando fortemente na terra, e seguindo os golpes que dão no chão compassados com o canto e o barulho dos porongos. Assim passam muito tempo divertindo-se innocentemente, sem se entregarem ás bebedeiras de outras tribus que trazem funestas consequencias.

Na vespera da festa e borracheira, o que tem lugar em muitas tribus de indios, se juntam os convidados indios e indias no lugar do festejo, que é uma praça em cujo centro está levantada uma arvore ou mastro, junto do qual está a mulher ou a filha do festeiro, com uma cana, ou taquara na mão, de cuja superior extremidade pendem muitas unhas de javalis e veados. Logo entôa ella a musica, sacudindo galhardamente a canna de maneira que as unhas batendo umas contra outras acompanhem o tom da musica. Ao som d'esta musica pouco agradavel se dança ao redor do mastro desde o entrar da noite até o raiar do dia. De madrugada principiam os brindes, mas com moderação, de maneira a ficarem com juizo para se enfeitarem festivamente. Os homens se pintam, ordinariamente de um confuso jaspeado que imita o couro de tigre, cingem-se com vistosas pennas, e ornam a cabeça com uma corôa de couro enfeitada de pennas de varias côres. As mulheres se pintam a cara de preto e vermelho e ornam a cabeça com pennas azues. A mulher do festeiro conserva sempre na mão um distinctivo que é um punhado de fio de *chaguar*. Assim bailam com ordem, e tomam assento regularmente n'uns assentos de palha preparados á proposito, junto á cópa. Emfim todos bebem quatro ou cinco vezes até que as fumaças da bebida os torna emprehendedores e valentes. Então descarregam suas armas indistinctamente, e o resultado da festa é ficarem uns mortos, outros feridos, outros

mutilados e outros bebados estendidos no chão, sem que tornando a si, depois da bebedeira, nenhum se queixa do acontecido.

CASAMENTO.

Algumas tribus indiaticas criam sobrias as mulheres, para que estas escondam as armas a seus maridos, e evitem maiores desgraças, ellas exercem este officio segundo o uso entre ellas estabelecido.

O matrimonio em geral é rescindivel, isto é, póde-se annular. D'este abuso aproveitam homens e mulheres por qualquer motivo e suspeita. A's vezes acontece grande rixa entre a mulher repudiada e sua substituidora na qual ha muitos arranhões e ordinariamente effusão de sangue. A gritaria e algazarra conclue com o apparecimento de uma velha que lança vituperios contra a nova consorte que usurpou os direitos da primeira. Entre os homens o roubo das mulheres é mais serio, e occasiona ás vezes dissenções serias entre as familias e mesmo entre as tribus. Sem embargo a pluralidade das mulheres é permittida, e seu numero é maior ou menor segundo a possibilidade de as manter ou de as comprar. Entre algumas nações os pais vendem as filhas por um pouco de milho de mandioca e outras cousas semelhantes, e mesmo que seja contra seu proprio gosto são ellas entregues aos maridos pelos pais que tiram esta utilidade da venda de suas filhas.

Entre as nações caraibes, era indispensavel antes de poder casar que as donzelas déssem provas de merecerem ser casadas, provando primeiramente o sangue dos inimigos da nação. O que não era difficil em tribus acostumadas a beber o sangue humano em suas festas.

Os guaranis que tambem eram anthropofagos, não permit-

tiam a suas filhas tomar estado, antes que fossem reguladas, circumstancia indispensavel e que não admittia excepção. Obrigavam-as a passar por muitas provas, de cuja execução dependia o juizo que d'ellas se formava pelo presente e pelo futuro.

Cosiam-as em uma rede (hamac) de que usam para dormir, deixando apenas uma pequena abertura para respirar. Assim as tinham amortalhadas dous ou tres dias, e as obrigavam a um rigoroso jejum. Eram depois entregues a uma matrona trabalhadora e de haveres, para que as fizesse trabalhar e exercitar em duros exercicios. Esta lhes cortava os cabellos e o pello, e lhes prescrevia abstinencia de toda especie de carne, até que crescendo os cabellos, lhes cobrissem as orelhas. Com a inauguração dos cabellos, principiava para ellas a lei do recato e da modestia, intimava-se lhes a obrigação de serem circumspectas, e o estylo usual de baixar os olhos, e de não fitar o rosto dos homens. A' estas provas de virtude e de recato, seguia-se a ceremonia de as vestir com seus pobres enfeites, e a licença de conhecer varão e de tomar estado.

No intervallo das provas rigorosas antes de conceder a licença de viver em publico, fazia n-se os augurios com vaticinios e predicções que prognosticam pelas aves que voam e pelos animaes que passam sobre o caracter futuro da noiva. Se passa algum papagaio, a qualificam de falladora; se um *nhacurutú* ou coruja, a prognosticam inutil para os trabalhos domesticos e preguiçosa; e fazem outras predicções do mesmo genero, loucuras de suas cabeças e que acreditam cegamente.

Não eram menos supersticiosos a respeito das mulheres em estado de prenhez. Eram condemnadas a um jejum severo em quanto se achavam n'este estado, e deviam se abster de tudo quanto julgavam poder ser nocivo á criança. Assim se bem que em geral ellas como todos os indios fossem mui golosos da carne da *grão besta* (anta). era-lhes prohibido

proval-a com receio de que a criança nascesse com o nariz disfórme; nem podiam comer aves pequenas, para que a pequenhez do alimento não se transmittisse aos filhos. Temendo dar a luz a gemeos, privavam-se de tocar e de provar duas espigas de milho.

O rigor da lei se estendia tambem aos maridos, a quem era prohibido matar féra alguma; e para não serem tentados se a occasião se offerecesse de violar a prohibição, eram desarmados durante este tempo. Logo que a mulher dava á luz, o marido jejuava quinze dias sem sahir de casa, e em algumas tribus elle ficava de cama, em quanto a mulher se purificava no rio e lavava o recem nascido. Adoecendo a criança, todos os parentes tem que abster-se das comidas que julgam poder fazer mal ao pequeno. Apesar de tantos cuidados e precauções que denotam um amor extraordinario dos progenitores para seus filhos, acontece ás vezes que as mães os privam do leite de que a natureza as proveu para as sustentar, afim de alimentar á uns cachorrinhos que criam com terno amor junto a seu peito.

EDUCAÇÃO DOS FILHOS.

Este amor e esta affeição dos pais aos filhos, tão expressivo como desregrado, precipita a uns em permissões indecorosas e a outros em ousados atrevimentos. Os pais permittem a seus filhos toda desenvoltura e lhes dão toda liberdade, não lhes dão conselho, nem os castigam, e supportam com paciencia que os mesmos filhos lhes ponham as mãos; e, cousa singular, elles não mostram ter sentimento d'este atrevimento julgando habilital-os, fomentando desde seus primeiros annos sua audacia, para se tornarem valentes contra os inimigos. Quanto ao mais educam seus filhos a seu modo barbaro e incivil, limitando-se toda a educação aos exercicios proprios

da nação como o uso do arco, da frecha, e a ligeireza á correr.

O primogenito a quem de direito pertence o cacicado, não está isento d'estes exercicios, e como nascido com maiores obrigações, se esmeram seus pais em crial-os mais destros em todos os exercicios. Este é o merecimento que o torna digno do direito de primogenito e digno herdeiro do valor e pericia militar de seus pais. Os guaranis principalmente se esmeram n'esta educação dos seus primogenitos. No dia em que o desmamam fazem uma festa solemne, bebendo muito, e dançando com alegria ao som de barbaros instrumentos. Repetem esta funcção quando o caciquinho principia a exercitar-se na carreira. A's vezes o enviam acompanhado de alguns indios pelas serras e caminhos asperos, para que endurecido nos trabalhos, não se torne folgazão e se acostume a viver do arco e da frecha que lhe asseguram sustento para o resto de seus dias. Como não lhes roubam tempo as universidades, nem a profissão das artes, elles tem tempo de sobra durante seus primeiros annos para habilitar-se e mesmo para aperfeiçoar-se no genero de milicia que elles usam e no manejo de suas armas ordinarias, respeitaveis para as outras nações indianas, mas sempre debeis contra os hespanhóes.

DE SEUS RECURSOS E EMIGRAÇÕES.

Pelo que diz respeito aos meios que os indios empregavam para prover á seu sustento, podemos dividil-os em duas classes. Os da primeira classe eram lavradores que se sustentavam dos fructos da terra e tinham moradia fixa. Os da segunda que se sustentavam de caça e de pescaria viviam nomades e errantes.

Os primeiros tinham seu estabelecimento fixo, composto de rancherias para quarenta, cincoenta ou mesmo cem fa-

milias, sujeitas a seu cacique. Tiravam seu sustento dos fructos da terra, á qual confiavam sementes e raizes, para depois a seu tempo aproveitarem seu producto.

A sua industria agricola correspondia á sua natural indolencia e aos parcos instrumentos que empregavam. Roçavam um pedaço de mato, que queimavam depois, servindo as cinzas de esterco. Quando chovia, com um páo pontudo abriam ahi alguns buracos, em que lançavam sementes de milho e outros legumes, mandioca e outras raizes, e sem outro cuidado, abandonando as plantações á fecundidade do terreno e aos meteoros naturaes, tiravam ricas colheitas d'esta terra tão mal preparada, porém vigorosa e forte.

Os segundos mudavam de paragem quando a caça e a pesca escasseava no lugar que occupavam. O seu domicilio era portatil, e era carregado pelas mulheres, que tinham que carregar não só as estacas e esteiras das casas, como o trem de cozinha e toda a equipagem domestica. Por isso nas transmigrações ellas gozam do privilegio de regular as marchas: quando uma está cançada larga ao chão a carga, e a seu exemplo as outras mulheres fazem o mesmo, e tratam de levantar a cidade portatil, fincando as estacas contra os ventos. Em quanto as laboriosas transportadoras, convertidas em architectas levantam as casas e preparam a comida, seus maridos ficam meros espectadores estendidos no chão, olhando para ellas em suas arduas occupações sem procurar ajudal-as em nada. Porém prompta a comida comem elles até fartar-se sem reparar se sobra ou não para a mulher e para os filhos. N'estas transmigrações pouco se caminha, apenas se avança um quarto de legua por dia e ás vezes menos. Um insigne missionario, o padre Pedro Romero que morreu martyr, acompanhou a um cacique dos guaycurús em uma d'estas transmigrações, em que estes indios regressando para sua terra natal, gastaram mez e meio para ca-

minhar sete leguas. Ao meio de tantos afazeres das infelizes guaycurús, nascidas para escravas e jumentas de seus maridos, assim mesmo ás vezes ellas brigavam disputando-se sobre o melhor sitio á escolher para parar. Os golpes e arranhões que ellas se davam fazia verter bastante sangue, e por fim a victoria pertencia áquella que ficava dona do terreno ou sitio, disposta a dar e receber os maiores golpes. Os maridos se alegravam de ver as brigas de suas mulheres e em vez de as acommodar se vangloriavam de possuir mulheres tão valorosas.

Quando o padre Romero se achava presente, elle acommodava as partes, indicando a cada uma um sitio competente. Se com esta lentidão caminhavam os guaycurús para suas terras, com a mesma ou com maior morosidade caminhavam as outras nações em suas transmigrações. Para elles todos os sitios são bons para levantar cidade portatil, e em todos acham proporção para demorar-se, sustentando-se com caça e pescaria durante alguns dias. A natureza espalhou em todas as partes d'esta provincia, grande abundancia de caça e de pesca. E como o procurar sustento com arco e frecha é o motivo das suas peregrinações, emquanto a caça e a pesca não escassea no sitio que occupam, não o desamparam

Os payaguás, os agans e outras nações que se acabaram ou que perderam seu nome confundindo-se com outras, eram mais aquaticas que terrestres, vagando pelos rios que remontavam e cruzavam com liberdade e á seu bel-prazer. Os payaguás usavam de umas canôas e embarcações tão ligeiras á força de braços, que nenhuma embarcação á vela ou a remo as podia alcançar. Eram piratas dos rios, onde armavam ciladas para saquear os navegantes. Quando se veem perseguidos ou receiam algum ataque mettem-se n'agua aparelhando seus arcos para frechar ao inimigo e mergulhando ao fundo evitam o tiro de bala. E' incrivel o tempo

que elles ficam debaixo d'agua, e ha quem acredite que elles usam do artificio de uns canos compridos que sobresahem para facilitar a respiração.

SEUS IDOLOS, FEITICEIROS E SUAS IDÉAS RELIGIOSAS.

A religião que não é alheia ás nações mais barbaras, mereceu pouco cuidado e desvélo dos indios que povoavam a extensissima provincia do Paraguay. Poucas d'essas tribus tiveram idolos e templos destinados para adoração e para queimar incenso. Na parte mais meridional, acharam-se alguns idolos, cujos templos eram tristes ranchos proprios do nume que os occupava, e expressão do pequeno conceito em que eram tidos por seus adoradores. Os calchaquis eram supersticiosos com os raios e trovões. Adoravam-os por deuses e lhes tinham levantado templos e ranchos nos quaes faziam interiormente aspersão de sangue de carneiro, tambem em suas casas e plantações, promettendo-se muita felicidade e abundancia por causa da virtude contrahida em presença do nume. No sul da provincia não eram frequentes os idolos, mas existiam alguns cujos templos eram objecto de romarias, profanadas com sacrificios humanos. D. Ruy Dias de Gusmão refere que á algumas leguas de distancia dos Xarayes havia uma enorme serpente, monstruosa que os indigenas adoravam e applacavam com sacrificios. Em uma cidade de oito mil habitantes e no meio da praça estava uma especie de cercado *palenque*, que servia de prisão para sujeitar ao monstro e de templo para os indios que concorriam em grande numero para consultar ao nume e receber suas respostas. Era sustentada com carne humana, e seus devotos estavam quasi sempre em guerra para ter provisão de captivos para sustentar e fartar a serpente com o sangue dos prisioneiros. Alvar Nunes que foi commandante da expedição

onde o auctor da *Argentina* diz ter-se encontrado este idolo, não diz nada a respeito em seus commentarios, se bem que conste que os hespanhóes que o acompanhavam queimaram alguns idolos monstruosos, admirando a paciencia d'estes deuses em deixar se queimar. Em tempo de calamidade e de guerras, algumas tribus, estabeleciam prégações e augmentavam seus sacrificios para aplacar seu deus que julgavam irritado, esperando que com a reconciliação se veriam livres das calamidades, e seriam victoriosos na guerra. Não se sabe ao certo o poder que attribuiam a seus deuses, mas está averiguado, que dividiam o poder da divindade entre varios idolos, concedendo á uns poder sobre as enfermidades, á outros sobre as plantações e á outros sobre a guerra, etc.

Os guaranis reconheciam a *Tupá* por conservador da nação durante o diluvio universal, porém não lhe edificaram templo para adoral-o, nem altares para lhe offerecer sacrificios.

Os mocobis rendiam cultos ás pleiades ou a seu *gdoapidalgate*, á quem veneravam como creador e pai, mas não lhes rendiam outro culto, senão o da sua gritaria e algazarra quando appareciam estas estrellas. Os guaycurús celebravam com mil loucuras a lua nova, e o descobrimento das pleiades, sahindo de seus ranchos com páos na mão, sacudindo suas esteiras, gritando, vociferando e promettendo-se toda especie de felicidades. O mesmo faziam quando apparecia algum temporal de vento ou chuva Sahiam animosos para provocar o temporal e aos demonios que julgavam vir com elle conjurados para destruir sua nação. Bem que se desarme o temporal, até que desappareçam as nuvens, elles continuam armados, ficando persuadidos que os diabos, temendo suas armas, vão sepultar-se nos abysmos. E' provavel que estas e outras nações indigenas celebrando os astros, as constellações, não reconheçam n'elles suprema divindade, mas sim uns bemfeitores da nação, á quem tributavam agradecimento.

Mais temivel era uma maldita especie de fingidos demonios, que se apregoavam arbitros das tempestades, dos raios, dos rios, das inundações, das pestes e das mortes. Estes eram uns homens astutos e falladores, demonios vivos e visiveis, que tinham muito sequito e muita aceitação entre essas nações. Não acontecia mal ou desgraça, que elles não acclamassem como effeito do seu despeito e da sua vingança. Não havia prosperidade ou ventura de que se não proclamassem os auctores, ameaçando com aquellas e promettendo estas á seu arbitrio, segundo o merecimento em que tinham á cada um. Estes chamavam-se feiticeiros, que se apropriavam do poder e que eram temiveis pelas suas ameaças. Teremos occasião de fallar posteriormente de suas obras, principalmente no capitulo seguinte.

Os indios que se dão por feiticeiros, fingem estudar na escola do demonio para enganar os outros, e são finos embusteiros. Carregam hervas, iman, fazem imprecações, ameaçam com maleficios e com impunidade, declaram ter causado muito damno, ter matado e maleficiado á muitos, mas averiguando a verdade, tudo é mentira e engano.

Estes feiticeiros tem ordinariamente duas ou tres familias complices de sua iniquidade, e que estão adestradas á imitar com a voz os bramidos dos animaes. Ligados pelo sacramento do segredo não descobrem a verdade sob pena de privação do officio e da perda de ganho. Chegado o caso em que o feiticeiro tem que consultar o diabo, seus familiares se occultam em algum mato, em cuja vizinhança se prepara de antemão uma especie de rancho, que serve de tripode e de locutorio. No dia aprazado se ajunta o povo, mas não se lhes permitte approximar-se. O feiticeiro alegre sobretudo por effeito da chicha que bebeu com abundancia, salta, brinca junto do ranchinho e invoca o demonio para que venha visitar o povo, e revelar-lhe o futuro. Quando todos

estão n'esta espectação, esperando pela vinda do demonio, ouve-se pelo mato o ruido dos familiares disfarçados com pelles imitando ás vezes as do tigre e mais animaes. N'esse trage, que o povo não discirne por estar retirado, entram no rancho e com elles o diabo e seus satellites. No meio de uma grande confusão e ruido infernal imitando sempre as expressões de animaes, principiam a enunciar prophecias e vaticinios sobre o assumpto que interessa aos circumstantes. O feiticeiro com uma gesticulação extraordinaria arqueando as sobrancelhas revirando os olhos repete as predicções e vaticinios dos suppostos diabos. O povo cego, incapaz de exame e de reflexão, arrebatado de estulta persuasão os admitte como oraculos do diabo, cuja presença é para elles o fundamento de um terror panico, e priva os indios de approximarem-se do rancho, receiando insultos ferozes e serem acommettidos sem piedade pelo tigre cujos bramidos imitam os familiares do feiticeiro. Esta é a origem, admittida mesmo pelos indios e abraçada pelos escriptores, das operações diabolicas e dos fingimentos dos feiticeiros.

Um missionario hespanhól estava formando uma nova reducção: e um dia faltavam quasi todos os indios do povo, que ainda não estavam baptisados. Pela manhã reparou o padre que era pastor sem ovelhas, encontrando unicamente no povo um velho á quem os annos impediam de fazer comprida romaria, e por este soube que os catechumenos tinham ido consultar o diabo. Pois eu tenho tambem que ir, disse o missionario, para espantar o vosso diabo, para que nunca mais volte. Não vá, padre, replicou o ancião, não vá porque o diabo é mui bravo, e te ha de matar. Nós não nos atrevemos a chegar perto d'elle, só o feiticeiro póde approximar-se d'elle, fallar-lhe e receber suas respostas. Eu tenho de ir irremissivelmente accrescentou o missionario, e dito isto se pôz a caminho e encontrou os indios á alguma dis-

tancia do rancho onde o diabo dava oraculos. Os indios commovidos de compaixão procuravam deter ao padre, intimidando-o com o receio que o diabo o matasse. Mas o zeloso missionario sem attender a estas razões se dirigiu para o rancho, e encontrou, o que? o feiticeiro, que era o indio que tinha este officio, e dois familiares seus que urravam e berravam a maneira de animaes ferozes, com espantosas e fingidas vozes, ameaçando castigos e profetisando futuros contingentes.

O que é mui estranho é que, mesmo que tenham á sua vista o desengano dos fingimentos do feiticeiro e do fingido diabo que é um indio commum, não se persuadem d'esses fingimentos. Tem succedido encontrar-se missionarios na occasião em que sahia o fingido diabo, e mostrar aos indios que o tal diabo não era mais que fulano indio conhecido de todos elles; mas sem poder convencel-os, respondendo com cega obstinação que era o mesmo demonio, que assim acreditavam.

A nação guarani teve um grande feiticeiro, que se dava por seu libertador, chamava-se *Obera*, que significa resplendor. Dava-se por unigenito de Deus Padre, nascido de uma virgem sem communicação com varão, plenipotenciario de Deus com seus poderes e faculdades para converter na utilidade dos indios todas as creaturas, e em particular para excitar ou empregar todos os elementos contra os hespanhóes a favor dos indios. E o signal que dava da sua missão, era o apparecimento de um cometa que se viu n'aquelles dias, signal infallivel da liberdade que era encarregado de conquistar para seus amados guaranis. O resultado foi que o exercito guarani foi batido e debandado, muitos indios mortos, prisioneiro o summo sacerdote, e fugitivo pelos matos o mesmo deus *Obera*, com medo dos hespanhóes que reconheceram n'elle um feiticeiro enganador e vil.

A *Obera* foi mui semelhante outro indio de Huybay adorado nas vizinhanças, que vestia habito talar branco, levando na mão uma espantosa caveira, com unhas de veado que faziam ruido dentro. Este feiticeiro foi convertido pelos jesuitas e confessou perante todo o povo, que suas palavras eram puras ficções, e que não tinha outro objecto que os enganar e atemorisar para que lhe cedessem todas as mulheres que cobiçava. *Obera* mantinha tambem um numeroso serralho.

Do Brasil foi para Guayrá um celebre feiticeiro brasileiro. que ao som das unhas de veado dentro da caveira, bailava, brincava com agilidade incrivel, soprando com força pelo ar, provocando raios e tempestades contra aquelles que lhe fizessem opposição. O fiscal do povo de S. Ignacio no Guayrá, desprezando suas ameaças o mandou prender, pôz-lhe um par de grilhões, e em presença de todo o povo mandou dar cem açoites ao fingido nume e verdadeiro embusteiro.

Aos primeiros açoites, elle exclamou: *eu não sou Deus, sou um pobre indio como os outros, e não tenho poder de causar damno e de fazer mal a ninguem.* Entretanto estes feiticeiros com seus enganos eram respeitados como arbitros do bem e do mal, da vida e da morte, com supremo poder no céo, sobre os elementos, e sobre todos os entes creados. Elevados a essa hierarchia gozavam de todas as mulheres que appeteciam. Fazia-se-lhes muitos obsequios, de caça, pesca, e sem gastos sustentavam seu serralho. Suas palavras eram tidas como oraculos. Diremos agora alguma cousa de suas idéas religiosas.

Os indios conheceram a immortalidade da alma, mas era mui incompleta a idéa que d'ella formavam. Eternisavam a duração da alma no céo entre as estrellas, ou em alguma região d'elles só conhecida ou imaginada. Uma cousa que parece certa, é, que elles não admittiam que as almas logo

depois da morte subissem ás celestiaes regiões, concediam-lhe alguns annos de gozos n'este mundo, segundo seu costume, não apparecendo visivelmente, mas divertindo-se invisivelmente nos exercicios que praticavam unidos aos corpos. Assim elles os consideram amigas da boa comida, caçadoras, passeadoras, brincalhonas, guerreiras e inimigas de seus inimigos. Por isso elles collocam viandas sobre as sepulturas dos finados, assim como ahi collocam cuyas cheias de chicha. Mas esta providencia é temporaria e limitada, porque confiam que com seus arcos e frechas, os mortos hão de procurar depois o seu sustento e ser formidaveis para seus inimigos.

Não consta de suas tradicções como subiam as almas ao céo. Os mocobis fingiam uma arvore, chamada *nalliagdigua*, de altura tão desmedida que ia tocar ao céo. Por esta arvore de galho em galho subiam as almas para irem pescar em um rio e lagôas mui grandes, abundantes de peixe mui delicado. Mas um dia que a alma de uma velha nada pôde pescar e que se lhe negou uma esmola para seu sustento, o céo se irritou tanto contra a nação mocobi, que transfigurada em *capivara* a velha, teve que roer o tronco da arvore por onde se subia ao céo até cahir, cujo acontecimento causou um damno irreparavel a toda a nação.

As outras tribus não explicam como as almas dos mortos chegam ás eternas manções.

A crença dos supplicios eternos não lhes dava cuidados, e não tinham lugar determinado para o castigo dos culpados. Quando se fallava aos chiriguanos das chammas abrazadoras do inferno, respondiam que haviam de afastar as brazas; e quando os padres os ameaçavam com as pennas eternas, respondiam com grande calma: ***Ahi não se achará o diabo, no se verá el diablo en este espejo.***

Sua tenacidade é extrema para mudar de parecer sobre

uma cousa em que já assentaram seu juizo, debalde se lhes dê razões mais claras que a luz ao meio dia. Temos exemplo. Um indio catechumeno estava moribundo, não se julgava que elle chegasse ao dia immediato sem pagar o devido tributo á natureza. Sua mulher era infiel e obstinada e lhe persuadiu que se elle se deixasse baptizar, morreria infallivelmente. Apezar de todos os esforços do missionario, este não foi capaz de fazel-o mudar de opinião Tu breve vás morrer, lhe dizia o padre, e se não te baptizas vás para o inferno ... Não, respondia o indio, não estou tão enfermo como dizes; amanhã estarei bom, e poderei sahir para o mato a *melear*. Não irás, lhe dizia o missionario, a melear, senão á queimar-te no inferno, se não abraças a religião christã, recebendo o baptismo que abre as portas do céo e fecha as do inferno. « Não acredites, lhe disse a mulher, no que este padre falla, porque se vás para o mato, sem te baptizar nunca has de morrer. »

DE SEUS ENTERROS.

Entre os guaranis se o defunto é pessoa principal ou cacique, a mulher grita espantosamente. Se não era de tanta distincção, desata os cabellos e abraçada com o cadaver canta tristemente as façanhas e procesas do seu esposo. Os antigos charruas na morte de seus parentes cortavam uma articulação dos dedos, succedendo ás vezes que na idade avançada careciam de falanges e eram inuteis para o uso das armas. Os mocobis cortavam o cabello mais ou menos, segundo o gráo de parentesco que tinham com o finado. Os isistinés não coçavam na cabeça com o dedo, temendo ficarem calvos sem lhes crescer mais o cabello nas partes que tocassem n'aquella occasião.

E' commum em quasi todas as nações indiaticas lamentar

ou chorar o finado com lugubres berros, lagrimas fingidas durante alguns mezes e mesmo durante alguns annos. Isso praticavam principalmente os parentes e tambem alguns estranhos com o interesse de algumas das alfaias do defunto.

O cadaver estava sentado sobre um mocho ou tamborete. e ás vezes toscamente pintado. Cobriam-o com mantas e pennas para que se apresentasse decentemente na outra vida. Algumas tribus, abriam aos defuntos os olhos que fechou a morte, para que podessem descobrir o caminho que levava á região dos mortos.

Ao redor da sepultura ou dentro d'ella collocavam o arco, frechas, panellas, cuyas, ou porangos, tambem chamados *mates*, com alguma porção de comida e de chicha.

O que tudo tinha sua significação. O arco e frecha para brigar contra os inimigos, caçar e pescar. As panellas para cozinhar e para que não lhe falte fogo; incumbem muitas vezes a uma das mulheres pagas para chorar, de o entreter diariamente no sepulchro. O mate serve para tirar agua, e refrescar a mansão insipida da sepultura.

E' uso e costume em algumas nações indiaticas que na morte de seus principaes e parentes immediatos, as mulheres acompanhem á seus maridos, os parentes á seus mais proximos, e os vassallos á seus caciques, especialmente as velhas como inuteis ao mundo.

A' primeira noticia da morte do cacique ou do seu primogenito, muitos vassallos se matam para ir servil-o, e que não lhes falte sustento no outro mundo. Ceremonia rigorosa, e argumento de fidelidade e de carinho das mulheres para com os maridos. e dos vassallos para com seus caciques; e tão enraizada que as mulheres, os parentes e os vassallos se offereciam voluntariamente á morte para observar este rito gentilico.

DE SEUS MEDICOS.

Eram os feiticeiros que exerciam a medicina, em cuja arte eram tão enganadores como em suas feitiçarias Toda sua medicina, se reduzia a *chupar e á receitar.*

Quando por necessidade eram chamados para ver algum enfermo, se poeviam logo de medicamentos, que em toda parte encontravam, tudo lhes servia: um palito, uma pedra, pequena, um espinho, um bichinho feio, que occultavam na boca e chegados perto do enfermo, e tendo indagado d'elles o que lhes doia, principiavam suas convulsões e contorsões, e logo applicavam a boca sobre a parte doente do enfermo, chupando-os com incrivel vehemencia, e tendo acabado sua operação, diziam como havia de descançar este pobre enfermo, se este bicho, (que extrahem da boca) se este espinho, se esta pedra, estavam mettidos em suas carnes, é agora que eu as extrahi, ha de descançar, e alliviar o doente.

A receita era universal, e estendia-se aos sãos e parentes do enfermo, prescrevendo-lhes severissima abstinencia de certas comidas, para que o enfermo melhorasse com o jejum dos sãos; e se morre o enfermo, a culpa recahe sobre os miseraveis parentes que quebraram a dieta dos jejuns, ou que foram insufficientes para merecer o restabelecimento do doente.

Entre os pampas e os querandis acontecia o contrario. Se o enfermo morria, toda a culpa se lançava contra o medico, e seus parentes não descançavam até vingar o defunto, vertendo o sangue do medico *chupador*. Não obstante este rigor, apenas perecia violentamente um medico, a faculdade nomeava outro, que desempenhava o officio, com perigo de morrer á primeira vez que com desgraça profanasse o officio.

Entre os lules, em lugar de chupadores havia *sarjadores*,

para sarjar a parte dorida. Era crença entre elles que todas as molestias provinham, excepto as bexigas, do *ayaquá*, que é um insecto pequenino do campo, e que, segundo elles apesar de sua pequenhez anda armado de arco e frechas, que lança aonde quer, e de cujas frechadas provém todas as molestias. Com este ayaquá, tem especial communicação todos os curandeiros, d'elle aprendem a fabricar frechas semelhantes ás suas, e a sarjar a parte dorida. Chupam logo o sangue na mesma parte, lançam ao longe a frechinha que levavam escondida na boca e procedem nos curativos da mesma fórma que os chupadores, e sem embargo de seu trabalho lhes dão um prato de comida, e regressam ufanos para seus ranchos.

DE SUAS TRADIÇÕES HISTORICAS E DA SUA COSMOGRAPHIA.

Os rapsodistas cantando refrescavam a memoria com algumas das antiguidades das nações indiaticas, mas que misturavam com fabulosas novidades que as desfiguravam. A tradição entre nações que não cultivavam a memoria; que não usavam de pedras, de hierogliphicos, nem de caracteres, não podia ser pontual, nem abraçar muitos pormenores. Tal ou qual successo memoravel, viciado com o tempo e pela fragilidade da memoria, conservavam e perpetuavam os rapsodistas em seu canto. Emquanto ás façanhas de seus caciques, dos seus maiores e dos vassallos, tudo ficava em eterno esquecimento; apenas os filhos se lembravam das proesas de seus pais. Eis alguns dos seus conhecimentos cosmographicos.

Ao eclipse do sol e da lua, chamavam morte d'estes planetas. Os lules attribuem o eclipse do sol á passagem de um passaro grande, que abrindo suas azas, cobriu o globo luminoso do seu corpo. Os mocobis o attribuem a um as-

salto do diabo que quer comer o sol, (que consideram como mulher) e gritam então para o diabo: *que a deixe, e não a comam, compadecendo-se da sua companheira.* Eis o systema do mundo que estes indios se formavam, e que póde dar uma idéa do systema de outras nações. Consideram o céo e a terra fazendo um só corpo, mas tão inquieto e bulliçoso que anda sempre em movimento. As estrellas são arvores, cujos ramos são raios lucidos e brilhantes. Ao *crucero*, (cruzeiro) chamam annú, que quer dizer avestruz, e as estrellas que o rodeiam, *ipiogo*, que significa cachorros. O que quer dizer que estes cachorros perseguem a avestruz para a caçar, e que como ella corre muito, os cachorros nunca a podem alcançar. Fazem alguma distincção entre as estrellas, chamam a umas pavões ou *dagadac;* a outras quirquinchos ou *natumnae*; a estas perdizes, *nazaló*, e as outras com varios nomes.

Chamam *cidiago* a lua, que julgam ser homem, á quem os cachorros arrancam as tripas quando se eclipsa. Em opposição da lua, os grandes pedem á *cidiago*, que lhes dê mulher, e os pequenos á grandes gritos, puchando-se o nariz, lhe pedem de o fazerem mais comprido.

Ao sol chamam *gdazoa*, que significa companheira. D'elle contam varias tragicas aventuras. Em uma occasião o sol cahiu do céo e enterneceu tanto o coração de um mocobi que se esforçou para o levantar, e que o amarrou para que não tornasse a cahir. A mesma fatalidade aconteceu ao céo, mas os engenhosos e robustos mocobis, conseguiram levantal-o na ponta de uns páos e de repôr nos seus eixos. Segunda vez cahiu o sol, e foi quando inundações de fogo e chammas correram por toda a parte abrazando, consumindo arvores, plantas, animaes e homens. Alguns mocobis para evitar o incendio, se abysmaram nos rios e lagôas, onde foram transformados em capivaras e jacarés. Dois mocobis

marido e mulher, buscaram asylo no cume de uma arvore altissima, donde viram correr rios de fogo sobre a superficie da terra; mas de repente uma labareda subiu até elles, tostou-lhes a cara e os converteu em macacos.

Assim principiou a especie d'estes ridiculos animaes.

SUA APTIDÃO PARA AS ARTES.

Os indios não tinham instrumentos para exercer as artes mecanicas. Com um trabalho porfiado preparavam suas canôas, seus dardos, suas macanas, seus arcos e suas frechas.

Pegavam fogo ao tronco com que queriam fazer uma canôa, cujo fogo consumia as superfluidades, convertendo-as em cinza e carvão, que desprendiam á força de golpes de pedras com fio agudo até chegarem á parte solida. Tornavam a pegar fogo, e a tirar o carvão á força de golpes, até lhe dar com estes golpes e com a actividade das chammas a fórma interior e exterior que elles pretendiam para a navegação.

Da mesma maneira trabalhavam, e poliam os dardos, macanas, arcos e frechas. O fogo gasta, as pedras ajudam, e quando as tinham da grossura e proporção que desejavam, os poliam com delicado esmero, e os deixavam tão lisos e limpos como se o tivesse feito o melhor official europeu. E' verdade que ás vezes necessitavam empregar mezes de serviço para uma unicã obra d'estas, mas apesar de sua preguiça e da falta de instrumentos, com paciencia e gastando immenso tempo aperfeiçoavam as suas armas.

Depois de terem sido civilisados, os indios aprendem os officios de maneira a imitar com perfeição o modelo, sem pretender nenhuma gloria de inventores.

São mui habeis para a imitação, tão delicados, tão pontuaes, olhando durante muito tempo ao modelo e tornando-o a considerar com tanta paciencia repetidas vezes, que chegam

a imitar e copiar perfeitamente a obra. Tem acontecido estar a copia tão semelhante ao original, que pessoas entendidas não as podiam distinguir.

Acharam se alguns indios habeis na sua lingua, floridos e concisos em suas palavras, e persuasivos em seus raciocinios. Entre elles não havia aulas para ensinar a juventude ; mas quando em um sujeito de regular entendimento, se juntava a penetração do idioma, á verbosidade, orava com doçura, e suas palavras persuadiam. Os seus idiomas, e em particular o guarani, que era geralmente fallado n'esta provincia é mui rico em expressões, naturalmente proprias, vivas em sua significação, efficazes na persuasão, reduzidas sem confusão, claras sem emphase, e magestosas sem affectação. Direi aqui de passagem que segundo o que pude descobrir, o primeiro livro escripto em guarani pelos europeus, foi o cathecismo composto e traduzido em guarani pelo veneravel padre Luiz Bolaños, frade de S. Francisco, que foi apostolo do Paraguay antes que os jesuitas chegassem á esta provincia, cujo cathecismo foi composto e traduzido por ordem do concilio Luisense terceiro, para catechizar os indios ; de cujo cathecismo se serviram mais tarde os proprios jesuitas, se bem que estes escrevessem grammaticas, diccionarios e outros livros em guarani.

Sou devedor da mór parte das noções d'este artigo aos editores da *Historia Argentina do descobrimento, povoação e conquista das provincias do Rio da Prata.*

CAPITULO V.

ENTRADA DOS PADRES JESUITAS NA PROVINCIA DO PARAGUAY. TRABALHOS QUE PASSARAM. FUNDAÇÃO DE VARIOS POVOS. MARTYRIO DE ALGUNS PADRES JESUITAS.

Este capitulo ha de se dividir em nove artigos que são todos traduzidos de um velho manuscripto em guarani para serem inseridos n'esta obra e que julgo ineditos. Bastante singela é a narração do auctor do manuscripto em guarani, e para não lhe tirar ou lhe fazer perder o encanto particular que lhe reconheço, não quiz que nada se lhe alterasse na traducção a que mandei proceder (14).

Por tanto os leitores hão de perdoar a diffusão d'esta historia. Confesso ingenuamente que são tão extraordinarios certos factos n'ella narrados que meu primeiro intento foi de os publicar á parte, accrescentando muitos outros mais singulares, supersticiosos, que contém o mesmo manuscripto e que não foram traduzidos; mas por fim persuadi-me que muitos dos meus leitores não desgostariam de ler os nove artigos d'este capitulo, por isso aqui os insiro. Para não interromper a narração do manuscripto guarani, ponho em notas varios acontecimentos que tiveram lugar em aquelles tempos para dar melhores esclarecimentos. O manuscripto foi escripto em S. Borja e tem a data de 2 de Junho de 1737 por Jaime Bonentí.

ARTIGO I.

Entrada dos padres jesuitas nos terrenos do Paraguay. Fundação do povo de Santo Ignacio Maior e de N. S. do Loreto.

N'esses antigos tempos residiam no Perú muitos padres jesuitas com seu competente geral, ou superior. Este mandava

seguidamente d'estes padres ao territorio do Paraguay com o fim de ver se podiam descobrir para catechizar os indios selvagens que, se sabia, existiam por aquellas serras. Com effeito os acharam e descobriram, fallaram com os ditos selvagens, travaram conhecimento, e ficaram com elles em boa harmonia (15). Regressaram estes padres para o Perú, a dar parte da descoberta ao seu superior, ficando só no Paraguay um d'estes jesuitas o padre Thomaz Fildi, á espera que voltassem do Perú aquelles ou outros padres munidos de ordens e de todo o preciso para com formalidade principiarem a catechese d'aquelles infieis, já descobertos e de todos os outros que podessem descobrir.

No anno de 1602 era geral ou superior dos jesuitas no Perú o padre da companhia Claudio Aquaviva (16), o qual recebeu a participação da descoberta acima dita, e em consequencia mandou sete padres jesuitas, tres hespanhóes e quatro italianos, sendo superior d'elles o padre Diogo de Torres, o qual trazia todas as ordens, e o necessario para o fim a que vinha, e este superior depois de entrar no territorio do Paraguay e juntar-se com o padre Thomaz Fildi que alli tinha ficado, repartiu os seis padres que vieram em sua companhia por aquellas povoações de christãos brancos que estavam mais perto da serra habitada pelos indios selvagens. E' impossivel contar ou escrever, todos os trabalhos, todas as fadigas, miserias e riscos de vida que passaram ou soffreram estes santos padres e outros, pois só narro uma pequena parte.

Dos mencionados seis padres, o primeiro que entrou para os matos ou serra, foi o padre Marcello de Lorenzana que foi procurar aquelles indios selvagens com quem tinham fallado e ficado de boa harmonia os padres descobridores. Felizmente não se demorou muito em achar os ditos selvagens e com alguns sacrificios conseguiu reduzil-os juntando maior porção, e caminhou com elles para o campo até um lugar que tinham

escolhido para este fim e que denominaram Santo Ignacio Maior, onde já o estavam esperando os padres italianos José Cataldino, Simão Mazeto e o superior Diogo de Torres (17). Depois de estarem alli estes quatro padres prégando aos infieis, não se demorou muito tempo que o padre encarregado ou superior Diogo de Torres, mandasse dois d'elles com as ordens e insinuações precisas para que seguissem e caminhassem para a banda do nascente do sól cento e sessenta leguas. O que assim fizeram: e, no fim da extensão d'este terreno acharam um pequeno povo, que só tinha trinta homens brancos christãos, aos quaes os dois padres prégaram alguns dias, e chamava-se este lugar Guayrá, segundo informaram os infieis recem reduzidos (18). N'este pequeno povo de Guayrá os dois padres José Cataldino e Simão Mazeta tiveram noticia que d'alli a sessenta leguas ao mesmo rumo havia outro povo de christãos brancos que se chamava Villa Rica. Estes padres mandaram parte de tudo isso á seu superior Diogo de Torres em Santo Ignacio Maior, e ficaram a espera da resposta no dito pequeno povo de Guayrá onde continuaram a prégar e confessar. Passados poucos mezes, chegou-lhes a resposta que esperavam, e ordem para que seguissem á Villa Rica; o que immediatamente fizeram. Chegando á mencionada villa, n'ella acharam cem christãos brancos com suas familias, e alli começaram os mesmos padres a prégar e confessar; porém, logo adoeceu gravemente um d'estes padres, e em seguida adoeceu tambem o outro da mesma enfermidade. E vendo-se estes dois padres assim enfermos por bastante tempo, sem a minima esperança de medico, de remedios e sem o mais pequeno recurso no lugar remoto em que se achavam longe do seu superior Diogo de Torres, deliberaram descer embarcados pelo rio Paraná-Pane (1610), e assim o fizeram com todas as pessoas da sua comitiva e com seu antigo e inseparavel interprete para com os selvagens. Depois que caminharam rio abaixo alguns dias,

quiz a divina providencia que principiassem os dois padres a melhorar muito da grave enfermidade que padeciam sem mais recursos ou medicamentos do que tomar o chá de algumas hervas e raizes. Chegando á barra de um arroio grande chamado Pirapó (depois é que souberam este nome) na barranca do mesmo arroio acharam um pequeno povo, ou para melhor dizer um pequeno alojamento de duzentos indios selvagens que não fugiram ao verem os padres. Estes lhes fallaram, catechizaram-nos, e como os padres reconhecessem nos indios docilidade e gosto de ouvirem a palavra de Deus, e vontade de se baptizar. levantaram n'aquelle lugar uma cruz benta, á qual fizeram uma coberta de palha e denominaram o lugar Nossa Senhora do Loreto, para alli baptizarem e prégarem como fizeram (19). Passado pouco tempo, perguntaram os padres á estes indios já reduzidos e rendidos á palavra de Deus e de Nossa Senhora do Loreto, se não sabiam que houvesse por aquella serra mais alguns infieis. Responderam que sim; que sabiam haver n'ella vinte cinco alojamentos pequenos e outro um pouco maior, todos de indios infieis como elles tinham sido, mas que agora já não eram. porque elles (os padres) os tinham feito filhos de Deus e da Senhora do Loreto e livrados do inferno e das tentações do demonio. Ouvindo isto, os padres ficaram contentissimos, porém foi quando o seu antigo e fiel interprete intentou uma falsidade contra os padres, mas nunca desmanchando ou desfigurando o serviço dos dois padres, antes sim d'elle se valia para reduzir uma porção de infieis do mato por sua propria conta quando os padres entrassem para os reduzir.

Prepararam-se os padres, o interprete e alguns indios dos já reduzidos e christãos. e caminharam para o mato ou serra, em seguimento dos novos selvagens de que tinham tido noticia, e aos quatros dias de marcha ligeira chegaram aos referidos vinte e seis alojamentos onde foram recebidos paci-

ficamente pelos selvagens, que conversaram muito com os outros seus patricios já christãos que tinham acompanhado e servido de guia aos padres. Estes estiveram alli oito dias prégando e catechizando, e no fim d'este tempo voltaram para Loreto, levando em sua companhia bom numero d'aquelles selvagens acabados de reduzir no mato para se baptizarem em Nossa Senhora do Loreto, como se baptizaram, regressando depois para seus alojamentos, dizendo e promettendo aos padres que haviam de vir de muda para residirem em Loreto. Os padres tinham concedido licença ao seu interprete, que a pediu, para acompanhar aquelles selvagens recem baptizados até o seu alojamento como fez.

Passado um mez voltou o interprete para Loreto, onde estavam os padres, e alli se demorou oito dias, findos os quaes pediu nova licença e tornou a seguir para o mesmo alojamento, porém então já levando tudo quanto tinha.

E, assim continuou a ir e vir, mas uma vez apparecia sem jaqueta, outra vez sem capote, outra sem chapéo, descalso e por fim quasi nú. Ficando os padres muito admirados de o ver assim, lhe perguntaram como tinha perdido toda a sua roupa, ou que fim tinha dado ao que era seu. Respondeu o interprete: os senhores padres tem reduzido os indios infieis com suas praticas, e muito tenho ajudado a tudo isso e não lhes tenho posto tropeços. Eu tambem agora tenho reduzido para mim, com minhas agencias, com meus carinhos e com tudo quanto tinha que reparti com alguns dos caciques lá do mato, e por isso venci d'elles o me acompanharem com suas familias até Santo Ignacio Maior, e pretendo sahir por estes oito dias, (como assim fez) pois tambem já ando aborrecido d'esta vida. Os padres ouvindo isto se assustaram muito e ficaram silenciosos por um instante, e depois disseram ao interprete que fizesse o que fosse de seu gosto.

Ouvindo estas palavras o interprete dispediu-se politica-

mente e seguiu o seu destino. Depois da sahida d'este interprete com os selvagens e suas familias como acima disse, os dois padres mandaram dois homens brancos christãos dos da sua comitiva e confiança, como se tivessem fugido dos padres para se reunirem ao interprete e á sua selvagem comitiva, dizendo que tinham fugido dos padres porque tambem já estavam aborrecidos d'aquella vida, que queriam ir para suas casas e que desejavam ir juntos até Santo Ignacio Maior; o que assim aconteceu, e lá entregaram a parte que levaram á respeito mandada pelos dois padres ao seu superior Diogo de Torres. Depois de ter-se retirado o interprete com a sua gente, os outros infieis e não infieis que ficaram, pensaram que todo aquelle acontecimento tinha tido lugar por ordem dos padres. Retiraram-se por alguns dias um tanto desconfiados: porém felizmente informaram-se bem de tudo, tornaram a voltar para Loreto, pediram perdão aos padres, ficaram em boa harmonia, e principiaram a fazer algumas casas cobertas de palha em arruamento debaixo da direcção dos dois padres.

ARTIGO II.

Os padres jesuitas Antonio Rodrigues e Diogo de Moranta sahem de Santo Ignacio Guaçú para catechizar. Successos que lhes acontecem.

Mais de seis mezes os padres José Cataldino e Simão Mazeta estiveram em Loreto esperando ordens de seu superior Diogo de Torres, o qual mandou os dois padres Antonio Rodrigues e Diogo de Moranta com ordens e mais precisos para os padres de Loreto, e tambem para ajudal-os. Estes dois padres que iam em commissão, depois de terem andado quasi a metade do caminho, já não tinham mais que um resto de milho para seu sustento por causa do máo tempo que arruinou e estra-

gou o mantimento que levavam, e viram-se reduzidos a comerem unicamente um punhado de milho de vinte e quatro em vinte e quatro horas, pois que nem fructas achavam pelos matos.

O padre Diogo de Moranta, ficou mui debil, enfermo e impossibilitado de continuar a viagem. Voltou para traz com o seu criado e mais dois homens dos da comitiva, estando já perto de um lugar denominado Maracajú, onde tinham ido perdidos, e onde moravam cento e setenta infieis casados, que o padre Antonio Rodrigues principiou a catechizar. Porém logo fugiram cento e vinte casaes e só ficaram cincoenta casaes que o padre conseguiu reduzir e baptizar. Depois d'isto, e passados alguns dias, seguiu o padre Antonio Rodrigues com toda sua comitiva de christãos a juntar-se com os padres José Cataldino e Simão Mazeta que anciosos o esperavam na capella de Nossa Senhora do Loreto em Pirapó. Ahi chegou o dito padre Antonio Rodrigues, levando vestuario, calçado e algumas cousas mais para aquelles padres que já não tinham senão só as sotanas, e essas muito remendadas, andando descalços, e não tendo absolutamente cousa alguma n'aquelle lugar deserto entre os indios. Está bem conhecido o grandissimo contentamento que tiveram estes dois padres com a chegada d'aquelle seu irmão em Christo. Depois de quinze dias de descanço, o padre Antonio Rodrigues seguiu com o padre José Cataldino e alguns indios de Loreto a um outro alojamento de selvagens mais entranhado na serra, que tinham descoberto sem nunca ter fallado com nenhum de seus habitantes. Chegaram com effeito ao dito alojamento de selvagens dos quaes era Taubici cacique mui respeitado, e de quem todos tinham medo. Todos tremiam quando lhe iam fallar, sobretudo se elle estava incommodado. Este cacique Taubici era bravo, endemoninhado, feiticeiro e por qualquer cousa mandava matar se não esti-

vessem pelo que elle queria, ou não fizessem o que elle mandava. Este hypocrita sabendo que os padres se aproximavam para prégar a palavra de Deus, para ver se os enganava, e a gente que os acompanhava, mandou á seu encontro um indio selvagem de sua confiança a quem insinuou. Este indio tendo chegado á frente dos padres deu muitos saltos em sua presença, fez muitas micagens, e depois deu um passo largo e ficando assim parado com as pernas abertas, abriu tambem os braços e n'esta posição principiou a gritar. Eu fiz e criei o céo e a terra, eu faço produzir e apparecer todas as qualidades de generos e de mantimentos, eu castigo com as mais fortes e temerarias doenças á todos aquelles que não acreditarem em mim e no que eu digo. A isto abandonou a posição em que estava, pôz-se em pé bem direito e continuou dizendo. Eu tenho noticia que vocês vem querendo nos ensinar a palavra de Deus, e vocês não hão de entrar lá no meio de minha gente, sem primeiro aqui me dizerem alguma cousa d'esse Deus de vocès; quero ver se é mais, ou póde mais do que eu. Então lhe responderam os padres: Está bom, nós vamos procurar melhor lugar para descancarmos e amanhã ou depois aqui estaremos outra vez. Voltou o impostor selvagem ao seu alojamento, e os padres com sua comitiva se retiraram á duas leguas de distancia. E'preciso notar que em muitos, ou em todos os alojamentos de selvagens, havia alguns indios christãos, diziam que seus pais e avós lhes contavam que antigamente alli tinha estado como em todos os outros alojamentos um padre fazendo alguns baptizados e prédicas, dizendo tambem que elle mesmo ou outros padres haviam de alli voltar promptos para lhes ensinar a palavra de Deus e fazel-os christãos baptizando-os. Felizmente no dia seguinte de manhã, se apresentaram a estes padres uma grande porção de selvagens com o seu competente cacique de nome Maracáná, o qual disse aos padres que tinha muita vontade

de se baptizar com toda sua gente, e como tinha tido noticias d'elles (padres) vinha procural-os para o fim já dito. Ficaram muito contentes uns e outros e ahi estiveram todos juntos tres dias em muito boa harmonia, e os padres obsequiando como lhes era possivel á Maracáná, e á sua gente, e igualmente fazendo-lhes algumas praticas, pelo que se mostraram mui contentes e satisfeitos os infieis N'estes tres dias teve Maracáná occasião de saber de todo o acontecimento do infiel impostor que queria fazer-se conhecer por um Deus. Chegou-se Maracáná aos padres e lhes disse : Toda a gente do cacique Taubici é má gente, e elle ainda é peor que todos, por muito cruel, falso, e querer ser mesmo quasi um Deus. Eu agora venho disposto com toda a minha gente, a brigar com elle e sua gente se vocês levarem isso a bem. Responderam-lhe os padres: Não. Vamos primeiro ver de que accordo estão e como se portam comnosco. Se elles não nos quizerem obedecer, então faze o que quizeres. Ficou Maracáná n'este proposito, porém sempre ensinou tres rapazes da sua gente e da sua fiança para prenderem e amarrarem o impostor enviado de Taubicì quando elle Maracáná lhes fizesse certo signal. Ao quarto dia seguiram os padres com sua comitiva e Maracáná tambem com a sua gente, e chegando já perto do alojamento de Taubicí, ahi já lhes appareceu outra vez o fingido Deus com as mesmas ceremonias, tornando a dizer o mesmo que tinha dito á primeira vez e acabando com a mesma temeraria pratica. Então Maracáná fez signal aos seus tres rapazes, os quaes immediatamente se lançaram ao malvado, que era possante e desembaraçado, por isso não poderam logo de prompto os rapazes segural-o, e durante a luta o malvado lhes cuspia nos rostos dizendo: só com a minha saliva os hei de matar. Porém os rapazes não desanimaram e nem fizeram caso algum dos dicterios do malvado; levaram-o ao chão, e o amarraram. A isto chegou-se o Maracáná e disse ao malvado :

agora se tú és Deus, livra-te da morte, que eu então te acreditarei. E mandou Maracáná amarrar-lhe uma grande pedra ao pescoço, e assim o lançaram em um rio que estava mui perto, onde logo findou sua temeraria e desenfreada existencia. Seguiu então Maracáná com toda sua gente ao alojamento de Taubicí, o qual logo carregou fortemente brigando com Maracáná, do que resultou morrer Taubici e muita gente sua. Outros fugiram e outros renderam-se a Maracáná, o qual só perdeu doze homens dos seus no combate. Depois d'isto, chegou-se Maracáná aos padres e lhes perguntou o que determinavam. Responderam-lhe estes: agora devemos seguir para Loreto, e tambem esta gente que se apresentou do finado Taubicí, para lá se baptizarem todos e você tambem, e ouvirem a palavra de Deus. Marcharam para Loreto onde chegaram sem novidade, recebendo applausos e grandes demonstrações de alegria dos padres e de toda a gente residente em Loreto. Ao segundo dia começaram os padres a prégar continuando até o setimo dia em que deram principio á baptizar, sendo Maracáná o primeiro que se baptizou com o nome de Roque, o qual com a sua gente muito ajudaram a prosperar e florecer a povoação de Loreto. Quando se tornou mais conhecido o bom procedimento e a actividade do bom cacique Roque Maracáná, foi elle empregado em Loreto na qualidade de corregedor.

Todos o respeitavam e lhe queriam bem.

ARTIGO III.

O jesuita Martinho Ortaça sahe de Loreto para catechizar infieis, com mais dois padres: o que lhes aconteceu. (20)

Estando o padre Martinho Ortaça com mais dois padres apromptando-se para seguirem a procura de infieis para cate-

chizar e sabendo d'isto o bom cacique Roque Maracáná, foi offerecer-se ao dito padre Martinho para o acompanhar com alguma gente sua, pois elle (Maracáná) tinha noticia de um grande alojamento de infieis, bastante longe, que elle havia de descobrir e achar. Estes tres padres com os outros que ficavam em Loreto, fizeram sua consulta sobre este offerecimento de Roque Maracáná, e resolveram aceital-o. Assim seguiram os mencionados tres padres com a sua comitiva e tambem Roque Maracáná com trezentos homens guerreiros dos seus. Depois de caminharem trinta e quatro dias, perceberam que estavam descobertos e bombeados pelos infieis. A' vista d'isto cuidaram em entrincheirar-se na barranca de um grande rio abundantissimo de peixe e caças. Além da estacada ou trincheira fizeram tambem alguns ranchos. O firme e fiel Roque Maracáná construiu uma jangada, (que é uma especie de soalho de páos amarrados uns aos outros em cima d'agua, na qual se póde carregar muita carga, conforme o tamanho d'ella,) para quando preciso fosse, ou em ultimo caso n'ella salvar a vida dos padres. Durante este tempo e em quanto trabalhavam n'estes serviços, sahiam todos os dias bombeiros ou vigiadores por toda a circumvizinhança, não só para ver qualquer força inimiga que tentasse vil-os atacar e bater, como tambem para ver se descobriam o grande alojamento que procuravam. Durante estas diligencias os vigiadores ou descobridores da gente de Roque Maracáná tiveram a fortuna de agarrar um vigiador inimigo e o conduziram perto do acampamento de Maracáná, com a cautela (talvez ensinados) de não o trazerem dentro do acampamento. Veio parte d'isto a Maracáná, o qual com dois padres foram ver e fallar com o dito prisioneiro, e este disse: que o grande alojamento d'elles estava distante d'alli pouco mais de duas leguas, que o seu cacique era christão, que se chamava Miguel Atiguajé e que havia lá mais tres

indios christãos. Perguntaram-lhe os padres se o seu cacique já sabia d'elles? O que dizia? Qual era sua intenção? Respondeu que o seu cacique já sabia que se vinha aproximando uma porção de gente e que elle (seu cacique) se apromptava para brigar com elle. A isto os padres se descobriram ao prisioneiro dizendo-lhe quem eram, e que vinham para ensinar a palavra de Deus e baptizar a todos aquelles que quizessem ser christãos, e emfim fizeram-lhe uma grande pratica, e o mandaram para que fosse dizer tudo aquillo ao seu cacique Miguel Atiguajé, e que voltasse com a resposta áquelle mesmo lugar, que alli havia de achar gente para o receber. Seguiu o prisioneiro para seu alojamento e os padres voltaram com o seu fiel Roque Maracáná para a trincheira. Todos os dias mandavam gente bem insinuada, a se haver com muita cautela, ao lugar marcado para receberem o enviado com a resposta do cacique Atiguajé, porém ao quinto dia da sahida do ex-prisioneiro, os padres e toda a gente da trincheira, ouviram pelas dez horas da manhã, muitos gritos e alaridos no rio para a parte de cima, lugar este menos resguardado pela gente da trincheira, por pensarem que alli ninguem passaria, por causa da formatura do lugar. A isto, algumas pessoas da trincheira que andavam por fóra, vieram correndo a esconder-se nos ranchos, dizendo: ahi vem muita gente, e ha de ser o cacique Atiguajé que nos vem matar a todos. N'este interim o valente Roque Maracáná, pôz em ordem os seus guerreiros apartou trinta d'estes para guarda dos padres, os quaes animaram muito á Maracáná, e a toda a sua gente, dizendo-lhes de confiar em Deus, que nada lhes aconteceria e que haviam de ser felizes. Partiu Maracáná cheio de valor, e com sangue frio, óuvindo-se já os toques dos tambores e pifanos e um rumor immenso da gritaria da gente do cacique Miguel Atiguajé, o qual vinha todo enfeitado de pennas de passaros de diversas côres, com

uma corôa na cabeça mais profusamente enfeitada de pennas, e uma grande lança na mão e que marchava á frente de seus guerreiros. Estes todos vinham armados de arcos, frechas, bastões, fundas, e a mór parte com lanças cujas folhas eram feitas de ossos de certos animaes e do cerne de certos páos, e eram tão bem fabricados e fortes, que pareciam o mais duro e mais cortante ferro. A força de Atiguajé, era superior em numero a de Maracáná, porém este já brigava pela fé e foi ajudado de Deus, porque fez á seu adversario uma carga tão bem determinada, tão violenta e tão forte, que immediatamente desbaratou ao inimigo que fugiu em um extravio completo, ficando bastantes mortos, e muitos feridos, os quaes com uma porção de prisioneiros foram todos recolhidos á trincheira. Maracáná perdeu sete homens no combate e teve quinze feridos. O cacique Miguel Atiguajé fugiu tambem e foi ferido gravemente no braço direito. Quatro dias depois do combate mandou Atiguajé um enviado aos padres, para dizer-lhes que tinha sido ferido no combate e que conhecia que tinha sido castigo de Deus, e que se os padres não os matassem, estava resolvido a ir com sua gente, pedir-lhes perdão, obedecer-lhes e viver na lei de Deus, pois já era christão. Mandaram-lhe dizer que elle podia vir com toda a sua gente sem o mais pequeno receio, pois que elles sentiam muito o que tinha acontecido, que andavam unicamente ensinando a palavra de Deus, e fazendo christãos aos que se quizessem baptizar, como já lhe tinham mandado dizer pelo bombeiro que havia sido agarrado, que não mataram, mas que deixaram e fizeram regressar, que por isto já podia ver que elles não matam á pessoa alguma, e que viesse sem susto. Seguiu com esta resposta o enviado do cacique Miguel Atiguajé, o qual ao terceiro dia se apresentou com a sua gente na trincheira. Sahiram os padres a recebel-o, e em presença de todo o povo tanto christãos

como infieis, Atiguajé ajoelhou-se aos pés dos padres, os quaes logo lhe fizeram uma grande pratica e acabada esta Atiguajé ainda de joelhos pediu perdão aos padres do crime que commetteu, perguntando com instancia se Jesus Christo Nosso Senhor perdoaria aos arrependidos, pois que elle agora ouvindo de novo a palavra de Deus, tinha conhecido o grande erro em que tinha cahido, e as maldades que queria fazer, do que estava arrependido de todo o seu coração. Responderam-lhe os padres que estava perdoado, por que Jesus Christo Nosso Senhor tinha sido crucificado, e morto para nos livrar do captiveiro do peccado e das tentações do demonio, e para perdoar a todos aquelles que se arrependessem do mal que tinham feito e desejavam fazer. Ahi ficaram todos na trincheira quinze dias, porque Miguel Atiguajé pediu aos padres para mandar reunir a gente que se tinha extraviado no combate ao que os pabres annuiram promptamente. Fez-se esta diligencia e reuniu-se duzentas e quarenta e tres pessoas. Com esta grande comitiva marcharam os padres outra vez para Loreto; e não só n'esta viagem como sempre o bom Roque Maracanã tratou muito bem ao cacique Miguel Atiguajé e eram amigos. Chegaram a Loreto onde foram recebidos com muitas festas e banquetes, do que já havia proporções, pois que Loreto então já se achava em boa prosperidade e estava mui abundante de mantimentos. Entretanto nunca cessavam as repetidas praticas dos padres que em seguida baptizavam (21).

ARTIGO IV.

O padre José Cataldino com mais dois padres seguem de Santo Ignacio Maior a catechizar infieis. Fundação do povo de S. Francisco Xavier (22).

Santo Ignacio Maior, foi o primeiro lugar que os padres

povoaram, e assim o denominaram. Era superior de todos os padres, o padre Diogo de Torres, assim como tambem era commandante de todos os lugares povoados, e que tinham de povoar se de infieis reduzidos. A residencia d'este padre era Santo Ignacio Maior que já figurava como capital da catechese.

Seguiram os tres padres com seus criados, interpretes, muitos indios já christãos e vinte e cinco homens brancos bem armados, e municiados, e assim se entranharam pela serra e matos, e depois de terem caminhado muito, ouviram um dia córte de machado, isto é, ouviram cortar um páo com machado. Os padres logo mandaram gente bem insinuada, e acautelada a descobrir o que era. Chegaram e viram dois infieis cortando um páo, para tirar mel. Um d'estes infieis escapou-se, o outro porém foi agarrado e conduzido á presença dos padres. Perguntaram-lhe se estava mui distante o seu alojamento, e ao que andava com seu companheiro. Respondeu que elle com seu companheiro, faziam parte de uma partida de gente que tinha sahido para caçar, que elles dois se tinham apartado dos companheiros para melarem; quanto á distancia do alojamento que seria pouco mais de duas leguas. Perguntaram-lhe mais se havia muita gente no alojamento, e como se chamava o seu cacique. Respondeu que havia muita gente, que o seu cacique chamava-se Ara-potí (que quer dizer dia de flores) e que era já muito velho, e que por isso tinha posto outro em seu lugar, porém debaixo das suas ordens; mas que assim mesmo velho era respeitadissimo e bem quisto de todos. Resolveram os padres a mandar com este infiel tres indios da sua gente já christãos; a saber, um d'estes de quarenta annos já casado, outro de vinte e nove annos solteiro, e o outro de vinte e quatro annos casado, e que desde a idade de dez annos, tinha sido criado e educado por um d'estes padres que o estimavam muito. Seguiram os quatro para o alojamento do caci-

que Ara-potí, indo bem ensinados pelos padres do que já deviam dizer ao cacique Ara-potí, principalmente o rapaz criado pelo padre por fiel como era e mais instruido. Chegaram ao alojamento e foram apresentados não a Ara-potí, mas sim ao seu immediato, que acabando de os ouvir, e sabendo o fim que os trazia, fez prender immediatamente os tres enviados dos padres. No dia seguinte foram alguns infieis á prisão e fizeram suas propostas aos tres christãos para que abraçassem a sua seita, aliás morreriam os tres. O mais velho d'elles logo annuiu, e esteve por tudo o que quizeram; porém os dois mais moços não cederam a nada. Puzeram logo em liberdade ao mais velho, e n'esse mesmo dia o casaram, ao que elle não pôz duvida, apesar de já ser casado como dissemos. Tornaram os infieis á prisão para a mesma diligencia que da primeira vez, e tambem reduziram o mais velho dos dois que era solteiro. Logo o tiraram da prisão e o fizeram casar. Porém o terceiro e mais moço casado e que tinha sido criado por um dos padres de quem era fiel, foi inabalavel e não quiz se render á nada. Porfim trouxeram-lhe os infieis uma formosa rapariga para que elle se casasse com ella; não quiz este virtuoso joven nem olhar para ella. Disseram-lhe os infieis: aoé menos levanta a cabeça e os olhos, e olha para a moça que bonita. Elle respondeu que não, porque o padre que o tinha criado e educado lhe tinha dito que justamente pelos nossos olhos entra a causa do peccado, e que decididamente, não queria, não podia e não devia casar segunda vez, pois que era christão, e era casado com uma christã. Os infieis ouvindo esta ultima decisão o entregaram ao pai da regeitada noiva, que deu-se por muito affrontado para não vingar-se d'elle, como com effeito assim o fez, cravando-lhe um punhal no peito, que o fez cahir morto. Disseram então os infieis ao matador, agora leva-o para comeres com a tua familia, o que assim fez, porque era estylo, ou lei d'elles. O companheiro

d'este distincto finado que tinha vinte e nove annos, que era solteiro e que sahiu solto para casar. como casou, ou porque fizesse isto com segunda tenção ou porque se atemorizasse de ver matarem seu companheiro, fugiu deixando a mulher e veio dar noticia de tudo aos padres que já estavam incommodadissimos e sem saberem que determinar pela demora de seus enviados; e sabendo d'este fatal acontecimento o sentiram muito, ficaram penetrados de dôr e compaixão, maxime o padre que tinha criado o nobre martyr que morreu pela fé, e que correndo-lhe as lagrimas, disse a seu superior o padre José Cataldino: a minha dôr só terá linitivo se eu lá morrer tambem, e por isso haveis de me dar licença para ir mesmo que seja só á esse alojamento para ensinar a palavra de Deus, porque se me matarem morro contente, senão vos darei parte do resultado. Ouvindo isto o padre José Cataldino, chorou tambem, e disse: sim, havemos de ir todos. Os padres chamaram os vinte e cinco homens brancos armados, e lhes perguntaram se se animavam a acompanhal-os ao alojamento. Responderam-lhe todos com valor decidido, que estavam promptos e que nada havia a temer, porque os infieis tinham muito medo das armas de fogo, pois que pensavam que ellas estavam sempre carregadas ou que os tiros sahiam seguidos sem ser preciso carregar de novo, que nunca se acabava a munição, e que as armas nunca tinham o mais pequeno desconcerto, por isso que logo aos primeiros tiros, quando vissem morrer alguns d'elles, era certo que todos haviam de fugir. Esta resposta animou extraordinariamente os padres e á toda comitiva, de maneira que marcharam para o alojamento. Chegando perto d'elle, veio uma grande porção de infieis, com tão grande rumor, e gritos, e com tal violencia, que pareciam cães damnados que queriam despedaçar a gente que lhes estava na frente. A isto, um dos interpretes christãos chegou-se aos padres muito assustado, e disse: agora sim, meus padres,

aprompteмo-nos, e me deitem a absolvição, que sem remedio morremos todos, e ajoelhou-se. Ao que lhe respondeu o padre José Cataldino, sem mudar de côr: que se cumpra a vontade de Deus. Porém a este forte alarido dos infieis, sobresahiu um grandissimo pranto de mulheres e familias dos infieis chorando, que os fez parar como assustados. Os christãos tambem estavam parados á espera que elles chegassem bem perto para não perderem os seus tiros, e fazerem-lhe uma carga decidida. De repente appareceu tambem o velho e respeitado cacique Ara-potí, deu um forte grito e disse: ninguem levante a mão contra aquella gente, indicando aos recem chegados, ahi hão de estar uns padres e elles não vem buscar ouro, nem prata, nem cabedaes e nem fazer-nos o menor mal; elles vem para nos ensinar a palavra de Deus, e fazer-nos christãos. Os padres á vista d'este feliz acontecimento, ou para melhor dizer d'este prodigio da divindade caminharam mais para perto dos infieis, e começaram a prégar, de maneira que quando acabaram a pratica, já estavam todos aquelles selvagens, que a principio pareciam tigres ferozes, reduzidos a mansos cordeiros. Veio logo o velho cacique Ara-potí, ajoelhou-se perante os padres, beijou-lhes as mãos e ordenou que toda a sua gente fizesse o mesmo. Depois d'isto o bom cacique Ara-potí, convidou os padres para entrarem no alojamento, onde já tinha mandado preparar comida para elles, se não receassem comer d'ella. Os padres lhe responderam que não tinham medo de nada porque tinham fé em Deus. Seguiram com sua comitiva e com o velho cacique ao alojamento d'este, que fez entrar os padres em um rancho grande, fel-os sentar, e sem demora trouxeram varias comidas, feitas de carne de caça, de peixes, de legumes e de fructas. Acabando os padres de comer, foram passear pelo alojamento que estava situado em uma deliciosissima campina perto de um grande rio abundante de peixe, e emfim em um lugar encantador.

N'este mesmo dia de tarde, já os padres mandaram levantar uma cruz em rico lugar para uma bonita praça de povoação. Assim que se levantou a cruz principiaram os padres a prégar. Todos os infieis com o seu respeitado cacique vieram ouvir a pratica com grande respeito e prestando a maior attenção, conhecendo-se em seus semblantes o gosto com que estavam ouvindo a palavra de Deus. Assim continuaram a prégar todos os dias, sem interrupção, até que se concluisse um grande rancho que os padres mandaram fazer mesmo em frente da cruz para servir de igreja. Aos vinte e tres dias contados da primeira pratica, que os padres alli fizeram, celebraram missa no dito rancho ou igreja e denominaram o lugar: — S. Francisco Xavier. Acabada esta missa, principiaram os padres a baptizar, sendo o primeiro o velho cacique que se baptizou com o nome de Francisco Xavier, e na occasião em que se estava baptizando, corriam-lhe as lagrimas de contente; e acabado que fosse de baptizar, ajoelhou-se, e disse: agora sim, posso morrer, porque morro como tenho tanto desejado sempre: porque me dizia o finado meu pai que era christão. Os padres continuaram sempre a prégar, dizer missa, e baptizar. A este tempo o velho cacique Francisco Xavier Ara-potí, ia todos os dias á casa dos padres aos quaes deu satisfação, narrando-lhes como seu immediato tinha mandado matar o rapaz por elles enviado, sem que elle Ara-potí consentisse em tal, pois que estava de cama enfermo, que só teve conhecimento por gente mesmo da sua casa, que tinham chegado tres christãos, que estavam na prisão; que esperava que d'isso se lhe désse parte, e que como se demoraram em o levar ao seu conhecimento, mandou chamar o seu immediato e lhe perguntou o que se tinha passado; porém já foi tarde, porque já o attentado estava feito. Ara-potí em consequencia demittiu do emprego o seu immediato, e lhe mandou dar duzentos açoites, dizendo aos padres, que agora elles lhe déssem o cas-

tigo que quizessem. Responderam-lhe os padres: é sufficiente o castigo que lhe déstes, porque elle não é christão, se elle o fosse teria muito que soffrer. Tambem teve occasião Ara-potí n'estas visitas que todos os dias fazia aos padres, de lhes contar que seu finado pai tinha sido baptizado em Guayrá, onde viveu muitos annos e muito bem com os poucos brancos christãos que alli havia, com os quaes aprendeu muita cousa sobre Deus, e a santa religião, e tambem como se devia viver no mundo; porém que um seu companheiro fez uma morte e foi logo preso, e que um branco christão muito amigo do mesmo seu pai, lhe aconselhou de fugir, porque o haviam de prender tambem, e ia padecer sem ter crime. Meu finado pai, assim o fez, dizia elle, tornando para os matos, onde então juntou-se com minha tambem já finada mãi, e por ser christão, não queria nem podia casar com ella, e como eu fui filho unico, meu finado pai me queria muito, e não se cançava de me ensinar tudo, não só sobre Deus Nosso Senhor, e a santa religião, como sobre os costumes dos bons christãos, e a perversidade dos máos. Eis os motivos porque tanto desejava receber o baptismo, e Deus Nosso Senhor, teve dó de mim, concedendo-me o grande gosto de morrer christão. Ouvindo isto os padres lhe fizeram uma especie de pratica, elogiando muito o seu procedimento e modo de pensar. Os padres continuaram sempre no seu serviço de prégar e baptizar, de maneira que os cinco mezes da chegada d'estes padres n'aquelle lugar tinham baptizado quatro mil e tantas almas; e cada vez mais este povo se humilhava com gosto, e se mostrava mais satisfeito.

ARTIGO V.

O padre Diogo de Torres, superior dos jesuitas e commandante da catechese envia padres a Guayrá á pedido dos christãos brancos de Villa Rica.

O padre Diogo de Torres á vista d'este aviso, mandou apromptar ao padre Francisco Dias, homem sabio e virtuoso, com mais dois padres, para seguirem a Villa Rica, para depois de serem ahi informados marcharem ao alojamento dos infieis para os catechizar. Chegando estes tres padres com a sua comitiva e mais duzentos indios christãos á Villa Rica, tiveram noticia que havia dois alojamentos de infieis, o primeiro denominado Couval, e adiante d'este o segundo muito grande, e de gente muito brava, sendo ainda peor o seu cacique de nome Jaguà-pitã (que quer dizer Tigre Vermelho). Estas noticias eram dadas por um infiel de quarenta e tantos annos, que tinha, sendo rapaz de dezesete a dezoito annos fugido da furia do cruel Jaguà-pitã, que o queria mandar matar. Elle tinha acompanhado uma partida de infieis que vieram á falla com os christãos de Villa Rica, que os receberam muito bem e lhes fizeram (aos infieis) muitos presentes, o que o animou a fugir, e experimentar se poderia ir dar á Villa Rica, e se alli seria bem recebido, o que felizmente lhe aconteceu á medida de seus desejos. A referida partida de infieis tinha sido mandada por um velho cacique que tinha muita vontade de se baptizar, e de ouvir a palavra de Deus, e fazia indagar se os christãos de Villa Rica podiam dar algum arranjo para este fim. Com satisfação fizeram dizer ao velho cacique que tudo arranjavam da maneira que elle quizesse, que podia vir á Villa Rica baptizar-se e ouvir a palavar de Deus porque havia alli um padre, ou que podiam ir padres ao seu alo-

jamento, mas que n'este caso haveria uma demora grande, porque se achavam mui distantes os padres que lá podiam ir. Voltou a partida de infieis com esta resposta ao seu velho cacique, e quando elle começava a apromptar-se para vir á Villa Rica, adoeceu gravemente e morreu. Entrou outro cacique em lugar d'este, e governou doze annos ao fim dos quaes morreu. Era bem máo. Succedeu-lhe o temerario Jaguà-pitã, o qual dizia que se lá fossem alguns padres com conversas ou forças para batel-o, não havia de voltar um só homem, porque elle havia de matar a todos. Apromptaram-se os padres em Villa Rica, levando d'alli setenta christãos brancos bem armados, e cento e cincoenta indios christãos e marcharam com mais de quatrocentos combatentes, direito ao alojamento do Couval. Chegando perto d'elle, um bombeiro dos padres avistou outro dos infieis que não fugiu, e se encaminhou para o christão com um semblante alegre. Conversaram e vieram juntos á presença dos padres que lhe perguntaram como se chamava o seu cacique, se já sabia da sua vinda, se era bravo e máo. Respondeu que o seu cacique se chamava Paracáu (que quer dizer Papagaio) que não tinha nem sabia noticia d'elles (padres), e que não era bravo nem máo, mas sim que era muito bom. Os padres lhe fizeram uma pequena pratica, dizendo-lhe que vinham para ensinar a palavra de Deus, e baptizar a todos aquelles que quizessem ser christãos, que fosse dizer tudo isso á seu cacique e que voltasse com resposta, que elles esperavam n'aquelle lugar. Seguiu este infiel ao seu alojamento (que estaria um pouco mais de um quarto de legua distante do lugar que occupavam os padres) e deu parte do acontecido ao seu cacique Paracáu, o qual logo ao outro dia seguiu com uma porção de gente sua, e chegando á vista dos padres amontoaram seus arcos, frechas, e mais armas, e assim desarmados se aproximaram dos padres que os re-

ceberam bem alegres e satisfeitos, e principiaram immediatamente uma pratica, á qual prestaram muita attenção, e reverencia. Acabada a pratica mostrou-se Paracáu e toda a sua gente mui satisfeitos. Disseram-lhe os padres: depois com mais vagar trataremos do baptismo, agora vamos a tratar de Jaguà-pitã. Que me dizes d'este cacique? Respondeu Paracáu: senhor, este cacique, é máo e bravo, tanto assim que eu estou para me mudar para bem longe com a minha gente, porque Jaguà-pitã, vem ao meu alojamento quando quer, e leva os rapazes e raparigas que lhe parece para o seu alojamento, e eu tenho que soffrer isto, porque elle tem muito mais gente do que eu, por isso se vão ao alojamento d'elle, eu os quero acompanhar, com a minha gente, levando só os que servirem para brigar. Disseram-lhe os padres: sim, vamos a ver se o reduzimos á palavra de Deus. Tornou a dizer Paracáu: mas elle ha de brigar por força, porque é muito máo e alvoratado. Determinaram os padres seguir ao alojamento de Jaguà-pitã; Paracáu os acompanhou, levando comsigo mais de duzentos homens dos seus. Chegados todos a pouco mais de uma legua de distancia do alojamento de Jaguà pitã, acharam os padres um lugar muito bonito, e com boas proporções para se entrincheirarem ad cautelam. O padre Francisco Dias alli fez parar todos, disse missa, e fez uma grande pratica ou discurso aos christãos brancos e pelo interprete aos indios, animando a todos, e fazendo-lhes certas reflexões e advertencias. Depois d'isto o padre Francisco Dias, mandou o padre Diogo de Salazar com duzentos indios e vinte christãos brancos, estes com armas de fogo, para que seguissem ao alojamento de Jaguà-pitã, a ver o que resultava. Se rendessem ia o padre Diogo Salazar para prégar, e se fosse preciso brigar, tinham ordem de se retirarem para a trincheira, na qual ficava toda a outra gente trabalhando para

a concluir. O padre Diogo de Salazar com a gente que o acompanhava chegando a pouco menos de um quarto de legua do alojamento de Jaguà-pitã, encontrou já uma grande partida de infieis, os quaes com immensos gritos avançaram fortemente á sua gente, porém ao ouvirem alguns tiros das armas dos christãos brancos, que mataram dois ou tres infieis, se assustaram muito, arrefeceu a furia com que vinham e foram retirando-se. Os christãos estiveram alli esperando a ver se apparecia algum infiel á falla ou o que aconteceria. O resultado foi que á tarde veio sobre os christãos, uma grandissima força de infieis, mas como receiosos, e não faziam carga forte com medo dos tiros das armas dos christãos, os quaes foram se retirando toda aquella noite e o outro dia. Pelas dez horas da manhã, chegou da trincheira aos christãos um consideravel reforço, sendo estes sempre perseguidos dos infieis sem que aquelles podessem conhecer ou calcular o numero de seus perseguidores. Assim os christãos acantoaram-se na trincheira que os infieis sitiaram, porém sempre com muito receio das armas de fogo, por cujo motivo não se aproximavam d'ella como desejavam e queriam. Aos cinco dias de sitio já se ia acabando a polvora da força christã, e mesmo a munição de boca. Valeu-lhe ser a trincheira construida no cotovello de um grande arroio abundantissimo em peixe, e os sitiados, terem lugar de o apanhar em cóvos (cesto de taquara feito á proposito) e tambem abundar a barranca do dito arroio de certas raizes boas para comer. Mas preparavam-se os christãos afiando facas e facões para fazerem uma carga cerrada e forte para viver ou morrer, depois de salvarem a vida dos padres, para o que excogitaram e lhes propuzeram de os pôr á salvo n'aquella mesma noite, podendo sem risco fazel-os sahir da trincheira; porém os padres agradecendo muito não annuiram a isso e antes duplicaram suas animadas exhortações, recommendando-lhes

com instancia que redobrassem de cuidado para a pontaria de seus tiros, tanto de armas de fogo como de frechas, e que não os esperdiçassem de nenhuma maneira, que ajuntassem e arrecadassem as frechas atiradas pelos selvagens inimigos, os quaes ao sexto dia fizeram uma carga forte á trincheira. Mas os sitiados já mais acautelados e impellidos pela falta de munições, esperavam-os com uma especie de pouco caso e silenciosos, porém não perdiam tiro, nem occasião nenhuma de offender e de matar. Este procedimento dos christãos fez que os selvagens se fossem retirando mais receiosos e atemorizados, tanto assim que não tocaram mais os seus pifanos e tambores. Deve-se notar que durante o sitio, o cacique Paracáu mostrou á muita gente da trincheira o cacique Jaguà-pitã, de maneira que ficou conhecido de muitos. Determinaram os padres dar no setimo dia uma acção decisiva aos infieis. Repartiram e destacaram toda a sua gente nos pontos e lugares por onde deviam sahir da trincheira carregando sobre os infieis; o que tudo fizeram ao amanhecer do mencionado setimo dia do sitio. Foi tão forte, tão violenta a carga que fizeram os christãos aos selvagens que ficaram estes inteiramente sorprendidos e pouco se detiveram a brigar, não obstante os gritos animadores de Jaguà-pitã, que brigou mais que ninguem, porém como já era conhecido, todos os que podiam o perseguiam, de sorte que não tardou muito a cahir morto, o que desanimou plenamente os infieis que cobardemente fugiram em completa debandada. O cacique Paracáu distinguiu-se valorosamente n'esta jornada. Houve alguns mortos e feridos de parte a parte, sendo o maior numero de infieis dos quaes cento e tantos ficaram prisioneiros. Entraram os padres com toda a sua gente para a trincheira e descansaram até a tarde, em que os padres fizeram uma grande pratica dando graças a Deus por tel-os ajudado e protegido para sahirem victoriosos.

Vendo os padres que n'aquelle lugar os soccorros de boca eram mui escassos, assim como a caça, fructas e raizes por causa da vizinhança dos sitiantes determinaram seguir no outro dia com toda a gente. Regressaram duas leguas para traz, onde encontraram um lugar que offerecia abundancia de sustento. Ahi pararam e prégaram todos os dias. Ao quinto dia de parada, foram vinte e tantos dos prisioneiros pedir licença aos padres para irem ao seu alojamento a ver se por lá achavam as suas familias e as dos companheiros que ficavam, e emfim para convidar todos aquelles que quizessem vir para os trazerem todos á sua presença, pois que todos elles se queriam baptizar e ser christãos. Os padres ficaram mui contentes e com muito agrado deram a licença pedida. Seguiram pois os infieis a esta diligencia, e em treze dias estiveram de volta, trazendo comsigo que apresentaram aos padres mil quinhentas e tantas pessoas, dizendo que este numero não era a metade da gente que morava no alojamento, e que de certo os que faltavam tinham fugido para longe, assustados do extravio. Os padres receberam esta gente com muita alegria e carinho, deixaram-os descansar dois dias, e depois foram para o alojamento de Paracáu, que os padres sempre trataram com distincção. Alli pararam oito dias não cessando os padres de fazerem praticas, que eram ouvidas com attenção, gosto e respeito por toda a gente do cacicado de Paracáu. Havia mil e tantas pessoas, que com seu competente cacique acompanharam os padres a Villa Rica, onde foram recebidos com muitas festas e tudo quanto se póde fazer em signal de satisfação e de alegria. Em Villa Rica os padres principiaram a prégar e a baptizar em quanto mandaram parte ao seu superior o padre Diogo de Torres em Santo Ignacio Maior, não só do resultado da sua commissão, como que alguns dos christãos brancos e indios, que os acompanharam em aquella penosa

e arriscada diligencia pediam que desejavam ficar com alguns infieis e suas familias. Respondeu o padre Diogo de Torres que podiam deixar aos habitantes de Villa Rica, toda gente que elles quizessem da recem catechizada, e que seguissem com a demais para Santo Ignacio Maior; o que tudo assim executaram.

ARTIGO VI.

O padre Christovão de Mendonça, homem illustrado, virtuoso e de uma vida exemplar, se apromptа com mais dois padres em Santo Ignacio Maior para ir catechizar infieis.—Fundação de S. Thomé.

Os padres residentes em S. Francisco Xavier, povoação nova de infieis, convertidos, souberam de uns indios velhos dos ditos infieis já christãos, que antigamente andavam uns padres por aquelles sertões, ensinando tambem a palavra de Deus, e que era sabido existir d'alli a trinta leguas pouco mais ou menos um grande alojamento de infieis, porém que julgavam ser de outra nação, por serem demasiadamente bravios e crueis, tanto assim, que mataram a um d'esses padres e alguma gente da sua comitiva que os queriam catechizar, cujo acontecimento teve lugar em uma bonita campina, denominada S. Thomé distante pelo que julgavam tres leguas do referido alojamento de infieis bravios. N'aquelle lugar de S. Thomé os padres tinham levantado uma cruz de boa madeira, e parecia que tambem alguns ranchos, e no dito lugar sepultaram o padre e mais pessoas que os infieis tinham matado. Um dos indios velhos já christãos que deu esta noticia, disse: que sendo moço tinha ido com seu finado pai ao referido lugar de S. Thomé em uma partida de gente que sahiram não só a caçar, como mesmo para fazer

descobertas como era costume de todos os infieis, e que elle se animava a ir mostrar a deliciosa campina de S. Thomé se fosse preciso, e conversando-se sobre este assumpto, alguns indios velhos christãos de outros lugares confirmaram a mesma noticia, porém ponderando cada vez mais a maldade e costumes dos infieis d'aquelle alojamento, tanto que os outros selvagens tinham sempre medo de se aproximarem d'elle. Todas estas temiveis noticias não deixaram de desanimar alguns padres de irem catechizar taes infieis. Por fim se animou o distincto padre Christovão de Mendonça com mais dois padres a entrarem n'esta perigosa empresa, e marcharam de Santo Ignacio Maior direito a S. Xavier, levando comsigo cem christãos brancos bem armados e municiados e cento e cincoenta indios tambem christãos, a saber: cem armados de lanças e cincoenta de arcos e frechas. Assim chegaram os padres com sua grande comitiva á povoação de S. Francisco Xavier onde descansaram oito dias, e alli se offereceram aos padres duzentos indios christãos para os acompanharem. Para este offerecimento cooperou muito a insinuação dos dois padres residentes em S. Francisco Xavier. Com effeito marchou d'alli o padre Christovão de Mendonça com os dois padres seus companheiros, com o velho vaqueano que se tinha offerecido, e quatrocentos e cincoenta combatentes. Chegaram felizmente á campina de São Thomé, com poucos perdidos do rumo como o tinha annunciado o velho vaqueano ou pratico. Os padres fizeram tanta diligencia, que acharam enterrado no chão o pé da grande cruz, que por noticia sabiam haver alli plantado os outros padres antigamente. Levantaram outra grande cruz no mesmo lugar, e cuidaram logo em fazer uma forte e grande trincheira, alguns ranchos, sendo um d'elles em fórma de igreja. Beneficiaram a porção de carne de caça, de fructas e de raizes que pode-

ram. Concluidas estas disposições, o padre Christovão de Mendonça mandou o padre Thomas Fildi com cincoenta christãos brancos com armas de fogo, cincoenta indios de lança e cincoenta de arcos e frechas para descobrirem o alojamento dos infieis: seguiram para este fim e uma tarde chegaram á barranca de um arroio onde acharam bastantes ranchos, dos quaes alguns ainda estavam em bom estado, com signaes de uma trincheira ou estacada que alli tinham feito; porque o lugar era mesmo á proposito para isso; porém não appareceia signal de que ahi estivesse gente habitando ou que houvesse tido habitantes desde algum tempo; e como se armava uma tormenta de chuva, ahi fizeram pouso, sem ainda terem a minima noticia nem vestigios do alojamento que procuravam. Cahiu com effeito uma horrivel tormenta de chuva, vento e trovões fortes e sobreveio a noite mui escura. Estando a tormenta no seu auge na escuridão da noite, entraram por um dos ranchos quatro infieis carregados de carne de anta, vindo correndo e tão cegos que quando deram accordo de si se viram rodeados dos christãos que os agarraram, e immediatamente os levaram ao padre Thomas Fildi, o qual os recebeu com muito agrado, e mandou-lhes dar de comer. Um d'elles que era máo e de má catadura não quiz comer, os outros tres porém comeram. Um d'elles era muito alegre, muito dado e tinha um semblante leal. Quando acabaram de comer, lhes perguntou o padre o que andavam fazendo e como tinham vindo alli dar e porque motivo. Respondeu o mais dado e alegre: nós tinhamos sahido a caçar, e como encontrassemos uma anta, que já são raras aqui perto do alojamento, seguimos longe para matal-a, e por isso anoitecemos n'esta altura, e por causa da tormenta de chuva vinhamos nos abrigar n'estes ranchos, e riu-se como por terem sido pegados. Perguntou-

lhe mais o padre se o seu alojamento estava longe e como se chamava o seu cacique. Respondeu-lhe o mesmo bom rapaz por que os outros tres nunca fallaram: o alojamento estará d'aqui a meia legua. O cacique geral chama se Guirá-vêrá (que quer dizer: Ave dourada); porém como ha muita gente, estão repartidos em dois cacicados. O outro cacique chama-se Jacé-tátá (que quer dizer Estrella). Eu sou d'este cacicado, moramos todos juntos, mas é Guirá-vêrá quem goberna tudo. Tornou-lhe a perguntar se os seus caciques ainda não sabiam que estava chegando gente para aquelles lugares, e se Guirá-vêrá era bom ou máu, e se elle não queria ouvir a palavra de Deus e ser christão. Respondeu o rapaz que nenhuma noticia tinham que viesse ou andasse gente por aquelles lugares, e que Guirá-vêrá não havia de querer ser christão, porque era muito máu, bravo, furioso e que não acreditava em Deus; mas que o seu cacique Jacé-tátá, sim, era muito bom, e tinha vontade de ser christão, mas que não queria que Guirá-vêrá por nenhum principio soubesse de seus desejos. Determinou o padre que fossem descançar, e dormir, ficando os quatro selvagens soltos, porém debaixo de uma vivissima guarda. No outro dia, tornou a perguntar o padre que mais lhe narrava de Guirá-vêrá e de seus costumes. Respondeu-lhe o mesmo rapaz: Guirá-vêrá é peor que um tigre bravo, porque gosta de comer gente. Quando lhe parece ou tem vontade, escolhe da sua gente um homem dos mais gordos, mata-o e come-o com a sua familia. Quando alguem commette qualquer crime ou erro, não é preciso ser grande, o mata e come tambem se é gordo; e se é magro não o mata á menos que esteja com raiva e manda pôr o corpo morto em um rio grande que ha mui perto do alojamento, dizendo que carne de gente magra não presta para comer. O padre fez então uma grande pratica aos quatros selvagens, não só censurando os máos

costumes e proceder de Guirá-vêrá como declarando que vinha para ensinar a palavra de Deus e baptizar a todos aquelles que quizessêm ser christãos. Depois d'isso disse o padre aos quatro infieis: agora vão para o seu alojamento, e contem aos seus caciques tudo o que lhes acabei de dizer, e eu aqui fico a espera da resposta d'elles. Respondeu o amavel infiel, unico que sempre fallava: eu agora não vou mais d'aqui e nem largo de vocês porque estes meus companheiros vão contar á Guirá-vêrá tudo quanto eu disse d'elle e irremediavelmente me mata. Disse-lhe o padre; pois está bom, fica tú e que vão estes outros, o que logo fizeram seguindo ao alojamento. Depois o padre perguntou ao bom infiel que tinha ficado porque motivo tinham feito aquelles ranchos em que estavam. Respondeu que Guirá-vêrá, mandou alli fazer aquelles ranchos e estacada porque quando scismava haver alguma novidade, ou que havia indicios de se approximar gente mesmo dos infieis, logo mandava para alli uma guarda forte e guarnecer a estacada, afim de quem quer que viesse não entrasse de repente no alojamento para batel-o, pois não havia outro lugar senão este por onde se possa entrar para o alojamento. E era certo, porque a serra faz duas carreiras de mui altos e intransitaveis morros, e por entre estes no seu comprimento ha uma grande chapada ou varzea toda de mato por onde unicamente se póde ir ao alojamento; o que mui bem se divisava da campina de S. Thomé. O padre a esta noticia, repassou com sua gente o arroio e se collocou para a parte de S. Thomé, acautelando-se para não ser sitiado pelos infieis no lugar em que estava que era mui proprio para isso. No dia seguinte de manhã quando Guirá-vêrá estava para sahir do alojamento para ir atacar o padre, mandou matar a Jacé-tátá por ter sabido o que tinha dito ao padre o rapaz do seu caci. cado que lá tinha ficado: porém Jacé-tátá na noite ante-

cedente tinha sido informado de tudo e immediatamente se puzera em fuga com toda a sua familia, de maneira que quando foram executar a ordem de Guirá-verá já o não acharam. Sabendo d'isso Guirá-vêrá ficou muito desesperado, e desconfiou de alguma entrega ou traição de Jacé-tátá.

Foi na realidade Guirá-vêrá com numerosissima porção de gente sobre o padre Thomaz Fildi e sua comitiva que com valor e sangue frio os esperavam. O valente padre Fildi animava continuamente aos seus companheiros; dizia-lhes elle, este rumor que estaes ouvindo (porque os infieis vinham fazendo um rumor espantoso com toques de buzinas, pifanos, tambores, gritos e alaridos como costumam todos) é rumor de infieis que vem contra Deus. Vereis d'aqui a pouco o que fazem. Somos christãos e sabemos sem termos a minima duvida que Deus póde tudo. Elles são contra Deus e nós a seu favor; havemos de ser felizes! Tenhamos fé em Deus e não temamos nada. Animo. Eil-os aqui. Os christãos deram alguns tiros com armas de fogo, que não foram perdidos e que fizeram abrandar a grande furia com que os infieis vinham. Não tardou o padre Fildi a reconhecer a numerosa força de infieis que o vinham acommetter, e por isso mandou immediatamente aviso ao padre Christovão de Mendonça em S. Thomé, que elle ia retrogradando, não sendo muito apertado dos infieis que tinham muito medo das armas de fogo, mas que os iam sempre perseguindo, forcejando de os rodear para os involver em seu centro; e sendo conhecido este plano dos infieis, os christãos procuravam defender-se d'elles em sua retirada. Entretanto o rapaz alegre e leal que tinha ficado com os christãos teve occasião de lhes mostrar o grande cacique Guirá-vêrá, que ficou conhecido de muitos. Elle vinha com uma estreita tanga na cintura, pintada assim como o corpo e cara; tinha na cabeça uma grande corôa de arcos bem pinta-

dos e cravados de pedras grosseiras por serem mal trabalhadas, porém bonitas. Guirá-vêrá era mui alto, corpulento e trigueiro e com as pinturas ficava horrendo e medonho. No outro dia chegou o padre Christovão de Mendonça com reforço de gente quando seu companheiro se achava na serra a meia legua da campina de S. Thomé. Tendo elle tomado conhecimento do plano e das operações dos infieis, dividiu a sua gente e a destacou nos lugares convenientes para que os infieis não os podessem rodear nem atacal-os pela retaguardá. Os dois padres então sabendo o lugar em que se achava Guirá-vêrá com toda a gente de que dispunham lhe fizeram uma carga tão forte e inesperada que mataram logo ao famoso cacique Guirá-vêrá, e os cabos de guerra mais valentes que o rodeavam. Com este acontecimento começaram os infieis a gritar· mataram a Guirá-vêrá. Guirá-vêrá morreu.... de maneira que estes gritos repetidos, deram conhecimento da morte do seu cacique á todas as phalanges infieis que fugiram precipitados. e em completa debandada, levando o corpo de Guirá-vêrá; mas com a pressa ou com o medo com que fugiam deixaram a corôa de Guirá-vêrá que um dos christãos recolheu e entregou ao padre Christovão de Mendonça, e que este depois mandou a seu superior o padre Diogo de Torres em Santo Ignacio Maior. N'esta acção os christãos fizeram oitenta e tantos prisioneiros que conduziram para a trincheira de S. Thomé, onde logo os padres lhes começaram a prégar e ensinar a palavra de Deus. (14)

O cacique Jacé-tátá, na noite em que fugiu do alojamento, quiz vir direito aonde estavam os christãos; porém tendo receio de uma partida que Guirá-vêrá tinha mandado como de guarda avançada pelo mesmo caminho, entranhou-se pelos elevados e intransitaveis serros que tinha para o lado da varzea por onde se caminhava, e por alli com muito custo foi seguindo com sua familia. Ouvindo sempre os tiros das armas

dos christãos, o que muito o animava, chegou emfim á beira da campina de S. Thomé; porém como não sabia do resultado da batalha, tinha receio de cahir em poder de Guirá-vêrá; porque sabia que n'este caso morria infallivelmente, por isso não seguia para a campina de S. Thomé, sem que soubesse que lá estavam os christãos, sabendo unicamente por tradição que antigamente os padres tinham levantado alli uma cruz grande, onde estava enterrado um d'esses padres, e mais alguns christãos que os infieis tinham matado. Não deixava de imaginar que no mesmo lugar deviam achar-se os padres de que acabava de ter noticia. Sem embargo conservou-se Jacé-tátá tres dias no mesmo lugar, depois do combate, até que felizmente viu passar pela beira do mato uma partida de indios e de alguns brancos que iam descobrindo se havia alguma novidade. Verificando Jacé-tátá que os da partida eram christãos procurou apresentar-se-lhes: a gente da partida o recebeu muito bem assim como á toda sua gente e os conduziu á presença dos padres na trincheira de S. Thomé, onde foram muito bem recebidos. Então Jacé-tátá disse quem era e contou a sua fugida do alojamento da fórma que já dissemos.

Disseram-lhes os padres que queriam mandar alguns dos prisioneiros ao alojamento e suas circumferencias para ver se reduziam alguns infieis e suas familias para virem a S. Thomé fazerem-se christãos e ouvirem a palavra de Deus, e indagaram d'elle se queria se encarregar d'esta diligencia. Respondeu Jacé-tátá, que ainda tinha medo de lá ir, porque o finado Guirá-vêrá tinha um immediato ou executor de ordens, chamado Jaguá-pé (que quer dizer couro de tigre) que era mui amigo do finado Guirá-vêrá e condescendente com elle, e que ignorava se esta amizade e condescendencia provinha do medo, ou se era porque Jaguá-pé adoptava a mesma opinião e procedimento de Guirá-vêrá. Responderam-lhe os padres que tinha razão e não devia ir. Ahi ficou Jacé-tátá com

sua familia e bem tratado. Os padres mandaram para o alojamento vinte e cinco prisioneiros dos que lá tinham deixado as suas familias, bem ensinados; entretanto continuaram a prégar na fórma do costume.

No fim de tres dias disse Jacé-tátá que seria bom haver ahi mais cautela, e na trincheira tambem, assim como na gente que ia fóra passear e caçar, porque não se sabia o que quereria fazer agora Jaguá-pé, que de certo hoje é cacique e tem muita gente. Os padres agradeceram-lhe muito esta lembrança, e tiveram mais cautela. Aos dezesete dias da sahida dos prisioneiros, appareceram só dezenove d'estes com suas familias; alguns dos outros tinham adoecido, outros tinham pessoas enfermas em suas familias, e mandaram dizer que haviam de vir logo que se restabelecessem.

Perguntaram-lhes os padres se Jaguá-pé, estava no alojamento e se tinha sido nomeado cacique em substituição de Guirá-vêrá. Responderam que sim, que Jaguá-pé era agora cacique em lugar do finado Guirá-vêrá e que elle com numerosa comitiva de homens estava ahi bem perto. Viemos juntos, disseram elles, e elle nos mandou adiante para dizer que não vem para brigar nem fazer o menor mal a ninguem, vem só para fallar com vocês. Os padres não se fiando n'isso prepararam-se para os receber fóra da trincheira, como com effeito o fizeram, porém em um lugar d'onde os infieis divisassem bem sete estampas ou painéis de anjos mui bonitos que tinham feito levantar na frente do rancho que servia de igreja. O lugar em que os padres receberam os infieis era mui perto da trincheira da qual elles não queriam que os selvagens tomassem conhecimento por dentro. Fizeram-lhes uma grande pratica e os infieis lhes vieram beijar as mãos, mas ficaram summamente admirados de verem as referidas estampas, e gostaram tanto de as ver, que pediram licença para as contemplar de mais perto. Responderam-lhes os padres que

não podiam consentir n'isso, que só os christãos podiam ir lá perto, que depois de se baptizarem se queriam ser christãos, haviam de poder chegar bem perto todas as vezes que as quizessem ver e adorar. Chegou-se então Jaguá-pé aos padre e disse: eu sou o cacique d'esta gente e quero ser christão. Hoje ouvi a palavra de Deus, e agora reconheço bem que andava enganado: mas vou primeiro ao alojamento para trazer a minha familia e as de toda esta gente que veio comigo e que me dizem que tambem querem ser christãos; emfim trarei todos quantos quizerem vir, porque lá ainda ha muita gente fóra espalhada pelos matos desde o ataque em que morreu Guirá vêrá.

Os padres annuiram a tudo, e fizeram a Jaguá-pé alguns presentes entre os quaes havia anzóes, agulhas e alfinetes que muito prezou o cacique, retirando-se mui satisfeito com toda sua gente. Ao fim de onze dias esteve de volta Jaguá-pé com duas mil seiscentas e tantas pessoas de todos os sexos e idades. Os padres os receberam contentissimos e lhes destinaram um lugar encostado a trincheira do lado de fóra: ao outro dia começaram a prégar de manhã e de tarde durante dez dias.

No undecimo principiaram a baptizar, sendo o primeiro baptizado o cacique Jacé-tátá com o nome de Thomé Estrella; o segundo foi o bom rapaz dos quatro infieis que o acaso trouxe ao padre Fildi, que não quiz ir mais para o alojamento, nem tão pouco separar-se do dito padre Thomas Fildi que foi seu padrinho e lhe pôz o seu nome; o terceiro foi o cacique Jaguá-pé com o nome de Pedro; assim seguiram baptizando e tambem fazendo os infieis trabalharem em casas ou ranchos para si mesmos, porém tudo em arruamento. Repartiram a gente em dois cacicados, á saber: um de Pedro Jaguá-pé, e outro do cacique Thomé Estrella. Os padres fizeram a este, capitão corregedor e por conseguinte superior de Pedro Jaguá-pé que ficou muito satisfeito com esta nomeação,

Dois mezes depois disse Thomé Estrella aos padres, que Pedro Jaguá-pé devia ir ao alojamento com gente afim de conduzirem os mantimentos que lá tinham, como grande porção de pinhões beneficiados (procediam a isso pondo os pinhões certo tempo na agua corrente e expondo-os depois poucos dias á fumaça para se não damnificarem); feijão, porém de arvore, cuja arvore em sua maior altura tem doze palmos e dura cada pé cinco ou seis annos, e dando todo o anno: o grão é como feijão miudo, mas tem melhor gosto; carás mui bellos, umas raizes bem semelhantes a batatas e quasi com gosto de amendoim, e muitos balaios ou cestos cheios de azedinha, que é um grão branco redondo do tamanho de uma ervilha grande; cava-se no chão para tirar este grão que é abundantissimo aqui em quasi todos os matos; come-se fresco e tambem se faz seccar ao sol, e póde-se conservar para se comer secco. E na mesma occasião procuraria achar ainda alguma gente extraviada para a conduzir. Os padres annuiram ao que lhes propôz o corregedor Thomé Estrella. Assim seguiu Pedro Jaguá-pé, com a gente precisa para o fim já dito. Aos vinte e um dias esteve de volta Pedro Jaguá-pé, não só com os mantimentos que fôra buscar, como com mais de mil e tantas pessoas entre homens, mulheres e crianças, o que tudo logo foi repartido pelos dois cacicados, e d'esta data a seis mezes todos os que tinham sido infieis estavam baptizados, mui contentes e satisfeitos, obedientes e tementes a Deus, e a povoação de S. Thomé bem brilhante e em estado de prosperidade.

ARTIGO VII.

O padre Claudio Aquaviva, homem sabio, virtuoso e mui pacifico se apromptaem Santo Ignacio Maior com mais dois padres para irem catechizar infieis. — Fundação do povo de Nossa Senhora do Carmo com a gente do cacique Ita-puú, etc. (25)

Os padres residentes na povoação já catechizada e denominada S. Francisco Xavier tendo noticia pelos indios catechizados da sua povoação de que a campanha do Paraguay não deveria estar muito longe, mandaram gente a descobrir campo. E, com effeito a gente empregada n'esta diligencia descobriram os campos do Paraguay como á trinta leguas distantes da mencionada povoação de S. Francisco Xavier. Estes descobridores em seu regresso obliquaram para um lado do caminho por onde tinham ido; e tendo caminhado quatro leguas pelo mato ouviram bulha de córte de machado; puzeram-se logo em guarda e com cautela foram reconhecer o que ouviam. Chegados ao lugar viram tres infieis cortando um páu para tirarem mel. Carregaram sobre os infieis que se puzeram em fuga, mas felizmente um d'elles cahiu, o que deu tempo aos christãos de o agarrar. Seguiram precipitadamente com elle e fizeram n'este dia uma grande jornada com receio de que alguma força de infieis os perseguisse para tomar-lhes o prisioneiro. Este contou que do lugar onde foi pegado ao alojamento havia pouco mais de um quarto de legua e que ahi existia um alojamento grande e quatro pequenos. Em virtude do que os padres de S. Francisco Xavier mandaram participação ao seu superior o padre Diogo de Torres em Santo Ignacio Maior. Este enviou de encarregado o mencionado padre Claudio Aquaviva com mais dois padres e sua comitiva particular, sessenta christãos brancos com ar-

mas de fogo e bem municiados, e cem indios christãos com lanças. D'esta maneira chegou o padre Claudio Aquaviva á S. Francisco Xavier onde descançaram dez dias; e n'este tempo os padres em commissão perguntaram ao prisioneiro infiel o estado do alojamento, a força de gente que n'elle havia, os costumes e modo de pensar ou opinião do seu cacique sobre ser christão, e como se chamava. Respondeu que o cacique geral ou do alojamento grande se chamava Ita-puâ (que quer dizer pedra em pé ou levantada) e que fóra do alojamento grande havia quatro mais pequenos, perto uns dos outros, e que era cacique d'estes Chimboí (que quer dizer Timbauva, arvore) porém subordinado a Ita-puâ, porque os quatro alojamentos pequenos não tinham tanta gente entre todos como o grande só, que o cacique Itá-puâ era mui paciente e muito bom, mas que o cacique Chimboí, era máu, bravo e alvoratado; que por ter pouca gente não brigava com Itá-puâ de quem não era amigo, pois andavam sempre em duvidas por qualquer cousa, mas que valia então não só a grande prudencia e bondade de Itá-puâ, como igualmente não ter este o minimo receio de Chimboí, o qual ficava muito bravo quando Itá-puâ lhe dizia que tinha vontade de ser christão, como de facto tinha. Este cacique Itá-puâ, é como já disse, muito bom, manso e mui condescendente com todos, pelo que é amado e respeitado em geral de toda a gente e até dos quatro pequenos alojamentos, dos quaes continuamente se mudam algumas familias para o seu, que é sito em uma deliciosa campina quasi de tres quartos de legua em quadro, e pela beirada da dita campina pelo lado de Leste passa um grande rio abundantissimo em todas as qualidades de peixes, e na barranca do qual, tanto por elle abaixo como acima, quas não ha páo ou arvore que não seja de fructas e todas muito boas de comer. Com as boas maneiras e carinhos d'este nosso amavel cacique Itá-puâ, temos muita abundancia de susten to

20

no alojamento, porque este nosso bom cacique nos faz trabalhar em plantar e colher muito milho, feijão, aboboras, mandioca, batatas e arroz. Ha ranchos grandes nos quaes o nosso cacique manda recolher e guardar todos estes mantimentos, para depois os ir dando e repartindo á toda sua gente. Tambem ha no alojamento bastantes laranjas, pecegos e outras fructas dos christãos, de maneira que vivemos fartos e contentissimos com o nosso amavel cacique Itá-puâ. Elle tem uma unica cousa de que alguns não gostam muito, e é que inclinando-se elle ou gostando de qualquer filha ou mulher de algum seu subdito, este tem de lh'a entregar, ainda que não seja de sua vontade. E' verdade que era estylo (dizem os antigos) que os caciques querendo podiam ter quinze, vinte e trinta mulheres cada um, assim como usam quasi em geral casar até irmãos como irmãs, se bem que alguns tem medo de casar-se entre parentes, quanto mais entre irmãos. Informado assim o padre Claudio Aquaviva e seus dois companheiros, seguiram com toda a sua comitiva e gente, levando mais cento e cincoenta indios já christãos armados de arco e frechas dos residentes em S. Francisco Xavier, e levando tambem de vaqueano ou pratico o infiel prisioneiro. Tendo chegado todos a uma legua de distancia do alojamento de Itá-puâ mandaram ao dito prisioneiro bem ensinado a contar tudo e fallar com Itá-puâ a ver se queria ouvir a palavra de Deus e ser christão, ou qual era a sua opinião e seu modo de pensar a respeito, e que elles (padres) esperavam ahi a resposta. Seguiu o prisioneiro e chegando ao alojamento contou ao cacique Itá-puâ tudo que havia e ao que ia. Este ficou um tanto assustado, e mais assustados ainda ficaram todos os infieis do alojamento, que alvorataram-se muito, e quasi a metade d'esta gente fugiu e reuniu-se ao cacique Chimboí. Sabendo o que se passava Chimboí ficou muito bravo e como endemoninhado, e logo tratou de fazer uma grande jangada para (se fosse preciso) n'ella

passar a sua familia no famoso rio em cuja barranca moravam, preparando-se ao mesmo tempo a brigar, porque se via com muita gente. Ao terceiro dia Itá-puâ com a gente que lhe tinha ficado apresentou-se aos padres, que os receberam com muita alegria, e lhes fizeram immediatamente uma grande pratica, acabada a qual, vieram todos os infieis mui contentes beijar as mãos dos padres. Então Itá-puâ deu-se-lhes a conhecer e offertou aos padres as laranjas que tinham podido carregar, dez infieis. Os padres agradeceram muito, e fizeram-lhe tambem seus presentes de anéis, tesouras, rosarios, contas de diversas côres para o pescoço das mulheres e anzóes; do que ficaram os infieis tão contentes como admirados, principalmente das contas de côres e dos anéis. Seguiram depois todos os infieis, christãos e padres para o alojamento, o qual os padres acharam ainda mais bonito e aprazivel do que imaginavam, pela agradavel descripção que d'elle lhes tinha feito o prisioneiro infiel, porque na verdade nada deixava a desejar pela agradavel vista que tinha, e bellas proporções para formar uma grande cidade. Ao outro dia disseram os padres ao cacique Itá-puâ : seria bom que fosse com a tua gente ver o que é feito do cacique Chimboí, e saber de que accordo está. Respondeu Itá-puâ : eu agora estou com pouca gente, e Chimboí de certo tem mais do que eu, porque havia de se lhe reunir toda a que sahiu assustada do alojamento. Sim, estou prompto para ir mas ha de ser em companhia da gente christã; então sim vou com animo, porque se acharmos Chimboí elle ha de brigar infallivelmente, porque é máo e furioso. Ouvindo isto o padre Claudio Aquaviva lhe disse que sim; e mandou então ao padre João Vasco com quarenta christãos brancos com armas de fogo, sessenta indios tambem christãos com lanças, e quarenta com arcos e frechas. O cacique Itá-puâ com toda a sua gente foi com elles, e seguiram para o alojamento de Chimboí, o qual veio com sua força encontrar aos christãos já

perto do dito alojamento com os gritos do costume, e assim carregaram fortemente sobre os christãos. Estes deram uma descarga de armas de fogo, da qual poucos tiros foram perdidos, o que fez dar volta aos infieis; porém logo se tornaram a reunir, e vieram outra vez sobre os christãos, mas já tinha determinado o padre João Vasco que se os infieis tornassem a vir sobre elles, que haviam de lhes dar uma descarga de armas de fogo e em seguida carregarem sobre elles, os lanceiros e todos os de arco e frecha, de maneira a fazer uma carga geral e atropellada sobre os infieis, o que se executou pontualmente. N'esta carga, uma bala por fortuna quebrou um braço do cacique Chimboí, que foi fugindo com muitos outros para a jangada que estava no rio, na qual tambem já estava a familia de Chimboí e mais gente; e porque ou a jangada estivesse muito carregada ou por causa de um grande temporal de chuva, pedra e trovões e de um furacão de vento que cahiram, como de proposito, quando a jangada ia quasi ao meio do rio, ella se desmanchou toda, e ahi morreram afogados Chimboí com toda a sua familia e muita gente mais. Alguns se salvaram em cima dos páos da jangada e outros á nado. Todos gritavam: castigo de Deus, castigo de Deus; de maneira que tendo cessado quasi instantaneamente o temporal, não abonançaram os gritos dos infieis, tanto dos que escaparam ao naufragio, como dos que da barranca presenciaram o acontecimento, que continuavam a gritar e a repetir: castigo de Deus, correndo assustados a encostar-se aos christãos para se abrigarem. O padre João Vasco, a vista d'isto lhes fez uma pratica e principiou a acommodal-os porque chegava a noite. No dia seguinte o padre João Vasco seguiu com todos para o alojamento de Itá-puâ, onde estava a gente christã com o padre encarregado Claudio Aquaviva, o qual recebeu a todos com muita satisfação, e immediatamente lhes fez uma grande pratica que os infieis ouviram com muita attenção, respeito e

humildade, e ainda como assustados. Os padres continuaram a prégar tres dias consecutivos, no fim dos quaes disseram ao cacique Itá-puâ, que seria bom que elle mandasse alguma gente sua pelos matos, a ver se reuniam mais alguns extraviados. Respondeu Itá-puâ que sim, mas que queria mandar duas partidas de gente, uma por um lado do rio, e outra pelo outro lado, o que assim fizeram. Os padres continuaram sempre a prégar, ensinando aos infieis a palavra de Deus, e mandando fazer um rancho grande que servisse de igreja, e denominaram a este rico lugar Nossa Senhora do Carmo, por ser este o dia que os padres ahi chegaram.

Aos treze dias da sahida das duas partidas de gente, a que não tinha passado o rio chegou trazendo comsigo setecentas e tantas pessoas, entre homens, mulheres e crianças. Os padres contentissimos receberam esta gente e deram-lhe commodos. Em tudo o cacique Itá-puâ ajudava muito aos padres, e conhecia-se com quanto gosto se esmerava em fazer suas vontades, obedecendo-lhes cegamente, e pedindo sempre que se queria baptizar. Os padres lhe respondiam que esperasse que se concluisse a igreja e então se baptizaria. Os padres sempre prégavam de manhã e de tarde. Aos vinte e cinco dias da sahida das duas partidas de gente, chegou a outra que tinha seguido pelo outro lado do rio, trazendo trezentas e tantas pessoas de todas as idades e sexos. Os padres ainda continuaram a prégar alguns dias em quanto acabavam de fazer a igreja. Tendo-a concluido, disseram missa e principiaram a baptizar, sendo o primeiro que se baptizou, o cacique Itá-puâ com o nome de Pacifico, seguiram baptizando e prégando sempre, de maneira que aos cinco mezes da sua chegada alli, tinham baptizado tres mil e tantas almas, entrando a gente que tinha ficado com o cacique Pacifico Itá-puâ. Os padres logo cuidaram em alinhar e arruar este delicioso lugar de Nossa Senhora do Carmo, para toda essa gente fazer seus ranchos nos lugares

marcados. Em todo este tempo o cacique Pacifico Itá-puâ teve occasião de contar aos padres que lh'o perguntaram, como havia alli milho, feijão e mais legumes, assim como laranjas, pecegos e outras fructas. Disse que antigamente no tempo do seu avô, o qual tambem foi cacique, descobriram um morador christão em um rancho dos campos do Paraguay que confinava com aquella serra; os infieis avançaram á casa d'este morador; não a queimaram, porém mataram a gente que puderam, saquearam-a e conduziram uma china christã com duas filhinhas já baptizadas; uma de cinco annos e outra de tres. Passados tempos tornaram os infieis a ir á mesma casa que acharam despovoada, e ainda conduziram muitos legumes, que então a china christã plantou no alojamento. Foi ella mesma depois com os infieis á referida casa e conduziram mudas de laranjeiras e mais fructas que plantou no alojamento; assim continuaram muitas vezes a conduzir de tudo o que havia n'aquelle arranchamento dos christãos, que nunca mais alli vieram. A mencionada china christã foi a mestra que ensinou a fazer todas as plantações, e com ella aprenderam os infieis a plantar. O cacique Pacifico Itá-puâ não conheceu a dita china, mas conheceu as duas filhas que morreram de velhas, quando elle tinha a idade de dezoito annos. A' vista d'estas noticias, e da certeza que lhes davam de que os campos do Paraguay estariam d'alli distantes quatro leguas, pouco mais ou menos, os padres determinaram mandar fazer canôas pelos christãos brancos, que levavam em sua companhia, e descer pelo rio abaixo para ver o que descobriam. Com effeito depois de tudo prompto, os padres deram ordem aos christãos de seguir para essa diligencia. Desceram trinta leguas pouco mais ou menos por este rio abaixo, e viram ranchos e gente na barranca do lado do Paraguay, pelo que se foram encostando a ella com muito receio. Fallaram e lhes responderam, e conheceram immediatamente que todos eram

christãos brancos. Então atracaram a terra sem susto, desembarcaram e ficaram todos muito contentes. Souberam que aquella gente que ahi encontravam, era uma guarda de cincoenta homens do Paraguay, que n'este ponto estavam entrincheirados, legua e meia abaixo da beirada da serra d'onde sahia o mencionado rio para o campo. Estiveram todos juntos tres dias, e disseram os da guarda que d'aquelle lugar havia quatro dias de viagem para chegar ao primeiro morador, e que d'este para diante já havia mais moradores e duas freguezias para chegar até a capital do Paraguay, e que da dita guarda á capital se gastava de oito a nove dias de viagem.

Com esta descoberta e com estas noticias, regressaram os enviados dos padres, que de tudo isso ficaram contentissimos e mui satisfeitos. O padre encarregado Claudio Aquaviva mandou pelo rio ao padre João Vasco até á dita guarda para ahi pedir transporte e pratico, por ser muito mais perto e mais favoravel do que pela serra, para seguir com a parte geral e minuciosa de todos os acontecimentos e de todos seus feitos ao seu superior o padre Diogo de Torres, em Santo Ignacio Maior, o que tudo assim aconteceu.

No tempo da viagem do padre João Vasco a Santo Ignacio Maior, os dois padres que ficaram em Nossa Senhora do Carmo, souberam pela gente da partida, que tinha ido pelo outro lado do grande rio a reunir a gente do extravio do cacique Chimboí, que todos tinham visto d'ahi como a umas dez ou doze leguas na serra, uns grandes serros de pedra, e em um d'elles uma casa de pedra muito bonita com portaes, faltando unicamente as portas e com quartos, o que tudo parecia feito por gente; fizeram todos esta narração com tanta exageração que o padre Claudio Aquaviva apromptou-se, e seguiu levando quarenta christãos brancos com armas de fogo, sessenta indios de lança e cem de arco e frechas. Chegando ao dito lugar viu com effeito um dos grandes serros de pedra,

com tres portas na frente, um pateo mui plano que parecia até estar varrido, todo de pedra, assim como a frente da casa e tudo o mais era de pedra; as portas e as paredes tinham onze palmos de alto, e acima levantava-se o serro da mesma pedra a uma altura de dezeseis a vinte palmos; a sala grande do meio tinha vinte e cinco palmos de comprimento e dezenove de largura de um lado e dezesete do outro lado; o quarto da direita tinha quatorze palmos em quadro, o quarto da esquerda tinha dezesete palmos de comprimento e doze de largura da banda da sala grande, e da outra banda quinze; n'esta parede vinha em meia altura d'ella (por dentro do quarto) como uma bica por onde corria uma crystallina agua, á meia altura da parede, e varava o canto d'esta na frente e cahia em um grande tanque no canto da casa do lado de fóra, na ponta e frente do pateo. Claro está que por cima o forro d'estes quartos e sala eram de uma só pedra. Não havia n'elle a mais pequena fenda ou abertura que fizesse temer que cahisse ou abatesse nada do dito forro; o soalho tambem era uma lage de pedra e era feito com bastante perfeição. Conservavam-se limpos estes aposentos como se fossem varridos todos os dias. Estes tres quartos não tinham mais repartimento algum nem mais portas que as tres da frente, que eram ao norte. Ahi esteve um dia o padre Claudio Aquaviva com a sua gente admirando o grandissimo auctor da natureza e o asseio d'aquelle lugar, pois parecia nunca ter andado ahi bicho ou insecto de qualidade alguma pela limpeza em que se conservava. No dia seguinte pôz-se de marcha para traz o padre com sua comitiva , e tendo caminhado menos de um quarto de legua, ouviram todos um estrondo forte como um grande trovão, mesmo na altura e rumo da mencionada casa de pedra, e d'ahi como a dez minutos viram um fumaça serrada sem o minimo cheiro, cuja fumaceira durou como um de hora e tudo se acabou. O padre com a sua gente

foram sempre seguindo o seu caminho até á povoação de Nossa Senhora do Carmo, aonde chegaram felizmente.

O padre João Vasco aos tres mezes da sua sahida da nova povoação de Nossa Senhora do Carmo, chegou de volta á ella, trazendo de Santo Ignacio Maior um grande sortimento do que o padre Claudio Aquaviva tinha pedido a seu superior o padre Diogo de Torres, e as competentes ordens para o que devia fazer, afim que prosperasse aquella nova e rica povoação, visto as bellissimas proporções que para isso tinha.

ARTIGO VIII.

Martyrio dos tres padres jesuitas Roque Gonsales, João de Castilho e Alonzo Rodrigues nas margens do Uruguay, perto de S. Nicolau, pelo cacique Neçu.

O padre Roque Gonsales nasceu no Paraguay, era filho de um homem de bastante capacidade (26) que deu a seu filho uma excellente educação. Depois de ter feito seus estudos, Roque foi ordenado pelo bispo da Assumpção, que quiz conservar junto de si o joven sacerdote; mas este quiz entrar na companhia de Jesus. Isto se passava no anno de 1609. Depois de um anno como membro da companhia o padre Roque Gonsales foi para terras de infieis para lhes prégar e os baptizar. Elle exerceu primeiramente o seu ministerio catechizando infieis e reunindo-os nas immediações do rio Paraná; depois elle passou a exercel-o nas margens do rio Uruguay. Alli o padre Roque Gonsales catechizou a infieis que viviam em pequenos alojamentos e os baptizou assim como a seus caciques de nomes Rombi Tavará e Quarabai, que o estimavam muito. Tinha entrado nas terras dos dois caciques um outro cacique chamado Neçu, e os dois primeiros tiveram intenção de o matar por lhes ter vindo este usurpar o seu territorio.

21

Este cacique Ñeçu que era mui feiticeiro, procurou a amizade do padre Roque, que tendo esperanças de que elle se fizesse christão e o ajudasse a reunir outros infieis, se ligou com elle e persuadiu aos dois primeiros caciques de lhe não fazerem o mal que intencionavam. Com effeito, Ñeçu tratou de coadjuvar ao padre e principiou a levantar casas para formar um novo povo. O padre Roque Gonsales mandou então chamar ao padre João de Castilho que se achava em S. Nicolau. e quando este chegou foram os dois padres levantar uma grande cruz no lugar destinado para o novo povo, e onde Ñeçu já tinha feito uma casa para o padre Roque Gonsales. Chegou ao mesmo tempo á este lugar o padre Alonzo Rodrigues que o padre Roque tinha feito chamar para ser seu companheiro. O padre João de Castilho já tinha conhecimento de quem era Ñeçu. Sabia que elle era muito máo, que passava por feiticeiro, que era mui soberbo e que não se queria sujeitar a ninguem, e d'isso deu aviso ao padre Roque Gonsales. Este chamou a Ñeçu em particular e lhe fallou admoestando-o contra os vicios que sabia que elle tinha. Ñeçu declarou ao padre que elle não era feiticeiro, mas que fingia de o ser para imprimir mais medo aos outros caciques e a todos os indios. O padre Roque Gonsales que queria ganhar todos os infieis a Deus, e conservar uma boa harmonia entre todos os seus catechizados, narrou aos dois caciques christãos Rombi Tavará e Quarabaj a conversação que tinha tido com Ñeçu, assegurando-lhes que elle não era feiticeiro, e que por tanto estivessem com elle em boa intelligencia, pelo que ficaram mui contentes e satisfeitos. A conversação do padre Roque com os dois caciques christãos fôra ouvida por um indio moço filho de um d'elles, o qual narrou a mesma cousa á alguns outros indios, que sabendo que Ñeçu não era feiticeiro deposeram o medo que lhe tinham e ficaram alegres. Não tardou muito que Ñeçu fosse informado do que se passava, e de que os indios não lhe tinham mais

medo, por ter dito elle ao padre que não era feiticeiro. Então Ñeçu enfureceu-se muito contra o padre Roque Gonsales, por ter descoberto a conversação que tinham tido, o que era causa de que os indios não tinham mais receio d'elle, e resolveu matal-o.

Não foi só ao padre Roque Gonsales que Ñeçu cheio de ira tratou de matar, quiz tambem fazer o mesmo aos dois outros padres Alonzo Rodrigues e João de Castilho que ás vezes iam pelos povos ou alojamentos visinhos de indios pagãos, sobre a costa do Uruguay. Em uma d'essas diligencias tinha sahido então o padre João de Castilho. Ñeçu mandou dizer aos caciques dos pequenos povos que elles tinham feito mal de acreditar na palavra dos padres e que os matassem, e que se tinham compaixão d'elles ou receio de os matar, elle Ñeçu mandaria para alli uma porção de tigres, que devorariam os caciques e a todos os indios que lhe desobedecessem, em qualquer lugar mais recondito do mato que elles se escondessem.

Os padres Roque Gonsales e Alonzo Rodrigues que estavam catechizando no povo onde se achavam com Ñeçu, já tinham convertido a metade dos indios pagãos do dito alojamento, e ignorando as disposições e ordens do cacique Ñeçu, estavam-se preparando para fazer uma festa. N'esta festividade o padre Roque Gonsales celebrou a missa, depois da qual fez soar uma porção de peças de moeda de prata, que tinha collocado atraz do calix e ao redor da pedra d'ara, para excitar a admiração dos indios que nunca tinham visto moeda cunhada, e para os dispôr mais facilmente a acreditarem na palavra de Deus, o que com effeito muito agradou aos indios. O padre em seguida guardou as moedas, a pedra d'ara, o calix e mais paramentos. Entretanto o cacique Ñeçu convencionou com um indio, de que a certo signal que o cacique fizesse, acommettesse o padre. Foram a comer, e durante este tempo o cacique fez

signal com os olhos ao dito indio que se chamava Maráguá, o qual com um garrote fortemente deu na cabeça do padre Roque Gonsales que cahiu morto, dando-lhe ainda outro indio varios garrotaços na cabeça. Em seguida foram procurar ao padre Alonzo Rodrigues que estava no seu quarto. O cacique Ñeçu o agarrou pela cintura com os braços, e fez signal com os olhos a um indio de descarregar o golpe sobre o padre; em quanto este o descarregava, Ñeçu largou o padre com medo de ser elle mesmo ferido. O padre atordoado com o golpe retirou-se para o lado do corpo inanimado do padre Roque, e exprobou aos indios sua acção, perguntando-lhes porque os matavam, e concluiu dizendo que se o queriam acabar não o fizessem ahi, mas na igreja. Levaram-o para a igreja, e chegados á porta o fizeram cahir debaixo de seus golpes repetidos. Depois de morto partiram o cadaver em dois pedaços e os arrastaram um pouco para traz da igreja. Entraram depois na igreja os indios, tiraram o calix, a patena que partiram em pedacinhos que repartiram entre si. O mesmo fizeram da casula. Sahiram da igreja para irem arrancar a cruz que os padres tinham erguido e a queimaram, e desmancharam completamente uma pequena imagem da Virgem que um dos padres trazia sempre comsigo (27). Uma parte dos indios não approvou estes excessos que lamentavam, porque estimavam os padres, e fallaram entre si para se reunirem e matarem aquelles que tinham commettido este attentado; mas como eram inferiores em numero, não o fizeram. Um indio velho não podendo conter sua indignação contra os indios, e exprimindo a compaixão que lhe causava a morte dos padres, que, dizia elle, haviam de os levar para o céo, foi morto a garrotaços pelos indios: assim como o foram dois indios mais moços que approvaram os ditos do velho.

Um dos indios favoraveis aos padres, tendo receio que lhe coubesse a mesma sorte, retirou-se d'aquelle lugar, e foi

dar parte d'este funesto acontecimento aos indios amigos dos padres nos povos circumvizinhos, em um dos quaes se achava o padre João de Castilho. Soube Ñeçu d'este aviso e immediatamente mandou a sua gente para que matassem o ultimo dos tres padres. Um d'estes indios mandados por Ñeçu entrou repentinamente no quarto do padre e lhe pediu agua, anzóes e mais cousas; ignorando inteiramente o padre o fim a que vinha, lhe perguntou que queria fazer d'estas cousas. Na occasião de responder, o indio que tinha seus companheiros na porta, se lançou sobre o padre, o segurou, ataram lhe as mãos e o tiraram para fóra. Na sua sahida do quarto lhe deram com um páo pela cara, dizendo-lhe: você ha de acabar em nossas mãos. Pediu-lhes então que o levassem para o enterrar com os outros dois padres. Elles lhe cravaram successivamente tres espadas no corpo, e um dos indios lhe furou os olhos, dizendo que havia de morrer como cachorro; ao que respondeu o padre que seu corpo havia de morrer, mas que sua alma era immortal, e que ella não havia de morrer. Enlaçaram-o com uma corda (guasca) e o arrastaram por entre os pedregais, rompendo toda a sua roupa, e tanto o arrastaram, que arrebentou a corda antes que elle expirasse. O corajoso martyr disse-lhes então que elle não sentia os soffrimentos e que atassem de novo a corda. O que fizeram, e um indio puxando por ella subiu a uma alta pedra e esteve puxando pela corda, fazendo-lhe bater repetidas vezes a cabeça contra a pedra, o qual exclamou: Jesus, Maria e logo expirou. O indio disse então aos seus companheiros: deixemol-o aqui para que o comam os cachorros. E um dos indios que estimava os padres queimou o seu corpo para que não fosse comido pelos cães.

Esta infausta noticia chegou aos povos christãos circumvizinhos, que em massa com os seus padres foram á sepultura dos tres martyres. Então o coração do padre Roque Gonsales proferiu estas palavras: « Mataram o meu corpo e tem feito

pedaços os meus ossos, porém não mataram a minha alma. Estou no céo gozando da gloria. Por me terem morto injustamente Deus ha de castigar os meus assassinos » cujas palavras foram ouvidas por todos os assistentes christãos e pagãos. Ñeçu soube d'isso, e ordenou que fizessem pedaços o coração do veneravel padre Roque. Marânguâ o assassino do padre estava presente e disse: ainda está fallando aquelle que nos estava enganando; e fez uma grande fogueira em que pôz o corpo do padre Roque para que se consumisse inteiramente ao fogo; mas, oh! maravilha! o fogo respeitou o coração do apostolo martyr, o qual depois mandaram para Roma. A' vista d'estes prodigios, os outros povos visinhos de christãos se juntaram para fazer frente a Ñeçu, que vendo a superioridade de seus contrarios se arrependeu, e foi pedir perdão aos padres de S. Francisco Xavier que muito sentiam a morte de seus tres companheiros (28).

ARTIGO IX.

Morte do padre Christovão de Mendonça, martyrisado em Ceaguayú, no territorio de S. Borja, segundo o manuscripto.

Achando-se no povo de Jesus Maria os padres Pedro Romero superior e o padre Christovão de Mendonça, aquelle mandou a este para catechizar nas costas do rio Aguapey. Durante a ida do padre Christovão se lhe apresentou no trajecto o cacique Ybitiraî acompanhado de alguma gente, supplicando ao padre de ir para sua terra catechizar tambem, por que elle e sua gente queriam ouvir prégar a doutrina christã e se fazer baptizar. Dizia isto fingidamente, porque sua intenção era attrahir o padre para sua terra e matal-o, de cuja traição não teve o padre a menor desconfiança; por isso, depois de ter prégado e baptizado á varios na costa do Aguapey, o padre

Christovão de Mendonça com o seu sachristão e fiel companheiro acompanharam ao cacique Ybitiraî e a sua gente que o tinham esperado. Veio ao seu encontro outro cacique de nome Manãndara que tinha entrado no plano de Ybitiraî, mostrando as melhores disposições para com o padre. Chegaram á costa de um grande rio onde os apanhou uma copiosa chuva. Os indios da comitiva dos caciques se espalharam pelo mato afim de se garantir melhor da chuva, e então principiaram a combinar a morte do padre Christovão, que ahi mesmo foi avisado por um indio amigo dos christãos da perversa intenção dos caciques; mas infelizmente os indios amigos dos christãos eram em menor numero do que seus contrarios: e era impossivel que elles não fossem mortos se tentassem resistir. O padre Christovão de Mendonça, para dar animo aos seus, montou a cavallo e caminhou para ir encontrar aos caciques e aos indios que vinham sobre elle; mas tendo andado uma pequena distancia o seu cavallo se atolou em um banhado sem que o podesse fazer sahir. Entretanto os infieis se aproximavam d'elle, que desceu do cavallo e disse á seu fiel sachristão de ganhar o mato para se escapar; o que o joven fez, deixando porém seu arco e frechas junto do padre. Tendo chegado a distancia propria os selvagens principiaram a atirar frechas ao padre, que tambem se armou machinalmente para sua defeza, com o arco e frechas que tinha deixado o sachristão. Mas como nunca tivesse feito uso d'esta arma, só pôde fazer demonstrações de defeza, sem poder acertar a tirar nem uma frecha, em quanto os infieis lhe cravaram muitas nas costas. Procurou o padre retirar-se á pé, do meio do banhado, e como lhe pezassem muito as frechas que tinha cravadas no corpo, as rompeu para poder mal e mal caminhar. Apenas se achava elle fóra do banhado, uma frecha inimiga lhe acertou na cabeça, e lhe atravessou a cara. Cahiu á este golpe, e immediatamente se chegaram a elle os infieis, e um d'elles

lhe deu dois garrotaços pela cabeça. Apararam-lhe a lingua, cortaram-lhe uma orelha, desnudaram-o, apoderaram-se de um crucifixo que levava, o qual os indios jogaram. Elles queriam queimar o corpo do padre que julgavam morto se bem que não estivesse, mas tendo principiado a chover de novo, se retiraram deixando estendido o corpo, com resolução de voltarem pela manhã seguinte a fazer esta operação. Pouco tempo depois o padre Christovão de Mandonça tornou a si do desmaio, e vendo-se desnudado se arrastou para o mato com crueis dôres nas duas feridas grandes que os garrotes lhe tinham feito na cabeça. Procurou alguma cousa para cobrir a sua nudez e não achando nada no mato, sahiu outra vez para o campo, aonde extenuado de suas feridas e de cançaço cahiu no chão, não tendo mais forças para se ter em pé. Pela manhã os infieis foram ao lugar onde o tinham deixado na vespera, e não o encontrando foram a sua procura, guiando-se pelo rasto das gottas de sangue que tinham cahido das suas feridas. Encontraram-o na posição que temos dito e principiaram a zombar d'elle. Dirigiram-lhe a palavra, dizendo-lhe : como é que Nosso Senhor que nos disseste ser tão poderoso não te tem preservado de nós, que temos tido mais poder do que elle. O padre quasi exanime respondeu-lhes com voz desfallecente que Deus havia de remunerar á sua acção criminosa com algum grande castigo. Então um indio á vista d'esta resposta descarregou um forte golpe na boca do padre Christavão de Mendonça, o qual lhe quebrou a dentadura, que apesar de seu medo, recolheu o sachristão que já os infieis tinham achado. O sacerdote moribundo pôde ainda balbuciar as palavras : vós matais o meu corpo, mas não tendes poder de matar a minha alma que ha de viver sempre, e que vai subir no céo para gozar da gloria. Oxalá ! que vós acreditasseis na palavra de Deus que vos tenho ensinado, porém sois máos, por isso não me acreditais » Os infieis ao ouvir

este dito ficaram de mais á mais enfurecidos, e disseram: *Por debaixo de la barba assi lo usen em S. Borja*, (proprias palavras em castelhano que se acham no manuscripto) e se arremessaram ao padre, abriram-lhe a garganta, e pela mesma garganta lhe tiraram a lingua, (como para dizerem que no lugar onde elles estavam que se fizesse assim pelo futuro arrancando-lhes a lingua pela garganta aos que viessem catechizar, e em cujo lugar mais tarde dá claramente a entender o auctor do manuscripto se formou o povo de S. Borja. E' nota do traductor. Tendo arrancado a lingua do padre pela garganta lhe tiraram a pelle do peito e do ventre, abriram-lhe o peito e com a ponta de uma frecha que cravaram no seu coração, dizendo: talvez este ainda esteja vivo, e o extrahiram do corpo já exanime. Assim findou o veneravel padre Christovão de Mendonça. (29)

Tendo-se espalhado esta infeliz noticia pelos povos christãos, que o padre Christovão de Mendonça havia catechizado, quizeram os indios baptizados em numero de mil quatrocentos ir procurar os assassinos e os matar tambem, mas intervieram os outros padres jesuitas dizendo-lhes, que o que tinha acontecido era um mal irremediavel, e que tratassem antes de ir buscar o corpo do fallecido padre Christovão de Mendonça para lhe dar sepultura, ao que se conformaram. Guàîbî, cacique principal do povo de S. Miguel, que tambem tinha sido fundado pelo padre Christovão de Mendonça onde tinha sido substituido pelo padre Miguel Gomes, que ainda no dito povo se achava, Guàîbî que era christão, em suas diligencias agarrou a um dos assassinos do padre Christovão de Mendonça. Chama-se este indio Tayubaî, e o pôz em confissão. Este confessou ser um dos assassinos do padre, e indicou o lugar onde tinha ficado o seu corpo. Partiram em dois pedaços a cabeça do indio assassino, e foram á procura do corpo do padre Christovão de Mendonça que encontraram e levaram para S.

Miguel, fazendo-se-lhe no dito povo solemnes exequias, nas quaes os padres jesuitas fizeram o panegyrico do illustre martyr que tantos trabalhos tinha passado, e tantos serviços tinha prestado a christandade e a humanidade nas missões da provincia, reduzindo e baptizando nas immediações do povo de S. Miguel uns cinco mil indios.

CAPITULO VI.

TRABALHOS DOS JESUITAS NA PROVINCIA DE GUAYRÁ. — INVASÃO DOS PAULISTAS E TUPYS NA DITA PROVINCIA.—EMIGRAÇÃO DOS JESUITAS E DOS INDIOS DE GUAYRÁ PARA O TERRITORIO SITO ENTRE OS RIOS PARANÁ E URUGUAY EM 1631.

Os jesuitas foram bem acolhidos pelos indios avassallados na provincia de Guayrá e das outras commendas que lhes tinham sido confiadas como já temos visto. Mas foram muito mal vistos das auctoridades civis e militares e pelos possuidores de commendas por causa da demasiada solicitude com que constantemente protegiam os indios contra sua tyrannia e despotismo, desmascarando com um excessivo zelo a libertinagem, preguiça e o poder absoluto e caprichoso dos possuidores de commendas. Não foi senão gradualmente, e em virtude da protecção constante da côrte de Madrid, que elles vieram a occupar completamente os differentes povos que se lhes havia dado para educar, e supprimir as janaconas e mitayas que substituiam por um tributo annual pago com muita regularidade ao thesouro real, a afastar os hespanhóes dos povos e emfim a poder governar inteiramente os indios pelo systema que tinham julgado melhor para com esta gente simples e de pouca intelligencia.

A' opposição systematica dos hespanhóes que attribuiam aos jesuitas todos os regulamentos feitos pela côrte de Madrid

para livrar os indios do serviço pessoal das commendas, não tardou a accrescentar-se outros males.

Os habitantes de Villa Riça e sobre tudo os habitantes de S. Paulo no Brasil, apesar de serem christãos, não faziam escrupulo de vir roubar os indios das reducções confiadas aos jesuitas e de ir vendel-os como escravos. Estes e outros obstaculos inflammavam mais o zelo d'estes heróes do christianismo, e apesar da inimizade dos hespanhóes commendatarios, apesar do ciume dos clerigos seculares e regulares, apesar do descuido das auctoridades em protegerem e defenderem as colonias hespanholas confiadas aos jesuitas que ainda não eram reducções propriamente ditas, poucos annos depois da sua entrada na provincia do Paraguay, os jesuitas dirigiram e administravam em Guayrá, no Paraguay e sobre as margens do Paraná vinte e nove reducções, que apesar do abandono dos governadores pozeram logo em estado de resistir aos selvagens. Estes algumas vezes foram repellidos pelos neophytos zelosos de vingar a morte de alguns sacerdotes que tinham perecido martyres. Mas abandonados inteiramente de seus defensores naturaes, os governadores da provincia, não poderam resistir aos ataques frequentes dos paulistas unidos aos selvagens tupys e outros indios não menos barbaros. Em 1631, foram obrigados os jesuitas e os indios a abandonar todas as suas reducções das provincias do Guayrá e de Vera, e a retirar-se como a duzentas leguas ao sul, ficando reduzidas as reducções de cem mil almas que contavam, a doze mil que chegaram ao lugar escolhido para fundar novas reducções. Diz Mr. Alcide d'Orbigny em sua *Voyage en Amérique*, que está provado por documentos authenticos que de 1628 a 1630 os paulistas roubaram e venderam como escravos mais de sessenta mil habitantes das reducções.

Eis como o Dr. Francisco Xarque em sua obra ***Insignes Missioneros de la Compañia de Jesus en la provincia del Pa-***

raguay, narra o assalto dos paulistas ao povo de Jesus Maria no Guayrá.

« Como não pôde o inimigo pelos feiticeiros embaraçar a salvação de tantas almas que se convertiam a Deus, suscitou aos *mamelucos* do Brasil, (nome que n'este paiz davam aos paulistas) gente atrevida, bellicosa que de christãos tem só o baptismo e que são mais crueis que os infieis. Elles formaram um esquadrão com outros alliados e se dirigiram á reducção de Jesus Maria. »

Quando se sentiu que o inimigo se avizinhava e que marchava a toda a pressa, resolveu o padre Simão Mazeta (jesuita encarregado da direcção do povo) mandar a seu encontro alguns indios de paz para informarem-se dos intentos que os traziam ás suas terras e os alliados sem armas unicamente com suas varas, signaes do seu emprego. O inimigo composto de oitocentos mamelucos, tres mil tupys com armas de fogo e outros instrumentos de guerra, se lançaram como lobos sobre aquelles cordeiros que os iam receber, prendendo-os e carregando-os de cadêas, e tirando-lhes os vestidos com crueldade.

« Avisaram ao padre Simão do estrago que o inimigo principiava a fazer, e como já estava tão perto que se ouvia o ruido e alvoroto do exercito, julgando o missionario que haveria nos inimigos algum rasto de christandade e que respeitariam os ministros de Christo, revestiu-se de sobre pelliz, e a estola e com uma cruz na mão, sahiu ao seu encontro. Saudou-os com singular doçura e lhes pediu por Jesus Christo redemptor do genero humano que derramou seu sangue por todos, de não fazerem aggravos a seus freguezes recem-convertidos, dando occasião a que fosse blasphemado o nome de Deus entre as gentes com menospreço da sua santissima lei. A esta petição tão justa respondeu-se com horriveis blasphemias e com grandes accusações para desacreditar a virtude do sa-

cerdote perante aquella gente simples. Com santa liberdade o padre Simão justificou-se e os ameaçou com os castigos do céo, quando de repente com furor e raiva infernal, o commandante de uma companhia por nome Frederico de Mello levantou um facão sobre a cabeça do veneravel ministro. Porém deteve, sem duvida, algum anjo a atrevida mão, pois que o golpe não feriu ao servo de Deus com grande admiração dos que estavam presentes, que reconheceram n'isso como um milagre. »

N'esta conjunctura chegou o cacique Carubà para pedir auxilio contra os tupys que lhe tinham captivado os filhos e vassallos. Então o cabo feroz que tinha experimentado o seu instrumento contra o sacerdote, julgando que a pelle d'este era de bronze e lhe tinha feito perder a faculdade de cortar, carregou o mosquete e o descarregou contra o cacique em quanto este fazia suas representações. Cahiu o indio atravessado por uma bala. Bem instruido da nossa religião o cacique ainda não estava baptizado: immediatamente foi o ministro de Deus procurar agua, administrou-lhe o Sacramento e logo depois expirou o ferido como filho de Deus e da igreja.

Em quanto o padre Simão desempenhava este dever, os inimigos se dividiram por toda a povoação em partidas e a sangue e fogo em pouco tempo a saquearam sem resistencia, captivando a gente desvalida, e matando a todos aquelles em quem achavam ou presumiam resistencia.

Verteu o padre qual outro Jeremias um mar de lagrimas, corria de uma a outra parte, de choça em choça, curando as feridas de uns e consolando a outros. Roubaram-lhe a casa, e tiraram sua pobre roupa que eram duas camisas velhas e uma sotana de algodão remendada. Entraram na igreja, saquearam a sacristia, profanaram os altares, derramaram os santos oleos, fazendo escarneo das cousas sagradas, diz o auctor, com mais ousadia que os hereges de Inglaterra; e tendo

aprisionado os pobres captivos e carregado de ferros, tendo receio que lhes chegasse soccorro dos povos vizinhos, tocaram a retirada e marcharam ao amanhecer.

Logo depois de sua sahida chegou do seu povo o jesuita Francisco Dias Taño que vinha consolar ao seu collega e desolados freguezes. Foram juntos visitar as rancherias abrasadas, e a cada passo encontraram lastimosos espectaculos de mulheres que por terem resistido em defesa da sua honra, tinham sido degolladas e abandonadas com grande indecencia e estendidas nas portas como trophéo da sua barbara tyrannia, e em testemunho do apreço que tinham da virtude as novas christãs. »

Consultando sua fervorosa caridade resolveu o jesuita Simão Mazeta, fazer seguir para S. Paulo o exercito que levava suas caras ovelhas, para que no caminho não se perdesse nenhuma por falta do espiritual remedio.

N'essa jornada padeceu immensos trabalhos pelos caminhos asperos, escabrosos, rios caudalosos, serras, despenhadeiros, barrancos, &c.

Eis como elle mesmo escreveu sobre esta viagem. « Os tristes espectaculos que temos achado no caminho, de muitos pobres, velhos, enfermos, cegos, mancos, aleijados perecendo sem remedio, que ficavam no deserto por não poderem seguir as bandeiras, não se podem escrever sem banhar os olhos com lagrimas de sangue. Encontrámos a muitos lutando com a morte ; achámos no mato cinco crianças que davam os ultimos suspiros, os caminhos eram povoados de cadaveres. E em uns bosques ouvimos os choros de um menino que nos servira de guia para o encontrar, era criança de dez para doze mezes, núa e tremendo de frio. Carregamol-a duas leguas nos braços aquecendo-o com o nosso bafo, baptizamol-o debaixo de condição, até que dêmos com gente aquartellada ; procurámos uma india para lhe dar de mamar, e não foi

pequena maravilha de a achar a vista do embaraço que puzeram aquelles brutos a esta obra tão propria da humana compaixão.

« Havendo alguns indios inteiramente rendidos de cansaço se lhes tiraram os ferros a pedido nosso, e os tupys, não podendo nos reprimir sua maldade, lhes pegaram fogo e se algum fugia das chammas, estes perfidos tornavam a arrojal-os a ellas.

« Nem os mouros, nem os judeos, nem os hereges se portam com tanta insolencia, deshumanidade e tyrannia, nem os hollandezes quando tomaram a Bahia, usaram de rigores semelhantes, antes tratavam os vencidos com mais humanidade e brandura. » (Carta do padre Simão, inserta nos *Insignes Missioneros*, pag. 65.)

Se bem que os cabos do exercito portuguez fizessem tudo o que lhes era possivel para que o padre Simão não chegasse á costa do Brasil, onde havia de noticiar seus crueis e atrozes delictos commettidos contra as leis de Deus e dos reis; aportou sem embargo o zeloso missionario a S. Paulo, onde logo que chegaram os indios foram repartidos entre a povoação que quasi toda era cumplice n'esse attentado, e occupados nas plantações e engenhos de assucar. Nem em S. Paulo, nem no Rio de Janeiro, nem na Bahia (que era capital do Brasil) omittiu o padre Mazeta industria, trabalho e diligencias para poder libertar seus pobres e caros freguezes, sendo o padre optimamente acolhido n'estas ultimas cidades aonde se dirigiu, gabando elle mesmo a distincta caridade e o amor fraterno dos portuguezes que primam entre todas as nações para agasalhar os seus hospedes, sem excepção de pessoas, de reinos e de provincias. O governador ou vice-rei da Bahia Diogo Luiz de Oliveira, despachou sem demora ao capitão fidalgo Francisco de Acosta Bazzios para juiz de residencia em S. Paulo e para executar o castigo, segundo o mandado d'el-

rei D. Sebastião do anno de 1570 do theor seguinte: *Mando que d'aqui em diante se não use mais em ditas partes do Brasil dos modos que até agora se usou de fazer captivos os ditos gentios, nem que se possam captivar por modo nem maneira alguma.* Porém amotinaram-se os paulistas por causa da ordem do vice-rei, ameaçaram ao juiz, maltrataram ao padre Simão.

Alguns moradores, sem embargo, com palliada obediencia manifestaram os indios que lhes tinha tocado n'esta leva; mas os preveniam com ameaças, de maneira que cheios de medo, preferiam ficar em sua misera servidão. Com este e outros ardís, de quinze mil indios que tinham ido, só cincoenta foram restituidos ao padre Simão Mazeta, os quaes estavam descontentes por terem que apartar-se de suas mulheres e filhos que lhes tinham occultado.

Considerando o ministro de Deus ser-lhe impossivel conseguir por meios humanos a liberdade de seus freguezes, resignou-se á vontade do Senhor, e regressou a toda a pressa ao Guayrá, porque soube que estavam-se preparando outras tropas de mamelucos e tupys para renovarem sua expedição ás outras reducções.

Já tinham os paulistas com os tupys destruido não só dez numerosos povos no Guayrá, como tambem assolado algumas cidades povoadas de hespanhóes nas mesmas provincias, quando ao regresso do padre Simão Mazeta, julgaram os missionarios jesuitas que lhes era impossivel ficar ahi com os christãos que tinham, e considerando por outra parte que os selvagens d'aquellas paragens não queriam reduzir-se em razão de que os paulistas e tupys tinham-se apoderado mais facilmente dos indios convertidos nos povos e nas igrejas; determinaram ir a outra parte aonde estavam esperançados de recolher mais copioso fructo dos seus trabalhos religiosos. Em consequencia persuadiram aos christãos indios que só lhes restava fugir do perigo em que se achavam, e os apartaram

d'ahi a umas duzentas leguas, conduzindo-os ás margens do rio Paraná no lugar em que as aguas d'este grande rio principiam a demandar e seguir para oeste, proximo aos povos principiados na costa do rio Uruguay para que unidos e formando um só corpo, podessem mais facilmente defender-se.

Transmigração, diz o mesmo Dr. Xarque, um tanto semelhante á de Moysés quando do Egypto levou para a Palestina o povo de Deus para livral-o da escravidão; e não menos trabalhosa, porque bem que essa nova transmigração fosse menos numerosa que a primeira pelas pessoas que chegaram ao termo da peregrinação.. Aquella carecia dos recursos e riquezas que esta pôde tirar do Egypto. Aos indios faltaram tambem o maná e codornizes que todos os dias choviam abundantemente do céo sobre o campo dos israelitas.

Como se repetiam os avisos de que o esquadrão de paulistas e tupys, composto de oitocentos portuguezes e quatro mil tupys, se avizinhava dos povos do Guayrá, tornou-se de immediata necessidade a fuga em todos os povos da provincia, á vista do perigo inevitavel.

Muitos indios sentiam abandonar suas casas, seus bens, seus trastes, o lugar do seu nascimento e da sua criação Entre a perturbação e o temor geral foi preciso que os jesuitas os fizessem partir á força para os arrancar ao imminente perigo. Nem assim mesmo se salvaram os indios de todos os povos, porque em alguns aconteceu que como na comitiva de emigrantes iam muitas crianças carregadas por seus pais, velhos, enfermos e meninos caminhavam de vagar, e foram alcançados pelos tupys e paulistas que a toda a pressa seguiam o seu rasto e que feriram e mataram como de costume aos resistentes e aprisionaram o restante da gente. Porém na maioria dos povos como na reducção de S. Paulo nas de Loreto e Santo Ignacio Mirí que se achavam então nas margens do Paraná-pane, tinha-se effectuado a retirada dos indios

christãos quando alguns dias depois chegaram aos ditos povos furiosos e raivosos os paulistas. Depois de muitos trabalhos e perigos por caminhos asperos, atravessando rios caudalosos, e depois de varios successos, chegaram os emigrantes ao Salto ou antes ás cataratas do rio Paraná, chamado *Salto de Guayrá*, cujas caudalosas correntes de duas mil e cem braças reduzindo-se de repente á estreitura de trinta braças e arrojando-se em uma profundidade de oitenta palmos e continuando no espaço de trinta e tres leguas seus saltos, com violencia de precipicio em precipicio, levantando poeiras d'agua, compondo os mais graciosos iris, fazem um rumor ruidoso que se ouve na distancia de oito leguas. Para evitar o perigo pela violencia com que a correnteza e golpes das aguas arrebatam, foi mister que a caravana fizesse este trajecto por serros altissimos e numerosos despenhadeiros, durante o qual se lhe acabaram os viveres. O mantimento para essa multidão era carregado ás costas, e como muitas pessoas tinham outra carga, como as indias que carregavam seus filhos pequenos, os moços aos velhos, enfermos e invalidos, não se tinha levado sustento para muito tempo. N'esta urgente necessidade muitos se retiraram para os matos a procurar o debil sustento que mal se achava logo se concluia n'essas paragens estereis, a ponto de se verem obrigados a comer cobras e outros insectos asquerosos, pelo que muitos enfermaram e outros succumbiram.

E como acontecia que a gente se repartia, se ocultavam alguns morrendo sem soccorros e sem serem sepultados, em cujos corpos deram as feras que ahi existiam numerosas e que cevadas na carne humana atacavam aos vivos quando não encontravam mortos, e fizeram crueis estragos. Muitas indias tambem com tantos trabalhos e adversidades, adiantaram o tempo da sua gravidez e se desembaraçaram antes do tempo. Em todas estas funestas conjecturas se achava o

padre Mazeta que acudia com forças quasi sobrenaturaes ás necessidades espirituaes dos indios.

Parecia imminente para todos a perda da existencia, mas o resignado sacerdote que adorava os secretos juizos de Deus, qual outro Moysés no deserto, dirigiu fervorosas preces ao Altissimo, implorando com piedosas lagrimas remedio para aquella afflicta nação. Pouco depois da oração do ministro de Deus, divisou nas aguas do Paraná uma canôa grande que descendo o rio se aproximava á costa sem leme, nem piloto. Receberam o padre e os indios esta embarcação como um presente milagroso de Deus para os salvar, e sem dilàção se embarcaram accrescentando balsas á canôa. Infelizmente como a gente era muita, e as embarcações poucas e pouco seguras, a cada passo com o demasiado lastro e peso, se iam a pique, mas por especial disposição da Providencia Divina nem uma só vida se perdeu.

Outras provas lhes tinham sido reservadas. Quando elles se viram fóra do alcance dos paulistas e tupys, os vizinhos das cidades de Guayrá e Villa Rica julgando esta occasião opportuna para boa presa, os acommettiam pelos caminhos e montes quando divididos procuravam algum sustento, e d'esta maneira captivaram mais de duas mil pessoas das reducções do Guayrá em tempo de sua transmigração. Emfim quando chegaram ao lugar escolhido, em Loreto e Santo Ignacio Miri, encontraram ahi grande quantidade de vacas que por cuidado dos jesuitas que já tinham fundado alguns povos n'estas paragens tinham sido conduzidas para o sustento quotidiano dos indios e de suas familias. Mas como elles tinham muito padecido de fome, comeram demasiado para saciar-se, e estes manjares á que não estavam acostumados, lhes occasionaram uma peste de diarrhéa de sangue, tão sem remedio, que falleciam mais de quarenta pessoas por dia. Durou este flagello até que amadureceram as plan-

tações, que muito por anticipação tinham feito semear os jesuitas, e com a salubridade d'esta abundante colheita restabeleceu-se a saude nos emigrados que em numero de doze mil, como temos dito ao principio deste capitulo, principiaram em 1631, a fazer casas, formar outros povos e levantar igrejas nas margens dos rios Paraná e Uruguay debaixo da direcção immediata dos jesuitas, como se vai explicar no capitulo seguinte.

CAPITULO VII.

POVOS DE INSTITUIÇÃO HESPANHOLA E REDUCÇÕES DE INSTITUIÇÃO PURAMENTE JESUITICA QUE FORMARAM A REPUBLICA CHRISTÃ DOS JESUITAS DO PARAGUAY.

Depois de terem reorganisado e tomado a direcção do povo de Loreto, como temos visto no capitulo 3º e de ter acontecido o mesmo no povo vizinho de Santo Ignacio-Miri, os jesuitas Cataldino e Mazeta tiveram a primeira idéa de estabelecer a republica jesuitica de christãos indios, para cujo fim solicitaram d'el-rei de Hespanha auctorisação de estabelecerem reducções propriamente jesuiticas. El-rei D. Filippe III no anno de 1605 mandou despachar uma real cedula, em a qual manda sua magestade ao general Hernando Saavedra, governador do Rio da Prata, que sem dilação alguma despachasse ministros de conhecida virtude, talento e zelo para a conversão das provincias de Guayrá, tomando das rendas e cofres reaes, quanto fosse necessario para seus preparativos, não consentindo que os indigenas fossem reduzidos com violencia, nem com os rigores da guerra, mas sim com suavidade e benignidade christã. O governador obedecendo ás ordens d'el-rei, encarregou d'esta tarefa, ao provincial dos jesuitas, que como já vimos com seis companheiros tinha

feito a sua entrada na provincia do Paraguay. Os jesuitas accedendo ás instancias que lhes eram feitas e valendo-se da occasião (proprias palavras do Dr. Xarque) não só tomaram a direcção das colonias hespanholas do Guayrá, como principiaram a levantar novas reducções propriamente da sua instituição. Quando chegaram os jesuitas com a emigração dos indios da provincia de Guayrá, em 1631, ao territorio encerrado entre os rios Paraná e Uruguay, além dos quatro povos de Loreto, Santo Ignacio-Miri, Santiago e Santa Maria de Fé de instituição dos governadores, mas que os jesuitas tinham e dirigiam como se fossem da sua propria instituição, existiam já alem do Paraná, entre os dois rios e aquem do Uruguay outros dez povos de instituição propriamente jesuitica, e que poderosamente contribuiram para a edificação de outras reducções e para accommodar os doze mil indios emigrados de Guayrá.

Estes dez povos eram: ao norte do Paraná: Santo Ignacio Guazú, principiado a 2 de Janeiro de 1610 pelo jesuita Marcel de Lorenzana e pelo padre secular Hernando Cueva; Itapua fundado em 1614, entre os rios Paraná e Uruguay; Conceição fundado em 1620; Corpus em 1622; Santa Maria Maior em 1626; Japejú em 1626; Candelaria em 1627; S. Xavier em 1629; A Cruz em 1629; e na margem oriental do Uruguay, S. Nicoláo fundado em 1627.

No mesmo anno da chegada dos padres e dos indios de Guayrá em 1631, os jesuitas fundaram a reducção de S. Carlos. No anno seguinte 1632 fundaram quatro reducções, de Apostolos, S. Luiz, S. Miguel e S. Thomé.

No anno de 1633 fundaram tres reducções, Santa Anna, S. José, Martyres; e em 1634 a de S. Cosme. E para pôrmos de uma vez debaixo de um só golpe de vista todas as reducções jesuiticas, accrescentaremos que em 1685 fundaram o povo de Jesus sobre a margem direita do Paraná.

No anno de 1690 fundaram S. Borja, colonia de S. Thomé; e em 1691 S. Lourenço, colonia de Santa Maria Mayor; ambos estes povos na margem oriental do Uruguay.

Em 1698 fundaram S. João, colonia de S. Miguel, tambem na mesma costa oriental. No mesmo anno 1698 fundaram o povo de Santa Rosa, colonia de Santa Maria de Fé; e em 1706 Trindade, colonia de S. Carlos, ambas estas colonias sobre a margem occidental do Paraná. Em 1707, S. Angelo foi fundado por colonia da Conceição. Em fim nos annos 1746, 1749, e 1760 para reunir suas missões do Paraguay com as que a companhia de Jesus tinha na provincia de Chiquito, fundaram os jesuitas da provincia do Paraguay ao norte do rio Tebiquary no alto Paraguay as tres reducções de S. Joaquim, S. Estanisláo e Belém.

Sendo assim o total dos povos governados pelos jesuitas na provincia da companhia de Jesus do Paraguay trinta e tres povos, dos quaes quatro de instituição hespanhola e vinte e nove de instituição puramente jesuitica. Estas trinta e tres reducções ou povos formaram a muito celebrada republica christã dos jesuitas do Paraguay.

CAPITULO VIII.

TRABALHOS DOS JESUITAS PARA FUNDAR SUAS PRIMEIRAS REDUCÇÕES, E MEIOS QUE ADOPTARAM PARA AS CONSERVAR.

Os guaranís e outras nações indiaticas que entraram na formação das reducções jesuiticas eram selvagens que nunca tinham dobrado a cabeça perante nenhum principe, e sem que nenhuma republica os tivesse sujeitado ás suas leis. Sómente vivia junto a gente de uma familia, que obedecia ao parente maior, ou o seu primeiro filho ou parente mais chegado. Os orphãos e os que não se achavam com forças para

resistir a seus inimigos acclamavam ao mais valente para seu cacique ou *capitão*. Poucas vezes excedia de cem o numero das familias que prestavam obediencia a um cacique. Os caciques eram independentes uns dos outros. Cada cacique governava seus vassallos, não com auctoridade de um superior mas com a de um pai, que os reunia á sua mesa sem salario, e os hospedava em seu rancho ou nos seus contornos e os amparava como filhos.

Nada semeavam estes selvagens para sustentar-se, e menos civilisados que as formigas não faziam provisão alguma para o inverno, gastando cada dia tudo quanto tinham. Commummente todos os tres mezes faziam mudar de territorio a seus vassallos, procurando para elles um lugar abundante em raizes, hervas, fructas silvestres, caça, pesca, e que nunca tinha outro cultivo que o da natureza, provida com mais abundancia n'estas regiões do que em muitos paizes do mundo. Estas nações ou hordas selvagens algumas das quaes (mas poucas) eram anthropophagas e estavam em continuas guerras entre si, já para se captivarem mutuamente, já para se caçarem como animaes ferozes, já para se vingarem de alguma injuria ou derrota, já finalmente para se disputarem um territorio abundante de productos, de caça e de pesca.

Com immensas difficuldades tiveram que luctar os illustrados e zelosos padres da companhia de Jesus para fixarem em povoações semelhantes barbaros, dar principio á sua republica, e procurar n'aquelles desertos com que satisfazer os estomagos vorazes dos selvagens. E' verdade que nas cidades e povos dos hespanhoes tinham os jesuitas alguns principios de collegios, mas que carecendo de estabelecimentos não lhes fornecia o sustento, sendo obrigados os jesuitas ahi residentes a alimentar-se de esmolas; as quaes esmolas os hesponhóes do Paraguay recusaram aos jesuitas, logo que viram o amparo e protecção que estes concediam aos indios. Viram-se em

consequencia os jesuitas em tal estado de penuria que tiveram de mandar pedir esmolas ao Chile e ao Perú para poderem subsistir e lançar os fundamentos das primeiras reducções de que temos fallado no capitulo precedente.

Os apostolos de Jesus Christo prégando a nossa santa religião fallavam ordinariamente nas tres partes do velho mundo, a homens já civilisados, intelligentes moradores em povos, cidades, provincias, republicas, reinos e imperios mais ou menos adiantados em polidez, em agricultura e sciencias: As vezes mesmo fallavam perante senados de sabios doutores. Bastava-lhes para introduzir a fé de Christo, applicar-se logo ao ministerio apostolico da prégação provando com razões e argumentos a verdade e divindade da religião de Jesus Christo, segundo o sublime dito de S. Paulo: *fides ex auditu:* a fé entra pelos ouvidos. Mas os missionarios jesuitas do Paraguay tiveram que vencer uma grande difficuldade antes de fazer penetrar a fé pelos ouvidos dos selvagens do Paraná e do Uruguay. Foi preciso predispôr os ouvidos dos indios a se abrirem para deixar-se penetrar pela fé, que os missionarios, segundo a expressão do Dr. Xarque, segurassem com um anzol a boca d'estes barbaros. Era impossivel resolver esta classe de gente a ouvir a prégação evangelica se não os tivessem attrahido com meios materiaes mais perceptiveis pelos seus sentidos, entre os quaes o mais efficaz para elles era o *manjar*. Se quereis ver-nos quietos e gostosos, diziam os indios nos principios de sua reducção aos missionarios, dai-nos muito que comer, porque nós a maneira de *bestas* estamos sempre comendo. « Não somos como vós que comeis pouco e a hora determinada » (até agora os indios confundidos entre nós não tem horas fixas para comer).

O primeiro cuidado dos missionarios jesuitas para a conversão e reducção dos selvagens, foi em consequencia de occupar-se de ministerios temporaes; como praticava S. Pau-

lo: ***Ad ea, quæ mihi opus erant, et his qui mecum sunt, ministra verunt manus istæ;*** entregar-se a todos os officios braçaes para accommodar os infieis, agradar-lhes com a abundancia do sustento e pelas conveniencias que lhes proporcionavam, attrahil-os ao gremio da igreja. Fizeram-se os caritativos missionarios lavradores, derrubando com o machado na mão porções de mato para poder semear. Outros com arados de páu, por faltarem ferros mesmo para fabricar os arados, e lavravam o terreno. Mesmo lhes aconteceu principiarem a semear em umas covas feitas com um páu, em quanto não apparecia alguma pequena enchada que supprisse a falta de animaes domesticos para puxar o arado. Ao mesmo tempo outros cortavam e tiravam do mato as madeiras necessarias para a fundação de uma povoação de uma, duas e mais mil pessoas que ao principio se construiam de páus e canas enlaçadas.

Assim os jesuitas nascidos e criados com todas as commodidades da vida na Europa, educados com esmero, homens cheios de saber, se transformavam voluntariamente em lavradores, lenhadores, carreteiros, peões e exerciam todos os officios braçaes com summo afan e empenho, para que os infieis, que muitas vezes os presenciavam cançados e cobertos de suor sem se dignar-lhes dar a mão sendo elles robustos, se affeiçoassem a estes trabalhos e os aprendessem. Logo que as plantações estavam maduras ficavam as reducções abastecidas. Mas durante o primeiro anno em que os indios ainda não sabiam trabalhar, passavam os jesuitas trabalhos immensos e inauditos para plantar, levantar casas e sobre tudo procurar o sustento para tanta gente.

Deus abençoou os trabalhos d'estes varões illustres. *Honestavit illum laboribus, et complevit labores illius*, pois que poucos annos depois a republica jesuitica do Paraguay possuia numerosos povos, comparaveis aos estados europeos cheios de abundancia e com todas as commodidades da vida.

Mas o conservar esta abundancia nos povos, costumava custar aos fundadores d'aquella nova republica quasi tanto desvelo como sua primeira erecção. O genio indolente dos indios, sua pouca previdencia e capacidade lhe faz perder o cuidado de attender ás cousas mesmo para elles convenientes e summamente importantes e das quaes ás vezes depende sua existencia.

Por isso os jesuitas directores de um povo qualquer que fosse o numero de seus habitantes, necessitavam ter tanta solicitude com cada um d'elles, como se cada um d'esses indios que elles graciosamente chamavam : *meninos com barba*, fossem seus proprios filhos ainda privados do uso da razão. Se não fosse o medo do castigo, os indios não seriam capazes de plantar para seu necessario alimento ; por isso todos os annos se dava a cada familia um terreno sufficiente para seu sustento e sementes para o plantar, porque nem mesmo as sementes elles cuidam de conservar. Se o padre que d'elles cuida não os obrigasse a entregar-lhe no tempo da colheita as sementes necessarias de todos os fructos para uma nova plantação, ter-se-iam perdido as sementes em todo o povo. A cada familia de indios se emprestam os bois necessarios para lavrar que ás vezes deixam alguns dias presos ao jugo da preguiça de os soltar e procurar depois, e tem havido indios tão torpes ao ponto de matarem estes mesmos bois, sem dar outra desculpa do que allegar que estavam com fome. Os padres cuidam summamemte dos trabalhos dos indios para que semêem, cuidem e conservem o de que precisam durante o anno, e castigam os omissos segundo merece o descuido. Com tudo isso pelo meio do anno a muitos falta o sustento, por sua divida no trabalho, ou descuido em conservar seus productos ou emfim por sua prodigalidade.

Para occorrer á penuria que d'isso poderia resultar, estabeleceu se em cada povo, mandar-se fazer grandes planta-

ções de todas as plantas e fructos cultivados, para o que se escolhem as melhores terras mais proximas ao povo, e os indios que são mais diligentes e que tem maior aptidão para cada uma d'estas lavouras. Os productos d'estas grandes lavouras se recolhem em armazens bem accommodados, e segundo as necessidades se repartem como esmola e gratuitamente a todos. Em fim não podendo conseguir proveito nenhum do trabalho particular dos indios, os jesuitas deixaram-se de os fazer trabalhar em lavouras privadas e occuparam toda a gente do povo nas grandes lavouras e estabelecimentos da communidade.

Tendo os primeiros missionarios levado do Paraguay para as reducções algumas cabeças de gado vaccum e cavallar, haviam multiplicado mais, segundo a expressão do Dr. Xarque, do que as ovelhas pintadas de Jacob ; e determinaram os padres que cada povo cuidasse de alguns estabelecimentos de creação de gado; augmentou este ramo a tal ponto que os numerosos campos de ambas as margens do rio Uruguay se achavam cobertos de gados, sufficientes para abastecer todos os povos, além dos animaes cavallares mais que sufficientes para todos os serviços.

Nem todas as reducções recolhiam os mesmos fructos ou igual abundancia, ou por causa da adversidade das terras, ou porque os administradores se inclinavam mais para qualquer ramo de producção. Assim umas reducções abundavam de trigo, carneiros, vaccas, cavallos, mulas, etc., e outras sabresahiam em colheitas de algodão, anil, canna de assucar, mel de páu, cera, etc. Elles permutavam entre si os productos (nos povos não existia o uso de vender por dinheiro) cedendo um povo as sobras de um artigo a outro povo que d'elle necessitava, e recebendo o valor em qualquer outro producto de que carecia. Padecendo qualquer dos povos jesuiticos qualquer carestia, que ordinariamente provinha da secca, ou outros

accidentes que custam o suor do lavrador mais solicito, ou de alguma epidemia, os demais povos o soccorriam gratuitamente em tudo quanto podiam.

D'esta communhão de bens entre todos os povos e entre os habitantes de cada povo entre si, resultava vestindo todos, sem excepção alguma da mesma maneira e tendo igual sustento, onde ninguem guardava o que lhe sobrava, e em que cada um era servido em suas precisões, não havendo pobre nem rico, resultou uma christandade, vivo retrato da primitiva igreja. Era a republica christã dos jesuitas do Paraguay.

Com semelhante abundancia e proporção, os jesuitas poderam logo ensinar quasi todos os officios a seus neophytos, como o fizeram para renovar as construcções dos povos com pedras lavradas e materiaes mais solidos, edificar e decorar os magestosos templos de que teremos occasião de fallar.

CAPITULO IX.

MEIOS EMPREGADOS PELOS JESUITAS PARA ATTRAHIR OS SELVAGENS ÁS REDUCÇÕES E AO CHRISTIANISMO. — CARTA CURIOSA ESCRIPTA EM 1683 DO POVO DE S. THOMÉ PELO REVERENDO PADRE FRANCISCO GARCIA.

Varias são as opiniões dos auctores que trataram d'esta materia pelo que diz respeito aos meios empregados pelos jesuitas para reduzir os indios que formaram os primeiros povos jesuiticos, que em numero de dezenove foram pelos padres da companhia fundados no curto espaço de vinte quatro a vinte cinco annos, em quanto ao depois no espaço de cento e trinta e tres annos que correram de 1634 até o anno da sua expulsão em 1768 fundaram unicamente dez povos, dos quaes seis foram formados não de indios selvagens mas de indios submettidos em os povos já existentes e que, como colonos, foram

organizar e povoar seis novas reducções. Os jesuitas escreveram, que os unicos meios por elles empregados, foram unicamente a persuasão e a prégação evangelica. Seus adversarios avançaram o contrario. Os auctores que se chamaram imparciaes, sem inclinar-se aos dois partidos contrarios não deixaram de dar a perceber a sua opinião, que apoiava a serie dos factos e acontecimentos.

Não póde haver duvida que muitos elogios merece a conducta dos primeiros jesuitas que pisaram o solo americano, e pela pratica de todas as virtudes foram, durante o primeiro periodo de sua vinda no Paraguay, atraz dos selvagens para os reduzir á fé e á civilisação.

Dão a entender todos os auctores amigos ou inimigos dos jesuitas, que a causa que contribuiu para augmentar consideravelmente o numero de seus neophytos, foi a guerra que os mamelucos do Brasil, ajudados dos tupys, faziam ás tribus indias e ás colonias hespanholas do Paraná. Dão a entender os mesmos jesuitas em seus escriptos, que o máo trato que os hespanhóes davam aos indios das suas commendas, e as guerras incessantes entre as tribus selvagens lhe subministrou innumeros neophytos. Parece-me pois fóra de duvida o que assevera Azara, que os jesuitas que tinham muita habilidade e eram dotados de muita prudencia e de varias excellentes qualidades, superiores sobre tudo em delicadeza e brandura aos primeiros conquistadores hespanhóes, aproveitaram o terror panico de indios perseguidos pelos paulistas, tupys e mais selvagens e pelos mesmos hespanhóes, e aproveitaram a facilidade que lhes offerecia o desanimo de uma nação expatriada, para no espaço de vinte cinco annos fundarem e povoarem dezenove povos.

Vamos a ver agora os meios empregados pelos jesuitas para submetter os selvagens, depois do estabelecimento dos ditos dezenove povos. N'esta narração me cingirei quasi unicamente

aos escriptos dos mesmos jesuitas, excepto para a fundação dos tres ultimos, para a qual invocarei o testemunho de Azara.

Em fins do seculo dezesete, os missionarios da companhia de Jesus da provincia do Paraguay julgando que era impossivel a conversão dos infieis vizinhos das suas reducções e das colonias hespanholas, por estarem os ditos infieis escandalizados da conducta dos hespanhóes e seduzidos por apostolos que ordinariamente fugiam das colonias hespanholas, resolveram ao exemplo de S. Paulo, que deixou de prégar aos judios para ir converter os gentios, e abandonar os indios infieis vizinhos das suas reducções e colonias hespanholas para emprehender a conversão de infieis que moravam a muitos centenares de leguas nas provincias de Buenos Ayres, Tucuman e na margem oriental do Uruguay, vizinhos ás suas reducções; e os meios que empregaram para attrahir os selvagens foram os seguintes:

1.° meio —Comprar indios. As nações selvavens estavam entre si em continua guerra em que captivavam seus inimigos.

Não tendo meios de conservar presos os inimigos adultos, os matavam, os assavam, segundo asseguram os mesmos jesuitas faziam festins até se embriagarem, bebendo nos craneos de seus prisioneiros, de cujos ossos faziam pontas para suas frechas, mas conservavam as mulheres e os filhos pequenos dos vencidos em rigoroso captiveiro. Chegando depois os vencedores ás reducções jesuiticas (a mais proxima á sua rancheria) tratavam de commerciar, pedindo tabaco, milho, trigo, algodão e outros productos. O corregedor avisado de antemão pelo padre jesuita cura do povo, lhes pedia em pagamento alguns escravos, e concluindo-se ordinariamente o contracto, resgatava-se uma porção de meninos da escravidão para conseguir a liberdade dos filhos de Deus, porque immediatamente os jesuitas os accommodavam optimamente nas melhores casas do povo.

2.º meio. — Enviar caciques por entre os infieis. Usavam os missionarios de enviar para reduzir aos selvagens, alguns dos caciques ou indios mais capazes, mais zelosos e mais exemplares.

Houve em S. Thomé um cacique chamado Francisco Arazay que sahia todos os annos, em mezes convenientes, escoltado dos indios mais valorosos seus subditos, para que lhe tivessem respeito, sem que elle perigasse, o qual convenceu bom numero de selvagens a reduzirem-se nos povos jesuiticos.

Ia elle com alimentos sufficientes e os padres lhe entregavam alguns dos generos que mais apeteciam os selvagens. e devidamente ensinado procurava logo os lugares onde se sabia existiam gentios. Encontrando-os lhes fazia festejos e regalos, assegurava-lhes que ia ter com elles unicamente com tenções pacificas e com desejos de lhes fazer saber a felicidade de que gozavam nos povos, onde nada lhes fatal pela vida temporal emquanto asseguram sua dita eterna, onde não receiam inimigos que lhes roubem suas familias, lhes tirem o sustento que Deus lhes envia quasi sem trabalho corporal, como elles selvagens tem que procurar dispersos pelos campos, bosques e rios, expostos ás aguas, tempestades, sol, mosquitos, véspas, viboras, tigres e jacarés, que lhes causam tantos damnos e mortes; que tem em suas reducções uns ministros de Deus, mui differentes dos outros hespanhóes, pois que livres de todo o interesse só cuidam que não falte conveniencia nenhuma aos indios, mesmo que seja preciso para isso privar-se da propria comida, dar o seu vestuario, passar noites inteiras sem dormir. expôr-se aos maiores perigos e perder a propria vida, como muitos a tem perdido; sendo certo que elles nos querem mais do que nós queremos ás nossas familias e que são mais verdadeiramente nossos pais de que nós o somos dos nossos filhos: e confir-

mam estes seus e outros discursos pelo testemunho de seus companheiros e sobretudo com os presentes que levam, que abrandam os corações de muitos infieis em todas as viagens que fazem os ditos caciques

3.° meio.—Viagens ou carreiras dos jesuitas nos paizes dos infieis. N'essas viagens os primeiros missionarios jesuitas encontraram com effeito summas difficuldades e grandes perigos a ponto de serem alguns d'elles victimas do seu zelo; porém no tempo em que fallo tinham-se facilitado muito essas empresas; porque dispõe os superiores jesuitas enviando missionarios para reduzir infieis (em fins do seculo 17) que elles levem escolta de indios christãos com suas armas, sufficientes para que os respeitem os infieis, e tenham maior idéa da auctoridade dos padres e não se atrevam a atacal-os. Os barbaros já estão informados que nunca os padres lhes causam damnos nem tão pouco os seus neophytos senão para justa defesa. Portanto mesmo que os vejam superiores em numero, quando reconhecem que são indios das reducções perdem todo o medo, e se vêem o padre adiante, abandonam as armas, e o cacique principal desarmado se adianta para beijar a mão do padre, cumprimentando-o por sua chegada e perguntando-lhe o motivo da sua entrada nas terras do seu dominio. Então o padre por si ou por seu interprete lhe agradace a cortezia e humano trato, louva seu valor, e o de seus soldados, de cuja fama está cheia a terra inteira; e que só para o ver emprehendeu tão larga peregrinação, e com outros cumprimentos d'este genero, põe tão inchado ao barbaro como se fosse o maior triumphador que nos tempos antigos entrasse em Roma. O padre faz um pequeno presente ao cacique e assim consegue sua affeição. Este lhe apresenta sua familia, seus amigos, e o ministro de Deus que se estabelece perto do alojamento do cacique, póde examinar as disposições de todos. De ordinario o cacique prin-

cipal com toda sua gente se deixa reduzir pelo padre, mas se o cacique não abre os ouvidos ás vozes do céo, as ouvem varios de seus vassallos e captivos. Acontece as vezes que o medo dos caciques, dos magos ou *feiticeiros* impede toda uma nação a receber a luz do christianismo, mas como o padre leva soldados para os ampararem, estes protegem a todos quantos n'estas carreiras se aggregam aos padres; e se aquelles que se aggregam ao padre são bastante numerosos para formar um povo, se funda immediatamente uma nova reducção em sitio commodo para conservar os primeiros povoadores e para attrahir novos que a augmentem. Quando são pouco numerosos os individuos que recebem as prégações dos padres, os aggregam á alguma das reducções ja fundadas. E adverte o Dr. Xarque, de quem extrahimos estes promenores, que na comarca de Missões é mui facil fundar novas reducções, porque todas as já fundadas concorrem com os recursos temporaes, dando-lhes gratuitamente o sustento necessario até que suas colheitas lhes possam supprir, enviando-lhes ao mesmo tempo lavradores e officiaes de todos os officios, de maneira a poder em mui poucos annos ser a nova reducçao tão adiantada como as antigas.

Azara em seu capitulo 13.° narra de uma maneira bem differente da que escreveram os jesuitas, os meios com que os mesmos jesuitas formaram, pelos meados do seculo 18, as reducções de S. Joaquim, S. Estanisláo e Belem no Alto Paraguay, e assegura este auctor ter sabido do caso por muitas testemunhas que foram auctores. Assim, em resumo, querendo os jesuitas reunir as suas reducções do Paraguay com as de Chiquito e sabendo que nas margens de Tarumã existiam diversos guaranis selvagens, para alli mandaram seus presentes por indios que fallavam a mesma lingua e que lhes dirigiram os discursos que podem se suppôr pelo que acabo de escrever. Recebidos os presentes que consistiam pela maior

parte em rezes, disseram os commissionados que quem lhes enviava estes presentes era um jesuita que solicitava a graça de ir ao lugar com maiores presentes. Foi o jesuita com as vaccas e com uma *escolta grande de indios experimentados*. Os selvagens pediram mais vaccas, mandou o jesuita vir mais vaccas, mas ao mesmo tempo vieram *mais indios reduzidos*, e no meio das festas e musicas, quando o padre viu que a sua gente era superior em força á dos selvagens, mandou cercar a estes, intimou-lhes com brandura a obrigação que elles e suas mulheres tinham de trabalhar para poderem viver e vestir-se. Ficaram alguns descontentes, mas como viram a superioridade da comitiva do padre, callaram-se, e assim se formou a reducção de S. Joaquim, assim como a de S. Estanisláo. Fizeram ainda peior os jesuitas; tendo medo que se rebellassem os indios d'essas duas reducções, os fizeram repartir pelas reducções jesuiticas do Paraná. Emquanto á reducção de Belem aconteceu o seguinte: querendo por força os jesuitas estabelecer uma communicação entre suas reducções do Paraguay e as da provincia de Chiquito, tentaram o ultimo esforço. Os mbayás estavam de posse do terreno que os jesuitas necessitavam alem das reducções de S. Joaquim e de Santo Estanisláo; e como os jesuitas não tivessem força para os desalojar, usaram de perfidia para com elles, indiçando-lhes, depois de lhes ter enviado presentes varias vezes, de que os christãos de Chiquitos queriam se alliar com elles. E indo os mbayás com os jesuitas para tratar d'esta alliança em Chiquitos, alli foram presos e ficaram prisioneiros até a expulsão dos jesuitas.

Estando a concluir este capitulo acho curioso e interessante inserir n'elle a carta do padre Francisco Garcia, escripta de S. Thomé em 10 de Dezembro de 1863, na qual trata por extenso das corridas dos padres jesuitas nas terras dos selvagens infieis pelas vizinhanças das reducções ao Oriente do rio

Uruguay na actual provincia do Rio Grande do Sul, dando conta ao padre provincial seu superior.

« N'esta darei noticia á V. R. do que me succedeu na terra dos guanòás da qual cheguei á este povo de S. Thomé á 23 de Outubro, tendo sahido á 17 de Setembro, dia do dulcissimo nome de Maria Santissima Nossa Senhora. No dia de tão doce nome me quiz essa soberana Senhora consolar dandome esperança de que teria bom fim minha missão, porque de tarde encontrei tres infieis que precediam a outros cinco que vinham conduzindo vaccas para vendel-as n'este povo como costumam fazer. Alegraram-se muito ao ver-me, e maior consolação tive eu em encontral-os, pela esperança que Deus me deu de que seria bem succedido em minha viagem, pois que desde meus primeiros passos se me apresentava o que eu procurava.

Voltaram atraz comigo tanto os tres primeiros como os cinco que levavam as vaccas e que encontrámos no dia seguinte. Caminhámos juntos quatro dias durante os quaes estes infieis presenciaram o trabalho que tinham os christãos que iam comigo carregando ás costas, na passagem dos rios, o mantimento, altar portatil, barraca e o demais necessario para ganhar os infieis: um d'elles então de nação cloyá compadecido disse-me que queria ir adiante para procurar trazer os seus companheiros e que eu ficasse com minha gente n'um posto, de nome *Sacangi*. Sua determinação me satisfez e em agradecimento lhe entreguei o que eu levava para os infieis, e lhe pedi que como chefe d'elles m'os trouxesse. Enviei com elle o capitão da minha escolta Gaspar Guayuri que levou comsigo alguns soldados. Ficou o cloyá de avisar-me dentro de tres dias, precedendo aos seus que suppunha veriam todos e que se achavam mui perto. Esperei sete dias, e não vendo chegar a ninguem, entrei a suspeitar que lhes teria acontecido algum desastre. Os infieis

que tinha ficado comigo, disseram-me que se admiravam que seus companheiros se demorassem tanto, e que poderia ter acontecido que os barbaros yarós seus inimigos que sabiam, tinham passado o Uruguay, os tivessem encontrado e se tivessem apoderado d'elles.

Immediatamente enviei os ditos infieis com dois indios christãos para irem indagar o que tinha succedido.

Quiz Deus que ao outro dia de manhã encontrassem com dois dos christãos que tinham ido com o chefe gentio, enviados por elle para me dizer que os infieis estavam muito mais distantes do que me tinham dito ao principio, que entre elles havia muitos enfermos pela mór parte crianças, das quaes já tinham morrido duas sem baptismo. Por isso me pediam, como affirmavam dois caciques que tinham chegado para me visitar, que fosse depressa para baptizar estes enfermos. Parti voando pela manhã e depois de dois dias de caminho quiz o Senhor que eu os encontrasse em suas esteiras, recebendo-me com muita alegria, no dia dos gloriosos anjos. Os musicos que eu levava cantaram a ladainha de Nossa Senhora, bem que já fosse noite, a que assistiram os gentios, que disseram ter gostado muito desse canto.

« Conversei com elles, reparti por todos tabaco em folha e herva do Paraguay, generos da sua maior estimação: disse-lhes que tinha chegado a esse ponto por causa dos seus enfermos, e que tinha deixado atraz meus companheiros e alojamento onde os esperava, e que se para lá fossem lhes faria presentes como desejava conforme o amor que lhes tinha.

« N'aquella noite baptizei uma criança que no dia seguinte voou ao céu, com grande contentamento da minha alma vendo este fructo do meu trabalho, se bem que ninguem se tivesse convertido.

« Deferi de lhes declarar o fim principal de minha entrada em suas terras, esperando que elles fossem a meu rancho,

onde agasalhando-os, minhas razões seriám mais attendidas. Porém como conhecesse que não gostavam de ir comigo, querendo pelo contrario que eu me fosse embora, para elles irem em busca dos xarós e vingar das hostilidades e mortes que lhes tinham feito estes inimigos, reuni de noite os caciques aos quaes patenteei o intento da minha empresa, dizendo: Que os portuguezes situados em S. Gabriel (colonia do Sacramento) estavam perto de suas terras e que encontrando-os espalhados podiam prendel-os. A isso responderam dois feiticeiros (Magos, provavelmente sacerdotes dos infieis) que fariam cahir trovões e raios, e promoveriam taes tempestades que as aguas dos rios haviam de trasbordar, e que incendiariam os campos, para os pôr a salvo dos seus inimigos, etc. Repliquei-lhes o que foi sufficiente para os fazer calar. Os caciques levantaram-se então agradeceram-me o trabalho que eu tinha tomado de ir ás suas terras por amor d'elles, e me offereceram de presente cinco filhos seus com os quaes no dia seguinte eu podia regressar, porque elles tinham que procurar os yarós seus inimigos. Ouvindo sua determinação disse-lhes que a cumpriria, bem que me pezasse de os deixar tão prompto, porque meu maior empenho era regalal-os, e livral-os de seus inimigos, receiando que Deus castigasse a obstinação com que desprezavam seus ministros. »

« No outro dia de manhã, festa de S. Francisco de Assis, celebrei missa para retirar-me com os cinco filhos dos caciques; mas o Senhor que tinha ali outros escolhidos, foi servido dispôr as cousas de outra maneira. Depois da missa lhes disse que visto me despedirem tão prompto ouvissem ao menos um pouco a palavra de Deus e lhes propuz os principaes mysterios da nossa fé. Ouviram a pratica com muita attenção, agradeceram-me accrescentando que criam que era verdade tudo quanto lhes tinha prégado e lhes tinha feito

bem entender, por eu ter fallado na lingua d'elles. Fiz-lhes distribuição de herva, tabaco e outras ninharias e me despedi d'elles; mas no momento de partir, apesar de ter sido a noite e a manhã serenos, o céo desandou tão borrascosa tempestade que eu tive de recolher-me á minha barraca, onde se recolheram tambem alguns caciques, porque os outros infieis já se tinham retirado para suas esteiras. Aproveitei gostoso tão opportuna occasião para fallar sobre o tremendo juizo de Deus e sobre o inferno, cuja pintura bem que pobre eu levava em uma taboa que lhes mostrei e que os encheu de medo. Entrou n'esta circumstancia um feiticeiro que eu fiz sentar junto a mim, e comecei a ponderar-lhe a sorte que o esperava depois da sua morte se não se convertesse a Deus, etc, e que olhasse com attenção para o condemnado da pintura. Respondeu-me que tão grande era o horror que lhe causava este espectaculo, que não se atrevia a olhal-o; que elle em outro tempo tinha morrido e que tinha visto o inferno da maneira retratada n'aquella taboa, e que n'aquelles lugares lhe tinham assegurado que mesmo que tornasse a morrer não havia de ficar n'esse fogo, que tornaria a resuscitar etc. Foi facil refutar estes disparates e o Senhor lhe fez confessar que era verdade o que eu prégava. Perguntou-me se acaso eu era Deus e propôz-me outras duvidas, a que facilmente respondi com satisfação. Tomando a palavra um cacique principal, disse que nunca tinha ouvido semelhantes cousas, sobre as quaes devia tornar a haver discursos, porque materias tão graves exigiam outra resolução, etc. Respondi que assim desejava eu, que não tinha chegado alli para voltar tão depressa como elles o tinham exigido, e que por isso o Deus do céo e da terra por amor d'elles e compadecido de suas miserias, me tinha feito ficar enviando esta tempestade inesperada. N'estas conferencias e discursos passei o dia, ora com uns, ora com

outros fazendo-lhes grande impressão a todos o que viam e ouviam.

« De tarde, antes de anoitecer, se ajuntaram alguns caciques e eu continuei a explicar as doutrinas, que interrompeu um sobrinho do cacique principal, dizendo que nunca tinha ouvido essas cousas, e que não sabia como aquelles que já os tinham ouvido por duas vezes, que eu tinha ido á suas terras, não tratavam de cousas tão importantes e tomavam providencias para mudar de vida, e que apesar de ser esta a primeira vez que me ouvia, não podia já resistir mais.

« Alegrei-me infinitamente de vêr aquella alma tão tocada de Deus, e valendo-me da occasião lhes disse com nova energia : que, pois que o Senhor os movia d'esta maneira, era signal manifesto de que os queria para si, e que se não correspondiam á sua chamada, os entregaria a seus inimigos, fazendo-lhes experimentar proximamente o mesmo inferno de que ouviam fallar com tanto hòrror, e no qual admirados acreditavam. Na mesma noite tornei a reunir os caciques para os regalar e lhes aconselhar de conferenciarem entre si sobre um negocio de tanta importancia para elles. Ficaram de fazer sua conferencia. No outro dia, estando eu occupado a dar graças a Deus depois da missa, me avisou um dos principaes, que tinham os chefes decretado que eu me demorasse alguns dias entre elles para melhor lhes explicar a doutrina do céo, de que desejavam instruir-se ; e que mandasse eu buscar mais herva e tabaco no arranchamento aonde estava a minha gente ; resolução que era conforme aos meus desejos, se bem que entendí que esses gentios gostavam mais da herva e do tabaco do que dos meus sermões, como o mostrou claramente o mesmo cacique, que unicamente apparecia no fim de minhas instrucções para ter parte nos regalos que eu lhes repartia. Durante oito dias lhes ensinei a todos de manhã e de tarde a doutrina em suas esteiras.

« Sem embargo todas as noites instruia com summo esmero ao cacique sobrinho do cacique principal, que como já narrei, tinha fallado com tanta persuasão; e era necessario fallar mui secretamente com elle, para que os outros não estorvassem sua conversão, como costumam fazer.

« Dentro de minha barraca lhe persuadia com poderosas razões, de resolver-se a deixar aquelle estado, e Nosso Senhor penetrava em sua alma, illustrando-o com mais luzes, dando-lhe cada dia ardentes desejos, como elle me dizia, de fórma que não podia mais dormir nem comer pela perturbação interior que lhe causavam as maravilhas de Deus que tinha ouvido. Reparava todavia no que seu tio o cacique principal e seus outros companheiros diriam. Empreguei todos os meios humanos e divinos; valí-me dos indios christãos nossos freguezes que offereciam as missas que ouviam, os rosarios e suas outras devoções, e fizemos a novena de nosso padroeiro S Xavier. Todos os padres missionarios instavam com Nosso Senhor, em seus sacrificios, em suas orações e penitencias, e todos os povos rogavam aos céos com tantas instancias, que no de S. Thomé, repetiram os fieis continuamente as novenas de S. Francisco Xavier durante todo o tempo que gastei n'esta missão desde o dia em que partí até que regressei. Não podiam ser infructiferas orações tão gratas a Deus.

Tendo voltado os indios que eu tinha mandado buscar herva e tabaco que repartí pelos infieis, queriam estes que eu me fosse logo, promettendo irem á minha reducção logo que concluissem sua guerra, e que entretanto não deixariam de fallar a suas familias e vassallos sobre a doutrina de Deus, sem se olvidar do que eu lhes tinha ensinado. Como minhas esperanças no Senhor eram de fazer maior colheita do que os infieis pensavam, procurei demorar minha partida tres dias, durante os quaes o numero dos convertidos que era só de cinco subiu a dezeseis; sem contar o cacique sobrinho cuja

conversão estava sempre occulta assim como a de muitos outros, mas que tinham receio de a fazer publica temendo encontrar obstaculos nos seus companheiros, mas tendo resolvido fugir d'elles quando podessem. Intentei obter licença dos caciques para que nenhum d'elles impedisse a conversão dos infieis que voluntariamente queriam ser christãos, por cujo motivo enviei muitas dadivas aos principaes, que me deram palavra de não os impedir; o que uns cumpriram e outros não. Entretanto o demonio, por meio de seus feiticeiros, fazia tudo o que podia para estorvar as conversões; e se bem que me fizesse perder alguns moços esperançosos não pôde conseguir tudo o que desejava.

« Em uma noite veio o cacique sobrinho fallar-me de sua determinação a minha barraca, que eu fiz fechar, temendo que acudissem os infieis e me impedissem de o instruir como convinha, e que se viessem a saber da sua conversão a poderiam impedir. Rodearam os infieis minha habitação por fóra, e entre elles se achavam os cloyás, muito irritados de ver-me encerrado; entre elles um famoso feiticeiro, disse que haviam de me tirar os meninos, &c. Observou o cacique que estava comigo, que para não os irritar mais, não convinha que elle ficasse alli por mais tempo, e tendo-se retirado os infieis para suas esteiras, sahiu elle secretamente da minha habitação. Chamei então os cloyás, entraram dois que recebi com muito agrado, dizendo-lhes que eu me tinha encerrado para cumprir com minhas obrigações, para o que não me davam lugar de dia. Tirei alguma cousa de comer para lhes dar, e sendo necessario uma faca para cortar pão, o cloyá feiticeiro tirou uma grande faca que julgo tinha trazido para tirar-me a vida (em castigo de meus peccados fui privado de tão ditoso fim), e com isso se abrandaram. Perguntou-me o feiticeiro quanto lhe havia eu de dar por seu irmão, respondi-lhe que lhe daria o que elle quizesse, sem reparar no preço. Sahiram mui

contentes. O tal irmão é um bom menino cuja conversão eu muito desejava, e considerando que os outros seus irmãos o haviam de perder se não o deixassem vir comigo, m'o deram.

« Concluido este negocio, fiz chamar o cacique principal para que me désse uma irmã com seu marido e tres ou quatro filhos que queriam vir comigo e de quem eu já tinha duas filhas que se tinham apresentado antes. Valí-me de um indio da mesma nação chamado José, bom christão, para lhe fazer esta proposição. Respondeu o chefe infiel que elle não tratava de impedir a conversão de ninguem, e o mesmo disseram os outros, e accrescentou um, que todos quantos quizessem podiam vir comigo, que isso até lhes convinha, para que se fizessem homens, que depois elles os procurariam para serem ensinados por elles mesmos. Muito lhes agradeci sua boa vontade e os tratei o melhor que pude. D'esta maneira passei a noite, sem que me deixassem uns e outros.

« Voltou no outro dia antes de amanhecer o cacique que eu ensinava occultamente, e me disse que tinha tomado sua resolução, e que só faltava fallar com seu tio, o superior dos caciques. Não deixei de ter algum receio de que este o impedisse de executar o seu projecto, se bem que elle me tinha optimamente tratado, tinha-se offerecido para me ajudar, e me tinha promettido não embaraçar a conversão de ninguem; mas eu tinha posto minha confiança em Deus, por cuja causa tanto trabalhava.

« N'aquelle dia de manhã escolhi o inferno para thema de minha prégação, mostrando-lhes a pintura dos supplicios dos condemnados que eu tinha.

« Perguntando eu aos reprobos as causas de seus tormentos, elles davam por minha boca as desculpas que os infieis allegavam para deferir sua conversão. Foi extraordinario o effeito produzido, sobretudo nos caciques e no feiticeiro que ao

principio me tinha proposto seus disparates, e que me perguntou com espanto: *Como Deus sendo tão misericordioso os tinha deixado tanto tempo na escuridão e trevas da infidelidade, permittindo que se condemnassem*. Respondi-lhe que os decretos de Deus não se podem penetrar, mas se devem venerar, que com justiça obrava Deus para com elles, pois tinham sido ingratos a seu Creador desprzsando-o todas as vezes que lhes tinha enviado missionarios para os ensinar aos quaes não tinham querido obedecer: e que já que agora lhes concedia luz e occasião para se converterem, não a desprezassem, etc. A' vista da emoção produzida por meus sermões, julguei que a colheita para o Senhor fosse maior. Grande numero se teria convertido se o demonio não tivesse semeado a zizania, por meio de um christão apostata ou mal convertido que chegando ahi, vindo de um povo de christões, narrou aos infieis tantas maldades dos catholicos, que quasi foram á vias de facto contra nós: foi necessaria a propria virtude de Deus para que os que me tinham dado palavra da sua conversão não a retratassem.

« De tarde lhes fallei dos premios que os esperavam na outra vida se se convertessem a Deus, e dos castigos que os esperavam se não o fizessem. Agradecidos disseram-me que acreditavam todos os meus discursos e que de regresso da sua expedição bellica, se converteriam. De noite convoquei os caciques, com intenção de fazer-lhes presentes, para que não detivessem os que queriam ir comigo, mas antes de eu tomar a palavra, se pôz em pé um feiticeiro e me disse: *muita impressão teriamos, se agora fizesseis um milagre*. Ao que retorqui, que não seria difficultoso fazel-o se fosse necessario para que elles se convertessem; mas que tendo-lhes Deus dado luzes sufficientes para conhecerem a verdade, não serviria o milagre senão para satisfazer sua curiosidade. Outros disparates continuava a propôr o tal feiticeiro, até que enfadado de

o ouvir, um dos caciques o mandou calar e elle se retirou envergonhado e corrido.

«N'aquelle momento se me apresentou o cacique Cloyá pedindo-me o pagamento de seu irmãozinho. Eu lhe offereci pagamento igual ao que tinha dado para outros, porém elle não ficou satisfeito, e eu tive de dobrar o preço com que se foi; apenas tinha elle sahido quando entrou um irmão mais velho do dito cacique, mui enfadado contra elle, por ter-me exigido tão grande preço sem consultar com elle, que sendo mais velho devia-lhe dar conselhos, etc. Tratei de o apaziguar, dizendo-lhe, que tinha razão de queixar-se de que o cacique sendo seu irmão menor, não o tivesse consultado, mas que pelo que me tocava lhe perdoava, e com isso se satisfez e se retirou.

Quando todos estavam dormindo, chegou á minha barraca o cacique convertido, muito alegre, tendo obtido licença de seu tio que lhe disse o segueria depois; mas que o avisasse da reducção como se dava com a vida christã. Com summo jubilo encarreguei-o de levar ao tio todos os presentes que lhe podia fazer. Disse-me o cacique sobrinho que eu partisse adiante e que elle me seguiria; e bem que eu sentisse d'elle não ir antes de mim, confiando em Deus, na manhã seguinte depois da missa despedi-me de todos, parti com minha gente e ao meio dia alcancei os dezeseis convertidos que me tinham precedido. Com elles achei um filho do Cloyá feiticeiro o qual tinha fugido de seu pai. Recommendei-o a um indio christão, e os fez caminhar adiante com mais pressa para que não podesse o pai achal-o se o perseguisse, mas o christão se descuidou, porque tendo seguido atraz o pai, os alcançou e levou seu filho sem que eu tivesse aviso, porque se o tivesse sabido não teria levado mesmo que me custasse a vida. Deixou dito o menino que se seu pai se descuidasse, elle havia de vir com muitos outros que estavam dispostos á fugir d'aquelles

que estorvavam sua salvação. Caminhei até a noite muito afflicto por ter perdido esta ovelha.

No outro dia de manhã despachei quatro christãos para procurarem obter noticias do cacique que devia acompanhar-me com sua familia, e com seu gado, recommendando-lhes de me avisar do que descobrissem. Tendo parado, depois de ter caminhado toda a manhã, tive noticia pelo meio dia de que os cavallos do cacique tinham cansado, que elles traziam uma criança doente, e que me mandava dizer que o esperasse, por cujo motivo foi-me forçoso caminhar de vagar para que elle me podesse alcançar. Mandei-lhe cavallos de refresco, de maneira que em poucas horas se juntou comigo, acompanhado de toda sua familia que constava de dezeseis pessoas: tres mulheres d'elle, sua mãi, um cunhado, filhos e sobrinhos, excellentes moços cuja vista me encheu de satisfação. Triumphou n'este cacique a graça de Deus contra as tentações do demonio que lhe fez cruel guerra por meio de seus parentes. Porém era tão valoroso que se levantou a meia noite, e deixando bom numero de vaccas e cavallos que possuia se pôz n'aquella hora á caminho para me seguir. Pediram-lhes dois dos principaes caciques com as lagrimas nos olhos que regressasse para suas terras onde elles ficavam como orphãos privados de um companheiro tão valente e tão amavel como elle, que possuia toda sua confiança. Acompanharam-o no decurso de quatro leguas dois caciques dos quaes um era feiticeiro, para detêl-o com rogos e lagrimas. Retorquiu-lhes que elles não tinham mais valor do que uma gallinha, porque quando elle se achava a frente dos inimigos ou prestes a cahir em suas mãos, elles fugiam e o deixavam só, e que quando elle como n'estas horas o fazia, queria libertar-se e procurar remedios para si e para elles o impediam; mas que debalde se cançavam, porque havia de cumprir a palavra que tinha dado ao ministro de Deus. Assim os despediu mui afflictos, sem que por isso deixassem

outros de o acompanhar mais de dez leguas, redobrando seus ataques, que a não ser fortalecido o virtuoso cacique pelo Todo Poderoso o teriam vencido. A todas as instancias que lhe fizeram, respondeu o fervente neophyto, que tinha saboreado as prégações do ministro de Deus, que estas não o deixavam dormir nem descançar, e que não podia deixar de cumprir o que elle entendia dever fazer, e que por tanto não o cançassem com suas importunidades.

Com tudo isso estes discursos causaram o seu damno, por que estas artificiosas e mal fundadas razões fizeram impressão n'um menino cacique que vinha com elle e que retrocedeu voltando com os gentios, para ir ter com sua mãi viuva que não tinha querido acompanhal-o. Sentí mais do que posso expressar, o logro que o demonio nos pregou com aquelle moço em quem eu descobria disposições excellentes. Espero entretanto que, o Senhor nol-o mandará depois com todos os outros, segundo a boa disposição que n'elles diviso. Disse-me este bom cacique meu neophyto, que conhecendo bem os mysterios da nossa santa fé e costumes christãos haviamos de tornar a ir para converter os seus, e que então viria seu tio e outro cacique chamado Yaguarití, e que todos os mais nos seguiriam, por serem creaturas e vassallos d'estes dois caciques que são superiores a todos os outros.

São trinta e dois os infieis que vieram comigo, dos quaes dez já receberam o baptismo. Logo que tiver recebido o baptismo meu bom filho o cacique, iremos atraz dos outros, se o dono d'esta vinha continúa os trazer como tem succedido até agora. Depois de ter escripto o acima referido chegaram mais dez pessoas em 11 de Novembro, movidas pelo menino que tinha voltado.

Verdade é que elle assegura que voltou por sua vontade não para viver pagão, mas para trazer sua mãi, e outra mulher de seu defunto pai e sete irmãos, dos quaes logo baptizei

quatro que eram pequenos. Fugiu com a familia para que não o embaraçassem os infieis que queriam matar sua mãi, por suspeitarem que queria vir comnosco.

Provou este moço sua coragem e energia; o que me faz avivar a esperança de que toda a nação ha de converter-se, sobretudo tendo já fallecido o terrivel feiticeiro que me disse disparates e me quiz despachar para o céo, tendo assim um impedimento de menos, porque elle não resuscitou como assegurava-lhe tinham promettido na outra vida. Asseguram este moço e sua familia, que muitos eram os que vinham em seu seguimento para se converterem, mas que os infieis com grandes forças, lhes tomaram o passo e os fizeram regressar. Depois em 17 de Novembro chegaram doze infieis para venderem vaccas n'este povo, e entre elles vinha um filho do cacique fervoroso que eu trouxe, que vinha com tenção de indagar qual era a vida dos christãos, suas commodidades, &c., para informar a outros que desejavam ser esclarecidos. Ficou com seu pai; outro levou as informações. Veio tambem outro cacique com a mesma intenção, e me prometteu voltar depois com sua familia e seus vassallos, cujas promessas fizeram outros que espero a cada hora. Todos estão contentissimos e satisfeitos. Que o Senhor pela intercessão de Sua Santissima Mãi, do glorioso apostolo padre S. Francisco Xavier se sirva trazel-os todos brevemente. S. Thomé, 10 de Dezembro de 1683!!

CAPITULO X.

GOVERNO ECCLESIASTICO DAS REDUCÇÕES JESUITICAS. OBSERVANCIAS RELIGIOSAS DOS NEOPHYTOS. ADMINISTRAÇÃO DOS SACRAMENTOS. CELEBRAÇÃO DAS FESTAS PRINCIPAES. — GOVERNO ECCLESIASTICO DAS REDUCÇÕES JESUITICAS.

O bispo do Paraguay tinha jurisdicção sobre dezeseis povos

jesuiticos, e o bispo de Buenos-Ayres sobre dezesete. Quasi toda a administração d'esses prelados sobre estes seus freguezes reduzia-se ordinariamente a dar-lhes conhecimento das leis ecclesiasticas e decretos pontificios, pelo intermedio de seus parochos; conferiam tambem a collação ou instituição canonica, que eram para os ditos povos, padres da companhia de Jesus. Cada reducção tinha dois jesuitas, um com o titulo de *cura*, que devia em geral ser um dos sujeitos distinctos da Companhia, o qual não exercitava as funcções parochiaes, não conhecendo ás vezes a lingua dos indios, mas que estava occupado unicamente da administração temporal de todos os bens da reducção, de que era director. As funcções parochiaes eram confiadas a outro jesuita chamado *companheiro* ou vice-cura, que estava submettido ao primeiro. Era o provincial dos jesuitas quem nomeava os curas e vice-curas. Em nome de sua magestade el-rei como soberano padroeiro, o governador da provincia apresentava o eleito, e o bispo dava a instituição canonica, quasi sempre por procuração aos curas, porque os vice-curas eram sómente nomeados pelo provincial, e approvados pelos governadores.

Apesar de ser mui difficultoso para esses bispos o fazerem viagens de trezentas, quatrocentas, quinhentas até seiscentas leguas por desertos e caminhos pessimos para visitar seus freguezes, assim mesmo varios bispos visitaram, sobretudo nos annos mais proximos á sua fundação, as reducções jesuiticas da sua diocese, como o fizeram Dom frei Gabriel de Guillestigui, bispo do Paraguay, e seu successor Dom Faustino de las Casas que as visitou em 1678 e segunda vez em 1681, e os bispos de Buenos-Ayres Dom frei Christovam Mancha e seu successor doutor Dom Antonio Azeona Imberto que visitou as reducções da sua diocese no anno de 1681, e ao mesmo tempo esses prelados administravam o Sacramento da Confirmação. Eram recebidos com as maiores demonstrações de

jubilo por companhias de indios formados militarmente sobre os limites da parochia que o bispo ia visitar, os festejos redobravam a proporção que elle se approximava do povo, onde era recebido com summo jubilo, optimamente tratado e acompanhado da mesma fórma sempre com toque de musica até chegar ás divisas de outra freguezia, que o esperava da mesma fórma. Quanto ao mais eram os jesuitas das reducções exclusivamente submettidos a seu superior que residia ordinariamente em Japejú, cuja nomeação era feita em Roma, e que tendo do summo pontifice a faculdade de administrar o Sacramento da Confirmação, veio a ser de facto o bispo das reducções. Por isso quando os bispos de Buenos-Ayres e do Paraguay não eram do paladar dos jesuitas, estes luctavam com elles e até chegaram a os expellir do territorio das reducções como aconteceu em 1644 com Dom Bernardino de Cardenas, bispo do Paraguay.

A gravidade e conducta regular dos padres jesuitas lhes conciliava o respeito e a obediencia dos neophytos. Elles se conservavam de ordinario encerrados em seus aposentos e não sahiam senão em grandes occasiões. Governavam por meio de assessores escolhidos por entre os indios. Quando appareciam na igreja eram rodeados de uma numerosa comitiva de sacristães, acolytos, meninos de côro magnificamente vestidos. Nunca pisava mulher nenhuma no collegio, residencia dos padres, que raras vezes entravam nas casas dos indios. Na igreja recebiam a todos os que deviam se confessar, e os mesmos doentes em geral eram transportados a um quarto espaçoso contiguo ao collegio que servia de hospital, onde os padres os visitavam.

Observancias religiosas dos neophytos.

Parece que aquelles novos christãos viviam mais tempo na

igreja do que em suas casas com suas familias. Todos os dias, mesmo de trabalho, todos os habitantes do povo logo ao amanhecer acudiam ao templo, onde faziam oração e ouviam missa, durante a qual mesmo que fosse rezada, os musicos com seus instrumentos cantavam alguns hymnos sagrados. O trabalho em que se occupavam depois tinha tambem um ar festivo e religioso. Dirigiam-se a elle processionalmente ao som da flauta e do tambor, carregando n'um andor a imagem de algum santo. Chegado ao lugar do trabalho, collocavam a imagem em uma ramada e rezavam um instante.

Concluido o trabalho que nunca durava mais de meio dia, o regresso para o povo se fazia com as mesmas ceremonias. Á tarde, depois do ensino da doutrina aos meninos, os repiques dos sinos chamavam todos os fieis ao templo para rezarem o rosario, o que faziam em côros, e ao qual accrescentavam outras orações. Tocando *Ave-Maria*, os meninos se reuniam ao redor da cruz mais proxima a seu bairro, entoavam as orações principaes do cathecismo e em seguida algumas canções da vida e morte de Jesus Christo, de sua Santissima Mâi e outros santos, segundo as festividades occorrentes, que compuzeram os jesuitas em guarani, ou outros cantos moraes. Antes de deitar costumavam sempre rezar os indios, costume que guardavam nas viagens por mais cançados que estivessem. Todos os sabbados de manhã, costumava-se nas reducções jesuiticas cantar missa solemne de *Beata Virgine*, com assistencia de todo o povo, e de tarde a *ladainha solemne*, seguida de um *responso* cantado pelos defuntos.

A's segundas-feiras de manhã todo o povo ia em procissão ao cemiterio assistir a uma missa, que se cantava no mesmo cemiterio em uma capella ; e que era seguida do canto de um *responso* em cada esquina do cemiterio e junto á cruz levantada no centro.

Todos os domingos e quintas feiras de manhã se fazia rezar

a todos a doutrina christã, e depois se lhes dava explicação d'ella.

Todos os dias de tarde se ensinava da mesma fórma a doutrina aos meninos, as vezes em numero de mais de seiscentos ou mesmo de mil.

Todos os dias uma ou duas vezes se ensinava tambem a doutrina aos cathecumenos. Fazia-se ensino especial aos meninos que tinham capacidade de confessarem-se e de commungarem, assim como aos velhos que podiam ter esquecido as doutrinas. Em cada povo havia duas congregações ou irmandades: uma composta de meninos e moços de doze a trinta annos sob a tutella de S. Miguel seu padroeiro, outra do resto do povo, debaixo da invocação de Nossa Senhora. Em ambos se recebiam mulheres como irmãs, e todos os domingos de tarde tratavam dos pios exercicios costumados n'essas irmandades. Todos os mezes se confessavam e commungavam os ditos irmãos e irmãs assim como na festa principal da irmandade, que celebravam com todo o apparato possivel. Cada christão adulto costumava-se confessar ao menos quatro vezes por anno, o que fazia que em um povo de seis mil almas, houvesse pelo menos vinte quatro mil confissões annuaes.

Administração dos Sacramentos.

Os Sacramentos se administravam da maneira seguinte: — *Casamentos.* Para celebrar os matrimonios parece que os jesuitas tinham tempo determinado, que era depois da quaresma. Então se mandava vir a lista dos moços e moças, viuvos e viuvas do povo em estado de casar, e os chamavam á porta da igreja. Indagavam d'elles se tinham tratado casamento, e aquelles que não tinham tratado, que eram todos ou quasi todos, ahi mesmo se lhes fazia escolher mulher ou os padres mesmo as indicavam, e tratando logo de cumprir os

pregões, os casavam todos em um dia, que pelo costume era o domingo antes da missa parochial, para que se fizessem com maior solemnidade. Os recem-casados passavam á jurisdicção do seu chefe competente, eram obrigados a fazer chacara; os homens trabalhavam do seu officio se o tinham; se não, seguiam os trabalhos da communidade e as mulheres recebiam *tarefas*, e se occupavam como as outras nos serviços da communidade.

Baptismos. — As crianças que recebiam a agua de soccorro ou das mãos dos jesuitas, ou por ministros, ou indios capazes por elles estabelecidos, que ordinariamente eram em grande numero por causa do pouco cuidado das mãis em tratarem seus filhos recem-nascidos, por cujo motivo os jesuitas lhes davam ou faziam dar agua de soccorro logo que nasciam, eram solemnemente baptizados *sub-conditione* ou unicamente eram ungidos dos santos oleos, no primeiro domingo seguinte pelas duas horas da tarde. Emquanto aos cathecumenos adultos costumavam conferir-lhes o baptismo de manhã em algum dia festivo, para que a solemnidade fosse maior, e que os recem-baptizados assistissem logo á missa celebrada com *pompa*.

Para avivar a attenção e a fé cuidavam os padres que os paramentos que serviam na administração d'este primeiro Sacramento fossem preciosos, que todos os vasos que serviam fossem de prata, e as toalhas primorosamente bordadas com grandes pontas, e a agua cheirosa e cheia de perfumes.

Viatico aos enfermos.—Dada a occasião de levar o viatico a um enfermo (que raras vezes morria sem os Sacramentos) eram varridas as ruas, e adornado o pavimento com folhas e flores cheirosas e outros perfumes desde a igreja até a residencia do enfermo, na qual se tinha armado de improviso um formoso altar preparado e guardado para esse fim no deposito da igreja.

Ao repique dos sinos todos os habitantes do povo em procissão bem organizada acompanhavam o viatico, durante cujo trajecto os musicos cantavam hymnos e psalmos.

Enterros.—Não com menos piedade e assiduidade assistia todo o povo aos enterros que, o mais que se podia, se faziam de manhã com missa de canto gregoriano e assistencia de musica, ou de tarde antes do rosario, para que a mór parte do povo e a musica podesse assistir.

Tendo o cura depois da missa regressado á sua residencia, todo o povo, homens e mulheres, crianças mesmo de peito iam-lhe beijar a mão. Isto se usou até a destruição dos povos.

Pelo que acabo de referir se collige facilmente de que maneira os neophytos das reducções passavam o domingo.

Desde o nascer do sol achavam-se elles na igreja rezando a doutrina e outras orações e ouvindo sua explicação.

Assistiam em seguida aos matrimonios. Seguia-se a missa solemne com orgão e sermão, a que todos assistiam. Concluida a missa pelo meio dia, o padre averiguava se alguem faltára á doutrina, ou á missa, se alguem se descuidára das plantações, se tinha havido alguma desordem dentro ou fóra do povo, e segundo a culpa o padre cura mandava que o corregedor fizesse castigar o delinquente, e mesmo que este seja um dos principaes do povo, depois de receber o castigo, vai procurar o padre, beija-lhe a mão, dizendo-lhe: ***Deus lhe pague, padre, pois me tendes dado o entendimento.*** A's duas horas da tarde, baptismos, seguidos das reuniões das congregações com seus canticos, orações e sermões, o rosario, etc. N'estes dias como nos outros, o cuidado dos enfermos toma muito tempo aos jesuitas seus confessores, medicos e quasi sempre enfermeiros.

Celebração das festas principaes.

As pessoas rudes se convencem mais pelo que veem do que pelas razões mais convenientes; foi por isso que os missionarios jesuitas procuraram sempre fallar aos olhos dos indios, pela magestade e adornos dos templos, pela variedade das festas, pela musica, danças e exercicios corporaes divertidos, o que tudo chamava muito a attenção dos neophytos.

Todas as reducções tinham um templo grande e espaçoso, pela mór parte de tres naves, com cinco altares de retabulos bem lavrados e com muitas imagens em vulto. De certo que sua architectura deixa bastante a desejar em respeito a arte propriamente dita, porém a variedade dos ornamentos, das pinturas e sobretudo a profusão dos dourados dos templos era por seu conjuncto verdadeiramente deslumbrante.

O que mais attrahia á igreja os pobres indios era a musica.

Tendo conhecido os jesuitas o effeito maravilhoso que esta arte produzia sobre os indigenas dedicaram-se particularmente a ensinal-a. Se bem que as vozes dos indios não são tão suaves como as dos europeos, com tudo escolhendo desde seus tenros annos os meninos que tinham melhor metal de voz, aperfeiçoaram-a com o cultivo, de maneira a formar vozes que acompanhadas de algum instrumento recream como se fossem vozes de hespanhoes. D'esta maneira se tornou em cada povo, uma capella composta de quarenta musicos com todos os instrumentos mais sonoros conhecidos na mesma Europa, como harpas, cornetas, orgãos, violas, citaras, alaúdes, rabecão, fagotes, etc.; cujos instrumentos não só tocam aquelles indios como tambem os fabricam.

Escreveu o Dr. Xarque que tinha ouvido algumas d'estas musicas e que ficou admirado da pontualidade com que se

conformavam a todas as regras da arte, em que julgava que, descontando alguma differença na suavidade das gargantas, igualavam a qualquer musica das primeiras cathedraes de Hespanha. Nem alcanço, accrescentou o mesmo auctor, que haja semelhante provincia no mundo, e que nenhum povo possua tão numerosa capella de concordes e bem instruidos musicos com tal harmonia de instrumentos, que cada igreja representa uma casa do céo.

As danças dos meninos servem tambem muito para attrahir os adultos á igreja. Os indios consideram-se felizes vendo os seus filhos dançar galantes nas festividades e procissões. São tão habeis estes meninos indios de oito annos que farão cincoenta figuras sem perder o compasso da viola e da harpa, como o hespanhol mais ligeiro, e com primor. Ha em cada reducção quatro quadrilhas de oito, que de ordinario são os mesmos meninos que aprendem a musica, que vestem de gala á hespanhola e cada quadrilha com sua libré distincta.

Além d'isso cada igreja tem um sacristão-mór e outros menores que o ajudam como subordinados, e seis acolytos que vestem roupas largas com a extremidade arrastando, com pescocinhos de cambraia engommados, e sobrepellizes tambem engommadas, mui lindas, com bordados e mangas dobradas.

Tudo está conservado com tanto asseio que á menor mancha ou gotta de cêra que se divise, se mudam as toalhas ou paramentos. A igreja, a cujo serviço estão adaptadas algumas pessoas, ficam sempre como as salas principaes de um sumptuoso palacio.

Eis a ordem em que os neophytos de ambos os sexos se collocavam na igreja.

Junto a varandilha da mesa da communhão assistem os meninos e os moços em duas repartições ficando como uma rua entre ambas. Atraz d'elles vigiam em pé dois ou mais aguazis ou fiscaes com suas varas na mão que prompto des-

carregam sobre o menino que falta ao respeito devido. (Consta que mais tarde estes empregados não usavam mais das varas, mas me asseguram que o mesmo se pratica até agora nos povos que foram dos jesuitas no Paraguay). Em seguida são collocados os homens tambem em duas repartições e vigiados por outros fiscaes de maior auctoridade que os primeiros para observar se algum olha para as mulheres que estão bastante separadas por um espaço consideravel que existe para entrar e sahir da igreja pelas portas lateraes na metade do corpo d'ella. Vem então as duas repartições das meninas e moças vigiadas tambem por dois zeladores anciões. Em ultimo lugar são situadas as mulheres, cujo recato é tão circumspecto que nenhum homem era capaz de se atrever a passar por uma das portas pelas quaes ellas entram ou sahem.

Além d'estes aguazis ou fiscaes, existiam outros ministros secretos, instruidos pelos padres para os avisarem de todos os riscos que podessem descobrir, que podessem correr o cura e os povos; e tambem uma especie de sentinellas que de noite á horas fixas cantavam versos religiosos que cuidavam da segurança do povo contra os inimigos extranhos, e mantinham a moralidade. Porém devo tratar do meu assumpto que é da celebração das festas principaes.

Se bem que para os indios das missões jesuiticas podessem considerar todos os dias da semana e do anno, como dias de festa pelos numerosos exercicios de religião que cada dia praticavam, se bem que os domingos nos seus povos se celebrassem com a solemnidade que temos visto; existiam outros dias ainda mais festivos para elles. D'esse numero eram as festas de primeira classe, communs á toda igreja, que se celebravam com todo o ceremonial usado na igreja universal, e com todos os numerosos empregados vestidos de gala de que dispunham os jesuitas nos povos, accrescentando as danças

usadas nas igrejas depois da primeiras vesperas solemnes e antes de principiar a missa parochial.

As festas de *Corpus Christi*, do padroeiro da provincia, do padroeiro do povo e a semana santa, se celebram ainda com maior solemnidade do que todas as outras nas reducções jesuiticas. Não posso deixar de dizer alguma cousa sobre a procissão de *Corpus Christi* e sobre as festas do padroeiro; dizendo de passagem que a semana santa se celebra nos povos com todos os ritos da igreja romana, e com os monumentos costumados em Hespanha. Elles levam em procissão o corpo inteiro dos Passos com o apparato e devoção que pede o tempo. O maior silencio reina nas procissões, unicamente interrompido pelos golpes dos disciplinantes que se ensanguentam todos e que marcham do lado de fóra das fileiras da procissão. A procissão allumiada por frageis lamparinas caminha sem nada se ouvir da multidão que a acompanha, senão clarins roucos, caixas destemperadas, golpes de disciplinas e lamentações que em tom triste cantam os musicos.

Procissão de Corpus Christi.—Adornam o mais pomposamente possivel a igreja, a praça e as ruas. Ordena-se a procissão na fórma praticada em Hespanha, com todos os empregados das igrejas; musicas e muitas variedades de danças foram ensaiadas para este objecto.

Confecciona-se o ar com toda a sorte de cheiros os mais aromaticos, que se acham n'estes paizes privilegiados da natureza, e cuja fragrancia se percebe por todas as ruas. A cada canto de rua se encontra um altar não de ouro, nem de prata, porém ornado de todas as flôres mais delicadas, que produz a natureza, e guarnecido de pinturas e imagens que movem tanto á devoção como o mais custoso apparato. Porém o que se vê de mais singular são uns arcos de triumpho que se encontram nas ruas, distantes entre si dez ou doze passos e que unem uns com outros curiosos encaixes de canas e

madeiras bem lavradas e pintadas. A distancia de um arco a outro é preenchido por imagens de varios portes ahi collocadas, e o arco e os demais intervallos vasios são preenchidos pelas aves mais exquesitas e mais lindas que voam no ar na provincia chamada Paraguay, que no idioma indiatico significa: que rio de pennas! por causa das muitas e singulares aves que tem de linda a plumagem. Os caciques são encarregados cada um dos enfeites de um arco, por isso além das aves, outros se applicam para se distinguir de fazer pescar nos grandes rios que banham a provincia, os peixes de maior estima, que vivos em vasilhas são adaptados aos enfeites da procissão.

Outros mandam correr os campos e matas para caçar os animaes mais exquisitos e ás vezes as féras mais bravias, que dedicam ao mesmo fim. E quem não póde mais, contribue com gallinhas, perdizes, pavões, pombas e animaes domesticos. Procuram tambem nas florestas virgens arvoredos e todas as fructas apreciaveis, os legumes, suas sementes e raizes para o dito enfeite. As mulheres tem preparado tambem massas de farinhas de trigo, de mandioca, de milho e numerosa variedade de curiosidades, que cozidas augmentam a variedade. Os arcos revestidos de ramos verdes, de flôres, por entre as quaes apparecem aves, peixes, animaes do mato, fructas de toda a qualidade, e causam um espectaculo mui estranho. O chão é coberto de flôres, de folhas odoriferas e de sementes de legumes, de trigo, e de milho que os devotos ahi collocam para serem pisadas pelos pés do sacerdote, que em suas mãos carrega a custodia de prata dourada que encerra o Santissimo, na santa persuasão de que estas sementes procuradas depois para plantar hão de produzir cento por uma. A maior ordem, o mais rigoroso silencio e a mais expansiva devoção reina n'esta procissão.

Festa do santo padroeiro. — Esta festa se faz com mais con-

currencia, porque são convidados a ella duas ou tres reducções das mais vizinhas. O ceremonial da igreja é dos mais pomposos; porém deve-se accrescentar que para assistir a vesperas no dia anterior e á missa no dia da festa, o corregedor com os principaes do povo vão a cavallo com os melhores arnezes que ha no povo guardados para esse fim de seiscentos ou mil cavalleiroa, seguindo o povo acompanhados de musica empunhando a bandeira.

Este estandarte ou bandeira, fica na capella-mór onde é collocado pelo cura. Concluida a ceremonia na igreja levam o estandarte em procissão a cavallo, em redor da praça e depois o collocam no castello primorosamente preparado bem em frente da igreja do outro lado da praça. Ahi fica todo o dia, ás vezes toda a noite com vinte homens uniformados de guarda.

O uniforme era todo branco com vivos azues. Os cascos do cavallo do alferes real, a que chamam cavallo do santo, são prateados com pão de prata, e é ensinado a dançar, e apparece dançando. Isto se usou até 1818 nas sete reducções orientaes.

O alferes real se apresenta como em triumpho na praça e porta da igreja onde é recebido pelo cura que lhe offerece agua benta assim como a lança depois aos demais fieis.

Para esse dia o alferes real tem assento distincto na igreja. Concluida a missa do dia da festa acha-se uma mesa posta para todos os principaes convidados e os do povo que comem as viandas depois de receberem a benção do cura, cujas viandas em geral abundantes se mandou preparar debaixo da direcção, do mesmo cura. Se lhes dão agua, um pouco de uma bebida espirituosa chamada *chicha* que é como cerveja frouxa e umas garrafas de vinho, que então era de muito apreço. A's tres horas da tarde todos concorrem á praça, aonde quadrilhas de aventureiros, com libré de varias nações

correm a cavallo carreiras e torneios, argolinhas e carteis de desafio em prosa e em verso.

Os premios se acham collocados em umas mesas perante os padres missionarios, que assentados assistem como juizes aos jogos e repartem os premios de sorte que todos, mesmo aquelles que correram menos bem são premiados. Assim, diz o Dr. Xarque, ficam alegres todos, devotos aos santos e exercitados á guerra.

CAPITULO XI.

GOVERNO POLITICO E CIVIL DAS REDUCÇÕES JESUITICAS. REGIMEN ADMINISTRATIVO EMPREGADO PELOS MISSIONARIOS.

As reducções jesuiticas deviam prestar obediencia aos governadores do Paraguay ou de Buenos-Ayres, segundo pertenciam á jurisdicção de um ou de outro. Nomeava o governador em cada povo um corregedor o qual devia ser como seu lugar-tenente, e devia approvar a nomeação que todos os annos se fazia em cada reducção de dois alcaides, alguns regedores, procuradores, officiaes e outros ministros necessarios para administração do povo. Alguns governadores como Hernando Arias de Saavedra e Dom Jacintho Lariz que governaram a provincia de Buenos-Ayres, e os togados da real audiencia da mesma cidade. Dom Diogo Ibañes de Faria, Dom Pedro de Roxas, o doutor Dom João Blasques de Valverde, ouvidor de Chuquisaca, Dom João Dias de Andino, Dom Felippe Rege Corbalan, Dom Alonso Sarmiento, governadores do Paraguay e outros visitaram as reducções jesuiticas. As vezes os governadores pediam aos jesuitas indios para occupar ou construir alguma praça ou qualquer obra de utilidade commum. Por alguns annos acudiu quantidade de indios a trabalharem em serviços publicos em Santa Fé de

Vera-Cruz. Em 1668 o governador de Buenos-Ayres Dom José Martines de Salazar chamou quinhentos indios, que foram levantar a fortaleza principal de Buenos-Ayres e uma pequena fortaleza no Riachuelo, e deram principio ao forte de Lujan a doze leguas no interior sobre o caminho de Cordova; os indios das missões foram tambem occupados em levantar a nova cathedral de Buenos-Ayres: Dom José de Herrera no anno de 1683, empregou trezentos indios missionarios em fabricar uma grande fortaleza no sitio de S. Sebastião, fóra, mas á vista da cidade; os governadores do Paraguay por ser a cidade da Assumpção mais perto das reducções, ainda tem empregado mais vezes os indios missioneiros; Dom João Dias de Andino levou mil quinhentos indios contra os portuguezes que saquearam Villa-Rica em 1678; e Dom Francisco Monforte, seu successor, conservava destacados trezentos indios de missões para fazer frente aos inimigos guaycurús, payaguás e outros infieis.

Os jesuitas conseguiram extinguir as commendas dos quatro povos que lhes estavam submettidos, porém de origem hespanhola, para o que houve muitas dissenções entre os jesuitas e os hespanhóes, e queixas de uma e outra parte á côrte de Hespanha. Tendo obtido um contracto com a mesma côrte sobre tributos e dizimos, por cujo contracto eram as reducções obrigadas a pagar annualmente ao thesouro real um peso forte por homem de dezoito a cincoenta annos, do qual tributo ficavam isentos os nobres, os caciques seus primogenitos, o corregedor e outros até doze individuos occupados em servir na igreja e sacristia, e mais cem pesos fortes annualmente para dizimos, e que eram todos os annos religiosamente pagos, e com a licença que tinha o provincial dos jesuitas de chrismar; cortaram os jesuitas quasi todas as relações com as auctoridades castelhanas e muitas vezes estiveram em contradicção com os bispos e governadores,

Antequera pagou em 1731 com sua cabeça o ter resistido aos jesuitas como dizem alguns auctores.

Estabeleceram pois para dirigir seus povos um governo sem leis civís nem criminaes. A unica lei era a vontade e auctoridade do cura jesuita. O corregedor e outros officiaes municipaes não exerciam poder algum, eram instrumentos passivos do cura de quem faziam cumprir a vontade mesmo na parte criminal, porque nunca os indios das reducções se apresentaram nem foram citados perante os tribunaes reaes nem em nenhum juizo ordinario. Os missionarios infligiam o castigo que lhes parecia, e se raramente eram injustos quasi sempre eram rigorosos. As pequenas faltas eram castigadas com orações, jejuns e carcere; os crimes, porém se castigavam com açoites até seguir-se a morte, se o caso era mui grave.

Os indios de todo o sexo e idade eram obrigados a trabalhar para a communidade, não se lhes consentindo o uso de cousa que fosse propriedade particular. Os indios são occupados segundo suas forças em trabalhos mais ou menos pesados na escavação de pedras, no córte de madeiras, no seu transporte, na construcção de edificios e nos trabalhos ou *faenas* que se reduzem a podar, lavrar, carpir os algodoeiros, recolher o algodão, semeal-o de novo; fazer plantações de trigo, de feijão, de milho, e beneficial-as; cultivar anil; fabricar herva do Paraguay, plantar hervaes artificiaes; pescar, cuidar do gado, &c., &c.

Os officiaes de officio tem que se occupar d'elle todos os dias á beneficio da communidade. As mulheres eram quasi unicamente encarregadas de fiar algodão, as quaes se dá dez onças de algodão para que entreguem tres onças de fio. Dizem alguns que isso era diariamente e que eram severamente castigadas se não cumpriam; dizem outros que duas vezes por semana. As que tinham filhos de mais de mez é que recebiam

tarefas. As solteiras e as que não tinham filhos pequenos iam para o serviço da communidade.

Com os pannos fabricados d'este genero se fazem os vestidos de todos, os quaes são para os homens uma camisa, uma calça, um ponche, e um barrete de algodão; e para as mulheres uma camisa comprida chamada *Tipoy*, sem mangas nem pescoço e que assevera Dom Gonçalo de Doblas, tenente governador do departamento da Conceição, deixava os peitos descobertos e que ficava apertada ao meio do corpo por uma cintura.

Nenhum indio andava calçado. Os musicos, sacristão e coristas eram unicamente empregados em trabalhos de agulha. Logo que as crianças entram na idade de quatro para cinco annos, a communidade as toma a seu cargo. Ha ministros encarregados pelo cura, que tem a matricula de todos esses meninos e de manhã ao romper do dia os reune na porta da igreja onde os detem até depois da missa, e depois os distribuem pelos trabalhos designados, deixando unicamente no povo os aprendizes musicos e dos officios e alguns que aprendem as primeiras letras.

As duas ou tres horas da tarde os reunem de novo e os detem juntos até depois do rosario, e então podem voltar ás suas casas. A escolha dos officios é feita não pelos meninos, nem pelos seus pais, mas pelos curas que empregam os que lhes parecem melhores para seu serviço e para servirem na igreja. Isto não causa nenhum sentimento aos pais que se consideram desprendidos d'elles n'aquella idade, nem mais cuidam d'elles, nem lhes ensinam a doutrina, nem reparam nos seus costumes. Se não vem á casa ás horas marcadas não os buscam, e mesmo que fujam do povo não fazem diligencia para os encontrar; consideram-se desobrigados de todo para com elles. O mesmo acontece com as meninas que estão a cargo de indios velhos. São occupadas em carpir,

recolher algodão, recolher mantimento e outras occupações leves até a idade de dez para dose annos. Então as applicam a fiar, sem cuidar de se lhes dar outro ensino, nem mesmo custurar, o que as indias fazem mui mal.

Verdade é que em cada reducção havia escolas para ensinar aos filhos dos caciques e dos principaes do povo a ler, escrever, contar, cantar e dançar, de cujas escolas escreveram os jesuitas terem conseguido admiraveis fructos. Azara porém com razões que julgo plausiveis, diz, que os que sabiam ler e escrever eram os poucos individuos de que necessitavam os jesuitas para governar os outros e para o seu commercio, sem que nenhum indio aprendesse o hespanhol.

O Dr. Xarque narra as difficuldades dos jesuitas para ensinarem as contas aos indigenas que só sabiam contar até quatro. Para dizer cinco, elles tinham que mostrar os dedos de uma mão; para dez os dedos das duas mãos, e vinte os dedos das duas mãos e dos dois pés, e que eram absolutamente incapazes de contar além de vinte.

Sem embargo, os jesuitas conseguiram ensinar a alguns indios a ler e cantar o latim como se fossem bons grammaticos, expressando todas as letras e sem errar os acentos, porém sem nenhuma intelligencia do que lêem, como refere o citado Dr. Xarque, que tendo por costume os indios chamar os seus filhos pelo nome do santo do dia em que nascem, tem acontecido incumbirem os mais sabios d'elles que lêem e cantam nos livros dos padres o nome do santo de tal dia designado, e que estes doutos procurando no missal e lendo no evangelho de uma missa de feria as palavras: *Piscina Caifás, Cafarnaum, Iscariotes, Belzebuth*, etc. indicavam que esses nomes eram os santos que deviam dar os seus nomes aos recem-nascidos. Sem embargo pela indole dos indios que em geral são bons imitadores, d'estas escolas dos jesuitas sahiram indios excellentes copistas que suppriam a

falta da imprensa, copiando missaes e outros livros da igreja com tanta perfeição como se tivessem sido impressos. Tenho um manuscripto de perto de 150 annos, escripto em lingua guarani, no qual se distinguem ainda muito bem as letras e podem-se ler correctamente as palavras.

Os maiores cuidados dos jesuitas eram evitar que os hespanhóes ou qualquer estranho tivesse communicação com seus neophytos, e manter uma perfeita igualdade entre todos os indios tanto no traje como na assistencia e trabalhos; de maneira que o corregedor e a corregedora deviam ser os primeiros nos trabalhos a que acudiam os cabildantes como os outros. Estes só se distinguiam por suas varas, o nos dias de festa e de funcção pelas roupas guardadas pela communidade para aquellas occasiões. Os caciques eram regularmente os mais miseraveis. Os productos do trabalho commum se encerrava em um armazem geral e se distribuiam pelos membros da communidade em relação a suas necessidades. Os anciãos, as viuvas, os orphãos, os invalidos eram assistidos como os outros. De maneira que era inutil para elles a propriedade particular de que alguns auctores negaram e outros affirmaram a existencia debaixo d'esse regimen. O que sobrava do trabalho commum era levado por embarcações pertencentes aos jesuitas e pelos rios aos mercados hespanhóes, no Rio da Prata, ou no Brasil e o seu producto era empregado em pagar o tributo real e na compra de artigos europeos que se não podiam fabricar nas reducções. Assim foi que os templos das missões se enriqueceram com as alfaias mais preciosas, com os generos mais ricos de seda, velludo e pannos tecidos de ouro e prata. Assim é que os jesuitas para o culto divino. procissões e para os espectaculos, jogos e danças, com que alegravam a miudo, divertiam ou entretinham seus neophytos, procurarando objectos de maior riqueza e de um luxo deslumbrante.

Tem calculado alguns escriptores que se avaliava annualmente em um milhão de pesos fortes hespanhóes o rendimento dos povos jesuiticos, e quanto ás suas despezas, não chegavam á decima parte d'esta quantia. Não é pois de admirar que tendo os jesuitas durante mais de cento e cincoenta annos com sua economia e seu regimen de communidade dirigido as reducções tão abundantes e ricas de productos, e suas tão afamadas, numerosas e bem povoadas estancias, das quaes uma a de *Santa Tecla*, no tempo do explendor dos jesuitas, contava cincoenta mil cabeças de gado vaccum, cavallar e muar, tivessem no tempo da sua expulsão grandes fundos tanto nas igrejas como no que se chamava *fundos* da communidade.

Suas estancias eram magnificas. Cada estancia tinha sua capella, seu laranjal e sua plantação de arvores fructiferas, cujos vestigios ainda se encontram. Seus estabelecimentos eram os mais lindos do paiz, e quasi depois de um seculo ainda d'elles se falla. As estancias de Tambuireta, Santo Agostinho, S. Xavier, S. Clemente nas costas da Laguna Ibera; as de S. Miguel, S. Estanisláo, S. Jeronymo, Conceição e Tataraby na margem direita do Aguapey; as de Jesus Nazareno, Santa Rosa, Santo Isidoro, Nossa Senhora das Mercês, Caçapava, S. Alonso, Santa Maria, Santa Martha, S. Thomaz entre Aguapey e Uruguay; as de S. Borjita, Curupay, Santa Tecla, S. Gonçalo, Santa Maria, Rosario e Coraguaty na costa meridional do Paraná; as de Santo Antonio, Itaroquem, Santa Rosa, Gabriel, S. José, S. Matheus entre Piratinim e Camaquam na margem esquerda do Uruguay, a da Conceição de Passaretam, S. João, Mirim, S. Gabriel, Cruz, Saican, S. Luiz, S. Vicente, S. Domingos, etc., na provincia de S. Pedro, todos tem conservado uma fama que se conservará ainda muitos annos n'estas regiões.

CAPITULO XII.

GOVERNO MILITAR E MILICIAS DOS JESUITAS.

O governo militar da provincia do Paraguay ao principio estava confiádo ao vice-rei do Perú, residente em Lima, mas tendo os jesuitas uns vinte annos depois do seu estabelecimento das reducções obtido da côrte de Hespanha para seus neophytos o uso de armas de fogo, fundaram uma força militar sob o mando de um cacique particular, reservando-se o provincial o governo d'ella.

Os missionarios julgando que d'essa medida dependiam os progressos da fé e a conservação da sua christandade, puzeram immediatamente mãos a obra. O padre Montoya desde 1641, segundo uns, e desde 1648, segundo outros, mandou ensinar o manejo das armas aos indios capazes de as manejar e depois deu-lhes um regulamento militar. Logo tiveram canhões, fabricaram polvora e tiveram um arsenal bem provido de armamentos. Todos os domingos á tarde eram os indios obrigados a comparecerem na praça da matriz ou em qualquer outro azado com armas de fogo e arcos ao toque de caixas, e se lhes mostrava o modo porque se deviam haver no accommetter o inimigo, e como se deviam retirar em boa ordem. No fim do exercicio depositavam as armas no arsenal até o domingo seguinte, bem fechadas por ordem do cura até o domingo seguinte. Os que no exercicio se tinham distinguido pela promptidão e regularidade do movimento eram premiados. Eis como das milicias das reducções falla um auctor do seculo 17: « Em cada povo ha companhias de soldados a pé e a cavallo, que se compõe de todos os homens capazes de pegar em armas, cada uma com seu capitão, alferes, sargento, cabos de esquadra, e os mais officiaes que se acostumam na milicia, com suas insignias, caixas, clarins e

bandeiras, com as armas de Borgonha e reaes, na fórma usada em nossa Hespanha nas campanhas e fronteiras melhor guarnecidas. As armas que maneja a infantaria são pela mór parte as da sua gentilidade; uns com arcos, frechas de pontas de osso ou de páo mui forte e penetrante; outros brigam com pedras pequenas lavradas e esquinadas que lançam com fundas; outros talham pedras redondas como bolas e com uma pequena abertura em seu circulo, onde atam a ponta de um laço de duas varas de comprido, e na outra extremidade põe outra semelhante bola, arma que atirada longe póde enlaçar e mesmo aturdir a um touro e com mais segurança de perto. Quando vem as mãos de perto, todos usam de macanas de tres palmos lavradas e de páo mui pesado, mui forte e de uma só peça, mais grosso de uma ponta que da outra, cujo golpe na cabeça é sufficiente para matar. Se os novos christãos não tivessem outros inimigos que os infieis, lhes bastariam as ditas armas para se defenderem, porque os barbaros não os atacam com outras. Mas estando tão expostos aos ataques do Brasil que tão repetidas vezes os hão invadido com armas de fogo, alfanges e espadas, não poderiam resistir ao valor e coragem luzitana se não tivessem as mesmas armas. Por isso os ministros reaes e sua magestade lhes hão concedido que possam usar as ditas armas, de que formam tambem companhias de infantes com mosquetes, espada e rodela; e de cavallaria com espingardas, carabinas e lanças. »

« Estas armas de fogo e aço estão sempre guardadas em armarias onde ha officiaes que as conservam mui limpas; e a nenhum indio se permitte o uso d'essas armas se não quando urge justa defesa segundo ordem superior. »

« Sendo necessario exercitar-se nas armas para que a seu tempo sirvam, e sobretudo em mãos de gente rude e de seu natural ociosa; os corregedores os obrigam nos domingos a

entreterem-se em mostras de armas e alardes de guerra na praça que cada povo tem... ahi depois da revista de cada companhia, se formam os esquadrões como se um fosse brazileiro e outro missioneiro.»

« Depois de preenehidos os preliminares... dado o signal de atacar, se trava uma batalha tão renhida como se fosse verdadeira, tão cegos ficam esses pobres indios que é necessario apartal-os para que não se matem como se fossem inimigos, e para isso se introduzem entre elles cabos com bastões fortes e pesados. Os meninos mesmo governados por moços um pouco maiores, formam suas companhias, e se acostumam desde tenra idade a brigar e não temer a guerra. Ensaiam-se todos em atirar frechas, pedras, e a servir-se das outras armas, sendo premiado aquelle que dá no alvo, para o que ha alguns tão destros que com uma frecha não só dão em uma lança posta por alvo, se não que atravessam de um tiro e formam uma cruz com ella. Do mesmo modo acertam outros com diversas armas.»

« No principio os indios tinham tanto medo dos cavallos, que trepavam nas mais altas arvores para fugir de um d'elles como poderiam fugir de um tigre ou de um leão; porém com estes exercicios, com os jogos de argolinha, de torneios e de canas perderam-lhes tanto o medo que já correm a redea solta a cavallo, atiçam com elles fogo nas peças, e é formidavel um esquadrão de indios á cavallo. »

Os paulistas foram os primeiros que experimentaram, assim como os indios tupys, o valor das novas armas dos neophytos. Apesar da distancia em que os jesuitas tinham estabelecido suas novas reducções desde 1631, e das grandes difficuldades dos caminhos atrahidos pelo lucro de captivarem os indios, os paulistas e os tupys atacaram algumas vezes as novas reducções; porém os neophytos com canhões e armas de fogo obtiveram contra elles assignaladas victorias. Desde 1641, os

neophytos, diz Mr. Alcide d'Orbigny, não temiam mais os terriveis paulistas.

Reunidos contra elles em numero de quatro mil sómente, lhes mataram e ás suas milicias auxiliares doze mil homens em uma de suas invasões. Em outra em que com uma immensa força por terra e pelo rio Uruguay com novecentas canôas, atacaram o povo da Cruz, os neophytos se entrincheiraram escondidos em uma especie de castello de madeira construido sobre umas canôas, d'onde sem serem presentidos com carabinas, espingardas e mosquetes, atiravam sem perigo sobre os inimigos, derrotando sua esquadra, que aprezaram toda sahindo do seu cavallo troyano, e fazendo muitos prisioneiros tanto paulistas como tupys. Tendo-se escapado alguns paulistas, mandaram tratar com os indios da reducção, que por conselho do cura lhes mandaram dar canôas e mantimentos com condição de não pisarem mais por aquellas terras, e para que fossem levar ao Brasil noticia do successo, o qual, diz o chronista, aterrou tanto áquelles piratas que não se tem atrevido desde então a chegar á vista das reducções, aprisionando unicamente os indios que encontram pelos campos, e que não podem ser soccorridos pelas milicias dos povos. Para resguardar-se d'elles, os jesuitas estabeleceram corpos de guarda pela serra do Herval na margem oriental do Uruguay e sobre as costas do grande mato de pinhaes araucarias, que cobre uma parte da serra limitrophe ás provincias de Santa Catharina e do Paraná, chamado até hoje *Mato Castelhano*, que dava passo ás tribus barbaras e aos paulistas. As milicias dos padres coadjuvaram muito ao governo do Paraguay quando em 1676, os paulistas principiaram de novo suas excursões na dita provincia, e foi á afouteza, á audacia de tres mil indios dos jesuitas que Dom José de Garro, governador de Buenos-Ayres deveu a tomada da colonia do Sacramento aos portuguezes

em 6 de Agosto de 1680, cujo brilhante feito de armas estabeleceu em toda a America Meridional a sua reputação de guerreiros. Os jesuitas a vista dos perigos não se descuidaram em aperfeiçoar a organização militar das suas reducções, para o que mandaram vir do Chile alguns padres que tinham sido militares e que redigiram varias ordenanças, tres das quaes eram:

240.—Faça-se em todos os povos quanta polvora se poder. P. Zea.

241.—Nos casos de guerra haverá quatro superintendentes designados pelo padre provincial; um, Uruguay acima; outro em Japejú, outro na banda oriental do Uruguay, e outro no Paraná; e cada um terá seus dois consultores para os casos de guerra.

242.—Os povos da outra banda do Uruguay farão por sua parte a vigia dos pinhaes nos tempos costumados e se lhes designaráõ paragens para deixar seus signaes. P. Ignacio Frias. P. José de Aguirre.

Citam os padres jesuitas Matheus Sanches e Alfaro como tendo desenvolvido um valor notavel: Aquelle contra os charruas que, segundo narra o Diccionario Historico e Topographico do Brasil, queria exterminar sem motivo plausivel, por não quererem elles fazer parte das commendas; este em 1653 contra os paulistas commandados pelo mestre de campo Manoel de Campos Bicudo. Emfim, em 1750 quando a Hespanha cedeu á Portugal as missões orientaes do Uruguay em troca da colonia do Sacramento, e que a povoação india se levantou para se oppôr á execução de um tratado que os obrigava a expatriar-se de um territorio que tinham, diziam elles, recebido *de Deos e de seus padres*, outros jesuitas se puzeram attesta das milicias missioneiras para se oppôrem aos hespanhóes e portuguezes que assignalavam os limites das terras pertencentes ás duas corôas. Mas apesar das proesas

dos cabos de guerra indios Sepé ou José Tiarayú e Nicolau Languirú (que se diz que os jesuitas denominaram Nicolau I rei do Paraguay) uma grande porção das milicias missioneiras pereceram n'essa guerra, e os indios que recusaram submetter-se tiveram que expatriar-se até 1761 em que foi annullado o tratado de limites. Por ter tratado por extenso d'este assumpto o nobre visconde de S. Leopoldo nos seus Annaes da Provincia de S. Pedro, nada mais digo a este respeito, até que trate da historia particular do povo de S. Miguel.

CAPITULO XIII.

DESCRIPÇÃO GERAL E RESUMIDA DOS POVOS JESUITICOS.

Todos os povos jesuiticos da provincia eram semelhantes e traçados pelo mesmo modelo, com pequenas differenças; ver um d'elles era ver todos, portanto descrever a um d'elles é descrever todos. Os povos são situados sobre alegres collinas adornadas de uma esplendida vegetação, e das quaes correm alguns arroios ou mananciaes de aguas crystallinas, e em seus declives existem varias chacaras e campos cultivados. Ao ver de longe estes grandes telhados de telhas vermelhas que a igreja domina mas sem ter torres, se diria que é um d'esses castellos antigos que o feudalismo tinha levantado para assegurar sua independencia e despotismo nas provincias agricolas de França, mas que a luz do seculo tem transformado hoje em immensas fazendas de productos agricolas e industriaes, se as palmas, as larangeiras que se avistam em toda a parte não fizessem lembrar outro paiz, outro clima.

Entra-se em uma espaçosa praça quadrilatera, de que com frente ao Norte, o collegio, a igreja e o cemiterio fazem o costado mais predominante.

As outras tres faces da praça na qual desembocam ora cinco, ora nove ruas, são formadas de galerias symetricamente repartidas de vinte a vinte quatro braças de comprido e quatro a cinco de largo com varandas de ambos os lados. Pelo alinhamento das mesmas ruas, se formam outras quadras com a mesma planta e perspectiva, se o augmento da povoação o requer. Na fachada principal da praça e fazendo-lhe bem frente se encontra a igreja sempre magnifica de tres ou cinco naves, e todas com capacidade de conter muitas mil pessoas. São de architectura irregular e de pouca duração, por causa das muitas madeiras de que são feitas as numerosas columnas dobradas que sustentam o pesado telhado, e das linhas que se acham intercaladas no centro das paredes do edificio, que contém mesmo que sejam feitas inteiramente como em alguns povos de grossos pedruscos de grés sem cimento, mas em geral as paredes são feitas em parte com pedras lavradas e em parte com tijolos crús e branqueados de tabatinga. Entra-se na igreja pelo portico em fórma de concha, que em geral é sustentado por oito ou mais columnas de pedra quadradas ou redondas de uma só peça e de um vulto e peso enorme, e a cujo piso se chega por uma gradaria de pedra branda e vermelha.

Varios povos sem embargo tinham estas columnas de madeira.

Da mesma pedra são feitos os arcos, nichos, corôas que enfeitam o frontispicio e os frisos, cornijas que corôam o frontispicio e as columnas e as estatuas dos santos que adornam a frente, onde ha tres portas de madeiras diversamente lavradas. (32) A' direita da porta principal vê-se uma capella com seu altar e pia baptismal ordinariamente de pedra vermelha primorosamente lavrada assim como o seu pedestal, e em alguns povos, de barro vidrado com um grupo ou pintura representando o baptismo de Nosso Senhor. As columnas

que separavam as naves e que são nove ou doze de cada lado, tem em seu intercolumnio a estatua de um apostolo de dimensões maiores que o natural e ricamente lavradas e adornadas. As capellas não são menos ricas nem menos explendidas. Os confessionarios curiosamente esculpidos e pintados são collocados entre as capellas. Ordinariamente ha cinco altares com retabulos do tamanho que requer a igreja, feitos de madeira com columnas, cornijas, entalhadas de diversos feitios, debuxos, guarnições, estatuas, molduras douradas e pinturas em que são representados os sagrados mysterios. O altar mór com seu retabulo occupa todo o fundo do coro que é todo dourado com mais ou menos profusão de adornos e de riquezas. O coro de alto abaixo está coberto de estatuas de santos: a do padroeiro do povo corôa a cornija do altar mór; a meia laranja esculpida e pintada a ouro, tem em seus quatro pendores um nicho com o busto de um papa.

Os soalhos são feitos com lousas de pedra bastante brunidas, são de dois palmos quadrados pelo ordinario; raras vezes o ladrilho é empregado para esse fim. Ha igrejas de trezentos e cincoenta palmos de comprido e de cento e vinte de largo como a de S. Miguel. A nave principal da igreja de Santa Rosa que com a de Corpus eram as mais ricas e sumptuosas, tinha duzentos e oitenta palmos de comprido, e a nave principal do templo de S. Luiz trezentos palmos de comprido e cem de largo Atraz do retabulo do altar mór que acaba de se destruir, lê-se 1728, 15 de Maio.

Os retabulos e as estatuas de santos que occupam seus nichos são pela mór parte toscos, e poucos são os que se encontram de boa esculptura. As pinturas das paredes, do zimborio e do portico são pela mór parte toscas e desproporcionadas. As alfaias de prata como jarros, bacias, cruzes, castiçaes lampadas, candelabros são mui numerosos e grandes,

posto que pouco polidos com excepção de raras peças. Os vasos sagrados são muitos e da melhor obra e alguns são de ouro. Igualmente os ornamentos são numerosissimos, mui ricos e de grande preço. Immediata ao lado direito da capella mór, se acha a sacristia, igualmente adornada com um altar carregado de esculpturas. Vastos armarios applicados contra as paredes são igualmente trabalhados com o mesmo luxo e esmero. Em todas existe lavatorio, mas em algumas como em S. Luiz e em Santa Rosa o lavatorio é de marmore, e n'este ultimo povo a agua se derrama em uma grande bacia de prata. Nos sete povos da margem oriental do Uruguay, o templo de S. João, foi o unico concluido pelos jesuitas, os outros nunca o foram.

Bem que para o serviço de Deus, diz o Sr. de Doblas já citado, nenhuma riqueza seja excessiva, comtudo attendendo a pobreza dos povos e dos naturaes, parece que os jesuitas se excederam na riqueza das alfaias e ornamentos de seus templos. O que é para admirar, é que n'estas grandes construcções não se encontram outros prégos se não os que seguram as fechaduras.

Entre a igreja e o portão grande do collegio se acha a torre feita de madeira formada de quatro pilares altos e grossos, com dois ou tres entablamentos que fazem outros tantos corpos, e seu competente telhadinho. Sóbe-se n'ella por uma escada pelo claustro ou pateo do collegio. Na torre ha muitos sinos, nunca menos de seis de varios tamanhos e alguns bastantes grandes e de bom som. Nos povos mesmo, como em Apostoles, eram fundidos os sinos. As torres de S. Miguel e de Santa Rosa eram de pedra lavrada.

Immediato ao lado esquerdo da igreja se acha o cemiterio (33) que se communicam por uma porta especial, fazendo tambem frente á praça, e de bastante capacidade para todo o povo, e cercado de paredes altas. Está plantado de cyprestes,

palmeiras e laranjeiras que formam ruas por onde circulam as procissões, e que dividem terrenos para sepulturas de cadaveres innocentes, de membros das irmandades &c., sendo todos os fieis n'elle sepultados, excepto os padres jesuitas que se enterram separadamente na capella, junto ao altar mór. Ao meio do cemiterio ha uma grande cruz lavrada. A do povo de S. Lourenço é uma gigantesca cruz de uma enorme pedra que de uma só peça é formada com dois pares de braços. Ella ainda actualmente está estendida no meio do cemiterio, porque a derrubaram do seu pedestal para procurar dinheiro em seus alicerces. No dito cemiterio no de S. Nicolau e da Cruz encontram-se lousas sepulchraes com inscripções em guarani.

Existe no mesmo cemiterio ordinariamente pegada á igreja uma capella com pinturas, em que se representam ao vivo as almas penando no purgatorio, e no altar do qual (tambem lavrado) se dizia missa todas as segundas feiras.

Fôra do povo á distancia competente como de dois, ou tres mil palmos em cada reducção, ha uma ou duas ermidas com capellas parecidas á parochial nos retabulos, pinturas e adornos, ás quaes se vai em procissão nas rogações e varias vezes no anno, e em tempo de necessidades. Estas capellas são dedicadas á algum santo da especial devoção dos fieis, como S. Izidro lavrador, Nossa Senhora de Loreto, &c.

Pela sacristia da igreja em todos os povos ha communicação com o collegio onde se acham os cubiculos dos padres jesuitas, e varios edificios destinados a diversos uzos. O collegio dos jesuitas é um vastissimo edificio que de um lado (Este) é flanqueado pela igreja em todo o seu comprimento, e fórma um quadrado de casas que fazem frente á praça á direita da igreja.

Estas casas tem uma dupla varanda, exterior e interior, que descançam sobre formosas columnas de pedra lavrada ou

de madeira da altura ordinariamente de vinte cinco palmos, com seus competentes pedestaes e capiteis. No centro se encontra um claustro ou pateo vasto de duzentos ou trezentos palmos de cada lado no qual se vêem quadros de varias datas: o da cruz, v. g. tem a data de 1730, o de S. Luiz de 1746, e o de S. Lourenço de 1717; e em alguns se acha um poço no centro d'este claustro. Um lindo portão serve para entrar no claustro.

Elle se acha collocado a igual distancia de ambas as extremidades do pateo, e desde o portão uma calçada em linha recta leva ao cubiculo principal onde reside o cura. Os aposentos destinados aos jesuitas são vastos de trinta e mais palmos quadrados bem soalhados, forrados e pintados com vistas deliciosas. As varandas externas e internas são magnificas. O collegio de S. Luiz tem quatorze columnas quadradas na frente dos quartos dos padres, e na frente paralella, e treze em cada uma das duas outras faces do seu claustro, as quaes são de vinte palmos de comprido e tres de cada face. Em S. Lourenço as columnas são mais delicadas, mais delgadas, e por isso se collocaram duas unidas para fazer a força de uma só e são redondas como em S. João. Em S. Borja as columnas eram de madeira. No angulo recto do collegio, correspondente á sacristia, está o refeitorio dos jesuitas, quasi sempre todo edificado de pedra lavrada com lindas portaladas que serviriam magnificamente para capellas. Esta peça tinha sempre subterraneo mais ou menos extenso. As casas que vem em seguida paralellas á igreja contém as escolas, e varias officinas de ourives, pintores, entalhadores, ferraria, muitos armazens e uma casa forte para prisão.

Contiguo ou nos arrabaldes se encontra um recolhimento de viuvas e donzellas, e hospital. Uma espaçosa varanda exterior, tomando os fundos inteiros do collegio, da igreja, e do cemiterio, olha para uma horta murada de pedra e barro,

com ruas alinhadas e plantadas de pinheiros, laranjeiras, limoeiros, marmeleiros, macieiras, pecegueiros, nogueiras da Europa, oliveiras, parreiras, e outras muitas arvores e arbustos tanto indigenas como exoticos, « el unico lujo que se permitian los padres, diz Monsieur Martin de Moussy, era el de una hermoza huerta, bien plantada de naranjos, parras, higueras, durasneros, granaderos, guayaveros, bananos, palmas, &c., &c., e de todos las legumbres de Europa. Pues este lujo era simple e poco custoso; cualquier propriétario inteligente puede ahy conseguir otro tanto e nel suelo de Misiones. » Em quanto as casas da praça, ellas se acham repartidas em quartos de trinta palmos quadrados. Cada quarto contém uma e mais familias que dormem e cozinham em um só aposento e que com o desalinho que lhes é proprio o tornam logo negro, immundo e asqueroso, notando-se que poucos dormem em redes ou hamaes, e sim no chão.

Em uma nota dos Annaes do Sr. visconde de S. Leopoldo, 2.ª edição, pag. 85 lê-se:

« Entretinham-se n'esta missão, (fallando de S. Miguel, o que eu applico em geral a todas) mil e quatrocentas familias que viviam em commum passando aliás em miseria, mórmente de vestuario; do seu trabalho se utilisavam os jesuitas para as extensissimas plantações e colheitas de herva mate, algodão, trigo, mandioca, canna de assucar, batatas, hervilhas, favas, feijões, aboboras, &c., &c., além dos empregados nas olarias, nos cortumes, no trafego e custeio das estancias de animaes vaccum e cavallar, &c. »

Nos arrabaldes de cada povo existe uma plantação artificial de arvores de congonha para fabricar herva mate. Em S. Lourenço está a plantação semi-circular á maneira de ferradura. Em todos os povos é sufficiente a colheita d'estas arvores para o uso dos habitantes.

A preparação da herva se fazia com esmero, de tal modo

que toda a que procedia das missões tinha preferencia nos mercados de Buenos-Ayres. Houve época em que subministravam annualmente até quarenta mil arrobas a este mercado, mas tendo negociantes da Assumpção reclamado a este respeito, uma cedula real de 1679, havia limitado a doze mil arrobas, a quantidade que das missões podia ir annualmente á Buenos-Ayres. Em geral todos os productos das missões tinham uma superioridade distincta, porque sua preparação era feita com esmero e alheia á rotina, que se restabeleceu logo depois da retirada dos jesuitas.

CAPITULO XIV.

EXPULSÃO E SAHIDA DOS JESUITAS. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE SUAS RIQUEZAS METALLICAS E SOBRE MINAS DE METAL PRECIOSO. JUIZO SOBRE OS JESUITAS.

As queixas dos hespanhóes povoadores, possuidores de commendas das provincias do Paraguay, de Buenos-Ayres e Tucuman durante o espaço de cento e cincoenta annos, as queixas dos portuguezes que encontraram os jesuitas nos campos de batalha e querendo senhorear-se da provincia do Rio Grande do Sul, a queixa dos bispos e governadores do Paraguay e de Buenos-Ayres contra as pretenções da sociedade de Jesus n'estas regiões, motivados por idéas de independencia que elles tinham ou que se lhes attribuiu, indispuzeram a côrte de Hespanha contra os jesuitas que tinham cortado aos indios seus subditos toda a especie de relações com o monarcha, com os vice-reis, governadores, e bispos, e emfim, com todos os hespanhóes, pois não consentiam que os indios fizessem nenhum commercio em particular.

Para evitar toda a communicação com os hespanhóes e conter os indios, fizeram cavar fóssos profundos e levantar

fortes palissadas seguras por cadeados nos lugares de passagem necessaria e inevitavel, e ahi collocavam sentinellas e guardas vigilantes para não deixarem entrar nem sahir ninguem sem ordem por escripto. Rodearam o territorio da jurisdicção de cada reducção de novos fóssos, portas e guardas nos lugares de passagem para não deixarem os habitantes de cada reducção emigrarem, ou irem de uma para outra. Não permittiam andar a cavallo senão a pequeno numero de indios indispensaveis para levarem suas ordens de um para outro lado, e para o cuidado das estancias que não requeriam muita gente, pois que estavam intrincheirados tambem os campos onde pastavam os animaes, pelo que vinham a ser verdadeiros parques. As disposições tomadas pelos jesuitas, os canhões que se tinham procurado, os armamentos que tinham mandado fazer, as munições de guerra que possuiam, deram a suspeitar a uns que elles tinham descoberto minas de subido valor, e a outros que queriam elles formar uma republica independente. Augmentavam as suspeitas, ao considerar-se que a maioria dos jesuitas da provincia do Paraguay eram inglezes, italianos e allemães, e que os poucos hespanhóes que ahi existiam occupavam empregos subalternos; que não só se prohibia a entrada nas missões aos hespanhóes, mas tambem aos bispos vizitadores das igrejas, e aos governadores e seus empregados encarregados da administração civil e politica; que os jesuitas faziam todos seus esforços para tornar aguerridos seus subalternos, reduzindo todas as suas festas em lições esgrima e de espada, as quaes nem as mulheres deixavam de assistir. Emfim, seja o que fôr, bem que os jesuitas contassem numerosos defensores nas côrtes de Madrid e de Portugal, o seu reinado estava concluido, e sua influencia não pôde prevalecer junto das duas côrtes ás razões falsas ou verdadeiras de seus inimigos. Em 1759 os jesuitas foram desterrados de Portugal e de suas colonias, e por decreto de 2 de Abril de 1767,

Carlos III os expelliu igualmente de Hespanha e de suas colonias.

Bucareli, governador de Buenos Ayres, fez pôr em execução em 1768 as ordens que tinha recebido de Madrid. Os jesuitas, que de certo esperavam este golpe á vista do que se tinha passado em Portugal, no Brasil, e mesmo em Hespanha no anno anterior, obedeceram com docilidade ás ordens do governador. Reuniram-se pela mór parte em S. Thomé, e seguiram para Buenos Ayres, onde foram embarcados para a Italia (34). A ser certa a allocução que um jesuita fez aos neophytos em o povo de S. Nicoláo, pareceria que os missionarios da companhia de Jesus, não pensavam que a sua expulsão das reducções fosse tão seria, nem que fosse duradoura. Eis em substancia o que me foi referido por um ancião que nos seus verdes annos era destinado ao serviço da igreja de S Nicoláo no tempo dos jesuitas, e que falleceu, não faz muito, na idade de cento e vinte annos : « Nós vossos padres, que vos tiramos do captiveiro do demonio para vos fazer e a vossos pais, filhos de Deus, de S. Nicoláo e de S. Miguel ; nós que a vós e a vossos pais temos trazido dos desertos e dos matos, onde não tinheis que comer, que vestir, nem casas para morar, para este povo onde tendes casas, vestidos e comidas, e onde viveis como filhos de Deus e de S. Nicoláo que vos darão a salvação ; nós vossos padres somos obrigados a vos deixar e desamparar, mas será por pouco tempo. Já por duas vezes nos arrancaram do meio de vós, (35) porém Nosso Senhor logo nos restabeleceu em nossos povos junto de vós. Sim, brevemente tornaremos a voltar, porém guardai-vos bem durante nossa ausencia de descobrir os segredos e os thesouros de S. Nicoláo e de vossos padres. Os outros não vos querem e gastariam todos vossos thesouros se soubessem d'elles. Antes morrer do que descobrir os

segredos e os thesouros de S. Nicoláo e dos padres, porque essa morte será premiada pela felicidade eterna. »

O indio que referiu este discurso dos padres jesuitas não descobriu os segredos nem os thesouros de S. Nicoláo e dos padres. Apenas disse ter visto mui poucos dias antes da sahida dos jesuitas de S. Nicoláu, seis carretas carregadas de alfaias e ornamentos de igreja com direcção ao passo do Sarmento no rio Piratini, e que no outro dia viu voltar as carretas vasias, sem nunca ter sabido o fim que levaram as ditas alfaias, se foram embarcadas ou se foram lançadas em algum fosso ou subterraneo nos matos que bordam o Piratini; nem nunca pôde averiguar nada dos carreteiros que conduziam as ditas carretas, porque nunca mais os viu.

Por estar agora n'este assumpto dos thesouros enterrados, e das riquezas e minas preciosas descobertas pelos jesuitas, materia que tanto tem dado que fallar antes da suppressão da celebre companhia e ainda depois, sem que nenhum escriptor tenha dado a entender que elles tivessem descoberto minas de metaes preciosos na provincia do Paraguay, que formava a sua republica christã; direi alguma cousa do que pude instruir-me durante varios annos de residencia nas missões. Narro além d'isso factos que me foram contados por pessoas que me parecem veridicas, deixando aos leitores formarem o seu juizo, e ao tempo descobrir a verdade.

Além do discurso que o indio de S. Nicoláo fez pronunciar aos jesuitas do dito povo e da sua declaração que acabo de referir, vou narrar a declaração do indio Christoval que no tempo da expulsão dos jesuitas era sacristão-piá do cura, companhia do povo de S. João, que foi depois corregedor do mesmo povo durante a dominação hespanhóla, e que foi porteiro do administrador do dito povo durante a administração do distincto capitão Francisco Marques Pereira, depois da conquista. O mesmo capitão que ainda existe me narrou

este facto que elle mesmo ouviu da boca do indio Christoval. « Na noite anterior á sahida do cura e do seu sacristão-piá, o cura e o seu companheiro depois da ceia chamaram os seus sacristães e com seus lenços lhes taparam cuidadosamente os olhos e os ouvidos. Fizeram-os então durante varias horas carregar caixas pesadas, com as quaes desceram degráos como quem ia á quinta (36), e depois lhes fizeram dar varias voltas com as mesmas caixas, para que os sacristães não podessem conhecer o rumo do caminho que levavam. Fizeram em seguida passar os mesmos piás um do lado de dentro, outro do lado de fóra do aposento onde tinham carregado as caixas, e n'este intervallo ouviram elles socar terra, e ao fim de algum tempo tendo parado o rumor, o primeiro piá impaciente destapou um pouco os olhos e os ouvidos e disse devagarzinho para o seu companheiro, que ouvia gemer um indio, que lhe parecia ser o cozinheiro, que morria enforcado em presença dos padres. Ao depois foram chamados os piás para socarem tambem terra. O que feito foram levados para os seus aposentos, e na madrugada da mesma noite partiu o padre cura com o eu sacristão, sem que nunca mais o indio narrador tivesse noticia d'elles. Pela manhã tinha desapparecido o cozinheiro. De tarde o padre companheiro mandou o seu sacristão Christoval que fosse pedir a benção a seu pai, para partir na noite seguinte com elle.

Mas o piá assustado fugiu para o monte onde se conservou mais de um mez até que soube que havia no povo corregedor castelhano.

Dizia pois Christoval que elle tinha ajudado a esconder os thesouros dos padres jesuitas de S. João ; que está certo que elles se achavam na quinta dos mesmos jesuitas, mas que era impossivel a elle designar o lugar.

O cura de S. Miguel chegou perigosamente enfermo a Buenos Ayres, tanto que não pôde embarcar com seus com-

panheiros para a Europa. Em Buenos Ayres falleceu poucos dias depois. E em virtude de uma nota que elle deixou a um irmão seu na mesma cidade, vieram, não faz muitos annos procurar os thesouros de S. Miguel, com os quaes dois individuos que poderia nomear, mas que os não nomeia, compraram cada um uma estancia.

Nos arrebaldes do povo de S. Lourenço existe um buraco entupido conhecido pelo nome de *Quarepoti* (buraco de prata), onde por tradição se diz que os jesuitas tiraram prata. E no de S. João ha indicios de ter-se tirado ouro, abaixo do arroio do Moinho.

Não longe do povo de S. Thomé existe um fosso que foi bem profundo e comprido, onde a tradição ensina que os jesuitas descobriram uma mina de ouro, e que elles mesmos mandaram entupir por não lhes fazer conta que esta noticia se propalasse.

Apenas alguns vestigios restam d'este trabalho, estando actualmente o lugar dentro do mato.

Tem apparecido varias vezes indicios da presença de ouro em S. Thomé. Em 1849 os periodicos, em particular o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, fallaram da descoberta do ouro de S. Thomé, como de uma nova california; porém nunca pessoa alguma com as devidas habilitações tratou de certificar-se da existencia do metal precioso nas missões.

Asseguram que nas vizinhanças do povo de Corpus sobre o Paraná ha ouro com abundancia. Conheci uma india velha que me assegurou ter ajudado seu pai á extrahir ouro em seu territorio perto de Corpus.

Em Roma nos archivos da sociedade de Jesus, devem-se achar algumas notas preciosas sobre estes objectos que havia n de fornecer esclarecimentos uteis ás nações que actualmente possuem o vasto territorio da provincia da companhia de Jesus do Paraguay. Deixam-se alguns persuadir que ellas

existem na realidade, por ter havido pessoas que vieram da cidade Eterna para a America alliciadas por algumas notas por ellas vistas, mas que as circumstancias não favoreceram em suas empresas.

O celebre viajante francez Mr. de Saint-Hilaire em sua visita ás missões orientaes do Uruguay, parou poucos dias em S. Borja, onde sem embargo travou amizade com o commandante de missões coronel Antonio José da Silva Paulete, engenheiro portuguez, porém, d'este povo seguiu a visitar os outros; e consta que de S. João mandou ao governador coronel Paulete uma memoria sobre as missões orientaes, cuja memoria infelizmente se perdeu nas mãos das numerosas pessoas que a quizeram ler.

Mas asseguraram-me pessoas de distincção, e entre ellas meu finado amigo Mr. Bonpland, de que na referida memoria se tecia o maior elogio ao territorio de missões e a seus productos, e que n'ella se assegurava que em missões se achava muito ouro e muita prata, e que elle concluia dizendo: que os habitantes de missões eram uns cegos que não sabiam aproveitar as riquezas immensas que pisavam e calcavam com os pés.

Seja que os jesuitas tivessem descoberto minas de metal precioso ou não, seja que elles occultassem seus thesouros ou não; o caso é que posteriormente á elles não se tem obtido noticias d'estas minas, nem d'esses thesouros. Em minha opinião, mesmo que sua existencia fosse certa, o que não ouso asseverar, teria sido difficultoso descobril-os, tanto por causa da ignorancia da grande maioria dos indios a este respeito, como pelo obstinado silencio que muitos motivos recommendavam aos poucos que teriam podido dar alguma relação sobre este assumpto. Emfim as guerras de que as missões tem sido o theatro durante tantos annos, a sua distribuição por tres potencias distinctas, a introducção no seu territorio de uma nova povoação quasi toda inclinada e occupada á vida

pastoril, não deram lugar a fazerem-se pesquizas d'esta importancia.

Se os filhos de Santo Ignacio de Loyola se retiraram com docilidade da sua republica christã da provincia do Paraguay, os seus neophytos não se mostraram menos submissos ás ordens que se lhe deram, e todos os seus empenhos se limitaram a fazer supplicas para conservar seus directores. Em sua Memoria historica Mr. Dr. Martin de Moussy transcreve a carta seguinte que a municipalidade de S. Luiz dirigiu em lingua guarani ao governador de Buenos Ayres Bucareli a este respeito:

« Nós o cabildo e todos os caciques e indios, homens, mulheres e meninos de S. Luiz, pedimos a Deus que guarde a V. Ex. que é o nosso pai. O corregedor Santiago Pindo e D. Pantaleão Carpeari pelo amor que nos tem, nos hão escripto pedindo-nos certos passaros que desejam enviar á el-rei, e sentimos muito não poder conseguil-os, porque elles vivem nos bosques onde Deus os criou e se afastam de nós de maneira que não os podemos caçar. Comtudo, somos os vassallos de Deus e de el-rei e estamos sempre promptos a cumprir com os desejos de seus ministros em tudo o que elles nos pedem. Não é certo que fomos por tres vezes até a colonia offerecendo nosso auxilio? Não é verdade que trabalhamos para pagar o tributo? Tambem agora rogamos a Deus para que a mais linda das aves, o Espirito Santo desça sobre el-rei e o illumine, e que o santo anjo de sua guarda o acompanhe.

Confiando em V. Ex., Sr. governador, vimos com toda a humildade e com as lagrimas nos olhos, supplicar que os filhos de Santo Ignacio, os padres da companhia de Jesus, possam continuar a viver com nosco, e permaneçam sempre aqui. Imploramos de V. Ex. que se digne solicitar isso de el-rei em nosso nome pelo amor de Deus. Todo nosso povo,

homens, mulheres e crianças e especialmente os pobres solicitam esta graça com as lagrimas nos olhos. Nós não queremos os frades e sacerdotes que nos enviaram para os substituir. O apostolo S. Thomé assim o ensinou a nossos antepassados n'estas mesmas comarcas. Estes frades e sacerdotes não nos prestam cuidados: os filhos de Santo Ignacio, sim. Estes desde o principio cuidaram em nossos pais, os ensinaram, os baptizaram, e os salvaram para Deus para el-rei; mas emquanto os ditos frades e clerigos, de nenhuma maneira os queremos.

Os padres da companhia de Jesus sabem contemporizar com nossas fraquezas, e nós eramos felizes debaixo da sua direcção por amor de Deus e d'el-rei. Se V. Ex. bom governador quer prestar ouvidos á nossa supplica e conceder-nos o que lhe pedimos, pagaremos um tributo mais crescido na herva *Cuamine*. Nós não somos escravos e queremos manifestar que não gostamos do uso hespanhol de que cada um se ajude a si mesmo, em lugar de auxiliarem-se uns aos outros em seus trabalhos quotidianos. Esta é a verdade sincera e pura que participamos a V. Ex. para que attenda a ella, senão este povo se perderá como os outros. Seremos perdidos para V. Ex., para el-rei e para Deus; cahiremos sob a influencia do demonio; e onde encontraremos auxilio na hora da nossa morte? Nossos filhos que se acham nos campos e nos povos não encontrando em seu regresso os filhos de S. Ignacio fugiram para os desertos a fazer mal. Parece que a gente de S. Joaquim, S. Estanisláu, S. Fernando e Tombó está perdida. Nós o sabemos mui bem, e o dizemos a V. Ex., nem os mesmos cabildos são capazes de recobrar estes povos para Deus e para el-rei como o estavam antes.

Assim pois, bom governador, concedei-nos o que pedimos, e que Deus vos ajude e guarde. Isto dizemos em nome do povo de S. Luiz, hoje 28 de Fevereiro de 1768. Vossos

humildes servos e filhos. Os membros da municipalidade. »

Alguns escriptores, entre elles De Pradt, deduzindo argumento da docilidade, com que a companhia obedeceu e largou um imperio, desceu de um throno creado a preço de tantos suores e sangue, em que exercia um dominio absoluto lhe seria facil defender, dizem que esta conducta é a mais bella apologia dos jesuitas e uma resposta victoriosa a seus calumniadores.

Outros escriptores, entre elles o visconde de S. Leopoldo, dizem que a docilidade dos jesuitas é o melhor que resta allegar em seu abono, pois que o exercito combinado dos hespanhóes e portuguezes (na guerra chamada dos jesuitas contra os hespanhóes e portuguezes, e que havia custado vinte e seis milhões de cruzados 31,200.000 pesos fortes á Portugal) levando sempre de vencida as forças dos jesuitas, e tendo franqueada a entrada de missões, tinha arrancado a mascara impostora, e desfechado golpe fatal sobre o credito e opinião com que esses padres eram ahi venerados. Accrescentando que nem se quer elles lograram a consolação de serem tão chorados como se esperava; indifferença que procedeu talvez do enojo em que os indios, ao que parecia bem afortunados, passavam tranquillos e doceis, mas não felizes... em uma escravidão abjecta, cercados de terrores e de opiniões tristes, de obrigações puerís, de macerações e de penosas privações, formando apenas confusas idéas do tanto quanto deviam aos cuidados dos seus instituidores, só conservavam o sentimento de despotismo com que eram regidos; e proviria tambem da persuasão de ficarem pela expulsão d'elles libertos, e nem por isso menos ditosos.

O illustre auctor dos Annaes da provincia de S. Pedro que acabo de citar, e que se declara estranho á toda especie de partido e que assegura ter-se instruido de proposito no pró e

contra o que se tem dito d'estes estabelecimentos jesuiticos, cita o quadro que d'elles nos deixou Raynal, que tinha tantas razões de haver penetrado a indole d'essa sociedade, quadro que elle designa como fiel e veridico; eil-o: « Os primeiros missionarios, que entraram a apostolar n'esses desertos, jámais sonharam de apropriar-se dos productos de um territorio, que sem elles provavelmente jazeria até hoje no estado inculto e inhabitado do resto da America, encontrando a cada passo obstaculos indiziveis, fadigas excessivas, e algumas vezes a mesma morte.

Que incomprehensiveis trabalhos, cuidados, e paciencia não lhes custaria para fazer passar selvagens de uma vida errante para o estado social! E' preciso convir, que este prodigio de civilisação só podia ser desempenhado por estes religiosos, que haviam adquirido um heroismo christão, e a arte tão difficil de fallar aos corações e aos espiritos ferozes á um gráo, em que não tem sido igualados; e se em geral semelhantes corporações são as mais proprias para essas empresas, e com as forças necessarias para desempenhal-as, já pela santidade dos motivos que sugam na sua instituição, já pelas virtudes adquiridas, e sobretudo pelo espirito de perseverança de que participam, quanto mais completa deveria ella ser pela sociedade dos jesuitas, que sobrepujou infinitamente, e eclipsou tudo quanto fizeram as outras congregações na mesma carreira!

Todavia seus successores tiveram vistàs menos nobres, e menos puras, lançaram o germen do dominio, e fundaram um systema de ambição e de soberania sobre a destruição de todas as bases sociaes, e buscaram um augmento de fortuna e de poder, onde não deveriam ter em fito mais que a gloria do christianismo, e o bem da humanidade: nada poderá disfarçar e diminuir o horroroso attentado, com que abusando, por tudo aquillo que a virtude e a probidade tem de mais sagrado,

da boa fé e da confiança da côrte de Madrid, se prevaleceram da innocencia, da simplicidade, e do trabalho dos seus proselytos, para se fazerem opulentos, para comprarem credito na Europa e para augmentarem uma influencia já perigosa por todo o globo; para estragarem e perverterem os principios de equidade natural com maximas depravadas; e para emfim, com enthusiasmos de independencia os levarem ao fogo da rebellião a combater com fanatismo e desigualdade contra tropas regulares e disciplinadas. « Annaes da provincia de S. Pedro, 2.ª edição, cap. 13. »

Distinguem pois estes dois celebres auctores, dois tempos ou duas épocas, para julgarem o proceder dos jesuitas na republica christã do Paraguay. Durante a primeira época elles mereceram os maiores elogios, e não tem faltado quem lhes tecesse louvores desde *Il Cristianismo felice nelle missioni dei padri della compagnia di Gesù nel Paraguay*, de Muratori, 1743, as *Letras Edificantes* traduzidas do latim em francez, em 1638 até os quadros tocantes do *Genie du Christianisme* de Chateaubriand, &c.

Porém a *Collecion General* de documentos tocantes a la persecucion contra D. Bernardino de Cardenas, bispo do Paraguay, publicada em 1768 e tocantes a la persecucion contra Dom José de Antequera, publicada tambem em Madrid no anno seguinte 1769. Os auctores do *Ensayo de la Historia civil do Paraguay*, e tambem a History of the vice Royalty of Buenos-Ayres; a carta escripta pelo punho de Dom José I, rei de Portugal, em 5 de Dezembro de 1767 ao papa Clemente XIII e o *Investigador Portuguez*, em Inglaterra, publicado em 1815, etc., fazem aos jesuitas accusações que correspondem á segunda época em que aquelles regulares mereceram censuras.

Os viajantes modernos que percorreram as regiões regadas pelo suor dos jesuitas, que fundaram as reducções e reduziram

os indios n'esta parte da America do Sul, e que viram como eu estou vendo as ruinas d'estas obras verdadeiramente grandiosas, e que ouvem as queixas de alguns indios isolados, que não conheceram bem o regimen dos jesuitas são em geral apologistas dos jesuitas, assim como Monsieur Alfred de Orbigny em sua *Viagem nas duas Americas* e Monsieur Martin de Moussy em sua *Memoria Historica sobre la decadencia y ruina de las missiones jesuiticas em el Seno del Plata*, 1856. Estes louvores e elogios se applicam muito bem á primeira época em que os jesuitas tanto os mereceram, mas para que o leitor julgue se estes viajantes auctores destruiram os argumentos feitos contra os jesuitas na segunda época, transcrevo aqui a ultima pagina da citada *Memoria*.

« Não é certamente, em um paiz onde quasi em toda a parte se encontram vestigios das obras creadas pela mão intelligente e bemfeitora da companhia de Jesus, que se póde resistir á evidencia e desconhecer tudo o que esta ordem celebre havia feito de bom e de grande na America. Seus traços se encontram em todas as partes, nas regiões povoadas pelos portuguezes, como n'aquellas que colonizaram os hespanhóes; deve-se-lhes a civilisação de numerosas tribus de indios, a educação da mais escolhida mocidade crioula, a geographia da parte interior do continente que povoaram com suas ultimas reducções. Qualquer que seja a série de acontecimentos sobre que, na Europa, se tenha posto sua influencia, e qualquer que seja o juizo que se haja crido dever formar sobre ella, póde-se affirmar que aqui, n'estas regiões do Prata, esta mesma influencia sempre foi saudavel e bemfazeja; e podemos julgal-o pelas missões.

Pelo que toca ao estranho regimen que se seguia n'estes estabelecimentos, d'este communismo criticado com apparencias de razão, a melhor prova de que era mui conveniente para os indios, é que os successores dos jesuitas se viram

obrigados a seguil-o quasi até a época actual, que sua destruição não tendo sido preparada com medidas judiciosas e paternaes, não se obteve outro resultado senão de precipitar os indios na miseria. Actualmente seus ultimos herdeiros choram amargamente por este regimen imperfeito, sem duvida, mas mui conforme com seus instinctos e usos.

Crer-se-ha por ventura que na época em que nos achamos em nossos dias, depois da emancipação das colonias hespanholas e com a emigração européa n'estas regiões, os jesuitas, tão intelligentes em tudo, teriam continuado com a communidade e com o isolamento, quando a civilisação moderna com suas necessidades e instinctos viesse se estabelecer no Prata? Elles sem duvida teriam preparado seus neophytos para a propriedade e liberdade, tel-os-iam attrahido gradualmente á fusão com a raça européa que os teria absorvido e modificado sem destruil-os. Nenhum homem de bom senso póde fazer a esta companhia, tão notavel pela sabedoria de seus planos e pelo tino de suas idéas, a injuria de crer que ella tivesse querido erigir o communismo das reducções em systema permanente applicavel á todos e em tudo. Como o temos visto, se os indios eram considerados pelos jesuitas como grandes meninos, ao menos elles os estimavam, os cuidavam e os tratavam como filhos. Porém os meninos chegam a idade viril e as nações crescem com elles. A época da virilidade teria chegado com ella para os guaranis, e seus directores certamente teriam sabido dirigil-os em uma nova estrada para seu desenvolvimento.

Não é meu intento nem me cabe dizer o que os jesuitas teriam feito se se tivessem conservado na administração da provincia da companhia de Jesus do Paraguay.

De certo os trinta e tres povos que tinham na sua expulsão em 1768, e que pela mór parte só contém ruinas, seriam hoje cidades ou villas bem lindas e opulentas. Teriam tambem

elles formado novas reducções, mas se calcularmos o incremento que teria tido essa republica pelo que teve durante os cincoenta ultimos annos da administração jesuitica, nem por isso se teria muito augmentado o numero das suas novas reducções, pois que de 1708 até 1768, só fundaram as tres reducções do alto Paraguay, S. Joaquim, S. Estanisláu e Belém.

O numero dos habitantes da republica ia tambem em diminuição, pois que constando em 1733 a população total de cento trinta e tres mil almas, não contava na época da expulsão cem mil almas. (37) A população dos sete povos da margem esquerda do Uruguay na época da expulsão era segundo uns de vinte sete mil almas, e segundo outros de trinta mil. Se o territorio pertencente aos ditos sete povos tivesse ficado debaixo do governo jesuitico, de certo não alcançaria sua população ao algarismo a que tem chegado sob a dominação do imperio do Brasil, que de quatorze mil habitantes que contava em 1801, subiu a perto de sessenta e cinco mil que calculo ter actualmente o mesmo territorio.

Muitos serviços prestavam os jesuitas á humanidade, á civilisação e á sciencia na provincia da companhia de Jesus no Paraguay, levantaram cartas geographicas e escreveram grammaticas, diccionarios e varios livros em lingua guaraní, mas não se póde negar que os hespanhóes descobridores, conquistadores e fundadores antes da admissão dos jesuitas n'estas regiões e em menos espaço de tempo desde 1526 até 1607 fundaram mais colonias do que os jesuitas, pois edificaram quarenta povos e oito ou dez cidades, descobriram passagem do Paraguay ao Perú, trouxeram os primeiros cavallos, as primeiras vaccas, as primeiras ovelhas, penetraram até a provincia do Mato-Grosso, onde acharam caminho por um affluente do rio Maranhão, e por esse rio para irem a Europa &c., como narrei no capitulo 1.º O padre Bandini, chamado

principe da lingua guaraní tinha bastante escripto na dita lingua antes que os jesuitas a aperfeiçoassem.

Se um governo despotico, e talvez mais despotico que o dos jesuitas não tivesse presidido aos destinos de uma porção dos neophytos deixados por elles; se a guerra, as sedições, as convulsões politicas não tivessem favorecido a pilhagem nas reducções jesuiticas e occasionado sua ruina; se um governo illustrado, paternal, tivesse guiado os indios na senda da civilisação e do progresso, e que como a Polonia seu territorio não tivesse sido repartido entre tres vizinhos, talvez hoje a republica da companhia de Jesus do Paraguay, fosse uma das mais opulentas nações da America.

Quanto aos jesuitas no Brasil, póde-se ver no que segue, o juizo que d'elles fez seu principal historiador.

O Sr. Varnhagen, depois de ter citado o diario com o titulo de *Ephemerides*, escripto em latim pelo padre Thadeu Henis sobre os feitos dos indios na guerra de 1752 á 1756, de cuja narrativa, existe o original em Simancas, e foi por elle visto, revela que os indios rebeldes seguiam a voz dos padres, ou, o que vem a ser o mesmo, que estes eram os seus chefes; diz que se limita á registrar o facto de que a ingerencia dos padres das missões n'esta rebeldia dos indios do Uruguay foi patenteada com documentos, ás duas côrtes de Lisboa e Madrid, por Gomes Freire e Valdelirios.

O mesmo erudito historiador accrescenta: quanto á companhia de Jesus, respeitavel por tantos titulos, que deu ao mundo tantos talentos insignes, e á igreja varios santos, instituição que, longe de ter infancia, começou logo varonilmente, justo é confessar que prestou ao Brasil grandes serviços, bem que por outro lado parcialismo ou demencia fôra negar, quando os factos o evidenciam que, ás vezes pela ambição e orgulho dos seus membros, provocou no paiz não poucos disturbios.

« Os seus serviços no Brasil podem-se reduzir a tres: Conversão de indios, educação da mocidade, e construcção de alguns edificios publicos que passaram a ser propriedade do estado.

« Na conversão de indios prestaram um grande serviço na infancia da colonisação, animando os governadores a proseguir sem escrupulos o systema de os obrigar á força, em toda a parte reconhecido como o mais proficuo para sugeitar o homem que desconhece o temor de Deus e a sujeição de si mesmo pela lei. Entretanto é lamentavel que justamente se apresentassem a sustentar o systema contrario, quando tiveram fazendas que grangear com o suor dos indios, ao passo que os moradores da terra, comprando os escravos d'Africa, e arruinando-se com isso, não poderiam competir com elles na cultura do assucar, &c.

Na educação da mocidade tambem prestaram importantes serviços, embora sejam accusados de influir demasiado em seus alumnos o amor á companhia, a ponto de tratar sempre de reduzir, para entrarem n'ella, os mais talentosos... Com a reforma da instrucção publica de Pombal, a instrucção superior... ganhou sem duvida, e acaso tambem a primaria; porém a *educação* popular perdeu, fazendo-se profana em demasia.

« A construcção de alguns edificios publicos, foi pela maior parte obra dos braços dos indios, monopolizados pelos discipulos de Santo Ignacio. São construcções solidas, de muita cantaria: porém de ordinario pesadas e faltas de gosto, como ainda hoje se vê na cathedral da Bahia, igreja de Peruibe e outras. Falta n'estas construcções o sublime que offerece a continuidade das grandes linhas: —horizontal no genero classico; —vertical no ponta-agudo.

« Entretanto a abolição da companhia foi favoravel aos povos pela desamortização e venda de seus bens, que, pelos

preços baratos com que foram vendidos, serviram como de indemnizar a perda dos braços dos indios, então de todo libertados...

« Não defenderemos os jesuitas, como alguns, dizendo que elles no Brasil eram contra os mandões e a favor dos povos, quando a historia nos prova o contrario: que os mandões mais arbitrarios os protegiam sempre, e os povos sempre contra elles se levantavam; e quando havendo elles feito voto de pobreza, eram, a pretexto dos seus collegios, tão ricos e manejavam tantos cabedaes, e tinham tantos engenhos, terras e escravaria e até marinha e commercio; o que justamente contribuia para que os povos, por natural inveja, os amassem menos, ainda quando a isso não concorresse a excessiva influencia politica que a companhia se arrogou sobre os povos e as côrtes, da qual se originou o facto de que havendo a dita companhia sido approvada por Paulo III (pelas bullas de 27 de Setembro de 1540, e 28 de Fevereiro de 1547, e breve de 15 de Novembro de 1549) ainda não decorrêra meio seculo quando já inclusivamente outros religiosos a accusavam como degenerada do seu primitivo instituto.

Não falta quem allegue entre os meritos d'estes religiosos o haver prégado sempre aos homens os seus *deveres*, quando tantos ambiciosos de popularidade e por moda, não fazem mais que engodal-os, exagerando-lhes os seus *direitos:* Infelizmente no Brasil não foram elles coherentes n'este ponto, quando aos proprios indios faziam dizer aos reis que os donos das terras eram elles, e phrases quejandas. Historia geral do Brasil, tomo II. »

CAPITULO XV.

GOVERNO DOS HESPANHÓES NAS MISSÕES JESUITICAS DESDE A SAHIDA DOS JESUITAS ATÉ A CONQUISTA DAS MISSÕES ORIENTAES DO URUGUAY PELOS PORTUGUEZES EM 1801.

Depois da sahida dos jesuitas da provincia do Paraguay, o governo hespanhol concentrou em uma só mão a jurisdicção de toda a provincia de Missões.

O governador residia na Candelaria e tinha debaixo de suas ordens um tenente governador por cada um dos sete departamentos em que se dividiu o territorio inteiro. Este tenente governador era sempre um official de tropa de linha ou de milicias.

Os sete departamentos de Missões foram os seguintes:

1.° S. Miguel, comprehendendo S. Nicolau, S. Luiz, S. Lourenço, S. João, e S. Angelo.

2.° Iapejû, comprehendendo a Cruz, S. Borja, e S. Thomé.

3.° Apostolos, comprehendendo S. Carlos, S. José, Martyres, Conceição, Santa Maria maior, e S. Francisco Xavier.

4.° Candelaria, comprehendendo Santa Anna, Lorêto, S. Ignacio-miri, e Corpus.

5.° Itapûa, comprehendendo Trindade, Jesus, e S. Cosme.

6.° Santa Rosa, comprehendendo Santa Maria da Fé, S. Ignacio-guaçú, e Santiago.

7.° S. Estanisláu, comprehendendo S. Joaquim, e Belém.

Esta divisão era conforme a divisão topographica dos povos.

Quando em 1770 se creou o vice-reinado do rio da Prata, o governador da provincia de Missões ficou directamente debaixo das ordens do vice-rei que residia em Buenos-Ayres. Fizeram-se depois varias modificações á esta divisão. No tempo do tenente governador Doblas, os onze povos do Paraguay e os cinco da costa meridional do Paraná dependiam do bis-

pado da Assumpção, (são os dezeseis povos que até agora são considerados como pertencentes ao Paraguay) e os outros dezesete pertenciam ao bispado de Buenos-Ayres (38).

Padres franciscanos, dominicos e das mercês foram encarregados do espiritual das Missões, e repartidos dois em cada povo, um como vigario e outro como coadjuctor.

Estiveram substituindo em tudo aos jesuitas, mas desde o principio não estando bem determinadas suas attribuições, houve entre elles e os administradores seculares uma completa desorganização.

Os indios continuaram á viver em communidade. Tinha-se conhecido que o melhor meio de os fazer trabalhar e de prover as suas necessidades era seguir o methodo dos jesuitas. Unicamente se fizeram algumas modificações. Os guaranis trabalhavam então uma semana para a communidade e uma semana para si. Continuaram a ir por destacamentos aos hervaes e a cuidar das estancias. A communidade dava a cada familia rações de carne, herva, sal, e certa quantidade de covados de algodão para vestuario. Elles deviam se proporcionar o resto. As indias em geral se occupavam a fiar, e castigava-se com açoutes as que não cumpriam com sua tarefa. Trataremos por extenso d'esta materia no capitulo seguinte.

Pelo que diz respeito á capitação imposta desde mais de um seculo pelo vice-rei do Perú Salvatierra em 1649 e confirmada por cedula real de 1661, continuou estabelecida. Era de um peso forte por cabeça e deviam pagar-lh'a todos os indios varões de 18 á 50 annos, exceptuando os caciques e seu filho mais velho, e os doze membros do cabildo, ou municipalidade.

O cabildo existia no tempo dos jesuitas, porém foi augmentado posteriormente. Compunha-se de indios exclusivamente com os titulos seguintes: um corregedor, um tenente corregedor, dois alcaides, quatro assessores, um alcaide da irmandade, um aguazil-mór, dois mordomos e dois secretarios.

Exceptuando os dois primeiros empregos, todos os outros eram amoviveis e cada membro do cabildo podia designar seu successor para o anno seguinte. Sua nomeação era submettida á approvação do governador da provincia que residia em Candelaria. As funcções dos caciques eram puramente militares, dava-se-lhe tambem o tratamento de alferes-real, pois elles conservavam sempre certo numero de indios debaixo de armas tanto para fazer a policia, como para precaver qualquer caso imprevisto. Além d'estes funccionarios indigenas e dos padres havia nos povos um administrador hespanhól, um mestre de escola, e ás vezes um medico. O administrador era encarregado de dirigir os trabalhos, de fazer pôr em armazens os productos, e de entender-se directamente com o intendente geral das Missões que residia em Buenos-Ayres. Este emprego tinha sido creado depois da expulsão dos jesuitas para centralizar a cobrança dos lucros que se suppunha estes estabelecimentos haviam de dar. Este intendente recebia os productos que lhe mandavam os collectores particulares em barcos pertencentes aos povos. Eram sempre herva, tabaco, algodão, mel de canna, couros, cerda, graixa, &c., &c., &c., e devia os negociar, e do producto da venda deduzir a capitação, o dizimo que era de cem pesos para cada povo, a congrua dos vigarios, os ordenados dos administradores que eram de quatrocentos á seiscentos pesos annuaes, e comprar alguns objectos de importação indispensaveis, e entregar o resto á fazenda real. Deve-se entender que empregos d'esta natureza que permittiam a concessão com tanta facilidade, haviam de ser mui procurados. A fazenda real recebia pouco apesar das ordens e reclamações do gabinete de Madrid. O mesmo faziam os administradores particulares com o intendente geral. Sem embargo não se perdoava aos indios.

Se bem que se tivesse conservado algumas das antigas instituições jesuiticas que lhes agradavam, como o despertar

se ao toque do tambor, a missa com musica, a marcha ao trabalho com musicos, não se lhes prodigalizavam as attenções que lhes davam os padres da companhia. Governados com dureza, obrigados algumas vezes a um trabalho forçado prejudicial á sua saude, desgostaram-se bem depressa d'este novo regimen e foram fugindo pouco a pouco de seus povos.

Os administradores abusavam as vezes da sua auctoridade inflingindo grandes castigos, suas familias tomavam os meninos como criados ou os mandavam de mimo a seus parentes ou amigos de Buenos-Ayres e de Montevidéo. As rações de viveres eram de má qualidade e as vezes insufficientes. Os templos tão magnificos em outro tempo, os collegios, as casas dos indios principiavam a cahir em ruinas e não se reparavam ; emfim as Missões jesuiticas marchavam rapidamente para sua decadencia.

Os agentes do governo hespanhol, principiando pelos governdores, não consideravam seus empregos senão como um meio de enriquecer-se, e não cuidavam em geral senão de approveitar o que existia, sem tratar de augmentar a prosperidade do paiz, e em consequencia com suas depredações destruiam os estabelecimentos confiados a seu cuidado.

Citarei um exemplo extrahido do *Ensaio historico sobre la Revolucion del Paraguay*. O povo de Santa Rosa, elle só possuia no tempo da expulsão dos jesuitas em 1766, mais de oitenta mil vaccas, das quaes apenas subsistiam dez mil na epca da independencia em 1810. Estava tão ricamente adornava a igreja d'esta missão, que depois de ter sido successivamente despojada por um vice-rei de Buenos-Ayres, por varios governadores do Paraguay e alguns administradores, ainda depois o dictador Francia, mandor tirar d'ella ornamentos de ouro e de prata, e assim mesmo ella é até hoje ainda o mais rico e mais formoso templo do Paraguay.

CAPITULO XVI.

ADMINISTRACÇÃO DOS POVOS DEPOIS DA EXPULSÃO DOS JESUITAS, CAUSAS DO ABORRECIMENTO DOS INDIOS PELAS COMMUNIDADES EM TODAS AS MISSÕES.

Ertabelecido o governo da maneira que acima explicamos, foram collocados ao principio para administradores os homens que a sorte deparou. Eram de pouca habilidade e de nenhuma experiencia para dirigir os indios. Estes habituados a se não moverem sem serem mandados, ficaram na inacção, sem nada fazerem ou nada mais que trazerem gados das estancias para comerem. D'este modo em poucos anos diisiparam e consumiram todo o que havia nos povos e nas estancias sem pensar em trabalhar e restituir o que consumiam. A isto se accrescentou as epidemias das bexigas e do sarampo que causaram a desolação dos povos, deixando-os sem indios e sem haveres.

Pelos annos de 1773 e 74 estiveram os povos na ultima miseria. Mui poucos povos tinham ainda algum gado. Os armazens estavam vasios, as chacaras arruinadas, as plantações de algodão destruidas, não existia nada para prover a subsistencia dos indios. Conhecendo então o governo este grande damno e prejuizo, tratou de mudar estes administradores inuteis, pondo o maior empenho no restabelecimento das estancias, e se adoptaram todos os meios que pareceram melhores para tornar a pôr os povos em mediania. Como a experiencia tinha dado a conhecer a incapacidade dos indios e sua propensão a tudo gastar sem trabalhar, foi preciso que o governo ampliasse as faculdades dos administradores, subordinando-lhes de certo modo os corregedores e cabildos, para que assim obrigassem os indios ao trabalho e a moderar seus gastos. Porém como desde o principio nada se tinha cuidado, foi preciso attender primeira e quasi unicamente a povoar de gado as istancias.

Assim houve grande descuido sobre os outros objectos que exigem a attenção de um bom governo. Desattendeu-se á reparação e augmento dos edificios, de fórma que as igrejas, os collegios e as casas dos indios se arruinaram. Os hervaes plantados junto dos povos, dos quaes se tirava todo o proveito possivel, sem cuidar de renovar as plantações de arvores, foram se perdendo e envelhecendo. Tratando unicamente do restabelecimento das estancias, houve descuido até de introduzir o asseio nas pessoas e nas casas dos indios, de vigiar que fossem honestos nos seus tratos, e que se lhes subministrasse o necessario para sua subsistencia.

Os indios que olham com indifferença seus proprios bens, como brevemente notaremos, olham com aborrecimento os bens da communidade, e por conseguinte consideram como se passassem em casas de detenção ou correcção, o tempo que elles empregam em beneficio da communidade. O costume em que foram criados, sua grande sujeição e o medo dos açoutes, são os motivos que os fazem submetter a trabalhar para ella. E assim mesmo custa immenso trabalho reunil os e conduzil-os as *faenas* ou tarefas. Para cada occupação é preciso nomear um vigiador ou *cuidador*. Ha vigiadores dos tecelões, dos carpinteiros, dos ferreiros, dos cozinheiros, dos sacristães, dos açougueiros, e emfim de todos os officios. O mesmo é mister para os chacareiros e para todos os trabalhos de qualquer especie que seja; e como os vigiadores são indios, é necessario estabelecer outros vigiadores que reparem se os primeiros cumprem com seu dever. Estes segundos cuidadores que ordinariamente são os alcaides e regedores, com pequena differença não merecem mais confiança do que os primeiros; de fórma que se torna necessario que o corregedor cuide, em que todos façam sua obrigação. Assim mesmo acontece muitas vezes que o mesmo administrador deve por si mesmo inspeccionar ao corregedor e a todos os outros, se quer que se faça

alguma cousa, e por mais cuidado que elle tenha, nunca se trabalha nem a quarta parte do que se poderia trabalhar.

As tarefas dos povos se reduzem a podar, lavrar e carpir os algodoeiros, recolher o algodão, semear e renovar os mesmos algodoeiros. Estes trabalhos de lavrar, semear e podar são executados pelos indios; mas os de carpir e de recolher o algodão são feitos pelas indias, pelos meninos e meninas. As plantações ou sementeiras de trigo, de milho, de feijão e de toda a sorte de legumes, se verificam na mesma conformidade que o cultivo do algodão. Quando os hervaes estão sazonados se beneficia a herva, para o que cada um conforme póde ou alcançam suas forças é empregado, assim como nas tarefas menores de agricultura. Para estes trabalhos da communidade se destina a metade do tempo e a outra metade é cedida aos indios para suas lavouras particulares, porém sempre a communidade exige mais dias para seu serviço, de fórma que apenas fica a terça parte do tempo para os indios.

As indias se occupam regularmente em fiar para a communidade, e se lhes reparte duas tarefas por semana ou tres quando ha necessidade. Em cada tarefa lhes dão dez onças de algodão em rama, para que entreguem tres onças em fio, e se procura não as tirar d'esta occupação. Quando se deve carpir ou colher algodão, trigo, &c., são designadas para este serviço, senão todas ao menos as mais robustas que não estão embaraçadas ou criando. As que não vão a carpir occupam-se em fiar.

Os indios de officios como tecelões, carpinteiros, fabricantes de rosarios, &c., que se conservam mais por costume do que por utilidade, trabalham em seus officios durante o tempo que o devem fazer para a communidade, e se occupam o resto do tempo em suas chacaras que devem ter para prover a seu sustento. Os tecelões, unicamente devem permanecer em seus trabalhos em quanto não concluem a peça começada,

mas são indemnizados por cinco varas de panno e uma ou mais semanas que lhes deixam livres para trabalharem em suas chacaras, e depois tornam á suas occupações.

Eis o calculo dos trabalhos, rendimentos e despezas de um povo. Calculo feito por Dom Gonsalo de Doblas, feito tenente-governador do departamento da Conceição no anno de 1785 e do qual tomamos a mór parte dos promenores d'este capitulo.

Em um povo que tenha trezentos indios de trabalhos e correspondente numero de indias, meninos e meninas, com um administrador de boa conducta, póde em um anno regular recolher os fructos seguintes: oitocentas arrobas de algodão: oitocentas arrobas de herva: cem fanegos (trezentos alqueires) de trigo: duzentos fanegos (seiscentos alqueires) de todas as especies de grãos inclusive de milho; cincoenta arrobas de tabaco: cincoenta arrobas de mel e quinze mil varas de panno de algodão. A' excepção do panno de algodão, do qual as indias fazem o fio, todo o mais poderia obter-se com vinte e cinco ou trinta piões bem distribuidos e bem dirigidos, sobretudo nos povos de Missões cujos terrenos são extraordinariamente ferteis e que abundam de bois e de todas as providencias que podem facilitar os trabalhos; mas unicamente se trata de passar o tempo. Pôz-se o maior cuidado em restabelecer as estancias que asseguram a subsistencia dos povos, e no espaço de dez annos ellas mudaram quasi inteiramente de face para melhor. A sua melhor administração foi a seguinte: na mais pequena estancia em que não havia a cuidar mais de vinte mil animaes, havia trinta indios que com suas mulheres e filhos faziam um pessoal de mais de setenta pessoas; quando com uma duzia de piões estaria bem servida. Assim consomem cada anno mais de quatrocentas rezes, além das terneiras que roubam que precisamente devem ser muitas, quando a marcação annual nunca excede a sexta parte do gado existente, devendo quando me-

nos a dita marcação ser a quarta parte. Mas como remediar esta desordem? Se se forceja para que os indios das estancias cumpram rigorosamente com seus deveres, elles desertam, como se tem experimentado.

Além d'estas quatrocentas e tantas rezes que annualmente se consomem em cada estancia, eis como se consomem os gados: nos povos cada semana se dá aos indios dois ou tres dias rações de carne segundo sua possibilidade.

Regularmente se mata para cada cem pessoas um touro, e os miudos se distribuem pelos meninos e meninas. Fóra as rezes que se distribuem nos dias de ração, matam-se cada dia uma ou duas rezes para o consumo diario dos curas, administrador, enfermos, corregedor, mordomos, os indios de officio, e em geral os serventes do collegio que são mui numerosos. Tambem se consomem varias rezes nas tarefas da communidade, pois que regularmente se lhes dá de comer ao meio dia ou na occasião de retirarem-se do trabalho, sobretudo se este trabalho é pesado; de modo que para um povo de trezentos indios de trabalho, se póde calcular o consumo de duas mil rezes annuaes.

Nos povos que estão no seu estado normal, se dá cada anno de vestir aos meninos, meninas, aleijados, velhos, velhas e aos que apparecem em miseravel estado, que não trabalham para si nem para a communidade. Para cujo soccorro e para as mortalhas que tambem se dão, póde regular o consumo de um povo de indios do numero indicado em quatro mil varas de algodão annuaes. Dá-se tambem ração de herva, porém no povo mais numeroso nunca passa de trezentas arrobas a herva distribuida em um anno. Quanto aos outros fructos e objectos pouco disfructam d'elles os indios. O trigo, o tabaco, o mel, o assucar que se beneficia ou se compra, os comestiveis que vem de Buenos-Ayres, comprados com os cabedaes dos indios, todo se gasta na casa p in-

cipal. O mesmo corregedor, os cabildantes e os enfermos, pouca cousa desfructam d'estes objectos.

Ora, sendo assim regulado nos povos que melhor tratam dos indios, calcula-se que todas as despezas que se fazem para seu sustento e vestuario, segundo o preço maximo, não póde exceder a cinco mil pesos annuaes, aos quaes accrescentando aos reaes tributos, dizimos, soldos do administrador e gastos de igrejas, poderá computar-se em oito mil pesos por anno. Um povo de trezentos indios de trabalho poderá ter ao menos mil e duzentas almas entre pequenos e grandes. Sendo que da idade de cinco annos para cima todos trabalham quanto podem, e que os meninos e meninas não tem dias livres, se póde regular oitocentos trabalhadores que empregam a metade do anno em beneficio da communidade. Repartindo entre elles os oito mil pesos de gastos precisos, toca a cada um dez pesos de despeza. Mas em que serviço poderá occupar-se um indio ou india que trabalhando, com uma mediana applicação durante a metade do anno na fertilissima provincia de Missões e que offerece tantas proporções, não produza o seu trabalho quando menos quarenta ou cincoenta pesos durante a metade do anno? Accrescente-se o producto das estancias, que sendo de vinte mil rezes, devem dar annualmente fóra de gastos e custos ao menos tres mil pesos annuaes. Se com estas proporções os povos não prosperam é porque é muita a inacção dos indios ou porque é grande o consumo e desperdicio da casa principal; duas causas, com effeito, que existem produzem tão infeliz resultado.

Acabamos de ver a maneira porque eram governados os povos de Missões, mas nada temos dito ainda dos vexames, das oppressões e violencias que padeciam os indios em consequencia do regimen da communidade a que viviam sujeitos. Vamos agora dizer alguma cousa sobre esta materia de

tanta consideração, e para sua maior clareza terei que tomar o fio desde o seu principio.

Posto o governo particular de cada povo á cargo de um administrador secular que cuidasse do temporal, e de religiosos que doutrinassem os indios administrando-lhes os Sacramentos, attendessem á direcção de suas almas, se dividiu o mando que antes estava em uma só pessoa que cuidava do espiritual e do temporal. Estes religiosos como os primeiros administradores foram nomeados conforme se encontraram. Muitos eram moços sem experiencia e sem prudencia. Os indios costumados a obedecer unicamente á seus curas, olhavam com indifferença para as ordens do administrador, e nada faziam sem primeiro consultar ao cura. D'estes principios se originaram graves discordias entre os administradores e os curas que contribuiram muito para a ruina dos povos, como se queixa D. Francisco Bruno de Zavala á Sua Magestade Catholica no anno de 1774. Os curas se estabeleceram como donos das casas principaes (collegios) e o mesmo fizeram com as quintas ou pomares e suas fructas; de tudo pretendiam dispôr á seu arbitrio; e como os indios estavam da sua parte, conseguiam tudo o que queriam. Procurou-se dar remedio a estas imprudentes pretenções dos religiosos, porém nada se conseguiu sem occasionar aos indios muitas vexações e incommodidades, porque dispostos sempre a obedecer aos religiosos, que não cessavam de os influir contra os administradores, estes tiveram necessidade de empregar rigor para os sujeitar a seu governo.

Emfim conseguiu-se fazer conhecer aos indios que unicamente nas cousas concernentes a sua salvação deviam obedecer aos religiosos e no demais a seus administradores. Porém nem por isso cessaram as discordias entre administradores e curas, porque como uns e outros viviam na mesma casa e com certa dependencia em suas funcções, nunca se confor-

mavam nas distribuições. Os curas queriam que os indios assistissem todos os dias á missa e ao rosario, as horas que bem lhes parecia e que muitas vezes era intempestiva. Os administradores o impediam umas vezes com razão, outras sem ella, e o que resultava era que o cura mandava açoutar os indios que obedeciam ao administrador, e o administrador os que obedeciam ao cura, e estes castigos se executavam nos miseraveis indios, que não tinham outra culpa senão a de obedecer aquelle que lhes inspirava mais confiança. Os mesmos corregedores e cabildantes não estavam livres d'estas vexações, e muitas vezes viram-se maltratados, pelos curas e administradores sem saberem que partido seguir (pequeno exemplo do que se passa nas *eleições* de nossos dias).

Por motivos menores e particulares se atiçavam cada dia discordias entre curas e administradores. Os povos tinham obrigação de alimentar os curas, e isso corria á cargo dos administradores que estando inimizados com os curas como ordinariamente succedia, vingavam-se d'elles fazendo-os esperar e dando-lhes o peior e em menor quantidade. Verdade é que nem sempre tinham razão de queixa os curas, que solicitavam a comida com muita abundancia não só para elles e sua gente como para seis ou oito que se lhes costumavam aggregar.

Como nos povos não ha mestres de officio que confeccionem obras feitas para aquelles que as querem comprar, nem se póde ajustar um pião sem dar conta ao administrador, porque todos estão sujeitos á communidade, nem sabem os indios vender o producto do seu trabalho, nem ha onde supprir suas necessidades, se observa o seguinte: se um dos empregados precisa de um par de sapatos, chama o sapateiro dá-lhe os materiaes precisos, e lhe diz; faça-me sapatos, o sapateiro os faz e os traz. Se lhe dão alguma cousa o recebe, e se não lhe dão, retira-se sem nada pedir, o que succede

com todos os mestres de outros officios. Se o cura occupa o sapateiro e o administrador tem d'isso conhecimento, immediatamente despacha o sapateiro para as obras da communidade para que elle retarde ou não faça a obra do cura. Este não tarda á saber d'isso e está armada a guerra, e a final de contas quem vem a pagar é o indio ou os indios.

Como nas ordenações se determine que para o serviço da igreja se destinem um sacristão e tres cantores, se pratica o seguinte: ha dois sacristães maiores com tres ou quatro menores e dez ou doze meninos para acolytos, e uma infinidade de musicos. Bem que estes ultimos se occupem em outras cousas, é sem embargo necessario, que fiquem alguns para as occasiões que se podem offerecer. Não estando promptos, ou achando o cura que são poucos os que comparecem, havendo desaça que tende a arruinar o culto divino. Occasiona tambem discussões a pretenção de alguns curas que se julgam auctorizados a occupar todo o dia seus sacristães e acolytos em seu beneficio.

Os bens dos indios são tratados como suas pessoas, distribuindo-se estes com a maior escassez entre os indios necessitados e mesmo enfermos, gastam-se com a maior profusão não sómente com os hespanhóes empregados senão tambem com quantos viajantes chegam e talvez sem motivo nenhum se demoram os dias que querem nos povos, facilitando-selhes todas as commodidades que appetecem; o que recebem como uma justiça que se lhes faz, e a não ser assim se mostram queixosos dos administradores que não os tratam como devem, dizem elles, e assim anda apesar das disposições do governo á este respeito.

Ordinariamente se acham empregados um e mais indios para cuidar de cada especie de fructos ou objectos que se beneficiam nos povos; mas é incrivel o que se perde já por incuria dos indios, já pelo abandono dos administradores.

Assim é que gastando-se duas mil rezes por anno em um povo, como dissemos acima, se empregam todos os couros em guascas, saccos, etc., quando se poderia por sua venda augmentar os lucros da communidade. O mesmo acontece com o mais. Unicamente para os administradores e religiosos que o povo tem obrigação de alimentar, ha occupados dentro do collegio mais de cincoenta pessoas. Vejamos como. Por um ou dois almudes de trigo que se amassa cada dia, se empregam dois ou tres atafoneiros onde ha atafona, e onde não ha seis pelo menos e quatro ou seis padeiros. Na cozinha o menos que se empregam são seis, e se os religiosos cozinham são outros tantos. Ha dois hortelões, dois aguadeiros, quatro ou mais refeitoreiros e um ou dois cuidadores de cavallos de cada pessoa. Todos estes alternam por semana com outros tantos, que nem uns, nem outros trabalham para a communidade, porque a semana é livre para elles. Deve-se-lhes accrescentar os meninos serventes. Cada um tem ao menos dois. Além d'isto todos os sabbados cada pessoa do povo tem que trazer um páo para lenha.

Nas festas annuaes dos Santos padroeiros de cada povo se denota tambem com quanta facilidade se dissipam os bens dos indios. Não ha festas d'estas em que não se gaste menos de trezentos á quatrocentos pesos, e os que desfructam menos são os indios á quem unicamente se dá carne com abundancia n'aquelles dias e algum pequeno regalo; mas para os religiosos, administradores e outros hespanhóes que concorrem, assim como para os tenentes governadores e o governador, se assistem, ha exquesitas comidas e regalos finos chamados *tupambaes*.

Outras muitas desgraças e outros prejuizos acompanham os indios em suas pessoas e bens, que se omittem por não serem tão communs como os outros. As mesmas desordens que temos referido não são iguaes em todos os povos; bem

que tenham sua origem na communidade, ellas tem tido mais ou menos incremento segundo a direcção dos administradores. Agora porém vou indicar desordens communs á todos os povos e irremediaveis, porque são inseparaveis do estado de communidade a que estão reduzidos.

Os meninos e as meninas durante o regimen hespanhól, foram, como durante o regimen jesuitico de que fallámos no cap. 11, tirados do poder de seus pais na idade de quatro ou cinco annos. A escolha dos officios que deviam aprender continuou a ser feita não pelos meninos ou por seus pais, mas pelos administradores, e nem se tomou mais precauções, para que as meninas conservassem sua honestidade, deixando-as ir aonde querem sem que os pais que não tem dominio n'ellas as impeçam, de fórma que se prostituem mui jovens e se entregam a incontinencia, e quando chegam a casar-se já estão relaxadas, e varias até tem perdido a fecundidade com menoscabo consideravel da povoação.

Como em todos os tempos tem sido mui frequente o uso de açoutar os indios, elles tem perdido o medo dos açoutes, tanto os que castigam como os que são castigados ou que presenciam o castigo. Assim se castigam com a maior inhumanidade as crianças quando faltam a qualquer das occupações que lhes são destinadas, acostumando-as d'este modo a soffrer com a maior indifferença os açoutes em qualquer tempo ou idade. Com esta separação dos pais a respeito dos filhos, não tem lugar n'aquelles o carinho com que os pais e as mãis criam seus filhos em todas as outras partes. Ainda que elles vejam maltratar seus filhos, dá-lhes isso pouco cuidado; e da mesma maneira olham os filhos para seus pais, como quem d'elles não necessita ou nada d'elles espera.

Logo que os moços chegam á idade de poder casar-se, não tardam muito para verificar seu casamento; já porque seus pais ou o cura lhes dizem que se casem, já porque os esti-

mulos da concupiscencia os impellem á isso. A mór parte se casam com a mulher que lhes indicam, pois até n'isso tem a vontade tão captiva que não se atrevem a fazer a escolha da que deve ser sua mulher. Como estes casamentos se effectuam sem que da parte dos contrahentes haja precedido a inclinação que une as vontades, se juntam como dois brutos, só com o fim de saciar o appetite da sensualidade. E dispondo a communidade á seu arbitrio das suas pessoas, nunca elles podem conhecer nem disfructar aquellas conveniencias que proporcionam o matrimonio, nem consideral-o como um nó que lhes facilita o cuidar-se mutuamente para sua felicidade e da sua próle. Assim se olham ordinariamente com indifferença até a morte, da qual o consorte sobrevivente não tem sentimento, porque não o priva de nenhuma conveniencia ou de nenhum bem estar. (.0) Os indios que fogem ordinariamente levam uma mulher seja qual fôr, com a qual passam por casados. Se não levam mulher, procuram casar-se outra vez. Em geral se acham em fuga a oitava parte dos indios de um povo.

Com a mesma indifferença com que tratam os maridos as suas mulheres, estas a seus maridos, e ambos a seus filhos, e estes á seus pais; uns e outros consideram os bens que tem adquirido ou podem adquirir, porque estes só lhes podem servir de embaraço e de incommodo e nunca ser para elles de conveniencia. Ponhamos por hypothese um indio de genio activo e laborioso, livre das impressões que a educação tem causado nos outros, e que querendo aproveitar das conveniencias que lhe facilita o povo dando-lhe terras para semear e bois para lavrar, prepare um grande terreno fertilissimo como geralmente o são todos, que o plante com aquellas sementes que podem produzir muito, que apesar de seus afazeres o cultive com esmero sosinho sem poder contar com o adjutorio da sua mulher, cujos serviços pertencem á communidade e sem poder

conchavar piões que se acham no mesmo caso, e empregando elle mesmo só a metade do tempo n'estes trabalhos, e que por premio da sua actividade faça uma colheita tres ou quatro vezes maior do que necessita para seu sustento e da sua familia durante um anno. Que fará elle d'estes fructos? Vendel-os? A quem? Aos indios do seu povo ou dos outros povos. Mas que lhe darão em pagamento? Nada tem de seu, e só podem ter alguns fructos semelhantes aos seus. Não os póde levar para fóra da provincia porque os gastos seriam maiores que o valor dos objectos, tem por tanto que deixal-os perder ou distribuil-os pelos necessitados. Conhecendo por experiencia que seu trabalho nada lhe rendeu durante o dito anno, e não consentindo o seu genio que elle fique ocioso, determina semear um bom algodoal, um cannaveal, um tabacal, persuadido que o algodão, o mel, o assucar e tabaco, lhe darão alguns beneficios. Executa esta resolução, no primeiro anno o algodão e a canna lhe dão pouca cousa, e elle por causa dos serviços da communidade não póde bem cuidar do tabaco, que logo que está maduro requer que não se desampare um instante até seu completo beneficio; de fórma que não recolhe nada delle, ou pouco e máo. No seguinte anno em que elle esperava alcançar maiores beneficios do algodão e da canna, elle é destinado para pião de uma e tancia ou para os hervaes, ou para uma outra paragem onde deve demorar-se muito tempo. Tendo que obedecer, abandona tudo, e tudo fica perdido. Elle não póde tão pouco criar animaes, porque não tem tempo para os cuidar nem os póde mandar cuidar por outros. Que fará este indio? Que farão todos os indios? Todos vem e experimentam continuamente o que acabamos de expôr. A resposta é clara. Desanimar, entregar-se á ociosidade ou quando muito plantar o que lhe parece sufficiente para seu sustento e da sua familia durante o anno, ou plantar unicamente para evitar o castigo que é infligido aos que não plantam; e se o anno é máo de

colheita como semeou pouco, para nada lhe serve o que recolhe. Accrescentando á isto as idéas tão mesquinhas que os indios têem de suas pessoas, o pouco conhecimento que têem das commodidades dos que tem bens da fortuna, a falta de ambição de deixar por sua morte heranças á seus filhos, se concluirá que os indios hão de viver em uma continua ociosidade em quanto viverem em communidade.

A repugnancia e opposição que os indios têem á communidade nasce de dois principios. O 1º é inseparavel de toda a communidade de qualquer classe de gente que se componha. Vemos nas religiões, nos conventos que qualquer de seus membros podendo se escusar sem nota dos actos da communidade, de que não esperam premio o fazem, emquanto se applicam com gosto aos actos que lhes podem proporcionar vantagens ou interesses particulares, e para elles o melhor prelado é aquelle que melhor trata da communidade mesmo que isso lhes faça falta o depois. O mesmo acontece com os indios que sabendo que da sua applicação só lhes resulta trabalho e não premio, sempre que podem excusar-se com algum pretexto o fazem, e o melhor dia para elles é aquelle em que se gasta parte dos bens communs mesmo que seja com estranhos, por causa da pequena parte que lhes toca. Parecidos aos filhos familias que estão mais contentes no dia, em que seus pais dão uma festa á seus amigos, e que pelo que lhes toca quereriam que todos os dias fossem dias de festa, sem reparar que o que o pai gasta ha de faltar em sua herança. O 2º motivo que faz aborrecer aos indios a communidade, é ver que de todos os objectos e fructos que se recolhem e se guardam, dos mais preciosos só lhes toca o havel-os cultivado e colhido. Elles semeam, cultivam a canna, o tabaco, o trigo sabem que de Buenos-Ayres vem sal e outros objectos que tanto appetecem, e que tudo se guarda em armazens para nada sahir dara elles. A vista do que aborrecem tudo o que se dirige á

bem da communidade. A' todos os homens estimulam dois motivos para obrar bem: a esperança do premio e o medo dos castigos. Estes são os pólos pelos quaes se dirige a recta razão e sobre que se basêa nossa felicidade. Para os indios em communidade não existe senão o pólo do castigo para se estribarem, se este lhes falta, nada se faz e tudo se perde.

Do aborrecimento dos indios pela communidade, da parca assistencia que se lhes dá, dos vexames que justa ou injustamente padecem, resultou, resulta, e resultará o pouco adiantamento para não dizer a decadencia das Missões jesuiticas, qualquer que seja o governo que dirija estas communidades.

CAPITULO XVII.

MISSÕES ORIENTAES DO URUGUAY.

Art. 1.° — Conquista das Missões Orientaes do Uruguay pelos portuguezes. Regimen adoptado pelos conquistadores para o governo das mesmas missões até a invasão de Dom Fructuoso Rivera ou sua destruição.

Não é minha intenção fallar agora dos tratados que tiveram lugar em 13 de Janeiro de 1750 entre suas Magestades Fidelissima e Catholica pelos quaes Sua Magestade Fidelissima cedia a Sua Magestade Catholica a colonia do Sacramento e Sua Magestade Catholica cedia á Sua Magestade Fidelissima os povos jesuiticos das margens orientaes do Uruguay, dos quaes deviam sahir os missionarios com os seus moveis e effeitos, levando comsigo os indios para os aldêar em outras terras de Hespanha, podendo os referidos indios levar tambem todos os seus bens moveis e semoventes, e as armas, polvora, e munições que tiverem, em cuja fórma deviam-se entregar os povos á corôa de Portugal com todas as suas

casas, igrejas, edificios, e a propriedade e posse do terreno. A execução d'este tratado deu lugar a guerras que descreveu o Sr. visconde de S. Leopoldo, no cap. III dos seus Annaes da provincia de S. Pedro.

S. Ex. descreveu tambem a invasão da margem oriental do Uruguay no seu cap. XII, melhor do que eu posso fazer, mas não posso deixar de dizer alguma cousa a respeito.

Os portuguezes sempre alerta e não perdendo de vista seu plano de ha muito formado, e a que tinham direito pelo tratado de 13 de Janeiro de 1750 procuraram a occasião de se vingar da guerra de 1751.

Estavam os indios das Missões descontentes do governo hespanhól; os indios do povo de S. Lourenço mais expostos ás excursões dos portuguezes que vinham como aventureiros a roubal-os em suas terras. escreveram ao commandante da guarda avançada de S. Pedro, capitão de dragões, Francisco Barreto Pereira Pinto, protestando sinceros desejos de pertencerem á dominação portugueza. Este mandou ao cabo Manoel dos Santos Pedroso, que lhe tinha apparecido com vinte aventureiros, para a guarda castelhana de S. Martinho, que fugiu ao se approximarem os portuguezes.

N'esta conjunctura José Borges do Canto, desertor do regimento de dragões, soldado destemido, se apresentou na guarda de S. Pedro com quinze aventureiros, e dando-lhe mais vinte e cinco homens o commandante da guarda o incumbia de ir ajudar aos indios de S. Lourenço.

Reuniu-se na estancia de S. Pedro com Pedroso, que tinha sete homens, cavallos e provisões, e caminhou para o lado do povo de S. Miguel, apanhando um bombeiro que lhe declarou que á uma legua do povo de S. Miguel se formava um acampamento de trinta castelhanos e trezentos indios. Pela manhã mandou Canto surprender a guarda avançada do tal acampamento, que elle surprendeu na madrugada do

dia seguinte unicamente com trinta e seis companheiros, desbaratando-os, ou antes espantando aos indios que estavam dispostos a coadjuvar á Canto e não de o offender, e os quaes se lhe reuniram. Com este reforço de trezentos indios Canto foi pôr o sitio ao povo de S. Miguel, residencia do tenente-governador d'aquem Uruguay Dom Francisco Rodrigo, e lhe fez intimar que se rendesse. Ao fim de tres dias era extraordinaria a deserção dos indios de S. Miguel para os portuguezes. Cinco dias depois que tinha principiado o sitio, capitulou o tenente-governador, sahindo elle e a guarnição da praça com as honras da guerra, levando a artilheria, armamento e equipagens; mas o cabo portuguez se empenhava principalmente em apoderar-se da povoação e dos armazens, nos quaes achou ainda cento e sessenta espingardas, nove pistolas, um parque de dez peças de calibre um e tres; cento e noventa lanças, etc., etc. Optima acquisição n'esta circumstancia. Isto se passava em 13 de Agosto de 18 1.

Tomado S. Miguel, foi sufficiente que os portuguezes se apresentassem em S. João e em Santo Angelo para tomarem conta d'estes dois povos; assim como do de S. Lourenço.

Chegou n'esta occasião Manoel dos Santos Pedroso com quarenta homens de reforço e marchou a tomar os passos do Uruguay para estorvar os auxilios que tinha promettido o governador geral das Missões, providencia que produziu excellentes resultados, obstando não só a introducção de forças inimigas nas Missões orientaes, como a extradição de alfaias de igreja e outros objectos preciosos que iam em carretas, assim como de varios petrechos de guerra. Entretanto o mesmo Pedroso encontrou com uma deputação dos principaes habitantes do povo de S. Borja, que conduzindo maniatado seu administrador, se tinham declarado a favor de Portugal. Pedroso depois de ter fortificado os passos de Santa Maria, de Santo Isidoro, de S. Lucas e de S. Marcos no rio Uruguay,

entrou sem opposição no povo de S Borja, que foi assaltado, na mesma noite da sua entrada pelos inimigos, que batidos pelos portuguezes se retiraram do outro lado do Uruguay. S. Luiz seguiu o exemplo de S Borja, e se submetteu sem resistencia. Apenas um official hespanhól, conhecido pelo nome de Rubio Dulce, fez, como ani noso e valente que era, pertinaz resistencia para defender o passo da Cruz, e por duas vezes tentou, porém debalde, reconquistar S. Borja. O tenente de milicias Manoel dos Santos Pedroso (elle tinha sido promovido á este posto pelos seus serviços) por um golpe de mão, depois de ter desbaratado o inimigo no Passo de S. Marcos, se apoderou do povo de S. Nicoláu onde tomou tres peças de bronze, sete canôas e varios petrechos de guerra.

Assim se effectuou a união das sete Missões jesuiticas sitas ao Oriente do rio Uruguay ás possessões portuguezas do Brasil, tendo contribuido para isso mais a audacia, bravura e valentia de um punhado de homens do que os tratados dos soberanos reis de Portugal e de Hespanha, que cincoenta annos antes não poderam com seus exercitos combinados, fazer desoccupar estas sete Missões cedidas por Sua Magestade Catholica a Sua Magestade Fidelissima em troca da colonia do Sacramento. Na mesma occasião ou pouco tempo depois os conquistadores portuguezes estenderam para mais longe do lado do sul os limites das Missões orientaes do Uruguay. Posto que os jesuitas tivessem algumas estancias sobre a margem esquerda do rio Ubicuy, e que nas planicies entre este rio e o Quarahim mandassem apanhar gados e animaes cavallares, de que os ditos campos estavam cobertos, especie de negocio que faziam simultaneamente os padres da companhia e seus vizinhos, os charruas e os minuanos, é certo que o Ubicuy era o limite sul das Missões orientaes do Uruguay, mas os conquistadores d'estas Missões foram pouco á

pouco sem encontrarem resistencia se apoderando dos campos e terrenos ao sul do Ubicuy, desde este rio até o Arapey, que serviu de limites ás possessões portuguezas e hespanholas até que nas ultimas demarcações feitas entre o imperio do Brasil e a republica Oriental, foi reconhecido por ambas as partes contratantes o rio Quarahim para limites dos dois estados. Em uma d'estas excursões pela costa do Quarahim aonde os conquistadores portuguezes iam ás vezes a exemplo dos padres jesuitas buscar animaes vaccuns e cavallares, pereceu desgraçadamente o capitão José Borges do Canto, principal auctor da conquista, ás mãos dos charruas. Elle e seus companheiros conquistadores tinham sido remunerados por Sua Magestade Fidelissima, que lhes mandou o titulo do grande rincão chamado de Camacuã, sito entre o rio do mesmo nome, o Uruguay e o rio Piratinim até as estancias que pertenciam aos povos orientaes. O dito rincão de Camacuã, que fórma hoje o terceiro districto do municipio de S. Borja, era antes da conquista, uma ou varias estancias do povo de S. Thomé.

Depois da conquista das sete Missões orientaes do Uruguay pelos portuguezes, os indios n'ellas residentes não melhoraram de sorte; os portuguezes cedendo á necessidade reconhecida, seguiram para a administração d'estas Missões o regimen hespanhól, isto é, o da communidade modificada. Cada homem tinha que trabalhar a metade da semana para o povo, e a outra metade para si. Seguiu-se o systema das rações. Os administradores portuguezes se tratavam com muita grandeza e se mostravam tão ávidos como os hespanhóes.

Os gados dos povos foram roubados, as alfaias mais preciosas das igrejas desappareceram, os filhos dos indios eram enviados para criados em varias partes da capitania do Rio Grande do Sul, quando não engrossavam as fileiras de varios cabos de guerra. A unica medida importante para os indios foi a abolição da capitação.

Na época da conquista dos povos das Missões orientaes, segundo a Corographia Brasilica, sua população era assim repartida.

S. Miguel	habitantes	1,900	
S. João	»	1,600	
S. Lourenço	»	960	
S. Angelo	»	1,960	
S. Luiz	»	2,350	
S. Nicoláu	»	3,940	
S. Francisco de Borja.	»	1,300	
Total de habitantes		14,010	indios.

Narra o precitado auctor da Corographia Brasilica que depois da conquista das Missões orientaes, ordenou Sua Magestade Fidelissima que a *provincia das sete Missões*, fizesse parte da de São Pedro até que se lhe nomeasse governador; cujo *titulo de provincia* tenho encontrado em muitos documentos officio os dado ás sete Missões orientaes, mas que tem sempre continuado a serem governadas pelos governadores, capitães generaes, e presidentes da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul que continuamente tem mandado officiaes ás Missões para os commandar.

O primeiro official portuguez, que veio commandar as Missões orientaes, foi o coronel Joaquim Felix da Fonseca, então sargento-mór da artilheria da côrte. (41) Estes commandantes ao principio residiam no povo de S. Luiz que tinha sido escolhido como um dos mais povoados e dos melhores edificados para capital das Missões orientaes, que o marechal Chagas sendo commandante das Missões transferiu depois para o povo de S. Francisco de Borja.

Depois da conquista o governo espiritual das sete Missões

orientaes ficou pertencendo ao bispado do Rio de Janeiro, porém ainda se conservaram n'estas igrejas durante alguns annos os religiosos hespanhóes que n'ellas se achavam por não se proverem de sacerdotes portuguezes. Depois que aquelles tiveram ordem de seus prelados de se retirarem para seus conventos, por requisição feita pelos commandantes ao Sr. bispo do Rio de Janeiro e ao vigario da vara do Rio Pardo, se mandaram logo sacerdotes para estas igrejas. Porém estes mesmos foram-se retirando de fórma que houve anno em que nos sete povos havia só um frade velho e enfermo; e isso apesar do zelo de Dom José Caetano da Silva Coutinho, dignissimo bispo do Rio de Janeiro, que em 9 de Fevereiro de 1811, escrevia ao coronel, Chagas commandante da provincia de Missões: « vejo que n'essa remota provincia do Uruguay; e na super- « ficie de duas mil leguas quadradas, tenho eu que cuidar « da salvação de mais de oito mil almas de indios guaranis « distribuidos pelas freguezias de S. Luiz Gonzaga, S. Fran- « cisco de Borja, S. Nicolau, S. Miguel, S. João Baptista, « S. Lourenço, Santo Angelo, não deixando de me affligir a « noticia de que as duas ultimas freguezias estão sem parocho, « por não haver quem queira aceital-as apesar da sufficiente « congrua de cento e cincoenta mil réis e ração diaria.

E o peior é que eu tambem aqui não acho quem se resolva « a ir para tão distante seara, principalmente por causa do « trabalho e despeza da viagem. (42) » Os limites das sete freguezias da provincia de Missões indicados provisoriamente pelo brigadeiro Chagas em 1810 e approvados definitivamente em 8 de Março de 1816, pelo reverendissimo provisor e vigario geral da capitania do Rio Grande do Sul, eram os seguintes:

1° Freguezia de *S. Francisco de Borja;* divide-se pelo norte com a freguezia de S. Nicolau pelo rio Camacuam, pelo sul com o rio Quaraim, fronteira hespanhóla, e pelas vertentes do Ubicuy-miri, pelo leste com a freguezia de S. Luiz

demarcando o rio Itú desde a sua barra que faz no Ubicuy-grande correndo a rumo de norte até onde o Camacuam-chico faz confluencia com o da Santa Maria e continuando por este até a entrada do mesmo no dito rio Ubicuy-grande, e pelo oeste com o rio Uruguay.

2° Freguezia de *S. Nicolau:* pelo norte pelo rio Juhy, que divide com a freguezia de S. Angelo, pelo sul com o rio Camacuam e freguezia de S. Borja; pelo leste com a freguezia de S. Luiz pelo arroio que corre á leste da capella de S. Jeronymo, desde o rio Juhy até o rio Piratinim e da parte meridional d'este rio pelas divisas dos campos de Manoel Dias e de Antonio Dias, com a estancia de Itaroquem e outros herdeiros até Camacuam, e pelo oeste com o Uruguay.

3° Freguezia de *S. Luiz Gonzaga:* pelo norte com o Juhy e freguezia de S. Angelo; pelo sul com o Ubicuy-grande; pelo leste com a freguezia de S. Lourenço demarcando uma legua que ha em meia distancia de um a outro povo correndo de rumo de norte á sul, desde o rio Juhy até o Piratinim, e do lado meridional d'este Piratinim com a freguezia de S. Miguel por um arroio denominado Nhacapetú e pelo rio Jaguary-grande que vai entrar no dito Ubicuy; e pelo oeste com a freguezia de S. Nicolau, e de S. Borja pelos indicados limites das mesmas no rumo de leste.

4° Freguezia de *S. Lourenço:* pelo norte com o rio Juhy; pelo sul com o rio Piratinim; pelo leste com a freguezia de S. Miguel, dividindo o arroio da Santa Barbara, desde o Juhy até o Piratinim; e pelo oeste com a freguezia de S. Luiz pela mencionada lagôa.

5° Freguezia de *S. Miguel:* pelo norte com o rio Juhy e parte com a freguezia de S. João Baptista, dividindo a estrada da coxilha, e principiando no boqueirão, onde encruza a estrada que segue para o dito povo de S. João, á rumo de norte até o dito Juhy, e depois continuam os limites com a dita fre-

guezia de S. João, pela estrada das carretas que vai seguindo para S. Martinho até voltar para o sul ou sud'oeste, pelo campo ou terreno comprehendido entre os rios Jaguary-grande e Toropi até Ubicuy; pelo leste o mesmo Toropi com a mesma freguezia de S. João; e pelo oeste com a freguezia de S. Lourenço e de S. Luiz pelas suas respectivas divisões de leste já acima indicadas.

6° Freguezia de *S. João Baptista:* pelo norte os dois rios Juhys e com a freguezia de S. Angelo; pelo sul com as divisões de norte da freguezia de S. Miguel; pelo leste com as vertentes do Jacuhy e serra de S. Martinho; e pelo oeste com a freguezia de S. Miguel desde o Juhy até a encruzilhada da estrada da coxilha e pela mencionada divisão do Toropi.

7° Freguezia de *S. Angelo:* pelo norte e oeste com o sertão do Uruguay; pelo sul com os dois Juhys; e pelo leste com campos e matos desertos.

Os empregados que tinham estas sete freguezias ou povos, eram além do commandante e administrador geral, um vigario para cada povo percebendo cada um de congrua 150$000 rs. moeda forte; cirurgião percebendo por anno 144$000 rs.; seis administradores percebendo cada um 144$000 rs.; um dito percebendo 240$000 rs.; dois capatazes de estancias percebendo 153$600 rs.; um dito percebendo 307$200 rs.: as casas eram de graça para todos elles.

Além d'estes salarios dos vigarios, dos cirurgiões, administradores, &c., se lhes dava diariamente 16 libras de carne, 1 1/2 libra de pão; mensalmente se lhes dava 16 libras de herva, meia quarta de sal, meio alqueire de milho, meio dito de feijão, arroba e meia de cebo, 1/2 libra de algodão para pavios de velas, 12 libras de assucar, 16 libras de graixa. Se acontecia faltar d'estas cousas nos povos, se lhes dava o importe em dinheiro. Os serventes tambem tinham o seu quinhão. Que o leitor julgue do numero dos indios que estavam occu-

pados a servir, pelos que eram occupados pelos vigarios mesmo depois da conquista. Tinha cada vigario seis ou doze sacristães pequenos, fóra o sacristão-mór, que elle podia occupar á seu bel prazer. Tinha dois piões para o servir em casa, um cozinheiro e um menino ajudante do cozinheiro, uma lavadeira de roupa, um cavalheriço, e um chacareiro porque se lhe facultava uma chacara á sua escolha. E se lhe dava carne com abundancia para toda esta gente ! ! ! !

Entretanto os povos das Missões orientaes iam-se deteriorando e o numero dos indios diminuindo, sendo elles pouco á pouco substituidos por brancos que vinham occupar as suas terras. A invasão que n'ellas fez Andrezito Artigas em 1816, a guerra das Missões occidentaes do Uruguay, nos annos de 1817 e 1818 de que fallaremos em um dos capitulos seguintes, a segunda invasão de Artiguinha em 1819, contribuiram ainda mais á despovoação d'essas Missões. Debalde em 1824 o Imperador Dom Pedro I, estabeleceu em S. Borja uma mesa de contabilidade de indios e quiz fazer administrar as Missões como uma vasta fazenda, mostrando-se a administração brasileira muito mais paternal para com os indios do que o fôra a administração portugueza e hespanhóla. Debalde se estabeleceu no povo de S. João Baptista uma colonia de allemães que não pôde prosperar e logo se dissolveu, os templos e as casas que se não concertavam iam cahindo em ruinas, as estancias ficavam despovoadas, e diminuia consideravelmente o numero dos indios, que sendo em 1801 de 14.010 como já notámos; de mais de 8.000 em 1811 segundo a carta citada do bispo do Rio de Janeiro, era unicamente de 6.395 indios de ambos os sexos, em 1814, segundo um alistamento que se fez no dito anno e que deu para os sete povos de Missões, uma população de 7.951, repartida assim :

Indios de ambos os sexos.............	6.395
Habitantes brancos...................	824
Livres de côr e dos dois sexos..........	77
Escravos de ambos os sexos......... ..	252
Recem-nascidos no anno...............	403
Total.	7.951

Em 1825 a população indiatica das sete Missões orientaes estava reduzida a 1.847 pessoas de ambos os sexos, segundo um mappa feito pelo administrador geral de Missões com data de 28 de Outubro de 1827, e que mostra não só a população como os estabelecimentos e haveres n'este lugar dos indios no referido anno de 1825, cujo mappa vai appenso por julgar que póde interessar. (43)

A' proporção que diminuia o numero de indios das Missões orientaes, iam-se introduzindo para seu territorio maior numero de habitantes brancos que iam formando novas povoações.

Em 9 de Julho de 1818, o Rev. vigario geral concedia aos moradores de S. Francisco de Assis, filial de S. Luiz, uma provisão para terem uma capella para n'ella se celebrarem os officios divinos, exceptuando quatro festas do anno e as principaes.

Em 19 de Abril de 1820 determinava o mesmo vigario geral, segundo ordens de S. Ex. Rvm. que a nova capella de Alegrete e seu districto que era o terreno entre os quatro rios Quarahim, Ibirapuitã, Ubicuhy e Uruguay, fosse contemplada como filial de S. Borja.

Em 6 de Julho de 1821, passava o mesmo vigario geral uma provisão a favor dos moradores do districto da Cruz-Alta da freguezia de S. João em Missões para reedificarem a capella de S. Roque no mesmo lugar com a invocação da exaltação

de Santa Cruz. E, na mesma data expediu outra provisão elevando a dita capella á capella curada.

Em 25 de Setembro de 1824, o Rev. Sr. conego provisor, vigario geral e visitador Antonio Vieira da Soledade lavrou uma provisão e um despacho creando uma capella nos campos de S. Pedro da provincia de Missões, na antiga guarda denominada de S. Martinho da freguezia de S. Miguel com a invocação do apostolo S. Pedro.

Porém estas novas povoações não obstavam a decadencia das sete Missões orientaes, que foram totalmente arruinadas pela invasão de D. Fructuoso Rivera, como vamos a ver no capitulo seguinte.

ARTIGO II.

Principaes acontecimentos que tiveram lugar nas Missões brasileiras desde a invasão de D. Fructuoso Rivera em 1828, até nossos dias.

Durante a guerra encarniçada que houve durante tres annos de 1825 á 1828 entre os brasileiros e os orientaes alliados com os argentinos e que acabou pela erecção da Banda Oriental em estado independente, o coronel D. Fructuoso Rivera que se achava ao serviço do Brasil se passou para seus compatriotas.

Estes tanto em Montevideo como em Buenos-Ayres que em uma occasião memoravel o tinham visto se separar do seu chefe o general Artigas, o receberam com certa desconfiança. Em quanto se tomava uma especie de informação sobre sua conducta em Buenos-Ayres, Rivera fugiu para Santa Fé, e com o governador d'esta provincia D. Estanislau Lopes com quem tinha antigas relações concertaram uma expedição atrevida, que havia de fazer luzir o patriotismo de Rivera, e dar honra á Lopes, e que era uma operação favoravel aô triumpho das

armas argentinas e orientaes e que servia optimamente aos planos secretos de recrutar soldados.

Rivera pois atravessa com ligeireza o Entre-Rios e o sul de Corrientes á frente de cem indios charruas e de sessenta gáuchos. Apresenta-se como a vanguarda do exercito de Santa Fé, que o segue, segundo elle mesmo diz, a marchas forçadas; passa o Uruguay em Santa Anna abaixo do Ubicuy.

Uma guarda brasileira de vinte e cinco homens commandados pelo official Boaventura Soares defendia o passo de Mariano Pinto n'este ultimo rio. Rivera a rechaça, e se lança precipitadamente sobre as Missões orientaes, (44) antes que se saiba cousa alguma de sua marcha em Buenos-Ayres e Montevideo. As negociações que trouxeram a paz tinham principiado. O governo argentino furioso e que anhelava o fim de uma guerra desastrosa, manda ao coronel D. Manoel Oribe para perseguir a Rivera; mas a expedição tinha sido manejada com tanto segredo e com tanta celeridade, que quando a quizeram impedir tudo estava concluido.

O coronel Joaquim Antonio d'Alencastro era commandante da fronteira de Missões e o coronel João José Palmeiro commandava as forças brasileiras que em S. Borja eram de setecentos homens optimamente equipados, fóra os destacamentos parciaes que se achavam nos outros povos. Com a noticia da invasão de D. Fructo Rivera, Alencastro tomou o caminho da Cruz Alta e seguiu para Porto Alegre; Palmeiro com as tropas tomou o mesmo caminho e foi parar do outro lado do Jacuhy em Botucarahy; e o administrador geral dos povos tenente coronel Manoel da Silva Pereira do Lago foi dar ao Passo-Fundo com algumas familias.

Não encontrando pois resistencia alguma da parte das forças brasileiras, nem da parte dos indios que de caracter humano e propenso á doçura, Rivera tratava com brandura, elle á seu bel prazer tomou conta das sete Missões Orientaes.

incorporou os homens validos á suas tropas, formou das familias um enorme comboy, carregou sessenta e tantas carretas com estatuas de santos, com ornamentos e sinos das igrejas, mandou arrebanhar vinte mil rezes das propriedades dos povos e toda a cavalhada que pôde reunir, e tratou de se retirar, levando parte alliciados, parte forçados a povoação indiatica inteira das sete Missões e carregando tudo o que quiz e pôde. O exercito brasileiro no regresso de D. Fructuoso Rivera composto de um corpo de infantaria, de um corpo de milicias e de algumas tropas de Alegrete, Porto-Alegre e Missões se achava em Alegrete ao mando do general Bento Manoel Ribeiro. Este não incommodou a retirada de Rivera, sómente depois que este tinha passado alem d'Alegrete tratou de lhe tomar a dianteira em Toropasso, como o fez, deixando a infantaria em Alegrete. Os officiaes e tropas brasileiras ardiam para atacar o caudilho invasor, por causa das mulheres e seus filhos que levava, porque muitos indios missionarios se achavam incorporados ás tropas brasileiras, mas, segundo me tem narrado varios officiaes que se achavam presentes debaixo de cuja responsabilidade faço esta narração, o general brasileiro contentou-se em receber de D. Fructo umas rezes magras de Missões para municio; e pela meia-noite mandou marchar de retirada a tropa de Missões que não enxergava aonde ia, dispersou as outras tropas e elle mesmo se retirou para Alegrete, deixando Rivera levar livremente não só os objectos acima referidos dos sete povos de Missões como mais de sessenta mil rezes de fazendeiros brasileiros estebelecidos entre Ubicuy e Quarahim (45). Nos passos d'estes dois rios algumas das carretas que carregavam os sinos se quebraram, e estes podem se ver ainda no mesmo lugar quando as aguas estão baixas. Uma embarcação que carregava dois dos ditos sinos se virou no Passo dos Curralitos abaixo do Salto no Uruguay; os outros chegaram á Montevidéo onde foram dis-

tribuidos por varios povos da Campanha. As familias foram accommodadas entre os rios Quaraim e Arapey e com ellas se formaram os povos de Santa Rosa ou Bella União e de Belem.

Quando D. Fructuoso Rivera estava de regresso da sua invasão ás sete Missões Orientaes, a paz entre o imperio do Brasil e os governos Argentino e Oriental tinha sido assignada; e como ambas as partes tinham um igual desejo da paz, não se occuparam mais d'este assumpto, deixando aos estancieiros do Ubicuy e do Quaraim queixar-se inutilmente da perda de seus gados.

Na mesma epoca a ruina dos estabelecimentos jesuiticos da margem oriental do Uruguay estava consummada. A' excepção de São Borja, todos os outros povos estavam desertos. Era em fins de 1828

Rivera fez ás familias de indios que estabeleceu nos povos da Bella-União e Belem a distribuição dos campos comprehendidos entre os rios Quaraim e Arapey pela mór parte já aproveitados por subditos brasileiros. Deve-se notar que muitos d'esses indios ou por inveterados habitos ou por não encontrarem os commodos e vantagens prognosticadas, se evadiram e tornaram ás suas primeiras habitações. Durante a paz, uma parte dos indios que tinham sido soldados iam se reunir á estas familias da Bella-União; mas como se tinham acostumado ás licenças dos acampamentos e aos costumes devastadores dos exercitos d'aquelles tempos, logo este povo veio á ser o flagello da campanha circumvizinha; unidos com os Charruas, roubaram indistinctamente gados aos brasileiros e orientaes, o que motivou varias reclamações do governo do Brasil, e era o centro de grupos á disposição do primeiro caudilho que quizesse perturbar a paz do paiz. O governo de Montevidéo julgou dever mandar tropas contra elles. D. Barnarbé Rivera, irmão do então presidente da republica Oriental D. Fructuoso Rivera foi morto em um d'esses combates.

Foi necessario empregar meios mais energicos para acabar com este covil de roubos e de bandidos. No fim de 1832 os ultimos charruas foram exterminados; os guaranis missionarios que lhes estavam reunidos pereceram tambem em parte: e a outra parte foi alistada outra vez ao exercito oriental. As familias de indios que não regressaram para Missões foram levados á capital e distribuidas por casas particulares confundindo-se, pouco á pouco com o resto da povoação.

Quanto aos indios que haviam seguido a fortuna do general Rivera, foram para elle seus soldados os mais fieis e mais addictos em todas as guerras que depois este caudilho teve que sustentar na Banda Oriental, porém mui poucos sobreviveram ás derrotas do Arroyo Grande (Dezembro 1842) e da India-Muerta (Março de 1845.)

Assim acabaram os ultimos indios missioneiros da margem oriental do Uruguay. Desappareceram como grupos de povoação, mas numerosos restos de sua raça ficaram e ficam misturados com os orientaes, entre-rianos, correntinos e rio grandenses com os quaes se vão confundindo todos os dias.

Algumas familias de indios missioneiros que não acompanharam á Rivera ou que regressaram do povo da Bella-União formaram a pequena aldêa de São Vicente debaixo da direcção de um official brasileiro, e ahi cuidavam de uma estancia regular, resto de suas antigas possessões.

Ahi entregando-se tambem um pouco á agricultura, tem passado uma vida mais tranquilla e mais commoda. Tanto é que querendo o general Andréa transferil-os a dez ou doze annos, para o antigo povo de São Luiz elles recusaram fazel-o, e até hoje se conservam satisfeitos na dita aldêa de S. Vicente.

Pelo que diz respeito aos sete povos das Missões orientaes, a serie de desastres porque passaram, os reduziu ao espantoso e misero estado de em 1833 contar apenas entre todos 377

individuos indios, com o patrimonio e moveis de que trata o mappa que vai junto (46).

Das mãos de um administrador particular este patrimonio passou por lei de 3 de Junho de 1833, para a jurisdicção do juiz de orfãos respectivo, porém durante a revolução da provincia do Rio Grande do Sul que durou perto de dez annos, diminuiu ainda mais o numero dos indios missioneiros. Aquelles que eram capazes de pegar em armas eram levados pelas partidas legaes e republicanas que appareciam. Os seus bens moveis desappareceram todos durante este tempo. As propriedades dos indios que não são proprios nacionaes, ou que ainda não se confundiram com o resto da população, se limitam actualmente á umas pequenas chacaras nas vizinhanças dos extinctos povos, onde plantam algum milho, algumas batatas doces e onde raras vezes tem alguma vacca leiteira. Na mór parte do tempo estão na ociosidade, sobretudo quando as laranjas que abundam em todos os antigos povos estão maduras. Alguns velhos e velhas pedem esmola, porém de uma maneira engenhosa, levando comsigo ordinariamente a imagem de um Santo, e dizendo que pedem esmola para o Santo afim de cumprirem uma promessa.

Durante a invasão de D. Fructuoso Rivera, o honrado capitão Francisco Marques Pereira conseguiu preservar do saque umas quinze arrobas de prata em peças, resto das alfaias de alguns dos povos orientaes.

Ellas ficaram depositadas em poder do administrador particular do povo de São Miguel. Durante a revolução da provincia um empregado da republica mandou-as buscar, e como as não quizessem entregar, enviou uma partida de trinta homens que trouxeram as ditas pratas para o nascente povo de Itaqui.

D'ahi todas ellas ou parte d'ellas foram enviadas para o governo republicano que tinha feito de Caçapava sua capital,

onde foi roubada uma caixa que continha 36 ½ libras das ditas pratas, como consta do edital inserido no. n 153 do jornal: *O Povo*, publicado em Caçapava á 11 de Abril de 1840 (47). D'esta maneira se acabaram as alfaias dos sete povos orientaes, ficando apenas umas velhas na villa de S. Borja, que é a unica freguezia das sete Missões em que constantemente tem havido parocho desde que ellas passaram para o dominio portuguez e brasileiro e onde ainda se encontram alguns livros parochiaes, tendo completamente *desapparecido as alfaias e livros parochiaes dos seis outros povos.*

Desde o principio da revolução da provincia do Rio Grande do Sul, o tenente-coronel Manoel dos Santos Loureiro residente em S. Borja se declarou para a legalidade, reuniu todos os missioneiros que pôde e foi se juntar ao exercito legal onde se conservou quasi sempre em quanto a revolução durou, com seus irmãos José dos Santos Loureiro, Joaquim dos Santos Loureiro e com a flor dos missioneiros os valentes officiaes Joaquim Rodrigues Lima, Antonio Fernandes Lima, José Joaquim d'Assumpção, Vicente Pereira, José Fabricio da Silva, José de Almeida Santos, José Antonio Guimarães, Vasco José Guimarães, Pedro Geiri, Figueiredo dito Xará, Antonio Cardoso, João da Cunha Silveira, etc.

Outros officiaes não menos briosos acompanharam ao capitão José Corrêa da Silva Guimarães que á testa do esquadrão dos indios de Missões, esteve nas fileiras da legalidade até se concluir a revolução.

D'estes bravos varios succumbiram no campo da honra como os dois irmãos major e capitão Lopes.

Entretanto a republica dominou quasi sempre no territorio de Missões emquanto seus bravos brigavam fóra para a legalidade. Em nome da republica commandaram varios annos em S. Borja o coronel José Ribeiro de Almeida e os tenentes-

coroneis Boaventura Soares da Silva e Domingos José da Silveira onde recrutavam quanto podiam para o partido republicano. O capitão Manoel Coelho de Sousa teve o commando da policia republicana em Missões, conservando tudo na melhor ordem, de tal fórma que a julgar pelo que aqui se passava não parecia que houvesse revolução na provincia do Rio Grande do Sul.

Quando os rio grandenses se deram o abraço fraternal da paz no fim da revolução em Março de 1845, as Missões brasileiras das quaes só subsistia a villa de S. Borja principiaram á ser governadas pelo systema geral adoptado pelo governo brasileiro para todas as comarcas do imperio. O governo imperial nomeou commandantes da fronteira de Missões (48), juiz de direito da comarca, juizes municipaes e de orfãos, delegados, etc. desapparecendo inteiramente todos os vestigios da administração jesuitica.

CAPITULO XVIII

MISSÕES ENTRE OS RIOS PARANÁ E URUGUAY.

ARTIGO I

Principaes acontecimentos que tiveram lugar nos povos jesuiticos entre Uruguay e Paraná desde* 1801 *até a prisão e morte do general D. André Artigas.

Em 1803 D. Bernardo Velasco foi mandado de Hespanha em qualidade de governador da provincia de Missões, com ordem de abolir completamente a communidade. Procurou realisar este plano, porém o descontentamento dos indios acostumados a este regimen e os inconvenientes que encontrou o obrigaram a modificar esta medida. Em 1806, foi elle

nomeado governador do Paraguay, conservando o governo provisorio das Missões, sem nunca fazer diligencias para reconquistar as Missões orientaes de Uruguay. Alheios aos grandes acontecimentos que se passavam n'essa epoca na Europa, os habitantes de Missões se conservaram em paz até a conquista da Hespanha pelos francezes e a coroação d'El-Rei José Bonaparte, que produziram uma sensação geral e profunda e occasionaram a manifestação de 25 de Maio em Buenos Ayres, e todas as suas consequencias, a inteira separação das colonias do Prata da sua metropole.

Durante 50 annos que tem corrido desde 1810 até hoje os indios missioneiros tem entrado em todas as guerras que tem desolado o Prata, e seu numero tem diminuido consideravelmente, pois elles tem formado a força principal dos exercitos. Os differentes caudilhos que se disputavam o poder se disputavam tambem estes grupos de povoação que lhes podiam subministrar soldados. Do socego mais profundo, os guaranis missioneiros, passaram repentinamente á vida agitada dos acampamentos e das batalhas, e sua mansidão se transformou em ferocidade segundo o capricho do chefe que os mandava e á cujas ordens obedeciam cegamente.

Depois de proclamada a independencia dos estados do Rio da Prata, o poder ficou em mãos do sul-americanos os buenos-ayrenses que procuraram buscar apoios, por cujo motivo mandaram um pequeno exercito ao Paraguay debaixo das ordens de Belgrano. Este general sahiu da Bajada do Paraná e caminhou 150 leguas até o passo da Candelaria, achando só dois pontos habitados na provincia de Corrientes que eram Curuzu-Cuatiá e Iaguariti-corá que se compunham de duas dezenas de ranchos. Atravessou as nascentes dos rios Corrientes, Batel e Santa Luzia e os numerosos esteiros banhados das costas occidentaes da Laguna Ibera e chegou depois de immensas fadigas a Candelaria onde pensava passar o Paraná

que n'este lugar tem só 800 metros de largura, Candelaria a capital das Missões, estava então com o collegio quasi inhabitavel, com as casas da praça quasi em ruinas e com o templo pouco solido. Em Candelaria Belgrano recebeu um auxilio de duzentos ginetes que lhe mandou o tenente governador de Missões que residia em Japejú. Eram indios estes duzentos homens. Belgrano passou o Paraná e foi batido em Taquarí e em Paraguarí. Sem embargo fez uma capitulação honrosa e tornou a passar o Paraná. Por esta capitulação que foi ratificada pelo governo de Buenos-Ayres, a posse e o territorio dos cinco povos paranaenses, Candelaria, Santa Anna, Loreto, S. Ignacio Mini e Corpus, estavam confirmados ao Paraguay que mandou ahi para governador um tal Martiaura.

Durante quatro annos as Missões estiveram tranquillas; mas as pretenções de Artigas que pretendia governar o estado Oriental contra a opposição que lhe fazia o governo de Buenos-Ayres, causou agitações em Missões.

Artigas José unido com os de Buenos-Ayres expulsaram os hespanhóes, mas depois de sua expulsão, Artigas proclamou a independencia do estado Oriental de que se fez nomear governador. D. Gervasio Posadas director supremo de Buenos-Ayres ficou furioso contra elle e o declarou fóra da lei, ao que Artigas contesta com hostilidades contra Buenos-Ayres. Este perseguido aliás pelos portuguezes, pensou em fazer a guerra de recursos, e de recrutar outros soldados, pois os charruas e minuanos que tinha reunido, principiavam a diminuir consideravelmente de numero.

Então Artigas resolveu-se a intentar uma grande empresa e empregar n'ella os indios das Missões de quem tinha preparado o espirito desde muito tempo. Elle tinha para isso um instrumento maravilhosamente idoneo que era o indio André Tacuarí natural de S. Borja como dizem alguns indios velhos que o conheceram em S. Borja e a sua mãe tambem, o qual

tendo fugido d'este povo quando Artigas José era capitão commandante do povo de S. Thomé, á elle se aggregou, e depois o considerou como seu filho adoptivo. Effectivamente Andrézito, pois era mais conhecido por este nome, foi acolhido com enthusiasmo por seus compatriotas, reuniu gente sem difficuldade e occupou os cinco povos paranaenses apesar da resistencia que lhe fez Gonzales, governador ahi estabelecido pelo governo de Francia. Ahi tambem encontrou soldados e empregou toda a primeira metade do anno de 1816 em formar um exercito. Quando se julgou bastante forte, formou o projecto de reconquistar as Missões Orientaes, e de fazer uma diversão util a seu pai adoptivo. Com este objecto no principio da primavera veio sitiar S. Borja, capital das Missões brasileiras. (No artigo em que se tratar de S Borja fallaremos d'este sitio.)

No dia 3 de Outubro o tenente coronel Abreu veio auxiliar o brigadeiro Chagas que commandava as Missões com 800 soldados veteranos, e Andrézito é derrotado e forçado a repassar o Uruguay perto da fóz que n'elle faz o Butuhy. Entretanto José Artigas sendo batido pelos portuguezes em 4 de Janeiro de 1817 no Passo do Catalan, confluente do Quaraim, pelo marquez de Alegrete passou repentinamente á margem occidental do Uruguay, com o que pôde salvar de suas tropas. Sua intenção era refazer-se em Entre-Rios, Corrientes e nas Missões, onde tinha numerosos partidarios, e onde seu filho adoptivo depois da sua derrota de S. Borja lhe tinha preparado reforços bastante importantes.

O marquez de Alegrete desconfiando de suas intenções, tomou então uma resolução extrema. Elle era governador e capitão general da provincia do Rio Grande do Sul, e o general Chagas estava debaixo de suas ordens. Ordenou á este que passasse immediatamente o rio Uruguay, e que destruisse todos os povos das Missões Occidentaes, e que trouxesse a sua população para a repartir pelas Missões brasileiras.

Nada devia ficar, nem templos, nem habitações, nem capellas, nem estancias, emfim nada do que podesse servir um dia para nucleo de uma povoação.

Com effeito o general Chagas, foi fiel e consciencioso executor d'estas medidas destruidoras e exterminadoras. Em 17 de Janeiro de 1817 passou o rio Uruguay no passo de Itaqui com perto de mil homens de tropa escolhida, e cinco bocas de fogo, tomou o povo da Cruz, que não fez resistencia alguma, pois todos os indios varões tinhão fugido, e ahi estabeleceu seu quartel general.

D'este ponto mandou o major Gama com tresentos homens de cavallaria destruir o povo de Iapejú que tinha sido abandonado por seus habitantes. Gama fez esta operação com descanso, e não deixou subsistir nada d'esta ultima capital das Missões. Em seu regresso teve algumas guerrilhas com Andrézito, mas foi opportunamente soccorrido por Chagas, e em seguida Chagas e Gama, foram saquear e queimar S. Thomé. A igreja deste povo parecia ser inteiramente nova e ainda não bem acabada. Tendo cumprido esta tarefa se retiraram elles para São Borja. Luiz Carvalho tinha sido encarregado de destruir S. José, Apostolos, Martyres e S. Carlos, e tão fielmente como Gama, cumpriu elle sua missão. Cardoso outro tenente de Chagas, destruiu a Conceição, Santa Maria Maior e S. Xavier. Este ultimo povo não foi assim mesmo tão maltratado como os outros. O general Chagas mandou a cavallaria de que dispunha explorar a campanha e examinar se suas ordens tinhão sido cumpridas. Esta força seguiu toda a costa occidental do Uruguay, e foi até Loreto na costa do Paraná, hostilizando, saqueando e destruindo a ferro e fogo tudo quanto encontrava. « E que actos de horror então se pratica-
« ram por esses lugares, diz o auctor da Memoria Historica do
« extincto regimento de infantaria de Santa catharina, viu-se
« um tenente do regimento guarani, Luiz Mairá, estrangular

« mais de uma criança, e d'isso jactar-se, viu-se à immorali-
« dade, o sacrilegio, o roubo, o estupro no seu augè, viu-se
« finalmente a religião catholica offendida por todos os lados!!! »
Os indios partidarios de Artigas com seus chefes que existiam n'estes povos entre Paraná e Uruguay, acobardados ou pelos revezes que tinhão soffrido em S. Borja quatro mezes antes, ou pela derrota de José Artigas, que poucos dias antes, a 4 de Janeiro, fôra completamente batido no Catalã pelo marquez de Alegrete, fugiram para longe, abandonando á discrição dos invasores todo o territorio das Missões, permittindo-lhes uma plena liberdade de reduzirem á cinzas o seu paiz, e conduzirem suas familias e bens para aquem do Uruguay.

Houve episodios barbaros e sacrilegos n'esta fatal distruição das Missões. Citarei unicamente dois que me são contados por uma testemunha ocular, brioso e valente official do imperio e excellente cidadão que merece todo o credito.

Em um dos povos, emquanto se lançava fogo ao templo para o queimar, Frei Grabri, cura delle, veio chorando lançar-se aos pés do commandante, supplicando-lhe de poupar o templo de Deus, que elle não poderia sobreviver ao incendio e ruina da sua igreja. Respondeu o commandante, que de proposito não nomeio: « Se você não póde sobreviver á queima do seu templo, entre depressa n'elle, e se queime com elle. »

Um militar fôra entretido a brigar emquanto outros companheiros seus estavam saqueando o altar mór da igreja, e chegando depois que os outros tinham feito sua pilhagem, divisou que não tinha ficado nada no altar mór de que elle podesse lançar mão. Pelo que ficou colerico, mas tendo reparado com muita attenção viu no alto do retabulo do mesmo altar uma estatua de N. Senhora que tinha um par de brincos nas orelhas. Foi ver e principiar a trepar pela escada lateral para ir tomar os brincos da santa imagem, dizendo: « deixem que eu leve os brincos d'esta *garrucha*, de que ella não precisa

mais. » Por aquellas paragens dava-se o nome de *garrucha* ás indias velhas. Apenas o individuo pronunciou estas palavras deu-lhe repentinamente uma intensa dôr interna. Em gritos rolou elle da escada abaixo. Apesar de todos os soccorros da arte, este infeliz viveu ainda tres annos sem ter podido obter alivio algum á esta terrivel dôr, que todos consideravam como castigo de Nossa Senhora.

Eis como o general Chagas dava conta da sua missão ao marquez de Alegrete em officio que lhe escreveu de S. Thomé a 13 de Fevereiro de 1817.

« .... Destruidos e saqueados os sete povos da mar-
« gem occidental do Uruguay; saqueados sómente os povos
« de Apostolos, S. José e S. Carlos: deixando hostilizada e arra-
« sada toda a campanha adjacente aos mesmos povos por espaço
« de cincoenta leguas; além de que nossa partida de Carvalho
« caminhou mais de oitenta leguas, para perseguir e derrotar
« os insurgentes. Se saqueou e se trouxe d'este lado do rio
« cincoenta arrobas de prata, muitos e ricos ornamentos,
« muitos e bons sinos, tres mil cavallos, igual numero de
« egoas e 1,130$000 réis prata. »

Em outro officio avaliava elle o numero dos inimigos mortos em tres mil cento e noventa, e em trezentos e sessenta o dos prisioneiros. Tinha feito pois uma guerra de exterminio. Dizia tambem ter-lhes tomado cinco canhões, cento e sessenta espingardas, quinze mil cavallos, etc., etc.

Entretanto Francia, dictador do Paraguay não querendo ter motivo de discussão com os portuguezes que ameaçavam os povos jesuiticos da margem oriental do Paraná, e de que estava de posse o governo paraguayo, os fez evacuar e queimar. A população, os objectos preciosos, o gado etc., tudo foi transportado pora a margem direita do Paraná e distribuido pelas reducções visinhas, menos os objectos preciosos que foram levados para a Assumpção, capital do Paraguay. Alguns indios

preferiram fugir para os matos, antes que submetter-se a serem transportados. Era em 1817.

Concluidos estes trabalhos o general Chagas com suas forças se tinha retirado d'este lado do Uruguay.

Os despojos como sinos, ornamentos das igrejas e varios objectos foram conduzidos para S. Borja. A prata e os ornamentos mais ricos foram encaixotados e remettidos para Porto Alegre e d'ahi constou que foram enviados para o Rio de Janeiro. Tambem me consta por testemunha presencial que muitos dos ornamentos, foram arrolados no palacio do governo em Porto Alegre, e entregues ao vigario geral, que os fez destribuir pelas parochias que d'elles necessitavam. Em Porto Alegre se recebeu perto de sessenta e cinco arrobas de prata macissa. Em nota vai a relação da prata e dos objectos que foram remettidos. (...)

Logo que se retiraram os portuguezes, os indios tornaram a visitar as ruinas da sua patria e juraram vingal-a. Andrezito aproveitou-se d'esta exasperação para excital-os mais. Depois de ter procurado em vão com a pouca gente que tinha de resistir ao general Chagas, tinha corrido ao outro lado das Lagunas para buscar reforços, com os quaes tornou a occupar os povos de Missões, e pôz o seu quartel general nas ruinas de Apostolos. Este povo que fôra sómente saqueado, conservava ainda seus edificios, e seu collegio era uma das melhores obras dos jesuitas por aquelles lugares. Avisado o general Chagas dos movimentos do inimigo, e persuadido de que se propunha a hostilizal-o, dispôz-se a procural-o no seu paiz, antes que esperal-o e combatel-o no nosso. Foi com quinhentos homens passar o Uruguay no passo de S. Lucas, e sendo ahi informado do lugar que o inimigo occupava para ahi marchou apesar do frio e das enchentes (era no mez de Julho de 1817) sem estar bem informado do numero de gente que tinha Andrezito, nem do

estado das suas fortificações, entendendo (sem duvida confiado em seu grande animo como diz o auctor da Memoria Historica do regimento de Santa Catharina), entendendo que era chegar, ver e vencer. Mas não lhe succedeu assim, porque o inimigo em numero de seiscentos a setecentos homens, bem prevenido e avisado se preparou habilmente para o deixar chegar ver e voltar. Determinado o assalto a infantaria travou um porfiado combate sobre as fortificações do inimigo, pelejando com impeto quando ouviu tocar a retirada. A dificuldade em haver auxilio de prompto, a falta de munições de guerra que se tinham molhado, o frio, a chuva, a magreza dos animaes e a noticia de que um corpo de cavallaria vinha soccorrer os situados, foram motivos que decidiram ao general Chagas contra a opinião de Gama, a contramarchar pelo mesmo caminho para S. Borja, deixando bem guarnecidos os passos do Uruguay. Senhor então do territorio das Missões entre Uruguay e Paraná, Andrezito reuniu um bom numero de indios, e no anno seguinte appareceu tão ameaçador que o general Chagas julgou dever ir atacal-o. No dia 18 de Março de 1818 com uma divisão de oitocentos homens e duas peças de artilheria, começou no passo de S. Borja a sua passagem para a margem direita do Uruguay (sendo a terceira vez que passava o rio e pisava no territorio das Missões entre Uruguay e Paraná;) e dirigiu-se para o povo de S. Carlos, onde lhe constava achar-se reunido o inimigo que procurava. Com effeito Andrezito ensoberbecido de seu triumpho de Apostolos, se tinha aquartelado em S. Carlos que tinha ainda algum abrigo.

No dia 31 de Março, se apoderou da praça sem resistencia, mas sem d'ella se poder utilizar, porque Andrezito, com seus soldados e suas familias se tinha intrincheirado na igreja e no collegio, e abrindo em toda a extensão das grossas paredes cento e quarenta seteiras, em cujo trabalho

foram incansaveis, atiravam muito a seu salvo contra a tropa do general Chagas, sem que podessem receber o menor damno. Andrezito e sua gente eram valentes e activos e estavam resolvidos a venderem caro as suas vidas. Trancaram a porta principal do pateo do collegio, e uma pilha de couros de egoa (que lhe servia tambem de municio) os protegia por dentro. Teve o general portuguez de mandar retirar a tropa aos postos donde sahira, emquanto o intrepido ajudante Manoel José de Mello com vinte soldados destemidos, procurava incendiar a porta principal da igreja. No dia dois foi repellida e destroçada a cavallaria inimiga commandada pelo general Aranda que vinha soccorrer os sitiados. As forças que se reuniam em S. Carlos, deviam ir fazer juncção debaixo do commando do general Aranda, no ponto combinado com os mais chefes e Artigas para ir surprender a divisão do general Curado no Rincão das Galinhas; mas o ataque inesperado de S. Carlos pelo general Chagas frustrou essa combinação). No dia tres verificou o assalto ao collegio e a igreja. Emquanto uns derribavam o portão do collegio a golpes de machado, outros avançavam e trepavam por uma estreita brecha do muro da quinta aos telhados, ou com escadas feitas com as camas das casas, estendendo a sua linha por cima das cumieiras do edificio, desprezando as balas inimigas que varando as telhas, os vinham ferir, lançavam fogo ao zimborio da igreja, e ao telhado mesmo do collegio, emquanto faziam tambem vivo fogo contra os sitiados que lhes estavam em frente debaixo de uma varanda do pateo.

Um forte vento ateou depressa o incendio que devorava tudo, passando mil perigos os proprios que d'elle foram auctores. Algumas brazas cahiram dentro da igreja, onde havia provisões de polvora; pegou o fogo n'esta, que estalando deu um estrondo horroroso, abalando todo o edificio, matando os mais proximos, queimando a uns, e ferindo a-

outros. Vendo-se Andrezito e sua gente prestes a serem queimados ou esmagados pelos páos que cahiam do telhado, pelas portas que os machados e canhões acabavam de abrir; fizeram uma sahida desesperada e conseguiram romper a linha portugueza, formada em quadrado na praça, onde muitos foram feridos de morte. Rodeados do fogo e do inimigo os outros capitularam. Trezentas pessoas de ambos os sexos morreram n'este ataque, maltratadas ou queimadas. Trezentos e vinte tres homens entre elles a tenente-coronel Serapio Rodrigues que commandava debaixo das ordens de Aranda ficaram prisioneiros, assim como duzentas e noventa mulheres e crianças. Os prisioneiros foram dirigidos a S. Borja, e no dia 29 de Março o general Chagas mandou destruir tudo o que ficava do povo de S. Carlos. No dia 7 de Abril do mesmo anno 1818 a divisão do general portuguez, foi fazer a mesma operação no povo de Apostolos aonde se tinha refugiado algumas familias; e seguiu para S. Borja pelo passo de S. Lucas, onde deu sepultura ao corpo do valente majór Camillo Machado, que tinha succumbido ao ferimento de duas ballas. Alguns dos extraviados se retiraram então para S. Xavier que se achava ainda em estado soffrivel, e donde inquietavam os portuguezes e sobretudo os paraguayos em suas Missões d'este lado do Paraná. Os paraguayos vieram queimar S. Xavier, e não se tendo effectuado inteiramente a queima da primeira vez, ao fim de dois annos vieram queimar todo o povo, não deixando ninguem n'elle á sua retirada.

Andrezito Artigas que se tinha escapado com suas melhores tropas de S. Carlos, onde mostraram intrepidez e bravura, tanto portuguezes como castelhanos, não se acobardou por este desastre. Os indios guaranis, cada vez mais furiosos contra os portuguezes, se lhe tinham inteiramente adherido. D. José Artigas, ajudado do entre-riano Ramires, tinham reunido bom numero de tropas em Entre Rios, e Corrientes

e tinha combinado de reunirem as suas forças nas faldas da serra de S. Xavier (n'esta provincia) para tentar um golpe de mão sobre Santa Maria da Boca do Monte, Caxoeira, Rio Pardo e Porto Alegre. Mas fosse qual fosse o motivo, ou que pela difficuldade das communicações Artigas estivesse mal instruido do que fazia Andrezito, ou Andrezito do que fazia Artigas, este retardou as suas marchas, ou mudou de parecer. Andrezito porém seguindo este plano no mez de Março de 1819, com mil seiscentos ou dois mil homens sem ser presentido, passa precipitadamente o Uruguay na cachoeira de S. Isidoro e se apodera do povo portuguez de S. Nicoláo, onde encontra abundantes munições de guerra e alguma artilheria. A noticia da invasão e da tomada de S. Nicoláo, em S. Borja, onde se achava o general e o grosso da tropa e a mór parte da cavallaria guarani, causou tanto maior surpreza, quanto não era esperada por ninguem, nem mesmo pelo general Chagas. Immediatamente mandou seguir os corpos de que podia dispôr, deu parte da invasão ao conde da Figueira, então governador e capitão general da capitania, e avisou ao coronel José de Abreu, commandante da fronteira de Alegrete, organizou sua divisão e sem perder tempo seguiu para S. Nicoláo, onde chegou de tarde no dia 9 de Maio de 1819. Os indios se tinham entrincheirado na praça, e encerrados nas casas não davam signal da sua presença. Debalde se bombardeou, se fez arrebentar granadas reaes para dentro da praça, e varrer com bala rasa e metralha os bamburraes que encobriam os edificios, tudo era silencio, não parecia haver alli pessoa vivente. O general portuguez suspeitando algum ardil de guerra, demorou o ataque, mas impaciente a tropa, sobretudo a infantaria guiada pelo intrepido tenente-coronel Arouche, se deu o signal do ataque. Apenas a infantaria se embrenhou na espessura e bamburraes, o inimigo descarregou sobre ella um chuveiro de ballas e me-

tralha, e um vivíssimo fogo de mosquetaria succedeu ao silencio precedente, cahindo morto nos primeiros tiros o animoso tenente-coronel Arouche. O general Chagas avaliando prudentemente o risco da sua tropa e o funesto resultado da acção se ella se decidisse por Andrezito, mandou tocar a retirada. A infantaria que se achava no maior calor do combate e senhora da trincheira, sempre debaixo de um vivo fogo, se retirou para se reunir á divisão, que não quiz retrogradar sem se apoderar como o fez do cadaver do tenente coronel Arouche. Logo que a divisão portugueza começou a sua retirada, os indios deixando as suas trincheiras carregaram sobre a cavallaria da retaguarda até a distancia de uma milha, onde o general mandou fazer alto, e descarregar sobre elles a artilheria, sem que perseguissem mais. O general Chagas se retirou á estancia da Palmeira entre os rios Piratinim e Camacuã, para esperar os esforços que tinha pedido ao conde da Figueira e ao coronel Abreu, fazendo no entanto observar os movimentos de Andrezito.

Entretanto Andrezito Artigas ensoberbecido por seu triumpho de S. Nicoláo, deixou n'esse povo seiscentos homens decididos, e com o resto da sua gente avançou pelo territorio das Missões portuguezas na direcção da serra de S. Xavier, procurando de certo fazer juncção com D. José Artigas, que elle suppunha ter penetrado no territorio portuguez. Porém não tendo obtido noticias de seu pai adoptivo e não podendo verificar o plano combinado, regressava elle para S. Nicoláo, quando foi surpreso em Junho, querendo passar o rio Camacuã em Itacuruvi (actual segundo districto do municipio de S. Borja) pelo coronel Abreu, que logo que teve o aviso do general Chagas, marchou com oitocentos homens de Alegrete procurando o inimigo que fugiu em debandada. Entretanto o capitão general conde da Figueira, não menos activo que o coronel Abreu, marchou para Missões com as forças que

podéra reunir em Porto Alegre e Rio Pardo, e tendo feito juncção com Chagas em um passo occulto do Piratinim, tres leguas acima do passo geral, (passo de Santa Maria) foi occupar a missão abandonada de S. Luiz, onde esperou alguns dias noticias de Abreu e de Andrezito, contra a opinião do general Chagas que desejava sem perder tempo marchar e cahir sobre S. Nicoláo: prevendo como aconteceu que da demora se aproveitaria o inimigo estacionado para se retirar. Sabendo porém o capitão general da derrota de Andrezito, marchou para S. Nicoláo aonde chegou no mesmo dia em que o inimigo o evacuára, acompanhando os destroços de Artiguinhas e repassando o Uruguay. No passo de S. Lucas, no Uruguay, o sargento Joaquim Antônio S. Thiago, ajudado do soldado João Bicudo, aprisionaram na sua passagem pelo Uruguay ao general D. André Artigas ou André Tacuari, conhecido pelos nomes de Andrezito e de Artiguinha, que se tinha escapado da refroga de Itacuruvi. Andrezito foi enviado ao Rio de Janeiro onde foi posto em prisão. Ahi poucos mezes depois morreu este general que foi o caudilho que teve mais influencia sobre os indios.

ARTIGO II.

Principaes acontecimentos nas Missões jesuiticas entre Uruguay e Paraguay desde a prisão e morte de Andrezito Artigas até nossos dias.

Apesar do desastre do general Andrezito Artigas, e do seu desapparecimento de Missões, o general D. José Artigas, que acabava de passar dois annos, em Entre-Rios e Corrientes e que por persuasão ou por temor havia reunido bastantes soldados, julgou que podia ainda lutar vantajosamente com os portuguezes que eram senhores da Banda Oriental desde a

batalha de Catalã. Porém José Artigas foi por elles completamente batido em Tacuarembó em 22 de Janeiro de 1822, e por cumulo de desgraça para elle, um de seus tenentes D. Fructuoso Rivera se tornou contra elle e o perseguiu até os passos do Uruguay. Refugiado em Entre-Rios com um pequeno numero de soldados que tinham ficado fieis á sua fortuna, José Artigas ahi experimentou a mesma sorte, pois um outro tenente seu Ramires, se levantou contra elle e o bateu com oitocentos soldados.

Ficaram unicamente a Artigas seus fieis indios com os quaes se refugiou ás Missões destruidas da margem direita do Uruguay. Mas o paiz era deserto e sem recursos de qualidade alguma. Resolveu-se então a implorar a hospitalidade do Paraguay. Com mil indios que lhe ficavam apresentou-se em frente da missão paraguaya d'Itapúa sobre a margem esquerda do Paraná, e mandou pedir ao dictador Francia um asylo para si e para sua tropa.

Francia não era amigo de Artigas porque seu tenente Andrezito não tinha tido mais consideração para as cinco Missões do Paraná, dependentes do Paraguay, do que para com as que dependiam de Buenos-Ayres.

Ahi, com ou sem vontade dos indios e do governo paraguayo, Andrezito havia recrutado soldados. O que fez determinar Francia, como já temos dito, a mandar evacuar e queimar os ditos cinco povos, protestando o direito do Paraguay sobre todo o territorio das Missões, pois que no tempo da emancipação da Hespanha D. Bernardo Vellasco era governador do Paraguay e das Missões. Além d'isso, Artigas tinha imposto enormes direitos ás embarcações que despachadas na Assumpção passavam em frente da cidade de Corrientes. Taes eram as relações de Francia e de Artigas quando este pedia hospitalidade áquelle.

Francia ordenou que se deixassem entrar os fugitivos, mas

que só passasse um certo numero de cada vez no rio Paraná, e que se lhes tirasse as armas com cautela. Artigas passou primeiro, e poucos foram os indios que o quizeram acompanhar. Estes acostumados á pilhagem e a indisciplina foram logo apanhados e fuzilados, na primeira desordem que praticaram. Artigas levado a Assumpção não póde obter uma entrevista do dictador, que o mandou para Curuguaty, povo a oitenta leguas N. O. da capital, e lhe assignou o soldo mensal de trinta e dois pesos. Artigas tinha então 61 annos, e na tranquillidade do retiro se mostrou trabalhador e humano, cultivando suas chacaras, foi o pai dos pobres do seu districto e edificou a todos por sua excellente conducta. O successor de Francia, D. Carlos A. Lopes, deu fim ao desterro de Artigas permittindo-lhe residir na Assumpção. E em uma chacara de seus arrebaldes viveu elle até 1850, época em que morreu na idada de 90 annos. Ultimamente se mandou trasladar os restos d'este celebre caudilho para Montevidéo, onde vive parte da sua familia. Na capital da republica Oriental se lhe fizeram pomposissimas exequias e se lhe levantou um monumento.

As familias guaranis que sobreviveram, os indios, resto do exercito de Andrezito Artigas, assim como muitos indios da gente de D. José Artigas que recusaram passar o Paraná e acompanhal-o ao Paraguay, foram augmentar as povoações do Brasil, de Corrientes e de Entre-Rios. Alguns indios guaranis sem embargo ficaram no territorio d'essas Missões; porém cansados de serem os instrumentos dos caudilhos se declararam independentes e formaram tres grupos. Em 1817 alguns indios dos cinco povos paranaenses que não tinham querido seguir a Andrezito, nem obedecer a Francia, passando para o Paraguay tinham-se refugiado no mato, mas durante trinta e cinco annos não se ouviu fallar d'elles. Carahipy, indio de S. Thomé, se pôz á testa de um dos tres grupos que acabo

de fallar, occupou a serra acima do povo de S. Xavier. Cabañas, indio zambo de Corpus, estabeleceu o segundo grupo perto da capella de Caacarahy (montanha benta) pouco distante dos povos arruinados do Paraná. Emfim o indio Ramoncito collocou seu grupo sobre as costas orientaes da Laguna Ibera. Estes grupos voltaram quasi á vida selvagem, vivendo de caça, de pesca e do gado que podiam roubar aos brasileiros e correntinos. Assim viveram até 1826, época da guerra de Buenos-Ayres e de Montevidéo contra o Brasil. Alguns missioneiros refugiados tinham formado mui pouco tempo antes o povozinho de S. Roquito sobre a margem direita do Mirinay em um departamento correntino. O congresso que se havia reunido em Buenos-Ayres no tempo da presidencia de Rivadavia, tentou com estes fracos elementos fazer reviver a provincia de Missões, a cujo territorio o Paraguay e Corrientes pretendiam ter direitos. Ainda se nomearam deputados, porém não havia ninguem nos povos destruidos e os Cabildos verdadeiros proprietarios do paiz tinham desapparecido. O coronel Aguirre que residia em S. Roquito como commandante do territorio usou de toda a sua influencia para induzir os tres chefes dos grupos para se reunirem ao exercito nacional argentino para brigar contra os brasileiros successores dos portuguezes seus eternos inimigos. Carahipy e Ramoncito consentiram e com sua gente se reuniram ao exercito nacional argentino. Cabañas recusou, mas sua gente se dispersou e se misturou com as povoações mais proximas.

Quanto aos indios que se tinham retirado ao mato, aconteceu em 1851 que uns paraguayos remontando o rio Paraná acima do porto de Jesus para os hervaes de Tapuru-Pucu, avistaram nos galhos do pequeno rio Pira-Pitayn creaturas humanas. Como os paraguayos e indios fallavam guarani, lhes foi facil entenderem-se. Os indios de Pira-Pitayn eram indios refugiados dos cinco povos paranaenses que como temos dito,

em 1817 não querendo seguir a Andrezito nem ir ao Paraguay haviam remontado cincoenta leguas o rio Paraná, levando alguns viveres, sementes e utensilios de ferro, e haviam desembarcado nas matas do Pira-Pitayn, pequeno rio que desce da cordilheira do Paraguay e desemboca no Paraná, dez leguas abaixo da foz do Iguassú. Celebraram uma alliança com uma tribu selvagem visinha de Guayanas. Sem nenhum animal domestico, limitados a agricultura mais primitiva, estes refugiados principiaram a viver mui quietos; seguindo com muita exactidão as praticas religiosas que tinham aprendido nas Missões, como o baptismo, o matrimonio, as orações é a celebração do domingo. Um indio velho que sabia ler, antigo secretario do Cabildo de Corpus. foi director d'esta sociedade. Um cacique estava encarregado das funcções militares. Os guayanos adoptaram uma parte de suas praticas religiosas.

Desde 1851 se tem estabelecido algumas relações entre esta colonia e o resto do Paraguay. Estes indios levam herva ao porto de Jesus e a trocam. O governo paraguayo fez abrir uma picada para os pôr em relação mais directa com os povos de Jesus e da Trindade. O cacique actual, Carlos, foi nomeado commandante militar. O total das tribus reunidas sóbe a trezentas familias.

Assim pois em 1826 as quinze Missões, outr'ora tão florecentes, com habitações bellas e elegantes, com templos sumptuosos, estavam completamente arruinadas e destruidas. Itapejú (Santos Reis), Vera Cruz, S. Thomé, S. Carlos, Santos Apostolos, S. Francisco Xavier, Santa Maria Maior, Conceição e Santos Martyres do Japão, afóra algumas capellas. Nove povos tinham sido saqueados, queimados e arrasados pelos portuguezes. O povo do S. José fôra saqueado pelos portuguezes e queimado pelos indios de Andrezito. Os povos da Candelaria, Sant'Anna, Lorêto, Santo Ignacio Mini e Corpus. na costa do Paraná, foram tambem saqueados e abando-

nados, e depois queimados e arrasados pelos paraguayos ou pelos mesmos indios, e não havia mais n'elles, um habitante d'estes numerosos indios que dez annos antes n'elles viviam. O territorio mesmo todo d'estas missões, tinha sido por elles evacuado como acima referimos.

Depois da quéda do D. José Artigas e de seu successor Ramires, que no mesmo anno 1822 succumbiu em uma guerra contra Santa Fé, o dictador Francia quiz segurar o territorio das ditas Missões e ter como sua chave em suas mãos. Por isso quinze leguas á Oeste de Itapûa sobre a margem esquerda do rio Paraná, escolheu um lugar nomeado antigamente Tronqueira de S. Miguel e que elle fez chamar Tronqueira de Loreto, onde a lingua da terra que separa o rio Paraná da Laguna Ibera é mais estreita. Ahi ao longo do pequeno salto do Paraná, entre a costa e a grande ilha Apipé, havia uns potreiros com vallos cavados no tempo dos padres da companhia. O dictador aproveitou estes trabalhos e fez abrir um canal mais comprido e mais fundo para poder em caso de necessidade fazer communicar as aguas do rio com as da Laguna. Fechou a altura com uma cerca de taquaras grossas deixando unicamente no meio um portão cuidadosamente guardado por uma guarnição numerosa. Com estes trabalhos a communicação das Missões com o norte da provincia de Corrientes ficou inteiramente interceptada, e Francia adquiriu toda a acção possivel sobre estas Missões onde não consentiu que se formasse estabelecimento algum. Além da Tronqueira de Loreto, o dictador em frente de Itapûa, mas sobre a margem opposta do rio Paraná, fez construir com o nome de Trincheira dos Paraguayos, um grande circulo de pedra de seis palmos de alto e de seis mil palmos de circumferencia, cujas extremidades se apoiam sobre o rio. Para esta construcção se empregaram os materiaes dos cinco povos paranaenses arruinados.

O povo de Itapûa recebeu uma forte guarnição, e uma guarda avançada foi collocada sobre as ruinas da Candelaria. Com estas precauções o Paraguay ficou realmente dono de todo o territorio até o Aguapey. Por ahi fez suas transacções commerciaes com o Brasil emquanto a politica do dictador Rosas lhe cerrava as vias mais commodas dos rios Paraguay e Paraná. Itapûa veio a ser um centro commercial de bastante importancia, pois quasi toda a importação para o Paraguay de paiz estrangeiro se fazia de S. Borja e do Hormiguero, pequeno povo que se tinha fundado na beira occidental do Uruguay, bem em frente do passo de S. Borja.

Desde 1840 até 1849, o transito por esta parte de Missões foi bastante activo, o que animou não só a fundação do povo de Hormiguero, como a creação de um outro povo na mesma margem occidental do Uruguay, oito leguas abaixo do extincto povo de Iapejú. Foi em 1843 que se fundou o povo, hoje villa de La Restauracion, em frente da villa de Uruguayana da qual é unicamente separada pelo rio Uruguay que terá ahi como oito mil palmos de largura.

Com este commercio o antigo povo da Cruz reanimou-se um pouco, e cresceu alguma cousa o numero de seus habitantes. Este commercio bastante activo influiu muito para que varios habitantes correntinos, brasileiros e estrangeiros formassem alguns estabelecimentos de criação de gado vaccum e cavallar entre os rios Aguapey e Uruguay, cujo territorio principiava a se povoar de novo, porém repentinamente em 1849, aproveitando algumas difficuldades que tinha com o governo provincial de Corrientes, o actual presidente do Paraguay D. Carlos A. Lopes, mandou as guarnições de Itapûa e da Trincheira ao mando do seu filho o general Francisco S. Lopes sobre estas planicies que fizeram uma *razzia* geral, queimaram o Hormiguero, levaram o gado das estancias e os estancieiros, e tudo ficou outra vez deserto, como o tinha sido antes.

Durante o ultimo semestre de 1850 disseram-me que tinha chegado ao lugar onde tinha sido situado o Hormiguero uma força correntina que ia restabelecer o povo. Mandei indagar do facto e fui informado que um official correntino D. Filippe Jará que tinha emigrado com sua familia para este lado do Uruguay fôra sózinho n'uma pequena canôa ao lugar das ruinas do Hormiguero para ver se n'ellas se poderia estabelecer outra vez, e que elle era o commandante, o inferior de todas as praças da fantastica força que tinha chegado de Corrientes. Quando o exercito brasileiro, alliado com os generaes Urquiza e Garçon, foi em sua expedição contra Oribes e Rosas, varios desertores dos batalhões de tropa de linha e dos corpos de guarda nacional d'esta fronteira de S. Borja ganharam o territorio da margem direita do Uruguay que estava completamente deserto e principiaram a levantar alguns ranchinhos nas costas do Uruguay. Alguns desertores correntinos vieram augmentar o numero dos desertores brasileiros.

Em 1852 tive curiosidade de ir visitar as ruinas do Hormiguero e n'elle encontrei estabelecido D. Filippe Jará com sua familia em um rancho de pouco mais de quinze palmos de cada face e que não era fechado pela frente de Este.

Depois da queda de Rosas, foi nomeado governador da provincia de Corrientes o illustrado Dr. D. João Pujol, ao qual varios correntinos e brasileiros pediram licença de se estabelecer nos campos entre Aguapey e Uruguay, cujas petições foram benevolamente attendidas por este illustrado governador, que não tardou em nomear commandante e juiz de paz para o departamento de S. Thomé, que se foi povoando de dia em dia durante as duas creadoras e esclarecidas governanças do Sr. Dr. Pujol, e que continua em prosperidade sob o paternal governo actual do Sr. Dr. Rolon, que já decretou a fundação do povo de S. Martin perto de Iapejús, onde nasceu este distincto general, e que fomenta o augmento do povo do

40

Hormiguero, que principiou a se reedificar sob a administração do Sr. Dr. Pujol, e que situado n'um lugar humido, pantanoso e alagadiço, se trata actualmente de mudar para o antigo e delicioso lugar onde estava o povo jesuitico de S. Thomé. Apesar do que, depois da abertura dos rios Paraguay e Paraná o commercio do Paraguay se faz quasi todo por elles, sem embargo se faz sempre algum por via da villa de La Encarnacion (Itapûa), e alguns negociantes de S. Thomé, lá vão buscar sobre tudo tabaco e mais alguns generos que compram a dinheiro ou á troco de animaes. Quasi todos os campos do departamento de S. Thomé, estão na actualidade cedidos em emphyteusis a particulares pelo illustrado governo de Corrientes, e povoados principalmente por brasileiros. Os campos do departamento de S. Xavier principiam a sel-o. O mesmo departamento de S. Xavier offerece uma brilhante perspectiva de prosperidade para o futuro por estar situado na bocca dos unicos hervaes da confederação, d'onde se extrahe hervas, havendo já n'elle duas fabricas em grande escala, e por causa da grande abundancia de madeiras de todas as qualidades nas costas de um rio tão magnifico como o Uruguay.

CAPITULO XIX.

Principaes acontecimentos das Missões jesuiticas ao norte do Paraná desde que o Paraguay se emancipou da Hespanha até nossos dias.

As Missões jesuiticas no Paraguay, sitas ao norte do rio Paraná, tiveram melhor sorte do que as do sul d'este rio e das visinhas do Uruguay. Estes estabelecimentos duraram até 1848 quasi com o mesmo regimen adoptado pelos hespanhóes desde a expulsão dos jesuitas. Porém se no dito anno de 1848

foram dissolvidas estas communidades, ao menos não se espalhou nem dissolveu a povoação indigena que vivia n'ellas, e se deixaram subsistir seus povos com seus collegios e igrejas.

Em 1810, depois de terem batido ao general Belgrano que tinha ido invadir o seu paiz, os paraguayos, principalmente os creoulos, formaram um congresso em 1811 no qual depozeram o governador hespanhol D. Bernardo Vellasco, e nomearam em seu lugar uma junta que devia governar em nome de Fernando VII, mas que logo proclamou a independencia do Paraguay. A junta composta de um presidente, de dois vogaes e de um secretario com voto deliberativo (este foi o Dr. D. Gaspar Rodrigues de Francia) principiou a governar o paiz por si.

Até 1814, a luta entre os diversos partidos, foi animada porém não sanguinolenta. N'aquelle anno o Dr. Francia teve a habilidade de supplantar seus competidores e fazer-se nomear dictador por tres annos, e em 1817 dictador supremo e perpetuo. D'esde 1811 e sobretudo desde o principio da dictadura de Francia, o Paraguay recusou misturar-se nos acontecimentos do Rio da Prata. Desde a mesma época entrou elle em uma isolação e uma escravidão de que não sahiu ainda apesar das modificações que o successor de Francia, o actual presidente D. Carlos Antonio Lopes, fez apparentemente na administração d'aquella republica.

O territorio das Missões jesuiticas do Paraguay, como já tive occasião de dizer, comprehende todo o paiz entre os rios Paraná e Tebicuari, rio que descendo da cordilheira interior e recebendo varios affluentes vai depois de um curso de cento e vinte leguas desaguar no rio Paraguay. Este territorio formava a quarta parte de toda a provincia do Paraguay, e n'elle existiam os povos de Jesus, Itapûa, Trindade e S. Cosme sobre o Paraná, e S. Thiago, Santo Ignacio Guaçú, Santa Rosa, Santa Maria de Fé entre este rio e o Tebicuari. Os outros tres povos jesuiticos de S. Joaquim, S. Estanislão e Belem ficavam

mais ao norte, fóra da provincia de Missões, e faziam parte do Paraguay propriamente dito.

Durante a dictadura de Francia continuou o regimen antigo n'estas Missões jesuiticas e em outras Missões não jesuiticas, sitas ao norte do rio Tebicuari, estando abandonadas aos administradores que se enriqueciam quanto podiam á custa do estado e dos indios; mas em 1823 Francia se fez prestar uma conta circumstanciada das propriedades de cada povoação. Ao mesmo tempo restringiu os poderes dos administradores, e lhes prohibiu de comprar e vender sem sua licença. Desde então fez trabalhar os indios por conta do governo, já na fabrica de algodão para vestir as tropas, já na construcção de casas e no córte de madeiras de construcção ou em outras obras publicas. Um cura encarregado do espiritual se achava em cada povo, e quasi sempre n'elle envelhecia; porque o dictador gostava muito da inamobilidade. Um mordomo nomeado por elle, fazia executar os trabalhos aos indios, que eram mais ou menos felizes, segundo o bom ou máo caracter do mordomo. O auctor do Ensaio Historico sobre a revolução do Paraguay impressa em Pariz em 1828, diz: a condição dos indios guaranis, que ainda existem nas Missões é peor que a dos escravos. Estes indios se bem que no tempo dos jesuitas estavam no mesmo estado de escravidão e de ignorancia em que se acham hoje; estavam ao menos vestidos e bem nutridos; e nos dias de festa, que eram sem numero, os divertiam com procissões, bailes e musica. Por esta fórma sabiam aquelles padres fazer-lhes olvidar o estado de dependencia em que os tinham, e tiravam partido do seu trabalho para aliviar a sua sorte. Porém desde a expulsão dos jesuitas, os administradores que lhes tem succedido, não só cooperaram para o saque das povoações e abusaram do trabalho dos indios, como aggravaram sua condição deixando-os na maior miseria.

Assim se conservaram as Missões jesuiticas do Paraguay até

a morte do dictador Francia em 1840. Ainda depois do fallecimento d'elle não houve mudança n'ellas até 1848. Então o actual presidente do Paraguay D. Carlos Antonio Lopes houve por bem dissolver as communidades de indios e collocar seus habitantes sob o regimen geral. Assim foi que as onze Missões jesuiticas, de que acima fallei, e dez de estabelecimentos não jesuiticos, ao todo vinte e um povos, foram solemnemente declarados livres e assemelhados ao resto dos habitantes do Paraguay. Mas, diz Mr. Martin de Moussy, em sua Memoria Historica sobre a decadencia e ruina das Missões jesuiticas que traduzimos no trecho seguinte: « mas ao mesmo tempo o es-
« tado se fez dono do territorio inteiro das Missões, das cha-
« caras, das casas, dos templos, e sobretudo das estancias
« que continham um numero consideravel de gado. O se-
« questro d'este immenso gado era na realidade o verdadeiro
« motivo d'esta medida intitulada liberal e a qual se elogiou
« de mais. Na verdade não era senão uma espoliação; porque
« em troca d'este gado, d'estas terras, d'estas casas edificadas
« por seus antepassados que é que se dava a esses indios? Al-
« gumas vaccas leiteiras e alguns bois de trabalho, empresta-
« vam-se-lhes instrumentos de lavoura e sementes, e se lhes
« alugava um pedaço de terreno; o unico favor que se lhes
« fazia era a isenção do dizimo durante oito annos. Além
« d'isso os indios ficavam aptos para o serviço militar mui ri-
« goroso em um paiz onde desde mais de quarenta e cinco
« annos não se tem dado um tiro de espingarda, e sujeitos a
« prestar os auxilios de toda natureza que pesam sobre os
« paraguayos a cada momento. Sua condição veio a ser
« muito peor do que antes, porque então tinham casa, ali-
« mento e vestuario em troca do trabalho que faziam em
« communidade, em quanto hoje abandonados a si mesmos
« tem cahido na mais profunda miseria. Com effeito, medio-
« cremente intelligentes e pouco laboriosos, desde que lhes

« faltou a direcção a que estavam acostumados, só souberam
« levantar miseraveis ranchos de palha no meio da chacara-
« zinha, mal cercada, onde cultivam o milho, a mandioca,
« as aboboras, o tabaco, como os demais paraguayos, porém
« com menos affeição ainda que estes. E' verdade que nos
« povos de indios se deixou um mordomo que exerce o em-
« prego de juiz de paz, mas este funccionario occupado de
« seus proprios negocios, e não tendo sobre os indios senão
« uma auctoridade incompleta, pouco se importa do que elles
« fazem, comtanto que estejam sempre promptos a cumprir
« com as tarefas, e a prestar os auxilios que lhes impõe a
« administração como á todos os outros cidadãos. E' preciso
« não occultal-o, hoje o Paraguay é uma immensa Missão,
« cujos mordomos são o Sr. Lopes e seus filhos, com a diffe-
« rença que os socios não são nem sustentados, nem vestidos,
« nem tem parte alguma no beneficio geral. »

Segundo mesmo Dr. Martim de Moussy que em 1856 visitou as Missões Jesuiticas, a população das Missões Jesuiticas do Paraguay, se achava n'aquelle anno reduzida a terça parte do que contavam sessenta annos antes quando as visitou Azara, como se póde ver pelo quadro seguinte que levantou o mesmo auctor, incluindo n'elle a população dos cinco povos paraguayos da margem esquerda do Paraná de cuja destruição já fallámos.

População em 1796.		*População aproximativa em 1856.*
Belém	361	Esta população foi mandada por Francia para os povos Jesuiticos da margem direita do Paraná. Só não foram os indios que fugiram e foram fundar a colonia do Pira-Pitayu que tem: almas ... 400
Corpus	2:267	
S. Ignacio Mini	806	
Loreto	1:519	
Sant'Anna	1:430	

Candelaria	1:514	Em 1856	300
Jesus	1:185	»	400
Trindade	1:017	No povo do Carmen	800
Itapúa	1:409		900
S. Cosme	1:036		800
Santiago	1:097		500
S. Ignacio Guassú	864		200
Santa Rosa	1:283		400
Santa Maria de Fé	1:144	perto de	1000
S. Estanisláu	729		
S. Joaquim	854		
Total em 1796	18:515	Em 1856	5:800

Esta população é com pouca differença a mesma em 1861, mas pelo quadro acima se vê que a população puramente india tem diminuido duas terças partes em sessenta annos nas Missões Jesuiticas do Paraguay, não por perseguições nem por guerra, mas naturalmente nos mesmos lugares; porque é necessario saber que o indio como o paraguayo, não tem faculdade de mudar de departamento sem uma licença especial do chefe do estado, e que esta licença se pede poucas vezes e se concede ainda menos. Esta diminuição em consequencia provém da direcção e do regimen a que a população guarani foi submettida. E hoje que ella se acha abandonada a si mesma, se vai tornando mais notavel esta diminuição, sem duvida por causa do máu regimen alimentario que dimana da preguiça e do descuido dos indios. Em compensação o numero dos mestiços tem crescido consideravelmente e formam uma grande parte da população paraguaya. Os mesmos povos jesuiticos estão agora quasi povoados por elles e por moradores brancos que alugam as casas do estado e estabelecem suas chacaras nas

vizinhanças, pagando ao fisco unico proprietario actual um aluguel aliás modico.

A paz de que tem gozado o Paraguay tem pois contribuido para conservar a mór parte das Missões Jesuiticas situadas ao Norte do rio Paraná com suas igrejas, seus collegios e suas casas. No tempo da comunidade os mordomos estavam incumbidos de mantêl-as e de compôl-as. Desde sua abolição o estado se incumbiu d'esta tarefa e a desempenha convenientemente. Como o diremos logo, todos os edificios em geral se concertam e se mantém habitaveis. No Paraguay unicamente se encontram as Missões Jesuiticas, pouco mais ou menos com o mesmo aspecto que tinham a noventa e tres annos quando foram expulsos os seus fundadores; sómente ahi se podem ver templos que dão uma idéa da architectura, da decoração interna, da riqueza d'estes edificios na epocha da sua prosperidade.

Poucas regiões ha no mundo mais proprias para a mansão dos homens como aquellas em que os jesuitas tinham fundado sua republica do Paraguay, e que sejam capazes de conter e sustentar com abundancia mais habitantes quando a civilisação, a industria, o commercio e a colonização tiverem penetrado sobre as margens superiores do Paraná e do Uruguay.

CAPITULO XX

Historia dos povos da margem direita do Rio Paraná.

ARTIGO I

Itapúa.

Itá-pùa que quer dizer *Pedra em pé* ou *levantada*, era o nome de um grande cacique que governava varias tribus de

indios sobre a margem direita do rio Paraná; e d'elle provavelmente tirou seu nome o povo de Itapûa, hoje villa de la *Encarnacion*. Pelo anno de 1614 os padres jesuitas Claudio Aquaviva e João Vasco fundaram uma reducção chamada de N. Senhora do Carmo, de que trata o manuscripto guarany em seu art. 7.°, como temos visto, da qual nada pude encontrar nos escriptos antigos e modernos, e era precisamente situada nas paragens onde foi estabelecido o povo de Itapûa n'um lugar pouco distante da sua posição actual. E' certo que o padre Roque Gonsalves da Cruz fundou em o dito anno 1614, o povo de Itapûa, onde recebeu a visita do seu cunhado o governador Sáavedra, que os guaranis desconfiados quizeram matar, e o qual o padre Roque salvou fazendo frente aos indios com a cruz, e fazendo sahir Sáavedra para não passar a noite no povo.

No anno 1624 foram-se reunir aos indios christãos d'Itapûa os restos da colonia da Natividade que os jesuitas tinham estabelecido na serra dos Tapes e que foi destruida pelos portuguezes; assim como em 1637, se lhes fôram aggregar 360 indios, restos da colonia de Santa Theresa de Igay ou Yacuy que fôra tambem arruinada pelos portuguezes. Em 1703 o povo d'Itapûa transladou-se do lugar da sua fundação, para o que occupa actualmente. Está situada em uma collina sobre a margem direita do Paraná a tres quartos de legua d'este rio. Tem uma vista magnifica sobretudo do lado do rio Paraná, que parece um lago semeado de ilhotes e rodeado de ondulações pittorescas e que vai-se perder ao longe no horizonte. Itapûa foi um povo florescente no tempo dos jesuitas que d'elle extrahiram indios para fundar o povo de Jesus. Foi tambem cabeça de um departamento no tempo da dominação hespanhóla depois da expulsão dos padres da Companhia. Francia fez d'elle uma praça de guerra e de commercio. Continúa a ser hoje

a praça de guerra que fecha a entrada do Paraguay pelo Su-Este, mas seu commercio desappareceu quasi completamente depois da abertura do rio Paraguay ao commercio estrangeiro. Muitas das casas antigas d'Itapûa tem desapparecido, e as que ficam sendo proprios nacionaes são alugadas em proveito do governo Paraguayo. O collegio está bem conservado e serve de quartel. O cabildo contém a alfandega e uma sala para bailes populares que dá algumas vezes a auctoridade militar. Este edificio está bem reparado. O templo (50) que era formosissimo foi desmanchado a uns doze annos em consequencia da parte que deu ao governo um commandante pouco intelligente, que vendo abaixar-se um pouco as fortes e bem torneadas columnas que sustentavam o telhado na frente do edificio, por indisposição com o encarregado dos reparos, informou ao governo que julgava que tudo ia cahir, quando nada era mais facil do que recompôl-as como se fez em casos identicos em outros povos do Paraguay, onde os templos ainda existem lindos e seguros. Os fieis repartiram entre si as imagens e estatuas e o altar foi collocado em uma pequena capella insufficiente para a povoação, e que até hoje serve de matriz ao povo de Itapûa ou villa de la Encarnacion. (51) Os arrabaldes d'esta villa são lindissimos e contém varias chacaras e plantações de laranjeiras e outras arvores fructiferas, que se achariam em melhor estado se não fosse tudo propriedade nacional, e se os cidadãos as possuissem e cultivassem como suas. O terreno é excellente para agricultura; mas posto que bem regado não é proprio para criação de gado, por não serem bastante salgados os pastos. Produz o arroz, a canna para fazer assucar, o milho, a mandioca, etc., e sobretudo o tabaco; e a gente trabalharia se podesse encontrar sahida para seus productos (52). Como durante a dictadura de Francia, Itapûa e Nhiembucú eram os unicos pontos abertos ao commercio estrangeiro, Itapûa fazia

um commercio soffrivel com S. Borja, e se tinha tornado bastante florescente, mas em consequencia da interrupção quasi completa do seu commercio de transito com a villa brasileira desde a abertura do rio Paraguay, Itapúa tem ficado um povo pobre e sem recursos. Todavia como n'estes ultimos annos tem-se povoado de novo o territorio do departamento de S. Thomé entre Uruguay e Paraná, parece que os habitantes da villa da Encarnacion, principiam de novo a exportar alguns productos, especialmente tabaco para S. Thomé; mas são tão diminutas estas exportações que não remediam as necessidades dos seus habitantes. Os habitantes d'Itapúa são unicamente brancos e mestiços. Em 1848 os guaranis que habitavam no povo d'Itapúa foram transferidos ao povinho do *Carmen* que se formou unicamente para elles á sete leguas d'Itaqui sobre a estrada que vai á capital e que era uma capella dos jesuitas chamada *Tupurañ*, que quer dizer filho de Deus.

O *Carmen* é uma especie de grande fazenda administrada como as estancias de Missões. N'elle sómente é bem edificado o alojamento do mordomo. As outras casas são ranchos miseraveis. No meio da praça ha uma capellinha que se trata de substituir por uma igreja mais propria. O terreno assignalado para estes indios é fertil, e seu clima salubre, mas suas chacaras e seus ranchos são mal attendidos e todos parecem estar mui pobres; mas apesar d'isso elles não parecem sentir o ter sahido d'Itapúa. Ha no Carmem excellente terra para louça que alimenta uma pequena industria de talhas, jarros, pratos, fogareiros, etc., etc. Alli fabricam tambem tijollos e telhas de excellente qualidade; o que não deixa de ser util aos indios. O numero de habitantes do dito povinho do Carmen e da villa da Encarnacion é de oitocentas almas.

ARTIGO II.

Trindade.

Uma colonia de indios da missão jesuitica de S. Carlos foi fundar o povo da Trindade no anno 1706, e principiaram a edificar as casas no lugar em que actualmente se acha o povo em 1712. Trindade está situada a sete leguas N. E. d'Itapûa. As casas d'este povo são pouco a pouco abandonadas dos indios, que fazem ranchos nos arrabaldes que são cheios de arvores de congonha e de laranjeiras formando matos. A igreja está em bom estado, mas não tem nada de mais notavel do que a sua torre que é bastante elevada e que tem sinos que foram fundidos em Apostolos. O terreno produz os mesmos fructos que Itapûa. Ahi se semeia um pouco de trigo, mas em geral a agricultura é mui descuidada. Os unicos brancos que habitam este povo são o mordomo e sua familia. O resto da povoação que é de perto de quatrocentas almas é composta de indios e de alguns mestiços.

ARTIGO III.

Jesus.

Este povo que é filial do de Itapûa foi fundado pelos jesuitas em 1685, sobre as margens do rio Monday, perto da sua fóz no Paraná. Em seguida se mudou sobre o arroio Ibaroty não longe do Monday. E continuando suas mudanças sobre as margens do Mandizoby e depois do Capivary chegou a se estabelecer definitivamente no lugar que hoje occupa a tres leguas N. N. O. do povo da Trindade, e á cinco leguas do rio Paraná. Este povo está situado na beira dos matos virgens que se estendem indefinidamente ao Norte

entre a cordilheira e o rio Paraná. As suas casas abandonadas aos indios que gostam mais de ranchos mui baixos aonde vivem, principiam a cahir em ruinas. O governo fez reparar o collegio que é bastante lindo. A igreja se acha em um estado regular. Os jesuitas tinham principiado a construcção de um novo templo mui grande a um quarto de legua de Jesus, cujos trabalhos foram suspensos á sua sahida. As paredes espessas e solidas estão em pé, mas muitas arvores crescem em seu recinto e não tardarão a pôr abaixo esta grande construcção. Um bom caminho conduz de Jesus a um porto do Paraná, onde ha alguns ranchos habitados por indios guayamazes meio selvagens. O porto de Corpus está meia legua acima sobre a margem opposta do rio. D'estes pontos ha alguma communicação com os guaranis de Pira Puytayn. Em Jesus unicamente o mordomo e sua familia são brancos, os indios em numero de trezentos formam o resto da povoação que planta algum trigo e algumas outras plantas como em Trindade e Itapùa, encontrando-se muitas laranjeiras e pés de congonha para o fabrico da herva mate nos seus arrabaldes.

ARTIGO IV.

S. Cosme.

Retrocedendo de Jesus á Trindade e Itapùa e seguindo a costa do Paraná para Oeste, se encontra S. Cosme edificado sobre uma alta collina a um quarto de legua do rio. O jesuita Formoso em 24 de Janeiro de 1634 estabeleceu o povo de S. Cosme sobre a serra dos Tapes á Leste do Uruguay, porém receioso dos portuguezes transferiu-o em 1638 para um lugar entre o povo actual da Candelaria e o rio Aguapey. Passou em seguida para a margem septentrional do Paraná, d'onde regressou para se encorporar á

Candelaria, da qual se separou em 1718 para estabelecer-se uma legua á Leste d'este povo. Emfim, em 1740 o dito povo passou ao norte do Paraná e se estabeleceu tres quartos de legua ao norte do povo actual que principiou á se construir em 1760. A sua situação é sobre uma alta collina a um quarto de legua do rio Paraná. A igreja que nada tem de extraordinario se acha em bom estado, assim como o collegio. A povoação que se eleva a novecentos individuos é quasi exclusivamente composta de indios que vivem de agricultura como os de Carmen. Cultivam principalmente a canna de assucar que produz com abundancia, além do mellaço que serve para a distillação, se fabríca em S. Cosme um assucar amarello bastante grosso, que é o unico que se fabríca no Paraguay, pois o summo da canna todo se consome quasi geralmente nos mesmos lugares da sua producção ou em confeitaria, ou em fazer aguardente.

ARTIGO V.

Santiago.

Um caminho que costeia o grande banhado de Nhembucú mui parecido a Laguna Ibera, conduz de S. Cosme á Santiago que se acha situado a N. O. do primeiro. Em 1592, Dom João Cabalero Bazan com sua companhia d'hespanhóes fundou as colonias de Tarey, Bambay e Caaguazú na provincia de Itahy a L. do rio Paraguay, e encarregou sua direcção ao padre secular D. Hernando Cueva. Em 1632 se entregou a direcção da colonia de Caaguazú aos jesuitas, á qual trocaram o nome pelo de S. Ignacio. Os portuguezes atacaram este povo em 1649 e lhe roubaram muitos indios; os que ficaram se refugiaram nas costas do Piray no paiz chamado Aguaranamby. Ao fim de sete annos

regressaram elles para S. Ignacio; mas em 1661 tendo os indios Mbayá arruinado Santa Maria de Fé, os indios que escaparam vieram se reunir ao povo de S. Ignacio, e todos se refugiaram em um mato doze leguas á E. do rio Paraguay. Finalmente, em 1672 os jesuitas estando sempre com medo dos Mbayá, fizeram collocar estas duas colonias sobre as margens do Paraná onde se acham actualmente. Porém como na vizinhança já existia o povo de S. Ignacio-Guaçú e na margem esquerda do Paraná e de S. Ignacio-Mini, para não confundir entre si tantos povos com a invocação de S. Ignacio, deram aquelle que tinha sido fundado com o nome de Caaguazú o appellido de Santiago. Esta Missão tem bastantes mestiços e brancos que com os indios elevam sua população ao numero de oitocentas almas. No territorio de S. Thiago os pastos são bons para criação de gado, e n'elle se encontram algumas estancias, mas a mór parte dos habitantes se occupam de agricultura. A igreja e o collegio d'este povo são bem cuidados, o que não acontece com as casas que estão cahindo como nos outros povos.

Dizem que na terra vermelha de que é formado o terreno de Santiago se tem encontrado signaes de vermelhão e de mercurio vivo, e que o governo não se tem importado d'este descobrimento, se bem que lhe enviassem amostras.

ARTIGO VI.

Santo Ignacio-Guaçú ou Maior.

De Santiago vai-se directamente á S. Ignacio-Guaçú que é a N. O. d'aquelle povo, porém dirigindo-se directamente d'Itapúa e do Carmen sobre o grupo de S. Ignacio-Guaçú, Santa Rosa e Santa Maria de Fé, se atravessam vastas planicies semeadas de capões de altas e frondosas arvores, e regadas pelos arroios

Aguapehí e Carumiay, que na estação chuvosa sahem de seus diques e inundam vastos espaços Estas planicies são unicamente destinadas á criação de gado, e n'ellas se observa frequentemente o phenomeno do *mirage*. Este caminho que se dirige á S. Ignacio-Guaçú é realmente delicioso. Vai serpenteando atravéz de valles cheios de sombra e de frescura, cortados por arroios de aguas clarissimas. Transita-se por collinas cobertas de palmeiras e em cujos declives ha bastantes chacarinhas e terrenos cultivados. E' difficil encontrar um paiz mais agradavel e mais attractivo. S. Ignacio-Guaçú é o mais antigo dos estabelecimentos jesuiticos no Paraguay. No manuscripto guarani vimos tratar da sua fundação que foi feita em 1609 pelo jesuita Marcello de Lorenzana e seus companheiros, devendo accrescentar que elles foram ajudados pelo padre Dom Hernando Cueva. Este povo foi ao principio povoado por um destacamento de indios da colonia hespanhola de Jaguarão, aos quaes brevemente se reuniram os guaranis circumvizinhos reduzidos pelos hespanhóes e pelos padres da companhia.

Dezoito annos depois da sua fundação, S. Ignacio-Guaçú foi transferido para perto do oratorio de S. Angelo, e ao fim de quarenta annos, assentado definitivamente no sitio em que se acha actualmente. Em 1640 sua povoação foi augmentada com trezentos guaranis que foram apanhados na costa do Uruguay e levados para o dito povo, que muitos annos foi a capital da republica jesuitica do Paraguay, e residencia do superior dos jesuitas. S. Iguacio-Guaçú é o melhor conservado de todos os povos jesuiticos posto que seja o mais antigo. Tem ainda tres quadros de casas da antiga Missão. O collegio, a igreja e o cemiterio formam um lado da praça grande, que em cada canto tem uma grande cruz de páo rodeada de palmeiras. O collegio é espaçoso, formoso e perfeitamente conservado. O jardim ou pomár já não existe, e o cemiterio está

mal cuidado. O templo é mui grande, mas não tem tanta decoração interna como o de Santa Rosa. O côro está completamente coberto de imagens, estatuas e esculpturas, e todo o fundo é dourado, sem que seus adornos tenham a profusão e riqueza do de Santa Rosa. O piso da igreja é cheio de sepulturas que signalam quadros de madeira embutidos no chão. Uma enorme lampada de páo lavrado pende da abobada e allumia o côro; ella substituiu a outra que serviu de modêlo, e que era de prata macissa e que foi levada em 1848 para a Assumpção. Este magnifico edificio foi ultimamente restaurado, e se substituiram as columnas arruinadas por esteios quadrados de madeira que descansam sobre cubos de alvenaria, de fórma que actualmente o templo é mui seguro e bem aceado. O tempo destruiu as pinturas do portico que é inteiramente formado de madeiras como em quasi todas as outras Missões. A povoação de Santo Ignacio-Guaçú, entre brancos, mestiços e indios é de quinhentas almas que vivem como os habitantes de Santa Rosa e de Santa Maria de Fé de que vamos tratar.

ARTIGO VII.

Santa Rosa.

Desde a antiga estancia de S. Ramon que dista seis leguas do povo de Santa Rosa de que depende, o terreno fica mais alto e fórma uma série de collinas geralmente montuosas em cujos declives ha casas espalhadas, cujos habitantes se entregam á agricultura. S. Ramon tem ainda um pequeno oratorio e algumas fabricas. Dirigindo-se d'esta estancia para Santa Rosa se passa pelas lindas lagôas de Tambory, e em seguida por lugares pittorescos cobértos de palmeiras abandonados ao gado, e que cobrem ondulações arenosas mas ferteis, e logo se descobre ao longe o povo de

Santa Rosa. Esta Missão foi fundada em 2 de Abril de 1698 pelos jesuitas que para ahi trasladaram uma porção dos indios de Santa Maria de Fé. Santa Rosa está perfeitamente situada sobre uma alegre collina adornada de uma esplendida vegetação. Por suas fraldas um formoso arroio faz correr suas aguas crystallinas sobre um leito de arêas: as arvores que o rodeiam estão cobertas de plantas parazitas que produzem o effeito mais estranho.

A povoação actual de Santa Rosa entre brancos, mestiços e indios que estão em minoria, se eleva ao algarismo de trezentas almas, que vão em augmento e que cultivam principalmente a canna de assucar e o tabaco, e gozam de certo bem-estar. Os indios como nas outras Missões Paraguayas tem ido construir ranchos nos arrebaldes da Reducção antiga. Sem embargo ficam a fileira de casas da praça, o collegio e a igreja que é summamente interessante e curiosa.

O collegio é um grande edificio quadrado que foi concertado em 1857 e que serve de residencia ao mordomo e ao cura. Seu jardim já não existe e as arvores fructiferas se perderam. Entre a igreja e o grande portão do collegio, existe uma torre de pedra quadrada que nunca foi concluida. e que dizem o governo do Paraguay tenciona terminar para collocar n'ella os sinos.

A igreja de Corpus e de Santa Rosa eram as mais esplendidas dos povos jesuiticos, e como foi totalmente arruinada a d'aquelle povo, trataremos com mais alguns pormenores do templo d'este. Este edificio cujas paredes são de grossas pedras de grés collocadas umas sobre outras sem cimento, e cujo telhado e columnas que o sustêm assim como o portico são formados de enormes troços de madeira, tem de comprimento na nave principal duzentos e oitenta palmos.

A vista fica offuscada quando se entra n'aquella igreja pelo

numero e pela riqueza dos ornamentos que enchem o interior do edificio.

O côro de baixo acima está coberto de estatuas de santos. Um S. Miguel colossal derrubando o diabo, corôa a cornija do altar mór. A meia laranja ou zimborio lavrada e pintada de ouro, e pouco tem em seus quatro pendões a estatua de um papa. As doze columnas dobradas que sustém a nave de cada lado tem em seu intercolumnio a estatua de um apostolo, maior do que o natural; e as capellas lateraes não são nem menos ricas nem menos adornadas.

Quatro confessionarios ricamente lavrados e pintados estão collocados entre estas capellas. O baptisterio se acha em uma capella particular ao entrar no templo á esquerda. Ahi se encontra um grupo representando o baptismo de Nosso Senhor. A sacristia na cabeceira do edificio, está igualmente adornada com um altar carregado de esculpturas. Grandes armarios collocados contra as paredes estão trabalhados com o mesmo luxo e o mesmo esmero. Um lavatorio de marmore quebrado e incompleto derrama agua em uma bacia de prata, unico vestigio das antigas riquezas d'este templo. A concha do portico é igualmente esculptada e pintada, mas as pinturas têem desapparecido pela acção do tempo.

Como a uns sessenta palmos á esquerda do templo, está uma pequena fabrica quadrada que encerra uma capella de Nossa Senhora de Loreto.

As antigas pinturas avariadas pela humidade tem sido substituidas por grosseiros debuxos, obra de algum indio, que representam a mysteriosa viagem da casa Nazareth. Mas um bom numero de quadros religiosos de bons mestres, feitos sobre cobre e uma colleção de retratos dos mais celebres jesuitas decoram as paredes d'esta linda capella. Estas pinturas parecem de origem italiana e datar do principio do seculo dezoito. Tenho em meu poder uma d'ellas que me foi

enviada de mimo do Paraguay, a qual representa o mysterio da Encarnação, e que foi feito por Pfeffel, celebre pintor da cidade de Ausburgo.

Em frente da igreja e como á dois mil palmos ao Norte, ha uma grande capella dedicada a Santo Isidro Lavrador, o que está quasi em ruinas e que não encerra senão um altar arruinado, estatuas toscas e pinturas extravagantes. Seu melhor ornamento são as magnificas palmeiras que a rodeiam. os grandes pés de laranjeiras que formam uma alaméda até a praça. Seus arrabaldes formam matas de laranjeiras, goyabeiras, palmeiras, etc.

Todas as antigas riquezas do povo de Santa Rosa foram desapparecendo durante o governo dos vice-reis de Buenos-Ayres, em 1810, durante a dictadura de Francia, e finalmente em 1848 durante a presidencia do Sr. Lopes. Só lhe resta uma bacia de prata na sacristia e candelabros grandes com chapas de prata.

Verdade é que se cuida com esmero de conservar este templo, porém como observa judiciosamente Mr. Martin de Moussy, é preciso confessar que não póde durar muito tempo (assim como todas as construcções jesuiticas), porque como as paredes estão edificadas sem cimento ellas se enchem de fendas, os caibros do telhado apodrecem, as columnas mesmo de paus mais duros apodrecem, e se encolhem com o tempo; de fórma que, segundo o juizo do mesmo auctor, o templo de Santa Rosa não póde durar mais de cincoenta annos, qualquer que seja o cuidado que d'elle se tenha, ao menos que se lhe faça um concerto geral equivalente a uma reconstrucção.

O templo de Santa Rosa com o do povo de Corpus eram a melhor amostra da architectura jesuitica em todas as Missões, se bem que deixassem muito a desejar sobre a arte propriamente dita, porque as estatuas são bastante toscas,

os ornamentos de um gosto nem sempre puro; e as pinturas nem sempre regulares; porém o conjuncto d'estas obras era fascinador, e quando se reflexiona em que paiz, com que meios e a distancia da Europa em que os jesuitas executaram estas maravilhas, o assombro se apodera dos que as consideram.

ARTIGO VIII.

Santa Maria de Fé.

A O. S. O. do povo de Santa Rosa e a tres leguas ao Norte do povo de Santo Ignacio Guaçú se acha a missão de Santa Maria da Fé. Do caminho que vai de um d'estes ultimos povos a outro, se enxerga de uma collina as tres reducções de Santo Ignacio Guaçú, de Santa Rosa e Santa Maria de Fé. Como o temos visto tratando do povo de Santiago em 1592 dom João Cabalero Bazan com sua companhia de hespanhóes fundou as colonias de Tarey e de Bambay, de que foi encarregado o padre doutor Hernando Cueva. O medo que estas colonias crearam dos portuguezes as moveram a se reunirem em 1632, debaixo do nome São Bento. O estabelecimento foi então confiado á direcção dos jesuitas. Estes lhe mudaram o nome e chamaram a reducção Santa Maria de Fé. Este povo ameaçado e arruinado dos mbayás depois de ter-se estabelecido em varios lugares veio finalmente se fixar no lugar que occupa na actualidade, dez leguas ao Sul do rio Tibicuari, limites septentrionaes das Missões jesuiticas. Santa Maria de Fé tem quatrocentos habitantes que são indios. O templo é de um tamanho regular e seu peristilo é adornado de dátiles que causam um effeito singular. Do portico a vista se estende para os cerros visinhos que estão cobertos de lindos matos. O collegio assim como a igreja estão mui limpos e perfeitamente cuidados. O povo se re-

sume á fileira das casas da praça. Ahi tudo respira ordem e socego, e os indios parecem mais alegres que nas outras Missões. Se bem que Santa Maria de Fé esteja em vinte e seis graus de latitude, ahi se cultiva o trigo, cuja colheita é muito desigual. Em 1855 só dava cinco por um e o mordomo queria abandonar esta cultura. O terreno é arenoso porém fertil.

Entre os povos de Santa Maria de Fé e Santa Rosa existiu mais de nove annos prisioneiro do dictador Fráncia, o meu especial amigo o finado naturalista doutor Amado Bompland, preso nos ultimos dias de Dezembro de 1821 pela gente do dictador na margem esquerda do Paraná, onde o grande sabio tratava de estabelecer uma grande fazenda de fabricação de herva-matte no povo de Sant'Anna. A' uma legua do povo de Santa Maria de Fé existiu uns dez annos o illustre companheiro de A. de Humboldt em um lugar chamado — Cerrito — administrando medicamentos aos enfermos do paiz, ensinando-lhes regras de agricultura, plantando hervarios artificiaes e augmentando o numero de suas collecções scientificas, até que por empenho de varias côrtes da Europa e sobretudo pela influencia do gabinete do Rio de Janeiro, o celebre viajante naturalista teve a liberdade de sahir do Paraguay, tendo eu depois tido a fortuna de o encontrar e de ser seu particular amigo na villa de São Borja.

ARTIGO IX

S. Joaquim, S. Estanislau e Belém.

Estes tres povos foram fundados pelos jesuitas poucos annos antes da sua expulsão, para se pôrem em relação com as reducções do Mojos e de Chiquitos fóra da provincia de Missões estabelecidos na provincia propriamente dita do Pa-

raguay. Consta que São Joaquim, de que já fallamos no capitulo novo foi fundado em 1720 sobre a margem do rio Turamá com o nome de Rosario. Quatro annos depois se reuniu com o povo de Santa Maria de Fé, etc., e teve que passar por outras contrariedades até que em 1846 se estabeleceu no lugar que hoje occupa.

Pelo que diz respeito a este povo e ao de São Estanislau fundado pelos jesuitas em 1749, e de Belém fundado pelos mesmos em 1760, nada encontrei nos auctores antigos e modernos, a não ser o que narra Azara em seu capitulo decimo terceiro para o qual envio os leitores, e ao Sr. Martin de Moussy que dá mil habitantes a estes tres povos.

CAPITULO XXI.

HISTORIA DOS POVOS ENTRE OS RIOS PARANA' E URUGUAY.

ARTIGO I.

Corpus.

O povo de Corpus que como os demais povos entre os rios Paraná e Uruguay estão inteiramente destruidos e que com os quatro de que subsequentemente trataremos, pertence actualmente ao governo do Paraguay, se acha como estes quatro collocado na margem esquerda do rio Paraná. E' o povo mais septentrional de todos e distante unicamente um quarto de legua do rio Paraná. Está situado sobre uma pequena altura, seu templo era de immensa riqueza e de duas meias laranjas. Suas paredes ainda existem, porém seu interior está coberto de arbustos e hervas.

Este povo foi fundado pelos jesuitas em 1622 á margem direita do Paraná sobre as costas do arroio Yniumbey, onde

recebeu incremento pela metade da colonia da Natividade que se lhe reuniu. Em 1647 se estabeleceu á distancia de tres leguas do lugar que occupa actualmente. Em 1701 se principiou a edificação do povo que actualmente está inteiramente arruinado e sem habitantes. Consta-me que nos seus arrabaldes se tirou ouro e coral.

ARTIGO II.

Santo Ignacio Miry.

Santo Ignacio Miry está tres leguas do Sul de Corpus e perto do Paraná. Este povo foi primeiramente formado perto do de Loreto na provincia do Guayrá sobre a margem do rio Yabebiry no anno de 1555 pelos hespanhóes. Em 1631 de medo dos paulistas e dos tupys sua povoação fugiu, e em 1659 o dito povo se assentou definitivamente no lugar que ainda hoje occupa. O portico da igreja de Santo Ignacio Miry é construido de marmore não polido que se extrahiu de uma collina visinha. Está na actualidade inteiramente arruinado e sem habitantes. Se bem que este povo com os de Loreto, de Santiago e de Santa Maria de Fé fossem de instituição hespanhóla, sua direcção foi confiada aos jesuitas quasi desde a entrada dos padres da companhia na provincia do Paraguay, e foram sempre governados pelos jesuitas como os que eram de instituição jesuitica.

ARTIGO III.

Loreto.

Tres leguas mais ou menos ao Sul de Santo Ignacio Miry, e a pouca distancia do rio Paraná, se encontram actualmente

as ruinas do florescente antigo povo do Loreto, que fôra fundado em 1555 por Nuflo de Chaves, nas margens do rio Paraná-Pané, na provincia de Guayrá. Os indios seus primeiros povoadores tinham sido distribuidos ao principio em commendas aos hespanhóes d'aquellas paragens. Em 1611 este povo foi restaurado pelos jesuitas como o vemos no manuscripto guarani. Em 1631, os habitantes de Loreto com medo dos portuguezes de São Paulo e dos tupys emigraram para perto de Santo Ignacio Miry; e em 1686 Loreto se estabeleceu definitivamente no lugar, em que hoje vemos suas ruinas. Loreto era edificado em uma linda planicie e nada tinha de notavel. Teve a mesma sorte que os dois ultimos povos de que fallámos. Não ha n'elle hoje um habitante. (53)

Do Loreto para o Norte é mato virgem; gia-se por umas picadas a Santo Ignacio Miry e Corpus. O arroio Iavevuiri entre Loreto e Santo Ignacio impede o transito quando ha chuvas grandes, por ser mui correntoso e haver muitas pedras no terreno em que se acha o passo.

Ao Norte de Corpus, que era uma das habitações mais deliciosas, por não dizer a mais deliciosa de Missões, até o rio Iguassú ou rio grande de Coritiba, e até os rios Santo Antonio e Pepery-Guassú ao N. E. e a Leste, ha serras pouco elevadas cobertas de matas virgens aonde se acham immensos hervaes.

ARTIGO IV.

Sant'Anna.

O povo de Sant'Anna foi fundado pelos jesuitas á Leste do rio Ygay ou Jacuhy em 1633. Porém assustados pelos portuguezes estes colonos emigraram em 1636 para as costas do Paraná, e se estabeleceram n'um lugar pouco distante da sua posição actual, onde se fixaram definitivamente em 1660.

Sant'Anna está a duas leguas do Paraná e duas leguas ao S. de Loreto, sobre uma collina rodeada de dois arroios. Sua posição é excellente e o paiz magnifico. Sant'Anna teve a mesma sorte que os outros povos da margem esquerda do rio Paraná. Está inteiramente deshabitada. Ha bons hervaes em seus arrabaldes. Em 1820, o celebre naturalista D. Amado Bompland foi-se estabelecer nas ruinas de Sant'Anna, e preparou um estabelecimento para fabricação da herva-mate, com os indios que pôde ajuntar dos restos dos exercitos dos generaes Artigas; mas em fins de 1821, os soldados de Francia vieram atacar seu estabelecimento, matando-lhe dois indios, ferindo-lhe varios outros, recebendo elle mesmo uma ferida na cabeça, e foi levado prisioneiro a Itapûa e d'ahi a Santa Maria de Fé, como já temos visto.

Durante esta viagem Monsieur Bompland, se bem que não tivesse feito ou fizesse alguma resistencia, tinha os grilhões nos pés, e olvidando que ia por meio de inimigos, dava remedios e curava os soldados feridos e doentes. Sem embargo quando o dictador soube da maneira porque tinham tratado a Monsieur Bompland, ordenou que lhe tirassem os grilhões e que lhe restituissem todos seus effeitos que tinham podido escapar a pilhagem dos soldados. No *Cerrito* esteve dez annos o grande naturalista, separado de todos os objectos do seu terno affecto, faltando-lhe frequentemente cousas de primeira necessidade, e não tendo outra sociedade senão os empregados do dictador e dos indios, sorte verdadeiramente deploravel para outro qualquer que não tivesse o genio resignado de Monsieur Bompland.

ARTIGO V.

Candelaria.

A Candelaria foi fundada em 1627, perto da nascente do

arroio Pirajú que desagua no rio Piratinim não longe do sitio que occupa presentemente (51) o povo de S. Luiz nas Missões Orientaes do Uruguay.

Fallaremos mais tarde e por extenso d'este estabelecimento. Em 1637 por causa do medo que infundiam os portuguezes aos colonos do novo povo, elles se retiraram para o norte do Paraná e pararam perto d'Itapûa. Em seguida passaram para Leste do Paraná e se situaram perto da fóz do Ygarapé em baixo do lugar que occupa actualmente a Candelaria e onde se fixou definitivamente em 1665. Candelaria que foi muito tempo a capital das Missões depois da expulsão dos jesuitas, está situada seis leguas ao Sul de Sant'Anna e perto do rio Paraná que n'aquelle lugar é bastante estreito, pois terá ahi pouco mais ou menos setecentos metros de largura. Os Paraguayos tem á beira do rio um quartel e como já temos visto uma trincheira com uma guarnição. O commandante d'esta, manda á miudo partidas correr a Campanha em distancia de dez, quinze e vinte leguas para impedir que se formem estabelecimentos n'aquelle territorio de que se chama á posse o governo do Paraguay. Sem isso o paiz se teria tornado a povoar porque o territorio é excellente e mui productivo. O povo está inteiramente destruido.

ARTIGO VI.

S. Carlos.

S. Carlos foi fundado pelos jesuitas em fins de 1631 n'um lugar chamado Caapy ao Oriente do Uruguay. Porém assaltado e arrazado pelos portuguezes, seus restos serviram para formar o povo de S. Carlos, no lugar onde ainda existem suas ruinas, como a umas seis leguas S. O. da Candelaria, nas cabeceiras do rio Aguapey. S. Carlos foi assaltado pelos portuguezes e por elles destruido em 1817, como já narrámos.

Desde aquella época ninguem tem posto o pé em suas ruinas, que estão cobertas por um mato espesso que se avista de longe, e que tem fama de ser infestado de tigres. Nem se quer se anima alguem a ir buscar laranjas, de que dizem, abundar a quinta dos padres. Na vizinhança de S. Carlos ha uma collina de cima da qual se goza uma vista magnifica sobre a pequena serra de Imam que principia á N. E. e se vai reunir á grande serra de Missões. O paiz é realmente encantador: são alturas cobertas de matos com valles mui verdes e alguns declives limpos. Ha pequenos lagos e arroiozinhos que vão reunir-se ao Aguapey, o que tudo junto fórma uma paizagem deliciosa; mas falta a presença do homem, não se vê por ali senão veados e abestruzes. Os matos são povoados de bugios e de porcos silvestres. Os lagos são cobertos de patos e de aves aquaticas.

ARTIGO VII.

S. José.

S. José foi fundado pelos jesuitas em 1638 n'um lugar chamado Ytaquatiá perto das montanhas dos tapes no territorio portuguez. Com medo d'estes fugiram seus habitantes e foram estabelecer-se entre Corpus e Santo Ignacio-Miry. Por fim em 1660 fixaram-se definitivamente no lugar que occupa hoje S. José duas leguas á Leste de S. Carlos. Estes dois povos com Apostolos e Martyres formam um grupo em uma altura plana um pouco quebrada, mui montuosa e cortada por varios arroios, no lugar em que termina a grande serra de Missões que costeia o Uruguay, e que é continuação da cordilheira que atravessa o Brasil do Norte ao Sul. Em S. José não ha senão ruinas informes de que pouco proveito se póde tirar.

Sem embargo, quando as laranjas estão maduras de vez em quando se vai ahi procurar d'essas fructas.

ARTIGO VIII.

Apostolos.

As cinco leguas ao S. do povo de S. José se encontra o povo de Apostolos, que dista tambem cinco do povo da Conceição situado a Leste.

Foi este povo de Apostolos fundado pelos jesuitas na serra dos tapes em 1632, debaixo do nome de Natividade de que já fallámos. Em 1637, perseguidos pelos portuguezes seus habitantes se refugiaram ao lugar onde se acha actualmente o povo de Apostolos, e tomaram este nome. Apostolos está collocado sobre uma elevação que se avista ao longe e d'onde se enxerga o fim da serra geral como a legua e meia ao N. E.

Este povo era um dos mais bem edificados e povoados, e as columnas de suas varandas eram em geral de grossas pedras lavradas de uma só peça. Existem ainda em pé pedaços de parede, porém sem telhado. Penetra-se no povo por uma senda aberta que conduz até a praça que tem ainda algum terreno limpo; mas são tantas as arvores e arbustos que a cobrem, que pela mesma senda tem que regressar o visitante, não podendo romper o mato por outra parte. Na frente da igreja sobre a praça se encontram algumas estatuas de santos feitas de pedra e mutiladas.

Torna-se notavel uma de dimensão extraordinaria que jaz no chão sem pernas nem braços, faltando-lhe a parte anterior da cabeça. Havia no tempo dos jesuitas uma alameda de arvores chamadas Ibaró, cujas fructas podiam servir de sabão ás indias, e que ia desde a praça de Apostolos até a fonte do mesmo povo. Esta fonte era coroada de uma cruz de pedra

bem lavrada de dez palmos de altura. Por baixo do seu pedestal sete bicas lançavam agua crystallina em um pequeno tanque rodeado e soalhado com pedras de cantaria, e do mesmo tanque a agua corria para um maior que lhe era adjacente de fórma redonda e tambem rodeado e soalhado com pedras da mesma especie. Ainda existem dentro do mato estes tanques e esta cruz, se bem que em máo estado. A agua está coberta de espuma e taquaras do reino cobrem as suas beiras.

Não ha caminho que leve a essa fonte. O local de Apostolos fórma um bosque de immensas laranjeiras que se encontram dentro da igreja como tambem dentro das casas.

Ha laranjas de um tamanho extraordinario. Ahi vimos um espectaculo que nos cortou o coração. Carreteiros da vizinhança ou que vem de longe, costumam em tempo proprio ir carregar laranjas que são excellentes no povo de Apostolos, mas com preguiça de treparem nas laranjeiras, que são mui altas para apanhar as fructas, estes novos vandalos tem tomado o expediente de as cortarem para apanhar laranjas. Vimos quadrados de trezentos á quatrocentos palmos de cada face onde se tinha cortado uma infinidade de laranjeiras para esse fim. O general Carriega era natural d'este povo.

Alguns dizem que tambem n'elle nasceu o general Alvear, mas a mór parte pretendem que era oriundo do povo de S. Miguel.

ARTIGO IX.

Martyres.

Em 1630 os jesuitas fundaram no territorio denominado Ybiticaray a colonia de Jesus Maria, e em 1633 as de S. Christovam e do S. Joaquim perto das de S. Pedro, de S. Paulo e

de S. Carlos de Caapi nas montanhas de Capé. Porém tendo sido destruidas em 1638 pelos portuguezes, o que ficou d'aquellas colonias formaram o povo de Martyres, perto de Santa Maria Maior e da Conceição. Em 1704, ella occupou o lugar onde se acha presentemente á tres leguas N. O. do povo da Conceição e á tres S. O. de Santa Maria Maior com os quaes fórma um triangulo á angulos quasi iguaes. O povo de Martyres está edificado nas montanhas da Serra e por causa da difficuldade do transito e do pouco numero dos visinhos, ninguem chega a elle que está inteiramente destruido e deserto.

ARTIGO X.

Santa Maria Maior.

Santa Maria Maior com S. Francisco Xavier e Conceição formavam um grupo perto do rio Uruguay, do qual este rio distava uma legua e onde havia um ponto e um passo pelo qual seus habitantes se communicavam com o povo de S. Nicolau edificado á tres leguas do mesmo rio na sua banda Oriental.

Em 1633 a colonia de Santa Maria Maior que se tinha ao principio estabelecido em outra parte, com medo dos portuguezes veio-se fundar nas vizinhanças de Martyres, e posteriormente no lugar que hoje occupa. Santa Maria Maior está situada em uma altura nas fraldas da qual serpenteam uns galhos do arroio Santa Maria que á pouca distancia vai desaguar no Uruguay. O templo d'aquelle povo era mais pequeno que o de varios outros, mas seu frontespicio que ainda hoje está quasi todo em pé, parecia trabalhado com mais esmero. N'elle se vêem ainda hoje umas enormes columnas de pedra bem torneadas; e está ainda ornado com seis estatuas de

santos collocados em cornijas na parede da frente. Os ladrilhos do soalho eram polygonos de oito faces. Como o de Apostolos o sitio de Santa Maria é um mato de laranjeiras. A pouca distancia ha um cerro alto de cujo cume se divisa um magnifico panorama. Santa Maria Maior tinha grandes estancias sobre a costa do Paraná até a tronqueira de S. Miguel (hoje de Loreto) que separava as Missões Jesuiticas do territorio hespanhól. Ellas estendiam desde o Paraná até a Laguna Ibera. A pouca distancia ao N. de Santa Maria principia a serra e o mato virgem.

ARTIGO XI.

S. Francisco Xavier.

Posto que distante unicamente tres leguas para Leste de Santa Maria Maior, S. Xavier é separado d'aquelle povo pelos arroios Itacaruaré, Taquará, Porteira, Monjolo e Molino mui correntosos e que no tempo de grandes chuvas tornam o caminho intransitavel. S. Francisco Xavier foi fundado pelos jesuitas em 1629 da maneira que já temos visto, e sobre o arroio Itahy, um tanto ao norte da sua posição actual.

O povo de S. Xavier está situado n'uma elevação que dista um quarto de legua do Uruguay, e seu porto no mesmo rio dista mais de meia legua, e a elle se vai por um declive de terra meio arenosa e povoada de capões onde se encontram alguns pés de Congonha para fabricação de herva-mate.

O dito porto é um passo por onde ha communicação com os brasileiros que em uma duzia de ranchos habitam as fraldas do famoso Cerro Pellado, e onde o Sr. tenente coronel Nobrega, commandante da expedição das *Vaccas Brancas*, demarcou ha dois annos uma colonia militar por ordem do governo brasileiro. Poucas posições temos visto mais agradaveis e mais

pitorescas. O local de S. Xavier é actualmente um denso mato onde se encontram grande numero de laranjeiras. Do antigo povo (55) que era um dos mais bem construidos, apenas existem uns pedaços de paredes, columnas de pedra quasi todas traçadas e um lavatorio de pedra na sacristia.

Nos arrabaldes do povo existem alguns moradores que fizeram tristes ranchos, occupando-se de um pouco de agricultura e da fabricação da herva-mate. No tempo dos jesuitas, os indios se dedicavam á mesma occupação que lhes rendia sufficientemente para seu sustento e para supprir suas necessidades.

S. Xavier tinha estabelecido uma estancia á Leste do Uruguay e ao norte do Juhy nos campos do *Cerro Pellado*, mas a crueldade dos infieis d'estas paragens, obrigaram a abandonar. A alguma distancia para o norte se acha um grande cerro chamado *Cerro do Monge* aonde se refugiou em fins de 1852, o celebre monge italiano das Aguas Santas de Santa Maria da Bocca do Monte. Este monge ahi mandou levantar uma cruz de madeira e o vulgo diz que ao cavoucar-se no chão para fazer buraco para enterrar a cruz, se encontraram pedrinhas de ouro. Este cerro tem sido e é a romaria de alguns visinhos que ahi tem concorrido; mesmo de S. Borja algumas pessoas ahi tem ido com o fim de obter allivio em algumas enfermidades. Não é raro ver-se fazer promessas na vizinhança dos antigos povos, á cruz do *Cerro do Monge* para ganhar a aposta das carreiras, etc., etc.

Nas idéas progressistas do Monsieur Bompland, S. Xavier era excellente para estabelecer uma fazenda modelo de fabricação de herva-mate, cujas idéas foram propaladas pelos jornaes argentinos e orientaes e mesmo de Porto-Alegre. Este grande estabelecimento devia assegurar ás hervas correntinas sua superioridade sobre as hervas paraguayas e brasileiras. Porém se o governo correntino pouco ou nada fez

n'este sentido; um cidadão argentino suppriu em parte este deleixo: D. Manoel Toledo estabeleceu uma fabrica de herva-mate em grande escala entre Santa Maria-Maior e S. Xavier.

Chega a fabricar annualmente de quatro a cinco mil arrobas de herva, que tem a preferencia sobre a herva brasileira nos mercados argentinos. O cidadão Manoel Borges posto que em escala um pouco menor fez a mesma cousa nas margens do arroio Santa Maria. Os fabricantes de herva na serra de S. Xavier já abriram nos sertões da serra uma picada de vinte e tantas leguas e chegaram perto do Salto-grande do Uruguay.

Por sua parte os paraguayos desde alguns annos, exploram a mesma serra á Leste de Sant'Anna e da Candelaria, e quasi fizeram juncção com a gente de Toledo e de Borges.

Só faltam braços n'aquelles povos para agricultura, para fabricação da herva, e para explorar e desfructar as immensas e preciosas madeiras das margens do Uruguay, dos arroios e dos matos virgens da extensissima serra de Missões. N'este anno o engenheiro allemão Francisco Rayo propôz ao governo de Corrientes o estabelecimento de uma colonia de correntinos no territorio do dito povo, de cuja direcção offereceu elle se encarregar. Oxalá se realise este plano civilizador e humanitario.

ARTIGO XII.

Conceição.

O povo da Conceição teve os mesmos principios que o de Santa Maria-Maior ao norte do rio Iguassú no anno de 1620. Em 1633 veio se estabelecer nas margens occidentaes do Uruguay no lugar onde se vêm hoje suas ruinas. (56) A Conceição é situada sobre uma eminencia que tem a serra

geral a duas leguas N. N. Oeste, o rio Uruguay duas leguas á Este, Santa Maria-Maior perto de cinco leguas ao norte, e o povo de Apostolos a cinco leguas á Oeste. Este povo acha-se destruido como os demais, e substituido por um mato de laranjeiras, palmeiras e outras arvores. Nas vizinhanças ha uma especie de ponte do tempo dos jesuitas que serve para passar uns banhados ao Oeste do mesmo povo. Os habitantes da Conceição se occupavam de agricultura, e tinham suas estancias entre a lagôa Ibera e o Aguapehy, as melhores que até hoje existem n'estas paragens, pois que do caminho que segue de S. Thomé para Itapûa as melhores estancias são as que estão ao lado esquerdo do caminho, e as do lado direito são muito inferiores Ao norte da Conceição ha o rio Capivary ou Pecegueiro que sepra seu territorio do de Santa Maria, e á O. o da Concerção que o separa do de Apostolos. Era corregedor do povo da Conceição o bravo Nicolau Languirú, que os jesuitas intitularam Nicolau I, rei do Paraguay, e que a testa de dois mil e quinhentos indios pereceu em 10 de Fevereiro de 1756 nas collinas de Caybaté, quando queria embargar o passo aos exercitos portuguezes e hespanhóes alliados.

ARTIGO XIII.

S. Thomé.

Segundo Azara S. Thomé foi fundado na margem oriental do rio Uruguay, junto do pequeno arroio Tebicacuay, perto do Ubicuy. Nós já temos visto por extenso a fundação d'este povo, por tanto não nos animamos a decidir esta questão. Em 1639 este povo se estabeleceu no lugar que occupa hoje. S. Thomé se acha em uma elevação, quinze leguas ao sul do povo da Conceição á meia legua do rio Uruguay, e á

duas leguas norte do povo de S. Borja pouco ao sul do arroio Icacuá. Este povo por sua construcção e pela sua posição era um dos mais importantes das Missões jesuiticas. Foi n'elle que o jesuita Dom Christovam Altamirano residiu, quando nas guerras de 1751 veio da Europa, para persuadir á seus collegas de entregarem as Missões Orientaes do Uruguay aos portuguezes, e d'onde fugiu com medo dos indios. Foi n'elle que se reuniram muitos jesuitas na sua expulsão, para d'ahi seguirem para Buenos-Ayres. Quando em 1817 o general Chagas foi destruir este povo, a igreja parecia perfeitamente nova; d'ella só subsiste actualmente a parede da cabeceira do templo, formada de grandes pedaços de pedra arenosa. Uma parte das paredes lateraes existe tambem. Uma porção de enredadeiras n'este como nos povos de que fallámos acima e que cobrem as paredes, tem formado d'estas ruinas um aspecto estranho. As paredes do collegio tambem existem em parte e são feitas de pedra lavrada. Alguns traços lavrados que se encontram no chão, indicam que o edificio era construido com algum esmero. A praça do antigo povo é em geral limpa e serve de cemiterio aos moradores dos arrabaldes e do Formigueiro. O chão d'este povo, como dos de Iapejú, da Cruz, de Apostolos, de S. Luiz, de S. Lourenço, etc., etc., tem sido cavoucado em muitas partes para descobrir pretendidos thesouros escondidos pelos jesuitas á sua sahida. Nao consta officialmente que se encontrasse cousa alguma, porém a voz publica tem feito encontrar thesouros em varios povos como em Santa Maria-Maior, etc. Sem embargo estas excavações em S. Thomé tem feito encontrar vestigios de mercurio. Seria para desejar que se tivessem feito as mesmas excavações do lado do rio Uruguay, onde dizem, com ou sem razão, que os jesuitas exploraram uma mina de ouro. Trata-se actualmente de restaurar o mesmo povo de S. Thomé, e julgamos que esta

transferencia do Hormigueiro para S. Thomé que pelo presente não offerece vantagens, será para o futuro muito vantajosa para os habitantes do mesmo povo. S. Thomé tinha suas estancias a Leste do Uruguay entre este rio e o Camacuã.

ARTIGO XIV.

A Cruz.

O povo da Cruz ou de Mbororé foi edificado pelos jesuitas em 1629 na margem e ao occidente do Uruguay e ao confluente do arroio Mbororé n'aquelle rio, como a umas dezoito leguas ao sul de S. Thomé.

Foi ao principio aggregado ao de Iapejú, do qual se separou e se estabeleceu definitivamente no lugar que hoje occupa, pelo anno de 1657. A Cruz está collocada sobre uma collina que fazem distinguir de longe suas altas palmeiras. Sua posição é mui pittoresca. O Uruguay rega os pés d'esta collina emquanto a antiga Missão corôa a parte superior; d'onde a vista se estende até a villa de Itaqui, duas leguas acima da Cruz sobre a margem opposta do rio Uruguay, e d'onde se avistam do lado do Poente os tres cerros, que se levantam como enormes tumulos ou pequenas pyramides na planicie. Do cume dos ditos cerros se divisam ao longe os banhados da Laguna Ibera que se acha á dez leguas O. do povo da Cruz. A mór parte das casas que formavam a praça da Missão existem ainda, porém muitas já não tem telhado. O collegio está arruinado em parte e se vê no chão o arco do portão toscamente esculpido. A parte conservada do edificio hospeda o commandante militar e sua familia. As paredes do jardim ainda existem em pé porém diversos arbustos, trepadeiras, enredadeiras, tem afogado uma parte das laran-

jeira, figueiras, romeiras, etc., que dão fructas excellentes. Em outro tempo os jesuitas tinham alli grandes plantações de parreiras que cultivavam e das quaes faziam um vinho estimado, principalmente no povo da Cruz, se bem que conste que fabricavam algum vinho em outros povos.

Hoje só ha na Cruz algumas parreiras velhas mal cuidadas e que por conseguinte nada produzem. No pateo existe ainda sobre uma columna de grés lavrada, um quadrante solar de 18 pés de altura que tem a era de 1730 com a legenda : *A solis ortu usque ad occasum laudabile nomen Domini*. Seu ponteiro marca ainda as horas, e tem contado os momentos de prosperidade e de infortunio que experimentou successivamente este triste povo. Ao magnifico templo incendiado pelo general Chagas (e devo declarar que alguns soldados pediram ao mesmo general de os dispensar de cumprir a ordem de incendiar o templo e de lhes dar outra commissão). succedeu um humilde rancho de páo a pique, cuja pobreza interna é extraordinaria. Como reliquia se conserva na dita igreja uma bandeira do cabildo do povo da Cruz. Ordinariamente ha um cura no povo da Cruz, que é o unico dos povos jesuiticos entre Uruguay e Paraná que conserva uma pequena povoação de indios, mas quando por circumstancias não ha cura, como tem acontecido n'estes ultimos annos, nos domingos e dias de festa a pequena povoação de indios e de mestiços enchem a igreja; um jóven sacristão guarani celebra o officio da tarde, e uma india velha dirige o côro que acompanham algumas guitarras, uma flauta e algumas violas. O cemiterio perto da igreja está bem cuidado e limpo. Uma alta e magnifica palmeira adorna cada um de seus cantos ; a parede do fundo está coberta de uma espessa fileira de laranjeiras. Varias sepulturas antigas tem ainda sua pedra com uma inscripção em guarani. O povo está cercado de uma alta e espessa muralha de pedra secca,

formando um parallelogrammo de quatrocentos metros de diametro.

Numerosas tunas de diversas classes crescem sobre esta parede e fazem cahir as pedras, que em muitos pontos estão cobertas de plantas cujas flôres deslumbram quando estão florecidas.

A collina de grés colorado sobre que está edificada a Cruz, assim como os tres cerros encerram provavelmente mineraes mercuriaes, pois se tem encontrado algumas vezes mercurio vivo na pequena planicie que está perto do arroio Ytaquy. Em 1856, Monsieur Bompland, por convite do Doutor Pujol, governador de Corrientes, foi explorar os tres cerros para ver se descobria mineral mercurial. Nunca cheguei a saber do resultado d'esta exploração, que julgo não foi bem concluida.

Os estabelecimentos de pastoreio do povo da Cruz eram situados entre os rios Ubicuy e Butuhy á Leste do Uruguay no chamado rincão da Cruz que fórma hoje o primeiro districto do municipio de Itaqui. Estes campos são mui criadores. O departamento da Cruz póde ter hoje duas mil almas que se occupam de pastoreio. Em 1640 um numeroso exercito de brasileiros e de tupys vieram parte por terra de S. Paulo, e parte embarcados no Uruguay para se apoderar do povo da Cruz, chamado tambem Mbororé, e já temos visto que elle foi batido e d'esde aquella época os portuguezes e os tupys não inquietaram mais as Missões da costa do Paraná e do Uruguay.

ARTIGO XV.

Iapejú.

O povo de Iapejú chamado tambem *Santos Reys* pelos jesuitas foi por elles fundado em 1626 (57), sete leguas ao sul

do povo da Cruz na margem mesmo do rio Uruguay sobre um terreno ondulado completamente, livre das inundações ou crescentes do rio e uma legua ao Sul da foz do rio Ubicuy que pela margem esquerda desagua no Uruguay. Era o povo mais meridional de todas as Missões jesuiticas, e depois de Santo Ignacio-Guassú foi a capital das Missões no tempo dos jesuitas. N'ella residia o seu superior no tempo da sua expulsão. Era uma verdadeira cidade, que no tempo da visita de Azara faz 64 annos, ainda tinha 5,500 habitantes. Um mato quasi impenetravel cobre o lugar onde existia Iapejú, e para visital-o é preciso abrir-se caminho com machadinhas ou fouces. Podem-se reconhecer as paredes da igreja do collegio, habitação dos padres e dos armazens. A fileira de casas da praça era abrigada de uma dupla varanda com esteios de páo que descansavam sobre cubos de pedra arenosa vermelha bem lavradas. Alguns d'estes esteios meio queimados estão estendidos no chão, outros se têem ainda em pé. Vive uma duzia de familias n'estas ruinas, e de vez em quando queimam uma porção de mato para plantar milho. Seu machado destruidor não respeita nem as magnificas palmeiras, nem os *samus* (grandes algodoeiros em arvore) plantados pelos padres na praça dos torneios e dos quaes vimos alguns pés nos arrabaldes do povo de S. Thomé. Nos arrabaldes de Iapejú se encontram capões de laranjeiras que dão fructas de excellente qualidade. Como á uma legua do povo, o campo é inteiramente limpo e não se encontram mais arvores. Em frente de Iapejú ha uma formosa ilha no rio Uruguay a qual tem uns cem moradores que n'ella vivem de agricultura, para a qual tem pouca intelligencia.

Iapejú é patria do celebre general S. Martin que se immortalisou por seus altos feitos a pról da independencia das colonias hespanhólas sul americanas. O governo de Corrientes acaba de decretar a restauração do povo de Iapejú sob o

nome de *General S. Martin*, na vizinhança do antigo povo jesuitico. A proximidade que ha d'aquelle sitio á villa da *Restauracion* que se acha sete leguas ao sul, e a villa Uruguayana que está collocada em frente da Restauracion, promettem prompto augmento ao novo povo—*General S. Martin.*

A extremidade sul do territorio das Missões jesuiticas entre os rios Uruguay e Miriñay fórma hoje o departamento correntino da Restauracion. A villa d'este nome que é sua capital, data sómente do anno de 1843, como a villa brasileira de Uruguayana situada em frente e da qual é separada pelo rio Uruguay, que ahi tem dois mil metros de largura. A villa da Restauracion é um ponto mui commercial; é um deposito do commercio de herva-matte e das fazendas que se importam para as Missões occidentaes. Tem prosperado mais ou menos segundo os rigores ou branduras dos inspectores da alfandega da villa Uruguayana; mas sua industria principal consiste na creação de gado, que ás vezes tem exportado para o Brasil. A villa da Restauracion tem mais de mil habitantes entre os quaes se contam muitos estrangeiros.

N'essa villa se acha sepultado o naturalista Amado Bompland, que tendo fallecido em sua estancia de Sant'Anna Velha, sete leguas ao sul d'esta villa; para ella foi conduzido e tão mal embalsamado, que poucos mezes depois se teve de enterrar seus restos.

Em 1679, um insigne capitão portuguez que navegava para entrar no Rio da Prata e ir coadjuvar a Manoel Lobo que fundava a colonia do Sacramento, por ordem de Dom Pedro rei de Portugal, naufragou perto do cabo de Santa Maria e caminhava com vinte e quatro pessoas a pé para ir a Buenos-Ayres, quando foi encontrado por uma expedição exploradora de mais de quatrocentos indios dos povos, que trataram optimamente os naufragos, e os trouxeram, caminhando mais de cem leguas para o povo de Santos Reys ou Iapejú, onde

foram hospedados e regalados, mandando depois o padre Christovão Altamarino, superior de todos os missionarios e que residia em São Thomé, conveniente conducção pelo rio Uruguay até Buenos-Ayres, fazendo-os acompanhar e servir em todo o trajecto por quatrocentos indios das reducções jesuiticas.

Algumas leguas ao sul de Iapejú, os antigos jesuitas e entre elles o padre Francisco Ricardo, flamengo, (que morreu em 1672 cheio de merecimentos, e sendo superior de todos os missionarios) tinham formado na terra dos jarós uma reducção, composta de jarós e de guanaás com o titulo de Santo André Apostolo; cuja fundação custou immensos trabalhos ao venerando e santo padre Francisco Ricardo. Porém n'um dia de grande festividade depois da celebração solemne das vesperas, quando todos pareciam possuidos da maior alegria, os indios se apresentaram a esse padre que os tinha reduzido, dizendo-lhe que estavam resolvidos a abandonar o povo e a entrar de novo na sua vida antiga; e a unica razão que deram por causa da sua resolução foi, que os padres lhes prégavam um Deus immenso que se acha presente em toda a parte, e que vê tudo que se passa, e que elles não queriam uma divindade tão incommoda. Assim se retiraram todos os indios do povo de Santo André, situado á margem direita do Uruguay, poucas leguas ao sul de Iapejú, deixando unicamente n'elle os dois jesuitas que chorando a perda do seu rebanho, tiveram que retirar-se para as outras reducções e procurar empresas mais fructiferas.

CAPITULO XXII.

HISTORIA DOS POVOS JESUITICOS DA MARGEM ORIENTAL DO URUGUAY.

Antes de escrever a historia particular de cada um dos

sete povos jesuiticos brasileiros da margem oriental do Uruguay, como acabamos de o fazer dos povos jesuiticos situados entre o Uruguay e o Paraná, e ao norte d'este ultimo rio, julgo conveniente dizer alguma cousa dos estabelecimentos jesuiticos a leste do rio Uruguay e na provincia do Rio Grande do Sul, que foram abandonados e destruidos pouco tempo depois da sua fundação; dividiremos pois este capitulo em dois artigos. No primeiro trataremos de alguns povos e colonias que os jesuitas fundaram nas Missões orientaes e na provincia do Rio Grande do Sul e dos quaes não se falla mais hoje por terem sido destruidos poucos annos depois da sua fundação; e no segundo trataremos da historia particular de cada um dos povos das sete Missões orientaes do Uruguay.

ARTIGO I.

Povos fundados pelos jesuitas a leste do Uruguay na provincia do Rio Grande do Sul, e que foram logo destruidos.

Parece que os primeiros colonos da provincia do Rio Grande do Sul foram os das colonias de Santa Theresa, do Jacuhy, e da Natividade, fundadas pelos jesuitas nos primeiros annos da sua entrada na provincia do Paraguay. A primeira foi fundada a leste do rio Jacuhy e a segunda sobre a serra dos Tapes.

Santa Theresa do Jacuhy foi logo arruinada pelos portuguezes, e o resto de seus habitantes foram augmentar o nascente povo d'Itapûa, pelo anno de 1614.

A colonia da Natividade se destruiu pela mesma fórma. Em 1622 a metade da sua gente foi augmentar o povo de Corpus, e o resto em 1624 se ajuntou ao povo d'Itapûa.

Em 1632 os jesuitas formaram de novo no mesmo lugar sobre a serra dos Tapes a colonia da Natividade, mas seus

habitantes perseguidos dos portuguezes tiveram que retirar-se, passaram o rio Uruguay e foram fundar em 1637 o povo de Apostolos.

Em 1633 os jesuitas fundaram o povo de São José em Itaquatia, perto da serra dos Tapes. O medo dos portuguezes os fez abandonar esta posição, e seus habitantes tendo tambem passado o Uruguay procuraram um abrigo entre os povos de Corpus e de Santo Ignacio Miry, e fundaram depois o povo de São José entre Uruguay e Paraná.

No mesmo anno 1633, os jesuitas fundaram o povo de Sant'Anna a leste do rio Jacuhy. Mas espantados dos portuguezes, seus habitantes em 1636 emigraram para a costa do rio Paraná onde posteriormente fundaram o povo do mesmo nome.

Em 1634, o jesuita Formoso fundou o povo de São Cosme sobre as montanhas dos Tapes, e o receio que criaram dos portuguezes os fez retirar em 1638, para além do Uruguay, perto da situação actual do povo da Candelaria e perto das cabeceiras do rio Aguapey.

Desde o anno de 1627, os jesuitas tinham estabelecido sobre as nascentes do arroio Pirajù, que deságua no rio Piratinim perto do sitio actual da missão de São Luiz, o povo da Candelaria. Mas o mesmo medo que seus habitantes criaram dos portuguezes os obrigou a emigrar para além do Uruguay e do Paraná. Depois repassaram elles este ultimo rio e fundaram o actual povo da Candelaria.

D'estes povos que os jesuitas fundaram na actual provincia do Rio Grande do Sul e de outros que talvez principiassem, não ha mais vestigios nem quasi lembrança, por isso julguei opportuno consignar os seus nomes n'esta historia; e como não tenho encontrado em nenhuma parte a relação circumstanciada da fundação de nenhum dos povos jesuiticos das Missões orientaes, espero que o leitor me perdoará de trans-

crever aqui a relação do estabelecimento do povo da Candelaria que, como acabamos de dizer, foi ao principio situado sobre as nascentes do rio Pirajú, perto do actual povo de São Luiz. Colho estes pormenores na vida do celebre jesuita Francisco Dias Taño, publicada em 1687 pelo doutor Francisco Xarque, escripta em castelhano.

Os jesuitas já tinham sido rechaçados pelos infieis guañanás que elles queriam converter ao christianismo. Porém sabendo que a peste fazia crueis estragos n'aquella nação selvagem, julgaram a occasião opportuna para tentarem outra vez sua conversão. Estes indios não fallavam a lingua guarani e viviam em guerra com os que fallavam aquella lingua; e eram tão crueis, que havia eminente perigo de morte de procurar entrar nas suas terras. Por isso os jesuitas Antonio Ruiz de Montoya e Francisco Dias Taño, que eram companheiros, com receio de perecerem ambos n'esta expedição, se apartaram. Elles se achavam sobre a margem direita do Paraná; o padre Antonio Ruiz tomou o caminho de Villa Rica e o padre Francisco seguiu pela parte que offerecia mais difficuldades e perigos, pelo lado dos guañanás que estavam sempre com as armas na mão. Pôz-se em jornada com quarenta soldados que eram indios dos mais valentes e mais religiosos, capitaneados por dois caciques principaes, mui conhecidos da nação guañaná pelos encontros e refregas que tinham tido. Caminharam doze dias, procurando o lugar mais accommodado para entrar no territorio dos selvagens. Deram com um numeroso exercito de guañanás, que sabendo por seus espiões de que os companheiros do padre eram poucos, se emboscaram nas espessuras dos matos, para ver com que intento tão pouca gente e com tanta seguridade procurava penetrar no seu territorio.

O padre Francisco Dias Taño fez alto em uma ilha (de certo do Uruguay) bem em frente do campo inimigo; armou

sua tenda, e n'ella celebrou a missa com tanta tranquillidade, pausa, devoção e seguridade, como o poderia ter feito em um dos seus collegios.

Pensando os guañanás que o padre ia para lhes fazer guerra e que não era pacifica sua vinda, o cercaram com tenção de o accommetter ao som dos seus clarins, de seus pifanos e de suas caixas. O padre lhes sahiu ao encontro com santa ousadia, e valorosa intrepidez; e tendo chegado á tiro de fréchas reconheceram os guañanás que a gente do padre não ia como inimigo, e seus soldados deram lugar a que o padre Francisco chegasse ás trincheiras dos selvagens. O padre deu ordem á sua gente de parar e de ficar na expectativa até novo aviso seu. O padre se adiantou sómente com dois companheiros que carregavam cada um uma espingarda, arma mui importante para espantar os tigres, que traidores accommettem particularmente nas noites de chuva e escuras. Um d'estes companheiros, quando o padre como ovelha desarmada se approximava dos lobos crueis, disparou sua espingarda como quem dava uma salva, e o estrondo foi tal e fez tal effeito que como os guañanás nunca tinham ouvido um instrumento semelhante, cahiram por terra, e imaginaram que choviam raios do céo, e quanto mais se approximava o ministro de Deus, tanto mais fugia o esquadrão contrario, julgando que elle os havia de destruir com sua artilheria ruidosa. O padre os tranquillizou com seu semblante quieto e pelas palavras que lhes dirigiu, assegurando-lhes que vinha pacificamente á sua procura, pois que só trazia alguns companheiros; que seu objecto era dar-lhes noticia do verdadeiro Deus, fazendo-os seus queridos filhos, por meio do santo baptismo; e que vinha tambem como medico do corpo, curar os numerosos enfermos que lhe constava haver em suas terras, os quaes morriam sem remedio; e que elle os havia de assistir de dia e de noite com muito amor e caridade. Ao principio não acre-

ditaram ao padre Francisco, receiando os guañanás que elle fosse um espião que os procurava para os levar captivos como o faziam os paulistas e tupys, mas felizmente entre estes infieis, se encontrou um que na ermida de Nossa Senhora de Pequeri havia visto outro padre da companhia de Jesus.

O espirito de Deus moveu este indio á fallar assim a seus companheiros: *Tranquillizai-vos, e não estejaes com sobresalto, nem tenhaes medo porque este homem que vem a nossas terras, ha de ser nosso amparo, nos ha de defender de nossos contrarios, nos ha de curar em nossas enfermidades, e nos dará de comer, pois assim o fez outro que eu vi nas terras dos hespanhóes, mui parecido e semelhante a este pelo habito e por seus ademães.*

O interprete deu parte ao sacerdote da favoravel relação que acabava de fazer o soldado guañaná, do que o padre deu graças a Deus. E sabendo que os indios gostam de presentes, e que dons abrandam as pedras, fez elle immediatamente encher dois cestos de farinha de mandioca e de milho, que enviou agradecido ao indio que tinha fallado como orador christão em favor dos ministros de Deus. Chegou a dadiva em tão boa occasião que os infieis não tinham comido, nem tinham munição para aquelle dia. Porém tendo-o recebido não agradeceram, nem deram signal de o apreciar.

Voltaram as costas e comendo retiraram-se deixando o padre Francisco, que depois de ter consultado com os seus e de terse recommendado á Deus, resolveu seguir atraz d'elles. Alcançou-os antes da noite, foi á seus ranchos e procurou mostrar-lhes familiaridade, se bem que elles estivessem ainda um tanto desconfiados. O padre mandou collocar suas barracas ao abrigo de uma serra, e para experimentar os intentos dos selvagens, fez-lhes entender que tencionava marchar para diante. Porém os indios que por experiencia são meteorologistas, presumindo que havia de chover ou cahir neve n'aquella noite, lhe pediram com benevolencia de ficar com

elles aquella noite, deram-lhe alojamento que o padre recebeu agradecendo, e elle descançou socegado e esperançado.

Em recompensa do bom agasalho que lhe deram, e do bom recebimento que lhe fizeram, o padre repartiu pelos infieis algumas pequenas dadivas de anzóes, canivetes, etc., que os indios receberam promettendo cuidar do padre, seguir seus conselhos, ouvir sua doutrina, e fazer-se seus irmãos de armas.

Bem que infieis, desde então acreditaram na sinceridade das palavras do padre Francisco e no cumprimento de suas promessas.

Desde então iam marchando o pequeno esquadrão do padre e o dos infieis guanãnás, unidos e confederados. Não tardou muito que os alliados avistassem os inimigos. Eram uns infieis mui barbaros e carniceiros que os vinham atacar.

O padre Francisco sabendo por experiencia de quanto lhe poderia valer o ruido dos tiros de espingarda, deu ordem aos seus indios que pelo que podesse succeder, levassem sempre suas duas espingardas com mecha callada e balla em boca. Os guanãnás instaram aos companheiros do padre, para que fizessem uso da sua artilheria para atemorizar os barbaros inimigos. Para lhes dar gosto estes dispararam as duas bocas de fogo que tinham boa carga, e ao ouvirem o écho dos tiros reproduzidos pelas montanhas, os inimigos que estavam á vista, se alterraram, ficaram desmaiados, julgando que o céu cahia em cima d'elles, fugiram e não se atreveram a brigar.

Os infieis alliados do padre Francisco Dias Taño, deram-lhe noticia de um cacique de grande fama chamado Gohe, que tinha em seu povo sua numerosa familia e numerosos vassallos feridos de peste. O zeloso operario partiu logo em sua procura, e caminhando apressadamente, em breves dias chegou ao lugar indicado. Os campos circumvizinhos estavam semeados de corpos mortos, cobertos de chagas e com toda a hediondez que offerece uma terrivel epedimia de bexigas,

quando não se conhece nem se emprega remedio algum para atacar seus desastrosos effeitos. Encontrou no alojamento innumeraveis corpos estendidos no chão sem outro abrigo que o firmamento, sem outro cobertor que a sua pelle: uns todos crivados de bexigas, outros cheios de postemas, uns defuntos, outros moribundos. O espectaculo de tantas dôres comprimiu e dilacerou o coração do ministro de Deus. Os indios engolfados no mar de suas tribulações receberam o ministro de Deus como um anjo do céo, pedindo-lhes em altas vozes de os soccorrer. O padre Francisco, com a presteza que reclamava tão grande necessidade, não descansava dia e noite, administrando remedios, catechizando e baptizando. Serviram-lhe de muito n'estes officios quatro meninos que faziam o officio de sacristães e de enfermeiros, e que sendo elles mesmos atacados da epidemia com grande sentimento do padre Francisco, foram curados repentinamente pelas orações d'este grande servidor de Deus.

N'este ministerio se occupou durante dez mezes o padre Francisco Dias Taño, até que rendido por seu continuo exercicio, seus inauditos trabalhos, e pela falta do preciso alimento, cahiu elle mesmo perigosamente enfermo, e reduzido por causa da falta de mantimentos na convalescença dos indios a tomar para subsistencia, uma fructinha como grãos de uvas chamado ibapurú, e de tão má digestão que lhe aggravava a febre, promovendo-lhe delirios frequentes e accidentes mortaes. Por fim um indio, ou antes a providencia, por intermedio de um indio, lhe proporcinou um hydromel feito de mel de abelhas, que salvou das portas da morte ao santo varão que ficou repentinamente são sem passar pela convalescença.

O primeiro uso que o padre Francisco Dias Taño fez da sua saude, tão maravilhosamente recobrada, foi erigir uma reducção á qual deu o nome de *Candelaria*. Reuniu o numeroso gentio dos contornos, levantou a igreja, formou sua casa a ella

contigua; collocou na testeira da capella-mór curiosamente adornada uma devota imagem de Nossa Senhora, e alli deu principio ao ensino dos mysterios da nossa Santa Fé, que os infieis aprendiam com muito gosto: E tanto foi o seu zelo, apesar de ter de se servir de interprete de catechismo e de vocabulario, pois que a lingua dos guanânás era muito diversa da dos guaranis, que como se os guanânás fossem christãos antigos, não tardou que desde a manhã até a noite a igreja estivesse cheia de ferverosos cathecumenos.

Como narra o Sr. visconde de S. Leopoldo em seus Annaes pag. 33 e seg. que os jesuitas das Missões deram á invocação de S. Pedro ao Rio-Grande, que elles vagavam por suas campanhas a cata dos indios; que uma expedição de portuguezes composta de quarenta homens brancos e de vinte cinco escravos encontrou nas margens do Rio-Grande um lote de quarenta indios das reducções jesuiticas, que tinham sido mandados, pelos seus padres, a escolher sitio para novas reducções.

Os riscos da barra do Rio-Grande e sua encapellada costa sem abrigo e surgidouro, foram sem duvida os obstaculos que retardaram seus estabelecimentos n'estas planicies. E quando elles quizeram mais tarde, os portuguezes da Laguna defenderam o territorio, d'elle se apossaram e n'elle fundaram algumas estancias.

ARTIGO II.

Historia dos sete povos jesuiticos da margem oriental do Uruguay.

§ 1.°

Santo Anjo ou Santo Angelo.

O povo de santo Anjo, o mais septentrional dos sete povos

da margem oriental do Uruguay, foi fundado em 1707 por uma colonia do povo jesuitico da Conceição, e é situado sobre a margem direita do Juhy-Grande (58). Foi tomado e occupado em 1756 pelas tropas portuguezas, que n'elle persistiram dez mezes á espera dos commissarios hespanhóes para continuar a interrompida demarcação de limites. Tendo o tratado de 12 de Fevereiro de 1761 annullado o de 1750 que cedia as Missões orientaes ao rei de Portugal, este com os outros povos continuaram a pertencer á corôa de Hespanha até que foram conquistados em 1801. Nada existe d'este antigo povo jesuitico, nem templo, nem collegio, nem casas. Sem embargo, tendo-se augmentado o numero dos visinhos d'este povo, por onde passa quasi todo o commercio das hervas, foi elevado ha tres annos á categoria de freguezia, que se acha actualmente provida de um parocho. Se bem que esta parochia conte na ultima qualificação mil e vinte dois votantes, o que denota um numero consideravel de moradores, me consta que não passa de meia duzia de casas a povoação reunida da dita parochia. Suas divisas antigas abrangiam o immenso territorio então deserto ao Norte do Juhy e á Leste e Sul do Uruguay, onde hoje se faz uma grande exploração de herva-mate. Com o crescido numero de fabricantes de herva, de carreteiros, de negociantes que se foram estabelecer nos ditos hervaes, e sobretudo na villinha da Palmeira, a assembléa provincial houve por bem criar n'este ultimo lugar uma nova parochia que ainda não foi provida. Haveria possibilidade de abrir uma estrada por terra de S. Anjo ao Uruguay nas proximidades de S. Nicolau, mas talvez seja menos dispendiosa e mais vantajosa a abertura da projectada estrada do herval de Santo Christo, passando pelo Cerro Pellado ao novo porto de S. Xavier em frente do antigo povo d'este nome. Tambem seria possivel estabelecer de S. Anjo navegação pelo Juhy até o Uruguay, apesar da cachoeira de Pirapó (59), que

se acha no Juhy quatro leguas á N. E. do povo de S. Nicolau. A abertura de uma das estradas ou do rio Juhy seria de um incalculavel proveito para os fabricantes de hervas, e para aquelles que quizessem desfructar as ricas e numerosas madeiras de que está coberto quasi todo o territorio ao Norte do Juhy, até o Uruguay á Oeste, e até o mesmo rio ao Norte.

§ 2.°

S. João Baptista.

O povo de S. João está situado á tres leguas S. O. do povo de S. Anjo, como uma legua e meia S. da fóz do Juhyzinho no Juhy-Grande. Foi fundado em 1698 por uma colonia do povo jesuitico de S. Miguel. No tempo da sua florescencia tinha quarenta ruas e era bem povoado. O seu collegio estava edificado sobre uma eminencia natural ou artificial, e para n'elle entrar era preciso subir pelos dois lados por uma rampa. Este povo foi tomado pelos portuguezes em 1756 e por elles conquistado em 1801. Actualmente n'elle se encontram unicamente ruinas que em nada se podem aproveitar.

Seus dois maiores sinos foram enviados em 1831, por ordem superior, pelo capitão Francisco Marques Pereira ao procurador da irmandade do Santissimo Sacramento d'aldêa dos Anjos de Viamão o Sr. José Angelo da Fonseca, e asseguram-me que sua custodia é a que serve actualmente na matriz de S. Borja. Ouço dizer que ha indicios de haver na sua vizinhança terrenos auriferos. Ao menos vi folhas de pão de ouro e de prata ahi fabricado. Em 1824, o governo paternal de Dom Pedro I, mandou estabelecer no povo de S. João uma colonia de allemães que logo se dispersou. Este povo pertence actualmente á freguezia de S. Anjo.

No territorio que abrangia a extincta freguezia do povo de

S. João Baptista existem agora: 1.° A freguezia do Espirito Santo da villa da Cruz Alta, erecta em capella filial de S. João por provisão de 6 do Julho de 1821 (60). Esta villa ou parochia, que tem dois mil novecentos e vinte dois votantes qualificados, é bastante povoada e florescente. 2.° A freguezia da villa do Passo-Fundo que conta setecentos e oitenta e oito votantes e que estando situada na estrada commercial que vai d'esta provincia para as do Paraná, e de S. Paulo muito tem prosperado. 3.° Emfim, a freguezia da Soledade que conterá mil e quarenta e seis votantes qualificados, e que se acha muito aquem dos hervaes de Botucarahy explorados antigamente pelos jesuitas.

Estes dois municipios, da Cruz Alta (comprehendendo as freguezias de S. Martinho, da Villinha e de S. Anjo), e do Passo-Fundo, formam a importante comarca da Cruz Alta.

§ 3.°

S. Miguel.

O povo de S. Miguel foi fundado em 1632 pelo jesuita Christovão de Mendonça (depois martyr, segundo o manuscripto, no territorio de S. Borja) sobre a serra dos Tapes. Seis annos depois para se subtrahir, segundo Azara, ás invasões dos portuguezes, ou, segundo diz uma nota dos Annaes do visconde de S. Leopoldo, para fugir dos tigres que avançavam aos habitantes da nova colonia, elles desampararam o lugar.

E' porém certo que os colonos de S. Miguel foram se estabelecer nos arrabaldes do povo da Conceição do outro lado do Uruguay, d'onde em 1687 regressaram para se estabelecer no lugar que occupa hoje este povo, á tres leguas S. O. do antigo povo de S. João, sobre a margem esquerda do arroio

Santa Barbara, confluente do rio Piratinim. Os jesuitas hespanhóes chegaram ajuntar n'este povo até dez mil indios de diversas nações. Depois de S. Nicoláu foi S. Miguel a capital das Missões Orientaes do Uruguay, titulo que conservou até a conquista dos portuguezes. Em 1751, o cacique d'este povo Tyarayusepê, á testa de uma multidão de indios obrigou por algum tempo os portuguezes e hespanhóes a suspenderem os trabalhos que de commum accordo faziam para a demarcação dos limites dos dois respectivos reinos. Diz o visconde de S. Leopoldo nos seus Annaes, pag. 64. « Já o reconhecimento e demarcação tocava á capella de Santa Thecla (perto de Bagé) estancia e posto avançado das Missões Orientaes do Uruguay, eis que se resentem vislumbres de conspiração. Sahiu-lhes ao encontro o alferes real do povo de S. Miguel, José Tyarayú, que adiante veremos figurar com o appellido de Sepê, acompanhado de uma tropa de indios, que recrescia a todo o momento, e depois de varias mensagens, que cifravam-se em *que não havia direito para tirarem-lhes aquellas terras, que Deus e S. Miguel lhes tinham dado*, conseguiram por fim attrahil-o á tenda do primeiro commissario hespanhól, onde perguntado: *por ordem de quem vinham embaraçar o passo, e não davam cumprimento ás ordens d'Elrei?* — Respondeu: *que de ordem do padre superior e do padre cura* (61). Do que se lavrou auto solemne, e retiraram-se portuguezes e hespanhóes. Era em 1753.

Ufano com os primeiros successos e secretamente instigado pelos jesuitas, marchou Sepê o anno seguinte contra o forte do rio Pardo, e mandou-o investir sem successo. Tentou, passado tempo, um segundo assalto, acompanhado de dois jesuitas com duas peças d'artilheria de ferro (62), e levando comsigo muito mais gente, porém teve a infelicidade de ficar prisioneiro juntamente com o filho. O general portuguez os tratou com humanidade, os vestiu e os restituiu á liberdade, cui-

dando que com aquelle acto de generosidade os trazia á razão. Porém Sepê em Fevereiro de 1756 por instigações dos padres estava outra vez a testa dos indios entre Santa Thecla e Batovi para embaraçar a marcha dos exercitos portuguezes e hespanhóes outra vez combinados, e tendo attrahido com apparencia de amizade dezeseis batedores hespanhóes, os assasinaram perfidamente a todos. Em um combate renhido que houve alguns dias depois foram os indios destruidos, e seu chefe derribado do cavallo com uma lança, morre de um tiro de pistola que lhe disparam. Morto Sepê, em uma terrivel batalha os exercitos combinados esmagaram os indios ao mando de Nicoláu Languirú, perecendo este e seus principaes cabos, e continuaram sua marcha para Missões. Antes de chegar ao Monte Grande cuja subida pelo Passo de S. Martinho, unico então conhecido, offerecia um obstaculo formidavel, o exercito alliado bateu e pôz em fuga uma numerosa partida de indios, e tendo conseguido com muitos esforços passar o rio Churieby, que os indios tinham fortificado e defendido com arte não vulgar, foi-lhe franqueada a entrada de Missões. Commandava o exercito portuguez o capitão general do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrada, e o hespanhól o governador de Montevidéo D. José Andonaegui.

Um indio, feito prisioneiro por uma partida, informou á 14 de Maio que os padres já haviam abandonado a Missão de S. Luiz, d'onde elle era, levando as mulheres, crianças e o mais precioso da igreja, e ensinando aos que não accompanharam que queimassem o restante. Parece que este foi um expediente de antemão concertado, pois que entrando os alliados a 16 de Maio de 1756 no povo de S. Miguel, lavrava alli o incendio, e já prendia o templo que á muito custo salvaram, bem que despojado dos seus ornamentos e preciosidades, quebradas as imagens e despedaçado o sacrario, havendo-se os habitantes retirado para os montes com o seu

cura o celebre padre Lourenço Balda. Com energico pincel descreve José Basilio da Gama este incendio no seu poema. *O Uruguay*, canto IV; e o Sr. visconde de S. Leopoldo em seus Annaes na nota da pag. 84, faz uma elegante bem que succinta descripção do povo de S. Miguel e do seu templo, cujo frontispicio foi depois litographado (63).

Em 13 de Agosto de 1801 foi por Francisco Borges do Canto e seus companheiros portuguezes tomado o povo de S. Miguel, e por elle principiou a conquista das Sete Missões Orientaes do Uruguay.

O povo de S. Miguel se acha collocado sobre uma collina, quarteada de alguns bosques, entre os quaes serpenteam abundantes mananciaes que vão se confundir no arroio Jucaripy pouco distante das abas d'esta se estendem viçosas campinas. Nove ruas desembocavam a uma grande praça quadrangular, em cuja frente se achava o sumptuoso templo. O templo era de pedra e barro, as paredes eram muito grossas e branqueadas de tabatinga. N'elle se entrava por um alpendre de cinco arcos sustentados por columnas de pedra rematado por uma vistosa balaustrada, e sobre uma gradaria da mesma pedra que corôava o frontespicio, elevava-se a imagem de S. Miguel, e dos lados as de seis apostolos. O corpo da igreja era de tres naves com seu cruzeiro e meia laranja com trezentos e cincoenta palmos de comprido de vão, com cento e vinte de largura e quarenta e cinco palmos de pé direito, com muitos outros accessorios, assim como cinco altares de talha dourada. A torre era de pedra e tinha seis sinos, bem que inclinada ella se acha ainda em pé. Era corôada por um gallo amarello, que ha pouco tempo já desthronado, e que foi cobiçado por muitos aventureiros que imaginavam que era d'ouro. Se exceptuar o frontispicio do templo e alguns pedaços de parede, nada mais sobra actualmente do dito povo que pertence á freguezia de Santo Anjo e ao

municipio da Cruz Alta. S. Miguel passa por patria do general Alvear. Dizem que em seu terreno existem minas de cobre e de azougue, principalmente na estancia ou pacigo dos bois de Santa Fé.

Por provisão de 25 de Setembro de 1824 foi creada a capella de S. Pedro na antiga guarda de S. Martinho no territorio da antiga freguezia de S. Miguel de que foi filial a nova capella; hoje freguezia de S. Martinho, que tem setecentos e trinta e nove votantes qualificados, o que indica uma numerosa povoação.

O ultimo vigario de S. Miguel foi fr. José de S. Avertano, nomeado á 28 de Junho de 1822, e encarregado das freguezias de S. João e de Santo Anjo, o qual exerceu o seu ministerio largos annos, morrendo velho decrepito e quasi inteiramente surdo na Cruz Alta ha sete ou oito annos.

§ 4.º

S. Lourenço.

O povo de S. Lourenço é situado a tres leguas O. do povo de S. Miguel, do qual é separado pelo arroio Santa Barbara, e seu territorio encerrado pelo dito arroyo a Leste pelo rio Piratinim ao Sul e o Juhy ao Norte. Foi fundado em 1691 por uma colonia de Santa Maria-Maior. Está collocado sobre uma eminencia d'onde se divisa o povo de S. Miguel e onde se goza de uma bella perspectiva de todos os lados. A igreja era mui grande e foi incendiada casualmente. Está ella cheia de arvores e só n'ella se encontra escondida entre arbustos e trepadeiras uma pia de baptismo de um tamanho extraordinario. As columnas do collegio que tem ainda alguns quartos em pé, posto que muito arruinados, eram de pedra redonda e collocadas por pares debaixo de um mesmo ca-

pitel, eram de linda architectura. Vi ainda portas e janellas dos quartos, os quaes não existem mais, e eram primorosamente lavradas. Os visinhos do povo tiraram d'elle telhas, caibros e tudo o que poderam approveitar, e adiantaram sua destruição. Existem todavia em um quarto algumas estatuas de santos que por sua estatura ninguem póde carregar, entre ellas ha uma estatua collossal do archanjo São Miguel, pisando aos pés o diabo representado por uma figura hedionda composta de varios membros dos animaes mais temidos dos homens. Estas imagens são guardadas com esmero por duas indias velhas e pobrissimas, unicas que ainda habitam o povo de São Lourenço. Acha-se estendida ao meio do cemiterio uma cruz enorme de pedra macissa em uma só peça e com dois braços de cada lado. Foi derrubada esta cruz sem se quebrar felizmente, por um individuo que esperava achar um thesouro debaixo do seu pedestal. O lavatorio do quarto onde se acham recolhidas as imagens e que é embutido na parede, tem a data 1694. A pedra do relogio solar que ainda está no claustro tem a de 1717. No cemiterio se encontram lousas com inscripções em guarani e datas. Não longe de São Lourenço se encontra a bocca de uma grande escavação fechada de nome: *quarepoti* (prata) onde se diz que os jesuitas extrahiram d'esse metal. Nos arrabaldes do mesmo povo ha barro de que os jesuitas se serviam nas pinturas, para as quaes não mandavam vir tintas de fóra. Em principios de 1858 mandei amostras d'este barro ao presidente da provincia do Rio Grande do Sul.

O povo de São Lourenço foi sorprendido e tomado pelos portuguezes e hespanhóes alliados na madrugada de 17 de Agosto de 1756, e ahi ficaram prisioneiros tres jesuitas. A força alliada era de mil tantos homens, sendo oitocentos hespanhóes e duzentos portuguezes, nos quaes se incluiam oitenta dragões commandados pelo tenente-coronel José Ignacio de

Almeida, sendo commandante geral o governador de Montevidéo Andonegue. Havia em São Lourenço quatro mil e tantas pessoas que pouca resistencia fizeram. Os padres que ficaram prisioneiros foram os jesuitas Cosme e Miguel Xavier, curas d'esta missão, e o padre Thadeo, superior, que fugira de São Miguel, e que alguns auctores dão como auctor da rebellião e como general de todas as batalhas, se bem que se dê o maior quinhão d'estes trabalhos ao padre Lourenço Balda.

Foram os indios de São Lourenço que em 1801, expostos como os dos outros povos missioneiros, ás excursões dos aventureiros portuguezes, cruzavam em continuas cavalgatas pelos campos comarcãos, sem serem protegidos pelas auctoridades hespanhólas, impossibilitadas por causa dos successos pouco antes occorridos, se persuadiram que melhorariam de sorte, mudando de vassallagem, e abrindo os primeiros o exemplo com seus corregedores, em pleno cabildo escreveram ao commandante da guarda avançada portugueza de São Pedro capitão de dragões Francisco Barreto Pereira Pinto, protestando sinceros desejos de se renderem á dominação portugueza, com tanto que fossem auxiliados. E a consequencia d'esta participação foi a conquista das sete Missões Orientaes. São Lourenço pertence á freguezia de São Luiz e ao municipio de São Borja.

§ 5.°

São Luiz.

A cinco leguas Oeste de São Lourenço, como a quatro ao Sul do Juhy e á tres do rio Piratinin sobre uma linda collina se acha magnificamente collocado o antigo povo de São Luiz. Esta missão foi fundada em 1632 pelos jesuitas sobre o rio

Jacuhy com o nome de São Joaquim; mas em 1638 o medo que os portuguezes infundiram á seus habitantes os fez retirar para perto do povo da Conceição ao occidente do Uruguay. Elles abandonaram este ultimo lugar para se irem estabelecer na antiga colonia de Caaçapa-Miri em 1687. Deixaram tambem esta ultima colonia e engrossado o seu numero com os restos de tres outras colonias destruidas pelos portuguezes e que se chamavam Jesus Maria de Ybiticaray, Visitação de Caapi, e São Pedro e São Paulo de Caaguazu, vieram fundar uma reducção n'um lugar visinho d'aquelle em que se acha hoje o povo de São Luiz. Em 1756, quasi todos os moradores de São Luiz ao aproximarem-se os exercitos alliados, fugiram para os matos, sem que fôsse queimado o povo como o foi o de São Miguel. Quando em consequencia da guerra declarada entre a Hespanha e Portugal, esta ultima nação se assenhoreou das sete Missões Orientaes do Uruguay, o povo de S. Luiz parecia inteiramente novo e foi o que se conservou mais tempo, e ainda hoje o mais conservado se bem que arruinado. Ainda estão em pé dezoito quartos na praça, oito salas do collegio das quaes uma serve actualmente de matriz ; são assaz conservadas se se exceptuarem os telhados que precisam ser concertados e de novo branqueados. Os quartos do collegio paralellos a igreja tambem estão em pé, mas sem telhados. A frente do lado da praça ainda está fechada e no claustro cresceram algumas larangeiras e alguns pecegueiros. Desmanchou-se o relogio solar que estava no meio, e entre as fendas das pedras do se pedestal cresceram duas lindas larangeiras. As columnas do collegio que se acham nos seus lugares e as do frontispicio e dos corredores lateraes da igreja que em mór parte cahiram são de enormes pedras de uma só peça. O pé direito do dito collegio é mais alto n'este povo do que nos outros das Missões orientaes. O templo de São Luiz (64) que tinha trezentos

palmos de comprimento e cem de largura tem ainda seu frontispicio em bom estado. N'elle se vêem frizos, e cornijas de pedra branca e vermelha. No interior, que era de tres naves com pilares de grandes troços de arvores, se vêem ainda alguns d'estes pilares em pé, uns direitos, outros pendidos, outros estendidos no chão, e mutilados pelo machado que não respeitou nem os que ainda estão direitos, tirando-lhes pedaços nas suas báses até a altura a que a mão do homem póde alcançar, que não respeitou nem o altar-mór primorosamente lavrado, todo dourado e que eu vi, faz bem poucos annos, cobrir todo o fundo da capella-mór, (65) e do qual só se encontram agora quatro pedaços mutilados de quatro columnas redondas e bem torneadas, misturadas com as ruinas das paredes do templo que sendo feitas ora de pedra ora de tijollo crú se desmoronaram aqui e alli á proporção que o adobe se foi molhando e cahindo. O zimborio ou meia laranja ainda existe, se bem que muito desprumado a ponto de se ter receio de passar por baixo d'elle. Alli se veêm pinturas que parecem frescas nos lugares que não foram molhados. De todos os ornamentos d'este templo só restam algumas estatuas de santos, um altar pequeno collocado no quarto do collegio, que serve de matriz, onde se encontra uma pia de baptismo de tamanho ordinario, de pedra lavrada. Não ha alfaias algumas. Os paramentos que servem foram emprestados de São Borja em Fevereiro de 1860. A quinta está cheia de arvores inuteis, se bem que n'ella haja muitas larangeiras como em todo o povo de São Luiz.

Depois da conquista do povo de São Luiz foi designado pelos portuguezes para capital das sete Missões Orientaes do Uruguay. Foi elevada a categoria de villa, por alvará de 13 de Outubro de 1817, com o nome de São Luiz da Leal Bragança e com o patrimonio de uma legua quadrada, dando-se-lhe por districto o termo das sete Missões. No tempo em que

a assembléa geral dividiu esta provincia em cinco comarcas, a villa de São Luiz foi escolhida para ser cabeça da das sete Missões. A falta de pessoal foi tal, que dezesete annos se passaram sem que se podesse installar a villa até que se ordenou que os titulos de villa e de cabeça de comarca fossem transferidos para o povo de São Borja. Tendo o general Chagas estabelecido seu quartel general para este ultimo povo, esta determinação contribuiu muito para sua importancia e conservação em quanto diminuiu a de São Luiz, d'onde por portaria de 3 de Dezembro de 1819, S. Ex. Reverendissima transferiu a cabeça da comarca ecclesiastica para São Borja. Por provisão de 9 de Julho de 1818 o reverendissimo vigario geral concedeu aos moradores de São Francisco de Assis uma capella filial da freguezia de São Luiz, (66) porém depois da invasão de Dom Fructo, São Luiz ficou abandonado e deserto e perdeu mesmo seu titulo de freguezia que lhe foi conferido de novo pela assembléa provincial em 1858. Acha-se provida esta nova freguezia desde principio de 1860. Ha mui poucos indios nos arrabaldes de S. Luiz, porém varios moradores tem vindo de outras partes estabelecer-se no rincão dos Tres Povos, que está principiando a reviver e que de certo brevemente prosperará. Esta freguezia dá quatrocentos e cinconta votantes, o que indica um bem crescido numero de freguezes. Pertence ao municipio de São Borja. Nos seus arrabaldes, disse-me Monsieur Bompland ter encontrado pedra iman, e consta-me haver minas de cobre e de ferro na capella de São Francisco de Assis que tambem agora é freguezia.

§ 6.º

São Nicoláo.

A sete leguas N. O. de São Luiz, a distancia de uma legua

para o Norte do rio Piratinim, e tres a Leste do rio Uruguay se encontra sobre uma amena altura o povo de São Nicoláo que os jesuitas fundaram em 1627 sobre um pequeno galho do rio Piratinim (67). Esta missão nascente foi atacada em Janeiro de 1638 pelos portuguezes que obrigaram seus habitantes a fugir. Passaram elles o rio Uruguay e foram se estabelecer nas margens do arroio Aguarapucahy, entre Santa Maria Maior e São Xavier. Em 1652 foram-se unir aos moradores do povo de Apostolos até que em Fevereiro de 1687 repassaram o Uruguay e definitivamente se fixaram no lugar onde hoje se vêem as ruinas d'este antigo e opulento povo. Era um dos povos mais bem construidos. A frente do templo assim como uma parte de suas paredes lateraes bem que em parte desprumadas ainda estão em pé e são feitas de pedra lavrada. As columnas tanto do frontispicio da igreja como do collegio eram de pedra e quadradas, quasi todas de uma peça só, excepto as das habitações dos indios que, posto que de pedras, eram formadas de cubos quadrados sobrepostos. O cabildo agora desprumado, e que faz bem poucos annos se achava ainda em muito bom estado, era um edificio de sobrado com portaes e peitoris de pedra. Nada mais se encontra no collegio senão pedaços de parede de uma ou duas varas de altura e troços de columnas quebradas e de pedras esparsas, e cobertas de trepadeiras e arbustos. Matos de larangeiras cobrem todos os terrenos que avizinham as antigas casas, das quaes uma unicamente está em pé e não tardará a cahir por seu pessimo estado. No cemiterio, que tem do lado de Leste uma formosa fileira de laranjeiras, se encontram algumas lousas com inscripções em guarani. Na quinta, que era extensa e bem plantada existe um alto pinheiro que domina todo o povo e que se avista de muito longe; mas ella é impenetravel por causa das arvores, dos arbustos, das enredadeiras e das plantas que n'ella tem crescido. Faz trinta e tantos annos

(no anno em que se jurou a constituição do Brasil; me disse um soldado velho que foi testemunha) um horrivel tufão de vento de S. O. cahiu sobre o povo de São Nicoláo, atravessou pela praça, arrancou as telhas e as taquaras dos telhados que desmanchou quasi todos, arrancou arvores e tudo o que encontrou em sua passagem; foi desde esta epocha que não sendo reparados estes estragos se principiaram a arruinar as casas, o collegio e o templo que acabou por ser queimado. faz vinte e tres annos, pegando-se-lhe o fogo de uma vela acesa por devoção. Faz cinco annos que houve de novo um tufão de vento em São Nicoláo vindo do mesmo rumo, porém este ultimo foi um pouco mais brando que o primeiro. Em 1850 se edificou na praça de São Nicoláo uma casa de pedra debaixo da direcção do engenheiro capitão Martins. Era destinada para deposito dos utencilios dos trabalhadores á projectada estrada na costa do Uruguay, mas não se tendo effectuado esta empresa, os habitantes de São Nicoláo transpotaram para a dita casa uma duzia de estatuas de santos que tinham tirado das ruinas da igreja. Entre estas estatuas torna-se notavel uma de São Nicoláo, maior que o natural, dourada e bem conservada. Aos domingos se reunem os indios que moram em pequenos ranchos debaixo do mato das laranjeiras, e fazem suas orações diante das imagens que beijam com devoção, e depois se retiram á suas guaridas por pequenos atalhos que ninguem distinguiria. O telhado da dita casa já está arruinado e não tardará a se destruir completamente, então se perderão tambem as estatuas de santos, das quaes já algumas tem sentido o effeito da intemperie por causa do mau estado do telhado. A Leste da praça se achava uma capella de Santa Barbara, e ao Norte uma de São Isidoro. Perto d'esta ultima existia uma linda fonte cujas aguas por pesarem muito no estomago são pouco procuradas. N'estes ultimos annos tem diminuido consideravelmente o numero dos indios

de São Nicoláu, que pela mór parte mui velhos falleceram; mas em compensação dois negociantes vieram alli estabelecer-se, e familias numerosas attrahidas pela fertilidade das terras vieram de Porto-Alegre e de outros lugares para as vizinhanças d'este antigo povo, onde fizeram grandes plantações de canna, mandioca, tabaco, milho, feijão, etc., que dão optimamente no seu territorio, que é sem contradição o melhor das Missões para a agricultura. São Nicoláo está mais vantajosamente collocado para o commercio do que os cinco povos orientaes de que já fallámos. Sua posição perto de dois rios navegaveis com excellentes portos, sua proximidade dos hervaes brasileiros, se se abrissem caminhos por terra, ou se se pudesse conseguir embarcar as hervas no alto Uruguay, sua proximidade dos hervaes correntinos e da fronteira da republica do Paraguay de que São Nicoláu é o ponto mais proximo sobre o Uruguay, promettem a este povo um brilhante porvir se conseguir levantar-se de suas ruinas, ou que na beira do Uruguay não se formem outros povos em posições mais proprias para o commercio do que o está actualmente São Nicoláo. A nova colonia que acaba de se demarcar na margem direita do Juhy, sobre o Uruguay e no qual já tem tres ou quatro povoadores; assim como a colonia militar projectada no porto de São Xavier estão optimamente situadas; e se o governo tratar de as povoar e augmentar, ellas poderão causar algum prejuizo ao augmento de São Nicoláo; porém este povo sempre será mui importante por não serem seus portos expostos aos obstaculos das cachoeiras de São Isidoro e de Santa Maria, no Uruguay, obstaculos que terão que vencer em tempo das baixas do rio os habitantes do Juhy e de São Xavier. Na epocha da conquista em 1801, era São Nicoláo o povo mais importante das sete Missões e o mais povoado, pois tinha tres mil novecentos e quarenta habitantes; brevemente tornaria a sel-o, se estivesse edificado na barranca do Uruguay

sobre um dos numerosos e excellentes portos d'este magestoso rio, como no passo de São Isidoro ou no passo de Santa Maria, que apenas distam tres leguas da situação actual de São Nicoláo. Durante as guerras de 1751 e de 1801, São Nicoláo seguiu a sorte dos outros povos orientaes que foram primeiramente invadidos, mas depois da conquista pelos portuguezes, São Nicoláo tornou-se a principal praça d'armas das Missões Orientaes, até a completa destruição das Missões Occidentaes e o completo exterminio dos indios. Já tivemos occasião de notar que em 1819 São Nicoláo foi tomado por Andrezito Artigas, e que para recuperar a sua posse o marechal Chagas teve que empregar muitos esforços. Quando estiverem povoadas as Missões Occidentaes, São Nicoláo tornará a tomar sua importancia militar e commercial. São Nicoláo pertence á freguezia de São Luiz e ao municipio de São Borja.

§ 7.°

São Francisco de Borja.

São Borja que é o mais meridional dos povos jesuiticos da margem Oriental do Uruguay, é edificado vinte leguas ao Sul de São Nicoláo, e arredado tres quartos de legua do rio Uruguay. A' distancia de legua e meia d'este rio para o Norte do lado occidental existia o povo de São Thomé, que em 1690 tinha mandado uma colonia fundar o povo de São Borja com indios charrúas, sendo os outros seis povos orientaes formados por guaranis. O povo de São Thomé no tempo dos jesuitas e dos hespanhóes foi o ponto mais commercial de ambas as margens do Uruguay, aonde ora pelo rio, ora por estradas, se levavam os productos dos outros povos situados mais ao Norte, ficando São Borja reduzido á seus proprios recursos e n'um estado secundario, até que depois da conquista o intel-

ligente marechal Chagas, vendo as vantagens que reunia São Borja para o commercio por causa da sua posição, o escolheu para seu quartel general, o que foi o principal motivo porque poucos annos depois veio a ser a capital das Missões Orientaes. Pouco antes de mudar de dominio, São Francisco de Borja soffreu uma invasão de minuanos que graves estragos lhe causaram e motivaram em parte seu atrazo. São Borja era povoado unicamente de indios, e em 1801 o seu numero era sómente de mil e trezentos.

Em 1816 o general Dom André Artigas, de quem já fallamos, querendo fazer uma util diversão á seu pai adoptivo o general Dom José Artigas que se via perseguido pelos portuguezes na Banda Oriental e pelo exercito de Buenos-Ayres, correu ás Missões entre Paraná e Uruguay e n'elle reuniu um exercito de dois mil e tantos homens, e quando se julgou bastante forte formou o projecto de reconquistar as Missões Orientaes. Com este fim em principios de Setembro com seu exercito e duas peças de artilheria se apresenta repentinamente no Passo de Itaqui no Uruguay, que era defendido pelo furriel Athanazio José Lopes com doze milicianos. Estes acommettidos de improviso por uma força tão superior se aquarteláram em S. João Velho, estancia do mesmo furriel Athanazio, onde foram sitiados por Andrezito que caminhava sobre S. Borja. Depois de alguns dias, depois de uma porfiada resistencia, succumbiram, morrendo todos á 12 de Setembro (1816). A mulher de Athanazio morreu tambem, e sua familia muito maltratada foi conduzida prisioneira ao outro lado do Uruguay, sendo sua casa rica em prataria inteiramente saqueada (68). O general Chagas que se achava no commando de Missões, sabendo d'este successo desastroso em S. Borja, onde tinha seu quartel general, mandou o capitão Joaquim Ferreira Braga com duzentos ou trezentos homens de cavallaria, explorar o campo do inimigo, afim de reconhecer a sua força. Braga

apesar da sua reconhecida valentia, foi atacado e destroçado no rincão da Cruz no dia 16 de Setembro, morrendo dezeseis portuguezes, e o seu proprio filho que era porta-estandarte. Não encontrando obstaculo André Artigas caminhou para S. Borja. Ao amanhecer o dia 21 de Setembro, estava a tiro de peça da praça, e ao som de instrumentos marciaes, cercando a povoação. Não direi (observa o autor da Memoria historica do extincto regimento de Santa Catharina, que seguimos n'esta narração) que Andrezito observara tactica alguma adoptada pelos exercitos sitiadores; mas fanatizado o seu exercito por um frade apostata que nos seus discursos persuadira aos indios que morrendo no combate, resuscitariam além do Uruguay entre suas familias; e ao mesmo tempo, observando-se no exercito muita disciplina, não podia deixar de ser um inimigo corajoso e temivel; além de que os indios das Missões (de que se compunha em quasi totalidade a força de Andrezito) são soffredores e valentes, quando os dirige um chefe da sua fé, como então era André Artigas.

Eis como o mesmo auctor continúa a narração. « O brigadeiro Chagas, commandante da fronteira de Missões, não « tinha tomado bem (ou confiava demasiadamente em sua « valentia) as precauções e medidas necessarias para se não « expôr á um sitio, dentro de uma praça, cento e trinta « leguas distante da capital e mais de oitenta do general « Curado, sem segurança de auxilio e falto de alguns meios « para sustentar-se; porque afóra d'artilheria (sem ar- « tilheiros), polvora e ballas que tinha bastante, de tudo o « mais carecia para acudir á mais de duas mil pessoas de « ambos os sexos e differentes idades, das familias dos indios, « e outros extra-naturaes que existiam ou se recolheram á « praça contando com a protecção das armas portuguezas. « A força de que dispunha o general, pouco excedia á cento « e vinte homens de cavallaria miliciana portugueza e alguma

« do regimento de cavallaria miliciana guarani, e de neces-
« sidade teria succumbido, se á 13 de Setembro, oito dias
« antes do sitio, não lhe tivesse chegado uma companhia de
« granadeiros do brioso regimento de Santa Catharina com
« oitenta e cinco baionetas. Com este contingente, Chagas a
« quem nunca faltou valor e presença de espirito, contou á
« seu lado duzentos e tantos combatentes. Nomeou imme-
« diatamente os commandantes das bocas das ruas ou en-
« tradas da praça, e mandou assestar uma peça de artilheria
« em cada uma. Formou-se, para impedir a entrada, uma
« especie de barricadas com couros empilhados, que pro-
« tegiam as peças, ao serviço das quaes dividiu os valentes
« soldados da companhia de granadeiros, indo a cavallaria
« guarnecer a quinta. O general nomeou para major da
« praça o capitão José Maria da Gama, official que possuia
« os predicados necessarios para um posto tão importante
« em occasião perigosa. O alferes Antonio Agostinho Capis-
« trano com trinta granadeiros foi posto de piquete em lugar
« conveniente, para acudir ao ponto onde occorresse maior
« perigo ou fosse necessario. »

Logo que Andrezito estabeleceu o assedio, teve S. Borja que soffrer varios, porém mal dirigidos ataques do inimigo, que foram sempre rechaçados pela guarnição.

Com tudo, official houve da cavallaria que, temendo algum fim desastroso se atreveu a lembrar ao general Chagas uma escapula; rompendo-se em uma noite a linha dos sitiantes: felizmente para honra dos portuguezes esta lembrança não mereceu resposta alguma. Ao amanhecer do dia 28 os sitiantes carregaram com tal furor que a cavallaria dos sitiados teve de recuar, cedendo alguns passos do terreno que occupava, e sua infantaria de sustentar um vivo fogo e de rebater o inimigo de mui perto e quasi braço a braço. Com machados trabalhou para arrombar as portas exteriores da praça e con-

seguiu abrir uma, e alguns soldados poderam pôr pé dentro, mas um tiro de artilheria portugueza, tinha desmontado uma peça do inimigo que mais damno causava á guarnição da praça, dando a balla (calibre quatro) em um dos munhões deixando a peça inservivel e mortos dois artilheiros, o que fez esfriar seu valor, e elle horrorizado da mortandade abandonou o ataque e se retirou para suas linhas com perda de muitos dos seus.

O general Chagas que presenciou attentamente a valentia da guarnição e sobretudo os actos de bravura e de intrepidez dos granadeiros, congratulou-se com elles.

Entretanto iam faltando os viveres na praça sitiada, e tornava-se mais sensivel a falta d'agua. Um cadete (José Joaquim de Almeida) da companhia de granadeiros, já bem conhecido por seu genio denodado (sem que ninguem lh'o encommendasse) encarregou-se de expôr a vida para suavisar os soffrimentos de seus patricios sitiados; com seis ou oito granadeiros d'armas suspensas á tiracollo pelas bandoleiras, e uma pequena peça de amiudar, puxada á mão, quando mal pensava o inimigo, estava na sua frente, desafiando-o e fazendo-lhe fôgo e foscas. Ao abrigo d'esses granadeiros muitos indios da praça e outras pessoas corriam a encher potes e barris d'agua não tão boa como se desejava, mas como o permittiam as circumstancias, porque era tirada de uma pequena lagôa no meio do campo, á cento e cincoenta braças de distancia da povoação, misturada de barro vermelho, e algumas vezes em quantidade tal que não era sufficiente para matar a sede dos sitiados, pela retirada precipitada dos protectores. O general, logo que lhe constou a temeridade, ousadia e perigo á que se expunham esses granadeiros, mandou immediatamente alguns homens de cavallo protegel-os, que sempre eram destimidos e da sua escolha e confiança.

N'este estado se achavam as cousas, quando começava a raiar o dia 3 de Outubro, e tão nublado que não se podia divisar objecto algum ao longe, todavia sentindo-se na praça grande rumor na linha inimiga, a guarnição se dispôz para um novo combate. Poucos minutos depois o tenente do regimento de cavallaria miliciana guarani, Antonio Eripé, do cume do zimborio da igreja, aonde subira para observar melhor o rumor e movimentos do inimigo, avisa que um corpo volumoso de cavallaria atravessava o extenso banhado ao Sul de S. Borja, demandando o campo do inimigo. Era o tenente-coronel José de Abreu, que tendo aviso (69) do general Chagas, correu com oitocentos homens que commandava, não só em soccerro de São Borja, como para vingar nos sitiadores o arrasamento da nova povoação do Nhanduhy, cuja erecção fòra por elle animada e protegida, e foi com marchas tão occultas que só foi presentido pelos invasores quando começavam a ser batidos e derrotados. Não sem experimentar algumas perdas, Abreu levou de rojo o inimigo, forçando-o a abandonar o apertado sitio com que desde treze dias cercava São Borja, e perseguindo-o até pôl-o além do Uruguay, ajudado pela companhia de granadeiros, que instantaneamente deixando as trincheiras, se lhe reuniu e acompanhou até a barra do Butuby.

Depois de ter principiado a immortalizar o seu nome, no dia 3 de Outubro, fazendo levantar o sitio de S. Borja ao exercito de André Artigas, o tenente coronel José de Abreu (depois general e barão do Serro Largo) retirou-se logo coberto de bençãos pelos habitantes d'este povo, e da bem merecida gloria de ter derrotado e afugentado para longe os inimigos do Brasil.

Por portaria de S. Exa. Rvma. de 3 de Dezembro de 1819 a cabeça de comarca ecclesiastica dos sete povos orientaes foi transferida de S. Luiz para S. Borja « por pertencer, diz a

« mesma portaria, á esta freguezia grande porção dos povos « vassallos de Sua Magestade que Deus guarde, e ser aquella « povoação o assento do commando geral d'aquella provincia « de Missões.» Em observancia do Codigo do Processo, dividida a provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul em cinco comarcas; a cabeça da de Missões passou para S. Borja. Esta comarca até 1850 comprehendia além do termo de S. Borja, os de Alegrete, Uruguayana, Cruz Alta e Vaccaria. Actualmente ella se acha reduzida ao municipio de S. Borja e ao de Itaqui. Não tendo sido possivel effectuar-se a creação em villa do povo de S. Luiz da Leal Bragança, conforme o alvará de 6 de Outubro de 1817, apesar de que a lei de sua creação prevendo a difficuldade de encontrar homens que podessem servir na vereança tinha permittido que podessem ser vereadores os officiaes de milicias, cargos que então eram incompativeis; a falta de pessoal foi tal que dezesete annos se passaram, sem que se podesse installar a villa. O povó de S. Borja foi designado para succeder-lhe n'essa cathegoria. No dia 4 de Abril de 1834 foi juramentado em Rio Pardo o seu primeiro presidente o Sr. João José de Fontoura Palmeiro, e a camara municipal de S. Borja foi effectivamente installada á 21 de Maio d'este mesmo anno.

Foi creada uma alfandega em S. Borja, e organisada segundo a tabella annexa ao regulamento para as alfandegas do imperio, mandado observar pelo decreto de 20 de Junho de 1835, mas posteriormente a alfandega de S. Borja foi transferida para a villa de Uruguayana, e S. Borja actualmente tem uma administração de mesa de rendas e uma collectoria provincial. Até agora tem existido a prohibição da exportação directa dos portos de S. Borja e d'Itaqui contra o determinado no decreto n. 1140 de 11 de Abril de 1853, o que tem causado graves entraves aos negociantes d'esta praça. Como fronteira de grande importancia, foi decretado que S. Borja fosse a pa-

rada do batalhão oitavo de caçadores, que era insufficiente, bem que ajudado por parte do regimento n. 25 de cavallaria miliciana que estacionava tambem no mesmo lugar, para guardar a extensa barreira do Uruguay que é no verão vadeavel em alguns lugares. Desde muitos annos o serviço militar da fronteira de S. Borja é feito pela guarda nacional, que acaba de ser substituida antes das eleições de 30 de Dezembro de 1860, por uns trinta soldados de tropa de linha, que de certo se retirarão logo que tiver passado a crise eleitoral.

Desde que o general Chagas estabeleceu seu quartel general em S. Borja pelo anno de 1810 mais ou menos, varias familias do Rio Pardo, Viamão, Triumpho, Porto Alegre e sobretudo de Santo Antonio da Patrulha, etc., se mudaram para S. Borja; acudiram varios negociantes para fornecer a tropa e aos habitantes que foram progressivamente augmentando em S. Borja e seu territorio até hoje. Os indios, unicos moradores de S. Borja em 1801, foram pouco a pouco desapparecendo. As guerras de 1816, 1817, 1818 e 1819, de que já fallámos, fizeram desapparecer quasi todos os indios varões de S. Borja, e com a invasão de D. Fructo em 1828 desappareceram elles inteiramente. Não admirará o total desapparecimento dos indios ou familias indias em S. Borja, considerando que quando um indio sahe destacado ou para qualquer expedição leva comsigo sua familia, se a tem: além de que as indias conservando a facilidade de costumes de que fallaram varios auctores, estiveram sempre promptas para acompanhar militares ou outros que as quizessem levar em sua companhia. Na actualidade, se bem que se faça de Missões, de que S. Borja é capital, uma idéa mui desfavoravel sobre as raças de seus habitantes, é certo que os indios formam uma parte muito diminuta d'elles, e que se acham em muito maior numero em outras villas e freguezias.

Alguns auctores, como o meu amigo Dr. Martin Moussy,

valendo-se até do meu nome, assegura que na campanha de S. Borja se falla exclusivamente guarani, quando é certo que o guarani não é fallado mais na margem oriental do Uruguay, e que bem que muitos o entendam e fallem, ficam vexados se se lhes fizer perguntas em guarani respondem á ellas em portuguez.

O povo jesuitico de S. Borja não foi destruido nem queimado como os povos da margem occidental do Uruguay, nem abandonado como os demais da margem oriental do mesmo rio. O seu collegio e as casas da praça foram continuamente occupados por tropas portuguezas, brasileiras e outros parculares.

Estes edificios (70) que não igualavam em segurança e elegancia os de S. Luiz, de S. Nicoláo, de S. Thomé, Apostolos, S. Xavier, etc., tiveram que desmoronar-se, não sendo concertados. O seu systema de construcção, posto que superior e mais duradoura do que os *ranchos* actualmente habitados (não fallo das boas casas construidas desde dez annos na villa de S. Borja e em todo o seu municipio) não permittem longa duração. No tempo da revolução rio-grandense, os quartos da praça de S. Borja foram arrematados por ordem do governo republicano, e os particulares que os compraram e pagaram, perderam o seu dinheiro, porque o governo imperial não reconheceu a validade d'esta venda. Em Setembro de 1850, o governo de S. M. o Imperador mandou pôr de novo em leilão as ditas casas, que foram arrematadas e compradas, e desde então foram melhor reedificadas. Das antigas casas, apenas subsiste a ala do fundo do collegio que está bastante arruinada, um hospital que serve de matriz, mas que foi reparado em 1856 por esmolas dadas pelas senhoras de S. Borja e alguns quartos da praça, mui poucos que seus donos ainda não mandaram reedificar. Faz annos que o magnifico templo que os jesuitas tinham edificado em S. Borja

desappareceu completamente. Este templo, que era do tamanho de uma bella cathedral, tendo trezentos e tantos palmos de comprido e cento e tantos de largura, sem contar as numerosas sacristias que lhe eram annexas na parte posterior e cujos alicerces ainda se vêem, e não têem menos de oito palmos de largura, era quasi todo de pedra. Pouco depois do anno de 1820 se manifestaram goteiras no telhado as quaes principiaram a arruinar o edificio. Em 1827 fez-se uma subscripção entre os habitantes de S. Borja, e se conseguiu uma somma avultada em animaes com o fim de reparar a igreja, mas como houvesse demora em tomar as devidas providencias, os estragos foram-se augmentando até que um commandante (71) julgando que seria menos custoso fazer uma igreja nova do que reparar a velha, mandou tirar d'ella uma porção de telhas e de pedras que se venderam, sem que se tratasse da nova igreja. Assim não se recolheu o importe da subscripção e desappareceu o valor das telhas e das pedras. Verdade é que com as mesmas pedras se deu principio á uma casa, a qual não teve tempo de se concluir, pois uma tormenta espalhou as pedras, fez cahir as paredes já feitas, o que foi considerado como castigo do céo pela mór parte dos habitantes. Em 1830 a mór parte do telhado do qual tinham tirado as telhas, cahiu com um rumor espantoso. Sem embargo ficaram ainda na igreja os ricos retabulos e numerosas estatuas de santos. Não se pense que foram levados a outras povoações á beneficio do culto divino. Eis a narração do destino que tiveram. Durante a revolução rio-grandense, estando em certo anno a praça de S. Borja em poder dos republicanos, n'ella entrou um batalhão legalista, o qual durante quatro dias se acampou no meio da praça. O coronel commandante do batalhão requisitou de um official superior legalista que se achava em S. Borja os mantimentos precisos e em particular lenha para fazer fogo. O official superior mandou dizer ao coronel, que mandasse

fazer fachina na costa do Uruguay que estava perto. O coronel respondeu que pagava dinheiro á vista e que queria lenha posta na praça. Então o condescendente official superior (72) mandou-lhe dizer que lançasse mão das madeiras da igreja velha. Em vinte e quatro dias de estada na villa de S. Borja, o referido coronel fez pôr o machado aos seis retabulos que possuia o templo jesuitico de S. Borja, de que nem vestigio ficou, nem tão pouco das imagens que foram sacrilegamente cortadas, mutiladas e queimadas para cozinhar para o batalhão. Assim como desappareceu o templo jesuitico de S. Borja, desappareceram tambem suas preciosas alfaias; dizem-me que sua rica custodia serve na matriz de Porto Alegre e seu sino grande na matriz do Salto Oriental. Tinha a igreja de S. Borja uma lampada de prata massiça que pesava duas arrobas e meia, não se sabe o destino que ella teve, como se ignora o destino que tiveram os outros paramentos. Para substituir a lampada de prata, mandou-se vir um lustre de vidro pintado pouco mais ou menos do mesmo tamanho e da mesma fórma, o qual pouco antes da completa destruição da igreja, cahiu por arrebentar a corda com que estava suspenso, e se fez em migalhas. Logo que se concluiu a revolução rio-grandense, a assembléa legislativa provincial decretou a edificação de uma matriz na villa de S. Borja, a qual foi principiada em 1846.

Esta nova matriz se acha com a capella-mór prompta, faltando-lhe unicamente o forro, e com as paredes do corpo da igreja na metade da sua altura. Espero que com o producto das loterias que a beneficio d'esta igreja obteve o Exm. Sr. barão de Porto-Alegre, e que mandou extrahir o Exm. Sr. conselheiro Ferraz, presidente do conselho dos ministros, ao menos o corpo da igreja possa-se cobrir.

Segundo Mr. Martin de Moussy, que visitou S. Borja em fins de 1856, a villa de S. Borja situada sobre uma ame-

na collina (73) que domina a campanha, está transformada em cidade moderna, e suas antigas casas de pedruscos grandes e toscos, são substituidas por construcções modernas de tijolo, mais vistosas, alegres e commodas. Se bem que a arêia e a cal são summamente caras (74). Tem-se edificado muitas casas que em elegancia vencem ás melhores de Itaqui e Uruguayana. E' certo de que desde 1846, o commercio das hervas que se fazia em S. Borja, se tem effectuado quasi unicamente em Itaqui, o que tem dado um impulso immenso ao augmento d'este novo povo. Desde 1852, depois da queda do general Rosas se abriu o rio Paraguay, o que fez quasi completamente cessar o grande commercio que antes se fazia entre S. Borja e Itapûa, principal ponto então de importação e exportação da republica do Paraguay, mas nem por isso S. Borja, reduzido á seus proprios recursos, tem ido em decadencia. Se desappareceram muitos habitantes do Passo de S. Borja (outra povoação quasi igual á villa e situada no porto a beira do Uruguay, e quasi toda composta de correntinos emigrados) S. Borja não se sentiu da sua ausencia, pois que de então para cá, se bem que não se augmentasse muito o numero dos habitantes da villa, suas casas se reformaram todas para melhor, e os seus negociantes gozam do melhor conceito (o que não acontece com outras praças commerciaes) em todas as praças onde elles se fornecem, o que pela maior parte é em Porto-Alegre.

A villa de S. Borja conta dois mil habitantes, e com sua campanha conta dez mil. Em 1858 antes de se ter desligado o municipio d'Itaqui do de S. Borja, contava-se n'elle duzentas e cincoenta mil rezes, cento e oitenta mil animaes cavallares, trinta mil ovelhas e mil merinós mestiços, varios rebanhos de cabras, muitas invernadas de mulas que pastando nos campos de S. Borja e Itaqui são levadas para os mercados de S. Paulo. Este numero augmentou depois pela

crescente prosperidade em que tem ido estes dois municipios. Suas terras, sobre tudo as de S. Borja, são excellentes para a agricultura, e produzem toda a especie de arvores fructiferas tanto dos climas quentes como dos temperados, entre as quaes as larangeiras e pecegueiros produzem prodigiosamente, sem fallar nas parreiras, amoreiras, algodoeiros, bananeiras e mamoneiros. O trigo, a cevada, a canna, o anil e sobre tudo o tabaco, o feijão, o milho a mandioca n'elle produzem com abundancia, sem fallar das riquissimas madeiras uteis que se encontram em abundancia nos seus matos.

O mais brilhante porvir está reservado á villa de S. Borja que dá dois mil e sessenta e um votantes, se as intrigas politicas não lh'o cortarem, se seu commercio de hervas tomar um maior desenvolvimento, e se sua população industriosa tiver algum incremento.

Filiaes do povo de S. Borja são :

1°. A villa de Itaqui. Esta povoação principiou em 1821. N'aquelle anno o capitão Fabiano Pires de Almeida, foi com uma guarda de 150 praças acampar-se na barra do arroio Cambahy, onde agora se abrigam os barcos que demandam o porto de Itaqui. Uma grande enchente o fez sahir do acampamento e elle ganhou a altura onde hoje se acha a villa de Itaqui (Pedra molle). No mesmo anno houve uma emigração de correntinos debaixo das ordens do capitão Rua e de seu irmão Fernando Pires, fugidos de Aguire (ao todo 50 homens e varias familias), que se estabeleceram em Itaqui, e lhe deram augmento. Em 1837, foi Itaqui elevado á freguezia, sob a invocação de S. Patricio. Até 1848, a sua povoação esteve estacionaria, porém, n'aquella época, tendo os hervateiros deixado de procurar o mercado de S. Borja, para demandar o do Itaqui, desde então tem tido esta povoação um augmento extraordinario, tanto no seu commercio, como no numero de seus habitantes. Calcula-se que entram annualmente em Itaqui

quatro mil carretas carregadas de herva matte. O numero dos habitantes da villa que foi installada a 30 de Março de 1859, póde igualar o de S. Borja, que é de dois mil, mas o de seu termo é inferior e não deve exceder a sete mil habitantes, pois o numero de seus votantes juntos com o de S. Francisco de Assis, do mesmo termo, é só de mil duzentos e setenta e sete, emquanto o de S. Borja junto com o de S. Luiz de seu termo, é de dois mil quinhentos e onze.

2°. A cidade d'Alegrete. No *Jornal do Commercio*, publicado no Rio de Janeiro, em 29 de Junho de 1849, n. 176, tratei de uma maneira mais extensa do que o posso fazer agora, da fundação da então villa d'Alegrete. O general Abreu foi o fundador da dita povoação, e o marquez d'Alegrete, seu grande protector. Foi estabelecida nos limites da freguezia de S. Francisco de Borja, de que ao principio foi filial como claramente se vê de uma carta official do reverendissimo provisor vigario geral, de 19 de abril de 1820, segundo as ordens de S. Ex. Rvma. e registrada no archivo ecclesiastico da comarca de S. Borja.

Alegrete foi logo elevada á freguezia, e por decreto de 25 de Outubro de 1831, se concedeu a esta parochia, o titulo de villa. Em 1858, se lhe concedeu os fóros de cidade.

Tem o municipio de Alegrete quasi a povoação de S. Borja, pois conta mil nove centos e setenta e nove votantes, incluindo n'elles os das varias recentes freguezias de S. João Baptista do Quarahim, e de Caverá, que ainda não foram providas.

Em 1846, se desligou de Alegrete a freguezia de S. Anna do Uruguay, elevada á villa, com o titulo de Urugayana e que não dá menos de mil quatro centos e treze votantes, a qual villa é uma das mais povoadas e commerciantes da provincia do Rio Grande do Sul, e que foi principiada em 1843, por alguns moradores do Passo de Santa Anna Velha, que por ordem do governo republicano, se mudaram para o lugar onde agora está situada a opulenta villa de Uruguayana.

Em 1847, se desligou de Alegrete, a freguezia de Santa Anna do Livramento, que a tres annos foi elevada á cathegoria de villa, e que conta oito centos e vinte nove votantes, a qual vai em muita prosperidade.

O territorio da cidade de Alegrete, das villas de Itaqui, de Uruguayana, de Santa Anna do Livramento, e das novas freguezias, creadas nos seus termos, pertenciam á freguezia de S. Borja, por decisão de S. Ex. Rvma. de 8 de Março de 1816, e o mesmo territorio se estendia sobre toda a margem esquerda do rio Santa Maria até o forte de Santa Thecla, perto de Bagé.

Assim tenho concluido a historia dos trinta e tres povos jesuiticos. Se bem que alguns auctores façam entrar no catalogo dos povos dos jesuitas, outros nomes que os que apontei, é certo que elles não tiveram outras reducções além das de que escrevi a historia, e estes auctores escrevendo longe dos lugares, tomaram por povos, simples estancias ou fazendas que tinham os padres da companhia, como as estancias de Itú, Assumpção, Santa Maria Martyr. etc., etc.

Concluirei este artigo, com o § seguinte :

§ 8°

Nota da epoca da fundação dos povos jesuiticos da margem esquerda do Uruguay na provincia actual do Rio Grande do Sul, e da fundação das mais antigas e das principaes povoações da mesma provincia, por ordem chronologica.

1627—Fundação do povo jesuitico de S. Nicoláo que foi primeira capital das Missões Orientaes.—do povo da Candelaria que foi destruido dez annos depois.

1631—Fundação do povo jesuitico de S. Miguel, que foi a segunda capital das Missões Orientaes do Uruguay.

1632—Fundação do povo de Luiz Gonzaga que foi a

terceira capital das Missões Orientaes, depois da conquista dos portuguezes, e foi elevado a villa em 1817, sem que sua camara nunca funccionasse.

1690 — Fundação do povo de S. Francisco de Borja, actual capital das Missões Orientaes, creado villa em 4 de Abril de 1834. Foi colonia do povo jesuitico de S. Thomé.

1691 — Fundação do povo de S. Lourenço.

1698 — Fundação do povo de S. João Baptista por uma colonia do povo jesuitico de S. Miguel.

1707 — Fundação do povo de S. Angelo ou S. Anjo por uma colonia do povo jesuitico da Conceição, que é o mais moderno e o ultimo dos povos jesuiticos da margem esquerda do Uruguay.

1737 — Em 19 de Fevereiro d'este anno o brigadeiro José da Silva Paes pousou na praia do Sul do Rio Grande do Sul. Ahi levantando logo um forte com a invocação de *Jesus, Maria, José*, e depois os de S. Anna e de S. Miguel, deu principios á povoação do Rio Grande.

1740 — Em 25 de Janeiro d'este anno já era considerada matriz a ermida de Jesus Maria José. N'essa matriz á 27 de Fevereiro de 1743 se baptizou Manoel, filho de Antonio Simões e de Quiteria Marques, que foi ao depois o general Marques.

1741 — Provisão do bispo, de 14 de Setembro, Fr. João da Cruz, para se erigir a capella da *Conceição*, conhecida depois por *Capella Grande*, e mais adiante por *Capella de Viamão*, sendo fundador Francisco Carvalho da Cunha, formando-lhe o patrimonio por escriptura de doação na Laguna á 26 de Abril d'esse anno, de uma porção de animaes vaccuns e cavallares e de uma legua de campo, o que se realisou no sitio: *Estancia grande*.

1742 — Fundação da capella da Conceição do Arroio em 24 de Abril.

1747—Carta regia mandando o ouvidor geral de Paranaguá crear uma villa no presidio do Rio Grande, assignalando o seu termo com o da villa da Laguna pela costa do mar e com o da villa de Curitiuba pelo sertão e serra acima, remettendo as instrucções que tinham sido approvadas e enviadas ao ouvidor do Ceará para crear uma villa no lugar *Arecaty*.

Em 3 de Dezembro principiaram os actos sacramentaes da igreja de N. S. da Conceição de Viamão. A sua extensão era desde Rio Pardo até a Laguna.

1751—16 de Dezembro, creação da villa do Rio Grande pelo ouvidor de Paranaguá Dr. Manoel José de Faria.

1753—Provisão de Gomes Freire á favor de Fr. Faustino Antonio de S. Alberto para ir residir no porto de Viamão (hoje Porto Alegre) e ser capellão dos casaes.

1754.—Em 20 de Outubro, criação da freguezia do Senhor Bom Jesus do Triumpho, conhecida por freguezia nova, e desmembrada da de Viamão.

1755.—N'este anno se inaugurou a nova matriz de São Pedro do Rio-Grande do Sul em cujo frontispicio se encontra a era 1755.

1760.—Rio-Grande é elevado a governo em 29 de Agosto. A 31 do mesmo mez e anno foi elevada a capella curada a que desde 1725 existia no sitio chamado *Guarda-Velha* ou *Patrulha* da freguezia de Nossa Senhora da Conceição de Viamão.

1761.—Em 20 de Março. Portaria criando a capella curada de Nossa Senhora de Oliveira da Vaccaria, em cujo districto está a guarda de Santa Victoria ao pé do rio Pelotas. Em 21 de Dezembro do mesmo anno, passaram as aldêas á classe de parochias. A aldêa dos Anjos era de indios tapes extraviados de Missões.

1762.—15 de Dezembro. Portaria criando a capella de São Angelo no Rio-Pardo.

1763.—12 de Março. Foi elevada a freguezia a capélla de Santo Antonio da Patrulha.

1763.—A' 14 de Outubro foi criado o curato de Santo Amaro na margem esquerda do Jacuhy.

No mesmo anno de 1763, invadida a villa do Rio-Grande pelos hespanhóes, uma parte de seus dispersos habitantes seguindo o governador Ignacio Eloy de Madureira foi com elle, com o corpo da camara e com a provedoria da fazenda real, firmar o seu assento na *Capella-grande* hoje freguezia de Nossa Senhora da Conceição de Viamão, que então pertencia ao districto da Laguna.

1764.—Criação do curato de São José de Taquary em 11 de Maio.

1765.—Principio da freguezia das *Barrancas* do Estreito por portaria do bispo de 7 de Janeiro.

1766.—Criação da capella de São Nicoláo do Rio-Pardo para os indios sómente, 11 de Janeiro.

1769.—Em 8 de Maio, criação da freguezia de Nossa Senhora do Rosario do Rio-Pardo em substituição á capella de São Angelo.

1770.—Criação da capella da villa real de Sant'Anna perto da estancia de Itapûa.

1772.—A 26 de Março, frei D. Antonio do Desterro nomea ao padre José Gomes de Faria primeiro vigario encommendado dos Casaes, cuja parochia tinha então o titulo de São Francisco dos Casaes, sendo n'este anno desmembrada da freguezia de Viamão.

No mesmo dia 26 de Março, criação da freguezia de Santa Anna das Lombas no Morro-Grande, districto da Conceição de Viamão (já não existe).

1773.—A 18 de Janeiro é substituida a freguezia de São

Francisco dos Casaes pela freguezia da *Madre de Deus* por ser esta Senhora madrinha do governador José Marcellino de Figueiredo, que n'aquelle anno mudou a séde do governo para o *Porto dos Casaes*.

A 17 do mesmo mez foi criada a freguezia da Conceição do Arroio, e a 18 a de São Luiz de Mostardas.

Em 6 de Setembro do dito anno, houve a primeira sessão da camara no Porto dos Casaes hoje Porto-Alegre.

1779.—Em 10 de Julho mudança da capella de São Nicoláo do Rio-Pardo para outra da mesma invocação de São Nicoláo de Butucaraby no passo do Fandango sobre o Jacuhy. Esta serviu de nucleo á freguezia da Cachoeira. Fizeram parte d'esta freguezia as capellas de Nossa Senhora d'Assumpção de Caçapava, de Santa Maria da Boca do Monte, de São Gabriel, e tambem, diz Pizarro em suas *Memorias Historicas* titulo 5, pagina 150, o districto de São Sebastião de Bagé, junto ao antigo presidio de Santa Thecla.

1805.—Porto-Alegre é elevada a villa, e lhe foi confirmado este titulo em 1808.

1807.—Rio-Grande foi elevado a capitania geral por decreto de 25 de Fevereiro.

1810.—Criação da freguezia de Piratini que foi elevada á villa em 1830.

1811.—Criação da freguezia de São Francisco de Paula de Pelotas desmembrada da do Rio-Grande, e é elevada á villa em 7 de Dezembro de 1830.

1812.—Em 31 de Janeiro, criação da freguezia de Canguçu.

No mesmo dia, criação da do Espirito Santo do Serrito de Jaguarão. Pelo mesmo tempo mais ou menos foi elevada á freguezia a capella d'Assumpção de Caçapava, que foi elevada á villa á 19 de Outubro de 1831.

1819.—Criação da freguezia da Encruzilhada.

1820. —Criação da freguezia de Nossa Senhora dos Navegantes em São José do Norte.

Em 19 de Abril, criação da capella curada de Nossa Senhora da Apparecida de Alegrete, desmembrada da freguezia de São Francisco de Borja. Alegrete foi elevada á villa á 25 de Outubro de 1831, e posteriormente á cidade.

1822. —Porto Alegre é elevada á categoria de cidade por decreto de 14 de Novembro de 1822, e tem sido até hoje a capital da provincia.

Pelo resumido esboço chronologico que acabo de dar se vê claramente de que as primeiras povoações da provincia de São Pedro do Rio-Grande do Sul, foram os povos fundados pelos jesuitas na margem oriental do rio Uruguay.

N. B.—A maior parte das datas acima mencionadas foram extrahidas de um manuscripto de meu particular amigo o Sr. A. A. P. Coruja, cujos apontamentos foram por elle mesmo colligidos, tanto por inspecção propria dos respectivos documentos, como por informações de amigos.

CAPITULO XXIII.

GEOGRAPHIA DAS MISSÕES JESUITICAS DO PARAGUAY.

Como n'esta obra não tratei exclusivamente da provincia Jesuitica do Paraguay, composta dos trinta e tres povos de que fiz a historia, mas que n'ella inclui muitas cousas da historia da antiga provincia do Paraguay pertencente a corôa de Hespanha, julgo dever dizer alguma cousa resumidamente tanto da geographia da provincia propriamente jesuitica do Paraguay como da antiga provincia hespanhôla do Paraguay, no meio da qual se achava a outra encravada, por isso dividirei este capitulo em dois artigos.

ARTIGO I.

Geographia da provincia propriamente jesuitica do Paraguay.

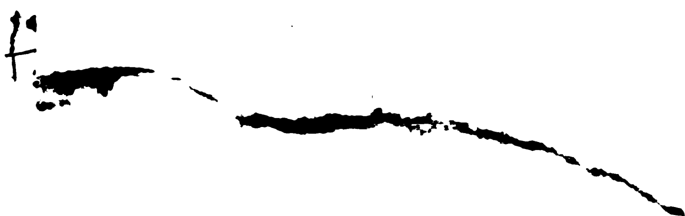
Este mesmo artigo deve-se dividir em tres partes, tratando na 1ª, da geographia da parte d'esta provincia situada ao Norte do rio Paraná, na actual republica do Paraguay; na 2ª, da parte da mesma provincia, situada entre os rios Paraná e Uruguay, e pertencente actualmente á Confederação Argentina; e na 3ª, da parte d'esta mesma provincia jesuitica situada ao Oriente do rio Uruguay e que actualmente pertence á provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul no imperio do Brasil.

§ 1º.

Missões jesuiticas da actual republica do Paraguay.

O territorio d'estas Missões encerra todo o paiz entre os rios

a das distancias em leguas
panhólas que têcm entre
os 30 povos jesuiticos sitos
margens do Uruguay e
aná, principiando por S.
acio Guaçú o mais septen-
nal até Iapeiú o mais me-



Paraná e Tebicuari. Este rio nasce nas vertentes occidentaes da grande serra coberta de matos, que atravessa a republica do Paraguay quasi de Norte a Sul e que finda perto dos povos de Jesus e de Corpus, acompanha durante muitas leguas o rumo da mesma serra no seu curso, depois dirigindo-se para Oeste recebe á direita o rio Piraporaru, depois o Tebicuary-mini bastante grande que rega Villa-Rica, e Ypetu; se engrossa depois pela mesma margem do Albujapey, do Jaguary e de outro rio consideravel que atravessando o lago Ypoa vem em dois galhos juntar-se á elle. A' esquerda o rio Tebicuary recebe unicamente alguns rios de pouca importancia e depois de um curso de cento e vinte leguas vai desaguar no rio Paraguay. Este territorio das Missões jesuiticas do Paraguay, não incluindo n'elle o territorio dos povos jesuiticos de S. Joaquim, S. Estanisláo e Belém situado fóra de Missões ao Norte da provincia propriamente dita do Paraguay, tem mais de duas mil leguas quadradas. Produz todas as fructas dos paizes tropicaes e temperados, sobretudo canna de assucar, algodão, tabaco, etc., e tem proporções excellentes para exportar seus productos pelos rios Tebicuary ao Norte e pelo rio Paraná ao Sul, por cujo ultimo rio se entretinha uma navegação continua dos povos jesuiticos das margens do Paraná, apesar do salto da ilha Apipé, com as cidades de Corrientes e de Buenos-Ayres, tanto no tempo dos jesuitas como posteriormente, antes que fossem arruinados os povos da margem esquerda d'este grande rio e que os da direita fossem fechados pelo dictador Francia ao commercio das outras nações.

§ 2°.

Missões jesuitas que se acham entre os rios Paraná e Uruguay.

O territorio d'esta parte das Missões, fórma um triangulo

comprehendido entre o rio Uruguay a Sueste, a Sudoeste o rio Mirinay, a O. a laguna Ibera e o rio Paraná, e ao Norte a impenetravel serra, que contém riquissimos hervaes, e que se prolonga indefinidamente até os rios Yguaçú e Pepery-guaçú. Do lado do Sul este territorio fórma uma vasta planicie ondulada com numerosos capões e arroios que correm para o Uruguay. A serra geral que se eleva entre os rios Paraná e Uruguay, e que é coberta de matos, vem se concluir uma legua ao norte do povo de Apostolos. Em sua falda meridional se encontram as ruinas dos antigos povos de S. Carlos e de S. José. Em suas cahidas para o Oriente se achavam os povos da Conceição, Santa Maria Maior e S. Francisco Xavier, e sobre a mesma serra o dos Santos Martyres do Japão, todos pertencentes ainda á provincia de Corrientes como os de S. Thomé, da Cruz e Iapejú que se acham mais ao Sul sobre a margem direita do Uruguay.

Nas vertentes occidentaes da mesma serra geral e sobre a costa esquerda do rio Paraná se encontram as ruinas dos povos de Candelaria, Sant'Anna, Loreto, S. Ignacio-mini e Corpus, que pertencem ainda á republica do Uruguay. O rio Aguapehy nasce na vertente meridional da referida serra geral e n'um curso de sessenta leguas atravessa as planicies do Sul d'este territorio que são excellentes para criação de toda a especie de gado. Esta segunda parte das Missões jesuiticas é mais extensa que as outras, e em geral tem as mesmas producções que as Missões orientaes do Uruguay e muitas do Paraguay. N'ella existiu maior numero de povos dos jesuitas e os mais importantes de toda a republica jesuitica do Paraguay. Se ella fosse bem povoada e cultivada, offereceria immensos recursos, que facilmente se aproveitariam pela grande facilidade de os transportar pelos rios Aguapehy, Uruguay e Paraná.

§ 3°.

Missões jesuiticas á Leste do Uruguay, pertencentes actualmente ao Imperio do Brasil.

O territorio das Missões orientaes estava comprehendido entre o rio Uruguay ao Oeste, o mesmo e seus matos ao Norte; á Leste a serra do Herval, e ao Sul o rio Ubicuy. Aguns auctores querem fazel-o chegar ao Norte até o Iguaçú ou rio Grande de Curitiba. Em geral se lhe dá mil e quatrocentas leguas quadradas, mas considerando que os jesuitas se estendiam ao Norte até o mato castelhano, e que ao Sul tinham varias possessões além do Ubicuy, como a estancia de S. Luiz no termo da cidade de Alegrete, e a de S. Thecla perto da cidade de Bagé, cujas possessões ficaram em poder do Imperio do Brasil, póde-se calcular em mais de duas mil leguas quadradas o territorio que os jesuitas occupavam nas Missões orientaes do Uruguay.

Este immenso terreno em que os jesuitas tinham fundado sete Povos, era e é como aquelle, situado á margem direita do rio Uruguay, o mais favorecido da natureza para habitação dos homens por suas variadas e ricas producções, de que fallarei no capitulo seguinte, por seu excellente clima, e o mais proprio para um immenso commercio por causa de suas ricas vias de communicação. Os povos das Missões orientaes eram quasi todos situados proximos ao Uruguay, tendo este rio e seus numerosos affluentes por esse lado para facilitar seu commercio.

Os rios sobre que podem ser embarcados os productos das Missões orientaes, além do Uruguay que póde receber os dos sete povos, são: ao Norte o Juby grande, onde podem embarcar os productos de São Angelo, de São João, de São

Miguel, de São Lourenço; o Piratinim por onde podem navegar os productos dos mesmos povos, de São Luiz, e de São Nicoláo; o rio Camacuã offerece navegação para uma parte dos productos da campanha de São Borja, assim como o Butuhy, o Itú, o Taquary, o Nhacundá, o Jaguary, o Toropé, tributarios do Ubicuy-guassú do lado de Missões, offerecem uma sahida conveniente aos productos da parte occidental e meridional da serra dos Hervaes até a villa de Santa Maria da Boca do Monte.

ARTIGO II.

Noticia resumida da geographia da antiga provincia hespanhóla denominada do Paraguay.

Se quizesse dar uma noticia exacta da geographia da antiga provincia hespanhóla do Paraguay seria preciso escrever volumes, mas para dar uma noticia resumida d'ella, adoptarei um plano pouco usado pelos geographos, que é fazer conhecer a dita provincia pela relação e descripção dos grandes rios que a banham ou atravessam, dividindo-os segundo as bacias naturaes que formam, indicando ao mesmo tempo seus principaes affluentes em ambas as margens. Para diminuir de alguma fórma a insipidez d'esta comprida enumeração de rios cujos nomes são quasi todos indigenas, traduzi e fiz traduzir todos os nomes que pude, em portuguez, como meus leitores se inteirarão na leitura dos paragraphos seguintes: e no ultimo reproduzi uma descripção antiga dos mesmos rios e dos territorios que elles banham.

§ 1.°

Bacia do rio Uruguay ou Ururuguay.

O rio Uruguay, cujo nome quer dizer rio *colla* (ou *cauda*)

de galinha, (75) principia na falda occidental da serra geral do Brasil que se prolonga com o oceano perto da ilha de Santa Catharina. Na vertente occidental da dita serra nascem dois arroios; o mais septentrional tem o nome de arroio dos *Cachorros*, e o mais meridional o nome de *Canoas*. As nascentes d'estes arroios estão em igual latitude e proximas ás nascentes do rio Itajahimirim ou pequeno, que nasce na vertente oriental da mesma serra e seguindo o rumo N. E., vai se reunir ao Itajahi (*pedra chagada*) e vão unidos desembocar no oceano ao Norte de Porto-Bello e da ilha de Santa Catharina. O Cachorros e Canoas fazem logo juncção, e correndo rumo S. O. se unem depois de umas seis ou oito leguas de curso, recebem pela margem esquerda na longitude de 6° ½, do meridiano do Rio de Janeiro; e na latitude de 28° o rio *Caveiras* que banha a villa de Lages, e sahe dha falda mais meridional da mesma serra geral.

Depois de cinco leguas de curso no mesmo rumo, estes rios recebem pela margem esquerda o rio *Pelotas* engrossado á esquerda pelo rio *Turvo*, e á direita pelo *Pelotinhas*, correspondendo as nascentes d'este ás do rio *Tubarão* que vai desaguar na Laguna, e as do Pelotas ás do *Ararangua* (dia que está para ser) e do *Mampituba* (padre e filho), que correm para o oceano. Corre então o Uruguay com o nome de Pelotas para N. O. e depois de um curso de quatro leguas pela margem direita recebe o rio *Caupas* (todo bebado) que vem da provincia de Santa Catharina.

Os arroios das *Pedras* e *Corrente* formam as cabeceiras do rio Caupas e são parallelos em latitude e mui proximos ás cabeceiras do Itajahi, de que acima fallei. Quasi sempre entre ribanceiras de rocha á pique continúa o rio Pelotas seu curso, deixando á direita os campos novos e recebendo um arroio que os rega até que pelo mesmo lado recebe o rio Timbó que quer dizer *rio de muito vapor*, e que corre na falda oriental

de uma serra que serve de divisa ás provincias de Santa Catharina e do Paraná; tambem desde sua nascente mais meridional e mais proxima ás cabeceiras do rio Mampituba o rio Pelotas serve de divisa ás provincias de Santa Catharina e de S. Pedro do Rio-Grande do Sul, e continuando sua marcha com o nome de Uruguay serve de limites á mesma provincia e a do Paraná, e mais adiante á mesma provincia do Rio-Grande do Sul com a Confederação Argentina. Dirigindo-se para Oeste, o Uruguay recebe pelo lado do Norte o *Chapecó-mirim*; o *Chapecó-guassú* ou grande engrossado de varios arroios, cujas cabeceiras são proximas ás do rio *Chapim* (rabão) um dos poderosos affluentes do Iguassú, outros rios pequenos, o rio *Actou* (ou rio que soa muito), e emfim uma ou duas leguas acima do salto grande do Uruguay, chamado *Mucunan*, recebe pela mesma margem o Pepery-guassú engrossado do Pepery-mirim. O Pepery-guassú (que quer dizer: ahi está o rio côr de palha grande) nasce de uma cordilheira que se dirije do Este a Oeste corre sempre para o Sul. Da mesma cordilheira e a uma distancia bem diminuta das cabeceiras d'este rio nasce o rio Santo Antonio que corre sempre para o Norte até que desagua no Iguassú. O Pepiry-guassú e o Santo Antonio servem de limites á provincia do Paraná e ao imperio do Brasil com a Confederação Argentina.

Pelo lado esquerdo como a uma legua mais adiante da foz do Timbó, o Uruguay recebe o *Uruguay-Puitá*, (ou vermelho) que deixa á sua direita os campos chamados antigamente: *Vinte mil vaccas*, e hoje *Vaccaria*; o Uruguay-mirim ou rio *Passo-Fundo*; o Mberuy e outros, antes de chegar ao salto grande de Mucunan. Este salto, segundo a descripção feita pelo viajante Joaquim Antonio de Moraes Dutra, no itinerario que escrevi em 18 de abril de 1858, não impede a navegação nas enchentes ordinarias do Uruguay pelo meio do rio, e no tempo de secca, póde-se varar pelo lado do Norte,

onde ha um profundo canal, ficando apenas um salto de seis ou oito palmos por onde elle passou com suas canôas. Segundo o mesmo viajante, o salto grande de Mucunan tem 8 palmos de altura nas maiores seccas e é composto de pedras soltas que alguns homens poderiam reparar em poucos dias. Segundo outros viajantes, que tenho depois consultado, o salto tem perto de 20 palmos; seja o que fôr, em uma relação de uma nova viagem feita em Outubro ultimo, gastando-se apenas oito dias, do Passo do Goym (Goym quer diz Uruguay) na barra do rio Passo-fundo ao passo de S. Borja, cuja relação me foi confiada e mandei publicar, se vê que estes novos viajantes passaram o salto grande, sem o perceber, que pareceu ao piloto por arbustos, cujos cimos appareciam no meio do salto, que n'aquella occasião elle não devia ter menos de trinta palmos d'agua acima do natural, e que o mesmo salto era menos impetuoso do que as cachoeiras que anteriormente tinham atravessado.

Desde o salto grande de Mucunan, o rio Uruguay que corria a rumo d'Oeste, principia a correr para S.O., e em S. Xavier principia a correr directamente ao S. Desde este mesmo salto até pouco acima de S. Borja no passo dos Garruchos, o Uruguay corre quasi parallelo ao rio Paraná em distancia, ora de vinte, ora de quinze leguas pouco mais ou menos.

O citado viajante Joaquim Antonio de Moraes Dutra, desde a barra do rio Passo-Fundo no Uruguay até a barra do Commandahy, quasi em frente de S. Xavier, encontrou sobre a margem direita do rio Uruguay treze rios de foz navegavel que denominou, como na nota (76), não conhecendo seus verdadeiros nomes. Na mesma extensão de terreno, eu pude conseguir o conhecimento dos rios seguintes: *Chapecó-Mirim, Chapecó*, outro rio sem nome nos mappas, Actou, e Pepiry-guassú, que desaguam acima do salto de Mucunan, e de que já fallei,

e dos seguintes, em geral de pouca consideração abaixo do salto: *Ipané* (arroio que ora corre e ora não corre), (77) *Iganaquia*, (aguas sujas), *Guirahy* (passaro pequeno), *Pindayty* (lançar o anzol n'agua), *Acaragu*ᵉ (cabello da cabeça), *Mbororé* (fazer dormir), e o pequeno arroio de S. Xavier com uma legua acima do antigo povo do mesmo nome. Do salto a S. Xavier ha vinte e cinco leguas, e a navegação é inteiramente franca.

Continuarei a relação dos rios e arroios que desaguam no Uruguay pela direita até a sua juncção com o rio Paraná, para depois concluir a relação dos que n'elle desaguam pela margem esquerda.

Não me consta que nenhum auctor citasse os arroios que entre S. Xavier e S. Thomé cahem no Uruguay e que pelo declive das collinas em que correm, offerecem excellentes proporções para moinhos e engenhos de toda qualidade. Ei-los, logo abaixo de S. Xavier, o arroio Molino, onde os jesuitas tinham um moinho para trigo; em seguida os arroios Monjolo, Porteira, Taquara, Itaquararé, Santa Maria, formado de tres galhos; Pecegueiro ou Capivari formado tambem de tres galhos, Conceição, Tunas, Cheminay, cujas cabeceiras são proximas ás do Aguapehy. O Cheminay passa junto do antigo povo de Apostolos, em seu curso se acha um ponto natural para collocação de um engenho. S. Gabriel, S. Alonso, Cyriaco. Juyaçú (rã que passou) Itacua (que quer dizer buraco de pedra) logo acima de S. Thomé. Quatro leguas ao Sul d'este povo, o Quais (buraco pequeno) e o Aguapehy cuja barra é meia legua ao Sul do Passo de Itaqui, varios arroios até a villa de la Restauracion, onde o arroio Iatahy. (Datil fruta) desagua no Uruguay. Quasi em frente á barra do Quaraim, pouco mais ao Norte desagua o rio Miriñay (Vamos parar um pouco,) mais ao Sul o Tymboy (Timbahuva,) o Mocoreta (que

engole muito.) o Yugueriguazu (unha de gato grande), o Yuguerimirim, o Yerua (porongo amargoso), o Arroio Grande, o Palmar, o Popos, (Saltar), o Pache (Mandinga, feitiço,) o Perucha-Berua (Peruchebé, traga-me), o Vera, o Molina, o China, o Oruia (dono da gallinha,) o Campichecelo, o S. Lourenço, o rio Gualeguaychu, os arroios Venerato, Tala (planta medicinal.) Naranjo, Landa, Palmitos, Perdizes, o rio Nancay, os arroios Nancay chico e o Mosquito, poucas leguas ao Norte do braço de la Tinta, o primeiro d'este lado por onde se effectua a juncção do Paraná-guassú com o Uruguay.

Vamos agora continuar a relação dos rios e arroios que pela margem esquerda desaguam no rio Uruguay.

O viajante Joaquim Antonio de Moraes Dutra indicou quinze rios de foz navegavel que desde a barra do rio Passo Fundo até o Passo de S. Borja desaguam por este lado no Uruguay, e os dou na nota (78) com os nomes que elle lhes designou. N'esta relação cingir-me-hei aos nomes antes conhecidos, e só relatarei os rios sobre os quaes pude obter dados, seguindo a ordem em a qual elles fazem barra no Uruguay continuando desde o salto de Mucunan.

Estes rios são o *Sebollaty* (rio de cebolas.) o *Pindahy* (rio de anzol ou de cabo de anzol,) que commummente dizem ser o rio de Santo Christo; o ***Mindiay*** ou ***Mbulahy*** (filho da filha) que atravessa grandes terrenos desertos, o *Commandahy* (rio de feijão miudo), o *Iuhy* ou ***Ijuhy-guaçu*** (rio de rãas grandes): nasce este rio das faldas occidentaes da serra do Herval, sobre a qual está situada a villa da Cruz Alta, rega o povo de S. Angelo, recolhe á esquerda o Juhy-Mirim, corre rumo N. O. e se junta com o Uruguay em 27° 30' de latitude. Estando meio crescido daria navegação até o povo de São Angelo, sem outro embaraço que o salto de Pirapó de que tenho fallado no paragrapho São

Angelo. O rio *Piratiny* ou *Pirà-tinim* (rio de peixe que tine), nasce da vertente occidental da serra geral, corre rumo N. O. rega São Miguel, São Lourenço, São Luiz e São Nicoláo, recolhe á esquerda o arroio Nhacapetum ou Iacânpitûm (que quer dizer arroio de cabeça escura), á direita os arroios *Santa Barbara*, *Chimbocú*, ou *Ximbucú*, (arroio de nariz comprido), o *Pirajú* (rio do peixe dourado), o *São Nicolas*, e se lança no Uruguay cinco leguas ao Sul da barra do Juhy. E' navegavel por varias leguas, e algumas leguas mais ao sul na magnifica volta das Mercês que o Uruguay dá, recebe elle os dois arroios Manuá e *Urucutahy* (gallinha baixa), e pouco mais de duas leguas ao Norte de São Borja recebe o rio *Camacuã* ou *Ycamba cua* (agua de buraco de negro). Este rio é tambem navegavel durante algumas leguas. Outros escrevem *Icabacuã* e traduzem *rio de peitos com poços ou furados*. Nasce da vertente mais meridional da serra geral, corre rumo S. O. recebendo á esquerda os arroios Taquarembó, *Itacururi* (arroio de pedras miudas) o Igruyoça que nasce de uma serrinha d'este nome Ibîrahiaça e quer dizer *serra aonde se encerravam madeiras para conduzir*.

A tres leguas ao Sul de São Borja recebe o arroio Santa Luzia. A sete ou oito leguas o *Butuhy* ou *Botú-y* (rio de mutuca miuda.) Na villa de Itaqui, (pedra molle) desagua o pequeno arroio *Cambá-y* (arroio do negro. Em vinte e nove e meio gráos de latitude o Uruguay recebe o magestoso *Ubicuy*, o *Ybi-cuy* (rio de arêa): segundo a opinião geral, tem suas cabeceiras na serra de São Martinho, onde é conhecido pelo nome de Ubicui-mirim ou de Ubicui do Norte, que correndo a rumo S. O. se engrossa ao sahir da falda da serra pela margem direita com as aguas do *Toropy* (rio do couro do touro) augmentado este do Toropy-mirim. Pelo mesmo lado recebe as aguas de dois arroios que banham o rincão de São Vicente dando grandes voltas; e em uma que elle dá para o Sul recebe as aguas volumosas do rio

Santa Maria, pela margem esquerda, cujo rio é tambem chamado Ubicui-grande e é tomado por varios pelo Ubicui verdadeiro. O rio Santa Maria tem sua origem nos campos chamados antigamente Iapú-guassú (mentira grande) perto da cidade de Bagé e a poucas leguas de distancia do rio *Pirahy*, *Pirá-y* (ou rio de peixe miudo) uma das nascentes do Rio Negro que atravessa a republica Oriental. O rio Santa Maria caminha primeiramente varias leguas á Oeste, e depois volta-se para o Norte em cujo rumo anda vinte e cinco leguas, recebendo logo pela esquerda o arroio Ponche Verde, pela direita o *Taquarembó chico*, o *Taquarembó* (rio de raizes de taquarinhas), o Jaguary ou *Jaguá-ry* ou rio do Cão ou de Tigre, alguns arroios e emfim o Cacequi (Cacique-y ou rio do Cacique) que em suas nascentes tem o nome de Inhatuin (passaro). A origem d'este arroio e do Jaguary se acha na falda occidental do serro *Batoby* (ou Serro Comprido) em cuja falda opposta nasce o rio Vaccacahy (rio da Bosta de Vacca), ou bem Vaccarahy, que quer dizer rio do Terneiro. Das immediações da cidade de São Gabriel, situada sobre este rio, haveria possibilidade de abrir um canal para unir as aguas do Vaccacahy com o Caciqui e Santa Maria, como foi projectado.

Como a meia legua da confluencia do Caciqui, o Santa Maria recebe pela margem opposta o Ubicui-guaçú engrossado do Ubicui-mirim que nascem ao Norte da cochilha de Santa Anna do Livramento e se augmentam com o pequeno tributo das aguas da Vacàcuá (rio de escondrijo de vaccas). Menos de meia legua adiante o Santa Maria pelo mesmo lado recebe as aguas do rio Saican ou *Içaicán* que vem do rincão do mesmo nome, e quer dizer; *rincão aonde se larga ou derrama qualquer cousa*. Juntas as aguas do Santa Maria com as do Ubicui do Norte e que formam um rio caudaloso que toma desde aquelle ponto até a sua foz no Uruguay, o nome Ubicui-guaçú, este toma o rumo do Occidente, engrossando-se com varios rios

que vem de Missões e se lhe juntam pela direita, os quaes são: o Jaguary ao qual se unem o Jaguary-mirim; o Nhacundá (ou rio que tem aves d'este nome) augmentado do *Carahy-passo* (arroio do passo do homem branco): o Taquary (rio das taquaras); o correntoso *Itú* ou rio da Cachoeira. E pela esquerda se lhe juntam os arroios Tapevy (Itapebi ou arroio lageado), *Yaquaquá* ou arroio do buraco do tigre ou do cachorro, alguns lageados), o rio *Ybirá-puitan* (rio de páu vermelho) que se recolhe á sua direita o Ibirapuitan-chico, e á sua esquerda o Inhanduhy ou Nhânduhy (rio de avestruz pequena), os arroios Ibiraocáy (arroio do páo queimado), e o Ipané. A corrente do Ibicui-guaçú é sempre tranquilla, e este rio dá navegação em todo o seu curso, que é assás tortuoso, a barcos e canôas segundo as localidades por espaço de cem leguas.

Mais possante com o tributo das aguas do Ibicui, o Uruguay continúa seu curso recebendo á esquerda os arroios *Tapechay* (caminho frangido), Sauce, (salseiro, chorão), *Imbahá* ou *Imbahé*, e d'elle *Ipaha* (acabou-se, é o ultimo), Ibahá rio e porto da Uruguayana; Tapiticahy (bosta de coelho do mato); *Chico*, *Ararupa* (cama do dia), *Jaguary*, *Juico* até que se lhe misturam as aguas do rio Quarahim que serve de divisas ao Imperio do Brasil com a Republica Oriental do Uruguay, Quarahim, Guanei, Guarachaim, Guarai nomes dados á este rio, quer dizer *rio do Sol*. Tem origem na vertente occidental da cochilha de Santa Anna e corre rumo Oeste, recebendo do lado direito que vem do Brasil os arroios *Catim* (catinga), *Areal*, *Quarahim*, *Chico*, *Jarão* (Ojaro, diminuição), *Garópa* (Garópa arvore,) *Caumulim* (maribondo), *Caguati* (especie de maribondo) *Taquary*, *Tapitangui* (especie de coelho); e do lado esquerdo, que vem da republica Oriental, os arroios *Invernada*, *Sepulturas*, *Catalan*, *Pintado*, Guau (embroma), *Tres-Cruzes*, *Coaró* (ou *arroio do buraco amargoso*).

Ao Sul da foz do Quarahim o rio Uruguay continúa a receber

os arroios *Aguaracoy* (guará tomou agua), *Sacui*, *Itacumbu*, *Naguinandi*, *Curuçucarape* (cruz baixa), *Jacuhy* (rio dos jacús) 79(). Em seguida recebe as aguas do *Ygarupa* ou *Arapehy* (Yárapéy ou rio em que navegam muitas canôas), engrossado de varios arroios á direita e á esquerda. Continúa o Uruguay a receber os arroios *Touro*, *Ceibo* (planta), *Tapevy* ou *Tabebuy*, abaixo da foz do qual se acha o Salto Grande, (31° 12' lat.); e o arroio Santo Antonio, abaixo do qual se acha o salto Chico, (31° 23' 5''); e o rio *Dayman* (de pedra iman) ou Aranguá; os arroios Chapicoy, Guabiju (fructa), Velhaco, Martim Chico, o rio *Queguay* (rio do pente) augmentado do Quebrado, o arroio S. Francisco, o Negro, o S. Gabriel até que poucas leguas (talvez cinco) antes da sua juncção com o Paraná recebe o maior de seus tributarios que é o poderoso rio Negro que em seus numerosos affluentes recolhe as aguas de mais da metade do territorio da republica Oriental. Ao Sul da foz do rio Negro ao rio Uruguay este apenas recebe o arroio S. Salvador e alguns outros de pequena monta.

Depois começam pela margem opposta os numerosos canaes, que se succedem sem interrupção por espaço de doze leguas e trazem pouco a pouco ao rio Uruguay a quantidade prodigiosa d'aguas dos rios Paraná e Paraguay. E' d'este ponto e depois que todas as aguas se ajuntam em quinze gráos de longitude meridional pelo meridiano do Rio de Janeiro, e trinta e quatro gráos de latitude austral, que o Rio da Prata toma este nome. O curso do Uruguay é pouco mais ou menos de duzentas e cincoenta leguas, não entrando n'esta conta o Rio da Prata. Descreve muitas tortuosidades, fórma numerosas ilhas, dá navegação á embarcações grandes até o Salto Grande Oriental; e apesar das cachoeiras de S. Gregorio do Butuhy, das Mercês e dos Garruchos, em tempo de crescentes ordinarias dá navegação franca á lanchas menores até Uruguayana, Itaqui, S. Borja e até a barra do rio Piratinim perto

de S. Nicoláo. Para que embarcações de pequeno lote possam subir mais adiante no Uruguay e vencer as cachoeiras de S. Isidoro e de Santa Maria, que se acham no Uruguay entre as barras do Piratinim e do Juhy, por cujas cachoeiras em todo o tempo passam canôas, é preciso que o rio Uruguay esteja mais crescido do que ordinariamente o é ; então sem tropeço estas pequenas embarcações poderão chegar ao antigo povo de S. Xavier e mesmo ao salto grande de Mucunan. Posto que, segundo dizem, canôas grandes possam subir acima d'este salto até o rio Pelotas, são tantas as correntezas e as cachoeiras do Uruguay por aquellas paragens, que julgo mui difficultosa a subida das ditas canôas. Porém canôas, pequenas embarcações e jangadas descem facilmente pelo mesmo rio quando elle está crescido, o que em geral acontece mais da metade do anno.

Tendo-me o Sr conselheiro Ferraz, presidente da provincia do Rio Grande do Sul pedido algumas informaçãoes sobre as ilhas que fórma o rio Uruguay n'esta fronteira, sobre sua situação, população, etc; fiz um pequeno estudo sobre esta materia, e formei o mappa que vai junto, sob o n. 3, (§ 2.°), e que talvez meus leitores não desgostem de ver, apesar da sua imperfeição.

Acompanha tambem um mappa dos barcos que actualmente navegam pelo alto Uruguay, (Vide o mappa n. 4, § 3.°)

§ 4.°

Bacia do rio Paraná até que recebe o rio Paraguay.

Quando Solis descobriu o grande Rio da Prata achou que os naturaes o chamavam *Paraná-guassú*, pelo que queriam dizer *Rio como Mar*. Porém tendo os europeos dado o nome de Rio da Prata á immensa bacia aonde vão parar todas as

aguas da então extensissima provincia do Paraguay, conservaram o nome de Paraná ao rio principal e mais caudaloso que bebe a maioria dos rios que correm por aquella provincia, ou que dos limitrophes lhe enviam o tributo de suas aguas. Paraná quer pois dizer: rio principal, e começarei por fazel-o conhecer desde suas cabeceiras.

Como umas dez leguas a Leste da cidade de Goyaz aos quatro gráos de longitude do Rio de Janeiro, e aos 16° 30' de latitude austral na continuação da *Serra Dourada* nascem dois arroios; o mais occidental toma o nome de rio dos Patos e o mais oriental o de S. Bartholomeu. Estes arroios se juntam na povoação de Santa Luzia e caminhando de N. á S. recebem a bastante distancia pela sua margem direita o rio *Carambé* (que significa cágado, tartaruga) e na margem esquerda o rio *Verissimo* engrossado do rio Palmitas e o rio dasVelhas, engrossado do rio Paranahyba, (arvore do Paraná)e do rio dos Dourados não mui distante das cabeceiras do rio S. Francisco. Contnuando o seu curso com o nome de Paranahiba, recebe na margem direita o rio do Meio, outro rio engrossado do rio Verde, do rio dos Pasmados, do rio dos Anicins, do rio dos Bois, do rio Corrente, do rio Apura (que significa da ponta) do rio Caiapó (ir fazer aguas maiores) do rio Bacuhy (aonde ha bicho bravo), e do rio Acortixa, cuja nascentes são proximas ás do grande rio Tocantins. E pela margem esquerda recebe por Passa-Tres o rio da Piedade, o rio Tejuco (lingua de lagarto), e por fim o Rio Grande que separa a provincia de Minas Geraes da de S.Paulo, o qual nascendo da serra da Mantiquera na provincia do Rio de Janeiro, recebe numerosos affluentes tanto da provincia de Minas Geraes e doRio de Janeiro como da de S. Paulo; pelo Sul recebe o rio Mugi-Assú, que é consideravel. Correndo então já com o nome de Paraná á umas quinze leguas ao S. pela mesma margem esquerda recebe o rio *Tiété* que quer dizer ourina mesmo), o qual nasce em Mugi das Cru-

zes na provincia de S. Paulo e tem varios galhos. O Tiété recebe em seu curso na margem direita o Jundiahy (jundiá peixe) o Capivary, o Piracicaba (tem pena do peixe), o Jacaré Pipira, o Pipira (se abre a força), e pela margem esquerda o rio Sorocaba, (Maribondo roto), que em varios galhos nasce da serra *Paranabicaba* (pé de maribondo) e rega a cidade de Sorocaba, antes da sua juncção com o Tiété, que banha as cidades de S. Paulo, Itú, Porto Feliz, etc. O Tiété que é tambem conhecido pelos nomes de Ypané ou Anhembi, na sua barra com o Paraná tem um salto que impede a navegação. Para o desviar, antigamente os portuguezes fizeram na foz do Tiété, que se acha aos 20°, 35' de latitude S. um canal chamado Paranambucu e que tinha vinte passos de comprido e doze de largo.

Poucas leguas ao Sul da foz do Tiété pela mesma margem, o Paraná recebe o rio Agoapehy (onde ha muita aguapé) ou Anhembimini (comer escondido), e que tambem é chamado Turvo, e depois os pequenos rios S. Anastacio e Pirapó peixe que pula). Pouco acima do tropico de Capricornio pela mesma margem esquerda recebe o rio Paraná-pané ou Panema (pane logrado) que nasce na vertente occidental da serra de Paranabicaba, á cuja falda oriental corre o rio Iguapé (que significa dá agua), e se engrossa, em sua comprida carreira, de numerosos rios e arroios de ambos os lados. Varios povos da antiga provincia de Guayrá se achavam sobre o Parana-pané. Umas dez leguas da foz d'este ultimo rio, o *Guaibay* ou *Gaibay* (em baixo feio) ou Ybay (agua feia) corre entre a serra dos Agudos e a serra da Esperança, onde se encontrava a antiga *Villa Rica* dos hespanhóes, e desagua no Paraná. Mais ao Sul, pelo mesmo lado desagua o *Piquiry* (rio de sardinhas ou de peixes miudos), em cuja barra se achava a cidade Real dos hespanhóes. Por suas immediações era o centro da antiga provincia de Guayrá que em geral era pouco sadia, e que se estendia a Leste do Paraná, havendo n'ella antigamente quinze colonias

entre o Paraná-pané e o Tiété, que foram destruidas pelos portuguezes. (Vide o Cap. 1.°)

O grande salto do Guayrá se acha logo em baixo da foz do Piquiry, pelos 24° 7' 27" de latitude S. Eis um resumido bosquejo d'esta obra da natureza.

A espaçosa bacia de aguas que o Paraná engrossado de tantos rios caudalosos, como temos visto, e que nas planicies de Guayrá tem ao menos uma legua de largura, principia a se estreitar em um canal profundo e tão estreito que uma margem dista da outra apenas um tiro de espingarda (duzentos palmos mais ou menos). Estando assim recolhidas e estreitadas as aguas, se apresentam no cume da cordilheira á beira de um precipicio de oitenta palmos em um plano inclinado de 50° cujo declive posto que menos sensivel, continúa no espaço de mais de trinta leguas. Onze são os canaes por onde as aguas se despenham no abysmo, precipitando-se por entre riscos e penedos e subdividindo-se em muitas torrentes. Azotados os caudaes d'este grande rio, se encrespam, se levantam antes de tomar novo curso, formando no ar uma contenda d'aguas encapelladas, que se disputam o passo para prevenir-se umas ás outras em occupar espaço e seguir sua carreira. As vezes se sepultam em conductos subterraneos e correm algum tempo escondidas, arrebentando com formidaveis detonações, vomitando agua a grande altura e deixando-a cahir com espantoso ruido, que ordinariamente se ouve a distancia de oito leguas. Do choque de tantas aguas entre si e contra os rochedos, se levanta uma columna de vapores que com os raios solares formam admiraveis refracções que se avistam de muitas leguas. Quando o Paraná acabou de se precipitar da cordilheira continuam ainda seus rodomoinhos e o encrespamento de suas aguas, que tornam inevitavel o naufragio aos incautos e atrevidos que as ousam sulcar. (80)

Do salto grande de Guayrá á fóz do Iguaçú no Uruguay

que se acha a 25° 41' de lat. S. é impossivel a navegação. Sua long. contada do Rio de Janeiro é de 11° 30'. Um dos galhos do *Iguaçú* ou *Rio Grande* de Curitiba nasce junto da villa Antonina pouco acima de Cananéa, e outro na vertente occidental da serra sobre cuja banda oriental está sentada a colonia D. Francisca. Recebe em seu extensissimo curso, no qual quasi sempre segue o rumo d'Oeste, numerosos rios e arroios em suas margens. O ultimo tributario que n'elle desagua pelo lado esquerdo é o rio Santo Antonio, cujas cabeceiras correspondem com as do Pepery-guaçú, cujos rios servem de limites ao imperio do Brasil com a Confederação Argentina ; sendo estes limites desde a barra do rio Santo Antonio no Iguaçú, o mesmo Iguaçú até encontrar o Paraná, depois o mesmo Paraná subindo rumo Norte até encontrar a foz do rio Jaguary, que pelo lado d'Oeste desagua no mesmo Paraná. No rio Iguaçú, duas leguas antes de sua juncção no Paraná, existe tambem um salto que a approximação do salto grande do Guayrá tem tornado menos celebre do que o teria sido em outros paizes. Como o do Guayrá, o salto do Iguaçú tem seu ruido, sua columna de vapores, sua vista refractiva dos raios solares, sua cataracta perpendicular de mais de duzentos e cincoenta palmos na extensão de perto de quatro mil palmos de terreno.

Pela margem direita poucos são os rios consideraveis que desaguam no Paraná até a foz que n'elle faz o rio Pardo ou Colorado pouco ao Sul da barra do Tiété. O rio Pardo nasce da vertente oriental de uma serra que em sua vertente occidental dá nascimento ao rio Taquary (rio de muitos canudos de taquaras) ou Camapoá (peito redondo) que seguindo o rumo N. O. e dando uma grande volta e depois tomando o rumo S. O. vai desaguar no rio Paraguay acima da cidade de Albuquerque. O rio Pardo seguindo o rumo S. E. recebe muitos arroios antes de misturar suas aguas com as do Paraná.

Antigamente os paulistas depois de ter descido embarcados pelo rio Tiété e uma parte do Paraná subiam pelo rio Pardo ou Colorado até onde podiam chegar, e arrastando suas canôas por terra as levavam para o rio Camapoá ou Taquary que os conduzia ao rio Paraguay por onde subiam o Cuyabá e Mato Grosso.

Quasi em frente do Anhenbunini, pelo lado direito desagua o rio Yguoiry ou dourado (ou aguas douradas).

Quasi em frente do Paraná-pané desagua com muitas bocas o rio Ibineyma que alguns chamam tambem Yaguarey (cão á toa), Jaguari ou Monecio ou Meneci formado do rio Vacana do rio Brilhante e outros. Corre rumo S. E. e suas cabeceiras são proximas com as do rio Mondego ou Mbetetey que correndo ao N. O. vai desaguar no Paraguay junto a Albuquerque. Nas margens do Mbotetey (agua fechada) estava assentada a antiga cidade de Xeres, capital da provincia d'esse nome.

Pouco mais ao Sul o Paraná recebe as aguas do Amambaiguaçú (barba de velho, grande) em cujas vizinhanças dizem existir indios coroados.

Logo ao Norte da serra de Maracaju quasi em frente do Pequery (81) e nos arrabaldes do salto grande de Guayrá no Paraná desaguam pela direita o *Ijatemi* (amontoado) o Jaguary ou Iguarey ou Guarey (rio de muita unha de gato ou rio do pai dos tigres) que nascem na cordilheira antigamente chamada de S. José e correm rumo S. E. Ao occidente da mesma cordilheira nasce o rio que os portuguezes chamavam Correntes, e conhecido hoje pelo nome de Appa, e que correndo rumo O. vai desaguar no rio Paraguay mais ou menos aos 22° de latitude e 14° de long. do Rio de Janeiro. Dizem que este rio Appa desde sua confluencia até seu nascimento e a cordilheira de S. José ou de Maracajú até que esta encontra a foz do rio Jaguary no Paraná, servem de limites ao imperio do Brasil e á republica do Paraguay.

Pouco ao N. da foz do Iguaçú no Paraná e quasi na latitude em que se achava na margem esquerda o destruido povo de Santa Maria Maior, desagua pelo lado direito no Paraná o rio *Acaray* que significa (ah! homem) formado de varios arroios.

Pouco ao sul da Barra do Iguaçú e sempre pelo lado direito desagua o rio *Monday* (rio de chuva de pedras miudas) bastante consideravel. Sobre suas margens estava o antigo povo de Jesus, e o caminho que ao principio tomavam os jesuitas de Santo Ignacio Guaçú para virem reduzir os indios do Paraná e do Uruguay.

Pouco ao Sul da embocadura do Iguaçú no Paraná pelo lado oriental, principia uma grande cordilheira coberta de immensos matos dirigindo-se rumo Este entre os rios Iguaçú e Uruguay, e dando origem a varios rios que n'elles misturam suas aguas. Nas planicies septentrionaes d'esta cordilheira é que em 1541 atravessou, partindo do ponto da ilha de Santa Catharina, D. Alvaro Nunes de Vera Cabeça deVacca para ir á Assumpção do Paraguay, cujas vastas planicies elle denominou provincia de Vera e que se estendia á Leste do rio Paraná até o salto de Guayrá, e onde houve onze colonias hespanhólas que foram destruidas pelos portuguezes. (Vide capitulo 1.º). Na falda meridional d'esta cordilheira corre um rio que tem o nome de Uruguay e que se chama tambem *Maranpu*, que quer dizer—para que será este rio? E vai desaguar na costa oriental do Paraná. O *Aguaray* (guará pequeno), o *Piray* (peixe miudo); o Parnay ou Paranay (agua do Paraná), o Curuguapebe, o *Curuguape* (Porongo cheiroso chato), o Guendy, *Ybnay* (terra em que se faça agua) são outros tantos rios pequenos que se lançam pelo mesmo lado no Paraná, acima do povo jesuitico de Corpus. Elles nascem das vertentes occidentaes de uma serra coberta de matos, e onde existem grandes hervaes e que corre quasi de Nort e a Sul

entre os rios Paraná e Uruguay e em muitos lugares a igual distancia d'estes dois grandes rios. Na falda da mesma serra e já mui proximo aos povos jesuiticos do Paraná se acha o afamado *Nhuguaçu* que significa *campo grande*, que é uma especie de potreiro grande no meio do mato e em cujos arrabaldes dizem que se póde fabricar muita herva.

Chegado ao antigo povo da Candelaria em frente de Itapûa aos 23° lat S. o Paraná, que offerece ahi um passo bem estreito, dirige seu curso para Oeste. Este rio deixa a pouca distancia a esquerda umas pontas do Aguapehy que vai desaguar no Uruguay, deixa os riquissimos campos que formavam as estancias dos jesuitas, fórma a grande ilha *Apipe*, cujo nome significa *pasto chato* ; no braço que passa ao Sul da ilha dá um salto, que fez regressar o primeiro europeu (Gaboto), que n'essas alturas veio sulcar suas ondas, mas que nas enchentes ordinarias não intercepta a navegação a embarcações de pouco calado ; deixa sempre á esquerda a trincheira do Loreto e o pequeno canal que póde unir suas aguas com as pontas da celebre laguna *Ibera* (agua que brilha) que se acham mui proximas ; e como para se despedir das cordilheiras e dos rochedos, deixa ao mesmo lado o serro Ytaybaté (pedra alta), as cidades de Caacaty (páu catingoso) ou Caacatu (herva mate hortelã) e Itati, e continuando seu curso parece desprezar reunir mais aguas, pois que desde Candelaria até Corrientes só recolhe numerosos porém insignificantes arroios pela margem esquerda. O mesmo lhe acontece pela margem direita desde a barra do rio Monday.

Eis a relação d'esses rioszinhos. O Pirapitanga (é de peixe colorado), o Itutí (lugar de muita agua correntosa) ; o Jaguary; o Yasoy (agua de gusanos); o Toboy (venha prompto); o Yaguy (cachorro pequeno); o Campichuelo, pouco acima de Itapûa, aonde está a guarda do Paraguay em frente da Candelaria ; o Ibú (olho d'agua) ; o Yacon ; o Jaguary ; o Agua-

pehi; o Atingi (montão forte); o Itú, e o Laurdes (tecer). N'essa margem direita como para despedir-se da republica do Paraguay, o Paraná deixa o comprido banhado de Nhembucu (cousa prolongada), e glorioso do rico thesouro de aguas que recolheu durante a espaçosa carreira de trezentas leguas, e como que ambicioso de fazer-se mais poderoso, se apresenta para absorver o não menos portentoso rio Paraguay em frente da cidade de S. João de Vera das Sete Correntes aos 28° de latitude austral e aos 16° de longitude do Rio de Janeiro.

§ 5.°

Bacia do rio Paraguay, até juntar-se com o Paraná.

Na vertente Sul da serra Diamantina, nas Sete Lagôas, pouco mais ou menos na longitude de 12° meridiano do Rio de Janeiro e de 13° de latitude austral, nasce o rio Paraguay, cujo nome póde-se traduzir *rio dos payaguás* ou antes rio do Cacique Pará. *Pará* quer dizer *oveiro*, *gua* quer dizer *além da agua* e *y* agua. Corre ao rumo Sul, engrossando-se de varios arroios á direita e á esquerda que nascem da mesma serra. Quasi na latitude da cidade de Cuyabá recebe á direita o Sipotuba (*Sipotuja*, velho) que nasce da serra de Tapirapuan, e mais ao Sul pela mesma margem o Jaurú, bastante caudaloso, engrossado pelo Aguapehy do lado do Oeste, o qual tem na sua origem que é a mesma para o rio Guaporé, um varadouro de tres mil duzentas e trinta e cinco braças. O Guaporé rega a cidade de Mato-Grosso, e é uma das principaes nascentes do rio Madeira. O Jaurú vem da vertente mais occidental da mesma serra de Tapirapuan. onde suas nascentes são mui proximas ás do Juruema, cabeça do grande rio Topasio, um dos principaes affluentes do Amazonas. As cabeceiras do rio Paraguay tambem se acham perto

das do Rio-Negro uma das nascentes do mesmo Topasio. Mais ao Sul e do lado esquerdo o Paraguay recebe o S. Lourenço engrossado pelo rio Guyabá, que nasce da continuação para Este da mesma serra Diamantina, na proximidade dos rios Barubó e Paes que correm rumo Norte e são as cabeceiras do grande rio Xingú, tambem um dos principaes affluentes do Amazonas. O Guyabá segue a falda oriental da serra de Arapés (sempre dia), banha a cidade de Cuyabá, engrossa-se com varios rios, e se lança no rio S. Lourenço que vem de Leste e cujas nascentes vizinham com as do rio das Mortes e com outras cabeceiras do celebre rio Tocantins.

Os terrenos que banham o Paraguay quasi desde a barra do Jaurú até a do S. Lourenço são por elle frequentemente innundados. D'este ponto o Paraguay dá uma grande volta ao Oeste deixando extensos pantanaes á Leste, pelo meio dos quaes corre o Paraguay-mirim, que um pouco mais ao Sul se lhe junta, assim como o pequeno rio Negro; e menos de legua mais ao Sul o Taquary ou Camapoá. Uma legua ao Sul da barra d'este o Mondego tambem chamado Mbotetey, em cujas nascentes se achava a antiga Xeres, desagua no rio Paraguay. Sobre a margem opposta e quasi em frente está sentada a cidade de Albuquerque. Pelo mesmo lado direito, algumas leguas mais ao Sul, desagua o Icubaca (a vacca tem lingua) em cujas cabeceiras se achava o povo do Coração de Jesus, e na proximidade de cuja barra se acha Nova Coimbra. Continúa o Paraguay o seu curso rumo de N. á S. quasi parallelo á cordilheira de S. Fernando. No territorio que existe entre a cordilheira e o rio se encontram os povos destruidos de Itati (pedra branca) e de N. S. de Fé. Como á umas oito leguas de Coimbra sobre a mesma margem em frente á foz que faz no Paraguay pelo lado esquerdo o rio Vabileque, está o antigo porto da Candelaria de que fallei no cap. 1°, e pouco mais ao Sul o forte Bourbon ou Olympo. Como duas leguas ao Sul

d'este forte desagua no Paraguay pela margem esquerda o rio Tareyry ou Avelar (rio de peixe d'este nome) e pouco mais abaixo da sua fóz se encontra o Pão d'Assucar. Pelo mesmo lado recebe depois o Paraguay o rio Ventania ou Tapote ou Tepoti (rio do excremento), e pouco mais abaixo o rio Corrientes ou Appa (rio aleijado) de que já fallei. Em frente d'este desagua o rio dos Guanás que vem da serra de S. Fernando.

Pela margem esquerda o Paraguay recebe em seguida cs rios que correm no interior da republica do Paraguay na ordem seguinte : o Burecyo ou Mburey (tira debalde), o Itapucumini (pedra comprida pequena), o Aquidavan ou Aquidabanage, outra vez um Itapucumini, o Ipané (rio de grande logro), o Ipané-mirim ou Mbaery (rio de que será ?), o Guarambaré, o Iujui (rio da rã cozida), consideravel que vem da cordilheira de S. José ou de Mandacaju (papagaio amarello), em cujas pontas se acha a cidade de Curuguati (lugar de muita planta ou fructa de Curuguá), que tem muitos affluentes, entre os quaes se deve enumerar o mais septentrional, que é o rio Aguaray, que posto que pouco consideravel tem um salto de quatrocentos palmos de altura em linha perpendicular, o qual está aos 23° 28' de latitude S. ; o rio Tobaty ou Mandubira (de uma planta parecida a mandubin), pouco ao Norte da cidade da Assumpção ; e o Tebicuary (rio de assento d'agua) que engrossado de muitos arroios atravessa o territorio da republica do Paraguay e desagua no rio d'este nome, umas dez ou doze leguas antes da sua juncção com o Paraná.

Pela margem direita ao oriente da serra de S. Fernando que se finda poucas leguas ao Norte da cidade d'Assumpção, o Paraguay recebe alguns rios de pouca importancia como o Iabé (ao tempo de ir), o Ibebiry (rio da raia), que se chama tambem confuso, e o Tacones (a traducção é palavra indecente) que desagua em frente do Tobaty. Mais ao Sul do mesmo

lado direito o Paraguay recebe ainda o Pilcomayo e o rio Vermelho.

O rio Pilcomayo, ou Araguay ou Itica (cauda do dia) nasce na republica de Bolivia; á poucas leguas de distancia da nascente mais septentrional d'este rio, passam as nascentes mais meridionaes do rio Mamoré que tem suas cabeceiras em Bolivia, atravessa a antiga provincia de Santa Cruz de la Sierra, que depois de um extenso curso, com o nome de rio Madeira, vai desaguar no rio Amazonas. Por este rio uns dos primeiros conquistadores e descobridores do Paraguay subiram, e foram pelo Amazonas desembarcar ao oceano Atlantico e seguiram para Cadiz.

O Pilcomayo rega as cidades de Chuquisaca e de Potosi, e atravessando immensos terrenos vem desaguar no rio Paraguay logo abaixo d'Assumpção, formando antes da sua juncção uma mui grande ilha.

O rio Vermelho cujos galhos sahem uns da cidade de Tarija (gracejo), e outros de Jujuy (rã amarella) atravessa tambem terrenos extensissimos e vem se lançar no Paraguay quasi em frente da foz do Tebicuary.

Com esta immensa massa d'agua que o rio Paraguay tem recolhido em uma carreira tambem gigantesca, cuja massa se não iguala em quantidade ás que o Paraná ostenta, questão que não ouso decidir, tem sobre ellas a superioridade de offerecer melhor navegação em um curso dilatadissimo: o soberbo rio Paraguay se avança para a cidade de Corrientes, como que envergonhado de ir se alliar ao irmão que lhe tirára o nome, e confuso d'esta alliança recusa algum tempo misturar com elle suas aguas, que durante algum espaço rolam juntas por sete correntes sem se misturarem, maravilha de especie particular que fez dar o nome de Sete Corrientes á cidade que todos os dias goza d'este estranho espectaculo.

---

§ 6°

Bacia do Rio Paraná desde que se lhe junta o rio Paraguay até o Rio da Prata.

Com o augmento de tantas aguas o rio Paraná cada vez mais possante alarga a sua bacia á proporção que o engrossam seus numerosos e poderosos tributarios, formando a cada passo ilhas, umas grandes e outras pequenas povoadas de bosques e de feras, e aformoseando suas margens de alegres primaveras. Como testemunhas da alliança pacifica das aguas do Paraná com'os do rio Paraguay em frente da cidade de Corrientes pela margem direita vem-se-lhes unir como um triplice sello as ondas dos tres pequenos rios *Verde, Antequera* ou Anguera (rio de defuntos) e o *rio Negro*. Pela mesma margem mais ao Sul desemboca no Paraná o rio Natiú (rio de mosquitos).

Seguirei de uma vez a relação dos rios que pela margem direita desaguam no Paraná que segue o rumo S. S. O. até a cidade de Santa fé para tomar ahi o rumo S. E. até o rio da Prata, para depois fazer a relação dos que n'elle desaguam pela margem esquerda.

Pouco ao Sul da barra do Natiú desagua no Paraná em frente da Bella Vista o rio Capivary, e um arroio a uma legua mais pelo Sul. Em frente de Santa Luzia desagua o rio Guaicurús, deixando o povo de S. Jeronymo ao septentrião da sua foz e em frente de Goya o Paraná recebe as aguas do rio d'El-Rei. D'este ponto, tanto na margem direita como na esquerda o rio Paraná como que presentindo a vizinhança do elemento liquido, cioso de invadir o arido, para me servir da expressão do Genesis, fórma tão grande numero de lagôas, de braços, de ilhas, de lagos, de canaes, com os rios Salado, rio segundo, rio terceiro, rio quarto, rio quinto do lado occidental, e

com os rios Paraná-chico, São Lourenço, Pavão, Lechiguana, Gualeguay, e seus numerosos canaes que vão misturar suas aguas ás do Uruguay do lado oriental, que, abstracção feita dos edificios e da população, formaria por assim dizer uma Veneza de mais de oitenta leguas de comprimento com a competente largura de quatro, seis, oito ou dez leguas; cujo labyrintho de aguas é impossivel enumerar quanto mais descrever. O rio d'El-Rei, de que acima fallei, vem do occidente e tem sua origem formada da lagôa das Viboras que alimenta o rio Platina que vem do Norte e um braço do rio São Thomé ou Salado que vem do Sul. Este braço do Salado, chamado Saladilho-grande, depois de depositar suas aguas na lagôa das Viboras sahe rumo SE e encontrando-se com o rio Malabrigo fórma o lago do Crystal a duas leguas da bacia do Paraná. D'este lago sahem quatro rios ou canaes: o mais septentrional com o nome de Malabrigo seguindo o rumo NE. vai desaguar no rio Paraná pouco ao Sul da fóz do rio d'El Rei; o segundo seguindo rumo E. vai desaguar em frente da barra do rio Correntes; o terceiro tomando o rumo SE. vai desaguar pouco acima da barra do Guaygarasó; e o quarto com o nome de Saladilho-grande tomando o rumo de S. SO., e deixando á esquerda como uma ilha gigantesca onde se acham os povos de São Xavier, Cayutá, Silva, Napire Cayutá e um potreiro formado por um canal do Paraná que vem se lhe unir em sua barra, se une ao rio Paraná, pouco acima da cidade de Santa Fé, formando a lagôa Setubal. Ao occidente e na latitude da cidade de Santa Fé, sita na margem direita do Paraná chega o rio Salado ou São Thomé, que ahi reparte suas aguas; enviando para Este metade d'ellas que logo se juntam ao Paraná, e dirige a outra metade rumo S., que depois de algumas leguas de curso, deixando a Coronda á Oeste e formando a grande ilha de Santa Fé a Este, vem se reunir ao Paraná, pouco acima da barra do rio Terceiro ou de Ca-

racanhua, rio mui consideravel. Em seguida os principaes rios e arroios que desaguam no Paraná pelo Oeste são: o São Carlos, Saladilho, Secco, Pavão, o rio Quarto ou arroio do Meio, o Oratorio, o Obligado, o Tala, o Baradero, o Canhada-funda, o Areco, e finalmente o rio da Cruz acima da boca das Palmeiras

Ao sahir de Corrientes o Paraná pelo lado oriental recebe os arroios Cuacara, Cruz, Empedrado e Tabaco, Barreto, Saladas, Chamuriró, Santa Luzia, Bateles, Corrientes, Aguarachay, Guayquiraró (rio dos papos) (que serve de limites a Corrientes e Entre-Rios) engrossado do Sarandi e Matas, o Fundo ou rio dos Seibos, o rio de São José ou Feliciano, o Hernandeiras, o rio das Conchas ou Conchinhas e Ponta-Gorda; e mais ao Sul o Paraná-chico, formando a lagôa dos Pescados, o rio São Lourenço, formando a ilha do Pilho, o rio Pavão, o rio Lecheguano nos quaes vêem desaguar o rio Gualeguay, e em seguida em varios canaes o Paraná vai se juntar com o rio Uruguay.

§ 7.°

Bacia do Rio da Prata.

As aguas reunidas do Paraná e do Uruguay formam o Rio da Prata. Ao occidente o Rio da Prata recebe o tributo das aguas dos rios do Pilar ou Lujan, das Conchas, acima de Buenos-Ayres, do Riachuelo, sobre cuja margem esquerda está Buenos-Ayres, do Barragan, do Magdalena, e emfim do rio Salado engrossado pelo rio das Flôres, e mais alguns arroios antes de chegar ao Cabo de Santo Antonio, limite meridional da fóz do Rio da Prata. Ao Oriente o Rio da Prata recebe os rios das Vaccas ou Viboras, Dois Irmãos, São Francisco, São João do Cão perto da colonia do Sacramento,

Molinas, Rosario, Cafré, Pavão, São Miguel, e rio Santa Luzia engrossado do São José que recolhe o São Gregorio e Caganchа, e do Santa Luzia-Chico; o Santa Luzia faz barra perto do serro de Montevidéo. Continúa a receber a Leste de Montevidéo o Solischico, o Solisgrande, os arroios do Pão d'Assucar, do Potreiro, de Maldonado perto da cidade d'este nome, e alguns arroios que desaguam em lagôas que communicam com o Rio da Prata pouco antes de chegar ao Cabo de Santa Maria, limite septentrional da fóz do Rio da Prata.

Do Cabo de Santo Antonio ao Cabo de Santa Maria ha mais de cincoenta leguas, estuario immenso que não tem igual no mundo. As aguas são mui doces até algumas milhas de Montevidéo; ahi mesmo muitas vezes são ellas potaveis. São carregadas de lodo amarello, o que se deve de certo attribuir a grande diversidade de terras que banham no immenso desenvolvimento do seu curso e das quaes necessariamente devem tomar as côres principaes. As praias dos dois lados são muito baixas principalmente as do Sul; bem que as do Norte de vez em quando sejam um pouco mais altas e orladas de rochedos, nunca são faceis de distinguir-se de longe. O canal da ilha dos Lobos sita á SO. de Maldonado, o da ilha das Flôres a O. de Montevidéo, os pedruscos de que é semeado em quasi toda a sua extensão, seus baixios, seus bancos de arêa entre os quaes se fazem notar o banco Inglez, o banco Ortiz e o banco Indio não são os unicos obstaculos que tem a vencer os navegantes. Elles tem que temer sobretudo a impetuosidade dos ventos de SO chamados *Pamperos*, porque por intervallos varrem as planicies dos Pampas, e não poucas vezes se precipitam sobre o Rio da Prata com uma violencia que não póde arrefecer a vizinhança de nenhuma terra. Em frente á Colonia do Sacramento se acha no Rio da Prata a pequena ilha de São Gabriel; e quasi em frente da barra do pequeno rio de São João se encontra a ilha de Martim Garcia que domina

a entrada para os rios Paraná e Uruguay. Do lado do Sul da barra do rio Paraná se acham as ilhas das Palmas, e do lado do Norte da barra do rio Uruguay as ilhas Solas.

Descrever miudamente o grande Rio da Prata, enumerar um por um todos os rios em numero de mais de quinhentos, uns de limitado cabedal, outros de tanta molle que quasi lhe disputam a primazia e que lhe fornecem suas aguas: descrever os que immediatamente se descarregam sobre suas margens e os que engrossam seus tributarios, e que estendem seus braços tão immensamente por um lado e outro que ao Oriente pelo Uruguay, pelo Iguassú, pelo Paraná-Pané, pelo Tieté e pelo Paranahiba se dilata até os confins do imperio brasilico e quasi até o Oceano Atlantico: ao occidente pelo Pilcomayo, pelo Vermelho, pelo Salado, pelo Caracanhal recolhe todas as vertentes da cordilheira chilena desde Cordova até os Chichas e Charcas; e ao Norte pelo rio Paraguay e seus tributarios se estende sem limites ou ao menos sem limites bastante averiguados; descrever as ilhas que formam todos estes rios grandes e pequenos, enumerar seus saltos, suas cachoeiras, suas correntezas; descrever a qualidade de todas as terras que banham, seus rochedos, suas producções em todos os reinos: seria um trabalho immenso que exigiria muito tempo para sua execução, e que pediria habilitações que não tenho. O leitor poderá obter d'isso uma ligeira noticia registrando os mappas existentes.

Concluida a descripção das bacias dos rios Uruguay, Paraná, Paraguay e Rio da Prata, cuja imperfeição perdoarão nossos leitores, e que esperamos alguma penna mais habil aperfeiçoará, julgamos interessante que se veja a descripção das mesmas bacias e de seus territorios escripta no anno de 1612, e é o que vamos fazer no seguinte paragrapho.

---

§ 8.º

Descripção das referidas bacias e de seus territorios, extrahida de um livro que foi escripto no anno de 1612, onde se vê o que eram as provincias do Rio-Grande do Sul, de Santa Catharina, de Matto-Grosso etc., em aquelles tempos.

Tendo de tratar n'este livro do descobrimento e da povoação das provincias do Rio da Prata, não é fóra de proposito descrevel-as com suas partes e qualidades, dizer o que ellas contém em longitude e latitude, tratar dos caudalosos rios que se confundem no principal, enumerar a multidão de indios de diversas nações, costumes e linguas que se acham dentro de seus confins.

Em consequencia se deve saber que esta *gobernacion* (que este governo) é um dos maiores que S. M. Catholica tem e possue nas Indias, porque além de que Sua Magestade lhe determinou quatrocentas leguas de latitude austral na costa do oceano atlantico, tem mais de oitocentas leguas de comprimento desde o mesmo oceano até os confins da *gobernacion* de Serpa e Silva. Por este meio corre o grande Rio da Prata e vem ao oceano ao qual desemboca com tão grande largura que tem mais de oitenta e cinco leguas de bocca, havendo um cabo de cada lado. O que se acha ao Sul, á mão esquerda da nossa entrada, se chama *Cabo-Branco* (82); o que se acha ao Norte e á mão direita se chama *Cabo de Santa Maria*, junto ás ilhas dos Castilhos que são medões de arêa que de muitas leguas se avistam do mar. Está este cabo a pouco mais de trinta e cinco gráos, e o outro á trinta e sete e meio gráos, do qual para o Estreito que descobriu o portuguez Magalhães ha dezoito gráos.

Ao Sul do *Cabo-Branco*, Sua Magestade concede duzentas leguas de costa sobre o oceano a este governo. Toda esta costa

é mui rasa, falta de lenha, com mui poucos portos e rios, excepto um que se chama do *Inglez*, que se encontra na primeira volta do Cabo, e outro mui adiante que se chama a ***Bahia Sem Fundo***, que se acha além de um grande rio que em 1605 Saavedra com gente de Buenos-Ayres sahindo em busca da noticia dos *Cesares* descobriu, sem que achasse cousa de consideração sobre o objecto da sua expedição, se bem que haja certeza de que, se procurasse em outro lugar, na cordilheira que vai de Chile para o Estreito de Magalhães, seria mais feliz. Mais adiante ha o rio dos Gigantes e o de Santa Ursula que se acha aos cincoenta e tres gráos quasi sobre o Estreito.

Do Cabo de Santa Maria para o Norte do lado do Brasil este governo tem perto de duzentas leguas até a Cananéa, (83) onde o adelantado Alvaro Nunes Cabeça de Vacca collocou armas para determinar os limites dos terrenos da sua jurisdicção.

Esta costa do Rio da Prata e do Cabo de Santa Maria para o Norte é rasa e desabrigada até a ilha de Santa Catharina com dois ou tres portos para navios pequenos. O primeiro é junto aos Castilhos. O segundo é o Rio-Grande que dista sessenta leguas do Rio da Prata. Sua entrada offerece difficuldades por causa da grande correnteza com que este rio entra no mar; mas tendo-se entrado n'elle é seguro e grande e se estende como um lago; sua entrada é escondida por uma ilha que a encobre. Em suas margens estão estabelecidos mais de vinte mil indios guaranis, que em aquella terra chamam *Arachánes*, não porque em seus usos, costumes e linguagem se differenciem dos indios da nação guarani, senão porque trazem o cabello alçado, encrespado para cima. E' gente corpolenta e bem parecida que tem frequentemente guerra com os charruas do Rio da Prata, e com outros indios que moram no interior chamados guayanás, se bem que este nome se dá á todos os indios que não são guaranis e que não têm nome proprio.

O Rio-Grande e seu porto se acham a trinta e dois gráos, e

correndo a costa para cima ha alguns povos de indios da mesma nação. Todo seu territorio contém excellentes pastos para gados de toda qualidade, grandes e pequenos. Na falda de uma cordilheira não distante da que vem do Brasil (que n'aquelle tempo elles consideravam ao Norte de Cananéa) se vêem cannas de assucar e algodoaes de que elles (os indios) se aproveitam. E' cousa certa haver n'aquella terra ouro e prata (até agora não se tem encontrado na provincia do Rio-Grande do Sul e de Santa Catharina ouro e prata que mereça a pena, se fosse certa a noticia os indios nossos antecessores sabiam á este respeito mais do que nós) pelo que hão visto alguns portuguezes que têem estado entre estes indios, e pelo que se tem descoberto de mineraes n'aquellas immediações do lado de São Vicente, onde está estabelecido Dom Francisco de Sousa.

Quarenta leguas mais ao Norte ha outro porto chamado Laguna de los Patos, que tem em sua entrada uma barra difficultosa. Seu céo e clima são bons; é mui fertil em mantimentos e mui commodo para se fazer engenhos de assucar. Dista vinte e oito e meio gráos da linha. Em sua comarca ha mais de dez mil indios guaranís mansos, trataveis e amigos dos hespanhóes.

D'aqui ao porto de Dom Rodrigo (84) haverá quatro leguas. Este é accommodado para o commercio d'esta gente, e seis leguas mais adiante está a ilha de Santa Catharina um dos melhores portos d'aquella costa, porque entre a ilha e a terra firme ha bahias e ancoradouros mui grandes e seguros, capazes de conter muitos navios grandes. Este porto tem duas bocas uma ao SO. e outra ao NE. Foi esta ilha mui povoada de indios guaranís, e em este tempo (1612) está deserta, por que se retiraram os naturaes para terra firme, deixando as costas para procurar os campos e pinheiraes. A ilha tem mais de sete leguas de comprimento e mais de quatro de largura.

Tem grandes matos e montanhas, muitas e mui boas aguas e correntosas para engenhos de assucar.

D'ahi para o Norte toda a costa é aspera e montuosa, com grandes arvores e muitas fructas da terra. De cada quatro ou cinco leguas se encontra um rio e um porto para navios, e particularmente em São Francisco que é tão fundo e tão seguro que podem atracar em terra as maiores embarcações.

De São Francisco a Cananéa ha trinta e duas leguas. Ahi são os limites do Paraguay. A Cananéa tem um rio caudaloso que sahe ao mar, com um porto rasoavel e tres ilhas pequenas em sua frente. Seu termo é povoado de indios caribes do Brasil.

Toda esta costa é cheia de pescaria e de caça, assim de javalís, porcos montezes, antas, veados e outros diversos animaes, muitos macacos, papagaios, aves de terra e d'agua.

Acham-se em muitas partes d'esta costa, perolas grossas e miudas, em conchas e ostras em quantidade, e muito ambar que o mar lança na praia e que os animaes e aves comem.

Foi antigamente esta costa mui povoada de indios, os quaes com as guerras que tiveram entre si, se destruiram, e outros abandonando suas terras, seguiram os rios para o interior e chegaram as alturas aonde hoje (1612) estão se estabelecendo nos campos que confinam com o Rio da Prata e que chamamos de Guayrá, por cujo nome foi conhecido o territorio a Leste do rio Paraná, e que era proximo ao salto grande do Guayrá, e o territorio da cidade de Porto-Real e seus arrebaldes.

Até agora descreví o que se acha na costa da *gobernacion* do governo do Rio da Prata: agora vou fazer a descripção do que se acha no interior das terras. E para melhor desempenhar minha tarefa seguirei o curso do grande Rio da Prata, no qual como em sua madre principal vem desaguar todos os rios que correm pelas provincias e povoações de diversas nações de indios da provincia do Paraguay. E assim tomarei para fazer esta descripção o mesmo Rio da Prata, principiando

pela mão direita ao entrar n'elle pelo mar como entramos. Do Cabo de Santa Maria ao porto de Maldonado ha dez leguas, sendo a costa toda rasa, e deixando a ilha dos Lobos no mar á esquerda.

Maldonado é bom porto, e tem em terra firme uma lagôa de muita pescaria. A' ilha dos Lobos e toda a costa de Maldonado correm os indios charruas, que é gente bem parecida, a qual só se sustenta de caça e de pesca. São mui ousados em acommetter e crueis em pelejar; e depois mui piedosos e humanos com os captivos. Este porto tem facil entrada, por cujo motivo não estaria seguro se fosse atacado por mar.

Mais adiante está Montevidéo, assim chamado pelos portuguezes. onde ha um porto mui accommodado para uma povoação, porque tem extremadas terras e pasto para gados, de muita caça de veados, perdizes e abestruzes. De Montevidéo a ilha de São Gabriel ha vinte leguas. deixando ao meio o porto de Santa Luzia. A ilha de São Gabriel é mui pequena e dista pouco mais de duas leguas da terra firme, onde ha um porto rasoavel, mas que não tem abrigo sufficiente para os navios que ahi aportam. N'esta paragem desemboca o rio Uruguay que ahi tem de boca cêrca de tres leguas, e dentro da sua fóz desembocam o pequeno rio São João perto do rio São Salvador que é um porto mui accommodado. Dez leguas mais adiante desemboca no Uruguay outro rio que chamam Rio-Negro, e acima d'este a um e outro lado desembocam infinitos rios no Uruguay, e em particular um que tem o nome de Peperí, onde é fama notoria haver muita gente que possue ouro em quantidade que este rio carrega em suas arêas.

Este rio Uruguay nasce nas espaldas da ilha de Santa Catharina, e correndo para o meio-dia, se aparta da Laguna dos Patos para o Occidente por muitas nações e terras povoadas que chamam guayanás, bates, chovas, chovaras, que são quasi todas de uma lingua; se bem que nenhum hespanhól

tenha entrado em suas terras, e que o que relatamos seja devido ás informações que nos déram os guaranís.

E correndo muitas leguas vêm o Uruguay passar por uma povoação mui grande de indios guaranís que chamam tapes, que quer dizer cidade. Esta é uma das melhores e mais povoadas provincias d'este governo.

Mas, deixando ahi a descripção do rio Uruguay e dos territorios que banha, irei pelo Rio da Prata e pelo rio Paraná acima no espaço de cento e cincoenta leguas por entre muitas nações e povos de differentes usos, costumes e linguagens, que pela mór parte nada têem de agricultores, até a cidade das Sete Corrientes, onde se juntam dois rios caudalosos, o Paraguay que vem da esquerda e o Paraná que vem da direita. Este é o rio principal que bebe todos os rios que vem do lado do Brasil, e que tem de largura ordinariamente uma ou duas leguas, e que tem trezentas leguas de curso quando se lhe junta o rio Paraguay.

Deixando o rio Paraguay á esquerda e entrando a navegar pelo rio Paraná á direita, este é pacifico para a navegação, e antes de quarenta leguas se descobrem muitos baixios e arrecifes onde ha uma lagôa á mão esquerda do rio que chamam de Santa Anna, mui povoada. Por essas immediações vem desembocar um rio chamado Iguaçú, que significa *Rio-Grande*. Vem das espaldas de Cananéa e corre duzentas leguas por terras de indios. Os que habitam pelas cabeceiras do rio são todos guaranis. Em seu curso passa elle pelos povos selvagens chamados chovas, mimos e chiquis, por terras frias povoadas de grandes pinheiraes até se juntar ao Paraná. Subindo trinta leguas por este se encontra aquelle estranho salto, que entendo ser obra da natureza mais maravilhosa que existe. Porque a furia e velocidade com que cahe todo o corpo d'agua d'este rio tem mais de duzentos estados (medidá da altura de um homem) por onze canaes, fazendo todos uma fumaça mui espessa na

região do ar pelos vapores que causam. D'ahi para baixo é impossivel navegar com tantas vertentes, correntes e rebatentes, que faz com grandes rodomoinhos e burbulhões que se levantam como nevadas serras. Cahe toda a agua n'este salto em uma penha como em uma caixa guarnecida de duras rocas e penhas, em que se estreita todo o rio em um tiro de frecha (tendo em cima do salto mais de duas leguas de largura), e então se reparte pelos canaes, que não ha olhos nem cabeça humana que o possa olhar sem devanear-se e perder a vista. O ruido do salto se ouve a oito leguas de distancia e se enxerga a fumaça e o vapor d'estas cataractas a mais de seis leguas, apparecendo como uma nuvem embranquecida.

Tres leguas acima está fundada a cidade de Porto Real na boca do rio Pequiri. Está no mesmo tropico de Capricornio, por cuja causa é lugar doentio, assim como toda a provincia commummente chamada Guayrá, que era o nome de um cacique d'aquella terra. Doze leguas mais adiante entram dois rios. Um á mão direita chamado Ubay, e outro á mão esquerda chamado Munhey que baixa da provincia de Xeres. O outro vem de Leste onde está fundada cincoenta leguas no interior a villa do Espirito-Santo, em cuja jurisdicção e comarca ha mais de duzentos mil indios guaranis povoados tanto na margem dos rios e nas montanhas, como nos campos e pinhaes que se estendem até S. Paulo, povoação do Brasil.

Correndo Paraná acima se encontra outro rio mui caudaloso que vem do Brasil, chamado Paraná-Pané, no qual entram outros muitos e todos são mui povoados, especialmente o que tem o nome de Atibajiba que tem mais de cem mil indios. O Paraná-Pané nasce de uma cordilheira chamada Sobaré, que dista pouco de S. Paulo, juntando-se com outros se torna caudaloso e rodeia o serro de Nossa Senhora de Monserrat, que tem cinco leguas de circuito. A' sua falda, os portuguezes da costa do Brasil tiram muito ouro, rico de 23 quilates, e no alto

do mesmo serro encontram muitas veias de prata: ahi D. Francisco de Sousa, cavalleiro portuguez, fundou um povo que continúa tirando grandes beneficios das minas de ouro e de prata.

Mais acima o Paraná recebe á mão direita outro rio mui grande, se bem que tenha muitos recifes e saltos que os indigenas chamam Ayembé (Tieté). Este nasce das espaldas de Cabo Frio (85) e passa pela villa de S. Paulo, em cuja margem está edificada. Não tem indios nenhuns, porque os que por ahi existiam foram expulsos e destruidos pelos portuguezes por causa de uma rebellião e levantamento que intentaram pondo sitio á villa de S. Paulo, para a saquear e destruir, no que não sahiram com seu intento. Actualmente por este rio se communicam os portuguezes da costa do Brasil com os castelhanos da provincia de Guayrá.

Mais adiante no Paraná entram á uma e outra mão muitos outros rios, especialmente o Paranahyba-huy, e outro que dizem sahir da laguna do Dourado, que vem do Norte, e é tão afamada que os portuguezes dizem que tem muitas riquezas os que moram em sua vizinhança. Dizem os portuguezes que este rio tem sua origem na paragem e altura da Bahia, cabeça das cidades do Brasil.

Temos seguido o curso do rio da Prata pelo lado direito, e feito a descripção do que se acha no interior das terras pelo mesmo lado. Vamos outra vez seguir o seu curso fazendo a descripção do que ha no interior pelo lado esquerdo.

Do Cabo Branco a Buenos-Ayres a terra é mui rasa e desabrigada, com máos portos, falta de lenha com poucos rios, excepto um que se acha a vinte leguas do dito cabo, que chamam Tubichamini, nome de um cacique d'aquella terra Este rio baixa da cordilheira do Chile, e é chamado Desaguadoro de Mendonça que é uma cidade que se acha d'este lado da cordilheira grande nas planicies que vão se prolongando

até a cidade de Buenos-Ayres que dista vinte leguas da foz d'este rio. A terra é toda muito chata, os campos são tão extensos e dilatados que n'elles se não encontra uma arvore; tem pouca agua, mas é abundante de caça sobre tudo de veados, abestruzes e perdizes. N'ella se encontram poucos indios, e os que existem são bellicosos, mui corredores e alentados e se chamam querandís. Não são lavradores e se sustentam de caça e pescaria, e d'esta fórma não edificaram povos; não têem paradio certo, andam de ordinario pelos campos procurando fructos para sua subsistencia. Correm d'esde o Cabo Branco até o rio das Conchas que se acha cinco leguas acima de Buenos-Ayres, e se estendem mais de sessenta leguas pelo interior do lado da Cordilheira. Estes indios foram repartidos com os outros da comarca, pelos visinhos da Trindade, porto de Buenos-Ayres, situado sobre o proprio Rio da Prata. Este porto é mui desabrigado, e correm risco os navios que estão surtos no lugar a que chamam o Passo, por ser um tanto distante de terra; mas a Divina Providencia o proveu de um arroio (Riachuelo) que está como a uma milha abaixo da cidade, tão accommodado e seguro, que mettidos dentro d'elle os navios não sendo mui grandes, podem estar sem amarrar com tanta seguridade como se estivessem dentro de uma caixa. Este porto foi povoado antigamente pelos conquistadores, e por causas forçosas tiveram que o abandonar, e parece que ahi deixaram cinco egoas e sete cavallos, que em menos de setenta annos se multiplicaram tanto, que hoje é impossivel numeral-os, porque ha tantos cavallos e egoas, que ao longe parecem montanhas, e occupam os planicies e campos desde o Cabo Branco até o forte de Gaboto, espaço de mais de oitenta leguas, e se estendem pelo interior até a cordilheira.

De Buenos-Ayres para cima ha algumas nações de indios e bem que tenham differentes linguas, têem os mesmos modos e costumes que os querandís; todos são inimigos mortaes dos

hespanhóes e todas as vezes que podem, lhes são traidores. Ha outros mais acima chamados timbús, caracarás a quarenta leguas de Buenos-Ayres na Boa Esperança, que são mais affaveis, de melhor trato e costumes que os que se acham mais abaixo. São lavradores e têem seus povos estabelecidos sobre a costa do rio. Furam-se os narizes cujas aberturas tapam por gala com uma pedra azul ou verde. São mui engenhosos e habeis e aprendem bem a lingua hespanhóla. Antigamente estes indios eram em numero de mais de oito mil, mas agora são mui poucos.

Deixando atráz os rios Lujan e dos Arrecifes e subindo o Paraná se encontra o forte de Gaboto, assim chamado porque muitos hespanhóes companheiros de Sebastião Gaboto ahi foram mortos, encaminhando-se para a cidade de Santa Fé; encontram-se algumas povoações de indios chamados gualachos e que occupam umas quarenta leguas de territorio. Poucas leguas aoS. da cidade de Santa Fé desagua o rio Salado que é caudaloso. Nasce nas cordilheiras de Salta e Calchaqui, atravessa toda a provincia de Tucuman, passa a doze leguas de Santiago del Estero, rega muitas terras e povos de indios chamados tonocotes e juris e de outras nações antes de vir desaguar no Paraná. A cidade de Santa Fé está fundada a 32 gráos Este Oeste com a de Cordova. Seu districto tem muitos indios que foram repartidos aos habitantes da cidade. Os outros indios da sua jurisdicção não são lavradores e têem por pão certa qualidade do barro de que fazem uns bolos que collocam sobre cinzas quentes e que depois de cozidos ensopam em azeite de peixe para os comer, e assim os comem sem que lhes causem damno algum. Todas as vezes que lhes morre um parente se corta uma articulação dos dedos da mão, de maneira que muitos d'elles estão sem dedos pelo numero dos parentes que lhes têem morrido.

Adiante de Santa Fé se encontram outros rios povoados de

indios pescadores até uma lagôa chamada das Perolas, porque n'ella ha perolas finas e de bom quilate, porque a agua da lagôa é doce. Até agora não se tem tratado de as pescar. Os indios trazem d'essas perolas aos hespanhoes, porém estas perdem muito de seu lustre e da sua estimação e valor por terem sido fervidas.

Da lagôa das Perolas á cidade de S. João de Vera das Sete Corrientes de que já fallamos, ha seis leguas. Em frente d'esta cidade existe o porto da Conceição, cidade edificada sobre o rio Vermelho a 44 leguas para Oeste dos rios Paraná e Paraguay. Na comarca da Conceição ha muitas nações de indios commummente chamados frentones, se bem que cada nação tenha seu nome proprio; tem quatorze linguas distinctas, vivem entre lagôas, porque o territorio é todo chato e alagadiço. Por elle corre o rio Vermelho que nasce nas Chichas do Perú juntando-se em um só com os rios Tarija, Toropalca, S. João, Humaguaca e com o Jujui, e sahindo ás planicies passa por muitas nações de indios barbaros, deixando ao Norte nas faldas da cordilheira do Perú os indios chiriguanos que são os mesmos que no rio da Prata chamamos guaranis, e que occupam as fronteiras de Misque, de Tomina, de Paspaia e de Tarija. Averiguado que esta nação era originaria do Rio da Prata, d'onde vieram, se assenhorearam d'essa terra que possuem, devastando uma grande parte d'ella, excepto a que confina com Tucuman por ser montuosa e fechada, e por serem bellicosos os indios que n'ella vivem.

Deixando a fóz do rio Vermelho e seguindo Paraguay acima a mesma mão esquerda ha algumas nações de gente mui barbara a que chamam mahomas, calchonas e mogolas, e mais acima outros de nome guaycurús, mui bellicosos, os quaes não semeam nem recolhem planta, fructa, ou cereaes para se sustentar, vivendo unicamente de caça e de pesca. Estes guaycurús conservam em continuo sobresalto os ha-

bitantes da Assumpção que é a cidade mais antiga e a capital do governo, e apesar de ter n'ella muitos hespanhóes e indios, e de ser a comarca mui povoada, os guaycurús têem tido bastante força para apertar a republica, de maneira que hão despovoado mais de oitenta chacaras, e fazendas excellentes dos vizinhos e morto muita gente.

Quatro leguas ao Sul da cidade d'Assumpção, entra do lado do occidente outro rio no Paraguay que os d'aquella terra chamam Araguay, que os chiriguanos da cordilheira chamam Itica, e é denominado Pilcomayo pelos indios do Perú. Nasce nos charcos por entre umas serras que pouco distam de Potosi e de Oruro, juntando-se-lhe muitas vertentes sobre o rio Tarapaya, que é o ribeiro onde estão fundados os engenhos de prata de Potosi. Dirigindo-se para Este junta-se com o rio Cachimayo, sobre o qual está edificada a cidade de la Plata, e tomando depois o rumo Sul até o valle de Oroncutú, entra pela comarca de Paspayá, deixa á esquerda a de Tomina, corta a grande cordilheira geral, sahe ás planicies onde atravessa por meio de muitas nações de indios quasi todos lavradores, se bem que os chiriguanos consumiram quasi todos os povos dos indios que occupavam os terrenos do Norte chamados Llanos del Manso, e correndo então direito para Leste vem desaguar no rio Paraguay em duas bocas, sendo a mais meridional quatro leguas ao S. da Assumpção onde os antigos hespanhóes tiveram porto por onde estabeleceram communicação e travaram amizade com muitos povos de indios guaranís que existem na comarca d'Assumpção.

A cidade d'Assumpção é edificada sobre o mesmo rio Paraguay, aos 26° da Equinocial. E' terra fertil e de bom temperamento, abundante de caça, de pescaria e de toda sorte de aves. E' sadia em todos os tempos excepto nos mezes de Março e Abril em que se declaram algumas febres e algumas ophtalmias. N'ella dão algumas fructas da Hespanha e muitas

da terra, especialmente vinhas e canaviaes que dão bom proveito. Na comarca d'Assumpção alistaram-se vinte e quatro mil indios guaranís que foram encommendados pelo governador Domingo Martinez de Irala aos conquistadores antigos. Rio acima estão se estabelecendo e se encommendando os naturaes até a provincia de Xeres, havendo muitos rios caudalosos que entram no Paraguay como são o Jejuí, o Pané e o Picay.

Por essas paragens ha outras nações de indios chamados napabos e payaguás, que navegam em canôas grande parte do rio até o porto de São Fernando. e que commummente param em uma lagôa chamada de João de Oyolas, cento e vinte leguas ao Norte d'Assumpção. Acima d'esta lagôa está a passagem de Santa Cruz de la Sierra, provincia mui distante e que assim mesmo foi povoada pélos conquistadores do Rio da Prata, cuja provincia foi descoberta primeiramente por João de Oyolas e conquistada depois pelo capitão Domingo de Irala, que n'ella achou grande multidão de indios lavradores e estabelecidos em grandes povos, se bem que no dia de hoje se tem acabado e consumido.

Subindo o rio Paraguay está parallela a cidade de Santa Cruz com a de Xeres, estando esta a trinta leguas á mão direita do rio, e a outra a sessenta leguas á mão esquerda. A cidade de Xeres dista cento e tantas leguas d'Assumpção. está aos vinte gráos da equinoccial e é edificada sobre um rio que os naturaes chamam Mboteteyú. Tem boas terras para pastos e plantações. Esta provincia está dividida em alta e baixa. Em ambas as partes existem muitas nações de indios que todas são lavradoras. Os que habitam no alto se chamam cutaguás e curumiás e têem os mesmos costumes, a mesma lingua; não são mui barbaros e são bem inclinados, nem usam de bebidas que os possa embriagar. Os que habitam na parte baixa, têem varias linguas e estão estabelecidos entre rios e lagôas, e dos

legumes que colhem, tem perto das lagôas muito arroz silvestre que lhe subministra grandes provisões. Em toda a provincia de Xeres colhe-se muito algodão que produz em grande quantidade sem cultura. E' tão grande o numero de abelhas silvestres que todos os matos e mesmo todas as arvores têem seus cortiços, dos quaes os indios tiram grande quantida de de mel e de cêra que beneficiam no Paraguay e Tucuman. E' mui abundante de pastos para toda especie de criação, abastecida de mantimentos, e produz todos os legumes e fructas das Indias. Finalmente é uma provincia de muita estimação, das mais ricas do Rio da Prata, situada tambem á falda de uma cordilheira onde se tem encontrado mineraes de ouro, com muitos indicios de metaes de prata.

Sabe-se que existem pigmeus a Este d'esta provincia, os quaes vivem debaixo da terra e sahem ás suas correrias e expedições para os campos. Ao norte da mesma provincia ha muitos povos de indios até ás terras dos colorados, que vivem perto dos patetis que descobriram os habitantes de Santa Cruz de la Sierra. Esta Santa Cruz dista cento e tantas leguas de Xeres, e é certo que no seu territorio ha grande multidão de indios, divididos em quatorze comarcas bem povoadas, tanto na parte do Norte como pela de Este e do meio-dia e tem fama de conter muita riqueza.

Tornando a subir o rio Paraguay desde a paragem de Santa Cruz até o porto chamado dos Reis, existem por ahi algumas nações de indios com povoados, que costumam navegar pelo rio e chegar a uns povos de indios chamados orejones, os quaes vivem em uma ilha que fórma o rio, de mais de dez leguas de comprimento e de duas ou tres de largura, que é uma amenissima floresta abundante de mil generos de fructas silvestres, e entre ellas de uvas, peras, amendoas, e azeitonas. Estes indios têem toda a ilha plantada e occupada com chacaras; semeam e recolhem todo o anno porque ahi não ha inverno,

nem verão, e sim existe uma perpetua primavera. Os indios orejones, assim chamados por se furarem as orelhas e embutir nos buracos certas rodinhas de madeira ou pontas de mates, são trataveis e amigos dos hespanhóes. Vivem em galpões redondos, não em forma de povo, mas cada parcialidade vive sobre si. Conservam uns com outros muita paz e amizade. Os antigos chamaram a esta ilha *Paraizo terrestre*, por causa da sua abundancia e das maravilhosas qualidades que tem.

D'ahi aos jarayes ha sessenta leguas, rio acima. E' uma nação de mais policia e de mais razão de quantas n'esta provincia se têm descoberto. Está povoada sobre o mesmo rio Paraguay. Os que habitam do lado de Xeres se chamam parabazanes, e os que moram do lado de Santa Cruz se chamam manezes, e em geral se appellidam jarayes. Ha povos d'estes indios que têem sessenta mil casas, porque cada indio vive em sua casa com suas mulheres e com seus filhos. Elles sujeitaram a seu dominio outras nações circumvizinhas até os indios chamados portuguezes. São mui lavradores e possuem todos os legumes das Indias. Criam muitas gallinhas, muitos patos, e certos coelhos domesticos. Obedecem a um cacique principal, se bem que tenham muitos caciques particulares, porém todos consideram o cacique principal ao qual dão o nome de Manés como a seu senhor. Vivem em fórma de republica, e os caciques castigam os ladrões e os adulteros. As mulheres publicas vivem á parte e não devem se misturar com as honestas, e mesmo que muitas d'aquellas se casem depois, não são por isso tidas como estas. São pouco bellicosos, mas previdentes e recatados. Seu bom governo os faz temer e respeitar das outras nações. Têem sido sempre leaes amigos dos hespanhóes, tanto que chegando a seu porto Domingo de Irala com toda sua armada, foi por elles bem recebido, e deram hospedes a cada soldado para que lhes fornecessem todo o necessario. E tendo que fazer sua entrada terras dentro, Irala lhes deixou

com confiança todos os navios, canôas, balsas, velas, ancoras e os demais petrechos que não podia carregar, e ao fim de quatorze mezes, que tardou de regressar da sua viagem, nada faltou do que tinha deixado em seu poder. Esta gente deseja muito se aparentar com os hespanhóes, e assim lhes entregavam alegremente suas filhas e suas irmãs para terem filhos da sua raça. Fallam uma lingua mui cortada e facil de se aprender, de maneira que com facilidade serão convertidos e attrahidos ao conhecimento de Deus.

Mais adiante ha outras povoações de nações differentes até o Calabrés, que é um cacique guarani que habita a distancia de sessenta leguas, no lugar onde se juntam dois rios, um que vem da parte de Este e outro do Oeste. D'ahi adiante não se tem navegado, se bem que até esses rios tenham chegado barcas e brigues. Por serem os rios pequenos e de pouca agua, os hespanhóes não têem entrado n'elles. A noticia que se tem é que por aquella parte ha muitas nações de indios que são possuidores de ouro e de prata, principalmente mais ao Norte onde se crê que está a celebre lagôa del Dourado.

Tambem se tem sabido que do lado do Brasil ha certos povos de gente mui preta e bellicosa, e se acredita que são negros que os portuguezes trouxeram, e que se têem misturado com os indios d'aquella terra que é mui dilatada até o Maranhão, que recolhe todos os rios que nascem no reino do Perú desde a comarca de Tominá d'onde sahe o rio São Marcos e se junta com o rio grande chamado Chunguri, e com o Parapiti, e correndo ao Norte vai para a cidade de São Lourenço na provincia de Santa Cruz onde é conhecido pelo nome de Guapá, que quer dizer: *rio que tudo bebe*. E d'ahi atravessando aquellas planicies vai recolhendo todos os rios que sahem das faldas e serranias do Perú, como são o Pozona, Cochabamba, Chiquiago e os rios de Cuzco e Chicuito até o Cabo de Quito, de maneira que vem a ser o rio mais caudaloso

de todas as Indias, que sahe ao mar do Norte no primeiro gráo da equinoccial; exceptuando todavia outro maís caudaloso que se acha mais do lado do Brasil, e conhecido pelo nome de Amazonas.

Concluirei dando um pequeno resumo da entrada que em 1548 o general Domingo Martinez de Irala, governador do Paraguay fez por terra ao Perú, procurando caminho pelos paizes que acabamos de descrever.

Tendo Domingode aI ral empregado todo o anno de 1545 em aquietar os alvorotos passados, se determinou a fazer jor- nada á parte do Norte para descobrir a terra onde tinha noticia existir muita riqueza. Em consequencia juntou trezentos soldados com alguns cavalleiros e pessoas de consideração e mais de tres mil e quinhentos indios amigos, e em fins de 1546 partiu com sua armada, em quatro brigues e grande numero de pequenas embarcações, e mandou por terra o resto dos indios para se lhe incorporarem no rio Itati. Subiu o Paraguay acima até o porto dos Reis, e d'ahi passando á ilha dos Orejones chegou aos povos dos indios jarayes ou xarayes e parabanazes, que é a gente de mais policia d'estas provincias, como já tenho notado. Ahi parou o general e enviou Francisco de Rivera e a Monroy rio acima, e tendo estes caminhado sessenta leguas, topáram com duas boccas de rio que vinham juntar-se em um corpo. Entrando pela bocca da mão direita que corre do lado do Brasil, reconheceram que este rio tinha pouca agua; e entrando pelo rio da mão esquerda que vinha do Norte, navegaram dois dias, e encontrando que este rio se dividia em muitos braços alagadiços, resolveram regressar do ponto em que se achavam, que era mais de quatrocentas leguas da cidade de Assumpção e mais de trezentas e quarenta leguas de distaucia do Oceano Atlantico.

Chegados aonde estava o general, este ouvindo o relatorio determinou fazer sua entrada pelo lado d'este ultimo rio, que

vinha do Norte, e deixando suas embarcações recommendadas aos indios jarayes, assim como os seus trens, tomou sua derrota entre o Oeste e o Norte. Em caminho os indios timbús, moradores n'aquellas paragens, lhe sahiram em pé de guerra e foram pelo general desbaratados. Estes indios lhe déram noticia de um poderoso rio que corre do Sul ao Norte ao contrario do Rio da Prata, e julgaram ser o rio Maranhão um dos maiores das Indias. Estes indios noticiaram tambem ao general Domingo de Irala que entre o Brasil, o rio Maranhão e as cabeceiras do Rio da Prata, existia uma provincia de muita gente que tinha suas povoações na beira de uma grande lagôa, e que eram possuidores de uma grande quantidade de ouro, de que se serviam; pelo que os hespanhóes deram a lagôa por denominação: *El Dourado*. Estes naturaes indigenas declararam mais confinar com um povo habitado só por mulheres, que tem um unico peito do lado esquerdo, porque ellas se consumiam o peito direito com certo artificio, para poderem brigar com arco e frechas, no que ellas eram mui destras e mui exercitadas, alludindo ás mulheres da Scithia, das quaes fallaram os escriptores antigos; e os hespanhóes chamavam *Amazonas* a este povo de mulheres.

Incerto o general sobre o rumo que devia tomar para seguir sua jornada, lembrou-se de procurar ao Occidente certos povos de indios que tinham muito ouro e muita prata, conforme noticias que havia, e que se chamavam sambocosis e sivicosis. Indo para estes povos, o general arribou á um rio chamado Guapá, que é um dos principaes braços do Maranhão, e chegou á estes povos que se acham nas faldas de uma serrania vizinha do Perú. Irala e sua gente foram mui bem recebidos por estes indios que são amigaveis, domesticos e grandes lavradores. Ahi acharam muitas amostras de prata e de ouro.

CAPITULO XXIV.

Descripção do territorio da provincia jesuitica de Missões, suas producções, seu clima em geral, etc.

Só a materia tratada n'este capitulo seria capaz de encher volumes, se a mão habil de um escriptor esclarecido quizesse delinear a descripção topographica da vasta região de que me occupo, expôr o clima de cada fracção do seu territorio, e fazer a relação exacta das suas variadas e numerosas producções. Eu apenas esboçarei a materia.

Tempo, meios e conhecimentos me faltaram para estudar o territorio da provincia jesuitica do Paraguay em relação á sua geologia. Como eu o disse no prefacio, um amigo meu profissional teve a bondade de se incumbir d'esta tarefa á meu pedido, mas elle ainda não concluiu o seu trabalho. Como poderia eu pois tratar de tão delicada materia, descrever a fórma exterior, a natureza, a posição, as propriedades dos materiaes que formam este territorio, a maneira porque foram formados e postos na sua situação actual, segundo os differentes pontos de vista, debaixo dos quaes se considera a sciencia geologica, sem que se tenha feito um prévio exame? O illustre auctor dos *Ensaios Estatisticos* da provincia do Rio-Grande do Sul se achou no mesmo embaraço, se bem que tivesse conhecimentos sobre a materia infinitamente superiores aos meus. Para dizer alguma cousa sobre este objecto, imitarei o exemplo do Exm. Sr. conselheiro Camara que pediu emprestada aos *Annaes da Provincia* a descripção seguinte, que o seu nobre auctor com louvavel modestia declarou ter recebido do sabio naturalista Frederico Selow.

« A natureza e formação do sólo variam conforme as situa-

« ções, a cordilheira geral do Brasil que reparte esta provincia
« em duas fachas quasi iguaes, e lá onde principia a mergu-
« lhar-se no Uruguay, é encontrada por outra semelhante
« serrania escalvada, que partindo das vizinhanças do salto-
« grande d'esse rio, separa de um lado aguas para o Dacinan
« e o rio Negro, e de outro para o Arapey e Quarahy; estas
« serras e todo o territorio ao Norte e Oeste d'ellas; isto é,
« quasi todo o districto de Entre-Rios, de Missões, de São
« Martinho, da Cruz Alta, da Vaccaria, e Cima da Serra cons-
« tam inteiramente de terreno basaltico. »

Esta descripção se adapta ás sete Missões Orientaes do Uruguay, e quando muito póde convir ao territorio propriamente dito das Missões Jesuiticas de Entre-Rios, hoje Corrientes, aquem do Paraná.

Que immensa tarefa não é a de fazer uma descripção exacta e geologica de todos os terrenos que banham não só o Uruguay como o Paraná, o Paraguay e seus poderosos e numerosissimos affluentes? Ao nobre auctor dos Ensaios Statisticos da provincia pedirei tambem emprestado algumas descripções que convém ao territorio das Missões Jesuiticas em geral, e depois de concluir com a ultima parte da citação que elle faz do Sr. visconde de S. Leopoldo... « Os lugares mais baixos
« d'esta subdivisão, o valle do Guayba, o territorio banhado
« pelo Vaccacahy e pelo Santa Maria, são cobertos de uma for-
« mação composta de argila schistosa, calcareo e grés, e toda
« a fralda meridional das serras basalticas, é occupada por um
« grés de formação terceira frequentemente interrompido, ora
« coberto, ora não de basalto. Tão consideravel desenvol-
« vimento de basalto, e a existencia de porphiros de transição,
« são phenomenos geognosticos os mais interessantes que of-
« ferece esta provincia, não constando até agora que em al-
« guma outra parte do vastissimo Brasil, se haja descoberto
« basalto, ou porphiro, aponto de duvidarem celeberri-

« mos geognostas da existencia d'estas rochas, a Leste dos « Andes.»

Até aqui o auctor dos Annaes da Provincia; vamos agora ler o auctor dos Ensaios Statisticos :

« A simples lição da descripção que venho de citar, apre-« senta-nos a superficie do solo na mesma serie, collocação, « ou de jasida, e ao lado dos terrenos de recente formação; « quasi todos os grupos que lhes deviam ser sotopostos desde « as rochas primitivas, as stratificadas intermediarias de se-« gunda e terceira formação; esta confusão de grupos diffe-« rentes, esse aspecto tão occidentado e variado de nosso « terreno (o mesmo em todas as missões) que desde logo « attrahe, e involuntariamente subjuga a attenção do mais « indifferente observador;, denunciam grandes transtornos, « fortissimas commoções do solo nos tempos que passaram, « talvez em parte causadas pela acção subversora, de podero-« sas correntes electricas, através das camadas inferiores, « acaso não menos activa dos fogos subterraneos, seguida « provavelmente de assombrosas alluviões; quiça ainda pelos « esforços simultaneos d'estes agentes de destruição, a que « certamente se aggregaram as propriedades erosivas das « aguas pluviaes, e do hydrogeneo do ar, posto que lentos não « menos motores efficientes de ruina e de demolição.»

Aqui o auctor cita alguns factos em apoio da sua supposição, os quaes se têem dado tambem na provincia jesuitica do Paraguay. A presença de fogos, nas circumvizinhanças de S. Francisco de Assis, como nas vizinhanças das Dores e da villa de Lages, e que se tem manifestado nas Tunas e em muitas partes das Missões orientaes e occidentaes do Uruguay, e que occupam valles de mais de legua de comprido e pouco menos de largo. Os que se assegura, foram vistos muitas vezes elevarem-se em columnas do seio das aguas, confirmam a mesma supposição. Em outras partes em Missões como na

provincia do Rio-Grande do Sul, apparecem signaes bem sen-siveis de consideraveis depressões do solo, que devem ter por origem aquelles mesmos terremotos, que abalando e commovendo as abobadas interiores formadas pela passagem de aguas infiltradas, ou por seus grandes depositos batentes, como diz o mesmo auctor, determinaram a formação de muitos de nossos lagos, alguns d'elles assaz profundos e que nenhuma sahida ou communicação tem com o exterior.

A extensissima e encantada laguna Ibera que do Norte ao Sul atravessa quasi toda a provincia de Corrientes, occupa o lugar que em outras partes occupam serras ou montanhas, Os fogos que n'ella se divisam de longe e que supersticiosamente têem afastado os homens que não se têem animado a atravessal-a com as melhores embarcações, corroboram a minha asserção e fazem suppôr que o terreno padeceu uma consideravel depressão no lugar que elle occupa. Os três serros na vizinhança do povo da Cruz, o serro do Jaráo e varios outros, onde por vezes se oúvem partir sons profundos e continuados, cuja fórma conica, como a do serro de Butucarahy, é precisamente a fórma que affectam as porções sacudidas do solo pelas exalações e forte desenvolvimento dos gazes subterraneos, devem provavelmente sua apparição ás torrentes electricas, e aos fogos interiores.

« As massas consideraveis de linhito, prosegue o nobre « auctor dos Ensaios Estatisticos, prodigamente espalhado « quasi á flôr da terra, assignalam de maneira incontestavel a « existencia d'estas horrendas catastrophes que atormentaram « o paiz, e que poderosamente actuáram a deslocação, tran-« sporte e submersão de florestas inteiras, que para sempre « desappareceram dos montes, e dos prados que as viram « nascer. »

Profundas e extensas camadas de turba se encontram em São Francisco de Assis e outras partes das Missões jesuiticas.

« A configuração do terreno em muitas partes ondulado,
« affectando a fórma, a quéda e direcção que sóem dar-lhe
« as poderosas correntes d'agua que o inundaram, a multidão
« consideravel de pedras (blocs errastiques) que por elles se
« acham semeados, o pendor, inclinação e direcção das al-
« turas adjacentes aos valles, por onde as aguas se arremes-
« saram formando-os; sobram a determinar a occorrencia
« em outras épocas das fortes alluviões que aqui tiveram lugar,
« d'essas épocas calamitosas em que surgiam do seio da terra
« tantos grupos destacados das collinas, outeiros e serras que
« retalham o paiz por toda a parte, e sob tão varias direcções,
« compostos pela maior parte de rochas igneas como a trachyte,
« a metaphira, a serpentina, o porphyro-quartzifero, basalto
« e outras. Mas esta mesma manifestação, e exposição á
« superficie de tão differentes rochas, concorre a fazer a pro-
« vincia de São Pedro a mais abundante e rica porção do
« sólo brasileiro em producções mineraes. (86)

« Nem sei que em parte alguma do mundo se vejam com
« tanta profusão espalhados á superficie, todas ou quasi
« todas as substancias do reino mineral empregadas pelo
« homem, e que darão algum dia espantoso desenvolvimento
« á nossa industria fabril... Com effeito, creio estar suf-
« ficientemente habilitado, para asseverar que abunda o paiz
« para as construcções e edificações grosseiras, de pedras e
« rochas de toda a descripção; como nos sobram para os
« corpos de construcção rica ou custosa, a pedra lioz, o grés,
« o basalto, granitos tão procurados pela sua dureza, e parte
« d'elles pela sua inalterabilidade, a mica schistro, o sehisto
« argiloso (ardosia) para cobrir edificios nas localidades menos
« expostas á impetuosidade dos ventos; argilas excellentes
« para telha; crescido numero de minas de ferro, chumbo e
« até de cobre, cujas folhas servem tambem á cobrir edificios
« como a varios outros usos, etc, (faltando unicamente em

« Missões a pedra de cal) para as joias o topazio, agua marinha,
« esmeralda, opala, lindas cornalinas (87), o mesmo diamante
« posto que não tão commum: para pintura e outros usos a
« greda e finissimos ocres, muitos saes ou sulphureos metal-
« licos... um grande numero de quartzos, de schistos ar-
« gilosos para afiar instrumentos cortantes; o esmeril de util
« emprego no polimento das pedras e metaes, a pedra de
« fuzil, (silex pyromaque) o crystal de rocha, de que o celebre
« Canchoix se serviu recentemente para fazer excellentes
« objectivas para oculos de alcance, além de muitos outros
« mineraes e metaes, que necessariamente devem existir no
« paiz no meio da multidão de rochas que o cobrem, e de
« que não posso dar noticia por me terem faltado meios para
« adquiril-a. » O mesmo digo tambem eu sobre a provincia
jesuitica do Paraguay.

Direi agora alguma cousa do clima da provincia jesuitica do Paraguay.

Não basta ter nascido n'um paiz, ou ter feito n'elle larga residencia, diz optimamente o Sr. conselheiro Camara, para fallar com precisão do seu clima, se esse largo viver não foi acompanhado de observações continuadas e exactamente comparadas entre si. E' summamente difficultoso caracterisar e determinar a natureza do clima de uma região, porque além das constantes observações que este estudo exige, seria preciso que elle se fizesse em todas as localidades, em todas as configurações e exposições do terreno, que concorrem para variar o clima. Ora, como precisar a natureza, a propriedade do clima em todas as localidades da extensissima provincia jesuitica da antiga provincia do Paraguay? Cingir-me-hei pois a algumas observações geraes.

E' no interior das terras em que se acha collocada a provincia jesuitica do Paraguay, que se notam mais os extremos da temperatura. A' proporção que nos apartamos das costas

maritimas mais se vai augmentando a differença entre as temperaturas médias do estio e do inverno. A provincia de Missões está pois á este respeito mui diversamente situada em relação a seu afastamento do mar e a posição local de cada uma de suas povoações; tendo uma temperatura mais alta no estio e muito menos alta no inverno, as povoações mais entranhadas no centro.

Antigamente em certas estações do anno havia formidaveis furacões que de setenta annos á esta parte se têem repetido de longe em longe, mas apresentando sempre menos intensidade de acção. A intensidade do frio tambem diminuiu consideravelmente d'este tempo para cá.

O clima da provincia jesuitica do Paraguay se presta á agricultura e á industria, e se a terra se tem negado as vezes a favorecer o desenvolvimento de certas producções (a do trigo por exemplo), esta contrariedade, diz o distincto auctor dos Ensaios, deve ser menos attribuida á intemperie de seu clima, do que á causas que lhe sejam bem estranhas; quaes à pessima escolha da semente, a impropriedade do terreno semeado, a falta de intelligencia e de experiencia na direcção dos trabalhos ruraes (88).

Em geral o clima de Missões, pouco ou nada tem perdido da sua reconhecida salubridade. Se ás vezes as bexigas, o sarampo, a escarlatina tem causado mortandades em illusão, é porque não se applicaram os remedios proprios que fizeram cessar em grande parte as mortandades todas as vezes que foram empregados. Pelo contrario felizmente até agora a provincia jesuitica do Paraguay tem sido livre d'estas terriveis epidemias, que assolaram as grandes cidades maritimas da America e das outras partes do mundo; e não se póde indicar uma molestia que seja propria a esta provincia, ou de que os habitantes d'ella sejam mais affectados do que os dos outros paizes da America. Exceptuando algumas localidades, como

alguns povos antigos da destruida provincia de Guayrà, e algumas outras localidades que por sua posição topographica perto de pantanos ou aguas estagnadas são sujeitos á enfermidades, póde-se assegurar em geral que em toda a America do Sul, não se encontra provincia mais sadia do que a provincia jesuitica do Paraguay.

Já em 1785 Dom Gonzalo de Doblas, tenente governador del Departamiento de la Conception, tinha escripto um quadro que dá uma idéa do clima e das producções da republica jesuitica do Paraguay; se bem que não o possa seguir no que vou dizer, todavia lhe serei devedor de varias cousas da minha narração.

O clima da provincia de Missões é benigno e saudavel. Se bem que n'ella se distinguam as estações do inverno e do verão, nem uma nem outra são rigorosas, succedendo o que é commum ás provincias de Buenos-Ayres e do Paraguay e tambem do Rio Grande do Sul, de experimentarem-se muitos dias de calor no rigor do inverno, e outros frios no verão, tornando-se notavel, segundo nota o visconde de S. Leopoldo, que na provincia de Missões como na do Rio Grande do Sul, as noites de verão são excessivamente quentes e não refrescam como em outros paizes.

A atmosphera é mais humida que secca por causa da multidão dos matos e dos rios. Nos povos que lhe são immediatos, no inverno se experimentam frequentes cerrações que duram até ás dez horas da manhã. São assaz frequentes os furações, e mais ainda as tormentas com raios que algumas vezes cahem, mas não se sentem terremotos. O territorio é regularmente dobrado, não se encontram serros de grande elevação nem planicies dilatadas. Não ha tão pouco serranias, e as que principiam entre Paraná e Uruguay perto dos povos de S. José e de Santa Anna, passando pelo povo de Martyres, e se estendendo até os de Corpus e de S. Xavier; e as que se

devisam logo ao Norte de S. Luiz e de S. Nicoláo, são de pouca elevação, e todas ellas são cobertas de matos inaccessiveis por sua espessura.

No restante da provincia ha muitos capões de madeiras, uns no cume das collinas, outros nos terrenos baixos, nas beiras dos rios e dos arroios, ficando o resto do terreno inteiramente limpo; de fórma que onde ha matos, é tanta a espessura das arvores, são tantos os abrolhos e espinhos, que é mui difficultoso penetrar n'elles, ao mesmo tempo que apenas se encontra uma arvore nos terrenos descobertos. N'esses bosques, tanto nos que se acham nas eminencias e alturas, como nos que estão nas planicies e córtes de rios e arroios, se encontram muitas madeiras de varias especies, excellentes para construcção de embarcações, fabrico de casas e trastes, e algumas bastantes preciosas; e precisaria de uma extensa relação para especifical-as. Não posso sem embargo deixar de designar algumas, e de citar uma relação d'ellas extrahida de um manuscripto guarani escripto por um jesuita nas margens do Uruguay. N'este manuscripto se tratava da construcção das igrejas, da edificação das casas e do fabrico das carretas (89).

Não devo deixar de apontar algumas arvores preciosas que se encontram na provincia de Missões, como o *Guayacan*. (Palo santo, sassafrás) madeira muito cheirosa e empregada sua casca e raiz na medicina, mui abundante no alto Uruguay da qual as aguas frequentemente arrastam troços. A arvore chamada *Incenso* cuja resina dá um incenso mui fino de que se fazia uso nas igrejas. A *Ybaro*, de que havia uma extensa alameda no povo de Apostolos, cujos fructos serviam de sabão ás indias. A celebre *Aguaraibay* que se acha em abundancia em toda a provincia de Missões, das folhas da qual exprimidas depois da fervura, se fazia e ainda se faz em algumas partes uma panacéa que passava por ser remedio universal. Existe tambem na provincia de Missões sobre tudo ao Norte do Paraná

uma arvore crescida e forte chamada *Samechii*, que produz formosos casulos de algodão amarello em geral e ás vezes branco, brandissimo ao tocar, mas em que qual as fiadeiras não encontram consistencia. Parece esta arvore differente de todas as mais que produzem algodão, e que faz suspeitar uma qualidade indigena. Existe uma arvore d'esta qualidade bem na barranca do Uruguay em frente do Passo de S. Borja. A casca do *Curapahy* ou tembauva, do *Araçá* e do *Canafistula*, e as folhas de outras arvores são empregadas utilmente para cortumes em alguns pontos, onde curiosos se dedicam á esta industria quasi unicamente para seus misteres particulares. Tambem os jesuitas plantaram em Missões o *Curiy*, especie de pinho cuja fructa se come. Os pinheiros no alto Paraná e no alto Uruguay são de um comprimento e de um tamanho extraordinario. A *Opinion* de Corrientes n. 550 de 16 de Maio de 1858, narra que as aguas do Paraná arrastaram um pinheiro que tinha sido arrancado pela raiz e que tinha mais de cem palmos de comprimento e de vinte oito de circumferencia. O individuo que o encontrou o vendeu por 144$000, e o seu segundo dono o vendeu por 384$000 ; o que demonstra a riqueza dos pinhaes d'estes dois gigantescos rios. (90)

Toda a provincia de Missões é atravessada por estes dois grandes rios Paraná e Uruguay (91), que se aproximam entre si o Paraná desde Corpus até Candelaria se avisinha do Uruguay, que se inclina tambem para o Paraná desde S. Xavier até a Conceição, de fórma que entre elles n'aquella paragem mediavam apenas quinze ou dezoito leguas castelhanas. Ouvi dizer, não sei com que fundamento, que os jesuitas tinham formado o projecto de unir estes dois rios por um canal: o certo é que se a provincia de Missões estivesse independente ou debaixo da dominação de uma unica potencia, e que as Missões tornassem a ser florescentes e fossem bem povoadas, etc., seria facil unir o Paraná ao Uruguay abrindo um canal

desde o Paraná até encontrar o Aguapehy que vem desaguar no Uruguay. Creio que esta communicação se acha já naturalmente feita pelo canal da tronqueira do Loreto, que une o Paraná á laguna Ibera, e atravessando esta se entra no rio Mirinay, que nasce da mesma laguna e vai tambem desaguar no Uruguay. As gerações vindouras verão provavelmente vapores sahirem de Porto Alegre sulcarem as aguas do Jacuhy, do Vaccacahy, atravessarem o canal que deve unir este ultimo rio com o de Santa Maria, navegar por este até entrar no Ubicuhy, seguir o curso d'este, penetrar no Uruguay, procurar a fóz do Aguapehy ou do Mirinay, e por elles irem ao grande Paraná, por onde poderão commerciar com o Paraguay, Mato Grosso, etc., sem terem que ir passar pelo Rio da Prata. No Paraná, e principalmente no Uruguay, desaguam muitos arroios e riachos, que dentro da provincia de Missões têem sua origem, e que pela Providencia foram a proposito collocados para fomentar a agricultura e a industria.

A qualidade da terra é gredosa, misturada de lodo com muito esmeril, ou jacutinga, ou titaneo, e alguma arêia. Sua côr se parece á almagre, e unicamente em alguns baixios se encontra terra negra, que parece composta do resto de vegetaes que crescem por causa da humidade dos sitios. Ella é assim mesmo pedregosa e muito em varios lugares, o que não impede que seja bem fertil, principalmente na fralda das collinas, perto dos matos e nos roçados. Tudo o que se planta, principalmente os legumes e verduras, produz bem e dão abundantes colheitas. Se bem que o trigo não dê tanto como em Buenos Ayres e Montevidéo, comtudo elle dá umas vezes dez por um, e outras trinta e mais por um. O arroz se cria bem e produz com abundancia, e tem um sabor que o faz preferir em geral ao arroz vindo de fóra. O milho, o feijão, aboboras, melões, melancias, e todas as fructas commerciaes dão extraordinariamente. As arvores com que se fabrica a ce-

lebre herva dita do Paraguay, *Ilex mate paraguarensis* (Saint-Hilaire) se criavam mui bem nos mesmos povos jesuiticos, e d'ellas existem immensas florestas tanto nas missões paraguayas, como nas correntinas e nas brasileiras (92). Actualmente pouca é a exploração de herva mate que se faz nas missões paraguayas. Esta industria principia a renascer nas missões correntinas, onde já se fabricam annualmente perto de dez mil arrobas. Os hervaes das missões brasileiras, são mais explorados, pois que se exportaram só do porto de Itaqui trezentas mil arrobas no anno de 1859, sem fallar das que se embarcaram em S. Borja ou que foram enviadas por terra a outros mercados.

E' para admirar que esta industria que é uma das principaes das missões, pelo lucro que della obtêm os que a ella se dedicam, como pelas vantagens que d'ella tira o fisco do imperio, esteja tão atrazada no modo de fabricação da herva mate. O systema seguido nas missões brasileiras para a preparação da herva, em cujos pormenores não me compete agora entrar, desgalhando os ramos novos e verdes, além de prejudicar a qualidade do genero, tende a destruir mais ou menos proximamente os hervaes brasileiros. Poderia invocar o testemunho de varias pessoas sobre este objecto como o do Sr. tenente coronel Tristão de Araujo Nobrega, e do Sr. Dr. Antonio Gomes Pinheiro Machado, mas limito-me ao do celebre naturalista Dr. Amado Bompland, que publicou uns artigos sobre o mesmo assumpto em Montevidéo e em Porto Alegre. Em uma carta aberta que elle me remetteu para o Dr. Caldre Fião, com data de 1° de Novembro de 1856, Mr. Bompland escrevia as linhas seguintes: « Se como espero comsigo esta-
« belecer uma fazenda modelo da cultura e fabricação da
« herva sobre o Uruguay, e outra sobre o Paraná, a provincia
« de Corrientes poderá dar as hervas a um preço mais accom-
« modado que o Brasil, e sobretudo que o Paraguay. Importa

« muito ao imperio de cuidar dos hervaes de Santo Angelo e
« que se faça methodicamente a extracção da herva para não
« arruinar as arvores. Então o Brasil depois de Corrientes
« poderá vender suas hervas mais accommodadas que o
« Paraguay.»

É um facto certo, que se o governo do Brasil não tomar alguma providencia, como a que foi indicada pelo Sr. Dr. Pinheiro na assembléa provincial de 1859, que foi tão mal interpretada por varios moradores de Missões, ou outros, os hervaes brasileiros hão de ir em decadencia, e hão de se destruir finalmente. Não é só na preparação da herva que se nota este descuido ; torna-se tambem notavel em sua conducção para os mercados, porque poderiam as hervas com aberturas de estradas ser levadas aos portos de S. Xavier ou de S. Nicoláo e embarcarem-se no rio Uruguay, o que tornaria dez vezes menor a despeza que fazem mais de quatro mil carretas annualmente empregadas a transportar hervas dos hervaes a Itaqui em uma distancia de oitenta, cem leguas e mais, quando só se teria que caminhar dez ou vinte leguas para as carregar a S. Xavier ou a S. Nicoláo. Os jesuitas embarcavam suas hervas de exportação em S. Xavier e alguma em S. Thomé ; é de estranhar que não se tenham posteriormente aproveitado as commodidades dos transportes fluviaes já conhecidos no tempo dos padres da Companhia. Além dos hervaes agora explorados nas missões correntinas e brasileiras, estou auctorisado, por manuscriptos antigos que tenho em meu poder, a asseverar que ha outros hervaes na margem direita do Uruguay, nos quaes anteriormente se fabricaram hervas, e ha probabilidade de que tambem se encontrem na margem esquerda do mesmo rio. pelo resultado que obteve o descobrimento do *Campo das Vaccas Brancas*. Diz o referido manuscripto que um hespanhol que morava em Missões desde os ultimos annos do seculo proximo passado, asseguravа que os habitantes de Entre-Rios (então se entendia

por esta denominação os entre-rianos e correntinos), e principalmente os habitantes do povo de Martyres, remontavam de S. Xavier o Uruguay durante oito dias, indo embarcados e levando carne secca e mais mantimentos, e que pouco tempo depois regressavam com duas ou quatro mil arrobas de herva que tinham preparado e que traziam em balsas, gastando unicamente no seu regresso dois dias de viagem (93). Estendi-me demasiado a fallar d'esta industria, mas como ella é summamente importante, ninguem ha de estranhar minha diffusão sobre ella. Os algodoeiros dão com profusão na provincia de Missões, e os ha de muitas qualidades. Em nenhuma parte vi algodoeiros tão viçosos e tão crescidos como em Missões. Se bem que este ramo de industria esteja agora quasi perdido ou abandonado, sem embargo daria um grande producto independente da intemperie do tempo a que estão sujeitas outras plantas como o milho, o feijão e a canna.

A canna do assucar posto que não dê tambem nas outras missões como nas do Paraguay, amadurece bem em todas e em algumas até melhor; só faltam especuladores para a beneficiar. O cacáo que produzem todos os povos de Missões é de excellente qualidade e melhor que o da mesma provincia do Paraguay. O anil se cria mui frondoso na provincia de Missões; encontrei-o como silvestre e em grande quantidade em todos os povos e quasi em todos os sitios de ambas as margens do Uruguay, mas até agora ninguem tem apparecido para o beneficiar. A mamona de que se fabrica oleo de ricino está no mesmo caso que o annil e produz com a mesma abundancia. As batatas inglezas são bem acclimatadas em Missões onde produzem bem. As batatas doces (94) e a mandioca são quasi os principaes mantimentos com que se têem sustentado, e se sustentam os indios. Emfim, tudo quanto se planta na provincia de Missões ou sejam sementes da zona torrida, como ananaz, romeiras, bananas, ou sejam da zona temperada como peras,

maçãs, figos, parreiras, produzem em geral com abundancia; e se houvesse um meio de obrigar os habitantes de Missões a se dedicarem á agricultura (em geral os indios são summamente preguiçosos) não faltariam durante todo o anno nos pomares e jardins as fructas e verduras, que nos outros paizes só dão em certas estações do anno. As larangeiras, limoeiros, pecegueiros, parreiras, chegam a uma corpulencia desmedida. Em alguns povos de Missões, as laranjas se conservam todo o anno, e as uvas, que são excellentes, têem servido para fazer bom vinho em outro tempo. As amoreiras se criam e produzem de uma maneira extraordinaria no territorio de S. Borja em Missões, e julgo que em todas as Missões, pois basta plantar na terra um galho de um ou dois palmos para obter uma arvore que produz folhas mui frondosas e grandes.

Ora segundo o calculo feito em um dos annos anteriores, pelo *Correio do Sul n.* 228, o total das libras de seda da Italia era de 11.850.000 lib. que valendo a termo medio 20 francos a libra, resulta que esta cultura recebia annualmente a somma de 237 milhões de francos. Apesar de todos os esforços do governo francez para animar aquella industria, tanto nas provincias do sul da França como nas de Argel, apesar das grandes porções de materia prima que já recebe e recolhe para alimentar suas grandes fabricas de tecidos, a França paga annualmente 60 milhões de sedas brutas ao estrangeiro.

Ora, tem-se fabricado seda na provincia do Rio Grande do Sul, onde a amoreira produz perfeitamente como em Missões, onde dá folhas de uma medida extraordinaria. Concluo pois que se deve fazer ensaios que hão de produzir excellentes resultados.

No caso contrario me comprazo em apontar o que se procura fazer em França a este respeito, certo de que sempre n'esta natureza virgem havemos de obter os melhores resultados (95).

Varias plantas oleaginosas produzem as Missões, como: *mamona*, para fazer oleo de *ricino*, *amendoim*, de que se extrahe oleo mui apreciado; mas esta industria está ahi totalmente desconhecida.

As Missões, como a Banda Oriental e a provincia do Rio Grande do Sul antes da sua emancipação da mãi patria, produziam uma quantidade de cereaes, inclusive de trigo, que excedia ordinariamente o seu consumo, e era o objecto de exportação ás vezes consideravel para o Brasil. Percebe-se que os habitantes d'estes paizes de Missões não podendo n'aquelle tempo commerciar senão com a Hespanha, que não tinha cereaes para lhes fornecer, eram obrigados a cultivar a terra para prover á sua subsistencia. Depois da sua emancipação, julgaram elles mais commodo deixar-se sustentar pelo estrangeiro. Sem embargo, como nada se compra sem pagamento, elles têem que pagar este sustento que o estrangeiro lhes fornece; mas pagam-o com productos que podem conseguir com um trabalho menos constante e menos duro que o da agricultura. A ociosidade em que a facilidade de obter estes productos tem deixado a mór parte dos habitantes das extensissimas provincias do Rio da Prata, tem sido causa do luxo que n'ellas se tem introduzido e das repetidas convulsões politicas que a tem agitado.

Ha uma industria que prometteria grandes lucros na provincia de Missões e no Rio Grande do Sul, e de que ninguem tem tratado. E' a da *fabricação da manteiga*. Tiro os seguintes pormenores da excellente obra de Monsieur Isabelle já citado: sobre a fabricação da manteiga nos Estados-Unidos. O Commercio del Plata de 5 de Fevereiro de 1848, deu, segundo um diario de Philadelphia (The Dollar news paper) os informes estatisticos seguintes, realmente curiosos e geralmente desconhecidos. Foram extrahidos do Relatorio apresentado á *Sociedade de Agricultura de New-Yorck* por uma commissão da mesma.

« A commissão pede que se lhe permitta fazer notar que a
« industria de *fabricar manteiga* constitue a parte mais in-
« teressante da agricultura do estado de New-Yorck. Ex-
« aminando os ultimos orçamentos, parece á primeira vista,
« que o trigo seja a producção mais importante. Sem embar-
« go não é assim. O numero de *bushels* (boisseaux, alqueires)
« que se recolhe annualmente é de 13,391,770 que em razão
« de noventa *cents* por bushel, preço tido por termo médio, á
« vista dos annos anteriores sobre todos os pontos do estado
« dão 12,052,593 *dollars*. A quantidade de manteiga que foi
« fabricada durante o mesmo anno foi de 78,501,733 libras,
« que termo médio avaliadas a 12 ½ *cents* dão 9,937,716
« *dollars*, 51,700,000 francos. Deve-se accrescentar a isso,
« como producto da industria da manteiga o que segue:

« Pouco mais ou menos 500,000 terneiros, que conforme
« o uso, são mortos dois ou tres dias depois de seu nascimento,
« e que se vendem no mercado a 2 dollars cada um, fazem
« uma quantia de 1,000,000 dollars. Mais de 528,114 porcos,
« cuja criação e sustento é devido quasi exclusivamente á
« industria do leite, cujos restos servem de alimento á estes
« animaes, e que em razão de 3 dollars por cabeça produzem
« annualmente 1,584,342 dollars. Estas diversas quantias
« formam o producto total da industria da manteiga em dollars
« 12,522,058. Producto do trigo acima apontado 12,052,593.
« Differença a favor da manteiga —469,465 dollars.

« Se se acredita que a commissão avaliasse mui alto o preço
« dos terneiros ou de porcos que se criam pela industria da
« manteiga, póde-se fazer algum abatimento, mas se terá
« sempre uma differença a favor do producto da manteiga.

« Outra vantagem apresenta o producto da manteiga sobre
« o do trigo que é nos gastos de producção e de transporte.
« Para fabricar a manteiga ordinariamente se empregam
« mulheres e crianças, cujo salario é muito inferior aos dos

« homens que lavram, semeam, beneficiam o trigo e o levam « ao mercado. »

A industria da manteiga unicamente no estado de New-Yorck dá annualmente o producto de 12,522,058 dollars ou patacões, isto é 25,044,116$000 réis pouco mais ou menos moeda brasileira. Quanto dá esta industria na provincia de Missões e do Rio Grande do Sul onde se cria tanto gado vaccum? Não prometteria esta industria grandes vantagens para o estado e para os particulares?

Os gados de todas as especies se conservam e se multiplicam muito na provincia de Missões, sobretudo na margem esquerda do rio Aguapehy e na margem esquerda do rio Paraná. Nas Missões Orientaes, o rincão da Cruz é o mais afamado para a dita criação, e é reconhecido que a comarca de Missões é uma das mais aptas da provincia do Rio Grande do Sul para criação do gado, que é uma das principaes para não dizer a principal industria de Missões com a da herva-mate. Os habitantes que emigram de Rio-Pardo, de Taquary e do littoral maritimo da provincia para Missões, encontram uma grande superioridade nos campos missioneiros para criar gados de todas as especies.

Esta industria é mui lucrativa, diz Mr. Arsène Isabelle, quando é exercitada com ordem, economia e intelligencia por pessoas costumadas aos trabalhos do campo. Póde-se julgar do beneficio que dá aos estancieiros a criação do gado vaccum pelo calculo seguinte feito em 1835 por um estancieiro da Banda Oriental.

Um capital de nove mil pesos correntes, empregado em compra de tres mil cabeças de gado de criar, e collocadas em um estabelecimento já prompto, dá producto liquido, pagas as despezas, no fim de seis annos a quantia de 30,850 pesos, isto é, que esse rebanho de tres mil cabeças cresce annualmente na progressão de trinta e um á trinta e dois por cento, e que deduzindo os animaes carneados para sustento dos

piões, e aquelles que estiveram em estado de ser vendidos para os saladeiros ou charqueadas, a estancia no fim de seis annos de trabalho e de cuidados, teria dez mil quatrocentas e quatorze cabeças de gado.

E' sufficiente um pião para mil cabeças de gado, e visto a falta de pastos artificiaes, a natureza do terreno e a qualidade do capim em geral, se calcula que uma legua quadrada póde criar duas mil vaccas.

E' preciso mais cuidado, mais trabalho e mais terreno para criação de animaes cavallares.

A educação ou criação de rebanhos de ovelhas prospera muito e offerece mais lucro sem comparação. Esta industria dá quasi trinta por um no espaço de dez annos sobretudo se se cuidar de melhorar a qualidade da lã, attendendo á natureza dos pastos e cruzando as raças. Segundo a experiencia feita por Mr. Bonpland, pelo coronel Corrêa e outros, o cruzamento de merinós com as ovelhas do paiz, produzem uma terceira especie, cuja lã é mui linda e incomparavelmente mais fina e mais macia que a melhor lã dos carneiros ordinarios.

Os rebanhos de cabras se augmentam extraordinariamente.

Nas immediações do Paraná ha minas exquisitas de cobre perto dos povos da Candelaria e de Sant'Anna, as quaes foram exploradas ainda depois da expulsão dos jesuitas, mas que foram abandonadas porque os beneficios não cobriam os gastos. E posto que se assegure que em Missões ha minas de azogue e outros metaes, não se tem visto provas que assegurem a existencia d'estes metaes. Encontram-se em quasi todas as paragens minas de crystal de rocha muito superior. Este se cria no coração de pedras ôcas de varios tamanhos, e que crescem no conceito de muitos. Ahi estão embutidas as pedras por toda a circumferencia interior como os grãos de uma granada deixando ôco o centro, até onde todas terminam

em ponta em varias superficies, tão iguaes que parece que foram lavradas e collocadas com arte. Algumas d'essas pedras são azues, tão diaphanas e duras que não duvidava Doblas que fossem amethystas finas, dizendo que se nas paragens em que ellas se encontram na superficie, se buscas e no interior, talvez se encontrassem algumas de valor.

Em toda a provincia ha pedreiras que fornecem excellentes pedras para edificios, mui brandas para lavrar e de muita consistencia para durar. D'essas pedreiras tiraram os jesuitas columnas de mais de vinte palmos de comprido mui solidas e bem polidas, como já tivemos occasião de notar. Em algumas partes d'estas pedreiras as pedras têem a propriedade da ardosia, e são compostas de varias veias que se desunem com muita facilidade, tornande-se louzas de superficie tão igual que não é preciso lavral-as. No portico de S. Ignacio-Mini ha tres d'estas louzas. A maior tem mais de quinze pés de comprido e mais de dez de largura, e as outras são um pouco menores. Actualmente na villa d'Itaqui existem muitas d'estas louzas que ahi se preparam e de que se fazem mesas de todo tamanho e fórmas, e são susceptiveis de um rico polido. Existe outra especie de pedra mui tosca, mas facil de cortar e lavrar. N'ella se divisam signaes de ferro, e seu peso não deixa duvida que ella não tenha veias d'este metal. Esta qualidade foi mais commummente empregada pelos jesuitas na construcção dos edificios em todos os povos.

Mr. Aimé Bonpland estando hospedado em minha casa me mostrou em 4 de Agosto de 1856, um livro manuscripto no qual este sabio naturalista tinha feito a descripção de 355 rochas, mineraes e pedras da republica Oriental, da Confederação Argentina, do Paraguay, Rio Grande do Sul, e da provincia de Missões. No dia 22 de Julho de 1856, o mesmo botanista me mostrou tres volumes manuscriptos, estando o terceiro incompleto, nos quaes estava feita em latim a descripção de 2843

plantas e arvores até o mez de Abril de 1853, época em que elle principiou sua ultima viagem de S. Borja a Montevidéo. Em suas viagens a Missões descreveu desde o nº 936 até 2557 inclusive. Este trabalho de immensa importancia e feito por mão de tal mestre e com uma perseverança de quasi 40 annos, está até agora perdido para a sciencia e para o mundo. É de esperar que o governo da provincia de Corrientes que possue estes thesouros, que darão a conhecer os productos vegetaes e mineraes da provincia de Missões e das circumvizinhanças, se apresse em dar á luz a estas grandes obras.

São muitas as hervas medicinaes que se encontram na provincia de Missões: os indios se serviam d'ellas em suas enfermidades dando-lhes nomes proprios em seu idioma; mas, como diz Mr. Doblas, o beneficio do seu conhecimento não poderá ser de muita utilidade, em quanto um homem intelligente não descubra suas virtudes e determine seus usos.

Esta gloriosa tarefa foi em parte preenchida por Mr. Bonpland no extenso catalogo das plantas de Missões que elle descreveu, e que seu trabalho era destinado a fazer conhecer. Não duvido que elle, que foi o medico dos pobres na provincia de Missões, não descobrisse tambem a virtude de muitas d'estas plantas (95). O que ainda mais faz anciar pelo momento que sejam publicados os livros e quadernos manuscriptos do celebre companheiro do barão de Humboldt.

Entre as numerosas hervas medicinaes que espontaneamente crescem na provincia de Missões, mencionarei a *herva da Vibora* mui frequente e abundante, conhecida desde antes de 1689, pois que d'ella faz menção o Dr. Xarque, se bem que ultimamente os periodicos a déssem por recem-descoberta em uma provincia do imperio ao Norte do Brasil. Assim se exprime o Dr. Xarque descrevendo a entrada dos jesuitas aos barbaros guanoás, pagãos mais immediatos ás reducções sobre o Uruguay, e que vagavam entre este rio e as costas do

mar do Norte, entre o Cabo Santa Catharina e o Rio da Prata. « As cobras são ahi mui frequentes, e com o veneno tão efficaz, que picando o pé de um cavallo, ainda que ande á disparada, o faz parar logo destillando sangue por todos os póros do corpo, e morre em poucos instantes. A cobra cascavel assim chamada, porque cada anno lhe cresce um annel na cauda, que ao mover-se sôa como guizo ou cascavel, com um zunido não mui vivo, mas bastante forte para avisar aos viventes que se guardem de sua mortifera peçonha, tambem é abundante; mas o Supremo Artifice da Natureza cria n'aquellas regiões um contraveneno em uma herva, que por isso se chama *herva de cobra*, cujas flôres são da mesma côr, fórma e tamanho, que os guizos da Cascavel, e lhes servem por sua semelhança de letreiro para dar a conhecer sua virtude, a qual é tal que mastigada verde e applicada ao membro mordido o cura, assim como bebendo a agua em que esta herva secca ou verde tem sido cozinhada, etc., e applicando a herva á parte offendida » (97).

Dos precisos á vida necessarios em Missões, continúa Doglas só dois faltam em Missões, que são o sal e a cal.

Verdade é, que é preciso que o sal venha de fóra, se bem que se encontram na provincia de Missões muitos olhos d'agua salgada e barreiros que escusem o sal para a criação. Estes olhos d'agua e barreiros podem indicar a existencia de minas de sal, mas eu não estou habilitado para fallar n'esta materia.

Em quanto a cal, é certo que os jesuitas que rebocavam seus edificios com tabatinga, tão commum em algumas partes de Missões como em São Borja, os branqueavam com cal feita de caramujos que calcinavam para este effeito. Faz treze annos que me occupo em descobrir a pedra calcarea em Missões, e ainda não obtive resultado, se bem que não desespero de o conseguir.

Na provincia de Missões ha insectos como em outras partes,

sem fallar das pulgas, piolhos, percevejos, existem alguns outros communs a quasi toda a America da zona temperada e torrida que não deixam de ser incommodos, como o *chupão* ou *finção*, animalejo que de noite vem comer no corpo do individuo, e pela manhã apparece o sujeito como crivado de bexigas, no lugar da mordedura. O *bicho do pé* ou *pique* que é preciso extrahir logo se não se quizer expôr a consequencias desagradaveis se não funestas. O *micuim* ou *bicho colorado* que causa uma comichão extraordinaria, se não se lavar a parte com arnica ou cachaça e que póde occasionar molestias graves da pelle. O *carrapato* que poucas vezes ataca o homem, mas que lhes causa bastantes incommodos se elle não se cuidar, e que tem causado um damno gravissimo nos gados vaccum e cavallar. O lura ou vernes é quasi de insignificancia em Missões, porque em treze annos eu só o vi uma vez.

Os matos são povoados de onças, jaguars ou tigres, leões, antas, tamanduás, porcos montezes, guarás, cotias, pacas, bugios, macacos, sobretudo na margem dos rios, coatís, lebres, tatús, gambás.

Os campos são povoados de abestruzes, emmas, veados, guarachains, tigres, leões, zurrilhos, tatús etc.

Os rios produzem varios peixes de diversos tamanhos e especies.

Entre as aves distinguem-se os jacús, tucanos, arára,s papagaios, periquitos, sabiás, canarios, pombas, patos grandes e pequenos, pavões, corvos brancos etc.

Seria immenso fazer a relação ou descripção especial de todos estes individuos ou objectos que resumiremos brevemente nos mappas seguintes.

Esta provincia é saudavel, tanto que não se encontra outra que seja mais; nem consta que n'ella se haja visto nenhum louco ou demente (o que está demonstrado pela experiencia posterior).

Miguel Marimon, que habitou as Missões, e mui conhecedor em historia natural, disse que na provincia jesuitica do Paraguay se encontrava cento e tres especies de aves, quarenta e cinco especies de quadrupedes e quarenta de peixes; das quaes fez a nomenclatura em lingua guaraní. (Peramas).

ARTIGO II.

Mappa dos principaes productos da industria na provincia de Missões.

Herva mate: Paraguay, S. Xavier, S. Angelo, e Missões Orientaes.
Redes ou hamacs: Paraguay, S. Borja.
Chergas: Paraguay, S. Borja.
Couros cortidos: Paraguay, S. Borja.
Couros em geral: Paraguay, Corrientes, Missões Orientaes.
Couros de tigre, tamanduá: toda a provincia.
Clina: Toda a provincia.
Lã de ovelhas: Toda a provincia.
Queijos, manteiga: Corrientes, S. Borja.
Fabrica de charutos: Paraguay, S. Borja.
Fabricas de assucar: Paraguay, S. Borja (poucas).
Fabrica de mellado: Paraguay, S. Borja (mui pouco).
Dita de aguardente: Idem, idem, idem.
Fabrica de telha, tijollos, talhas: Paraguay, S. Borja.

ARTIGO III.

Mappa dos principaes productos naturaes da provincia de Missões.

Trigo: Paraguay, Corrientes, Missões Orientaes.

Tabaco: Paraguay, Corrientes, Missões Orientaes.
Uvas: Idem, idem, idem.
Canhamo: Idem, idem, idem.
Assucar: Idem, idem, idem.
Milho: Idem, idem, idem.
Arroz: Idem, idem, idem.
Mandioca: Idem, idem, idem.
Feijão: Idem, idem, idem.
Aboboras: Idem, idem, idem.
Melões: Idem, idem, idem.
Melancias: Idem, idem, idem.
Laranjas: idem, idem, idem.
Limas de todas as qualidades: idem, idem, idem.
Cidras: idem, idem, idem.
Marmelos: idem, idem, idem.
Bananas: idem, poucas, poucas.
Ananazes: idem, idem, idem.
Mamona: idem, idem, idem.
Anil: idem, idem, idem.
Batatas inglezas: idem, idem, idem.
Ditas doces: idem, idem, idem.
Maçãs: idem, idem, idem.
Grumichamas: idem, idem, idem.
Guayabas: idem, idem, idem.
Algodões: idem, idem, idem.
Amoreiras: idem, idem, idem.
Romãas, idem, idem, idem.
Cerejas: idem, idem, idem.
Ameixas: idem, idem, idem.
Peras: idem, idem, idem.
Azeitonas: idem, idem, idem.
Nogueira da Europa: idem, idem, idem.
Cacáo: idem.

ARTIGO IV.

Mappa dos principaes productos do reino mineral na provincia de Missões.

Ouro: Corpus, S. Thomé, S. João, Nhacundá (indicios).
Prata: S. Lourenço (indicios).
Cobre: Corpus, S. Francisco de Assis, S. Borja em S João Mirim.
Ferro: Em toda parte com abundancia.
Aguas salubres: S. João Mirim, S. Lucas, Itati de S. Borja.
Pedra manganesia: S. Nicoláo, S. Luiz, S. Borja.
Crystaes: em toda a provincia.
Coral: Corpus — no fundo do leito do rio Uruguay, pri ncipal mente na foz do Aguapehy, especie de polypeiro fluvial.

ARTIGO V.

Mappa dos principaes productos do reino animal em Missões.

Gado vaccum: em toda a provincia.
Idem cavallar: idem.
Idem lanigero cerdum: idem.
Abelhas: sem uso, mas produzem muito.
Bichos de seda: podem criar muito em toda a provincia.
Macacos, bugios: em toda a provincia.
Veados, abestruzes, tigres, leões, tatús, guarachains, etc.: em toda a provincia.
Peixes, capivara, jacaré, raia, bagre, pati, pacú dourado: em toda a provincia.
Aves, jacús, tucanos, araras, papagaios, periquitos, sabiás, canarios, corvos brancos, pavões, patos de toda a qualidade, e muitas aves aquaticas (cariamas ou sarias), pombas de varias qualidades, garças brancas, e toda a especie de aves domesticas.

Deve estar se imprimindo actualmente na Europa, em francez e em allemão, uma preciosa obra intitulada *De la Colonisation dans la province de S. Pierre de Rio-Grande du Sud, Brésil*, par Jean Charles Moré, que se póde consultar com muita vantagem. N'ella se acham relatados os varios productos da provincia do Rio-Grande do Sul, faz-se a descripção do seu clima, indica-se o caracter dos seus habitantes. Dá esta obra toda a legislação vigente no imperio sobre a colonisação, encerra muitos conselhos para os colonos, e faz realçar as grandes vantagens que elles colherão se emigrarem para a provincia do Rio-Grande do Sul, da qual o prestante auctor se esmera em dar uma idéa exacta. Em minha passagem na cidade de Porto-Alegre capital da provincia, estando eu hospedado em casa do Sr. barão d'Oruano vice-consul de França, este distincto cavalheiro me fez obsequio de dar-me para ler um dos manuscriptos do illustrado Sr. Moré, e posso affirmar sem receio de errar que tudo o que n'esta obra se diz do Rio Grande do Sul, diz respeito as Missões jesuiticas, como se fosse escripto de proposito para ellas.

Foi impresso em 1860 em Paris o primeiro volume de uma obra intitulada : *Histoire physique, économique et politique du Paraguay et des établissements des Jesuites par L. Alfred Demersay*, que póde ser consultada e lida com muita vantagem, pois o seu auctor, como professional trata por extenso varias materias que unicamente esboçamos, e mesmo omittimos n'esta nossa historia.

CAPITULO XXV.

ARTIGO I.

Povoadores actuaes da provincia de Missões.

Já tenho tratado dos habitantes das Missões paraguayas.

Nas Missões correntinas a povoação é misturada em côres. As mulheres sustentam quasi todo o fardo dos trabalhos, em quanto os homens só tratam de fumar, tomar mate e passear em bons e lindos cavallos. Assim era, ha bem poucos annos. Desde o governo do Sr. Pujol têem-se tornado mais laboriosos.

Nas Missões do Paraguay a lingua geral que se falla é o guaraní, bastante degenerado do guaraní antigo. As pessoas brancas só entendem o castelhano que pouco fallam.

Nas Missões correntinas geralmente se falla tambem o guaraní porém excessivamente adulterado do velho guaraní. Sem embargo ouve-se algumas vezes fallar o castelhano, o portuguez e mesmo o italiano e o francez por causa dos moradores de varias nações que n'ellas se acham. Dentro de poucos annos n'ellas haverá uma confusão de Babel á respeito da lingua.

Nas Missões brasileiras geralmente se falla o portuguez. As vezes se ouve tambem fallar o castelhano ou algum outro idioma estrangeiro, mas o guaraní é quasi unicamente entendido pelos poucos indios que existem, e elles até têem pejo de fallar sua lingua perante outras pessoas.

As Missões brasileiras são actualmente povoadas quasi unicamente de emigrantes de Santo Antonio da Patrulha, de Porto-Alegre, Rio-Pardo, Taquari, Viamão, Triumpho, de São Paulo, etc., que conservam os costumes e usos dos lugares que os viram nascer. Ha tambem habitantes nascidos em outras provincias do imperio, mas são pouco numerosos e de ordinario militares que aqui ficaram. Existem alguns estrangeiros sobretudo allemães, que procuram fazer fortuna trabalhando em officios. O numero dos escravos é resumido. assim como o das pessoas de côr. Os indios puros formam a parte mais diminuta da população, e são os mais preguiçosos e os mais viciados, se bem que se mostrem mais affectos ás ceremonias religiosas, mais devotos com as imagens e mais

respeitosos para com os sacerdotes aos quaes ainda n'estes tempos, vão beijar a mão quando os encontram.

Nota-se muita humanidade nos habitantes das Missões brasileiras, entre elles a hospitalidade é um dever sagrado, e qualquer póde viajar sem despender um vintem. Por pobre que seja um missioneiro, se lhe chega um hospede, lhe cede sua cama se não tem outra para offerecer-lhe, dá-lhe a comida que tinha preparado para si, e vai comprar ou pedir mantimentos emprestados senão os tem para dar refeição ao hospede que nada d'isso suspeita. Ordinariamente se lhe empresta cavallo e as vezes para toda a jornada.

A generalidade dos habitantes de Missões são religiosos, mas a religião não póde ter sobre elles o seu concurso efficaz, porque ou seja pela distancia que ha entre suas habitações e a igreja parochial, ou seja pelo descostume em que se habituaram durante a revolução da provincia, elles pouco frequentam os Sacramentos. « Com freguezias de tantas leguas « de extensão, escreveu o Sr. Manoel da Cunha Galvão em 7 « de Janeiro de 1861 no Rio de Janeiro, de tantos mil ha- « bitantes, como exigir do parocho que elle possa curar de « seus parochianos como eu tanto desejaria e como se pratica « em França, na diocese d'Orleans, onde as parochias apenas « têem pouco mais de mil habitantes e nunca chegam a ter « uma legua quadrada de extensão? » Se é impossivel aos parochos, cujas freguezias são extensissimas cuidar bem de seus parochianos, á estes é impossivel cumprir bem com todos os seus deveres religiosos, que infelizmente muitos olham com indifferença. Actualmente os parochos, carregam sobre si as culpas de seus parochianos; diz-se a cada instante: os povos estão sem religião porque os padres não lhes dão o exemplo da virtude. Verdade é que varios parochos não são tão santos como desejariam seus freguezes, que em razão inversa dos seus vicios, desejariam ver a virtude praticada no ultimo gráo

de perfeição pelos seus vigarios, quanto mais elles se affastam d'ella. Mas pergunto: são mais virtuosos os freguezes de um vigario santo do que os freguezes de um vigario perverso? Ordinariamente acontece que é canonisado um vigario perverso, em quanto passa como iniquo aquelle que cumpre com os seus deveres. Os parochos que se amoldam aos vicios de seus parochianos, que lhes põem almofadas, como dizia o propheta, para que vivam á seu gosto, são excellentes parochos, mas aquelles que como Isaias gritam contra suas prevaricações, não lhes merecem maior consideração do que aquelle propheta mereceu de seus contemporaneos. Na actualidade, ha muito que fazer para endireitar o clero, porém mais tem que se fazer para endireitar os christãos, que por um falso abuso da liberdade se julgam exemptos de todas as praticas da religião catholica. Nem sei como haveriam-se os Apostolos e mesmo Jesus Christo com a geração actual.

ARTIGO II.

Meios de fazer prosperar as antigas Missões jesuiticas (98).

Seja, por causa da maior facilidade de obter os productos, seja por causa do diminuto numero de habitantes espalhados em uma extensissima porção de terrenos, a industria principal e a mais productiva é ainda a criação do gado, de animaes cavallares e lanigeros em todas as Missões jesuiticas menos em aquellas que estão situadas ao Norte do rio Paraná e que pertencem ao Paraguay, onde os terrenos menos favorecem esta industria e onde os habitantes se dedicam mais a agricultura. Mas, com o augmento crescente da população, as estancias destinadas á criação têem-se já dividido entre varios possuidores, e hão de se subdividir successivamente, de fórma que em mui poucos annos não existirão mais estas grandes

fazendas de uma, duas, e mesmo mais sesmarias, mas sim chacaras resumidas onde será impossivel a criação do gado em grande escala. O retalhamento das estancias que já se têem tornado tão prejudicial á esta criação em toda a provincia do Rio-Grande do Sul e tambem em Missões, ha de fazer de mais a mais diminuir os productos do fazendeiro. E como cada morador cujo numero se augmentou e augmentará rapidamente, necessitará para seu sustento e da sua familia de recorrer a novas industrias; uma das principaes para não dizer a principal industria que em Missões ha de supprir a insufficiencia da da criação do gado, é incontestavelmente a industria agricola, para o que se presta admiravelmente o terreno temperado de Missões, tão rico em varias producções. Direi pois alguma cousa dos meios que me parecem mais proprios para fomentar a agricultura nas Missões jesuiticas, que hoje fazem parte da provincia do Rio-Grande.

Os terrenos das Missões jesuiticas sitas ao N. do rio Paraná e as situadas na sua margem oriental (hoje desertas), pertencentes ao Paraguay são excellentes para a agricultura. Mas, como todos os terrenos pertencem a nação e o systema actual de governo da republica do Paraguay pouco se presta aos melhoramentos e progressos encetados nos paizes vizinhos, guardarei silencio sobre os meios que poderiam fazel-os prosperar. Os terrenos das Missões sitas entre os rios Paraná e Uruguay e pertencentes á provincia de Corrientes do povo de Apostolos para o Norte até o Iguassú ou rio grande de Coritiba, tambem são excellentes para a agricultura, e os ao Sul do dito povo entre o rio Uruguay e a laguna Ibera onde existiam os povos jesuiticos de São Thomé, da Cruz e de Japejú, são excellentes para a criação de animaes e ao mesmo tempo aptos para a agricultura. Porém como todas essas terras em geral são ainda propriedade nacional, sendo cedidas a mór parte em emphiteusis pelo governo de Corrientes e por certos

annos determinados a particulares; por causa da incerteza que têem os particulares de vir a possuil-as em propriedade, em consequencia das frequentes revoluções que têem havido na republica Argentina, e da pouca segurança que muitos vêem para seus estabelecimentos n'aquellas paragens, em quanto não se gozar mais annos de paz e de tranquillidade; é difficil estabelecer os meios de tornar prospera aquella interessante parte das Missões jesuiticas. Cingir-me-hei a fallar das antigas Missões situadas ao Oriente do Uruguay.

Este vasto territorio ao Norte do rio Piratinim, onde se achavam seis povos, é excellente para a agricultura e menos proprio para a criação do gado do que o territorio situado ao Sul do dito rio, onde se acham São Borja e Itaqui que tambem serve para a industria agricola.

Ora, quaes são os meios, que em meu alcance, diviso proprios para em pouco tempo fazer florecer as Missões jesuiticas do Brasil na provincia do Rio-Grande do Sul?

1.° Fazer executar as leis sábias, liberaes e protectoras do imperio por magistrados intelligentes e justos, e criar as que podem faltar, para que o trabalhador possa gozar do fructo de seus serviços, que muitas vezes aproveitam aos vadios que se deve obrigar ao trabalho.

2.° Ensinar aos habitantes d'estas regiões os preceitos da agricultura, fazer ensinar officios a varios; fazer-lhes conhecer o proveito que podem tirar das innumeraveis riquezas de que a natureza dotou o seu paiz, ensinar lhes a economia, inspirar-lhes aversão á preguiça e amor ao trabalho que moralisa o homem. Conceder premios aquelles que se distinguirem em alguma industria util para o paiz, e para exportação v. g. Conceder um premio ou uma condecoração áquelle que fizer algum descobrimento ou de algum metal ou de alguma navegação ou de alguma industria; áquelle que primeiro fabricar certa quantidade de anil, de seda, de tabaco; obstar os en-

traves do commercio, favorecendo por todos os meios postsiveis as communicações, os transportes por agua e por erra.

3.° Dividir as *estancias* (99) que ao dizer do general Andréa em seu Relatorio de 1.° de Junho de 1849, apresentado á assembléa provincial do Rio-Grande do Sul, são um dos maiores obstaculos que se têem apresentado na provincia ao progresso da agricultura, e mesmo da povoação.

Um estancieiro, dizia este presidente, que possue uma sesmaria, é senhor de tres leguas quadradas de terrenos, se possue duas, tres ou mais sesmarias, é senhor e dono de seis, nove ou mais leguas quadradas de terras, grandes desertos cujos possuidores tratam mal e da mal criação do gado, e tem o direito de fazer sahir do seu campo familias infelizes que não sabem onde fazer descançar suas cabeças. Varios estancieiros juntos tornam deserta uma porção de terreno do tamanho de alguns estados da Europa. Entretanto as familias pobres correm de um lado a outro procurando um abrigo que ninguem lhes concede. D'esta fórma é difficil que a povoação augmente assim como a industria agricola. A divisão gradual das grandes estancias, como vai se fazendo, porém com maior velocidade, seria de um beneficio immenso para o augmento da povoação, da industria agricola e de todas as mais. O mesmo presidente indicou os meios de conseguir esta divisão das grandes propriedades, que não podemos deixar de indicar. O primeiro é obrigar os estancieiros a mandar medir suas fazendas, sendo as sobras vendidas, alugadas ou dadas em pequenos lotes a lavradores pobres. Se os titulos das sesmarias fossem duvidosos, conforme as leis, maior quinhão ficaria a repartir. O segundo, é comprar todos os annos o governo umas tantas leguas de terras para o mesmo fim. O terceiro é que a fazenda nacional se constituisse co-herdeira quando tem que perceber direitos sobre legados ou heranças e re-

cebesse em terras uma parte d'estes direitos, á cujas terras se daria o destino acima indicado.

A divisão das grandes estancias, acrescentarei, seguindo as idéas de Mr. A. Isabelle, em vez de ser prejudicial aos estancieiros e nociva á criação do gado, só lhes poderia ser vantajosa. Vantajosa aos estancieiros que imaginavam fazer um immenso sacrificio cedendo uma ou duas leguas de seus desertos, onde nem viviam cincoenta pessoas, para melhorar a sorte de alguns milhares de homens pobres e infelizes, porque immediatamente sua fortuna subiria pela alta do preço de suas terras adjacentes como aconteceu em Montevidéo e em Pelotas, e pela facilidade da exploração dos seus productos e rapidez das communicações com as praças de comercio (100). Vantajosa á propagacão do gado no duplo respeito da quantidade e qualidade em virtude da melhoração dos pastos e dos cuidados mais assiduos e mais intelligentes dos rebanhos Eis um exemplo: Em França cujo territorio é apenas duplo do da provincia do Rio Grande do Sul, e cujas propriedades são bastante divididas, e as culturas infinitamente variadas, onde os matos, as capoeiras, os montes, as montanhas tomam lugares extensissimos, assim como os rios, as estradas e os canaes em todos os sentidos, as cidades, as villas, as freguezias povoadas actualmente por quarenta milhões de habitantes: conta-se mais de oito milhões de vaccas e mais de trinta e tres milhões de carneiros (101). Qual seria o numero de cabeças de gado em França se a consumição da carne fosse menor, e que como aqui a principal industria fosse a da criação do gado!!

4.° Conceder as terras devolutas proprias para agricultura, os matos, porém em pequenos lotes, aos cidadãos brasileiros pobres, sobretudo aos veteranos do exercito, aos soldados que deram baixa, aos lavradores laboriosos; e se não forem sufficientes as terras devolutas, distribuir-lhes as ter-

ras de que fallamos no numero tres anterior. Julgo proveitoso para o imperio que as ditas terras se concedam com preferencia a brasileiros que a ellas têem um direito especial, do que a estrangeiros, comtanto que sejam obrigados a trabalhar, porque por seus usos, costumes e lingua, elles são mais convenientes e aptos para fazer parte da grande familia brasileira. Em minha opinião, uma colonia bem dirigida e organizada de lavradores brasileiros é muito mais util para o paiz do que duas colonias de allemães, de suissos, ou de subditos de outras nações, se bem que estes podessem por seus conhecimentos fazer augmentar mais a industria agricola e outras.

5.° Em falta de cidadãos brasileiros, conceder as vantagens do n. 4 acima a estrangeiros qualquer que seja a nação a que pertençam. Deve portanto procurar o governo destruir os prejuizos que Portugal e Hespanha tinham infundido nas veias dos seus colonos para não fraternizarem com os estrangeiros. As colonias allemães e mesmo as colonias suissas têem provado bem no grande imperio do Brasil, se bem que a raça brasileira de origem latina seja differente da raça allemã e suissa de origem slava; porque é que não provaram bem no mesmo imperio os descendentes da raça latina? Como é que não poderam se ligar hespanhóes, portuguezes, francezes e italianos que fallam uma lingua que foi uma na sua origem? Deus fez-o mundo para seus habitantes. Todos os habitantes do globo são filhos de Deus e portanto irmãos, e devem-se supportar e coadjuvar para que se cumpram os preceitos do Creador.

6° Chamar para Missões, como se faz nos Estados Unidos, na America central, no Chile, como em varias provincias do Brasil, como mesmo na provincia do Rio Grande do Sul, de que em seus beneficios a antiga provincia de Missões não tem feito parte, homens laboriosos, activos, intelligentes, que moralizem pelos laços da familia e da propriedade, o caracter

apathico, desconfiado, vingativo, ciumento e insubordinado do indio.

Com os braços trabalhadores hão de vir os capitaes estrangeiros, elementos que faltam absolutamente em Missões para tirar do nada suas riquezas naturaes.

Com os braços, com os capitaes, com a cessão das terras, com as leis liberaes e protectoras, virão as idéas de empresas, o espirito de associação entre estrangeiros e filhos do paiz.

Então veremos os barcos de vapor vir de Montevidéo e Buenos-Ayres á Missões trazer-nos os artefactos da Europa, e levar os ricos productos de Missões. Então veremos que a industria missioneira duplicará, decuplicará, centuplicará talvez o valor das terras da provincia jesuitica do Paraguay.

7° Estabelecer colonias. No relatorio já citado, do Sr. general Andréa, este presidente censura a apathia e a indifferença dos lavradores brasileiros, e diz que existem na provincia do Rio Grande do Sul, leguas continuas de territorio onde não se vê uma só arvore plantada, nem semente alguma lançada na terra, e sem embargo esta terra daria de tudo; poucas ha tão ferteis. Não se trata mais de plantar trigo. Apesar do subido preço das farinhas de mandioca sua plantação é descuidada. Muitos outros productos agricolas o são da mesma fórma. E' absolutamente necessario, continuava o mesmo general, entreverar os colonos agricultores n'estes vastos desertos para por seu exemplo excitar as inclinações da povoação indigena. O que em 1849 escrevia este distincto administrador da provincia, é ainda verdade em 1851, sobretudo em Missões. Existem ainda muito grandes desertos em todas as Missões jesuiticas, collocadas em parte na beira de rios magestosos e navegaveis, que poderiam ser o assento de cidades e povoações opulentas, e sustentar milhões de habitantes. Porque é que o governo não faz a acquisição de quinze ou vinte leguas de terrenos agricolas sobre a margem do Uruguay e de qualquer outro

rio navegavel como o Ubicuy, o Camacuã, o Piratinim perto de sua fóz ao Uruguay em lugares azados para o estabelecimentos de grandes cidades e n'elles funda tres ou quatro colonias? Temos o exemplo da colonia hoje villa de S. Leopoldo para provar o quanto as ditas colonias haviam de prosperar se fossem bem dirigidas. Eu não quereria que os colonos fossem todos da mesma nação, se bem que fosse muito para desejar que todos elles professassem a religião catholica, e que fallassem senão a mesma lingua ao menos uma das linguas que se formaram da latina.

Em uma colonia eu quereria brasileiros, e ha tantos que não possuem um palmo de terra para n'elle descançar sua cabeça; quereria pois portuguezes laboriosos e tambem italianos, francezes virtuosos, intelligentes e activos. Não é meu objecto delinear a maneira de conseguir os colonos e de lhes distribuir as terras; unicamente notarei que julgo conveniente que a primeira d'estas colonias, que se estabelecesse não devia ser afastada mais de cinco a seis leguas de alguma das povoações já existentes, para d'ella poder tirar os recursos tão necessarios ao principio. A segunda colonia deveria ser collocada a igual distancia da primeira, que por sua vez lhe facilitaria recursos. Mas se de repente se cria uma colonia no centro dos matos virgens á trinta leguas ou mais de distancia de qualquer outra povoação, longe dos principaes soccorros, e ás vezes sem ter ainda estradas de communicação, é evidente que esta colonia, se principalmente é formada de estrangeiros, não só não prosperará, mas se destruirá pouco tempo depois da sua formação, como aconteceu á colonia de allemães que se tinha estabelecido no antigo povo jesuitico de S. João.

Porém providenciando as necessidades dos colonos durante dois ou ao menos um anno, cedendo a cada familia um canto de terra gratuitamente, a colonia infalivelmente ha de prosperar e em pouco tempo elles utilizaráõ em proveito da nação,

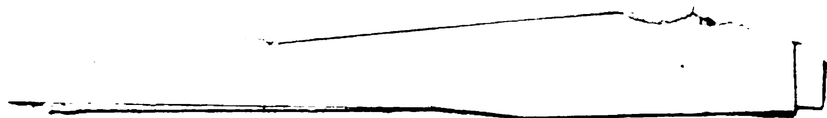
d'elles e de todos, as terras agricolas, as madeiras, os matos, as minas e todos os productos naturaes que hoje não têem valor ou são desconhecidos. e são perdidos para os homens e para o bem estar da humanidade. Estes colonos que hoje vivem na maior miseria, que padecem fome com suas familias porque não possuem um pedaço de terra, merecem nossa compaixão e nosso interesse porque são homens como nós, e com o fructo de seus trabalhos nos pagarão generosamente os sacrificios que podermos ter feito para os collocar na posição de viverem com commodidades.

Se se estabelecessem sobre a margem do Uruguay tres ou quatro colonias ao Norte de S. Borja, desde a foz do Camacuã até a foz do rio Commandahy, em bem poucos annos numerosos vapores cruzariam o Uruguay, o transporte das hervas se faria todo por agua e seriam principiadas a explorar as immensas matas virgens á Leste d'este rio, que cobrem talvez mais de mil leguas quadradas e que podem encerrar riquezas incalculaveis hoje desconhecidas. A provincia do Rio Grande do Sul e o imperio teriam n'esta fronteira uma povoação compacta, activa e rica que a guarneceria e defenderia contra qualquer tentativa de algum inimigo vizinho. Cresceria extraordinariamente a segurança e a fortuna particular e publica.

tabelecimtos e ter

COLHEITA				
	Trigo, alqueires.	*Milho, alqueires.*	*Feijão, alqueires.*	*Favas, alqueires.*
»	»	292	45	8
»	36	70	20	2
»	»	»	»	[illegible]
»	42	175	»	[illegible]
1/2	104	133	»	[illegible]
»	»	»	»	[illegible]
»	80	325	90	[illegible]
1/2	262	995	155	[illegible]

r muitas razões. A suacomida
não chega para se lhe dar de
superstíciosos, mentiosos, vi
guel, 28 de Outubro de 1827.



CAPITÃES

Lopes Segundo.
Antonio Costa.
yppolito Mendonça.
Isidoro Sanches.
polinario Mendonça.
thias Guilhermovich.
Aniceto Arieira.
José Marcenaro.
rancisco Caneppa.
Nicoláo Bianqui.
Pedro Ochedo.
José Rodrigues.
nacleto Noruega.
José Vieira.
Gio Batto Veppo.
Paulo Romão.
João Gonçalves.
José Vigna.
omingos Galhatine.
Segundo Gallarça.

João Gonçalves.
Gil Rodrigues.
Vicente Bianqui.
Anacleto Arialta.
Sebastião Diogo.
athias Barcachivich.

NOTAS.

---

(1) Ja o Brasil tinha sido descoberto em 1500 por Pedro Alvares Cabral. E em 1503. D. João III tinha mandado a Martim Affonso de Sousa reconhecer o Brasil descoberto por Cabral. Sousa fundou a colonia de S. Vicente, e segundo o Sr. visconde de S. Leopoldo, pag. 2, continuou rota para o sul, e erigiu padrões com as quinas lusitanas em uma e outra margem do Rio da Prata para attestar a posse que tomára pelo seu soberano. Estes actos solemnes formariam ainda hoje d'aquelle Rio (da Prata) a natural divisa do Brasil› se fosse desde logo cimentada por estabelecimentos nacionaes. O visconde de S. Leopoldo, Ruy Dias de Gusman, asseguram que Americo Vespucio, ao serviço de Portugal, descobriu as costas do Brasil em 1493.

(2) Segundo Ruy Dias de Gusman, Solis não foi morto pelos indios, mas regressou á Hespanha para dar conta de seus descobrimentos.

(3) Nome que foi dado a este rio ou paiz antes chamado Solis ou ás vezes Paraná, porque d'elle foram remettidos por Gaboto á Hespanha o primeiro ouro e a primeira prata, e o que dos indios recebêra Diego Garcia depois do seu descobrimento.

(4) O auctor que sigo n'esta narração é Ruy Dias de Gusman, que na cidade de la Plata, provincia de Charcas, com data de 25 de Julho de 1612 escreveu sua historia sobre o descobrimento, povoação e conquista das provincias do Rio da Prata.

Elle pretende que no anno 1503 el-rei D. Manoel mandou continuar o descobrimento do Brasil, e deu ordem para que se povoassem suas terras. Opinião que aliás é consignada na deducção chronologica do general Abreu e Lima sem que este designe a éra, azendo todavia para esse fim sahir do Tejo no dia 10 de Maio de 1501. uma armada de tres caravelas debaixo do mando de Gonçalo

Coelho. Se bem que se encontrem anachronismos na obra do escriptor hespanhól, como v. g. de fazer sahir em 1526 quatro portuguezes de S. Vicente por ordem de Martim Affonso de Sousa, quando pela *Synopsis* e pelo *Diario da navegação de Pero Lopes de Sousa*, recem descoberto, se vê que foi em 1530 que Martim Affonso embarcou para o Brasil, e que só em 1532 foi fundada a villa de S. Vicente e que d'este anno por diante foram fundadas as primeiras capitanias do Brasil; todavia por causa d'estes anachronismos, que facilmente se podem explicar, julgo que não se póde duvidar da expedição dos referidos quatro portuguezes pelas terras do Paraguay ao Perú antes da ida de Gaboto e de Garcia ao Paraguay. Eis as razões que me parecem abonar esta opinião.

1.ª Muitas foram as expediçoes em principios do seculo 16, para a costa da *Terra da Vera Cruz*; a de Gonçalo Coelho, que correu toda a costa até a Patagonia em 1501; a de Affonso de Albuquerque em 1503; a de Francisco de Almeida em 1505; a de Tristao da Cunha em 1506; a de Fernando de Magalhães em 1519, e outras; já n'esta epocha, diz o Sr. Coruja em suas *Lições da Historia do Brasil*, alguns especuladores visitavam o novo paiz convidados pelo commercio do páo Brasil; sendo alguns d'elles victimas dos naufragios pelo pouco conhecimento dos lugares perigosos da costa, (proprias palavras do Sr. Coruja), etc.

E' muito possivel, e mesmo provavel que de tantas expedições e de tantos exploradores tivessem ficado alguns na nova terra da *Vera Cruz* e talvez em varios lugares d'ella, e que levados pela ambição das riquezas e pelo seu genio emprehendedor tivessem (como o fizeram os primeiros hespanhóes descobridores do Rio da Prata, Oyola, Irala, etc), procurado ir por terra ao Perú, onde segundo a fama bastava chegar para possuir immensas riquezas.

Ora, tendo o escriptor castelhano Ruy Dias de Gusman, de fazer a narração de uma d'estas atrevidas expedições feita por portuguezes obscuros e sahidos de terras do Brasil que não tinham nome no tempo da expedição, serviu-se na sua historia dos nomes das terras do tempo que elle escrevia em 1612, e suppoz facilmente que a expedição fôra mandada pelo primeiro povoador de fama das mesmas terras.

2.ª E' impossivel que a narração de uma expedição tão circumstanciada, onde vem o nome dos que fazem parte d'ella, a derrota que tomaram, o resultado da jornada, o fim que tiveram os expe-

dicionarios fosse inventada. Ao contrario, esta expedição nos explica como os indios do Paraná possuiam a prata que Gaboto e Garcia lhes encontraram.

3.ª Se qualquer devesse inventar esta expedição, não era de certo Ruy Dias de Gusman, militar hespanhól, filho de descobridores do Paraguay, empregado elle mesmo em serviços importantes na mesma provincia, e que escreveu a historia dos oitenta e dois primeiros annos do descobrimento, conquista e povoação do Rio da Prata, com o fim de realçar as façanhas dos seus patricios os hespanhóes, como elle declara na *dedicatoria* da mesma obra ao duque de Medina Sidonia. Era mister que esta expedição fosse bem certa, bem conhecida, para que um auctor hespanhól lhe consagrasse um capitulo da sua historia, désse por ella a primazia do descobrimento do Paraguay e do caminho por terra do Perú, a uns portuguezes, quando sem isto toda a gloria do referido descobrimento tivesse ficado para sua nação.

(5) O chronista de el-rei de Hespanha, que refere ao anno de 1530, a descripção que faz do Brasil, escrevendo posteriormente commette um anachronismo, fazendo para aquelle anno 1530 uma descripção do Brasil, que apenas póde se applicar á aquelle paiz em 1560. Sem embargo como me parece interessante a descripção que elle faz, a deixo subsistir no meu texto, pedindo ao leitor de não perder de vista que se podem referir ao anno 1560, os estabelecimentos de que elle trata. E para dar a meu leitor que não tiver livros á consultar sobre a fundação das capitanias e estabelecimentos dos portuguezes no Brasil, lhes offereço o seguinte resumo, compulsado da *Synopsis* e da historia do Sr. Coruja, podendo para maior intelligencia consultar estes e outros auctores estimaveis.

A 3 de Dezembro de 1530 Martim Affonso de Sousa, capitão de uma armada e governador do Brasil, partiu de Lisboa para o Brasil, trazendo patentes de capitão-mór, dadas por D. João III com data de 20 de Novembro do mesmo anno. Em principios de 1532 fundou uma villa na ilha de S. *Vicente*, e outra nove leguas dentro pelo sertão, á beira de um rio, que se chamava *Piratininga*, que tomou o nome de *S. Paulo*, em 1553 porque a primeira missa celebrada ahi no collegio dos jesuitas, foi no dia da conversão de S. Paulo, 25 de Janeiro. El-rei, com data de 28 de Setembro de 1532, fez doação de cem leguas de costa em S. Vicente a Martim Affonso de Sousa, doação confirmada ainda em foral de 6 de Outubro de 1534.

Pero Lopes de Sousa, irmão do antecedente, teve doação de oitenta leguas de costa em varios lugares e trinta em particular entre o rio da Santa Cruz, que cerca em redondo a ilha de Itamaracá com data de 1.° de Setembro, e foral datado de 6 de Outubro de 1534.

Pedro de Góes teve doação de trinta leguas de costa, datada de 28 de Janeiro de 1536, e recebeu o foral da capitania da Parahyba do Sul a 29 de Fevereiro do mesmo anno 1536.

Vasco Fernandes Coutinho teve doação de cincoenta leguas de costa da capitania do *Espirito Santo* em 1.° de Junho de 1534, que foi confirmada á 12 de Março de 1543.

Pedro do Campo Tourinho teve doação em 27 de Maio de 1534 e foral de 23 de Setembro do mesmo anno da capitania de *Porto Seguro*, cuja colonia fôra começada a crear pelos primeiros exploradores; parece se aniquilou posteriormente, pois quando D. João III, em 1532 creou as capitanias do Brasil, ahi foi encontrado sómente *Diogo Alvares*, denominado *Caramurú*, que muito figurou nos primeiros estabelecimentos da Bahia de Todos os Santos.

Jorge de Figueiredo Corrêa teve doação da capitania dos ilhéos ao norte d'esta com data de 1 de Abril de 1535. Francisco Pereira Coutinho teve doação de cincoenta leguas de costa da capitania da *Bahia de Todos os Santos* em 5 de Abril de 1534 e foral de 2 de Agosto do mesmo anno. Fez o seu primeiro estabelecimento dentro da Bahia no lugar depois chamado *Villa Velha*, que ficou abandonado depois que o donatario com a sua gente ficaram victimas da voracidade dos selvagens *tupinambás*. Em 1549 o primeiro governador geral Thomé de Sousa, que trouxera em sua armada uma missão de seis padres jesuitas, (os primeiros d'esta ordem que vieram á America e de que era chefe o padre Manoel da. Nobrega), lançou os fundamentos da nova cidade de S. Salvador

Duarte Coelho Pereira teve a doação datada de 10 de Abril e foral dado aos 24 de Outubro de 1534 da capitania de Pernambuco, onde em 1535 fundou a cidade de Olinda.

João de Barros (o historiador) foi donatario da costa do Maranhão. Foral de 11 de Março de 1535.

Ayres da Cunha teve doação de cem leguas ao norte da ilha Itamaracá. Foral de 11 de Março de 1535.

Fernão Alvares teve mercê de setenta e cinco leguas com data de 18 de Junho de 1535.

Mas não consta que estes tres ultimos fizessem estabelecimento algum.

Fernão de Noronha ou Loronha teve doação da capitania da *ilha de S. João* depois chamada de *Fernão Noronha*, em 16 de Março de 1522, e confirmada de novo em Maio de 1559.

Em 1551, D. Pedro Fernandes Sardinha foi nomeado primeiro bispo do Brasil, cujo bispado devia abranger toda a terra descoberta e a que d'ahi em diante se descobrisse.

Em 1553, com o segundo governador chegaram ao Brasil mais dezeseis jesuitas, entre os quaes se distinguia José de Anchieta, destinado á fazer-se celebre como Apostolo do Novo Mundo no Brasil.

Em 1567, e a 20 de Janeiro, *Estacio de Sá*, ajudado do chefe indio *Ararigboia*, deu um ataque geral aos francezes e tamoyos que occupavam a bahia do Rio de Janeiro; destroçou aos indios e obrigou os francezes a se retirarem. Depois d'esta decisiva batalha foi traçado o plano da nova cidade na margem occidental da bahia do Rio de Janeiro, que foi denominada S. Sebastião, em commemoração da batalha ganha n'aquelle dia sobre os francezes e tamoyos. Seu primeiro governador foi *Salvador Corrêa de Sá*, que muito trabalhou na sua fundação, e na reunião de familias para o seu augmento.

Elevava-se a doze o numero das capitanias distribuidas por el-rei D. João III.

(6) E' necessario não perder de vista o que temos dito na ultima nota. Sem embargo em sua historia *Geral dos Indios*, impressa em Madrid em 1726 Antonio de Herrera, chronista maior de Sua Magestade, no tomo 2.°, pag. 170 e seguinte, faz assim a *descripção da costa do Brasil*, apontando unicamente oito capitanias, bem que indique que havia nove no Brasil. Porém no anno 1530 a que se refere a dita descripção, como se póde ver no lugar citado, o Brasil ainda não estava dividido em capitanias, como se vê pela nota precedente, nem ainda podia n'elle haver casas de jesuitas, etc. etc.

(7) A narração da viagem por terra de Santa Catharina á Assumpção por Alvar Nunes Cabeça de Vaca, se acha descripta pelo chronista Antonio de Herrera, tom. 4, pag. 35 e seguintes, e no fim do anno 1541. Narra que depois de ter reconhecido o rio Iguassú

e antes de chegar ao rio Paraná, Alvar Nunes encontrou um indio brasileiro chamado Miguel Christão, que regressava da Assumpção para sua terra do Brasil, e que este indio quiz voltar com elle e lhe servir de guia até a Assumpção, mandando embora por este motivo os guias de Santa Catharina que o acompanhavam.

Relata tambem que nas immediações da fóz do Iguassú ao Paraná o adelantado Alvar Nunes encontrou a geração dos indios que por alli mataram os portuguezes que tinham ido descobrir estas terras do Paraguay e Perú como temos dito precedentemente.

(8) 1.º Buenos Ayres fundada em 1536, e reedificada em 1580.
2.º Assumpção fundada em 1536.
3.º Outiveras fundada em 1554.
4.º Cidade Real fundada em 1557.
5.º Santa Cruz da Serra fundada em 1558.
6.º Santa Fé fundada em 1573.
7.º Villa Rica fundada em 1576.
8.º Xeres fundada em 1579.
9.º Conceição da Boa Esperança fundada em 1585.
10.º Corrientes fundada em 1588.

(9) Os guaranis são chamados na provincia do Paraguay por todos os nomes seguintes: Mbguá Caracará, Timbu, Tucagué, Calchagui, Quiloazá, Cario, Mangolá, Itatiné, Taru, Bomboi, Corrupaiti, Curumai, Caiaguá, Guaran, Tapé, Chiriguani, Coronda, Culchachi, e com muitos outros nomes.

(10) Na épocha da conquista, os minuanos viviam nas planicies septentrionaes do Paraná. Occupavam tambem o territorio entre Paraná e Uruguay até a latitude da ilha de Santa Fé. Perseguidos pelos conquistadores e pelos jesuitas passaram o Uruguay e chegaram então a dominar nas margens septentrionaes e occidentaes das lagôas Mirim e dos Patos.

(11) Os aymorés, os puris, os coroados e muitas outras tribus pertenciam á mesma raça.

(12) Ao occidente dos pampas tambem se achavam os *aucás* que ás vezes se ajuntavam com outras tribus para descerem ás planicies de Mendonça. Sobre a costa da Patagonia existiam os *balchita*, *uhilicé e tehuelchu* que frequentemente se uniam aos pampas para fazer a guerra a Buenos-Ayres.

(13) Esta relação é extrahida do *Conciliador* de Porto Alegre, sendo seu auctor o tenente-coronel Tristão de Araujo Nobrega.

(14) Uma boa parte d'esta traducção foi feita por meu distincto amigo o Sr. Capitão Francisco Marques Pereira, e alguns artigos pelo Sr. D. José Ramon Ximenes.

(15) Desde o anno de 1588, alguns jesuitas tinham penetrado na provincia do Paraguay. Porém esta companhia não se estabeleceu definitivamente no referido territorio senão em 1609, depois da creação d'esta nossa provincia jesuitica. Em 11 de Agosto de 1588 chegaram a uma paragem distante tres leguas da Assumpção, capital do Paraguay, diz o padre Pedro Lozano em sua historia, os padres jesuitas João Saloni, Manoel de Ortega e Thomaz Fildi procedentes da sua provincia do Brasil, sendo mui peritos na linguagem do Brasil, que era a mais usada na governação do Paraguay. Estes tres padres foram sem duvida os primeiros da companhia que pisaram o terreno do Paraguay. Foram optimamente acolhidos pelo governador da provincia o licenciado João de Torres de Vera e Aragão, e sobretudo pelo governador episcopal, religioso dominicano, que concedendo amplas faculdades aos padres jesuitas recem chegados, aproveitou toda e qualquer occasião para ser util ao Instituto da companhia de Jesus.

O jesuita ainda noviço João Saloni, natural do bispado de Lerida em Catalunha em companhia dos missionarios padre Luiz Mesquita e o irmão Manoel Dias se embarcaram em Lisboa á 19 de Fevereiro de 1574, e chegaram á Bahia de Todos os Santos a 2 de Maio do dito anno. Em Agosto de 1576, Saloni foi ordenado sacerdote em Pernambuco pelo bispo D. Antonio Barreiros, e foi empregado em varias missões. Com o seu mestre o padre Gaspar Lorenzo Tullio Brasiliense, seguiu a conversão de infieis sobre o rio Real, e fundaram com indios Tabayaras, apesar dos ardís de varios indios, e das perseguições crueis dos mamelucos, a reducção de S. Thomé, e prégaram aos gentios pelo espaço de vinte leguas que ha entre o rio Real e o grande rio de S. Francisco. Nas terras dos Surubís os incansaveis missionarios fundaram a igreja de S. Ignacio bispo e martyr, e tendo atravessado o rio Sergipe fundaram na beira do mar a reducção ou aldêa de S. Paulo. O padre João Saloni no Brasil teve occasião de exercitar sua caridade ardente em uma aldêa acommettida pelo terrivel flagello da peste que n'ella fez tremendos estragos, prodigalisando soccorros de toda especie aos moribundos e pesteados, e mantendo-se nas aldêas de indios, se distinguiu pelo zelo intrepido com que defendeu sempre

a liberdade dos indios contra a qual na America se haviam armado poderosos inimigos, e no Brasil eram seus inimigos todos os que tinham vindo do Reino, ou portuguezes mesmo nascidos no Brasil, que n'elle moravam; porque como então não se conheciam ainda minas de prata, de ouro, de diamantes, etc., todo o commercio se reduzia ao páo brasil, o assucar, e estas industrias occupavam necessariamente multidão de braços, e se inventavam mil fraudes e tyranias para captivar e fazer trabalhar os indios, que acostumados a uma vida licenciosa e folgasã, antes queriam perecer nas unhas das féras, nos bosques aonde fugiam, do que sujeitar-se a tão dura servidão. E por tomar a defesa dos indios o padre Saloni padeceu não poucos dissabores durante os quatorze annos que trabalhou nas missões do Brasil. Nas do Paraguay em cuja metropole foi o primeiro jesuita que entrou, o padre João Saloni viveu doze annos, sendo quasi sempre superior dos outros dous jesuitas que andavam n'aquella missão, se bem que durante cinco annos, ficou elle só na Assumpção, emquanto seus companheiros Ortega e Fildi se empregavam em missões no Guayrá. Mais tarde lhe enviaram os padres Alonzo de Barzana, Marcello de Lorenzana e o irmão João de Aquila, que se empregaram em varias missões para catechizar indios. O padre Marcello de Lorenzana foi reitor do collegio de Assumpção, e muito fez para catechizar os indios do Paraguay, dando missões ás vezes com o padre Saloni pelo Tebiquari, e ao Norte mais de duzentas leguas do lado de Santa Cruz da Serra. Foram visitados pelo visitador padre João Romero.

Tendo-se retirado do Paraguay o padre Barzano, que depois de immensos trabalhos evangelicos no Perú em Tucuman e no Paraguay, foi morrer santamente em Cusco, e tendo fallecido no anno de 1599 na Assumpção o veneravel padre João Saloni, foi nomeado para sua substituição no cargo de superior o padre Marcello de Lorenzana que teve ordem de chamar á Assumpção os padres Manoel de Ortega e Thomaz Fildi, e de limitar seu zelo á cidade sem emprehender outra missão na provincia do Paraguay. Pouco depois não tendo companheiros para lhes enviar auxilio determinou o visitador padre Estevão Paes, que os jesuitas deixassem a provincia do Paraguay para se recolherem á de Tucuman, porque, dizia elle, se bem que os tres mencionados padres tenham sua casa no Paraguay em grande credito e fama, e n'aquelle paiz produzissem abundante ructo, comtudo a excessiva distancia que havia do Paragu ay a

Perú cabeça do corpo religioso dos jesuitas lhe fazia temer que para o futuro desfallecessem, e que sendo o Paraguay mais vizinho do Brasil, podiam os jesuitas d'aquella apostolica provincia exercitar-lhi seu zelo com mais fructo, por ser a lingua do Brasil semelhante a do Paraguay, sem os riscos que aprehendia, se pertencesse á do Perú. Apesar do profundo desgosto que esta determinação infundiu nos vizinhos do Paraguay, e do sentimento que tinham os padres jesuitas ahi residentes de abandonar um paiz regado já de seus suores, e onde suas prégações tinham produzido e podiam produzir abundantes fructos de salvação, resolveram obedecer a seu superior. Porem tendo adoecido o padre Thomaz Fildi de penosa enfermidade, e não podendo por causa de seus numerosos achaques sem perigo de sua apreciavel vida emprehender uma viagem de mais de trezentas leguas, resolveu o padre Marcello de Lorenzana deixal-o na casa jesuitica do Paraguay, o que foi uma sabia disposição da providencia divina, que facilitou mais depressa o regresso dos padres da companhia á provincia do Paraguay.

Eis um resumo bem succinto da estada dos jesuitas no Paraguay, antes que o geral da companhia padre Claudio Aquaviva deslgasse a dita provincia da do Perú, e mandasse para provincial d'ella ao padre Diogo de Torres.

Em 1603, D. Hernando Arias de Saavedra, valente caudilho e melhor governador, sahe da Assumpção com um numero mui regular de tropas; resolvido a sujeitar as tribus do Uraguay á obediencia da Hespanha, ou a perecer na contenda. Toda sua infantaria composta de quinhentos milicianos, ficou estendida nas verdes planicies que rega esse caudaloso rio; tão grande era o furor, e a cega obstinação com que os naturaes defendiam seu solo natal! (Guarani.) Tantas tentativas, diz D. Alejandro Magariños Cervantes tantas tentativas estereis acabaram por fim de desenganar os hespanhóes de que não era facil sujeital-os pelas armas, e recorreram ao meio de que deveriam ter usado desde seu principio. Felippe III, por uma real ordem de 30 de Janeiro de 1609, ordenou que se tentasse a reducção dos indigenas por meio das missões evangelicas da companhia de Jesus apparecendo então n'aquella rica vinha, recrutou almas para o céo com a rapidez que veremos e com o acerto que se deduz das reaes providencias expedidas em seu favor em 1634.

O preambulo de uma d'ellas, diz assim: « D. Felippe pela graça « de Deus, rei de Castella, de Leon, etc.

« Por quanto Alonso Messia, da companhia de Jesus, me tem
« feito relação que os religiosos da dita companhia, sem escolta de
« soldados, nem mais força que o santo Evangelho, tem entrado
« no governo do Rio da Prata, conquistando provincias e reduzindo
« naturaes d'ellas em povoações com igrejas, vencendo para conse-
« guil-o grandes impossiveis, com offerecer-lhes de serem postos
« (em encommenda) em minha corôa real, e no que tem procedido
« com tanto desvelo e cuidado, que no presente estão reduzidos mais
« de setenta mil nas ditas provincias do Rio da Prata, Paraguay e
« Villa do Espirito Santo, etc. »

Estas poucas linhas, diz o acima citado Sr. Cervantes, fallam mais alto em favor da companhia de Jesus, considerados como missionarios, do que tudo o que se tem dito (e se tem dito muito) e que se possa dizer contra elles e seu systema.

(16) N'esse tempo o reverendo padre Claudio Aquaviva, quinto geral da companhia de Jesus, como por inspiração de Deus, resolveu se fundasse com effeito provincia da sua sagrada religião nas provincias do Paraguay, Tucuman, e Buenos-Ayres, enviando sujeitos de todas as prendas e qualificadas virtudes, a cargo do veneravel Diogo de Torres Bollo, a quem despachou patente de provincial, o qual deu principio á nova provincia no anno 1607.

Insignes missionarios, em Pamplona 1687. Era em 1605 provincial dos jesuitas na provincia do Perú o padre Estevão Paes, e superior o padre João Romero. O padre Diogo de Torres era procurador da provincia do Perú. A este escreveu de Roma o geral da companhia padre Claudio Aquaviva em Março de 1604, uma carta do theor seguinte: « Saiba que depois que V. Rvma. partiu d'aqui, resolvi duas cousas: — a primeira fundar no Paraguay uma provincia independente da do Perú, a segunda que V. Rma. execute isso e se ponha esta carga ás costas, do que espero ha de se servir Deus Nosso Senhor. Poderá V. Rvma. para isso tomar quinze companheiros dos que leva, e pelo mais que diz respeito a este objecto, o saberá lá no Perú, pelo que se escreve e ordena.

O manuscripto Guarani, n'este artigo e no artigo 7.º d'este capitulo, falla do padre Claudio Aquaviva, como se elle fosse então provincial dos jesuitas no Perú, ou superior de alguns missionarios no Paraná. Póde ser que houvesse dois padres Claudio Aquaviva do mesmo nome, porque é certo que assim se chamava então o geral dos jesuitas em Roma.

(17) **Vide a nota (22) do artigo 4 d'este cap.**

(18) A provincia que os hespanhóes chamaram Guayrá, do nome de um cacique famosissimo, em cujo territorio fundaram a cidade Real e Villa Rica, era uma grande extenção de terreno do vastissimo governo do Paraguay, de cuja capital distava mais de cento e cincoenta leguas para Leste: e se estendia mais de cem leguas. Tinha o Brasil ao Oriente e ao Sul a provincia de Uruguay. Antes que a conquistassem os hespanhóes e portuguezes, eram innumeraveis os indios que a povoavam e n'ella viviam já nos matos, já nos arroios, já nos rios que ahi são innumeros e caudalosos dos quaes o principal é o Paraná. O celebre cacique Guayracá, tinha outros caciques amigos que governavam doze grandes povos que das terras do Brasil continuavam até á fóz do Paranapanêma, e seguiam o curso do Paranaguaçú, seus nomes eram: *Tapurá, Itaquebà, Hindò, Tarapopè, Povo Celebre, Yacarrati, Tapiraguà, Tacaraqui, Ybizù, Maendà, Tubeté,* povo de fama e mui povoado, e *Yapaguay.* Oitenta leguas mais ao Norte até o Brasil, e pelo lado austral até o mar, houve antigamente uma multidão innumeravel de indios, especialmente no rio Huybay, nos grandes povos de *Tubacay, Asboypitan, Yaguaquè, Cummimingurà, Nunguarù, Itacurà e Arayx.* Era igualmente populosa a provincia dos *Tayaobas,* a mór parte de naçao Guarani e lavradora, mas tão briosa que em cem annos não a poderam conquistar nem castelhanos nem portuguezes por meio das armas, e conservaram os fóros da sua liberdade incolumes, grangeando-lhes seu valor tal respeito que os europeús não se atreviam fazer chegar aos seus limites os rumores de guerra. Porém os tayaobas estavam em guerra continua com seus confinantes os cabelludos, gente não menos valorosa, que povoava dilatados campos do lado do rio Iguassú, e aos quaes se deu este nome, porque usavam o cabello solto até á cintura. Mais ao Sul dos tayaobas, em um paiz mui frio no inverno por causa da sua demasiada altura, e sujeito no verão á terriveis tempestades de trovões e de raios, habitavam os ybirayáras, assim chamados por uns garrotes de que usam na guerra com grande destreza. N'elle ha campinas mui ferteis e dilatadas, que faz mais formosas e agradaveis á vista a variedade de alguns capões raros de pinheiros, que se encontram de distancia em distancia, e que dão pinhões com abundancia para o sustento dos naturaes. E' cousa certa que n'este paiz se encontra a arvore da canella da mesma qualidade, e tão fina

como a da India Oriental, de que fez experiencia o veneravel padre Francisco Dias Taño, que beneficiando umas cortiças á moda das ilhas Molucas achou-se a canella excellente sem differença da das Indias. Todas estas nações em geral, fallavam o guarani, excepto os guaiachos e os ybirayarás que tinham linguagem peregrina. O territorio da vasta provincia de Guayrá situado no Capricornio e geralmente humido, é insalubre e sujeito a febres. Prova mal sobre tudo para os estranhos. As fructas da Europa não dão bem ahi. As fructas silvestres, a caça e a pesca, forneciam o sustento dos habitantes. O animo da gente correspondia com a miseria do paiz. Pouco aptos para o serviço braçal, sua industria se limitava á fabricação da herva mate. Foram mui dispostos estes indios a receberem o Evangelho.

(19 O rio Paraná-pané, cujo nome significa *é esteril de peixe*, se bem que possante em aguas não produz creatura vivente, até que misturando suas aguas com as do Pirapó com ellas se enriquece de peixes. Nasce este rio, nas remotas campinas de Caayù sobre as eminentes cordilheiras do Brasil, povoadas antes de innumeraveis indios mas hoje desertas pelas caçadas dos portuguezes. Elevadas e frondosas arvores que parecem querer subir ás nuvens coròam seus valles. N'elles se encontram plantas aromaticas, madeiras incorruptiveis, cedros, louros, páos amarellos, páo brasil, e outras mui olorosas e medicinaes com raras virtudes, de agradavel diversidade e de vivas e variadas côres. Povoavam suas vistosas margens sinte e cinco grandes povoações que bebiam de suas aguas; mas existiam muitas outras familias em crescidissimo numero que viviam sem governo e sem domicilio fixo. Estes indios plantavam, deitando fogo no terreno em que queriam plantar, as cinzas o fertilizavam, e faziam duas colheitas uma no outono, e outra na primavera, porém eram mui preguiçosos para o trabalho, e portanto apesar da fertilidade do sólo como pouco trabalhavam, pouco colhiam e continuavam sempre miseraveis. Só acudiam sua preguiça em occasiões de guerra que tinham a miudo com os Tupys do Brasil. Uns e outros comiam seus prisioneiros em festins. Estes indios tinham noticia bem que confusa de que ha um Deus creador do universo, que todo o genero humano teve principio em Adão e Eva que todo pereceu pelo diluvio, salvando-se Noé e sua familia na arca. Diziam que Pay Zumé (S. Thomé Apostolo. Vide artigo 6. d'este capitulo nota 23) tinha ensinado esta doutrina a seus maiores; porém

nenhum culto tributavam a Deus, nem a outra creatura qualquer. A polygamia simultanea, não é unicamente n'elles um distinctivo de auctoridade porque se julgavam mais poderosos, segundo o maior numero de concubinas que tinham, mas n'esse uso encontravam utilidade, nao só para satisfazer seus desejos lascivos, senão tambem para terem mais copiosa provisão de bebidas que as mulheres preparavam com milho, fructas silvestres e com mel que se encontra copiosamente nos matos, e quanto maior era o numero de suas mulheres, maior era a quantidade de licores com que saciavam sua paixão desentreada da embriaguez. Havia d'estas bebidas tao fortes, v. g. a *encalabrina* que deixava vinte e quatro horas sem mais movimento que um pedaço de madeira. Chegava as vezes a cincoenta o numero das mulheres dos principaes indios.

(20) N'estas e outras sortidas d'estes padres e de seus companheiros para conversão dos infieis do Guayrá, os missionarios jesuitas muito tiveram que padecer tanto por parte dos mesmos hespanhóes, como dos portuguezes e dos mesmos indios. Vou apontar alguns d'estes padecimentos, etc.

Houve um portuguez de S. Paulo, que vendo-se admoestado pelo padre Cataldino, porque sem temor de Deus e dos homens, ia no povo de Santo Ignacio Miri de casa em casa, roubando quantos indios e indias podia, apertou com a espingarda á cabeça do padre; porque como bom pastor impedia o estrago que se fazia em suas indefesas ovelhas. Outros paulistas publicavam entre os infieis que os missionarios eram os mais interesssados na venda dos indios, e que os juntavam nos povos para poder mais facilmente enriquecer, tendo assim muitos d'elles á mao, e ter maior lucro na venda dos mesmos. Outros chegados em S. Paulo com multidao de indias, respondiam aos que lhes perguntavam como tinham podido adquirir tantas, que as tinham comprado dos missionarios jesuitas do Guayrá, o que espalhando-se em muitas partes causou grande prejuizo á publicação do Evangelho.

Os hespanhóes de Guayrá sobre tudo da cidade Real, e de Villa Rica, agitados da devoradora sede do serviço pessoal dos indios, atropellavam todos os direitos divinos e humanos para captivar indios, e reduzil-os para as suas fazendas. Não poucas vezes os guayrenhos, iam correr os povos dos jesuitas com as espadas desembainhados atraz das indias para as roubar, outros as agarravam pelos cabellos em suas proprias casas e as levavam em uma embarcação

Se algumas levavam algumas comidas aos mesmos soldados, estes as convidavam a lhes trazer a comida nas balsas que largavam immediatamente rio abaixo, e assim as levavam mesmo que fossem casadas. Nem com isso se contentou a cobiça infernal dos guayrenhos hespanhóes, inventaram outro estratagema mais abominavel, que era de levar aos povos jesuiticos, indios solteiros bem parecidos, captivados em outras partes, que faziam entrar nos ranchos das indias, para lhes inspirar affeição, e seduzil-as para que os acompanhassem. Houve hespanhóes, que por este vil meio roubaram muitas indias, para o serviço de sua casa, as quaes venderam enriquecendo-se por esta detestavel maldade.

Portuguezes e hespanhóes, para serem bem succedidos em suas empresas calumniavam os jesuitas, e chegavam até a aconselhar aos indios de suas reducções de abandonar os povos e os padres, e de se aproximar das cidades portuguezas ou castelhanas, ou de regressar para os matos, *porque se não tomaes sentido os padres vos hão de privar do vosso antigo modo de vida, e fazer abandonar vossos costumes. Se quereis ficar mais seguros, o melhor remedio será que lhes dês a morte*, (assim o Dr. Charque e o padre Lozana). Porfim segundo as circumstancias, portuguezes e castelhanos se delatavam mutuamente perante os indios que sempre sahiam logrados. Por exemplo o cacique Taubiù (que quer dizer *diabos em fileira*, ou *fileira de diabos*), estando escandalizado das enormes maldades que os hespanhóes de Guayrá commettiam contra os indios, os aborrecia de morte, e não se julgando seguro em seu povo, distante poucas leguas de Pirapó, resolveu, captiveiro por captiveiro, abraçar aquelle que lhe offereciam os portuguezes que lhe davam maiores apparencias de amizade, e para esse fim, mandou chamar alguns portuguezes conhecidos para que o ajudassem a retirar-se com todos os seus vassallos para a villa de S. Paulo, distante mais de cento e trinta leguas. Sabendo da proxima vinda dos mamelucos, o general castelhano Anasco que tinha vindo a Guayrá para fazer observar as ordenanças do visitador Alfaro, foi a Loreto com grande apparato de milicias, muito escandalizado em apparencia por ter Taubiú chamado aos mamelucos; mas na realidade com inveja de que os portuguezes levassem a presa que desejava para si, e para os guayrenhos. Entretanto Taubiú foi mandado a Loreto. E em quanto isto se passava os mamelucos desmancharam o grande povo de Taubiú, e tomaram o caminho de S. Paulo com toda a gente do infeliz caci-

que. O general Anasco seguiu atraz da caravana mameluca, encontrou muitos indios que d'elles fugiam, achou outros estendidos mortos em terra, outros afogados no rio, e particularmente creanças, que por embaraçarem a viagem de suas mães, os portuguezes esmagavam contra o tronco das arvores, para por piedade aliviar a marcha, e estas infelizes mães, mostravam satisfação por ver seus filhos assim mortos, e escapar d'esta maneira á escravidão dos hespanhóes de Guayrá; tão espantoso era o horror que lhes causava esta gente. O general Anasco apressando a sua marcha teria podido alcançar os portuguezes que levavam mais de setecentas familias do povo de Taubiú, e cem de outro povo, e libertal-as; mas teve animo de as deixar tocar como rebanhos de ovelhas, contentando-se de recolher as indias e as crianças que encontrou e que repartiu liberalmente todas com seus soldados. Retirou-se o general mui ufano d'esta expedição, levando prisioneiro o desgraçado Taubiú fazendo passar por caminhos afastados os outros prisioneiros que levavam, para que os padres não tivessem d'isso conhecimento. Deu signaes de querer enforcar a Taubiú por ter chamado os portuguezes, mas á instancias dos padres se contentou de o desterrar para a Assumpção, d'onde logo fugiu e se retirou para o povo de Santo Ignacio, fingindo querer abraçar a fé, que depois realmente abraçou em Loreto.

Em Maio de 1612 regressaram os portuguezes para levar o resto do povo de Taubiú, mas não foram felizes em sua empresa. O tenente da cidade Real, que quiz fazer o mesmo tambem não foi bem succedido; mas tendo regressado com mais gente ao dito povo, (tendo-se escapado Taubiú com suas mulheres, filhos e riquezas) os outros em numero de trezentas pessoas receberam em paz os guayrenhos. Em pagamento da sua quiéta submissão, mandou matar os quatro caciques, e condemnou todo o resto a desterro perpetuo nas cercanias da cidade Real; e todas as vezes que appareciam portuguezes lhes vendia a gente de Guayrá quantos indios podiam ! ! !

Os indios por sua parte eram em geral mui deshonestos, e mui depravados em seus costumes: por isso foi-lhes summamente difficultoso sujeitarem-se á santa lei de Christo que lhes prégavam os missionarios. Houve por tanto caciques que não pouparam diligencias para alterar os animos da sua gente contra os jesuitas com designio de os expulsar do paiz: eis um discurso que o cacique Atyguayé fez em uma occasião a sua gente: — Os demonios sem duvida trouxeram a nossa terra esses homens (os jesuitas) que com

novas doutrinas e invenções procuram apartar-nos do antigo e louvavel modo de vida que observaram nossos maiores. Elles tinham sem reparo muitas mulheres e grande numero de criados que livremente e a seu gosto escolhiam, e agora estes forasteiros com o especioso titulo de padres verdadeiros, inimigos e tyrannos da nossa liberdade, nos querem forçar a uma vida austera e que ligados a uma só mulher, sacrifiquemos nossos gostos a seu bel prazer isto já não se póde soffrer, nem ha razão que permittaes que essa doutrina passe adiante, senão que veneramos a que recebemos de nossos antepassados por seu exemplo e por suas acções que é a verdadeira regra pela qual devemos nivelar as nossas. nos descartemos d'estes falsos mestres, desterrando-os do nosso paiz, ou o que será melhor tirando-lhes as vidas, que bem tem merecido este castigo sua damnada intenção e perversa doutrina. e com esta diligencia infundiremos terror a outros da mesma profissão, para que não venham com sua importunidade assustar nosso repouso, e turbar o gozo de nossos gostos. Se commettemos um erro em os admittir, temos ainda tempo de desmanchar o feito, restabelecendo depois da sua morte a maneira de viver que herdamos, e lavando com seu sangue o escandalo que se tem praticado contra nossos venerados estylos e antigos usos. « Ouçamos o mesmo cacique em outra circumstancia fallando á multidão dos indios junto da casa dos padres» — Eu entendia que n'estes padres nós tinhamos encontrado a boa maneira de viver; mas não foi assim, e muito pelo contrario, pois que este não é o modo de vida que nos convém. Estes padres prohibem que se nos entreguem as indias, e as apartam da nossa companhia, contra o que sempre se tem praticado entre nós, e contra o que praticaram nossos paes, que sempre tiveram muitas mulheres. Este sim, é que é o modo de viver que devemos conservar se queremos viver com gosto; fazer o contrario é tyrannisar nossa vontade com uma lei intoleravel que nos querem ensinar estes estrangeiros. Portanto acabemos com elles, ou se isso vos parece duro, vamo-nos d'aqui, mettamo-nos por estes bosques, procuremos sitio para nosso povo, onde possamos nos divertir á nosso gosto, sem as importunas admoestações d'estes homens importunos e desabridos que nos querem estreitar com maximas austeras, e oppostas á nossos gostos e phantasias que seguiamos antes de sua vinda infausta. Ahi poderemos restabelecer nosso antigo modo de viver, ahi gozaremos de muitas mulheres, como nossos maiores, ahi não haverá quem nos obri-

gue a assistencia incommoda na igreja, abi poderemos sahir para a guerra, e procurar escravos para nós.

O padre Lozano de quem tomamos estes discursos, põe ainda os seguintes na boca do mesmo cacique dirigindo-se aos padres jesuitas: — Quem sois vós para me ensinar o que devo fazer? Sou por acaso menino para que necessite de vossos conselhos? Sei mui bem que hoje é Domingo, porém não quero ouvir missa, e tenho que trabalhar, como me dá vontade, mesmo que eu vá ao inferno porque esta foi a maneira de viver de nossos antepassados que não estavam ligados a estas observancias escrupulosas.... Vós nao sois sacerdotes enviados de Deus para nosso remedio, senão demonios do inferno enviados por seu principe para nossa perdição. Vós sois quem haveis de ir ao inferno, como nos ameaçais, e nós não porque seguimos a boa maneira de viver de nossos antepassados. Que doutrina é a que nos tendes trazido? Que descanço? Que contentamento? Nossos maiores viviam com liberdade, tinham quantas mulheres queriam, sem que ninguem os impedisse, e passaram sua vida com alegria, e vós quereis destruir suas tradições e pôr-nos mui pesada carga ligando-nos com uma só mulher. Oh! não ha de ser assim, eu hei de remediar a isso... Já não se póde soffrer a liberdade d'esses homens que mesmo em nossas terras querem nos reduzir a viver a seu modo pessimo ». Porém vãas foram as palavras e as ameaças de Atiguayé que veio a se converter sinceramente ao Evangelho. Váas foram as tentativas dos outros caciques. Debalde os portuguezes, e os hespanhóes conspiraram contra os enviados de Christo no Guayrá. Em poucos annos os apostolos Simão Mazeta, José Cataldino, Antonio Ruiz de Montoya e Martinho Xavier Ortiço reduziram grande porção da gentilidade da provincia de Guayrá. Foi em Loreto que no anno 1613 o padre Antonio Ruiz de Montoya ajudado do capitao hespanhol Bartholomeu de Escobar que possuia em mui alto gráo a lingua guaraní, e que sobre ella costumava ser consultado pelo veneravel padre Frei Luiz Bolános, pôz a ultima mao á sua Arte e Vocabulario da lingua guaraní, pelos quaes escriptos sempre estudaram os jesuitas, se bem que fossem impressos mais tarde em 1639. Foram os padres Antonio Ruiz e José Cataldino, que pelo mesmo tempo levaram para Guayrá o primeiro gado, que ahi muito prosperou contra a opiniao dos hespanhoes da referida provincia. Consistia esta introducção em 44 vaccas, algumas ovelhas e cabras, que

lhes regalou o padre Marcello de Lorenzana então reitor do collegio dá Assumpção.

(21) O sitio que occupava Atiguayé se chamava *Itambaracá*, e era d bastantes conveniencias, por isso os padres o destinaram para uma nova reducção á qual deram o nome de S. Ignacio ou S. Ignacio-miri, para o distinguir de S. Ignacio-guaçú que foi engrossado pelos amigos de Atiguayé e por muitos indios que os mesmos missionarios recrutaram nos povos infieis da Tibaxiva.

No anno de 1614 nos povos de Loreto e de S. Ignacio-miri no Guayrá, os jesuitas baptizaram 2,026 adultos e 400 crianças, e celebraram 505 casamentos, o que não deixa de ser um numero consideravel, attendendo á grande difficuldade que ao principio se experimentava em livrar os indios dos abusos consequentes da extrema licença da gentilidade. P. Lozano.

No anno 1612 tinha havido n'elles 1393 baptismos de adultos.

Nos dois povos de Loreto e S. Ignacio-miri, os dois santos missionarios chegaram a juntar como cinco mil familias, recolhidas de Paranapané, Tibaxiva, Itanguá e Pirapó. Póde-se fazer idéa das privações pelas quaes os dois jesuitas n'ellas passaram pelo seguinte trecho da carta que o padre Cataldino escrevia ao provincial Diogo de Torres em data de 19 de Outubro de 1610: « Pelo que nos toca, « nos vai mui bem de espirito e de corpo. Emquanto ao primeiro « existe entre nós dois, muita união, paz e contento. não faltamos « ás observancias do collegio, até fazemos as conferencias das sextas « feiras. Emquanto ao segundo, temos saude, e eu a tenho por es- « pecial graça de Deus, attendendo ás comidas, porque tendo nós « um pouco de farinha de mandioca, de que ha agora muita falta, e « algum peixe sem sal, que por cá não se conhece, estamos mui « contentes, e parece que o Senhor dá tanto sabor e gosto no que « nos fornece, que excede a todos os gostos de que nos privamos por « seu amor; por isso vivemos mui alegres em nossos trabalhos, e « quanto mais somos privados dos regalos da terra, tanto mais so- « mos favorecidos das consolações do céo. »

Estes são os principios dos dois primeiros e mais celebres povos jesuiticos do Guayrá, N. S. do Loreto e S. Ignacio-miri, que vieram a ser a praça de armas, d'onde os jesuitas sahiram a conquista espiritual de outras muitas gentes na provincia de Guayrá, na qual propagaram o Imperio de Christo, fundando outras numerosas reduc

ções, de cujos trabalhos não nos é possivel dar conta por extenso em uma obra resumida como esta.

(22) Como o povo de S. Francisco Xavier é o primeiro formado dos indios do Paraná e do Uruguay de que trata esta historia, julgamos conveniente fazer preceder este artigo da nota seguinte:

Immensas difficuldades tiveram que vencer os jesuitas para reduzir os barbaros dos rios Paraná e Uruguay. Os do Uruguay nunca tinham permittido que planta hespanhola pizasse seu paiz, mostrando sempre a mais orgulhosa altivez e a mais obstinada portia para não permittir aos europeus a entrada em suas terras. Os do rio Paraná, defendiam a entrada pela fronteira do Paraguay, com aquelle empenho que lhes inspirava um odio inveterado á nação hespanhola, desde que se tinham rebellado em 1556. Se algumas vezes foram vencidos pelos hespanhoes, sacudiram o jugo logo que poderam, e muitas vezes ficaram vencedores dos europeus. Infestavam de continuo a navegação dos rios Paraná e Paraguay até a cidade de Corrientes, animados a tudo pelo innato desejo de defender sua liberdade, e livrar-se das vexações que viam soffrer outros guaranís, seus patricios e parentes no serviço dos hespanhoes. Não faziam distincção entre os excessos commettidos pelos christãos e a lei que professavam, attribuindo estes mesmos excessos ao christianismo, e portanto recusavam abraçal-o e receber seus prégadores. Por isso, tanto se oppozeram a fundação do povo de S. Ignacio-guaçú, que depois de terem sido vencidos em 611 pelo mestre de campo João Resquim no Aguapehy, alliando-se com os barbaros do rio Uruguay, dos quaes era cacique Manārimbi, procuraram destruir, e com esta valorosa gente, se esforçaram de mais a mais a cerrar a porta do seu mutuo paiz, á propagação do Evangelho que primeiro intentou levar-lhes o padre Lorenzana.

O veneravel padre Marcello de Lorenzana esteve longe de desistir da sua empresa de catechizar aos indios, tanto do Paraná como do Uruguay. Quando viu que com o tempo se diminuia a animosidade dos barbaros a atacar o povo de S. Ignacio, tratou de estabelecer communicação com elles, valendo-se de alguns parentes seus já christãos, que mandava visital-os e lhes fazia patentear seu desejo de os ver e de os tratar. Ao principio ouviam com desgosto a estes enviados, e se negavam a corresponder-se com o missionario; mas este não desistia do seu empenho, tentando todos os meios de chegar a seus fins, enviando-lhes presentes, que foram mui apreciados, e

agazalhando da melhor maneira possivel alguns d'esses barbaros que iam ao povo visitar os indios christãos. D'esta fórma conseguiu inspirar-lhes mais confiança, e estes chegaram a confessar-lhe, que desconfiavam que elle os queria reunir em um povo para poder melhor entregal-os aos hespanhoes que os escravisariam, dando por motivo das suas suspeitas o que acontecêra aos indios que tinham sido convertidos pelos primeiros clerigos e religiosos que vieram de Hespanha com os primeiros conquistadores, e que depois de baptizados foram reduzidos a servidão em que ainda gemem.

A este argumento estribado em experiencias oculares, e em factos verdadeiros não foi facil responder. Procurou o veneravel Marcello de Lorenzana, persuadir-lhes que el-rei de Hespanha, que em seu idioma chamavam *Mburubichabcte*, poría remedio a estes males. Os barbaros apreciavam muito aquelle nome, e o zeloso missionario nada poupava para os affeiçoar a el-rei, a cuja vassallagem lhes aconselhava de se submetterem, e para os animar lhes mostrou um *quatiá* mui grande (cedulas reaes) feito em um dos seus palacios chamado *Aranjuez*, em 26 de Março de 1609, em que mostrava que os estimava muito, e havia por bem chamal-os *chemboyá*, que quer dizer vassallos seus, e não dos hespanhoes: e que mandava que não se lhes fizesse guerra, nem fossem tratados como escravos, mas como seus amigos. Que sómente entrassem sacerdotes para suas terras, que lhes ensinassem as leis de Christo, os fizessem filhos de Deus, os ajudassem a fazer amizades com os hespanhoes como vassallos de um mesmo monarcha, á quem hespanhoes e guaranís deviam igual obediencia, que portanto não duvidassem, que sendo christãos, não fossem bem tratados dos hespanhoes.

Sem embargo não se desvaneceram as desconfianças dos indios, cujos paes tinham dado o nome de *caray* aos hespanhoes brancos, palavra que quer dizer homens sagazes, astutos, dissimulados e traidores. Mas aconteceu que n'estas circumstancias dois caciques principaes do Paraná visitaram ao padre Lorenzana que a fama da sua bondade tinha attrahido. O missionario os agasalhou, regalou o melhor que póde e com destreza lhes rogou que aplainassem as difficuldades, para que dois sacerdotes da companhia (não podendo elles nada receiar de tão diminuto numero) podessem entrar em seu paiz, os quaes muito haviam de contribuir para a felicidade de suas almas e de seus corpos; accrescentando que podiam estar bem seguros de que, fazendo-se christãos, não seriam maltratados dos hes-

panhoes, porque assim o ordenava nosso grande rei, o qual em seu grande amor para os guaranís acabava de mandar um varão muito sabio chamado D. Francisco de Alfaro, de seu mesmo conselho, na audiencia de Chuquisaca, o qual trazia grandes poderes, e vinha visitar os hespanhoes, para averiguar quem faz mal aos indios, e os castigar em virtude das *quatiás* que lhe tinha dado nosso rei, firmadas da sua mão, e que havia de tirar tambam o serviço pessoal dos indios aos hespanhoes. Prompto, dizia-lhes elle virá ao Paraguay (como veio), e vereis executado tudo o que vos digo, como vos contaram vossos patricios e parentes da Assumpção, e das outras reducções. Muita alegria causou esta noticia aos dois caciques, e desejosos de a participar aos seus, partiram para o Paraná, acompanhando-os por ordem do padre Lorenzana, um cacique de S. Ignacio-guaçú já christão. Este ponderou aos barbaros as utilidades que lhes sobreviria se tivessem em seu paiz os missionarios, porque não só cuidariam de lhes ensinar o caminho do céo: mas os ajudavam e protegiam como seus filhos queridos, se qualquer intentasse fazer-lhes mal. Confirmou tambem a vinda do visitador, dizendo que era *mbaequaaparà*, isto é, varão mui sabio, e que em sua companhia vinha o *Pay-guaçú* dos missionarios; isto é, o provincial, que amava muito a todos os indios, e não pouparia diligencias em seu favor, para que fossem tratados como mandava o grande rei de Castella. Em consequencia principiaram os barbaros do Paraná a duvidar se lhes convinha admittir em suas terras padres que lhes ensinassem a lei do céo, e os fizessem filhos de Deus; e convocando alguns caciques dos indios do rio Uruguay, celebraram com suas ceremonias uma junta os de ambos os rios, e conferenciaram muitos dias sobre esta materia com o cacique christão. Combinaram finalmente, de mandar ao padre Marcello de Lorenzana um embaixador em nome dos caciques do Paraná e do Uruguay, para lhe annunciar que elles desejavam ser christãos, mas que o temor que tinham dos hespanhoes era o unico motivo que os impedia de admittir desde já os missionarios em suas terras; que pois lhe dizia que el-rei os amava tanto e era tão poderoso, que da sua côrte mandava aos hespanhoes que lhe obedeciam, alcançasse do mesmo rei que os hespanhoes os deixassem viver em paz em suas terras, e não os inquietassem com guerra; que elles se absteriam tambem de fazer guerra aos hespanhoes, e que como elles os indios do Paraná e do Uruguay se lhe sujeitariam, e executariam quanto lhes mandasse, com tanto que

não os obrigasse a viver nos povos dos hespanhoes, nem aos servir de qualquer maneira que fosse. Para esta embaixada foi eleito de commum accordo o famoso cacique Tabacambí, e todos os caciques da assembléa se comprometteram em nome dos indios dos rios Paraná e Uruguay e territorios adjacentes. de consentir aos missionarios a entrada em suas terras, se fossem aceitas as suas propostas. Em companhia pois do cacique christão veio a S. Ignacio-guaçú o embaixador Tabacambí, com todo o apparato e ostentaçao que requeria a qualidade da sua pessoa, e o padre Lorenzana o cortejou com quantos obsequios lhe dictou seu zelo, para ganhar o genio altivo do barbaro, que por ser o principal do Paraná, podia contribuir muito com sua auctoridade á conversão d'aquella gentilidade. Chegado á presença do padre Lorenzana o embaixador cacique Tabacambí lhe fallou n'estes termos: « Padre, sou enviado em nome dos indios dos rios Paraná e Uruguay, para dizer-vos, que eu assim como todos meus irmãos, os mais caciques de ambas as provincias, desejamos muito sermos filhos de Deus, e estão no mesmo desejo nossos filhos, nossas mulheres e nossos vassallos; mas como temos visto e sabemos todos a maneira porque os carays tem tratado e tratam os guaranís que têem em suas casas e chacaras para seu serviço, achamo-nos possuidos de um grande temor para nos sujeitar a servil-os. Este é o motivo que unicamente retarda a execução e cumprimento de nossos desejos. Se houvesse fórma de podermos ser christãos, e vermos livres nossos serviços d'este pesado jugo, logo abraçariamos a lei de Christo, e prestariamos ouvidos á prégação. Portanto nos ha occorrido, que se este grande varão *Mbaequaapará* que sabemos vem visitar estas terras, e traz tanto poder de *Mburubichabelé* e tantos *quatiás*, quizesse vir, e conceder-nos um grande *quatiá*, em que declare que somos *Mboyás* ou vassallos do grande rei de Hespanha, e que não temos obrigação de servir a algum *Caray*, senão que sejamos (como vós dissestes que o mesmo grande rei nos ha declarado) vassallos seus e tão livres como os mesmos *Carays*, nem que temos obrigação de ir servir-lhes, ou á *mitas* em suas casas e chacaras e que podemos viver sempre em nossas terras, dando á sua magestade algum tributo, em reconhecimento da nossa vassallagem, desde já nos daremos com muito gosto por vassallos, ou Mboyás do grande rei, e por tal o reconheceremos sempre fielmente, e faremos que entreis em nossas terras para prégar a santa lei, e nos fazer christãos. »

Ardua pareceu esta pretenção ao padre Lorenzana; mas o vizitador Alfaro, baseando-se nas cedulas regias, ordenou que se *concedesse* aos *indios tudo quanto pediam*, que *não fossem encommendados em pessoa alguma*, e apesar da opposição dos governadores do Paraguay e do Rio da Prata, as resoluções tomadas por elle, o vice rei do Perú as approvou, assim como houve por bem approval-as sua magestade, mandando incorporar os ditos indios á real corôa, que se lhes guardasse palavra, e que não fossem encommendados a nenhum particular; como consta das reaeş provisões insertas no tomo 2.° paginas 820 e seguintes da Historia da Compamhia de Jesus da provincia do Paraguay, escripta pelo padre Pedro Lozano da mesma companhia, impresso em Madrid no anno de 1755.

Sem embargo, o zelo do padre Lorenzana a prégar o christianismo fez temer sua vizinhança aos indios (canoeiros) do Paraná, que desejavam continuar em seu modo de vida, em seus vicios e torpezas. Os seus temores augmentaram com a conversão de uma india mulher de um indio principal e valente, que morava na vizinhança do rio Yabebiry que desagua no Paraná, onde então se achava o povo de S. Ignacio-mini, o qual com a fama da nova religião, se sentiu movida da vontade de a abraçar; fugiu com uma filha do seu amante, e se foi apresentar a Santo Ignacio-Guaçú, onde foi bem recebida pelo padre Lorenzana. Logo que o barbaro deu pela fuga da sua concubina, convocou seus parentes, foram armados de frechas, arcos e macanás atraz d'ella, resolvidos a tiral-a do povo, e enforcal-a com sua filha em uma arvore; mas o ministro de Deus com sua gente tomaram medidas que fizeram burlar as intenções do indio que furioso regressou vomitando injurias e ameaças contra o padre e seu povo, jurando levantar todo o Paraná contra a reducção. Assim o cumpriu, sendo-lhe facil alvorotar animos já preparados e resentidos. O padre Lorenzana mandou indios christãos junto d'elles para conhecer seus intentos; encontraram-os em aprestos, mas com fingimento, persuadiram aos enviados que se preparavam para irem se juntar com elles em Yaguaracamygtà, lugar onde se tinha fundado S. Ignacio Guaçú, para se fazerem christãos. Em quanto os do povo jesuitico descuidados celebravam alegres a festa do Natal, os canoeiros do rio Paraná armados em guerra embarcaram-se no dito rio, penetra-

ram no rio Paraguay e deram de improviso sobre o povo dos Mahomas, seus inimigos, alliados sinceros dos hespanhoes, e famosos guerreiros. Captivaram a uns, com inhumana crueldade mataram a outros, escapando-se da carnificina mui poucos que foram dar a noticia a Assumpção. O tenente governador Santiago de Velasco conhecedor do barbaro costume dos indios do Paraná, de sacrificar os captivos a seus festins de borracheiras depois da victoria, despachou immediatamente para o padre Lorenzana, afim de que enviasse mensageiros de confiança a reclamar os captivos com ameaças de fazer a guerra aos indios do Paraná e que ahi entraria a fogo e a sangue se detivessem um só captivo. Os caciques do Paraná com altivez receberam os tres enviados do padre e lhes disseram: « Andai, ide-vos, que não queremos dar nossos captivos, que cobardes não tememos aos hespanhoes: que venham quando quizerem, para vingar seus escravos serventes, que temos arcos, frechas, macanas e fortes braços, e não pararemos até lhes dar a morte a todos: vosso padre Lorenzana que tão zeloso se mostra para seu resgate soffrerá a mesma triste sorte, e sua cabeça nos servirá de *mate* (*vaso*) para nossos brindes em nossas reuniões. Os mesmos enviados escaparam á morte que lhes queriam dar por traição de noite, por sua fuga antecipada. O padre Lorenzana e os de S. Ignacio ficaram mui afflictos com esta noticia. e em quanto o padre S. Martin ia dar esta desagradavel noticia a Assumpção, o padre Lorenzana preparava seus subditos para uma vigorosa defeza, ora fazendo nomear chefes para a tropa, ora ensinando o manejo aos indios, e sobretudo orando a Deus de valer a seu povo fiel. O que lhes valeu foi a demora com que os cinoeiros celebraram suas crueis festas. matando um dia a uns captivos com rigoroso genero de morte, outro dia a outros com diverso supplicio, chegando sua barbaridade a abrir com o ferro o corpo de suas captivas depois de terem abusado d'ellas, e de as ter feito servir a seus deleites. Entretanto é enviado soccorro da Assumção. com o mestre de campo João Requin, que juntamente com a gente de S. Ignacio apresenta o combate aos barbaros do Paraná. Renhida foi a batalha que por fim se declarou a favor dos hespanhoes, em quanto o padre Lorenzana, qual outro Moysés levantava suas mãos á Deus, orando pelos christãos. Durante bastantes dias choraram por seus mortos os indios do Paraná, e logo

trataram de tomar uma solemne vingança do padre Lorenzana e dos de S. Ignacio, e fizeram novos preparativos para a guerra. Os hespanhoes e os christãos de S. Ignacio inquietos pela vida de Lorenzana quizeram fazel-o retirar para a Assumpção, ao que se negou obstinadamente o santo valoroso ministro de Deus, que não cessou de tomar providencias para a salvação do seu rebanho, sobre tudo para a salvação das suas almas baptizando aos cathecumenos antes que fossem expostos aos perigos da batalha, de cujo beneficio quizeram participar as indias que tinham feito esconder nos matos, e que d'elle sahiram para receberem o beneficio do baptismo quando souberam que se conferia a seus pais e maridos por causa do perigo da guerra. N'esta occasião tinham combinado as indias sahirem do seu retiro no tempo da batalha, para se collocarem adiante do padre Lorenzana, e lhe fazerem escudo dos seus corpos para que elle não fosse ferido. Sem embargo os infieis ou desconfiando momentaneamente de suas forças, ou por que Deus lhes inspirasse sentimentos diversos, contentaram-se em destruir o povo velho do cacique Arapizandù, e não inquietarm os christãos.

Não tardou muito que elles tivessem novo sobresalto, porque chegou aviso de que o cacique Mañarimbí, situado do outro lado do rio Aguapey, queria fazer alliança com os paranás canoeiros para os ajudar a tomar vingança, e para acabar de uma vez com o baluarte da fé, que viam com despeito plantado em seu paiz, na reducção de S. Ignacio-guaçu. Novo medo panico n'este povo, tanto que o padre S. Martin perdeu o juizo pelos perigos da morte, e demente o enviaram a Assumpção, aonde obrigaram o padre Lorenzana a se retirar tambem. Mas Sáavedra mandou seu cunhado o general D. Antonio de Anasco com cem soldados acompanhar o padre Marcello de Lorenzana que trouxe para companheiro o padre Balthasar Seña. Em Jaguarão receberam novo reforço. Os barbaros tinham esmorecido em seus intentos e até tinham projectado de se deixar catechizar; mas com a approximação das tropas castelhanas, fugiram receiosos. O cacique Mañarimbí pegou fogo a seu povo, e retirou-se a lugar seguro; fugindo da mesma maneira outros caciques que pela graça de Deus, tinham ficado bem dispostos. Os padres Franciscanos entre elles Fr. Luiz Bolaños, vendo a multidão de gente paranaense que fugia á approximação do exercito castelhano entre o Paraná e o Juty, *levantou cruz*, e com elles formou um povo. O resto dos barbaros paranás que ficaram sobre o rio, juntaram-se de-

pois, e reduziram os jesuitas que seguiram as pisadas do padre Marcello de Lorenzana.

Com o padre Marcello de Lorenzana, trabalharam na reducção dos indios do Paraná, entre outros o padre Francisco de S. Martin e o padre Valle. Uma grande parte dos successos obtidos sobre os barbaros do Paraná e do Uruguay se deveu tambem ao padre Roque.

O padre Roque Gonçalves de Santa-Cruz, de uma das mais nobres familias do Paraguay, irmão do general Francisco Gonçalves de Santa-Cruz, que governou algum tempo a provincia do Paraguay e do Rio da Prata, que a chegada do padre provincial Diogo de Torres que foi a 23 de Outubro de 1609, fez doação á companhia de Jesus de que era membro, de uma casa e de uma chacara sita na povoação do Tacumbú, depois de ter sido empregado nas missões dos guaycurús, tinha passado para a do Paraná, e dirigiu algum tempo o povo de Santo Ignacio-guaçú. Ahi teve o preclaro varão occasião de exercer suas virtudes, sobre tudo sua caridade durante tres mezes que o povo foi assaltado da epidemia das bexigas, e que ao mesmo tempo experimentou muita fome por causa da esterilidade da colheita no dito anno 1612; mas a abundancia do anno seguinte tendo feito desapparecer a pobreza do anterior, seu caritativo coração quiz remediar á alguns dos soffrimentos dos indios, que moravam em grandes galpões tão mal cobertas, que em tempo de chuva não podiam d'ella preservar suas redes; e apesar da repugnancia dos indios para executar esta nova disposição que não lhes agradava, mandou reedificar o povo de Santo Ignacio, em lugar mais commodo e mais airado, e dispòz que o novo povo se fizesse em quadras á maneira dos hespanhoes, e que cada casal se repartisse em casas onde vivesse cada familia separada das outras, tendo sido o padre Roque o auctor da planta porque foram edificados todos os povos jesuiticos. Com grande empenho trabalhou na construcção da nova igreja que tinha ideado: Foi-lhe preciso cortar nos matos para este fim mais de setecentos esteios de mais de quarenta pés de comprido, e de dois de largura, preparal-os no mesmo lugar, fazel-os conduzir ao povo distante mais de uma legua, fazendo-os arrastar pelos bois, sem outro mestre que o padre Roque. Este sem mais conhecimentos que os que lhe inspiravam seu zelo, era mestre carpinteiro architecto e elle mesmo serviu de pedreiro para fazer as paredes, o que motivou a seguinte carta que seu companheiro naturalmente alegre o padre Francisco do Valle escreveu ao padre provincial. « O padre Roque em sua caridade é superior a tudo: agora está feito um Salomão, não pensando

senão em sua igreja : é um rei de Tyro, cortando sua madeira, e conduzindo-a com summo trabalho, mas não pára n'isso, porque elle em pessoa é o factotum, e exerce todos os officios até o de carreteiro, juntando os bois. « Mas nem por isso se descuidava de ensinar aos indios a plantar algodão e cultival-o, etc. »

O novo povo continha nove quadros, e cada quadro seis casas de cento e vinte pés ; depois augmentou-se muito mais. Ficou este povo de Santo Ignacio tão vistoso que por sua ordem, symetria, boa disposição e vista agradavel fez a admiração de toda a comarca. Muitos indios foram pela curiosidade ahi attrahidos, o que foi occasião, a que não poucos dos curiosos ficassem invejosos das commodidades temporaes dos moradores de Santo Ignacio, e se determinassem a seguil-a, pedindo ser alistados no numero dos catechumenos.

Gozou então de mais tranquillidade o povo de Santo Ignacio. O padre Roque occupando-se a fazer differentes traducções que eram mui procuradas por ser elle mui perfeito no idioma guarani, e ter boa letra, nutria grandes desejos de attrahir ao christianismo as gentes circumvizinhas, para as quaes se devia abrir as portas do Evangelho nas dilatadas provincias do Uruguay, cujos barbaros tinham sempre opposto uma resistencia valorosa ás armas catholicas. Tinha Deus reservado esta conquista para a Cruz, pois no anno seguinte 1614, o santo padre Roque Gonçalves da Cruz, mereceu que se lhe facilitassem os meios que anhelava seu zelo, para entrar a allumiar com a luz da fé, aos moradores das costas, ilhas ou matos do Paraná. Para ahi seguiu no dito anno ; e a virtude poderosa da Cruz, domou suavemente as cervises d'estes barbaros. Assim se abriu transito para os barbaros do Uruguay, onde primeiro fez ouvir a prégação evangelica, e onde Deus lhe tinha preparado uma illustrissima corôa. Vide o art. 8° d'este cap.

Em Santo Ignacio, no anno 1612, baptizou o padre Roque, 120 adultos ; 60 no dia da Assumpção, e 60 no dia de Natal. Achava-se então interinamente na Assumpção o padre Lorenzana, a cujos sacrificios e trabalhos deveu este povo e outros uma grande parte do seu adiantamente.

O reverendo frei Luiz Bolaños, franciscano descalço com dois companheiros da sua religião, tinham precedido aos jesuitas nas missões do Parana e tinham a seu cargo as reducções de Itú, Caazapa e Yuti que já existiam quando foi fundado Santo Ignacio-guaçú, pelo padre Lorenzana. Frei Luiz Bolaños era grande mestre na

lingua guaraní, e era mui amigo dos jesuitas, assim como o licenciado Hernando de la Cuera, cura de Jaguaron, que veio acompanhar ao padre Marcello em Santo Ignacio. Frei Gregorio de Ossuna, varão apostolico da religião seraphica, succedeu ao padre Bolaños nas mesmas missões, nas quaes trabalhou mais de quarenta annos desde 1600.

Nota 1ª. — Os missionarios jesuitas desejavam o martyrio: assim o padre Martinho de Urtasum que morreu em Loreto a 2 de Fevereiro de 1614, se queixava de morrer naturalmente em sua cama, e fazia ler o martyrio do veneravel padre Ignacio de Azevedo, e de seus trinta e nove companheiros, que vindo prégar o Evangelho ao Brasil foram mortos no mar por odio da fé. O padre Urtasum só tinha 26 annos, e era parente de S. Francisco Xavier.

Nota 2.ª — O padre Antonio Ruiz de Montoya achando-se em Loreto, traçou as plantas das igrejas de Loreto e de Santo Ignacio-miri, e por falta de mestres, que os guayrenos lhe arrebataram, ensinou aos indios estes serviços.

O mesmo padre plantou ahi vinhas n'um lugar por elle preparado, e em dois annos fez vinho que servia para missa e para os doentes.

(23) A Divina Providencia costuma para as acções grandes prevenir as attenções do mundo com secretas noticias, que antecipadamente participa aos prophetas seus servidores. A conversão á fé christã da dilatada e numerosa nação guaraní, conseguida á custa de immensos trabalhos, suores e fadigas pelo zelo principalmente dos jesuitas, foi annunciada muitos seculos antes a esta nação pela boca de um amado propheta e apostolo do Senhor. Dezeseis seculos antes de effectuar-se a conversão á fé da nação guarani, Deus a fez annunciar ao mundo pelo orgão do apostolo S. Thomé, com maravilhosas circumstancias que unicamente póde saber e descobrir aquelle Senhor, que em sua infinita sabedoria comprehende como presente toda a serie de successos futuros, que litteralmente se cumpriram no tempo de que fallamos.

A vinda do apostolo S. Thomé á estas partes da America, e principalmente ao Brasil e ás regiões do Paraguay, está baseada em taes fundamentos, que d'ella não se póde duvidar. Faltam monumentos antigos que testifiquem a vinda de S. Thomé, e que por tanto a tornem perfeitamente certa, mas é innegavel que a tradição constante e uniforme de diversas nações do novo mundo, os signaes e vestigios, e o nome de S. Thomé conhecido desde tempo immemorial por ellas,

fazem probabillissima sua vinda a estas regiões. Muitos auctores, e entre elles o padre Pedro Lozano, trataram diffusamente d'este ponto. Desde que chegaram os jesuitas ás provincias de Guayrá, Paraná-pané e Tibaxiva, ouviram os gentios fallar de S. Thomé, ao qual davam o nome de pai Zumé, e d'elle narravam cousas prodigiosas, e o tinham em conta de varão maravilhoso, cuja memoria o tempo no decurso de tantos seculos não poude fazer esquecer. Eis o que em 1613 o padre José Cataldino escrevia a este respeito ao provincial padre Diogo de Torres. «Muitas cousas me tinham dito desde o principio estes indios, acerca do glorioso apostolo S. Thomé, que elles chamam pay Zumé, e não as tenho escriptas antes, para melhor me certificar e averiguar a verdade. Dizem pois os indios anciãos, e os caciques principaes, que tem por certissimo, por tradição derivada de pais a filhos que o glorioso S. Thomé apostolo veio á suas terras do lado do mar do Brasil, e que atravessando o rio de Tibaxiva (onde elles e seus antepassados moravam) então povoadissimo de indios, foi passando por seus campos ao rio Haybay, e que d'ahi foi ao rio Piquirì, d'onde não sabem aonde foi. Nas cabeceiras d'este rio, dizem os indios, se acham as pisadas do glorioso santo impressas em uma penha, e o caminho pelo qual atravessou estes campos está ainda aberto, sem se ter nunca fechado, nem ter crescido nunca a herva, apesar de estar no meio do campo onde não trilham os indios, e asseguram que as penhas por onde vem este caminho estão abertas, deixando no meio um caminho igual ao mesmo chão, e affirmam terem-o elles mesmos visto. »

Conservam por tradição, que o glorioso S. Thomé, revelou a seus antepassados muitas cousas futuras, e entre ellas as seguintes: que haviam de penetrar sacerdotes em suas terras, e que alguns entrariam unicamente de passagem para retirarem-se logo; mas que outros sacerdotes, que entrariam com cruses nas mãos, estes sim seriam verdadeiros padres, estariam sempre com elles e lhes ensinariam como haviam de se salvar e servir a Deus; que estes padres lhes viriam descendo pelo rio Paraná-panè, onde fariam duas grandes povoações uma na boca do Pirapó e a outra em Itamaracá, nomeando-as por seus nomes, que é precisamente o que tem acontecido. E, é para notar que então não havia indios nenhuns pelos referidos lugares, nem em todo este rio. Disse-lhes tambem que entrando os ditos sacerdotes em suas terras, elles haviam de se amar muito entre si; e que cessariam as guerras que de continuo tinham uns com outros; que então cada um teria uma só mulher, com a

qual os padres os casariam, e que o assento dos padres seria principalmente no Pirapó, o que em Tibaxiva não ficariam mais povos. Preveniu-os tambem de que os ditos padres não haviam de ter mulheres indias em suas casas para os servirem, que trariam sinos, que usariam de todas as comidas que elles têem, mas que não beberiam dos seus vinhos; que os indios de Maracayù viriam a esses povos, e que elles teriam por capitão a um hespanhol, e outras particularidades, de que me admirei muito quando as ouvi, ás quaes eu não teria dado credito, ou pelo menos teria tido muita suspeito que era leviandade d'estes indios, se elles não me narrassem isso, muito tempo antes que acontecesse, tendo-o por tradição tão antiga dos seus antepassados. Perguntando-lhes como sabiam isso? Responderam-me os indios que seus avós lhes tinham contado, e que perguntando elles a seus avós a origem d'onde sabia esta narração, lhes respondiam o mesmo que seus pais lhes tinham contado; por onde parece que não póde haver duvida da verdade, sendo uma tradição tão fundada e ässentada, de que tem sempre feito grande estimação, e agora elles estão mui satisfeitos por verem realizado o que seus pais e avós lhes disseram.

Quando esta relação se escreveu, sómente faltava a despovoação de Tibaxiva para cumprir exactamente a prophecia, e esta despovoação não tardou a se verificar, tendo-se alguns d'estes indios aggregado ás reducções de Loreto e de S. Ignacio-miri, outros foram levados prisioneiros pelos paulistas e tupys, e os que ficaram de medo de serem aprisionados abandonaram as margens do rio e se refugiaram nos matos.

As predicções de S. Thomé, não foram unicamente encontradas entre as gentes de Tibaxiva, mas tambem em comarcas mais remotas, onde produziram o mesmo effeito de facilitar a conversão dos infieis por meio dos jesuitas. Foram testemunhas d'esta verdade os padres Antonio Rodrigues de Montoya, e Christovão de Mendonça, que penetrando armados de cruz, como insignias do seu ministerio na provincia de Tayatí, terra aspera, e montuosa no anno de 1624, foram recebidos dos infieis com extraordinarias demonstrações de alegria, com danças, musica e cantos usados n'aquelle paiz; sahindo-lhes ao encontro as mesmas indias carregando seus filhinhos alegres e festivas, signal de paz, e regalando-os com suas comidas de raizes e fructas silvestres, o que nunca assim lhes tinha succedido. Admirando-se os padres d'esta recepção, os indios satisfizeram sua curiosidade, dizendo-lhes, que não tinham que admirar-se, porque quando

muitos annos antes passou por aquelle paiz o pay Zumé ensinando a doutrina a seus antepassados, entre outras cousas lhes disse: « Sabei que com o tempo haveis de esquecer esta doutrina, que vos ensino; mas depois de passar muito tempo, virão sacerdotes successores meus, que trarão como eu trago cruzes nas mãos, dos quaes vossos successores ouvirão a mesma lei que vos prégo. » Ora, padres, reconhecendo em vós o signal que nos deixou pay Zumé, cremos que sois os sacerdotes que elle nos disse que são os mestres da doutrina; por isso nos alegramos com vossa vinda e para a festejar, fizemos estas demonstrações extraordinarias. Gostosos ouviram estes indios a palavra de Deus, e com elles os padres fundaram o povo da Encarnação, e depois outras na mesma provincia e sem experimentar contradicção; por que a persuação em que estavam os indios de que nos missionarios jesuitas se cumpria a prophecia de S. Thomé, fazia desapparecer todas as difficuldades.

Na verdade, diz o padre Lozano em sua historia, não admitte duvida ter prégado o apostolo S. Thomé por todas estas partes, segundo as noticias que se encontraram em todo o Brasil e no Paraguay, sendo constante esta tradição desde Guayrá até o grande rio Maranhão. Refere o mesmo auctor um caso inserto n'uma relação manuscripta do padre Antonio Rodrigues de Montoya, que comprova esta assersão. Tendo por esses tempos cem portuguezes da villa de S. Paulo, penetrado no interior das terras perto do Maranhão, foram recebidos pacificamente pelos barbaros em quanto estes foram pacificos. Estes indios conservavam tão fresca a memoria de S. Thomé e de seus prodigios, que parecia que elles mesmos o tinham visto e conhecido. E tendo os portuguezes para melhor se apoderar d'elles, dito que iam-lhes ensinar a palavra de Deus, os barbaros por estranha sinceridade lhes traziam seus defuntos para que os resuscitassem, porque assim (diziam) o fazia o pay Zumé, para provar que era a palavra de Deus a que elle ensinava, quando veio a estas regiões. Dizem existir nas serras de Guayrá uma pedra que conserva a impressão de dous pés, e que é considerado como o pulpito onde prégava S Thomé. Apparecem tambem indicios da passagem de S. Thomé na ilha de Santa Catharina.

(24) Varias historias do Paraguay fallam de um cacique Guirá Verá que existiu na provincia de Guayrá e que fez muita resistencia aos missionarios jesuitas, mas que afinal se converteu ao christianismo. Em Guayrá houve tambem um povo de S. Thomé que foi destruido em 1631, pelos mamelucos e tupys; mas a relação feita n'este

artigo parece applicar-se ao povo de S. Thomé na margem direita do Uruguay, pela descripção que se faz da expedição e do lugar.

(25) Entre os povos jesuiticos não ha nem um com o titulo de povo de N. S. do Carmo. Apenas existe á algumas leguas do povo de Itapûa uma capella com este titulo, e que em 1848 foi decorada com o titulo de Povo, por terem ahi reunido os indios que habitavam em Itapûa. As circumstancias relatadas n'este artigo me parecem pela descripção topographica pertencerem tanto ao povo de Itapûa como á capella do Carmo, que decerto foram confundidos com o appelativo do famoso cacique Itapûa. Porém sabe-se que foi o padre Roque Gonçalves da Cruz que fundou o povo de Itapûa, hoje villa de la Encarnacion. É de presumir pois que a fundação de que se trata n'este artigo seja a do Povinho do Carmen, que se acha a algumas leguas de Itapûa, mas que nunca foi elevado á cathegoria de reducção jesuitica.

(26) O padre Roque Gonçalves da Cruz, que como já disse, era irmão do general Francisco Gonçalves da Silva Cruz, era tambem cunhado do governador Sáavedra, veio só, e o primeiro do lado do rio Uruguay em 1619, fundou os povos da Conceição, de S. Nicoláu dos Santos Reis ou Japejú. Em 1627 o mesmo padre Roque Gonçalves subiu o Ubicui-guaçú, umas 40 leguas, e fundou ahi um povo chamado Candelaria que mui pouco tempo subsistiu e que logo depois foi reedificado perto do Piratiní. Penetrou em o mesmo tempo pelas serras dos Tapes que eram colonias antigas dos guaranís e foi até o Jacuby. Em 1628 o padre Roque percorreu os terrenos do Juhy onde se achavam 500 familias de indios e varios caciques dependentes de Nieçú. No dia 15 de Agosto de 1628 os padres Roque e Castilho fundaram a capella da Assumpção com Nieçú perto de S. Nicoláu. N'esta capella é que foi martyrisado o padre João de Castilho perto do Juhy em 17 de Novembro do mesmo anno. Alguns dias antes tinham recebido a mesma corôa do martyrio os padres Roque Gonçalves e Alonzo Rodrigues em um lugar onde no dia 1 de Novembro tinham levantado uma capella em honra de todos os santos, e que era pelas cabeceiras do Juhy. O martyrio d'estes tres padres é narrado um pouco differentemente por alguns auctores que fazem morrer impenitente e desgraçado ao cacique Nieçú.

(27) No anno 1613 o padre provincial Diogo de Torres visitou o povo de Santo Ignacio-guaçú onde se achavam os padres Roque Gonçalves e Francisco do Valle. Entre as cousas que levou para adorno da igreja, existia uma imagem de Nossa Senhora mui linda. Attrahidos pela curiosidade de ver o padre provincial foram a Santo Igna-

cio dois caciques infieis da costa do Paraná. Os padres agradeceram sua urbanidade á qual quizeram corresponder aconselhando-os em termos mui affectuosos de residirem em Santo Ignacio para aprender a lei do céu e tornar-se filhos de Deus. Não houve razões que pudessem vencer a repugnancia dos dois caciques para seguir este saudavel conselho; obstinadamente responderam que não desamparariam sua terra natal, dando por motivo poderoso, de que em sua patria tinham abundancia de peixe, que era seu sustento ordinario em quanto que faltando elle em Santo Ignacio, lhes era impossivel de se manter n'elle. Não podendo abrandar sua obstinação os padres recorreram a este ultimo recurso, pedindo aos caciques de se prostrarem com os outros christãos perante aquella formosissima senhora, e lhe pedissem affectuosamente os allumiasse sobre o que lhes convinha fazer. Por politica os dois barbaros annuiram ao que se exigia d'elles. No outro dia, sem ter precedido combinação entre elles, os dois caciques procuraram ao padre provincial, declarando-lhe que por intercessão da Santissima Senhora, Deus os tinha allumiado sobre o que deviam fazer, e que estavam resolvidos a se fazer christãos, pedindo-lhe perdão da resistencia que tinham posto á seus conselhos. Muito se alegrou o padre provincial com isso, e deu-se á imagem que tinha reduzido a dureza dos caciques o titulo de *Nossa Senhora a conquistadora*; e sendo desde aquelle momento a companheira inseparavel do veneravel padre Roque Gonçalves em todas suas emprezas, desempenhou bem o titulo, facilitando a conquista da gentilidade do Paraná e do Uruguay, que este insigne campeão da milicia de Christo trouxe a seu conhecimento e amor, á custa de fadigas immensas, e da sua propria vida. (P. Lozano.)

(28) Ha auctores que fazem morrer Nieçu impenitente e miseravelmente. E' certo tambem que na épocha do martyrio dos tres padres, ainda não se achava fundado o povo de S. Francisco Xavier, que só o foi no anno seguinte em 1629.

(29) O padre Christovão de Mendonça era filho de um governador da provincia de Santa-Cruz da serra. Trocou o nome de Ruiz, que tinha, pelo de Christovão para que sua nobre familia não lhe embargasse a entrada na sociedade de Jesus. Foi um dos mais distinctos e zelosos missionarios do Paraguay. Os historiadores contam com pequena differença a historia do seu martyrio que parece ter tido lugar, não no proprio territorio de S. Borja, mas sim na serra dos tapes, pouco mais ou menos onde se acha actualmente

5

a colonia de Santo Angelo, na margem esquerda do Jacuhy. Parece certo que o padre Christovão de Mendonça era cura de algumas capellas sitas no paiz dos tapes, e em particular de uma de nome Jesus-Maria que ahi existia. Seu martyrio teve lugar no dia 26 de Abril de 1635.

(30) Origem do castigo dos açoites nas missões jesuiticas.

Em sua Historia da Companhia de Jesus da provincia do Paraguay o padre jesuita Pedro Lozano refere o que segue: Tom. 2.° pag. 616, que se passou no anno de 1612 em S. Ignacio-guaçú.

« Como é impossivel que haja republica tão bem ordenada em que a fraqueza humana se conserve muito tempo, sem commetter algum desmando contra a santidade das leis, e que para seu remedio seja necessario o freio do medo servil para conter aquelles que não o fazem por amor, se esteve excogitando até então como se introduziria com suavidade um castigo, que não exasperasse o animo delicado dos neophytos, Por fim se achou um estratagema (*traza*) que pareceu e foi sem duvida inspirado do céo. »

« Os padres tinham em sua companhia um menino hespanhol que lhes ajudava a missa, e concertaram com elle, que misturando-se com os outros indioszinhos de sua idade em algumas travessuras innocentes, se deixasse açoitar por castigo, para poder em outras occasiões se fazer o mesmo aos meninos indios, e experimentar por esta fórma de que maneira isso seria tomado pelos pais d'elles, e ver-se se podia ir mais adiante e intentar o mesmo castigo com os mais avançados em idade.

O hespanholzinho para executar o plano combinado, e não foi pequena victoria que superasse o medo que geralmente se tem n'aquella idade á palmatoria, e tendo feito barulho com os outros no jogo, lhe mandaram dar uns açoites, que soffreu humilde e pacientemente, e depois tendo-se ajoelhado, beijou a mão do padre Roque, agradecendo-lhe a correcção que lhe tinha feito para seu bem.

Aproveitou esta occasião o referido padre de dirigir a palavra as pessoas que casualmente se achavam presentes, e lhes disse, que este era o meio porque os hespanhoes educavam seus filhos, corrigiam suas faltas, emendavam suas más inclinações, e os indireitavam em pequenos para que crescessem sem vicios. Acharam isso bom e não só a razão, como tambem o exemplo da nação dominante os dispôz a consentirem que se exercesse o mesmo castigo

em seus filhos. Estes depois de o terem recebido principiaram a praticar a mesma ceremonia, de se humilharem reverentemente perante o missionario que os mandavá corrigir.

Principiada esta pratica com approvação commum para a correcção da primeira idade, se deu um passo mais adiante applicando-a para com os jovens de mais idade; e sendo consultados os velhos conselheiros, que se julgavam isentos de semelhantes castigos e que viam o proveito que d'elle se tirava para conter os meninos na moderação, consentiram sem difficuldade que se usasse tambem com os moços. Por felicidade a primeira culpa merecedora de um exemplar castigo foi commettida por um moço, filho de um cacique principal, que teve por brio que se castigasse o delinquente como elle merecia sem distincção de pessoas.

Assim os inferiores mostravam menos repugnancia em sujeitar-se á elle, e se foi introduzindo pouco a pouco ao ponto que os homens adultos são açoitados se commettem faltas, e servem de exemplo aos outros, para que se contenham e não pequem.

(31) Todos os povos faziam frente ao Norte, excepto o de Santo Angelo que fazia frente ao Sul. O povo de S. Cosme era o unico coberto de capim, todos os mais eram de telha. A telha do povo de Santo Angelo era fabricada por outra fórma, segurava na ripa com um gancho que tinha a mesma telha e o encaixe de uma telha com outra era recto.

(32) O frontispicio de S. Miguel é obra prima e foi lithographado.

(33) Uma cousa particular se tem observado nos povos dos indios guaranis, e é que nas sepulturas se consomem os ossos dos defuntos juntamente com as carnes, de modo que abrindo-as se encontra tudo consumido, sem haver caveiras, canellas, nem ossos quaesquer. Doblas que referiu esta particularidade procurou se informar se isso acontecia tambem com os cadaveres dos hespanhoes, e mandou abrir uma sepultura na igreja do povo da Conceição, onde se tinha enterrado fazia quatro annos um hespanhol, e se encontraram todos os ossos inteiros, se bem que principiassem a desmanchar-se na superficie, e d'ahi concluiu que se o tivessem deixado mais tempo sem abrir a sepultura, ter-se-hia encontrado consumido. Attribuia este tenente governador este phenomeno á que os indios não comiam sal por não o terem, pois d'elle eram mui glotões.

(34) *Guerra de* 1754. — O Rev. padre jesuita João Escandão que largos annos fora empregado na provincia jesuitica do Paraguay, onde exerceu empregos de importancia e em particular o de companheiro do provincial padre José Barreda, foi com o padre Simão Baylina nomeado procurador da companhia de Jesus, para irem a Madrid justificar os jesuitas das accusações que se lhes faziam da sua resistencia ás ordens da côrte de Madrid no cumprimento do tratado de 1750. E narra que o provincial dos jesuitas, seus companheiros, e sobretudo o enviado Luiz Altamirano empregaram todos os seus esforços para que os indios dos sete povos orientaes do Uruguay, abandonassem suas cidades, e fossem edificar novas em outras partes, onde mesmo se escolheu o lugar alem do Uruguay; que tudo estava preparado para esta emigração, e que os indios pareciam dispostos; mas que tendo principiado a reunir seus rebanhos no que encontraram summa difficuldade, e que pensando que tinham que abandonar suas chacaras, suas hervas tão productivas e que lhes offereciam tantos lucros, suas casas, seus magnificos templos edificados e enriquecidos com todos os trabalhos e custos para os deixar aos portuguezes, que sempre lhes foram infensos e hostis; esta consideração fez renascer n'elles o amor da patria natal, á que os indios sao tão affectos, e que principiaram a regressar para seus povos, sem que as promessas que lhes faziam os padres, sem que a munificencia real que lhes patenteavam, sem que mesmo as ameaças que lhes fizeram, podessem fazel-os mudar de intento de não abandonarem seus povos. Elles principiaram a lamentar-se, a preparar-se á defesa contra os hespanhóes e lusitanos, tomaram as armas, e encerraram em seus aposentos os seus curas, aos quaes puzeram sentinellas para que não podessem sahir e os impedir; que os indios fizeram a defesa e a guerra sem ordem e tumultuosamente, não tomando os lugares proprios da defesa, não escolhendo as occasiões proprias de atacar, conduzindo-se em tudo como meninos, e deixando-se matar perto de mil pessoas em um lugar estreito, sem que os padres que estavam presos e não tiveram nenhuma parte na defesa, nem na guerra, podessem por pedidos nem por ameaças conseguir sua liberdade, para os aconselhar a se submetterem e obedecerem as ordens de el-rei.

Um outro historiador (Brishoffio) disse, que n'isto os indios peccaram mais por falta de intelligencia que por má vontade, porque elles eram summamente affectos a el-rei. Que fariam, continua

elle, os hespanhoes, os allemães e os francezes, se o inimigo os obrigasse a abandonar a sua patria? Toda a eloquencia dos missionarios não foi sufficiente para persuadir a esses indios de que el-rei a quem tanto queriam, lhes ordenasse de abandonar sua patria para a entregar aos lusitanos seus mortaes inimigos.

Não é fóra de proposito notar que a côrte de Madrid para mais facilmente conseguir por persuação a execução do tratado, mandou dar quatro mil duros a cada uma das aldêas das missões cedidas para effectuarem a mudança, depois de recolherem os fructos pendentes, e as isentou no lugar para onde fossem estabelecer-se, de tributos por dez annos: (28 mil duros em dinheiro, deu Valderios aos jesuitas pouco depois de chegar: 24 foram depois a 14 de Março de 1754 mandados entregar por Andonaegui, ficando só os 4,000 para o povo de S. Borja não rebellado.)—*Varnhagen.*

Sobre o mesmo assumpto diz o Sr. Cervantes:—Os padres representaram respeitosamente contra esta medida, tornaram palpaveis os graves prejuizos que causava ao mesmo monarcha, mas que á seus interesses proprios. Tiveram varias consultas, e não pouparam meio algum para interessar em seu favor a quantos estavam dispostos a favorecer seus intentos.

Esta conducta, effeito do interesse e do amor que tinham para estes povos, que com tanto afan e desvelos, tinham posto em um pé tão brilhante, que excitava os ciumes e a inveja de todos, forneceu armas a seus inimigos, para serem considerados como provocadores da rebellião que brevemente rebentou.

E' difficil condemnar os padres, porém mais difficil ainda manifestar sua innocencia. Sabe-se quão doceis eram os indios, que nada faziam sem seu consentimento; quasi cremos que elles os incitaram á rebellião, persuadidos de que prestavam um eminente serviço ao soberano, o qual sendo bem informado, não podia fazer menos do que annullar o tratado.... Como não nos é possivel, nem seria facil nos estreitos limites a que forçosamente temos de nos cingir, ventilar todos os actos que militam a seu favor ou os condemnam, narraremos em poucas palavras o principio e o desenlace da luta, valendo-nos de uma obra consagrada exclusivamente dia por dia aos principaes successos d'este famoso levantamento. Fallamos do Diario do P. Thadeo Xavier Henis, cura do povo de S. Lourenço, cujo autographo se encontrou entre outros papeis

no seu escriptorio, quando entraram vencedoras no dito povo as tropas de Hespanha e de Portugal.

« Pelos meados de Janeiro de 1754, diz Henis (*) appareceu nas cabeceiras do *Rio Negro* um numeroso esquadrão de portuguezes, e com este motivo se tocou alarma em todas as partes, se despacharam para os povos apressados correios, se reuniram os cabildos, se tomaram pareceres e unanimemente proclamaram que deviam defender-se. A 27 do dito mez sahiram armados do povo de S. Miguel duzentos homens a cavallo para reunir-se a de mais gente nas estancias até chegar ao numero de novecentos. Depois seguiram duzentos do povo de S. João e outros tantos dos povos de S. Angelo, S. Luiz, e S. Nicoláo com oitenta de S. Lourenço, de sorte que levantou-se ao todo 1500 homens que foram repartidos para defenderem os confins de suas terras.

Com a noticia das disposições tomadas pelos guaranis, o marquez de Valdelirios, Gomes Freire, governador do Rio Grande, e Andonaegui, governador de Buenos-Ayres, fizeram uma conferencia em Martin Garcia para determinar os meios de apagar a nascente insurreição. Se determinou que Andonaegui os atacaria por S. Nicoláo, e Gomes Freire pela fronteira do Rio Grande. Mas pouco praticos do theatro das operações e mal tomadas as medidas, gastaram esterilmente quatro mezes sem obter resultado nenhum favoravel. Entretanto a divisão grassava entre os indios promovida pelos emissarios dos portuguezes e hespanhóes. E os indios persuadidos de que o general portuguez tratava de os allucinar, romperam as hostilidades, matando a quantos podiam. Gomes Freire pediu tregoas, mas D. Joaquim Vianna, 1.º governador de Montevidéo, se trasladou a seu campo e reunidos deram um primeiro ataque aos indios em Mbatobi, em que sahiram vencedores os generaes alliados, que em uma batalha campal destroçaram completamente os indios rebeldes em Caybaté. Até aqui a historia do padre Henis.

O padre Baptista faz subir a dois mil quinhentos o numero dos indios mortos n'essa campanha. Os que ficaram fugiram para os matos e serras a esconder sua vergonha e infortunio. Um unico povo, o de S. Lourenço se atreveu a resistir, mas foi facilmente tomado.

(*) Em seu — Diario Historico — sempre citado pelo Dr. Alejandro Magariños Cervantes que traduzimos livremente em seus *Estudos Historicos sobre el Rio de la Plata.*

O de S. Miguel foi reduzido a cinzas na noite da sua derrota. Dom Pedro de Ceballos em 1762 reconquistou a colonia, e em 1763 os povos de Missões.

Mas não tardou que o mesmo Ceballos fosse removido a instancias do gabinete de Lisboa que tambem conseguiu a suppressão da ordem dos jesuitas.

Desde a resistencia dos guaranis, eram os jesuitas accusados de serem os principaes instigadores da sua rebellião. Esta gravissima accusação unida a outras, e os antecedentes que contra elles constaram na Europa, acabaram de os malquistar, e ajudaram muito a derrocal-os.

A historia não tem descoberto sufficientemente as causas secretas que influiram no animo de ambos os reis, e não falta quem ponha em duvida e demonstre a falsidade da mór parte das accusações que fazem á companhia de Jesus. Mas sem nos intrometter em decidir se esta difficil questão, podemos assegurar como o Sr. Cervantes, que seguimos n'esta relação com o exame dos dados que temos a vista, que as missões da America do Sul tanto hespanholas como portuguezas, sob seu influxo e administração chegaram ao mais alto gráo de prosperidade, e que apenas cahiram em outras mãos, ellas foram arruinadas; conseguindo elles com a unção de suas palavras, com as armas brandas da religião que os indios trabalhassem etc., empresa bem ardua na verdade, considerada a indomavel preguiça, a aversão a um trabalho methodico e continuado que se observa em todas as raças americanas e mui particularmente nas tribus errantes, e pastorís, como eram as do Uruguay, Paraná, Paraguay e as que se estendiam pelo immenso littoral do Brasil...

Expulsão dos jesuitas.—Quando em Julho de 1767 Dom Francisco Bucareli, governador de Buenos-Ayres recebeu o decreto da suppressão dos jesuitas, era provincial d'elles o reverendo padre Manoel de Vergara o qual se achava em Iapejú. O reverendo padre Lourenço Balda tinha o titulo de superior das Missões. Bucareli escreveu á este ordenando-lhe de enviar a Buenos-Ayres o corregedor e um cacique de cada povo, e a Vergara de ir quanto antes a Buenos-Ayres, sem indicar o motivo d'esta ordem. Ambos obedeceram.

Os enviados do padre Balda chegaram primeiro a Buenos-Ayres. Quando o reverendo Manoel de Vergara com seu immediato o padre Segismundo Griera chegaram de ida a cidade da Bajada no Paraná, tiveram ordem de regressar para as Missões, o que fizeram voltando para Iapejú. Em vão o padre Balda superior solicitou a ida de

Bucareli para as Missões, um anno inteiro se passou, durante o qual tudo estava em paz, e durante cujo tempo os jesuitas exhortavam os indios a receber reverentemente os sacerdotes que os deviam substituir. De certo Bucareli deu esta dilação para execução do decreto de el-rei, pensando que os indios haviam de sentir profundamente a sahida dos jesuitas, e que deixando o padre Vergara entre elles pouco a pouco com o tempo se havia de abrandar a sua dôr, e haviam de conformar pouco a pouco e dispôr a execução das ordens regias. Esta medida que teve feliz exito, e foi sem embargo a causa de immensos desgostos e trabalhos para o padre Vergara e para todos os padres da companhia que tinham cada dia sob suas vistas os indios queridos dos quaes esperavam continuamente a ordem de se separar, tendo que ouvir suas queixas, seus gemidos, etc.

Por fim tendo decorrido um anno, Bucareli mandou ao padre Vergara que reunisse em certo ponto sobre o rio Uruguay (foi em S. Thomé), todos os padres da companhia. Ahi compareceu um enviado de Bucareli que intimou ao padre Vergara e aos padres seus companheiros o desterro dos povos jesuiticos. O padre Vergara e seus socios com a maior submissão receberam a ordem régia, e tendo chegado os successores dos curas jesuitas, foram recebidos reverentemente pelos indios.

Os jesuitas se embarcaram no Uruguay para Buenos-Ayres aonde depois de muitos incommodos de viagem chegaram em fins de Agosto de 1768.

No mez de Novembro do mesmo anno, oitenta e dois padres jesuitas se embarcaram em dois navios para a Europa.—Extrahido da Vida do padre Manoel de Vergara pelo padre José Manoel Peramos, 1791.

(35) Fazendo de certo allusão á expulsão dos jesuitas do Paraguay no tempo do bispo Cardenas e á sua expulsão momentanea das reducções orientaes na guerra da demarcação de limites.

(36) De ambos os lados do collegio de S. João tinham que se descer por uma escada, pois era como assobradado, construido sobre uma eminencia formada ou pela natureza ou por aterrados.

(37) POPULAÇÃO DAS CIDADES JESUITICAS PELO SENSO FEITO EM 1767.

Na bacia do rio Paraná. — Santo Ignacio Guaçú	1926
Santa Maria de Fé	3954
Santa Rosa de Lima	2243
Santiago	2822
Santos Cosme e Damião	2337

Itapúa ou Encarnação	4784
Candelaria	3064
Sant'Anna	4334
Loreto	2462
Santo Ignacio Mini	3306
Corpus	4587
Jesus	2365
Trindade	2866
Na bacia do rio Uruguay. — S. José	2122
S. Carlos	2367
Santos Apostolos	2127
Conceição	2839
Santa Maria-Maior	1475
S. Francisco Xavier	1527
Santos Martyres	1662
S. Nicoláu	3811
S. Luiz Gonzaga	3353
S. Lourenço	1212
S. Miguel	3164
S. João Baptista	3791
S. Angelo	2362
S. Thomé	2172
S. Francisco de Borja	2583
Santa Cruz	3243
Iapejú	7974
Ao norte do Paraguay. — S. Joaquim	2017
S. Estanisláu	2300
(Belém falta). Total,	93,181

Este mappa é extrahido da obra do jesuita Peramas.

Julgo que meus leitores verão com gosto a nota seguinte sobre o estado dos jesuitas em Montevidéo na occasião de se fundar aquella cidade.

Em 1724, os portuguezes estabelecidos na colonia do Sacramento, achando-se apertados por falta de territorio, se apoderaram da enseada de Montevidéo. O governador de Buenos-Ayres Dom Bruno Mauricio de Zavala, tendo recebido um exercito de quatro mil indios guaranis foi desalojar os portuguezes, e pelos annos de 1726 e 1730

6

mandou conduzir colonos das ilhas Fortunatas que fundaram a linda cidade de Montevidéo.

Foram chamados então os jesuitas conhecidos por sua habilidade e energia tanto para exercer o ministerio ecclesiastico com os povoadores como para catechizarem os indios minuanos que habitavam na vizinhança. Era governador de Montevidéo Uriarte. Foram enviados os jesuitas Cosme Agullo como superior, e Ignacio de Leyba como companheiro, que com seu ministerio produziram copioso fructo. Mas depois de muitos trabalhos não tendo podido conseguir formar ahi estabelecimentos para prover a seu temporal, faltando-lhes o necessario para o sustento e o vestir, e imitando segundo a engenhosa comparação de Peramas, as abelhas que não encontrando mel nas colmeias se espalhavam pelos prados para o procurar, e definindo-se segundo a expressão de Jeremias: *Sacerdotes mei et senes mei, in urbe consumptisunt; quia quæsierunt eibum sibi, ut refacillarent animam suam*. Se retiraram de Montevidéo com grande descontentamento do povo e do governador que era então Dom Joaquim de Vianna.

Sem embargo, Montevidéo teve um augmento consideravel. Eis o seu senso em 1782.

	Homens		*Mulheres.*
Cidadãos hespanhóes....	4322	....	2950
Indios................	107	....	121
Estrangeiros (Habridæ)..	312	....	291
Negros livres..........	312	....	261
Negros escravos........	861	....	606
	5924 homens.		4229 mulherer.
	Total geral...		10,153

(*Extrahido de Peramas na Vida do jesuita Cosme Agullo*).

(38) Quando o tenente governador do departamento da Conceição Dom Gonçalo de Doblas tomou conta do seu emprego em 1781, seu departamento continha os oitos povos de Candelaria, São Carlos, São José, Apostolos, Conceição, Santos Martyres, Santa Maria Maior, e São Francisco Xavier; porém Candelaria logo se separou para pertencer ao bispado da Assumpção.

(39) Os indios em suas casas se tratam com muita indecencia e sem limpeza. Ordinariamente andam nús os pais e as mãis perante os filhos e filhas mesmo sendo adultos e estes perante seus pais; e não unicamente os de uma mesma familia, seriam tambem os de outras que vivem dentro da mesma habitação, pois que são inclinados á viver muitos juntos por acharem n'isso conveniencia, cozinhando para muitos n'um mesmo fogão, allumiando-se, aquentando se juntos e unindo os seus manjares. E como fazem tudo isso dentro do mesmo aposento, o tem tão immundo que é repugnante entrar n'elle. Seu pouco asseio contribue muito para suas molestias.

(40) Posto que tratem regularmente as suas mulheres, os indios as consideram como muito inferiores a si, e as carregam de todos os trabalhos pesados escusando-se elles em quanto podem; e estas as vezes mesmo maltratadas nunca se queixam apesar de saberem que se lhes faria justiça.

(41) Os commandantes das Missões têem sido o coronel Joaquim Felix da Fonseca; o coronel José de Saldanha então sargento mór de engenheiros; o tenente-general João de Deus Mena Barreto então capitão de dragões: o coronel Thomaz da Costa; segunda vez o coronel Joaquim Felix da Fonseca; o marechal Francisco das Chagas Santos; o barão do Serro-Largo; o coronel Antonio José Paulete; o tenente coronel Joaquim Ferreira Braga, interino; o coronel José Pedro Cesar; o coronel Joao José Palmeiro; o tenente coronel Claudio José de Abreu; o coronel Olinto; o brigadeiro José Maria da Gama; e o coronel Joaquim Antonio de Alencastro, que era commandante em 1828 na occasião da invasão de Fructuoso Rivera.

(42) Para cuidar melhor das suas ovelhas das missões, S. Ex. Revma. em 15 de Fevereiro de 1811, criou uma vara ecclesiastica no povo de S. Luiz, e no mesmo dia passou provisão de vigario da vara ao reverendo José Paim Coelho de Sousa, a cuja vara eram subordinadas as sete freguezias de Missões. A dita vara foi transferida de S. Luiz para S. Borja por portaria de 3 de Dezembro de 1819.

(43) Vide o mappa n. 1 no fim das notas.

(44) Do Passo de Mariano Pinto, Dom Fructo se dirigiu ao Passo d'Itaqui sobre o Uruguay, onde considerando-se senhor das Missões Orientaes, enviou varios officios aos commandantes dos districtos.

Eis um d'esses officios:

Quartel general em Itaqui, 9 de Setembro de 1828.

Dom José Constantino de Mello passe a ese destino encarregado del general infra escripto de ajustar com el comandante del districto la provision de la carne diaria que se debe subministrar al esquadron de dragones del mando del teniente coronel Dom José Augusto Posolo que debe estacionar-se em S. Francisco, previniendo al Sr. comandante, que se le devolvera de cada vez el cuero y sebo. dando-se le papel de la carne sola para ser pagada por el tesoro del exercito, a todo aquel que la haya subministrado. Lo que el general que firma comunica al Sr. comandante a quiem se dirige para su intelligencia y fines conseguintes; saludando-le com su aprecio y distincion particular. Fructuoso Rivera. Sr. comandante de São Francisco.

(45) Segundo me asseguram, Dom Fructo enviou ao general brasileiro um recibo de trinta mil rezes para que o governo oriental as pagasse.

(46) Vide o mappa n. 2, no fim das notas.

(47) Eis a cópia do dito edital.—Manoel Martins da Silveira Lemos, inspector do thesouro publico nacional.

Faço saber que no dia 21 de Março proximo passado desappareceu da igreja matriz d'esta capital uma caixa bastante usada contendo porção de prata velha, vinda de Missões e pertencente ao estado, com opeso de 36 e meia libras nas seguintes peças. Uma custodia grande. Uma lança de estandarte. Uma caldeirinha grande. Um perfumador com colhér. Um resplandor do Senhor dos Passos. Um arco. Uma cruz grande. Quatro ditas pequenas. Uma corôa dourada. Uma dita pequena. Uma dita mais pequena. Uma dita de metal. Um sacrario. Uma bacia grande. Uma dita mais pequena. Uma serventia de viatico. Tres vasos de páo com serventia de prata. Tres vasos pequenos de prata. Uma boceta de guardar hostias com caixa de prata. Dois resplandores. Uma palma. Sete canudos. Trinta e oito peças de prata differentes. Tres chaves de sacrario. Uma argola. Um par de brincos de pedras ordinarios. Um adereço de ditas ditas. Um par de coldres com bocaes de prata.

Quem souber onde exista a dita prata e d'ella dér noticia ou entregar n'esta repartição receberá o premio de 100$ em moeda. E para que chegue á noticia de todos se passou o presente e affixou-se nos lugares mais publicos d'esta capital. Secretaria do thesouro em Caçapava. 8 de Abril de 1840. Assignado:—*Manoel Martins da Silveira Lemos.*

(48) Depois da invasão de Rivera foram commandantes da fronteira de Missões o coronel Oliverio José Ortiz, e o tenente-coronel Manoel da Silva Pereira do Lago até a revolução da provincia.

Depois da revolução exerceram successivamente estes empregos os coroneis, Manoel dos Santos Loureiro, Feliciano Antonio Falcão, o mesmo Loureiro, José Corrêa da Silva Guimarães, brigadeiro Manoel Luiz Ozorio, tenente-coronel Antonio Fernandes Lima, coronel José Luiz Mena Barreto e o coronel Antonio Fernandes Lima commandante actual.

(49) Relação da prata. Onze custodias com o peso de tres arrobas, seis libras e duas onças ; sete ambulas com vinte e tres libras e duas onças; quarenta e nove patenas com oito e meia libras; cincoenta e dois calices com uma arroba e trinta e uma e meia libras e quatro onças dos quaes cinco quebrados, indo a prata quebrada; dez cruzes grandes com duas arrobas dezoito libras e dez onças; quinze ditas pequenas com seis e meia libras e trinta oitavas, as quatro corôas com duas libras e sete onças ; oito purificadores com tres libras e doze onças; cinco hostiarios com seis libras , trinta e sete sacras com cinco arrobas e cinco libras, dezeseis vasos de santos oleos com seis libras, quatro onças e sete oitavas ; cinco palmas todas de prata liquida com treze libras e seis onças; duas placas com cinco libras e seis onças; duas bacias uma grande e outra pequena com quatro libras, e seis onças; doze estantes com duas arrobas vinte e nove libras e duas onças; vinte e oito pares de galhetas, sendo oito pares sem tampas com vinte e nove libras; um par de ditas com prato e campainha tudo dourado com tres libras e quatro onças; quatorze thuribulos com uma arroba e meia libra; doze navetas com quinze libras e dez onças; dois salleiros com salvas com tres libras e quatro onças; seis vasos para flôres com treze libras; tres ditos para agua com quatro libras e sete onças; dois jarros com bico com cinco libras e seis onças; uma serpentina para sete luzes com quatro libras e seis onças; um bordão de São José com dez onças; dezenove campainhas com sete e meia libras e duas onças; duas salvas de galheteiros sobredourados com cinco libras e duas onças; oitenta e dois castiçaes com treze arrobas cinco libras e dez oitavas; dois christos de prata com seis oitavas ; dois barrilinhos de prata com quatro e meia libras; um braseiro com uma libra e onze onças; dois incensadores com quatro libras ; duas chaves de sacrario com duas onças ; vinte sete pratos de galhetas com vinte nove libras e dez onças; nove ditos grandes com dezenove libras

e doze onças; tres caldeirinhas com hysope com treze libras e duas onças; sete varas de ciriaes com trinta e nove canudos com uma arroba, oito libras e doze oitavas; quarenta e quatro canudos vasios com vinte tres libras; quatro ciriaes com dezeseis libras e dez oitavas: uma concha de baptismo com sete onças; uma espadinha e coração com cinco onças; seis copões com duas libras quatro onças e quatro oitavas; trinta e cinco colheres de calices com cinco onças e quatro oitavas; sete relicarios de prata com uma libra, nove onças e quatro oitavas; duas laminas de dar a paz com doze onças; prata quebrada e em pedaços liquida de dezeseis arrobas e trinta e uma libras; um rosario de ouro com topazio com o peso de dezeseis oitavas; um relicario de dito com o peso de quatro onças e cinco oitavas; uma bengala com um pequeno castão de ouro; uma imagem do Santo Christo de prata com cruz e peanha de jacarandá e guarnições de prata; uma dita de marfim com guarnições de prata; treze moedas de dois reales cada uma; um par de coldres de solla com ponteiras de prata; dois pares de capelladas de velludo bordadas; uma sella de velludo com galões; dois chairéis de velludo bordado; um dito de velludo liso; uma imagem do menino Jesus com sua corôa de prata; uma dita da Senhora das Dôres com uma corôa e espada com pedras; uma dita do Senhor dos Passos; uma dita da Senhora do Rosario; quatro chaves de sacrario de ferro e de latão; quatro ferros de fazer hostias; uma cruz de páo; tres fabricas de relogios de parede inuteis; cinco vasos de páo dourados; nove campainhas de bronze; um cordão de barretina tecido com fio de ouro; um enfeite de pedras falsas; cinco rosarios de missangas; um laço e brincos de pedras amarellas; tres saias de seda para santas; tres roupinhas de seda para Nossa Senhora; um vestido de velludo preto; uma saia de lilla preta com renda de prata; tres vestidos roxos do Senhor dos Passos; uma sanefa do andor do dito Senhor de seda roxa; uma toalha de altar, de algodão com franja azul; uma caixa de páo de ter frasquinhos de santos oleos; um cofrezinho de filagrana tecido de prata e ouro.

Accrescentarei aqui que a prata pertencente ao povo de São Borja, fôra saqueada pelos hespanhóes no anno da conquista das Missões Orientaes do Uruguay, e em 16 de Fevereiro de 18:7 foi retomada á gente d'Artigas. A dita prata tinha sido occulta na capella de Tarahirí, inventariada pelo capitão Alexandre José de Campos em presença do coronel Pedro da Silva Gomes, e enviada a Porto-Alegre juntamente

com a prata dos povos do outro lado do Uruguay. A prata do povo de São Borja, constava da relação seguinte:

Uma cruz parochial, dois tocheiros grandes, um terno de sacras, duas estantes, um Santo Christo, dois thuribulos, uma naveta, tres calices com patenas, uma caldeirinha com hysope, um jarro, um vaso, um purificador com tampa e prato, uma custodia dourada, uma alampada pequena, uma serpentina de sete luzes, uma caixa para hostias, doze campainhas, quatro castiçaes grandes de banqueta, um relicario de prata, um bordão de São José, duas arandelas de castiçaes, duas corôas de Nossa Senhora, sendo uma dourada; um par de galhetas com salva dourada, uma campainha dourada, um rosario de Nossa Senhora de ouro com topazios; o que tudo pesava quatro arrobas e tres e meia libras. Esta relação foi feita em São Borja a 22 de Março de 1817 por Alexandre José de Campos, e assignada por Manoel da Silva Freire.

Devo a cópia d'estas duas relações a meu finado amigo Antonio Pedro Frazão de Lima, que exercia o emprego de almoxarife quando as ditas pratas chegaram a Porto-Alegre.

(50) N'elle existia um relogio singular que além de muitas designações, marcava tambem os dias da lua: foi levado para a capital do Paraguay.

(51) Aproveitou-se a frente da igreja para construir ahi um edificio que serve para repartições publicas. As paredes de pedra estão ainda quasi inteiramente em pé: quinhentos indios trabalharam de balde durante um mez para desmoronar o zimborio que até agora subsiste.

(52) Nas vizinhanças d'Itapùa em um rochedo á beira do rio Paraná ha uma gruta grande formada pela natureza, e que se parece a um quarto, no fundo do qual existe uma janella natural que deixa ver uma outra profundidade, aonde todos têem receio de entrar. No mesmo rochedo se distingue na superficie uma imagem natural de Nossa Senhora, a qual naturalmente está embutida na pedra.

(53) Os jesuitas tiveram uma typographia no povo de *Corpus*; vi um ritual ahi impresso, o qual se acha em poder dos reverendos padres jesuitas actualmente residentes em Porto-Alegre.

(54) No mesmo anno de 1627 o padre Roque Gonçalves da Cruz, tendo subido as cabeceiras do Ubicuy-guassú, como a umas quarenta leguas da sua fóz, principiou um estabelecimento com o nome de Candelaria, o qual foi immediatamente destruido pelos selvagens.

No mesmo anno formou com o mesmo nome outro povo sobre o

rio Piratini, que parece ser o mesmo á que o Doutor Xarque deu por fundador o padre Francisco Dias Taño.

Vide capitulo 22 art. 1.º Chamavam-se Caçaapa-minas os indios que entraram na fundação d'esse povo pelo padre Roque.

(55) No povo de São Francisco Xavier os jesuitas tiveram uma typographia. Tenho em meu poder uma obra intitulada *Sermones y exemplos em la lingua guarani* por Nicolas Yapuguai impressa no povo de São Xavier no anno de 1727. Pelo exame dos typos, differentes um tanto dos que se usavam n'aquelle tempo na Europa, tenho encontrado outras obras ás quaes faltam varias paginas do principio, que julgo foram tambem impressas em o povo de São Francisco Xavier.

(56) Parece certo que o padre Roque deu principio a este mesmo povo a 8 de Dezembro de 1620. O sitio se chamava Ibitaraguá; perto d'elle corria o arroio Aracana.

(57) Já temos visto que o padre Roque Gonçalves da Cruz foi o seu fundador.

(58) Temos visto que o padre Roque Gonçalves da Cruz com alguns jesuitas andáram pelo Juhy em 1627, onde colheram a palma do martyrio.

(59) *Pirapó*, do guarani pira *peixe* e pó *saltar* que quer dizer: *peixe que salta*; é um salto que se acha no rio Juhy, umas dez leguas antes da sua embocadura no rio Uruguay. No mez de Setembro uma immensidade de peixe, subindo pelas aguas do rio, acha-se repentinamente detido pelo salto e principia á saltar e pular para vencer o obstaculo; d'ahi veio o nome de Pira-pó dado ao salto. Sahindo de São Nicoláo para ir visitar o salto de Pira-pó toma-se a direcção de NE. e a distancia de uma legua deixa-se meio retirada para a esquerda uma linda collina, onde os jesuitas faziam extensissimas plantações de algodão, e até a distancia de pouco mais de uma legua do rio Juhy, atravessa-se por collinas de terra vermelha, ora mais altas, ora mais baixas, cobertas de gramineas, deixando á direita a extremidade de uma pequena montanha, cuja elevação vai crescendo ao longe, atravessando dois pequenos arroios e varios riachinhos. Então por uma picada se entra em um mato que cobre a extremidade e a parte mais baixa de uma montanha, que se estende de Este para Oeste. E emfim, depois de muitas voltas se chega a barranca do Juhy em cima do salto, onde existe um campo bastante extenso de terra preta, que parece que a natureza de proposito ahi formou para offerecer aos

viajantes um lugar seguro e commodo para esperar as enchentes ou as baixas do rio. Das elevações, antes de chegar ao Juhy divisa-se do outro lado planicies extensissimas cobertas de uma vegetação esplendida, e o engenho de serrar estabelecido na margem direita do rio junto ao salto. Ahi o Juhy tem perto de dois mil palmos de largura. Em cima do salto divisa-se uma linda ilha, e atraz d'ella o curso magestoso das aguas que correm de Este para Oeste. De repente antes de se precipitarem no salto, as aguas fazem frente ao Norte, e depois placidamente tornam a se dirigir para Oeste, encaixadas em montanhas altas das quaes seguem o rumo. O salto fórma um angulo aberto do lado da fóz do rio, e é unicamente no meio do rio e do lado direito que as aguas saltam de mais alto. Na occasião em que visitei Pira-pó, o Juhy estava tão baixo que se passava a pé pelo leito de pedras e de lages sobre o qual corre antes do salto; e este poderia ter a altura de vinte palmos nos lugares onde o salto era [illegible]

[illegible] que fórma o salto encontra-se um bosque[illegible] que pelo continuo movimento dos seus galhos, torna mais saliente o pitoresco do lugar. Ao lado e ao meio das aguas acha-se em pé uma linda palmeira. A rocha que fórma o leito do rio, cortada por massas quartzosas é mui pesada e parece conter muito ferro.

Bem que pouco consideravel, o salto de Pirapó é imponente pela sua extensão, enorme quantidade d'aguas, e ruido que faz. Pousei a meia legua do salto, e a julgar pela maneira com que d'ahi ouvia o seu ruido, não duvido que elle se perceba a uma legua de distancia.

(60) Em Novembro de 1824 foi approvada e benzida a nova capella da Cruz Alta, e tomou conta o primeieo capellão cura o reverendo Antonio Pompeu Paes de Campos.

(61) O padre Lourenço Balda cura de São Miguel avisado pelo padre Thadeo Henis, empregado como em atalaia no curato de São Antonio o Novo, mandou Sepé a esta expedição; emquanto por outro lado afugentava para Buenos-Ayres o padre jesuita Altamirano, commissario geral dos jesuitas enviado de Roma para exhortar os indios a transmigrarem, e que se achava em São Thomé, fazendo-lhe entender que os indios irritados marchavam tumultuariamente sobre sua residencia.

(62) Um historiador do Brazil, Mr. Southey, assevera que os

canhões que empregavam os indios eram *grossas cannas*, vulgarmente *taquaras*. cobertas de couro crú e atarracadas com arcos de ferro; porém o sr. visconde de São Leopoldo á vista de documentos authenticos e ouvindo testemunhas oculares fidedignas, assegura que algumas d'essas peças eram de ferro e que consta que por esses tempos passaram pelo Rio de Janeiro para Buenos-Ayres fundidores e engenheiros estrangeiros vestidos de roupeta. No Diario do capitão Jacintho Rodrigues da Cunha, que se lê na *Revista do Instituto Historico* de 1853, em mais de um lugar, e especialmente a pag. 253, falla em *peças de couro crú*.

(63) No povo de São Miguel os jesuitas tiveram tambem uma typographia. Acham-se ainda livros n'elle impressos.

(64) A igreja de São Luiz principiou a cahir em Novembro de 1851. No dia 7 do dito mez cahiu o telhado desde as portas da frente até o meio da igreja. Depois pouco a pouco foram cahindo outros pedaços do telhado e successivamente foram-se desmoronando pedaços das paredes.

(65) Depois que desappareceu o altar mór em uma columna de madeira embutida ao meio da parede se encontrou a inscripção: *S. Aloysio P. N.* 1728, 15 *de Mayo*.

(66) Por provisão de 16 de Março de 1824, a capella de São Vicente na comarca de Missões foi annexa á capella curada de São Francisco de Assis, e nomeado para seu cura frei Martinho Mariano Teixeira pelo tempo de tres annos.

(67) Já tenho dito que o padre Roque Gonçalves da Cruz foi o fundador de São Nicoláo. Nos seus arrebaldes o mesmo padre Roque e seu companheiro João de Castilho fundáram a capella d'Assumpção em 15 de Agosto de 1628, e o cacique Nieçú os ajudou edificando para isso uma casa. Quando foram martyrisados os tres sacerdotes jesuitas em Novembro do mesmo anno de 1628; os padres Miguel Ampuero e Mastrelli se achavam em São Nicoláo.

(68) Um anno depois foi retomada aos indios a familia do heróe Athanazio. Entre os seus filhos existiam o major Athanazio e o capitão José que morreram gloriosamente pela legalidade na acção do Funchal, e Dona Antonia Lopes Loureiro, a unica que ainda vive, viuva do sempre lembrado coronel Manoel dos Santos Loureiro, a qual era muito menina e estava abraçada com seu pai, quando a gente de Andrezito o mataram. Ella mesma foi ferida em um braço.

(69) O aviso de Chagas a Abreu foi conduzido pelo paulista miliciano Antonio de Moura, que em uma noite muito escura, pôde romper a linh e sentinella inimigas: Abreu, achava-se na fronteira de Alegrete, á cincoenta ou mais leguas de São Borja, quando recebeu o aviso.

(70) Alguns viajantes que tenham conhecimento das pomposas descripções feitas dos tão celebrados povos jesuiticos pelos chronistas hespanhóes, por Charlevoix, Funes e outros, experimentárão desagradaveis decepções ao visitar os povos dos jesuitas, e em particular isto aconteceu ao Sr. Arsène Isabelle que visitou São Borja em Novembro de 1834. Vide « Voyage à Buenos-Ayres et Porto Alegre, cap. XVI, pag. 391. N'aquelle tempo ainda existia, se bem que em ruinas, a antiga igreja de São Borja, que eu não cheguei a ver. Ella tinha como quinhentos pés francezes de comprimento e quatrocentos de largura, e era ao dizer de Mr. Isabelle um verdadeiro *Theatro* quanto ao luxo de ornamentos e de detalhes internos. No exterior nada tinha de notavel... só a porta principal se distinguia por ter sido esculpida mui artisticamente pelos *indios*, sob a direcção dos jesuitas, e por não ter entrado ferro nenhum na sua construcção, assim como na dos outros edificios. » Os ornamentos do côro se achavam encerrados em duas sacristias lateraes. Os dourados eram ainda mui frescos, e não tinham sido poupados pelos jesuitas, assim como as pinturas e as imagens de todos os tamanhos,diz o mesmo auctor a que não se mostra muito amigo do governo theocratico dos jesuitas. Em minha humilde opinião, os povos jesuiticos eram estabelecimentos notaveis relativamente ao tempo em que foram fundados, e aos meios de que os jesuitas dispunham n'aquellas solidões. Mas sob o respeito da arte,do gosto,e da solidez,etc.,elles eram inferiores ás construcções que nos mesmos tempos se faziam na Europa, e que actualmente se fazem em todas as cidades e villas da America, sobre os quaes sem embargo os edificios religiosos dos jesuitas se avantajavam pela profusão e deslumbrante explendor dos dourados, pinturas e esculturas.

Pela inspecção da planta que demos do povo da Candelaria, que era uma das principaes cidades da republica jesuitica, se percebe que estes afamados povos não eram superiores ás villas agora existentes nas provincias do Brasil, se se exceptuar todavia a magnificencia dos templos jesuiticos que excediam as nossas modestas matrizes.

(71) Não quero citar seu nome.

(72) Não nomeio tambem nem o official superior, nem o coronel.

(73) Sobre um terreno argilloso (ferruginoso) onde as aguas dos póços são em geral salobras, e que os habitantes não costumam beber.

(74) A areia custa 16$000 a carrada, a cal 5$000 o alqueire, o tijollo 32$000 o milheiro e a telha 120$000 tambem o milheiro.

(75) Mr. Arsene Isabelle em sua *Viagem a Buenos-Ayres e Porto-Alegre* diz que a palavra *Uruguay* quer dizer *rio de Caramujos, rivière de limaçons d'eau*, ou por outra rivière des ampullaires (moluscos), nome que lhe vem das numerosas conchinhas que n'elle se acham: porém a maior parte das pessoas que conhecem bem o guaraní dão a explicação que eu dou no texto : rio *colla de gallinha*, por haver muitas gallinhas nas aguas e margens do mesmo rio, que disparando a approximação des homens faziam reflectir suas azas e colla nas aguas do rio. Temos uma prova do grande numero d'estas aves pelo mesmo rio, pois existem rincões na margem d'elle como no Estado-Oriental que até hoje por este motivo são chamados : *rincão das gallinhas*.

As beiras do Uruguay assim como seu leito abundam em pedrinhas *galets*, de quartzo e de suas variedades, de agatha, cornalina, calcedonia sardonix etc. Ossos de ichthyosauro se acharam nas margens do Arapey um dos affluentes do Uruguay na Republica Oriental.

(76) 1° *Chapecó*, rio maior que o Juhy-Grande que vem dos campos da Palma, 2° *Rio dos Tres Serros*: 3° *Rio Manso*; 4° *Rio das Arreranhas*; 5° *Rio da Lontra*; 6° *Rio Verde*; 7° *Rio Suruby*, pouco acima do salto, 8° *Rio dos Patos*, grande pouco abaixo do salto, 9° *Rio Preto*; 10° rio de S. *Lourenço*; 11° rio *Bonito*; 12° rio *Lavanceiro* e 13° rio da *Cruz*.

(77) Ypané o mais consideravel d'estes rios, parece-me ser o rio denominado actualmente *Tajo* que offerece navegação. A' legua e meia da sua fóz se encontra o *Nhuguaçú*, ou Engenho dos Jesuitas para fabricar herva-mate.

(78) 1° Passo Fundo ; 2° Rio Negro ; 3° Rio da Vargem ; 4° Rio da Garça ; 5° Rio Pardo ; 6° Rio dos Macacos ; 7° Rio Claro ; 8° Rio de S. José ; 9° Rio Negro : 10° Rio do Cachorro ; 11° Rio de S.

Christo; 12° Rio Commandahy; 13° Rio Juby Grande; 14° Rio Piratinim, e 15° Rio Camacuan.

(79) Desde S. Rosa ou Bella União ao Sul da barra de Quarahim, nas margens do Uruguay,se perde a magnifica vegetação que n'ellas se admira nas Missões e no Alto Uruguay.

(80) Antigamente o Paraná offerecia outro prodigio. No meio do rio antes de chegar aos rodomoinhos havia um grande pico da cordilheira que dominava o rio, e se devisava de muito longe. Emquanto os hespanhóes estiveram em guerra com os indios do Paraná e não poderam examinar de perto este rochedo, que banhado pelas crescentes e polido pelo roçar das areias reflectia os raios solares, formando visão prateada, o tomáram por rochedo de prata. Os indios diziam que o tal pico que elles viam ás vezes desapparecer com as crescentes e reapparecer nas seccas, era um gigante, o espanto e assombro do paiz, que subia sobre o cume da pedra para divertir se a pescar.

Quem sabe se os annos que tudo mudam não terão occasionado mudanças no prodigio do pico e da cataracta da antiga provincia de Guayrá?

(81) O Grande salto se acha tres leguas ao Sul do Pequiry. Pelo lado esquerdo pouco abaixo do salto desagua o rio *Itaté* (pedregal) que corre na falda Norte da serra de Maracayú, que passando o Paraná do lado occidental se prolonga varias leguas no lado oriental d'este rio. Mais abaixo, pela mesma margem esquerda, o Paraná recebe os pequenos rios Taquary ou Jaguary, Arahi (dia chuvoso), Rutai (filho de gallinha) que desagua perto de um recife do mesmo nome, *Yoyapaba* que quer dizer *rio igual*: *Ytucuaba* que quer dizer *buraco de seu pai*. Depois vem o Iguaçú ou grande rio de Curitiba de que já fallei. A significação de Curitiba é: *Curi, algum dia*, e *tuba pai* ou *padre*. Existem grandes pinheiraes por onde corre este grande rio.

(82) N'aquelle tempo davam o Cabo Branco como bocca meridional do Rio da Prata, emquanto agora se dá o Cabo de S. Antonio que resume muito a largura da fóz do rio.

(83) Em aquelle tempo que as provincias de Santa Catharina e do Rio Grande do Sul eram desertas ou só habitadas por selvagens os governadores do Paraguay as incluiam na sua jurisdição.

(84) Deve se reparar pelo tempo em que esta descripção foi feita, 1612. Julgo que o porto de D. Rodrigo de que aqui falla é o porto

de *Embituba* na freguezia de Sant'Anna de Villa-Nova hoje quasi inteiramente abandonada.

(85) Se sabe agora que não é de Cabo Frio que nasce o Tiété.

(86) O que se diz aqui do Rio Grande do Sul com relação ao Brasil, póde-se dizer da provincia jesuitica do Paraguay em relação a toda a America do Sul.

(87) Ultimamente passando pelo povo de Itapûa, hoje villa de la Encarnacion na margem direita do Paraná, uma senhora regalou ao Sr. Eduardo Opkins com uma pedrinha, para ella insignificante, do Serro de Itacanguaçú das vizinhanças d'este povo, e de regresso de uma viagem aos Estados-Unidos o mesmo Opkins mostrou a dita senhora a mesma pedra soberba cornalina encaixada em um anel.

(88) O clima é salubre e temperado. Poucas regiões no mundo são regadas com mais profusão que as Missões. Nenhum paiz é mais proprio e mais favoravel á colonização Européa. As fructas das regiões equinoxiaes ahi crescem ao lado dos da zona temperada. Em nenhuma parte da America do Sul, que é o paraizo terrestre do universo, se acham productos mais variados do que em Missões; em nenhuma parte se encontram tantas industrias a criar, e que effereçam tantas perspectivas de riquezas e de bem estar aos colonos laboriosos e intelligentes. Ninguem ha que ignore os lucros que os emigrantes europeus têem achado em Montevidéo e Buenos-Ayres, apesar das guerras quasi continuas que têem desolado aquelles bellos paizes. Pois bem «os productos de grande exportação são quasi os mesmos, diz Mr. Arsene Isabelle, na provincia do Rio Grande do Sul do que em Montevidéo e em Buenos-Ayres. Tem-se de mais no Rio Grande do Sul o recurso do *ouro em pó, da farinha de mandioca, da caxaça, dos feijões, de coures curtidos, de madeiras de marceneria, de tintura, de carpintaria, de construcção de seges, de construcção de navios, etc.* Estes artigos só pedem braços e capitaes para serem explorados com utilidade.» Ora, as vantagens que sobre Montevidéo e Buenos-Ayres n'este assumpto tem a provincia do Rio Grande do Sul, lhe são communs com as Missões jesuiticas, tendo ainda estas sobre o Rio Grande a vantagem dos seus immensos hervaes, e da profusão de suas ricas madeiras e da extraordinaria fertilidade do seu territorio. Os obreiros laboriosos devem ter a certeza de serem bem acolhidos, tanto em Missões como no resto da provincia do Rio Grande do Sul, e que por modicos que sejam seus recursos, com alguma intelligencia podem esperar um prospero porvir. Mas infelizmente os emi-

grantes que chegam nas capitaes ou principaes cidades da bacia do Rio da Prata, n'ellas ficam desanimando-se de passarem além pela escassez de seus recursos, pelas difficuldades resultantes do idioma, dos usos, das prevenções nacionaes, da ignorancia do valor dos objectos, e do rediculo de serem *estrangeiros recem-chegados*, tratados por appellidos *carcamãos, gringos, etc.*, e emfim da legislação, etc. Se animosos elles vencessem estes obstaculos, que são verdadeiros, mas que logo desapparecem com uma residencia de um, dois ou tres annos ; ou melhor se fossem dois ou tres associados, mesmo que os socios fossem membros da mesma familia, emprender uma industria qualquer nas Missões, aonde todas as *industrias estão para se criar*, logo elles seriam premiados de seus primeiros sacrificios, e chegariam á possuir uma regular fortuna. Durante a minha residencia em Missões, sempre tenho visto os estrangeiros industriosos e laboriosos adiantar a sua fortuna em bem poucos annos. Muitos exemplos poderia eu citar em abono da minha asserção.

A provincia do Rio Grande do Sul assim como as Missões Jesuiticas são dignas de fixar a attenção dos capitalistas e dos emigrados que tem fundos para empregar, com as vantagens que promettem a uberdade do territorio, com a grande protecção do governo brasileiro para as associações, elles podem se futurar um porvir certo e brilhante.

(89) Algarrobo; Alfarroba, Anguai, arvore de balsamo; Ayui negro, louro negro; Ayui, louro; Ayui guassú, louro grande; Amarello; Arazaee, goiabeiro; Anhaugaperú, pitangueira; Caaberai; Cabera; Curupay, angico; Cedro; Chambac; Guabiju; Guabiray, guabimba; Guabijay; Guaycay; Guayaiby; Iberapêtá, páu vermelho; Icanguy; Iuquipitanguy; Yba aroy, Ibararo; Yaquyrepey; Ybaporoitù; Ibera acay; Ibambopee; Ibera poro, pau ralado; Ybera pèpê, pau chato; Yba bay; Yatii; Nogal do pays; Larangeira; Pereira; Quirandy; Urundey, pau ferro; Tayibo, timbaúva; Tarumay; Timboy; Tembetary guassú; Tembetary; Zuynandy guassú.

(90) Existe uma especie de pinheiro cujos fructos se chamam *Curibay*, que quer dizer pinhões de purga, que comidos causam violentos vomitos e copiosas evacuações. Dizem ser especifico contra a gotta.

(91) As aguas d'estes dois rios e de varios de seus affluentes, têem a propriedade de petrificar. Não é averiguado se esta propriedade transmutativa sem distincção de especies se estende universalmente

a todas as madeiras, mas a experiencia mostra que a sua actividade é interna nas arvores mais solidas. No arroyo Santa Barbara que divide o municipio de S. Borja do da Cruz Alta se encontram frequentemente, assim como em alguns affluentes do rio Piratinim troços semi-petrificados, convertida em pedra a parte que a agua banha emquanto a superior que não a toca, conserva a mesma substancia lenhosa ; e assim com mais ou menos abundancia tem-se encontrado petrificações nas margens do Uruguay e do Paraná. Acham-se tambem ossos petrificados.

Mr. Isabelle diz em sua *Viagem* que os troncos de *arvores* e os ossos que assim se acham estão no estado fossil, e não são petrificações, pg. 299.

(92) Para mostrar a variedade de opiniões que houve sobre a herva em nossos dias tão apreciada, citarei o que d'ella diz o Dr. Charque no cap. XIII da vida do V. P. Francisco Dias Taño em 1689.

« Nos arrabaldes do povo de Maracayù: se beneficia a herva communmente chamada do Paraguay tão usual [illegible] aquellas provincias do Perú, que não ha casas de [illegible] rancho de indios, em que ella não seja pão quotidiano e bebida. E se tem espalhado tanto este asqueroso sumo que tem chegado á côrte, a muitas cidades da America e da Europa seu conhecimento, uso e consumo. Em meu parecer o demonio por meio de algum feiticeiro a inventou. Sendo eu cura da imperial eidade de Potozi e não sendo medico, escrevi um memorial em que provava com razões poderosas que o uso d'esta herva occasionava febres vermelhas e outras febres. »

(93) Em matos mui distantes dos povos jesuiticos da provincia do Paraguay existem hervaes immensos. Assim declara o padre jesuita Peramas em sua obra em que compara a republica jesuitica do Paraguay com a republica do Platão, e disse que a arvore da herva do Paraguay n'ella é commum, nasce e cresce espontaneamente nos matos desertos de *Maracayù, Monday Ycyù, Aracay Mbacyerá* e outros, que muito distam das cidades edificadas dos jesuitas para os guaranis, e onde d'esses povos nunca se mandou beneficiar a herva. (Josephi Emmanuelis Peramas de Vita et moribus tredecim virorum Paraguayorum, pag. 84, in annotationibus).

(94) As batatas inglezas que são o sustento de varias regiões da Europa, e que produzem com muita abundancia na provincia do Rio Grande do Sul, e onde já são cultivadas com cuida-

do em varios pontos, até hoje estão absolutamente descuidadas em Missões, cujo territorio as produziria tão bellas e com tanta abundancia. Póde-se dizer que a summa abundancia e a facilidade de viver no doce *far niente* mata todas as industrias e a agricultura.

(95) Bichos de seda de verniz de Japão, que offerecem maiores resultados e lucros.

Em França em 1859 se tratava com ardor da acclimatação dos bichos de seda principalmente dos de verniz do Japão. Segundo o que tenho lido Mr. Aiguillon, proprietario em Foulon e Mr. Lamotte Baracé tem conseguido excellentes resultados, fazendo suas experiencias dentro de casa, dentro de estufas e no ar livre, e julga que se com os elementos de que dispunham se fizesse experiencias n'esta parte de America, havia de conseguir mais felizes resultados. Veja pois cada um o que póde recolher, segundo as forças de que dispõe. Existe na provincia jesuitica do Paraguay, um arbusto chamado verniz que desconfio ser o verniz do Japão.

(96) Em prova da minha asserção citarei uma nota que lí em uma viagem de Mr. Bompland, de São Nicoláo á São Borja em 1831 « *Serraja*, 1831. Sonchus à feuilles radicales lancéolées et comme épi- « neuses. Le suc qu'on obtient en pilant cette plante mêlé avec une « égale quantité d'eau et un peu d'eau de vie est un excellent remède « contre la piqûre des serpents. On m'assure avoir donné ce remède « avec succès à trois personnes qui avaient été piquées et qui ren- « daient du sang par l'urètre, l'anus, les yeux et tout le corps. La « même personne affirme que l'excrément delayée dans l'eau et bue « par un individu piqué, arrête les effets et guérit. Elle m'a cité « plusieurs exemples ».

Mr. Bompland descobriu em Missões a *Salsa branca* cujo uso elle ensinou, e que tomada em infusão como a Salsaparrilha das boticas produz o mesmo effeito. Encontra-se na arêa á beira e debaixo das aguas do Uruguay. Esta raiz tem ás vezes o comprimento de trinta e quarenta pés francezes, e pertence a um arbusto espinhoso.

Se encontra tambem nas Missões *ruibarbo*, *alcaçús* e *quina*; e varias cascas como as da *Caroba* que se empregam com vantagem.

(97) Não posso resistir a tentação de citar textualmente a descripção, que este antigo e estimavel auctor faz d'estas regiões, que em meu entender são precisamente a actual provincia do Rio-Grande do Sul: a terra é fria, mui destemperada por causa dos ventos tempestuosos que durante a mór parte do anno reinam, com grandes aguaceiros,

tempestades de raios, trovões e pedras. Em geral o terreno é chão e sem arvores como os paizes frios. N'elle ha muitos rios, lagôas e sangas que servem para aguadeiros de muitas vaccas e cavallos que se hão criado e multiplicado em campos tão extensos por centenares de leguas, e sempre cobertos de crescido pasto para toda a sorte de animaes. Ahi todo o anno os pagãos têem á mão a caça, as raizes, fructas silvestres e em tanta abundancia que sem cultivar a terra, e mudando de sitio de tres em tres mezes, encontram com que sustentar suas familias. O frio os obriga a não andar nús. Cobrem-se com as pelles dos animaes que caçam e curtem mal com cinza e graixa até que sejam flexiveis para se adaptar ao corpo. Não lhes tiram o pello para serem mais abrigados no inverno applicando a lã ou pellos ao corpo, que no tempo de calor viram para fóra, tendo n'ella vestido para mudar segundo a estação, o qual tambem lhes serve de cobertor durante a noite. Suas casas são feitas de junco ou capins grossos que crescem nos banhados. Fixam uns esteios no chão e a elles atam as esteiras de capim que formam as paredes, telhado e até de colchões, segundo as necessidades de cada familia. São mui guerreiros e têem sempre as armas na mão, e se bem que morem distantes uns de outros, se convocam de longe com fogueiras que cada um accende em seu territorio para avisar que ha inimigos, e que é preciso reunirem-se para defesa.

Algumas tribus d'estes pagãos costumam uma barbaridade singular, como já referí. Morrendo um parente seu, elles se cortam uma articulação dos dedos e assim á proporção que fallecem outros, de fórma que os velhos em geral não têem dedos na mão, e tambem costumam carregar com os ossos de seus defuntos em qualquer parte que vão. Quando a crescente dos rios não impede as viagens d'estes barbaros, elles procuram os povos de Iapejú, Cruz e S. Thomé para comprar alguns generos. (Note-se que isto foi escripto antes da fundação do povo de S. Borja.) Outros roubam gados, mesmo que estejam bem guardados, por isso os padres solicitam sua conversão.

Abundam aquellas paragens de féras, e em particular de tigres que alli se multiplicam mais pela abundancia de terneiros e de outros animaes de que se cevam. Por isso são tantos que cada dia se deixam vêr dos caminhantes. Têem seus caminhos trilhados para as aguadas assim como os gados. São tão crescidos que parecem terneiros de anno com o corpo mais grosso, cabeça grande e redonda como a dos leões d'Africa, Dizem que as canellas dos pés e mãos são mas-

siços, o que lhes dá grande fortaleza. Apesar de ser formidavel esta féra, é delicada, porque descarregando-lhe um pequeno golpe nos lombos, cahe e póde com facilidade ser morta, e não come se a caça não é do seu gosto, por isso agarrando um terneiro, o degolla e bebe-lhe o sangue, e aberto o ventre come-lhe os intestinos e vai enterrar o resto. Estando já meio corrupto desenterra e vai comel-o. Por esta viveza e olfato costuma desenterrar os cadaveres dos que morrem por estes desertos, e é preciso enterral-os debaixo de pedras ou pesos que o tigre não possa mover.

(98) Houve homens mui intelligentes como o Sr. general Andréa assim como Mr. Bompland, que tivessem idéa de fazer prosperar as Missões, restaurando o antigo regimen jesuitico modificado, reunindo outra vez os guaranis dispersos, em reducções ou povos; mas, por minha parte julgo que foi sufficiente a experiencia que com elles fizeram os jesuitas, que d'elles conseguiram fazer meros automatos; julgo que foi sufficiente a experiencia que com os mesmos indios fizeram os hespanhóes, portuguezes e brasileiros, que só conseguiram tornar patentes a natural indolencia e inaptidão dos mesmos, para fundamentar a opinião que adoptei, de que com os indios *puros* nunca ha de se conseguir a prosperidade das Missões, nem de nenhum estabelecimento de alguma importancia.

E' mister, para que o paiz prospere que os indios sejam desseminados, que sua raça se cruze, e no fim de algum tempo seus descendentes misturados com o sangue hespanhól, portuguez, etc., terão perdido seus costumes indolentes e perversos, e se confundirão com os habitantes do paiz, com os quaes trabalharão para a prosperidade geral.

(99) Pelo nome de *estancias* tanto nas republicas do Prata como na provincia do Rio-Grande do Sul, e em Missões, se entende geralmente uma extensão de algumas (ordinariamente tres) leguas de terreno occupado á criação de rebanhos de gado, de animaes cavallares e de ovelhas. Ha estancias de trinta mil cabeças. No centro ha uma casa de material onde reside o proprietario com sua familia. O mordomo ou capataz com os piões e suas mulheres proprias ou alheias habitam uma casa vizinha ou uns ranchos proximos. O serviço da estancia é de marcar, cuidar o gado da estancia e mandar matar as rezes que são precisas para o consumo diario do estabelecimento; o trabalho dos piões é de laçar, derrubar e carnear as rezes, no que têem tanta pratica que em um instante a esquartejam, tiram-lhe

o couro, o estaqueam e preparam a carne em tiras para *charque*. O pião, á que chamam *gaucho* na Confederação Argentina, se levanta antes do sol, dirije-se aos curraes, faz sahir os rebanhos e quando elles se têem espalhado pelos campos, regressa então para casa, toma mate, fuma e ordinariamente não faz mais nada até que de tarde vai recolher os rebanhos quando é uso, porque muitos não os fazem recolher. Seus outros serviços são reunir o gado em certos dias em lugares designados chamados *rodeios*, e ahi se curam as bicheiras, se apartam os touros e potros para capar, faz-se a marcação das crias, etc. Se não tem algum d'esses serviços a fazer, o pião ou gaucho, para empregar seu tempo procura uma venda ou *pulperia* como chamam em castelhano, e ahi busca na cachaça e no jogo uma recreação no meio de seus iguaes.

A venda ou pulperia é em geral um triste rancho situado a duas, a quatro, a seis leguas da estancia, onde se encontra vinho detestavel, canha, queijo, pão, fumo, etc., e é o ponto de reunião ou o *rendez-vous* dos piões de dez leguas de circumferencia. Ahi entre o tinir dos côpos, o estrondo das gargalhadas, o murmurio das violas, o rum-rum das chilenas, (esporas) e ás vezes o estridor das facas e dos punhaes, se formam as reputações collossaes, e os homens de grande prestigio, que mais tarde apparecem á frente dos piões e gauchos para impôr a lei á sociedade culta das cidades.

Artigas, Quiroja, Rosas, etc., etc., todos os caudilhos se têem encostado mais de uma vez sobre o sujo e gordurento mostrador de uma pulperia antes de se sentar na cadeira do poder, e ahi têem merecido os applausos da *pionada* antes de mandar esquadrões e exercitos N'estas reuniões se falla de carreiras,se atam novas,se falla de marcações, de animaes extraviados, de assassinatos e disputas que têem havido na semana, de eleições, etc., e de tudo o que póde occupar uma vida vagabunda, desoccupada. Sempre ha entre elles um *tocador* ou cantor que em sua linguagem tosca, mas a miudo poetica e vehemente improvisa, acompanhando-se com a guitarra cantos mais ou menos extensos, cujo assumpto é tomado de suas conversações ou dos trabalhos e das desgraças de um caudilho famoso, dos indios ou de suas proprias aventuras.

Assim o *pião*, o *gaucho* é o typo mais proeminente da sociabilidade nos paizes da bacia do Rio da Prata, onde a industria pastoril é a principal, na republica Oriental, na Confederação Argentina, na provincia do Rio Grande do Sul e nas Missões jesuiticas. Desde o

berço elle tem o seu cunho particular. Apenas póde suster-se a cavallo isto é, desde a idade de cinco a seis annos; o cavallo é uma parte integrante da sua pessoa; chegado á puberdade elle o encilha ao romper do sol e não o desencilha senão para comer, jogar e dormir, levando o mesmo cavallo, nos arreios, a cama do cavalleiro. Cria-se domando potros, degollando novilhos, correndo carreiras, vagando sósinho na immensidade dos campos sem mais armas que seu *laço*, suas *bolas*, seu *punhal* e raras vezes uma *pistola*, cruzando os rios a nado, prendido com uma mão ás crinas do seu corcel e com a outra nadando e empurrando o cavallo contra a correnteza; lutando com os animaes ferozes como tigres, exposto aos ataques dos malfeitores capazes de o assassinar pelas grandes *esporas* que costuma levar ou pelo *poncho* com que se cobre, acostumado a supportar horas inteiras os ardentes raios do sol no verão, e as intemperies do inverno, a dormir em todas as estações debaixo do um *umbu* ou em uma *tapera*, a galopar tres dias e tres noites sem descansar, e a alimentar-se unicamente de carne meio assada, sem sal, sem pão; o pião reune em seu caracter muito da energia independente da raça guarani, não tendo maiores conhecimentos da divindade e de seus deveres tanto religiosos como sociaes, e muito da natureza de ferro e do extraordinario valor dos primeiros conquistadores.

Como suas necessidades são mui limitadas e os laços de familia pouco o prendem, poucos dias de trabalho lhe bastam para a satisfazer por muito tempo, e como está seguro de encontrar outra estancia onde accommodar-se, quando tiver idéa de deixar seu patrão, pela escassez dos braços e de homens intelligentes na lida dos campos, se acostuma desde seus tenros annos a não depender de ninguem e a considerar seus superiores de igual a igual. Não lhe dará o titulo de *amo* por todo o ouro do mundo, *patrão* seccamente e quasi por favor. E ai do temerario que confiado em sua qualidade de *amo* ou *patrão* quizesse desconhecer o caracter do seu *pião*, insultando-o mesmo com motivo!...

O pião ou gaucho, se bem que muitas vezes generoso e com as melhores disposições quando não é viciado seu caracter, é supersticioso, desconfiado, mui reservado e cheio de antipathias contra o homem da cidade, que tem outras maneiras, outros habitos, outras idéas, que falla de distincto modo e até que veste diversamente. Elle o despreza altamente e não toma o trabalho de occultar o seu desdem. Elle tem o instincto de locomoção que o obriga a não permanecer

muito tempo na mesma paragem e a deixar pelo menor pretexto, e ás vezes sem nenhum, a estancia onde reside. Elle não fica detido em nenhuma parte pela propriedade, pois que apenas em geral o pião possue um *rancho* baixo, pequeno, coberto de palha com as paredes de paus verticaes, fincados no chão e tapados com barro. Ahi no isolamento no meio do campo a mulher e os filhos vegetam como as plantas, e os homens vagando de venda em venda para proporcionar-se uma sociedade ficticia de algumas horas, porque o lar domestico os obriga a buscar em outra parte a distracção e o emprego da sua actividade. Parece que sua alma indomita necessita perder-se na immensidade dos campos, nos desertos onde encontram um deleite ineffavel e mysterioso. Assim sem ser nomade, o pião ou gaucho passa a mór parte da sua vida errante de estancia em estancia de pago em pago. Não conhecem mais distincções que as que resultam das qualidades pessoaes. Semelhantes aos indios e aos antigos germanos em seu estado semi-barbaro, que elegiam seus chefes entre os mais valentes, só admiram e respeitam o que cahe sob seus sentidos, v. g., a força corporal, a destreza a cavallo, o valor, a liberalidade ou audacia, o desprezo da morte... Para figurar entre elles é preciso ter estas qualidades em gráo eminente. Foi por estes principios que subiram ao poder muitos caudilhos na Confederação Argentina, como prova a historia. Não accrescentamos, como diz D. Alexandre Magarinos Cervantes, que á estes predicados deve-se unir o de ser amigo de mulheres e do vinho e jogador consumado porque isso está entendido.

Acostumados a ser donos de suas acções, não gostam de obedecer á ordens de outros; o sentimento da sua igualdade e independencia, é n'elles tão natural que nada o póde apagar e dobral-os á obediencia. Nas guerras, nas revoluções, nas eleições mesmo, se lhes falla que estão ameaçados de uma tyrannia que nunca conheceram, se lhes mostram inimigos, antagonistas que os querem reduzir á servidão, á escravidão, á condição de negros, se lhes falla em nome de uma liberdade que não comprehendem, e então instinctiva e involuntariamente se enrolam sob as bandeiras liberaes que têem heroicamente sustentado, derramando o seu sangue na metade do continente americano.

Esses piões, esses gauchos que vivem correndo pela campanha sem paradeiro fixo, quasi sem familia, se tornariam optimos colonos, excellentes pais de familia, laboriosos agricultores se se

lhes désse em propriedade um canto d'estas estancias, d'esses campos onde numerosos existem quasi vagabundos. Em uma estancia isolada como são todas ordinariamente, sem visinhos, quasi sem commercio com o resto dos homens, cada familia fórma uma pequena colonia, cujo isolamento detem e impede os progressos da civilazação, que não póde accrescentar-se senão á medida que a sociedade se fizer mais numerosa, e que os laços que a unem se tornarem mais intimos e multiplicados. Este resultado se obterá com a divisão em pequenos lotes das grandes estancias. N'elles mais convenientemente poderão subsistir com mais decencia, mais morigerados e mais instruidos, maior porção de familias laboriosas.

A população mui exigua comparada com o territorio da provincia, e de suas povoações apparece ainda mais insignificante pela maneira por que está disseminada nas vastas solidões. Cada municipio ou parochia, algumas tanto ou mais extensas que varios departamentos de França, apenas conta uma pequena cidade, villa ou freguezia, cuja população ordiriamente não excede mil almas, estando a maior parte dos moradores espalhados pelos campos nas *estancias* destinadas á criação dos gados. As villas e parochias n'estas Missões fronteiras da provincia do Rio Grande do Sul, os estabelecimentos e as estancias se acham separadas pela distancia de duas, quatro e ás vezes mais leguas uns dos outros os povoadores das estancias ; e a dez, vinte e trinta leguas uma das outras as parochias e villas. A população está sempre derramada sobre uma superficie extensissima, collocadas as habitações vizinhas e mais proximas a leguas umas das outras, possuindo e occupando em geral um proprietario de estancia com seus poucos piões e aggregados um territorio do tamanho de um *cantão* ou municipio em França, sendo aquella superficie apanagio de uma unica familia emquanto na Europa sustentaria milhares de familias. Póde a fortuna levantar um edificio com algumas commodidades n'aquelle deserto, os gozos do luxo não são mesmo incompativeis com aquella solidão; mas falta-lhe o estimulo; a necessidade de manifestar-se com dignidade que se faz sentir nas cidades populosas não se faz sentir alli. As privações indispensaveis, a frugalidade nos gozos justificam a preguiça natural, e fazem que o proprietario assim isolado descuide toda outra industria, todo outro trabalho que não seja o cuidado de seus rebanhos, que lhe fornecem uma especie de abundancia quasi sem trabalho algum.

A facilidade e costume de empregar os escravos e ás vezes os indios

na cultura das terras, e nos officios mechanicos e em todos os misteres do serviço de braços, fazem considerar estas occupações com o maior desprezo pelos brancos. Mui urgente seria que os governos obrigassem ao trabalho como na Europa, diminuiria assim o grande numero de vagabundos e ociosos que enchem estes paizes... Os brancos crêem que não póde sem deshonrar-se executar certa parte de trabalhos que são em geral feitos pelos indios e pelos escravos: os indios mesmos repugnam muito fazer estes serviços, e aproveitando a liberdade que lhes é concedida, vivem mais ociosos e mais vagabundos do que todos, sujeitando-se apenas a servir de piões em alguma estancia, onde em geral param poucos mezes; e se por grande necessidade têem que sujeitar-se á algum trabalho, querem ganhar em um dia o salario de quinze, e em um mez o salario de um anno.

E' impossivel em Missões as mesmas auctoridedes encontrarem um criado ou uma criada branca; e com summa difficuldade se encontra um indio ou uma India para cozinheiros ou para criados internos em uma casa, á menos que sejam de idade mui provecta ou achacados de molestias, e que se sujeitem a esta especie de jugo por grande necessidade, e n'este caso é maior a caridade que se tem para com elles ou a esmola que se lhes faz, do que os serviços que elles prestam.

Os pardos, negros livres ou libertos se entregam a todos os vicios, reunido ás más qualidades caracteristicas dos indios o orgulho, a insolencia e o cynismo.

A situação das ultimas classes sobre tudo de brancos, seria em extremo precaria, não havendo em Missões fabricas de genero algum, nem artes e officios que exercitar, pois estes se reduzem aos mais indispensaveis, se não fosse a hospitalidade que nas estancias ordinariamente se concede a todos os que n'ellas chegam e ás vezes por mezes e annos; se não fosse a fabricação da herva-matte, em que varios se empregam, e tambem a facilidade com que se lhes fia alguns generos de pouco valor e que elles vão vender pela campanha.

(100) Em 1837 em Montevidéo a vara quadrada de terreno valia tres reaes. Por causa da emigração europea em 1840 a mesma vara quadrada se vendia de seis a nove patacões. Em Pelotas quasi aconteceu o mesmo.

(101) Segundo um calculo feito em 1835 existiam em França 236,000 touros, 1,870,000 bois ou novilhos de córte; 4,326,000

vaccas: 900,000 terneiras; 450,000 terneiros de criação ; carneiros 33,000,000; porcos 5,500,000; cabras 2,500,000. Total gado vaccum 7,782,000; total carneiros, porcos, cabras, 41,000,000. O consumo da carne em França em 1835 foi de 699,555,000 kilogrammas (60,830,334 arrobas hespanhólas) que ao preço de 80 cent. (155 réis fórtes o kilo), representa o valor de 559,640,000 francos.

FIM.



INDICE

DAS MATERIAS TRATADAS NA HISTORIA DA REPUBLICA JESUITICA DA PROVINCIA DO PARAGUAY.






[redacted]


ALF Collection
3 0000 092